

Uma explicação do

EVANGELHO SEGUNDO LUCAS



EIS AQUI O HOMEM

Ger de Koning



O Evangelho segundo Lucas

Uma explicação do
Evangelho segundo
Lucas

Eis aqui o homem

Ger de Koning

Eis! série #3

Traduzido do alemão por Werner Klaes (wklaes@yahoo.com.br):
setembro de 2023

Edição original holandesa :

Uitgeverij Daniel, Zwolle, Países Baixos

Loja online: www.uitgeverijdaniel.nl

Encomendas: info@uitgeverijdaniel.nl

Desenho da capa: Jan Paul Spoor

Paginação: Jan Noordhoek

Este comentário também pode ser lido no meu sítio Web www.kingcomments.com. Também pode ser lido em holandês, alemão e inglês no mesmo sítio.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida e/ou publicada – exceto para uso pessoal – por impressão, fotocópia, microfilme ou qualquer outro meio sem autorização prévia por escrito do autor.

Conteúdo

Utilização do texto	14
Traduções	14
Abreviação de Livros Bíblicos	15
Velho Testamento	15
Novo Testamento	16
O Evangelho de acordo com Lucas	17
Introdução	17
Lucas 1	19
Luc 1:1-4 À Teófilo	19
Luc 1:5-7 Zacarias e Isabel	22
Luc 1:8-10 O ministério sacerdotal de Zacarias	24
Luc 1:11-17 Anunciado o nascimento de João	26
Luc 1:18-23 A incredulidade de Zacarias	29
Luc 1:24-25 Isabel fica grávida	31
Luc 1:26-30 Gabriel é enviado a Maria	31
Luc 1:31-35 Anunciado o nascimento de Cristo	33
Luc 1:36-38 Encorajamento para Maria	35
Luc 1:39-45 A visita de Maria a Isabel	36
Luc 1:46-47 O cântico de louvor de Maria	38
Luc 1:48-50 Causa para o cântico de louvor	40
Luc 1:51-53 O futuro cantado como cumprido	41
Luc 1:54-55 Deus cumpre Suas promessas	42
Luc 1:56 Maria volta para casa	42
Luc 1:57-66 O nascimento de João Batista	42
Luc 1:67-73 Deus se lembra de sua aliança	44
Luc 1:74-75 O objetivo de Deus na salvação	46
Luc 1:76-79 Profecia sobre João	47
Luc 1:80 Anos preparatórios para João	48
Lucas 2	50
Luc 2:1-5 O alistamento	50

Luc 2:6-7 O nascimento do Senhor Jesus	51
Luc 2:8-12 Grande alegria para os pastores	53
Luc 2:13-14 Glória, paz, prazer	55
Luc 2:15-20 Os pastores	56
Luc 2:21 A circuncisão do Senhor Jesus	57
Luc 2:22-24 A consagração do Senhor Jesus	58
Luc 2:25-28 Simeão toma o menino em seus braços	59
Luc 2:29-32 O cântico de louvor de Simeão	60
Luc 2:33-35 A espada na alma de Maria	62
Luc 2:36-38 A profetisa Ana	63
Luc 2:39-40 De volta a Nazaré	64
Luc 2:41-45 O menino em Jerusalém	65
Luc 2:46-50 Os negócios de seu Pai	66
Luc 2:51-52 O Senhor Jesus cresce	68
Lucas 3	69
Luc 3:1 A época em que João aparece	69
Luc 3:2-6 João Batista e a Palavra de Deus	70
Luc 3:7-9 O Sermão de João Batista	71
Luc 3:10-14 Mostrando os frutos do arrependimento	73
Luc 3:15-17 João testifica de Cristo	74
Luc 3:18-20 O fim do ministério de João	75
Luc 3:21-22 O batismo do Senhor Jesus	76
Luc 3:23-38 A genealogia do Senhor Jesus	77
Lucas 4	79
Luc 4:1-2 A tentação pelo diabo	79
Luc 4:3-4 A primeira tentação	80
Luc 4:5-8 A segunda tentação	82
Luc 4:9-12 A terceira tentação	83
Luc 4:13-15 Prosseguindo no poder do Espírito	84
Luc 4:16-21 A palavra bíblica de Isaías se cumpre	85
Luc 4:22-24 Palavras de graça rejeitadas	88
Luc 4:25-30 Graça para os gentios	89
Luc 4:31-37 Cura de um homem possesso	91
Luc 4:38-39 A cura da sogra de Pedro	92
Luc 4:40-41 Outras curas	93
Luc 4:42-44 Pregando por toda a Galiléia	94

Lucas 5	95
Luc 5:1-7 Uma maravilhosa pesca	95
Luc 5:8-11 Pescadores de homens	97
Luc 5:12-16 Purificação de um leproso	98
Luc 5:17-26 Cura de um paralítico	100
Luc 5:27-32 O chamado de Levi	102
Luc 5:33-35 O jejum	104
Luc 5:36-39 Coisas velhas e novas	105
Lucas 6	108
Luc 6:1-5 Colhendo espigas no dia de sábado	108
Luc 6:6-11 Uma mão mirrada é curada	110
Luc 6:12-16 Chamando doze discípulos	111
Luc 6:17-19 O Senhor cura a muitos	113
Luc 6:20-23 Bem-aventuranças	114
Luc 6:24-26 Os ais	116
Luc 6:27-30 Amar os inimigos	118
Luc 6:31-36 Sede misericordiosos	119
Luc 6:37-42 Julgar os outros	121
Luc 6:43-45 Toda árvore tem seu próprio fruto	123
Luc 6:46-49 Dois fundamentos	124
Lucas 7	126
Luc 7:1-10 O centurião de Cafarnaum	126
Luc 7:11-17 O jovem de Naim	128
Luc 7:18-23 A pergunta de João Batista	130
Luc 7:24-30 O Senhor dá testemunho de João	131
Luc 7:31-35 A flauta de Lamentações	134
Luc 7:36-38 Uma pecadora vem ao Senhor	135
Luc 7:39-43 O Senhor tem algo a dizer a Simão	137
Luc 7:44-46 O Senhor compara Simão com a mulher	138
Luc 7:47-50 A mulher enviada em paz	139
Lucas 8	141
Luc 8:1-3 Quem segue o Senhor	141
Luc 8:4-8 A Parábola do Semeador	142
Luc 8:9-10 Por que parábolas?	143
Luc 8:11-15 Interpretação da Parábola do Semeador	143

Luc 8:16-18 A luz deve poder brilhar sem obstáculos	145
Luc 8:19-21 Os parentes do Senhor Jesus	146
Luc 8:22-25 A tempestade no lago	147
Luc 8:26-29 Um possesso vem ao Senhor	149
Luc 8:30-33 Os demônios nos porcos	150
Luc 8:34-37 Reação do povo de Gadara	151
Luc 8:38-39 A missão	152
Luc 8:40-42 Jairo roga ao Senhor	153
Luc 8:43-48 A mulher com fluxo de sangue	154
Luc 8:49-50 A filha de Jairo morreu	156
Luc 8:51-56 A filha de Jairo foi levantada	157
Lucas 9	160
Luc 9:1-6 O Envio dos Doze	160
Luc 9:7-9 Herodes em constrangimento	161
Luc 9:10-11 Os apóstolos e as multidões	162
Luc 9:12-17 A alimentação dos cinco mil	163
Luc 9:18-20 Quem é Jesus?	165
Luc 9:21-22 Primeiro anúncio dos sofrimentos	166
Luc 9:23-26 Tomar a cruz e seguir	166
Luc 9:27-29 O Senhor Jesus em Sua Glória	168
Luc 9:30-31 Moisés e Elias falam com o Senhor	170
Luc 9:32-33 A proposta de Pedro	171
Luc 9:34-36 O testemunho do Pai	172
Luc 9:37-42 A cura de um jovem possesso	173
Luc 9:43-45 Jesus Prediz Novamente Sua Morte	175
Luc 9:46-48 Quem é o Maior?	176
Luc 9:49-50 “Quem não é contra nós é por nós”	178
Luc 9:51-56 Não Recebem Jesus	179
Luc 9:57-62 O Preço de Seguir a Jesus	181
Lucas 10	184
Luc 10:1-4 O envio dos setenta	184
Luc 10:5-12 Envio e recebimento	185
Luc 10:13-16 “Ai” das cidades da Galileia	188
Luc 10:17-20 O retorno dos setenta	189
Luc 10:21-24 O Senhor Jesus louva o Pai	190
Luc 10:25-29 Um doutor da lei tenta o Senhor	192

Luc 10:30-35 O Bom Samaritano	194
Luc 10:36-37 Aplicação da parábola	197
Luc 10:38-42 Marta e Maria	197
Lucas 11	201
Luc 11:1-4 Lição de oração	201
Luc 11:5-8 Uma parábola sobre a oração	203
Luc 11:9-13 Pedindo, buscando, batendo, o Espírito Santo	204
Luc 11:14-16 Um demônio expulso	205
Luc 11:17-20 O Reino de Deus	207
Luc 11:21-23 Aquele que é mais forte	208
Luc 11:24-26 A volta do espírito imundo	210
Luc 11:27-28 Ouvir e guardar a Palavra	210
Luc 11:29-32 Resposta ao pedido de um sinal	211
Luc 11:33-36 A lâmpada do corpo	213
Luc 11:37-44 Discurso contra os fariseus	214
Luc 11:45-52 Discurso contra os doutores da lei	217
Luc 11:53-54 Resistência ferrenha	220
Lucas 12	221
Luc 12:1-3 Advertência contra a hipocrisia	221
Luc 12:4-7 O cuidado do Pai	222
Luc 12:8-12 Confissão sem medo	224
Luc 12:13-15 Acautelai-vos de toda avareza	226
Luc 12:16-21 Parábola do tolo rico	227
Luc 12:22-28 Estar ansioso	229
Luc 12:29-34 O prazer do Pai	231
Luc 12:35-37 Servos vigilantes e esperando	233
Luc 12:38-40 Esperar com perseverança	235
Luc 12:41-48 O servo fiel e o infiel	236
Luc 12:49-53 Cristo, a causa da divisão	238
Luc 12:54-57 Reconhecendo o tempo	240
Luc 12:58-59 Atitude em relação ao adversário	241
Lucas 13	242
Luc 13:1-5 Converter-se ou perecer	242
Luc 13:6-9 A figueira infrutífera	243
Luc 13:10-13 A cura de uma mulher com espírito de enfermidade	244

Luc 13:14-17 Repreensão dos adversários	246
Luc 13:18-19 Parábola do grão de mostarda	247
Luc 13:20-21 Parábola do fermento	248
Luc 13:22-24 Entrando pela porta estreita	249
Luc 13:25-30 Fora da porta	250
Luc 13:31-35 Lamentação sobre Jerusalém	252
Lucas 14	255
Luc 14:1-6 A cura de um hidrópico	255
Luc 14:7-11 Instrução para os convidados	256
Luc 14:12-14 Instruções para aquele que convida	258
Luc 14:15-20 O convite recusado	259
Luc 14:21-24 A casa deve estar cheia	261
Luc 14:25-33 Calcular o custo	263
Luc 14:34-35 Sal sem poder	265
Lucas 15	266
Luc 15:1-2 O Senhor recebe publicanos e pecadores	266
Luc 15:3 Introdução à parábola	266
Luc 15:4-7 A ovelha perdida	267
Luc 15:8-10 A dracma perdida	268
Luc 15:11 Dois filhos	270
Luc 15:12-16 O filho mais novo deixa seu pai	270
Luc 15:17-19 O filho mais novo volta a si	272
Luc 15:20-24 Retorno e recepção	273
Luc 15:25-30 O filho mais velho	276
Luc 15:31-32 Um apelo urgente	278
Lucas 16	280
Luc 16:1-7 O administrador injusto	280
Luc 16:8-13 A instrução	282
Luc 16:14-18 A lição para os fariseus	285
Luc 16:19-21 Um rico e um pobre na Terra	287
Luc 16:22-26 Os papéis invertidos após a morte	288
Luc 16:27-31 Conversão só pela Palavra de Deus	290
Lucas 17	293
Luc 17:1-4 Os escândalos	293

Luc 17:5-10 Servos inúteis	294
Luc 17:11-19 Purificação de dez leprosos	296
Luc 17:20-21 O Reino de Deus está em Cristo	299
Luc 17:22-25 O Dia do Filho do Homem	300
Luc 17:26-33 Os dias de Noé e de Ló	301
Luc 17:34-37 Levado ou deixado	303
Lucas 18	305
Luc 18:1-8 Parábola do Juiz Injusto	305
Luc 18:9-14 O fariseu e o publicano	306
Luc 18:15-17 As criancinhas são levadas ao Senhor	309
Luc 18:18-25 O jovem rico	310
Luc 18:26-30 A lição para os discípulos	313
Luc 18:31-34 Terceiro anúncio da paixão	314
Luc 18:35-43 Cura de um mendigo cego	315
Lucas 19	318
Luc 19:1-10 Zaqueu	318
Luc 19:11-14 Um homem nobre	320
Luc 19:15-19 Recompensa dos servos fiéis	322
Luc 19:20-27 O servo mau e os cidadãos	323
Luc 19:28-36 O Senhor precisa dele	325
Luc 19:37-40 O Senhor Jesus aplaudido	328
Luc 19:41-44 Lamentação do Senhor sobre Jerusalém	329
Luc 19:45-48 Ele limpa o templo e ensina ali	331
Lucas 20	333
Luc 20:1-2 Pergunta referente à autoridade do Senhor	333
Luc 20:3-8 Resposta à questão da autoridade	334
Luc 20:9-12 Lavradores maus	335
Luc 20:13-16 O filho amado assassinado	336
Luc 20:17-19 A pedra rejeitada se torna a pedra angular	338
Luc 20:20-26 Pergunta sobre o imposto do imperador	339
Luc 20:27-33 Pergunta sobre a ressurreição	341
Luc 20:34-40 Ensinando sobre a ressurreição	342
Luc 20:41-44 Pergunta sobre o Filho de Davi	344
Luc 20:45-47 Discurso contra os escribas	346

Lucas 21	347
Luc 21:1-4 A oferta da viúva	347
Luc 21:5-11 Sinais do fim dos tempos	348
Luc 21:12-19 Perseguição e perseverança	349
Luc 21:20-27 Cumprimento dos tempos dos gentios	351
Luc 21:28-33 A figueira e todas as árvores	353
Luc 21:34-36 A vigilância é recomendada	355
Luc 21:37-38 O Senhor continua a ensinar no Templo	356
Lucas 22	358
Luc 22:1-6 O plano para matar o Senhor Jesus	358
Luc 22:7-13 Preparativos para comer a Páscoa	359
Luc 22:14-18 A celebração da Páscoa	362
Luc 22:19-20 Instituição da Ceia do Senhor	363
Luc 22:21-23 O que Judas fará	365
Luc 22:24-27 Quem é o maior?	366
Luc 22:28-30 Encorajamento	367
Luc 22:31-34 A negação de Pedro é predita	368
Luc 22:35-38 Nova situação – abordagem diferente	370
Luc 22:39-46 Getsêmani	371
Luc 22:47-53 O Senhor é levado cativo	374
Luc 22:54-62 A negação de Pedro	376
Luc 22:63-65 Zombado e açoitado	379
Luc 22:66-71 Perante o Sinédrio	379
Lucas 23	381
Luc 23:1-5 Diante de Pilatos	381
Luc 23:6-12 Diante de Herodes	382
Luc 23:13-16 Pilatos reconhece a inocência do Senhor	384
Luc 23:17-23 A escolha de Barrabás	385
Luc 23:24-25 Entregue à morte	387
Luc 23:26-32 A caminho do Gólgota	387
Luc 23:33 A crucificação	390
Luc 23:34-39 Oração e zombaria	390
Luc 23:40-43 Conversão do malfeitor	392
Luc 23:44-46 A morte do Senhor Jesus	394
Luc 23:47-49 Reações à morte	394
Luc 23:50-56 O funeral	395

Lucas 24	397
Luc 24:1-8 As mulheres junto ao sepulcro vazio	397
Luc 24:9-12 A reação dos discípulos	399
Luc 24:13-14 No caminho de Jerusalém para Emaús	399
Luc 24:15-18 O Senhor Jesus se junta a eles	400
Luc 24:19-24 O relato dos acontecimentos	401
Luc 24:25-27 Repreensão e instrução do Senhor	402
Luc 24:28-32 O Senhor se revela	404
Luc 24:33-35 De volta a Jerusalém	405
Luc 24:36-43 O Senhor aparece aos discípulos	406
Luc 24:44-49 A Grande Comissão	408
Luc 24:50-51 A Ascensão	410
Luc 24:52-53 Adoração e louvor	410
Outras publicações	412

Utilização do texto

Traduções

Todas as citações de texto são da Bíblia, versão João Ferreira de Almeida Corrigida, salvo indicação em contrário.

Abreviação de Livros Bíblicos

Velho Testamento

Gên – Gênesis

Êxo – Êxodo

Lev – Levítico

Núm – Números

Deu – Deuteronômio

Jos – Josué

Juí – Juízes

Rut – Rute

1Sam – 1 Samuel

2Sam – 2 Samuel

1Rei – 1 Reis

2Rei – 2 Reis

1Crô – 1 Crônicas

2Crô – 2 Crônicas

Esd – Esdras

Nee – Neemias

Est – Ester

Jó – Jó

Slm – Salmos

Pro – Provérbios

Ecl – Eclesiastes

Cân – Cânticos

Isa – Isaías

Jer – Jeremias

Lam – Lamentações

Eze – Ezequiel

Dan – Daniel

Osé – Oséias

Joel – Joel

Amós – Amós

Oba – Obadias

Jon – Jonas

Miq – Miquéias
Naum – Naum
Hab – Habacuque
Sof – Sofonias
Age – Ageu
Zac – Zacarias
Mal – Malaquias

Novo Testamento

Mat – Mateus
Mar – Marcos
Luc – Lucas
Joã – João
Atos – Atos dos Apóstolos
Rom – Romanos
1Cor – 1 Coríntios
2Cor – 2 Coríntios
Gál – Gálatas
Efé – Efésios
Flp – Filipenses
Col – Colossenses
1Tes – 1 Tessalonicenses
2Tes – 2 Tessalonicenses
1Tim – 1 Timóteo
2Tim – 2 Timóteo
Tit – Tito
Flm – Filemom
Heb – Hebreus
Tia – Tiago
1Ped – 1 Pedro
2Ped – 2 Pedro
1Joã – 1 João
2Joã – 2 João
3Joã – 3 João
Jud – Judas
Apo – Apocalipse

O Evangelho de acordo com Lucas

Introdução

Quando descrevemos uma pessoa, podemos fazê-lo de diferentes pontos de vista. Por exemplo, podemos descrever uma pessoa como um pai de família. Depois, podemos descrever a mesma pessoa como um colega ou como um vizinho. Vemos como, desta forma, quatro evangelistas – sob a inspiração do Espírito Santo – relataram a vida do Senhor Jesus enquanto ele viveu aqui na terra. Nas quatro descrições de vida que temos na Bíblia, Mateus relata no seu Evangelho o Senhor Jesus como Rei, Marcos apresenta-O como servo, Lucas descreve-O como o verdadeiro homem e, finalmente, João escreve sobre Ele como o eterno Filho de Deus.

Os quatro seres vivos no Livro do Apocalipse (Apo 4:7) simbolizam maravilhosamente um de cada um dos quatro Evangelhos. O terceiro dos quatro seres vivos assemelha-se a um ser humano. Este símbolo corresponde ao Evangelho que apresenta o Senhor Jesus como um homem.

Também se pode fazer uma comparação entre as cores do tabernáculo e os quatro Evangelhos. A cor que combina com este Evangelho é o branco, a cor do linho branco; aponta para a humanidade pura e sem pecado do Senhor Jesus. Lemos aqui, mais do que nos outros Evangelhos, a ausência de pecado do Senhor Jesus. Vemos isso de forma adequada no julgamento d'Ele, onde muitos testemunhos da Sua impecabilidade são dados, em grande parte pelos Seus inimigos (Luc 23:4,14,15,22,41,47).

O objetivo deste Evangelho é que vejamos o Senhor Jesus como um homem. Aqueles que lerem este Evangelho com o desejo de O verem como um ser humano, conhecê-Lo-ão como alguém em quem Deus se aproximou muito de nós, homens. Ele fez-se semelhante aos homens, exceto pelo pecado (Heb 4:15).

O conteúdo essencial deste Evangelho

Lucas apresenta o Senhor Jesus como o Filho do Homem, o Homem de Deus, que está ao serviço de todos os homens. Nele, Deus se revela aos homens perdidos para os redimir na sua graça. Lucas se dirige a toda a

humanidade no seu Evangelho. Aqui, não como no Evangelho segundo Mateus, o tempo lei é substituído por outro tempo (o reino), mas aqui a lei é substituída pela graça salvadora do céu. A graça não é apenas a solução para o problema do pecado. A graça vai muito além, e isso é demonstrado neste Evangelho. Este Evangelho não é tanto sobre aquilo de que Deus nos quis libertar, mas sobre aquilo que Ele quis fazer de nós.

Neste Evangelho, são apresentadas pessoas em quem Deus se compraz. Deus os destinou. Por isso, o título deste Evangelho poderia ser: “Agraçados no Amado” (Efé 1:6). A graça inclui tudo o que Deus providenciou para nós nos seus conselhos. Diz-se que os crentes são perdoados ou tornados aceitáveis no Amado, porque neste Filho amado Deus se revelou. Nele, Deus vem até nós em graça como homem. Ele é o Homem do céu, real e verdadeiramente homem, embora sem pecado.

O escritor Lucas

Deus serviu-se de Lucas para escrever este Evangelho. Lucas era colaborador do apóstolo Paulo e médico de profissão (Col 4:14; 2Tim 4:11; Flm 1:4; ver também os textos “nós” em Atos a partir de Atos 16:10). De acordo com a sua origem, era muito provavelmente um gentio e escreve a um gentio. Isto mostra que a graça de Deus é também para os gentios.

Lucas, que acompanhou Paulo em algumas viagens, escreve sobre coisas que Paulo desenvolve nas suas cartas. Existe uma ligação estreita entre estes dois servos. Lucas mostra-nos a filiação do crente. Paulo a desenvolve. Lucas fala de filhos do Altíssimo (Luc 6:35), filhos da paz (Luc 10:6), filhos da luz (Luc 16:8), filhos de Deus (Luc 20:36), filhos da ressurreição (Luc 20:36). A filiação é a posição mais elevada que um crente pode ter perante Deus. O crente é filho de Deus, para alegria do seu coração (Efé 1:5).

Lucas 1

Luc 1:1-4 | À Teófilo

1 Tendo, pois, muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram, 2 segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio e foram ministros da palavra, 3 pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti, ó excelentíssimo Teófilo, por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio, 4 para que conheças a certeza das coisas de que já estás informado.

Lucas escreveu seu relato da vida do Senhor Jesus na Terra para que Teófilo, o gentio convertido, pudesse entender melhor quem é o Senhor Jesus. Alguns relatos de sua vida estavam circulando, mas eram insuficientes. “Muitos”, de fato, haviam se empenhado em escrever esses relatos de Cristo, mas eles não eram inspirados. Lucas não imputa intenções desonestas ou insinceridade no que eles escreveram, mas o relato que fizeram de sua vida era claramente inadequado. Em todos os casos, não foi mais do que o esforço e a tentativa do homem de comunicar coisas que eram perfeitamente certas e acreditadas entre os cristãos.

Como o trabalho deles era inadequado, foi necessário escrever um relato novo e, acima de tudo, um relato de Cristo dado por Deus. Quando lemos por que Lucas quis colocar a vida do Senhor Jesus no papel, reconhecemos um “motivo” e também se fala em “inspiração”. Ambos vêm de Deus. Deus desperta em Lucas o desejo de enfrentar essa tarefa. Depois, Ele guia Lucas de forma absoluta e perfeita em tudo o que ele escreve.

Devemos nos lembrar de que a diferença entre uma Escritura inspirada e outra Escritura não é que apenas a inspirada seja verdadeira e a outra falsa. Uma escritura que não é inspirada não precisa ser falsa. Não, a grande diferença é que uma escritura inspirada reflete a verdade como Deus a vê. Esse Evangelho que Lucas escreve não é simplesmente um relato da vida como outros historiadores o escreveram. É o relato que Deus faz de Cristo, e revela do começo ao fim o propósito especial de Deus para esse Evangelho.

Isso é característico de todos os escritos inspirados, não importa a forma que assumam ou o que pretendam com eles. A inspiração exclui erros tanto no relato quanto no texto. Mas não é só isso. Com a inspiração, Deus também tem um propósito: Ele quer instruir o crente na revelação da glória de Deus em Cristo.

Além do fato da inspiração, também vemos uma diferença entre Lucas e os outros escritores não inspirados na maneira como eles trabalharam. Os muitos escritores não inspirados transmitiram o que eles próprios tinham visto da vida do Senhor Jesus. Assim, eles eram servos do Verbo. Isso pode significar que, em seu relato, eles deram testemunho do Senhor Jesus como o Verbo (João 1:1,14). Lucas também quer escrever um relatório, assim como todos os outros que fizeram isso.

Todos os que escreveram um relatório tiveram como fonte sua própria percepção. Seu ponto de partida era o que tinham visto dos feitos do Senhor com seus próprios olhos. Isso implica, ao mesmo tempo, que o que eles escreveram não foi mais do que sua percepção humana. Eles só podiam transmitir suas próprias observações sem conseguir penetrar na profundidade da verdade que veio ao homem em Cristo.

Lucas estudou a vida do Senhor de perto e minuciosamente. Ele mesmo examinou tudo profundamente desde o início. Ele não se limitou ao que viu do Senhor. Ele também examinou o início das coisas relativas ao Senhor. A propósito, é questionável se ele conheceu o Senhor Jesus na Terra. Isso não é um problema se estivermos cientes de que Deus lhe deu a inspiração e a revelação especiais do Espírito. Isso deixa claro que Deus escolheu Lucas como Seu instrumento não apenas porque queria acrescentar um novo relato de testemunha ocular, mas porque queria mostrar aos homens Sua boa vontade com essa pessoa.

Embora Lucas diga: "... pareceu-me também a mim conveniente", assim como pareceu bem aos outros, ele distingue seu relato do dos outros. Ele não relata como chegou ao conhecimento de todas as coisas sobre as quais escreve, mas simplesmente declara o fato de que as coisas são plenamente acreditadas. Lucas chegou ao relato que temos diante de nós neste Evangelho por meio de uma investigação cuidadosa.

Sabemos que Deus mostrou a Lucas tudo o que era necessário. Mas nada do que Deus mostra a um homem o isenta da responsabilidade de se aprofundar no que ele deseja descrever. Somente Deus é capaz de colocar a responsabilidade do homem em harmonia com Seu plano soberano. Ele pode fazer isso de tal forma que a responsabilidade do homem permaneça completa, mas que o homem aja exatamente de acordo com o plano de Deus e de acordo com a meta que está diante Dele.

Isso é visto de forma impressionante nesse Evangelho que Lucas apresenta como resultado de sua investigação. A maravilhosa combinação da investigação minuciosa de Lucas com a inspiração e a revelação do Espírito não é mencionada em uma única palavra. No entanto, todo crente que ler esse Evangelho em espírito de oração perceberá o quanto esse Evangelho também surgiu sob a poderosa operação do Espírito de Deus e, portanto, é completamente diferente de qualquer outro relato da vida do Senhor.

Há mais uma peculiaridade a ser mencionada sobre a maneira pela qual Lucas transmite o que descobriu. Ele diz que quer fazer isso “em ordem”. Isso não quer dizer, porém, que ele descreve a vida do Senhor em uma sequência cronológica ou histórica ordenada. A sequência ordenada a que ele se refere tem a ver com uma conexão espiritual de eventos. Ele coloca os eventos em relação uns aos outros, não porque um evento segue o outro no tempo, mas porque certos eventos pertencem uns aos outros por meio de uma conexão interior.

Por exemplo, um evento em que Maria se senta aos pés do Senhor e ouve sua palavra é seguido por um evento sobre oração (Luc 10:38-42; 11:1-13). Assim, ele enfatiza a conexão interior que existe entre a palavra e a oração, sem se perguntar se esses dois eventos se sucederam no tempo. Pode ter se passado um tempo considerável entre os dois eventos. Encontraremos várias provas dessa abordagem da vida do Senhor Jesus nesse Evangelho. Veremos como Lucas apresenta as ações, conversas, perguntas, respostas e exposições do Senhor de acordo com seu contexto e não como os eventos ocorreram um após o outro.

Vejamos então como Lucas escreve. Ele escreve para o excelentíssimo Teófilo. “Excelentíssimo” indica a posição oficial de Teófilo, não seu caráter. Embora a principal preocupação de Lucas seja que a pregação do evange-

lho seja para os pobres Ver (Luc 4:18; 6:20; 7:22), seu evangelho como um todo é, no entanto, dirigido a esse homem de posição elevada que agora é discípulo do Senhor.

Uma pessoa que ocupa uma posição elevada no mundo está particularmente exposta às artimanhas e tentações de Satanás, bem como aos cuidados da vida. Todas essas são razões pelas quais a semente da Palavra permanece sem fruto (Luc 8:12-14). O fato de uma parte inteira da Bíblia ser dirigida a esse gentio, e depois a alguém em tal posição no mundo, é uma prova especial do cuidado gracioso de Deus (cf. 1Cor 1:26). Deus sabe o que cada pessoa precisa e não despreza ninguém. Ele também quer atender às necessidades desse homem de posição elevada que agora é humilde e certamente sente sua pobreza apesar de sua posição e riqueza (Tia 1:10).

Lucas quer convencer o convertido Teófilo, que não era judeu, da confiabilidade da verdade cristã que ele aceitou. Ao fazer isso, Lucas está dando acompanhamento a esse gentio convertido. O evangelista pretende lhe dar uma melhor compreensão do “caminho”. Ele foi instruído na verdade cristã, mas precisava ser fortalecido e receber um alicerce. Isso significa que ele precisava das Escrituras, porque a segurança na fé está ligada às Sagradas Escrituras, a Palavra de Deus. Sem a Palavra, não teríamos segurança alguma. Se quisermos servir às pessoas que (há pouco) chegaram à fé e estabelecê-las na fé, isso só poderá acontecer se as instruímos na Palavra de Deus.

Luc 1:5-7 | Zacarias e Isabel

5 Existiu, no tempo de Herodes, rei da Judéia, um sacerdote, chamado Zacarias, da ordem de Abias, e cuja mulher era das filhas de Arão; o nome dela era Isabel. 6 E eram ambos justos perante Deus, vivendo irrepreensivelmente em todos os mandamentos e preceitos do Senhor. 7 E não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos eram avançados em idade.

Lucas começa seu relato destacando que Herodes é o rei da Judeia. Isso significa que a situação é completamente diferente do que Deus pretendia. Não há nenhum rei da tribo de Judá governando, e certamente não há o rei da tribo de Judá. O povo ficou sob domínio estrangeiro porque Deus teve de abandonar seu povo nas mãos de inimigos por causa de seus pecados.

Assim, quando o Senhor Jesus nasce, alguém se senta no trono e ocupa esse lugar ilegalmente, por mais que isso tenha sido feito com a permissão de Deus, porque Seu povo O abandonou.

Essas duas circunstâncias – o fato de o povo ter virado as costas para Deus e de um estranho governar sobre eles – marcam o momento em que o Senhor Jesus vem à Terra. No entanto, nesse período sombrio, quando o povo em grande número se esqueceu do Senhor, há pessoas que são fiéis a Ele. Nos dois primeiros capítulos, conhecemos várias pessoas que têm um coração para o Senhor. Neles, conhecemos o remanescente de Israel, temente a Deus, do qual Ele veio segundo a carne.

Lucas escreve seu Evangelho para todas as pessoas, mas ele age de acordo com o princípio em sua descrição: "... primeiramente ao judeu e também ao grego" (Rom 1:16). Nos dois primeiros capítulos, ele mostra que a graça é primeiramente para o remanescente. Vemos esse remanescente apresentado em sete pessoas ou grupos de pessoas: Zacarias e Isabel, José e Maria, o pastor, Simeão e Ana.

Os primeiros desse remanescente são Zacarias (o Senhor se lembra) e Isabel (meu Deus é juramento). Ambos os nomes apontam para a fidelidade de Deus. Zacarias é um sacerdote. Ele pertence à divisão de Abias – ou seja, a oitava divisão (1Crô 24:10), e isso não é coincidência. O número oito fala de um novo começo. Sua esposa também vem de uma linhagem sacerdotal. Portanto, Zacarias procurou e encontrou uma esposa que – assim como ele – pertence a uma linhagem ligada a Deus. Essa é uma pista importante para aqueles que estão procurando uma companheira para a vida. As Escrituras deixam bem claro que um crente só pode se casar "no Senhor" (1Cor 7:39), ou seja, com alguém que também conheça o Senhor Jesus como Salvador. As Escrituras proíbem claramente que um crente se case com alguém que não conheça a Cristo (2Cor 6:14-18). A propósito, será que alguém que deseja servir ao próprio Senhor deve querer se casar com alguém que não o faz?

Em suas investigações, Lucas descobriu o tipo de pessoa que Zacarias e Isabel são. Ele pode lhes dar um belo testemunho. Eles não são pessoas perfeitas. Mas ele não escreve sobre as coisas erradas que eles fizeram, mas sobre a impressão geral que teve deles. São pessoas que vivem para

Deus e que querem dar a Ele o que Lhe é de direito. Para isso, eles guardam exatamente todos os “mandamentos e estatutos do Senhor”, ou seja, Yahweh. Seu modo de vida deve ter se destacado em meio ao povo apóstata e pecador.

Apesar de sua vida irrepreensível, eles não têm filhos. No entanto, Deus havia prometido que, se eles fossem fiéis aos Seus mandamentos, Ele abençoaria o ventre (Deu 28:1-4). Zacarias e sua esposa não ficaram ressentidos com Ele, não se rebelaram contra a ausência de filhos. Sua confiança em Deus é recompensada com uma bênção pela qual eles haviam orado por muito tempo verso 13, mas com a qual não contavam.

Deus abençoa de uma forma que revela a fraqueza do instrumento, uma fraqueza que, de acordo com o raciocínio humano, tira toda a esperança. Isabel tinha o exemplo de outras mulheres piedosas que também eram estéreis e às quais Deus também deu bênçãos de filhos quando toda a esperança para elas havia desaparecido. A maneira como Deus às vezes trabalha com pessoas fiéis nem sempre pode ser explicada pela razão. Entretanto, Deus é digno de confiança e sempre tem bênçãos para aqueles que se apóiam Nele.

Luc 1:8-10 | O ministério sacerdotal de Zacarias

8 E aconteceu que, exercendo ele o sacerdócio diante de Deus, na ordem da sua turma, 9 segundo o costume sacerdotal, coube-lhe em sorte entrar no templo do Senhor para oferecer o incenso. 10 E toda a multidão do povo estava fora, orando, à hora do incenso.

A divisão de sacerdotes à qual Zacarias pertence tem um ministério. Naquela época, estimava-se que havia 18.000 sacerdotes divididos em 24 divisões. Cada divisão vinha a Jerusalém em rodízio para ministrar. Todos os dias, eram feitos sorteios para determinar quais sacerdotes, que não haviam feito isso antes, tinham permissão para oferecer incenso. Considerando o grande número de sacerdotes, esse privilégio seria concedido a cada sacerdote apenas uma vez em sua vida.

Quantas vezes Zacarias terá estado em Jerusalém quando chegou a vez de sua divisão? E todos os dias a sorte era lançada. Todos os dias Zacarias ora para ter o privilégio de oferecer o incenso. A sorte era lançada repetidas

vezes, mas até agora não havia caído sobre ele. Então, ele esperou por isso, assim como esperou por um filho, e sempre em vão. Então, finalmente, a sorte caiu sobre o idoso. Ele tem permissão para oferecer o incenso.

Esse é um privilégio, uma tarefa bonita, mas ao mesmo tempo de responsabilidade. Ele deve representar o povo e tem permissão para se aproximar de Deus. Zacarias era provavelmente um dos poucos sacerdotes que realizava esse serviço com devoção a Deus e com amor pelo povo. O sacerdócio como um todo estava em grande declínio. A atitude dos principais sacerdotes em relação ao Senhor Jesus prova o quanto o sacerdócio não estava focado em Deus, mas em si mesmo. Não se tratava de saber se Deus receberia o que Lhe era devido, mas se eles próprios teriam ganho. Zacarias foi uma exceção.

Por ser fiel, Deus pode lhe contar Seus planos. Ele quer dar a Zacarias uma visão de Seus planos. O fato de alguém cumprir fielmente o encargo que recebeu é sempre, ainda hoje, um dos pré-requisitos para receber mensagens de Deus e ser capaz de entendê-las. Veremos mais adiante que a fé também é necessária para isso.

A sorte determinou que Zacarias poderia oferecer o sacrifício de incenso. A sorte é mencionada aqui. Deus ainda o estava usando naquele momento para cumprir sua vontade soberana. Isso se encaixa em uma situação do Antigo Testamento. Mesmo quando o Senhor Jesus ascendeu ao céu, a sorte ainda é usada, mas provavelmente pela última vez. Isso ocorreu na ocasião em que um apóstolo foi escolhido para substituir Judas (Atos 1:26). Isso ocorreu antes de o Espírito Santo ter sido derramado e ter vindo à Terra para guiar os crentes. Uma vez que o Espírito Santo está aqui, não há mais nenhuma menção sobre a sorte. Desde sua vinda à Terra, o Espírito Santo orienta os crentes na tomada de decisões.

Zacarias deve entrar no templo do Senhor, Yahweh, “para queimar incenso”. A oferta de incenso apresenta simbolicamente o Senhor Jesus na sua agradabilidade para com Deus. Portanto, agora o crente pode apresentar a Deus a excelência do Senhor Jesus, e assim – no sentido espiritual – ele oferece a oferta de incenso como sacerdote de forma espiritual. Quando o incenso é oferecido, o sacerdote permanece na fragrância desse sacrifício. Assim, o crente se torna aceitável pelo que Cristo é para Deus. O incenso

também é uma figura das orações dos santos (Slm 141:2; Apo 5:8) e é uma figura da glória pessoal do Senhor Jesus (Apo 8:3). Nossas orações são aceitáveis diante de Deus somente por meio Dele (Heb 13:15).

Zacarias faz seu serviço no templo na Terra de acordo com a lei. No decorrer desse Evangelho, vemos a transição da lei para a graça, da terra para o céu. O Evangelho termina com as Boas Novas para todas as nações e com um Cristo que é levado ao céu para realizar seu ministério de sumo sacerdote. Esse Evangelho começa com uma cena no templo e termina com uma cena no templo. No primeiro capítulo, vemos um sacerdote mudo. No último capítulo, encontramos pessoas que são tudo menos mudas. Como pessoas destinadas a serem sacerdotes em uma nova casa, a igreja, elas louvam e exaltam a Deus. Esse Evangelho começa com um crente que não pode falar e termina com crentes que não conseguem parar de louvar e exaltar.

O fato de toda a multidão do povo estar do lado de fora é típico do Antigo Testamento. Eles estão de fato em oração. A oração é mencionada com frequência nesse Evangelho. Oito vezes encontramos o Senhor Jesus em oração (Luc 3:21; 5:16; 6:12; 9:18,29; 11:2; 22:41; 23:34). As pessoas estão em oração, mas isso não significa que estejam realmente desejando Deus. Entretanto, haverá crentes fiéis entre eles que estão em verdadeira reverência em oração. Eles entendem que Deus só se relaciona com eles com base na oferta de incenso. A oração faz parte de seu culto. Eles não devem se aproximar de Deus por conta própria. Isso deve ser feito por meio de um mediador. Sempre que, no cristianismo, alguém assume um lugar entre as pessoas e Deus, isso significa aderir a essa condição do Antigo Testamento. O privilégio do crente é que agora ele pode se aproximar do próprio Deus. Todo crente é um sacerdote e é chamado a oferecer sacrifícios espirituais (1Ped 2:5).

Luc 1:11-17 | Anunciado o nascimento de João

11 Então, um anjo do Senhor lhe apareceu, posto em pé, à direita do altar do incenso. 12 E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele. 13 Mas o anjo lhe disse: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João. 14 E terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento, 15 porque será grande diante

do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe. 16 E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus, 17 e irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos e os rebeldes, à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto.

Durante muitos anos, a oferta diária de incenso foi oferecida. Zacarias nunca tinha ouvido falar de algo incomum que acontecesse durante a oferta do incenso, mas quando chegou a sua vez, aconteceu. Zacarias recebe a visita de um anjo do céu. Há muito tempo que não ocorria uma visita desse tipo com uma mensagem para os homens na Terra. Em certas ocasiões, um anjo descia para curar todos os tipos de doenças (João 5:4). Essa foi certamente uma intervenção poderosa de Deus. Mas agora um anjo vem com um propósito muito mais glorioso, pois ele anuncia o nascimento do precursor do Messias.

O anjo está à direita do altar de incenso. Isso enfatiza a conexão entre sua mensagem e o altar de incenso. A mensagem que ele traz é vista em conexão com o poder da oferta de incenso. É somente porque Cristo é tão agradável a Deus que Ele pode permitir essa visita à Terra e comunicar seus planos. O fato de o anjo estar do lado direito do altar também é significativo. O lado direito fala de favor (Mat 25:33-34) e poder, do lugar onde o Senhor Jesus está, à direita de Deus. A mensagem é sobre o favor que Deus mostra aos homens e o poder que Ele tem para realmente conceder esse favor.

Zacarias já orou muito em sua vida e está acostumado com a santidade de Deus por meio de seu ofício de sacerdote. Mas, diante dessa visita do céu, ele fica perturbado e temeroso. Provavelmente é assim que nos sentimos em um momento ou outro. Podemos ser fiéis em nossas relações com o Senhor, lendo Sua Palavra e conversando com Ele, e ainda assim nos assustamos quando, de repente, Ele nos mostra algo de Si mesmo. Até que ponto estamos realmente familiarizados com Ele?

O anjo o tranquiliza e o encoraja com o fato de que sua súplica foi ouvida. O piedoso sacerdote orou muitas vezes pedindo a bênção de filhos, mas a resposta não veio até agora. Agora um anjo vem lhe dizer que sua súplica, que ele enviou aparentemente em vão, foi atendida. O anjo não fala sobre “vossas orações”, mas sobre “tua oração”. A resposta a uma oração que

foi sinceramente subiu a Deus muitas vezes deve, às vezes, esperar por um longo tempo. Às vezes, parece que Deus não ouve. Aqui vemos que Ele não se esquece de todas essas orações, mas, em Sua sabedoria, espera com a resposta a elas até o tempo que Ele determinou. A criança que foi anunciada se chamará João, e isso significa “O Senhor é gracioso”. Assim, toda resposta à oração é um desdobramento da graça do Senhor.

O anjo não apenas anuncia o nascimento de um filho e o nome que esse filho terá. Ele também anuncia o que o nascimento desse filho significará para Zacarias e para muitos outros. Seu filho será alguém que causará alegria e regozijo. Quando Deus responde à oração, o resultado é a alegria.

Não apenas seus pais e outras pessoas se alegrarão com João. João será um nazireu, completamente separado para Deus. Será a alegria do Espírito Santo guiar esse filho em todo o seu ministério. A resposta a cada uma de nossas orações também é uma grande alegria para Deus. Podemos dar a Ele o que Ele nos dá. Fazemos isso quando usamos o que Ele nos dá para Sua glória.

O efeito de uma vida separada e de sua poderosa mensagem será que muitos dos filhos do povo de Deus, que se afastaram completamente, voltarão para o Senhor, seu Deus. João será um instrumento especial por meio do qual o relacionamento rompido entre os homens e Deus será restaurado.

Ele não apenas restaurará o relacionamento entre muitos de Israel e o Senhor, mas também o relacionamento mútuo entre as pessoas. Para isso, ele irá adiante do Senhor como Seu mensageiro, enviado por Ele. É possível reconhecer nele seu senhor. Ele não vem em seu próprio poder e com sua própria história. Sua atuação lembra a de Elias (Mal 4:5).

No Monte Carmelo, o espírito e o poder de Elias são revelados de maneira especial (1Rei 18:20-46). Que zelo inabalável e ardente pela glória do Senhor! E que resultado! As relações rompidas entre Israel e o Senhor são restauradas quando ouvimos o povo clamar: “Só o SENHOR é Deus! Só o SENHOR é Deus!” (1Rei 18:39). João clama pela conversão com tanto poder espiritual que é comparado aqui a Elias, que levou o povo de volta ao Senhor, Yahweh. Na realidade, o Senhor Jesus não é outro senão Yahweh.

Como Israel havia abandonado o Senhor, não havia unanimidade entre eles, mas desunião. Tudo em Israel estava quebrado. O pecado sempre

traz essa perturbação. João é enviado para converter “o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais”, o que significa que Deus quer usá-lo para uni-los novamente em amor. João fará isso dizendo-lhes que a atitude de desobediência deles não é boa. Em vez disso, ele os converterá “à prudência dos justos”. A desobediência deve ser condenada e, em seu lugar, deve vir a instrução sobre o que é agradável a Deus.

João vem com o propósito de preparar para o Senhor, Yahweh, o Senhor Jesus, um povo pronto para recebê-Lo. Dessa forma, Deus quer usar cada crente para exercer um ministério como o de João. Assim como João em sua época, nós também vivemos em um período de transição. É um tempo de fim e, ao mesmo tempo, um tempo de novos começos. Com a vinda do Senhor Jesus Cristo, o julgamento está às portas. Devemos mostrar às pessoas que Ele está chegando e que somente por meio da conversão a Deus e da fé no Senhor Jesus é que alguém pode suportar o dia de Sua vinda e ser salvo do juízo.

Luc 1:18-23 | A incredulidade de Zacarias

18 Disse, então, Zacarias ao anjo: Como saberei isso? Pois eu já sou velho, e minha mulher, avançada em idade. 19 E, respondendo o anjo, disse-lhe: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e dar-te estas alegres novas. 20 Todavia ficarás mudo e não poderás falar até ao dia em que estas coisas aconteçam, porquanto não creste nas minhas palavras, que a seu tempo se hão de cumprir. 21 E o povo estava esperando a Zacarias e maravilhava-se de que tanto se demorasse no templo. 22 E, saindo ele, não lhes podia falar; e entenderam que tivera alguma visão no templo. E falava por acenos e ficou mudo. 23 E sucedeu que, terminados os dias de seu ministério, voltou para sua casa.

Zacarias não acredita na palavra do anjo. Ele demonstra ser um “crente incrédulo”. Ele ignora tudo o que o anjo diz sobre o Filho anunciado e exige um sinal (1Cor 1:22) como confirmação de que Deus de fato ouviu suas orações. O que suas orações significam então? Será que ele orou com fé que Deus é poderoso para fazer o que ele pediu? Confiamos em Deus quando oramos? Como é nossa interação com Ele e como conhecemos Deus?

É revelador que um homem que viveu com o Senhor por tanto tempo e esteve na presença de Deus tantas vezes duvide de uma mensagem do céu. Ele duvida que Deus seja poderoso para mudar o curso da natureza onde for necessário. Zacarias, afinal, conhece as escrituras. Os exemplos de Sara, Rebeca e Ana que ele cita são um testemunho disso. Como fica nossa fé nas Escrituras?

A resposta do anjo parece quase indignada. Será que Zacarias realmente sabe com quem está lidando? O anjo não está pessoalmente ofendido, mas a reação de Zacarias é um insulto a Deus. Gabriel deixa isso claro quando explica que ele está diante de Deus (presente), e não que estava diante de Deus (passado). Ele está ciente da presença de Deus e de que é o porta-voz de Deus. Duvidar de suas palavras é duvidar do que Deus diz. Ele não disse nada além do que Deus o instruiu a dizer. Portanto, a dúvida de Zacarias prova sua incredulidade.

Nós também não gostamos quando alguém não acredita em nossas palavras, quanto mais um anjo que fala em nome de Deus, e quanto mais quando o próprio Deus fala. Muitas vezes, lemos as Escrituras sem a simpatia do coração. Lemos as Escrituras como se quiséssemos nos familiarizar com palavras e frases. Mas se eu não entrar na presença de Deus com meu coração e consciência por meio da leitura das Escrituras, não terei aprendido a lição que as Escrituras querem me ensinar. Zacarias não estava na presença de Deus com seu coração e consciência e, portanto, não podia acreditar que o que o anjo disse vinha de Deus.

Zacarias recebe o sinal solicitado, mas é um sinal de juízo. O sinal que ele recebe se encaixa em sua incredulidade tanto quanto a fala se encaixa na fé (2Cor 4:13). O ministério sacerdotal é silenciado pela incredulidade. Entretanto, trata-se de um juízo temporário. As palavras de Deus serão cumpridas em seu tempo, apesar de sua incredulidade. A misericórdia removerá a punição no devido tempo.

Enquanto a conversa ocorre no templo, as pessoas ficam do lado de fora esperando por Zacarias. Além de estarem literalmente do lado de fora do templo, elas também são excluídas das comunicações feitas no templo. Eles não estão acostumados com a permanência de um sacerdote no templo por tanto tempo. Alguma coisa deve ter acontecido. Quando o sacerdote

aparece, ele não pode lhes dar a bênção habitual. Entre a multidão no pátio do templo, deve ter havido alguns fiéis, pessoas que estavam esperando a redenção em Jerusalém (Luc 2:38). O silêncio de Zacarias também é um sinal para o povo; eles devem pensar nisso. Zacarias acena para eles como um sinal de que podem ir. Ele mesmo permanece mudo. Ele cumpre seu ministério durante o tempo prescrito. Quando o tempo de serviço de sua seção termina, ele vai para casa.

Luc 1:24-25 | Isabel fica grávida

24 E, depois daqueles dias, Isabel, sua mulher, concebeu e, por cinco meses, se ocultou, dizendo: 25 Assim me fez o Senhor, nos dias em que atentou em mim, para destruir o meu opróbrio entre os homens.

O Senhor cumpre sua palavra e Isabel fica grávida. Quando percebe que está grávida, ela se esconde por cinco meses. Ela não faz isso por vergonha, mas porque quer honrar o Senhor por sua ação milagrosa durante cinco meses. Ela era estéril. Havia sofrido a desgraça de não ter filhos entre os homens. Agora o Senhor tirou essa desgraça dela. Por isso, ela quer honrá-lo.

Luc 1:26-30 | Gabriel é enviado a Maria

26 E, no sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, 27 a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. 28 E, entrando o anjo onde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres. 29 E, vendo-o ela, turbou-se muito com aquelas palavras e considerava que saudação seria esta. 30 Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus,

No sexto mês da gravidez de Isabel, Gabriel é enviado à Terra novamente. Deus determina o momento certo para tudo. O tempo pertence a Ele. Ele nunca age precipitadamente. Deve haver um período de seis meses entre o nascimento do Senhor Jesus e o de seu precursor. Quando o céu se abre novamente para enviar um mensageiro à Terra, o destino dessa vez não é o templo em Jerusalém, mas Nazaré. Esse seria o último lugar que o homem

teria escolhido para cumprir o plano de Deus, um lugar cujo próprio nome era suficiente para rejeitar aqueles que vinham de lá (João 1:45-46).

O anjo é enviado a uma virgem com uma mensagem muito especial. O fato de ser uma virgem está em primeiro plano. Além disso, o nome da virgem é mencionado. Para o mundo, ela é uma desconhecida, mas Deus a conhece. Ele a escolheu para ser a mãe de seu Filho.

Para isso, é importante que ela seja virgem e que seu marido seja da casa de Davi. Assim, por um lado, será cumprida a profecia de Isaías, que falou sobre uma virgem que ficaria grávida ((Isa 7:14). Por outro lado, serão cumpridas todas as profecias que falam de alguém da casa de Davi, ou seja, um filho de Davi, reinando no trono do Senhor em Jerusalém (1Crô 29:23; 2Sam 7:12-16; Slm 89:2-3).

O fato de ninguém conhecer José e Maria prova o quanto a casa de Davi está em ruínas. José não é um príncipe, ele é apenas um simples carpinteiro. Deus encontra aqui a esfera na qual Ele pode cumprir Suas promessas.

O anjo visita Maria em sua casa. Ele chega a ela com sua mensagem em sua vida privada e não no templo, como aconteceu com Zacarias. Isso mostra como Deus se aproxima das pessoas com Suas mensagens. O anjo a cumprimenta. Ele lhe assegura que o Senhor está com ela. Ele também a chama de “bem-aventurada”. Isso distingue Maria entre todas as mulheres do mundo pelo fato de Deus tê-la escolhido para ser a mãe do Senhor Jesus.

Isso só pode ser o resultado da graça de Deus. Em si mesma, ela não é mais do que qualquer outra mulher. Mas Deus a escolhe porque ela tem consciência da graça de Deus. A Igreja Católica Romana derivou dessa saudação o pensamento idólatra de que Maria era cheia de graças e poderia atuar como mediadora. No entanto, ela mesma era uma mulher pecadora que também precisava de seu Filho como Salvador por seus pecados. O fato de ela ter se tornado a mãe do Messias não foi nada além de graça.

Não lemos que caiu temor sobre ela com a aparição do anjo, como Zacarias verso 12, mas que turbou-se com as palavras dele. A saudação do anjo a faz pensar sobre o assunto. Ela não consegue entendê-lo, mas não o rejeita por incredulidade. Isso mostra sua disposição piedosa.

O anjo a tranquiliza. Ele lhe assegura a graça que ela encontrou em Deus. Isso significa que ela a buscou, como Noé fez (Gên 6:8). A graça concedida a ela para se tornar a mãe do Messias vai muito além da graça que ela encontrou com Deus como pecadora. Terá sido seu desejo tornar-se a mãe do Senhor Jesus, assim como terá sido o desejo de toda virgem temente a Deus em Israel que pertencia aos descendentes de Davi (Dan 11:37).

Luc 1:31-35 | Anunciado o nascimento de Cristo

31 E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. 32 Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, 33 e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu Reino não terá fim. 34 E disse Maria ao anjo: Como se fará isso, visto que não conheço varão? 35 E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.

O verso 31 deixa bem claro que o Senhor Jesus é verdadeiramente homem, pois aqui é anunciado que Ele nascerá de uma mulher (Gál 4:4). Ele é filho dela. O nome que ela lhe dará mostra que Ele é o Senhor (Yahweh). Foi dito a Zacarias que Isabel conceberia e daria à luz um filho como resposta à sua súplica. Isso deixa claro que Deus é fiel e mostra Sua bondade para com Seu povo que está esperando por Ele. O que é dito a Maria é um ato de graça soberana. Ela encontrou graça diante de Deus. Ela ficará grávida, apesar do fato de não ser casada. Ela dará à luz um filho por um ato soberano de Deus.

Assim como o anjo disse a Zacarias que nome daria ao seu filho, ele disse a Maria que nome daria ao seu filho. Seu nome deve ser “Jesus”. Isso significa “o Senhor [Yahweh] é a salvação” ou “o Senhor [Yahweh] é o Salvador”. O nome “Jesus” era mais comum em Israel, mas Maria sabe que seu filho fará jus a esse nome.

O anjo lhe fala ainda mais sobre esse Filho maravilhoso e dá explicações mais detalhadas sobre seu nome. A partir disso, já se pode ver que Ele é mais do que apenas verdadeiramente humano. Ele é, antes de tudo, verdadeiramente “grande” de uma forma que nenhum outro ser humano é. Ele é grande em si mesmo. Isso é diferente de João, de quem é dito ser

grande “aos olhos do Senhor” verso 15. Nenhum outro homem pode ser comparado a Ele. Veremos neste Evangelho que Ele vive perfeitamente para a glória de Deus em tudo o que faz e diz. Isso é o que torna uma pessoa realmente grande.

Em Sua pessoa, Ele é o “Filho do Altíssimo”. Isso nos mostra que Sua posição também é exaltada acima de qualquer poder concebível na Terra. Nessa posição, os crentes estão unidos a Ele, pois são chamados de “filhos do Altíssimo” neste mesmo Evangelho (Luc 6:35). Nessa posição, Ele também se sentará um dia no trono de Seu pai Davi, que Deus lhe dará. Esse será o Seu próprio trono. O Senhor Jesus ainda não está sentado em Seu trono, mas no trono de Seu Pai (Apo 3:21).

Quando Ele se assentar em Seu trono, reinará sobre a casa de Jacó – que é todo o Israel, ou seja, as doze tribos –, portanto, não apenas sobre a casa de Judá. O fato de Lucas falar sobre “Jacó” e não sobre “Israel” é um lembrete dos problemas que Deus teve com esse povo. Jacó é o nome do povo em sua fraqueza e em suas ações muitas vezes desobedientes.

O Senhor Jesus também não reinará em fraqueza e apenas por um tempo limitado, como foi o caso de todos os governantes antes dele, que só puderam exercer o poder por um curto período devido à transitoriedade de sua vida. Ele reinará “para todo o sempre”. Ele não tem sucessor. Sua realeza, Seu governo, não terá fim (Dan 7:14) e, portanto, nunca será ocupado por outro governante.

Maria não pede um sinal, como Zacarias, mas uma explicação. Sua pergunta não vem da incredulidade, mas corresponde aos pensamentos de Deus. É por isso que ela também recebe uma resposta. No caso de Zacarias, era apenas uma questão de Deus exercendo seu poder no processo normal e natural. Maria, no entanto, não pergunta se isso aconteceria, mas pergunta com santa confiança como isso acontecerá, pois deve acontecer fora do procedimento habitual. Portanto, ela não duvida do cumprimento em si. Isso, a propósito, deixa evidente que é claro que não há união sexual antes do casamento. Ela não consegue imaginar como poderá engravidar.

Na resposta que ela recebe, ouvimos Deus revelar o milagre da concepção do Senhor Jesus. Ouvimos sobre o fato do nascimento virginal e o caráter completamente sobrenatural da encarnação de Cristo. Ele não será gerado

por um homem, mas por Deus. Ele será a semente da mulher (Gên 3:15), não de um homem. Maria ficará grávida por meio da ação do Espírito Santo de Deus, que a cobrirá com sua sombra. Essa sombra significa que a glória de Deus virá sobre ela, conforme vemos mais tarde no Monte da Transfiguração, quando uma nuvem cobre Pedro, João e Tiago (Luc 9:34; cf. Êxo 40:35).

Por meio disso, Deus é o Pai do Senhor Jesus como homem e, portanto, Ele também é chamado de Filho de Deus como homem. Ele não foi gerado por um homem pecador, como José, mas por Deus. Portanto, por um lado, Ele tinha um corpo que era tão limitado e fraco quanto o de qualquer outro ser humano, mas, por outro lado, Ele tinha uma natureza sem pecado, de modo que não era possível para Ele pecar. Portanto, Ele é “o Santo”, Aquele que nasceu completamente separado para Deus. Ele ocupa Seu lugar entre os homens, mas, ao mesmo tempo, é completamente outro. Ele é o sem pecado, o justo.

Luc 1:36-38 | Encorajamento para Maria

36 E eis que também Isabel, tua prima, concebeu um filho em sua velhice; e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril. 37 Porque para Deus nada é impossível. 38 Disse, então, Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo ausentou-se dela.

Como encorajamento especial, o anjo diz que Isabel também está grávida de um filho. Ela já é idosa e sempre foi estéril. Gabriel conta a Maria sobre a gravidez de Isabel para fortalecê-la em sua fé, tendo em vista o que ele lhe disse. Para Maria, essa é a prova de que Deus está agindo. Ele está prestes a realizar grandes coisas. Ela fica sabendo disso e Deus até a usa, assim como Isabel.

Deus usa instrumentos fracos para fazer grandes coisas, portanto, é inequivocamente a obra dele e não a obra dos homens. O anjo também fala sobre Isabel porque o filho de Maria e o filho de Isabel – por mais diferentes que sejam – estão intimamente ligados. O filho de Isabel é o precursor do filho de Maria.

A gravidez de Isabel, apesar de sua idade avançada e de muitos anos de infertilidade, é a prova de que nada é impossível para Ele. Ele é capaz

de dar vida onde isso é impossível segundo os padrões humanos. Ele é o Deus que está prestes a mudar a sorte de Seu povo de uma forma que transcende o pensamento humano.

Maria acredita e se submete ao Senhor. A intervenção milagrosa de Deus não a leva à exaltação própria, mas à humildade. Ela se diz “a serva [do] Senhor”. Sempre que há uma consciência da graça de Deus em uma pessoa, isso é seguido por uma prontidão para se tornar completamente disponível para o serviço. A grandeza desse milagre traz Deus para tão perto dela que ela se esquece de si mesma.

Luc 1:39-45 | A visita de Maria a Isabel

39 E, naqueles dias, levantando-se Maria, foi apressada às montanhas, a uma cidade de Judá, 40 e entrou em casa de Zacarias, e saudou a Isabel. 41 E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre; e Isabel foi cheia do Espírito Santo, 42 e exclamou com grande voz, e disse: Bendita és tu entre as mulheres, e é bendito o fruto do teu ventre! 43 E de onde me provém isso a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor? 44 Pois eis que, ao chegar aos meus ouvidos a voz da tua saudação, a criancinha saltou de alegria no meu ventre. 45 Bem-aventurada a que creu, pois não há de cumprir-se as coisas que da parte do Senhor lhe foram ditas!

Maria está repleta de tudo o que ouviu. Ela precisa falar sobre isso. Com quem ela pode fazer isso melhor do que com aquela que Deus também visitou dessa forma? O anjo lhe falou sobre Isabel. Isso desperta nela o desejo de ir até ela. As experiências com o Senhor, as descobertas em Sua Palavra, exigem comunhão e um compartilhamento comum com aqueles que também conhecem e desfrutam dessas coisas. Maria vai às montanhas. Isso mostra simbolicamente que a comunhão nas coisas do Senhor está relacionada ao céu, elevada acima da terra. O que acontece entre Maria e Isabel é um belo exemplo de comunhão no Espírito Santo.

Ela quer compartilhar suas experiências e o que ouviu com Isabel. Para fazer isso, ela precisa ir à casa de Zacarias, pois é lá que Isabel está. Esse casal não vivia separado. Talvez ela estivesse com Isabel com mais frequência e a cumprimentasse. Entretanto, a saudação com que Maria cumprimenta Isabel dessa vez é diferente de todas as outras vezes. Não é uma sauda-

ção como a que ocorre quando dois membros da família se reencontram depois de muito tempo. Ambos tiveram uma visita do céu e receberam comunicações divinas. Portanto, elas não sentem a necessidade de trocar todo tipo de gentilezas. A comunhão é imediata.

Por meio da obra de Deus nas duas mulheres, há um relacionamento interior especial entre elas. João responde à saudação de Maria no ventre de Isabel, e Isabel fica cheia do Espírito Santo. Essa é uma cena da mais íntima comunhão por meio das coisas que Deus quer fazer em vista da vinda de seu Filho ao mundo. Quando os corações estão cheios da obra de Deus em seu Filho, o Espírito, que ao mesmo tempo recebe todo o espaço para encher os corações, gera comunhão. Então, a pessoa experimenta a comunhão de tal forma que Deus tem prazer nela.

Isabel não pensa no grande milagre de sua própria gravidez e no filho especial que ela dará à luz, mas fica impressionada com a graça concedida a Maria e com o fruto no ventre de Maria. Esse é realmente o resultado de ela estar cheia do Espírito Santo. Em seguida, toda a atenção se volta para o Senhor Jesus e para o que Ele está fazendo e fez. Ele é o tema da conversa. Essa é a verdadeira comunhão dos santos.

Deus abençoou Maria porque lhe foi concedido, entre todas as mulheres, tornar-se a mãe do Messias. O fruto de seu ventre também é abençoado, mas de uma maneira muito diferente. Esse fruto não recebe uma bênção como alguém que foi perdoado, mas é objeto de bênção e louvor. Maria não recebe louvor, mas o fruto de seu ventre, sim. O fruto de seu ventre é Cristo. Ele, de quem Salomão diz que o céu não pode contê-Lo (1Rei 8:27), habita no ventre da Virgem de Nazaré.

Mais tarde, Ele estará no coração da Terra por três dias e três noites. Assim como Ele sai imaculado do ventre, Ele sai imaculado da tumba. Ele é completamente único entre os homens. Ele é homem, mas ao mesmo tempo é Deus. Ele é Deus revelado em carne. É por isso que Ele é o objeto de louvor dos homens.

Isabel também fica impressionada com o fato de a Mãe do “meu Senhor” vir até ela. Ela aceita com fé que a criança que Maria está carregando é seu Senhor pessoal. Não se trata de Maria, mas de seu filho, embora haja uma estreita ligação entre Maria e a criança. A propósito, ouvimos esse “meu

Senhor” pessoal ser dito por três outras pessoas no Novo Testamento. Ouvimos isso das bocas de Maria Madalena (João 20:13), Tomé (João 20:28) e Paulo (Flp 3:8). Portanto, são duas mulheres e dois homens que dizem isso (veja também Jos 5:14 e Slm 110:1).

Isabel menciona como as palavras de boas-vindas ditas por Maria produziram uma reação na criança em seu ventre. Ela até notou que a criancinha em seu ventre pulou de alegria. A saudação causou alegria nessa criança ainda não nascida. Isso é, ao mesmo tempo, um julgamento contundente sobre aqueles que pensam que podem abortar um feto porque ele não é uma pessoa.

Por fim, Isabel expressa sua total fé no que o Senhor disse a Maria. Ela louva Maria bem-aventurada, não por causa do que Maria é em si mesma, mas porque Maria creu. Essa fé no que Deus disse também deve ser a nossa. Afinal de contas, temos o que Deus nos disse em sua Palavra. Se crermos nisso, também seremos bem-aventurados.

Luc 1:46-47 | O cântico de louvor de Maria

46 Disse, então, Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, 47 e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador,

Após o cântico de louvor de Isabel, segue-se um cântico de louvor de Maria, que em muitos aspectos corresponde ao cântico de louvor de Ana, que ela canta por ocasião do nascimento de Samuel (1Sam 2:1-10). O cântico de louvor de Maria é seguido por outros cinco nos dois primeiros capítulos de Lucas, de modo que encontramos sete cânticos de louvor no total. Também ouvimos o cântico de louvor de Zacarias versos 67-79, o dos anjos (Luc 2:14), o dos pastores (Luc 2:20), o de Simeão (Luc 2:29-32) e o de Ana (Luc 2:38). Todas essas são expressões de fé pessoal dominada pela bondade do Senhor. Quando isso acontece, o louvor não pode deixar de vir.

Não se diz de Maria que ela está cheia do Espírito Santo, como lemos de Isabel verso 41. Isso não significa que ela não esteja cheia do Espírito Santo, mas que suas declarações, ainda mais do que as de Isabel, refletem suas experiências pessoais de fé nas coisas que lhe foram contadas. Ela fala sobre as sensações de sua alma e de seu espírito.

Com sua alma, ela exalta o Senhor, ela O engrandece. O Senhor não pode se tornar maior por meio de nosso louvor, mas Ele pode se tornar grande para nossa alma. Esse engrandecimento não é como colocar algo pequeno em um microscópio e torná-lo maior. É mais como uma estrela enorme que está tão distante que parece pequena. Se você olhar para a estrela por meio de um telescópio, ela não ficará maior, mas seu tamanho será trazido para mais perto, e você poderá ver melhor o tamanho da estrela. Dessa forma, nossa alma pode magnificar o Senhor, exaltá-Lo. Podemos cantar tudo aquilo em que Ele é grande, como Sua graça e misericórdia. Dessa forma, expressamos algo de Sua grandeza em nosso mundo, onde Ele parece tão pequeno e insignificante.

Quando pensamos em todos os benefícios que Ele nos mostrou, um cântico de louvor brota de nossa alma. Sua bondade nos move a alma, e sentimentos de gratidão não podem deixar de surgir. Nós O engrandecemos, por mais que estejamos aquém de Sua real grandeza. Paulo pediu que Cristo fosse engrandecido em seu corpo, que fosse elevado (Flp 1:20). Lá, trata-se de quem Cristo é se tornando visível por meio dele, e que os outros vejam Cristo em seu corpo, que Cristo seja trazido para mais perto das pessoas. Aqui se trata das expressões da alma, da necessidade de comunicar aos outros quem Deus é para mim pessoalmente. Fazemos isso muito pouco porque temos pouca impressão de toda a bondade e graça de Deus que Ele demonstrou na dádiva de Seu Filho. Portanto, Maria pode ser um incentivo para exaltarmos o Senhor.

Não apenas sua alma está envolvida no louvor, mas também seu espírito. Um cântico de louvor não é apenas uma expressão emocional, mas há considerações espirituais. Sua expressão de alegria está enraizada no fato de que ela tem um Salvador em Deus. Com isso, ela diz – embora seja a mãe do Senhor Jesus – que também precisa Dele como Salvador.

Ao expressar seus sentimentos, ela também é uma figura do remanescente que reagirá da mesma forma quando Cristo vier ao Seu povo pela segunda vez. O caráter dos pensamentos que encham o coração de Maria e sua aplicação são inteiramente judaicos. Não poderia ter sido de outra forma. É o mesmo que acontece com muitos salmos e também com o cântico de Ana (1Sam 2:1-10). Ao mesmo tempo, essas expressões de gratidão nos proporcionam muito para nossas próprias almas, para nós que, por meio

da graça, podemos conhecer as gloriosas verdades do cristianismo. Nós também podemos conhecer Deus como Salvador. Ele é chamado assim várias vezes no Novo Testamento (1Tim 2:3; Tit 1:3; 3:4).

Entretanto, não nos relacionamos com Ele como Yahweh, o Deus da aliança com Israel, mas podemos conhecê-Lo como nosso Pai e chamá-Lo de “Aba, Pai” por meio do Espírito Santo (Rom 8:15; Gál 4:6). Esse é o resultado da vinda do Senhor Jesus e de Deus ter se revelado Nele como o Deus Triúno: Pai, Filho e Espírito Santo. Isso leva nossa alma a uma canção contínua de louvor?

Luc 1:48-50 | Causa para o cântico de louvor

48 porque atentou na humildade de sua serva; pois eis que, desde agora, todas as gerações me chamarão bem-aventurada. 49 Porque me fez grandes coisas o Poderoso; e Santo é o seu nome. 50 E a sua misericórdia é de geração em geração sobre os que o temem.

Maria está ciente de sua pequenez e de que Deus olhou para ela exatamente por esse motivo. Ela está profundamente impressionada com a ação de Deus em relação a ela pessoalmente. Quando ela diz que todas as gerações a louvarão com bênção, ela não o faz para se exaltar, mas por causa do que Deus fez com ela e fez dela. Ela é o meio pelo qual Deus é honrado, não o objeto de adoração que a Igreja Católica Romana fez dela.

Ela canta sobre Deus como “o Poderoso”. A consciência de nossa própria inferioridade e do que Deus fez por nós nos levará a cantá-Lo como “o Poderoso”. Somente Ele, em Sua onipotência, poderia fazer isso por nós. Os remanescentes de Israel também passarão por essa experiência quando Deus os tirar da tribulação e os levar para as bênçãos do Reino de Paz.

Mas Ele não é apenas poderoso, Ele também é “santo”. Tudo o que Ele faz por nós se baseia em Sua santidade. Ele jamais poderá conceder qualquer bênção a uma pessoa, não importa quem seja, se essa pessoa não estiver em conformidade com Sua santidade. Isso é, ao mesmo tempo, a garantia de que a bênção é imutável e certa. Seu nome é santo, Ele abençoa quando tem em conta o pecado. Isso Ele fez no Filho que estava prestes a dar.

A bênção que Ele dá está ligada, por um lado, ao Seu santo nome, mas também à Sua “misericórdia”. Deus, em Sua misericórdia, cuida de pesso-

as miseráveis que não podem viver sem Ele e estão cientes disso. Ele não nega Sua misericórdia àqueles que O temem. Enquanto houver pessoas na Terra que clamem a Ele em sua aflição, Ele demonstrará Sua misericórdia. Isso é verdade para o remanescente que está em dificuldade, é verdade para o pecador que está em dificuldade, é verdade para o crente que está em dificuldade. Ele nunca deixa de ser o Misericordioso.

Luc 1:51-53 | O futuro cantado como cumprido

51 Com o seu braço, agiu valorosamente, dissipou os soberbos no pensamento de seu coração, 52 depôs dos tronos os poderosos e elevou os humildes; 53 encheu de bens os famintos, despediu vazios os ricos,

O que Maria canta nos versos 51-53 só se tornará realidade no Reino de Paz, mas a fé prevê esse estado. Maria canta sobre a poderosa obra de Seu braço. Ele lidará com Seu povo para realizar Seus planos. O que Ele fará é dirigido contra a arrogância do homem. Os arrogantes acham que têm as coisas sob controle, mas quando Deus começar a trabalhar, Ele dispersará os arrogantes. Nada restará deles.

Isso é verdade para o povo de Israel, que segue seu caminho na incredulidade, e também é verdade para as pessoas do mundo, que pensam que podem dominar tudo. Em ambos os casos, a maldade do raciocínio de seus corações é revelada.

Apesar de todos os esforços intelectuais e financeiros, o caos no mundo está aumentando em todas as áreas. No entanto, o homem, em sua arrogância, acha que pode controlar a situação. Deus, no entanto, intervirá nos assuntos mundiais em Seu próprio tempo, como já fez tantas vezes antes, de maneira pequena, em oculto, visível apenas para a fé.

A fé vê que os reis reinam por meio Dele (Pro 8:15-16; Rom 13:1). Ele os estabelece e os depõe (Eze 13:11; Dan 2:21). Ele afastou do trono homens poderosos como Faraó e Nabucodonosor e exaltou um menino pastor como Davi. Assim, Ele derrubará o trono de Satanás e exaltará Seu servo Jesus à vista de todos. Essa é a linguagem da fé, enquanto o mundo pensa que pode decidir por si mesmo quem governa sobre ele.

Dá paz ao crente, lembrando que mesmo aqueles que estão no poder não teriam poder se Deus não o tivesse dado a eles. O Senhor Jesus dá testemu-

nho disso (João 19:11). Esse pensamento sustentará o remanescente quando o Anticristo chegar ao poder e perseguir ferozmente os fiéis. Todos os crentes que gemem sob um governo anti-Deus podem saber disso.

Não apenas os governantes estão sob sua autoridade, mas as circunstâncias em que os crentes se encontram também estão sob sua autoridade. Ele acabará com toda a miséria social que é resultado da perseguição. Ele inverterá os papéis. Aqueles que passam necessidade serão saciados, e aqueles que se enriqueceram às custas dos outros perderão tudo.

Luc 1:54-55 | Deus cumpre Suas promessas

54 e auxiliou a Israel, seu servo, recordando-se da sua misericórdia 55 (como falou a nossos pais) para com Abraão e sua posteridade, para sempre.

O que Deus está prestes a fazer é uma prova de que Ele não se esqueceu de Seu servo Israel. Parecia que sim, porque o povo estava na miséria há muito tempo. Mas o destino de Seu povo O entristece. Ele sempre foi cheio de misericórdia para com Seu povo, mas agora é a hora de se lembrar de Sua misericórdia, de expressá-la. A fé está atenta a isso.

Maria, a fé, o remanescente crente – eles sabem que a base para a ação de Deus é a Sua Palavra. O que Ele prometeu, Ele fará. A bênção prometida virá. Mesmo que o povo – quando Seu Filho vier para trazer essa bênção – cumpra a medida da iniquidade, ainda assim Suas promessas permanecem. Ele as cumprirá.

Luc 1:56 | Maria volta para casa

56 E Maria ficou com ela quase três meses e depois voltou para sua casa.

Na época em que João estava para nascer, Maria voltou para casa. Ela havia estado com Isabel por três meses. Foram meses de comunhão, compartilhando das coisas boas que Deus daria. Que graça Deus dar esses momentos a seus filhos na Terra.

Luc 1:57-66 | O nascimento de João Batista

57 E completou-se para Isabel o tempo de dar à luz, e teve um filho. 58 E os seus vizinhos e parentes ouviram que tinha Deus usado para com ela de grande

misericórdia e alegraram-se com ela. 59 E aconteceu que, ao oitavo dia, vieram circuncidar o menino e lhe chamavam Zacarias, o nome de seu pai. 60 E, respondendo sua mãe, disse: Não, porém será chamado João. 61 E disseram-lhe: Ninguém há na tua parentela que se chame por este nome. 62 E perguntaram, por acenos, ao pai como queria que lhe chamassem. 63 E, pedindo ele uma tabuinha de escrever, escreveu, dizendo: O seu nome é João. E todos se maravilharam. 64 E logo a boca se lhe abriu, e a língua se lhe soltou; e falava, louvando a Deus. 65 E veio temor sobre todos os seus vizinhos, e em todas as montanhas da Judéia foram divulgadas todas essas coisas. 66 E todos os que as ouviam as conservavam em seu coração, dizendo: Quem será, pois, este menino? E a mão do Senhor estava com ele.

O milagre da gravidez de Isabel ocorre naturalmente. De forma igualmente natural, a vida de João se desenvolve no ventre de sua mãe. Quando ela completou o tempo de sua gravidez, deu à luz seu filho. Já se sabia que seria um filho. Sua alegria com o nascimento desse filho é grande. Seus vizinhos e familiares também compartilham dessa alegria. Todos eles reconhecem que o nascimento desse filho se deve à misericórdia do Senhor.

Eles não o consideram simplesmente como um ato de misericórdia, mas como um ato que faz com que a misericórdia do Senhor se destaque de maneira especial. O Senhor demonstrou sua misericórdia a Isabel de forma grandiosa por meio do nascimento de João. Essa grande misericórdia traz alegria. Sua misericórdia é mencionada repetidas vezes nessa passagem versos 50,54,58,72. Sua grande misericórdia deveria sempre nos levar a uma grande alegria, seja para nós mesmos ou para os outros.

João é circuncidado de acordo com a lei no oitavo dia (Gên 17:12; Lev 12:3). Nessa ocasião, aqueles que o circuncidam também lhe dão um nome. Eles o chamam de Zacarias. Esse é o nome de seu pai e, conseqüentemente, é assim que ele deve ser chamado. Mas eles não conhecem o chamado especial desse filho. Se não formos instruídos por Deus, agiremos de acordo com nossos hábitos. Isabel é instruída por Deus e dá a seu filho o nome que o anjo disse. Quando ela dá esse nome, está falando sobre a graça de Deus, pois João significa “Deus é misericordioso”.

Os outros não estão convencidos. Eles ouvem sobre a graça de Deus, mas isso não os convence. Eles não percebem que esse nome é mais do que um

nome para satisfazer a tradição. Por se apegarem a seus hábitos, perdem o significado especial do nome dele. Em seguida, acenam para o pai dele. Ele deve dizer qual deve ser o nome de seu filho. Zacarias ainda não consegue falar. Então, ele pede uma pequena tábua. Nela, ele escreve o nome de seu filho. Não é seu próprio nome, Zacarias. Com isso, ele prova sua fé.

Ele sabe que esse será seu único filho e, ainda assim, não lhe dá seu próprio nome. Dessa forma, ele renuncia ao seu direito sobre o filho e reconhece o direito que Deus tem sobre ele. Ao dar um nome que não tem relação com ele ou com sua família, Zacarias reconhece que o filho vem de Deus e que ele mesmo não tem direito a ele. Ele o consagra a Deus.

Os outros se espantam. Eles não compartilham a fé expressa no significado desse nome. Mas reconhecem que algo especial está acontecendo aqui. Muitos podem ficar impressionados com uma ação específica de Deus sem se curvar a esse Deus e reconhecer que Ele está agindo.

No momento em que Zacarias, em obediência e fé, escreve o nome “João”, o castigo de sua mudez termina. A incredulidade o deixou mudo, a fé abre sua boca. Ele reconhece a graça de Deus. Assim que consegue abrir a boca novamente e usar a língua, ele primeiro louva a Deus. Isso também é o que o remanescente fará quando o castigo de Deus na grande tribulação terminar e eles reconhecerem a graça de Deus.

Todos os que ouvem falar dessas coisas ficam com temor. Eles sentem algo além de sua compreensão, que não podem explicar, mas também não podem negar. Quando uma pessoa é confrontada com essas coisas e não consegue ver a mão do Senhor aqui por falta de fé, o medo a domina. Não se trata de medo, mas de admiração. De qualquer forma, isso proporciona muito assunto para conversar. Os eventos que envolvem o nascimento de João causam uma profunda impressão. Todos sentem que essa criança é especial. Eles sentem que a mão do Senhor está com esse menino. Em relação a João, você sente que o Senhor está com ele. Será que as pessoas nos conhecem assim?

Luc 1:67-73 | Deus se lembra de sua aliança

67 E Zacarias, seu pai, foi cheio do Espírito Santo e profetizou, dizendo: 68 Bendito o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e remiu o seu povo! 69 E nos

levantou uma salvação poderosa na casa de Davi, seu servo, 70 como falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo, 71 para nos livrar dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos aborrecem 72 e para manifestar misericórdia a nossos pais, e para lembrar-se do seu santo concerto 73 e do juramento que jurou a Abraão, nosso pai,

Depois de sua esposa Isabel verso 41, Zacarias agora também está cheio do Espírito Santo, por meio do qual começa a profetizar. Não deve ter sido difícil para o Espírito Santo fazer Zacarias falar. Zacarias pôde refletir por uns bons nove meses.

O nascimento de seu filho é a ocasião para sua profecia, mas o conteúdo de sua profecia não é seu filho. Embora ele também dedique algumas palavras a ele, o conteúdo de sua profecia é o Cristo de Deus ainda não nascido. Esse é sempre o fruto da obra do Espírito Santo, que sempre glorifica a Cristo.

Zacarias louva Yahweh, o Deus de Israel, porque Ele intercedeu por Seu povo. Ele fala sobre a vinda de Cristo como se ela já tivesse ocorrido. Geralmente, uma característica da profecia é falar de eventos como se já tivessem sido cumpridos, embora historicamente ainda estejam no futuro. Todos os eventos que ele menciona na primeira parte de seu cântico versos 68-75 só serão cumpridos em sua plenitude na segunda vinda de Cristo.

Ele fala sobre o Senhor visitando Seu povo. O Senhor teve que deixar Seu povo por causa de sua infidelidade (Eze 10:18-19; 11:23), mas agora Ele retorna a eles na pessoa de Seu Filho. Ele também fala sobre o fato de que o Senhor preparou a redenção para Seu povo. Essa será principalmente a salvação de seus pecados por meio de Sua obra na cruz. Também será a salvação, por meio da destruição dos inimigos de Israel em Sua segunda vinda.

Sua aparição vitoriosa está ligada à renovação da casa arruinada de Davi. O “chifre” é um símbolo de poder. O poder de salvação que Ele demonstrará é o resultado de Sua aliança com “a casa de Davi, Seu servo”. Todas as Suas ações que resultam na redenção e na bênção de Seu povo são o cumprimento de tudo o que Ele falou há muito tempo pela boca de Seus santos profetas.

Em sua profecia, Zacarias prevê eventos que trarão salvação ao povo de Deus: Deus os livrará de todos os seus inimigos e de todos os que os odeiam. O povo de Deus tem muitos inimigos e pessoas que o odeiam. A

tribulação e a perseguição são imensas, assim como o desejo de libertação. Cristo o libertará ao julgar seus inimigos. É isso que o judeu deseja. Nós também temos inimigos. No entanto, não esperamos que Cristo nos liberte deles matando-os, mas levando-nos para Si mesmo. Zacarias reconhece que a salvação dos inimigos é um ato de misericórdia.

A ação de Deus decorre do fato de que Ele “se lembra de Sua santa aliança”. Ele se comprometeu por meio de uma aliança a abençoar Seu povo. Nessa lembrança de sua santa aliança, o significado do nome “Zacarias” se torna verdadeiro. Zacarias, afinal, significa “o Senhor se lembrou”. O Espírito Santo o inspira a confiar na promessa incondicional feita a Abraão, assim como o fez Maria verso 55. No juramento de Deus, o significado do nome “Isabel” se torna realidade. Isabel significa “Deus jurou”. Com o fato de Deus ter jurado, Ele dá a garantia adicional de que cumprirá Suas promessas (Heb 6:13-18).

Luc 1:74-75 | O objetivo de Deus na salvação

74 de conceder-nos que, libertados das mãos de nossos inimigos, o servíssemos sem temor, 75 em santidade e justiça perante ele, todos os dias da nossa vida.

Deus tem um objetivo ao salvar Seu povo das mãos de seus inimigos. Ele quer que Seu povo O sirva sem medo. Isso também é verdade para nós. Deus dá isso, Ele é um doador. Se Deus nos resgatou das mãos de nossos inimigos, isso significa que não precisamos mais ter medo deles. Mas também não precisamos temer a Ele. Servir a Ele sem medo está relacionado ao amor (1Joã 4:18). O medo e o amor não são compatíveis, são mutuamente exclusivos. Quem teme a Deus mostra que não conhece realmente o amor de Deus.

Quando Ele libertou Seu povo para que eles possam servi-Lo sem medo, Ele os coloca diante de Si mesmo. Para que estejam lá, Ele cuida para que o povo se conforme à Sua santidade e justiça, não por pouco tempo, mas por todos os seus dias. O amor de Deus vai muito além do fato de eles poderem servi-Lo sem medo, por maior que seja. Eles podem estar diante Dele: em Sua presença imediata. Essa é a bênção do reino de paz.

Para nós, cristãos, esses conceitos vão muito além. Podemos saber que “como Ele é, assim somos nós neste mundo”, mesmo agora (1Joã 4:17). Isso

significa que os crentes têm o mesmo lugar que Cristo. Eu tenho justiça, mas a tenho Nele; tenho santidade, mas a tenho Nele; tenho vida, mas a tenho Nele; assim é com a glória, com a herança e com o amor. Deus nos abençoa não apenas por meio de Cristo, mas também com Ele, e não em conexão com a Terra durante o reino de paz, mas espiritualmente já agora e em breve no céu, e isso por toda a eternidade.

Em termos espirituais, nós nos revestimos do “novo homem”, “criado segundo Deus em verdadeira justiça e santidade”. “Santidade” significa ser separado para Deus, mesmo estando cercado pelo mal. “Justiça” significa que damos a cada um o que lhe é devido, tanto para Deus quanto para o homem.

Luc 1:76-79 | Profecia sobre João

76 E tu, ó menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque hás de ir ante a face do Senhor, a preparar os seus caminhos, 77 para dar ao seu povo conhecimento da salvação, na remissão dos seus pecados, 78 pelas entranhas da misericórdia do nosso Deus, com que o oriente do alto nos visitou, 79 para alumiar os que estão assentados em trevas e sombra de morte, a fim de dirigir os nossos pés pelo caminho da paz.

Nos versos 76-79, Zacarias se dirige ao menino João. Ao segurar o menino em seus braços e olhar para seu rosto, o ancião lhe dirige estas palavras, as primeiras que Zacarias lhe dirige. Ele fala a João sobre o grande privilégio de ter permissão para ser um profeta do Altíssimo. João tem permissão para preparar os caminhos do Senhor que nascerá (Isa 40:3). Esse Senhor supremo é o Senhor Jesus. O Altíssimo é o nome de Deus no Reino da Paz, onde Ele está acima de tudo e tudo está sujeito a Ele.

Zacarias diz a seu filho de que maneira ele será o precursor do Messias. Ele estará preparando o caminho no coração das pessoas. Ele sabe que a única maneira de ajudar “Seu povo”, ou seja, o povo do Altíssimo, será ensiná-los a receber o perdão de seus pecados e, assim, participar da salvação que Deus está preparando. Para esse fim, ele pregará o batismo de arrependimento. Sua pregação se baseia na “misericórdia sincera” de Deus, ou seja, na “misericórdia das entranhas de Deus”, como está escrito literalmente ali, que é vista tão claramente na vinda de Cristo.

“A ascensão do alto” é um eufemismo especial para Cristo. Sua vinda é realmente o amanhecer de um novo dia. Para o olho humano, todo nascer do sol na Terra acontece de baixo para cima, mas a ascensão de Cristo é de cima para baixo. Zacarias descreve a vinda da ascensão como se a luz brilhasse na escuridão e na sombra da morte (Isa 9:1). As pessoas estavam sem luz e a única perspectiva que tinham era a morte. Essa era a miséria em que o povo se encontrava. A vinda do Senhor Jesus oferece luz e esperança nessa condição.

Quando a luz chega, um caminho se torna visível. Esse caminho é o caminho da paz com Deus e uns com os outros. No início, eles não conheciam o caminho da paz (Rom 3:17). Por meio de Cristo e do sangue da cruz, eles podem ter paz com Deus e então colocar os pés no caminho da paz. Esse é o caminho da vida em que a sombra da morte se afastou. Nesse caminho, seus pés podem ser “direcionados”: Assim, Deus determina a direção de suas vidas.

Qualquer pessoa que tenha paz com Deus pode trilhar esse caminho enquanto seus pés estiverem calçados com a prontidão do evangelho da paz (Efé 6:15). Essa paz é celestial, é a paz de Deus (Flp 4:7). Quando tivermos essa paz, será visível em nossa caminhada que vivemos a partir dessa paz. Então, levamos a Deus tudo o que está em nosso coração. Então, descansamos em qualquer circunstância em que Ele nos coloca. O Senhor Jesus é o nosso exemplo nisso veja (Mat 11:25).

A paz de Deus é caracterizada pelo descanso de Deus em Seu trono e permanece intocada por toda a agitação da Terra. O diabo tentará fazer tudo o que puder para tirar essa paz de nós. Assim como aconteceu com Jó, ele usará todos os tipos de circunstâncias (menos boas) para fazer isso. No céu não há nada que nos deixe inquietos e nos faça perder a paz. O testemunho da realidade celestial será visto na Terra principalmente na paz que irradiamos em meio a toda a agitação.

Luc 1:80 | Anos preparatórios para João

80 E o menino crescia, e se robustecia em espírito, e esteve nos desertos até ao dia em que havia de mostrar-se a Israel.

Neste verso, temos o resumo da vida de João até o início de seu ministério. Deus lida com ele no silêncio do deserto para prepará-lo para o difícil sermão de arrependimento que ele terá de pregar nos dias que virão. É uma preparação espiritual para falar a um povo que se afastou de Deus.

Não lhe foi dada a tarefa de formar um partido político e, assim, tornar os pensamentos de Deus conhecidos pelo povo de Deus. Deus não o instrui em todos os tipos de métodos de batalha para que ele possa formar um exército e afugentar o inimigo dessa forma. O verdadeiro inimigo está no coração. Portanto, o coração deve ser alcançado. Para fazer isso, João precisa aprender a confiar somente em Deus.

Lucas 2

Luc 2:1-5 | O alistamento

1 E aconteceu, naqueles dias, que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse. 2 (Este primeiro alistamento foi feito sendo Cirênio governador da Síria.) 3 E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. 4 E subiu da Galiléia também José, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi chamada Belém (porque era da casa e família de Davi), 5 a fim de alistar-se com Maria, sua mulher, que estava grávida.

Após os vários anúncios de Deus por meio de um anjo em preparação para o envio de seu Filho, isso acontece: Deus envia “seu Filho em semelhança da carne do pecado” (Rom 8:3). Ele apresenta seu Filho primogênito ao mundo (Heb 1:6). Nesses dias de preparação, Deus não apenas fala por meio de um dos anjos mais poderosos do céu, Gabriel, mas também trabalha por meio do homem mais poderoso da Terra naquela época. Gabriel fez de bom grado o que Deus lhe disse para fazer. O imperador Augusto não tem a menor ideia de que Deus o está usando.

O imperador Augusto emite uma ordem para que todo o território que ele governa seja registrado, por causa dos impostos pendentes. O fato de esse imperador ter o poder de fazer isso ilustra o estado das coisas, tanto em Israel quanto no mundo. O imperador Augusto governa Israel. Isso mostra que a supremacia está nas mãos das nações, como Daniel anunciou (Dan 2:37; cf. Nee 9:36), e mostra que o trono de Deus não está em Jerusalém.

Mas vemos de forma impressionante quem realmente governa lá. O governante pagão Augusto não conta com Deus de forma alguma. Ele quer exercer domínio sobre todos os homens. Ele busca sua própria glória e riqueza para si mesmo e não a glória de Deus. Vemos como Deus usa o plano arrogante desse governante pagão para cumprir seu plano.

Quando se trata da importância e da glória do Senhor Jesus, o homem Augusto, com todo o seu poder e glória imperial, é apenas uma ferramenta na mão de Deus, que Ele usa para cumprir Seus conselhos. O fato de que Deus realmente tinha Sua mão nisso é demonstrado pelo fato de que o

anunciado alistamento não ocorreu até um aviso prévio, depois que Deus cumpriu Seu conselho a respeito do nascimento de Seu Filho. Deus inclina o coração dos reis como ribeiros de águas ((Pro 21:1), para que façam o que Lhe agrada. Como é grandioso, também sabemos que Deus está acima de tudo, e realiza todas as coisas de acordo com o conselho de Sua vontade, e executa Seus planos gloriosos para a bênção de Seu povo.

Ninguém resiste à ordem do imperador. Todos partem para a cidade onde nasceram. Todos devem obedecer. Tal é o poder do imperador que reside na distante Roma. Isso mostra a total humilhação e servidão do povo de Deus. Por causa de seus pecados, eles são servos dos gentios, de corpo e alma (Nee 9:36-37).

Agora fica clara a verdadeira intenção de Deus com esse alistamento, que o imperador ordenou. A ordem também se aplica aos habitantes da Judeia. É por isso que José também parte. Ele é apenas um servo do imperador e deve fazer o que ele diz. Esse descendente do rei Davi deve obedecer a essa ordem assim como qualquer outro israelita. Nenhuma exceção é feita para ele. Mas somente por meio de sua obediência a essa ordem é que o maravilhoso conselho de Deus é cumprido. Com isso, o Rei-Salvador nasce na cidade onde esse evento deve ocorrer de acordo com o testemunho de Deus.

Lucas descreve em detalhes de onde José vem, para onde ele vai e por que ele vai para lá. Para que José fosse para lá, Deus colocou em movimento toda a Terra, que estava sob o domínio de um governante pagão. Deus poderia muito bem ter dito a José para se mudar para Belém por um curto período. Mas as circunstâncias em que a ação de Deus ocorre têm o objetivo de nos dar a impressão da supremacia de Deus, que Ele usa para o bem de Seu povo. Ele executa Seu plano sem que as pessoas, e às vezes até mesmo os Seus, saibam como Ele age. Posteriormente, os Seus veem como Ele direcionou tudo para o bem deles. José ainda não está casado com Maria, mas está claro que eles pertencem um ao outro. Maria está grávida de acordo com a palavra do anjo. Ela está levando o Senhor Jesus.

Luc 2:6-7 | O nascimento do Senhor Jesus

6 E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. 7 E deu à luz o seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.

O Senhor Jesus passou pelo desenvolvimento no ventre de Maria pelo qual todo ser humano passa. Esse processo levou nove meses. Então chegou o dia em que o Salvador pôde nascer. O nascimento de Cristo, sua vinda ao mundo, é um evento de significado sem precedentes para a fé. Deus se torna homem e, assim, participa de sua criação. O Criador visita sua criação de uma forma que somente Deus poderia conceber e realizar. O Filho de Deus se humilha e se torna homem (Flp 2:7-8).

Quão completamente diferente é o Senhor de Teudas, por exemplo, que disse “ser alguém” (Atos 5:36). Cristo não assume a forma de um anjo e visita as pessoas dessa maneira, como havia feito com mais frequência. Ele também não vem como um homem adulto, como Adão. Ele também não vem com um exército de anjos para derrubar homens poderosos dos tronos e sentar-se neles por direito. Não, Ele nasce como um bebê que precisa de ajuda. Existe algo mais fraco do que um bebê recém-nascido? Assim, o Senhor vem e participa, como uma criança, de todas as fraquezas e condições da vida humana.

E onde Ele nasce? Não em um palácio, mas em um estábulo. Como resultado do alistamento, a hospedaria está cheia. Os ricos garantiram um lugar lá, então Cristo nasceu em um estábulo. Ninguém quer dar lugar à grávida Maria, que carrega o Salvador em seu ventre. Ninguém dá atenção a ela e à criança em seu ventre. Tudo atesta a pobreza e o fato de ela ser desconhecida. Isso também prova que não há lugar para Deus no mundo, nem mesmo para aquilo que é de Deus. Isso mostra ainda mais perfeitamente o amor que O trouxe à Terra.

A palavra “estalagem” usada aqui significa “alojamento para hóspedes”. É um cômodo simples, no meio, com um lugar para o gado. A palavra ocorre mais uma vez. O Senhor Jesus a usa quando fala do local onde comerá a Páscoa com Seus discípulos. Lá ela é traduzida como “aposento” (Mar 14:14). Ele o chama de “meu aposento”. Na hospedaria deste mundo não há lugar para Ele e também para os crentes. Mas há uma hospedaria onde os crentes são bem-vindos, um cenáculo onde Ele convida os Seus para estarem com Ele. Essa é a Sua própria hospedaria.

Luc 2:8-12 | Grande alegria para os pastores

8 Ora, havia, naquela mesma comarca, pastores que estavam no campo e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho. 9 E eis que um anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor. 10 E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo, 11 pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor. 12 E isto vos será por sinal: achareis o menino envolto em panos e deitado numa manjedoura.

Em Mateus 2, em relação ao nascimento do Senhor Jesus, encontramos os grandes homens do mundo (Herodes) e os dignitários religiosos (os escribas). Mas eles não sabem absolutamente nada sobre o nascimento de Cristo. Ficam sabendo do fato por meio dos sábios do Oriente, fora de Israel. Lucas nos mostra os pastores como os primeiros a ouvir a notícia do nascimento de Cristo. Naquela época, os pastores não eram muito estimados. Certamente, os vigias noturnos eram muitas vezes pessoas sem instrução. No entanto, é para eles que um anjo aparece para lhes falar sobre o tremendo evento do nascimento de Cristo. Os pastores são pessoas que fazem um trabalho que o Senhor Jesus também faz. Ele é o bom pastor. Eles estão ocupados com o rebanho e cuidam dele. Assim, o Senhor Jesus está ocupado com seu rebanho, seu povo.

Pela terceira vez nesses primeiros capítulos, um anjo aparece às pessoas com a mensagem da vinda do Senhor Jesus. Aqui também elas tiveram grande temor. Os anjos sempre causam uma forte impressão. Eles não são aparições agradáveis. Com Zacarias o anjo apareceu, com Maria ele entrou, aqui ele vem até eles. É como se o anjo estivesse ali de repente.

Mas agora há algo mais. Há também a glória do próprio Senhor brilhando ao redor deles. É a glória de Deus na nuvem. A glória de Deus pode chegar às pessoas porque a glória de Deus está presente na criança recém-nascida. Por isso, João pode dizer sobre o Senhor Jesus – afinal, ele e os outros discípulos O viram quando Ele estava com eles: “Vimos a Sua glória” (Joã 1:14). A glória do Senhor chegou ao Seu povo. Na noite escura, a luz gloriosa da presença do Senhor brilha. Ele aparece ao seu povo em gloriosa graça e não para consumi-lo.

O anjo os tranquiliza. Eles não precisam temer, pois ele vem com uma mensagem de grande alegria. Essa alegria não é apenas para eles, mas para todo o povo. Ao mesmo tempo, deve ter sido uma grande alegria para o anjo proclamar essa mensagem. A alegria também é uma característica desse Evangelho. Já ouvimos falar dela duas vezes no início (Luc 1:14,47) e a encontraremos mais vezes. O Evangelho também termina com ela (Luc 24:52). Um Deus que vem aos homens em graça como essa, não pode deixar de trazer grande alegria. Não é que todos os homens tenham parte nisso, mas todos podem ter parte nisso. A oferta é para todos, para todo o povo.

O motivo da alegria é, que “hoje”, neste momento, “nasceu um Salvador”, um Redentor, e não um Juiz ou um Legislador. O anúncio do nascimento do Salvador também não é geral, mas o anjo diz que Ele nasceu “para vós”. Esse grande evento é pessoal para eles. Eles podem saber que são os destinatários da graça de Deus, e todo ser humano pode saber disso. Nesse Salvador, a graça de Deus apareceu, trazendo salvação a todos os homens, sejam eles jovens ou idosos, ricos ou pobres, doentes ou saudáveis, fortes ou fracos. O Salvador nasceu para todos.

O Salvador não é outro senão “Cristo”, que significa “Ungido”. Ele também é o “Senhor”, ou seja, Yahweh, o Deus da aliança. O anjo também menciona o local de seu nascimento. No entanto, ele não diz “Belém”, mas “Cidade de Davi”. Isso significa que Ele é o Filho de Davi prometido, o Rei que estava para nascer. Em todos esses nomes que o anjo menciona, há uma plenitude da glória daquele que nasceu.

O anjo lhes dá um sinal pelo qual saberão que ele fala a verdade. Os que esperam um Messias como um poderoso herói de guerra, esplendidamente vestido e sentado em um trono, ficarão envergonhados. Dessa forma, Ele certamente voltará um dia. Isso os aterrorizará. Ele também deu um sinal para isso. O sinal ainda está por vir quando Ele aparecer pela segunda vez, e então em majestade (Mat 24:30). O sinal que o anjo dá aqui revela o Espírito com o qual Ele agora vem ao Seu povo e às pessoas em geral. O sinal é que eles encontrarão a pessoa poderosa que o anjo acabou de descrever em uma criança que se encontra na mais pobre das circunstâncias: Ele está envolto em faixas e deitado em uma manjedoura que serve para alimentar os animais.

Luc 2:13-14 | Glória, paz, prazer

13 E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus e dizendo: 14 Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens!

Enquanto o anjo fala assim sobre seu Criador e sobre o milagre de sua encarnação e as circunstâncias em que ela ocorreu, uma multidão de anjos se junta a ele. O céu se abre, por assim dizer, porque não pode ficar em silêncio diante de tal glória. Deus é revelado na carne e é visto aqui pelos anjos que agora veem seu Criador pela primeira vez (1Tim 3:16). Eles têm grande interesse nesse fato. Eles se assemelham aos querubins sobre a arca da aliança, que também, para simbolizar esse grande interesse, têm seus rostos voltados para baixo, olhando para a arca (Êxo 25:20).

Todos os anjos louvam a Deus. Os anjos estão ocupados com esse evento do qual depende o destino do universo e o cumprimento dos conselhos de Deus. Pois Ele escolheu o fraco para envergonhar o forte. Ao enviar a hoste de Seus anjos para esse pequeno grupo desprezado de vigias noturnos, Deus mostra que Ele passa por cima de todas as pessoas de alta posição em Jerusalém.

A vinda do Senhor Jesus torna visíveis três coisas. Em primeiro lugar, Deus no céu recebe honra e glória por meio dela. A glória de Deus é trazida à plena luz. Na vinda de Cristo, o amor, a sabedoria e o poder de Deus são revelados. Nela se manifesta um poder que se eleva acima do pecado e um amor que é revelado em meio ao pecado. É a sabedoria de Deus, que cumpre seu conselho eterno dessa maneira. Essa é uma superioridade do bem sobre o mal, que só é encontrada em Deus e que O glorifica. Ele vence o mal, o pecado, com o bem, com o Senhor Jesus.

O fato de Aquele que revela Deus estar presente na Terra, em segundo lugar, resultará em paz na Terra. Esse é o propósito de Sua vinda, por mais que Ele, por ser rejeitado, também seja causa de discórdia e conflito. O coro celestial não está preocupado com isso. Ele está preocupado com o fato de Sua presença e suas consequências, pois um dia elas serão plenamente realizadas no Reino da Paz. Aquele que realizará isso é a Pessoa que está presente agora.

A terceira consequência de Sua presença na Terra é o prazer de Deus nos homens, Sua afeição por eles. O fato de o Senhor Jesus ter se tornado homem prova o prazer de Deus nos homens. Ele não se preocupou com os anjos, mas com os descendentes de Abraão (Heb 2:16). Os homens são os objetos do amor e da graça infinitos de Deus. A vida revelada em Cristo é a luz dos homens e para os homens (Joã 1:4). É lindo ver esses seres santos louvando sem ciúmes o fato de que, por meio da encarnação do Verbo, outra geração foi elevada a esse lugar exaltado. O que importa é a glória de Deus, e isso é suficiente para eles.

Luc 2:15-20 | Os pastores

15 E aconteceu que, ausentando-se deles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros: Vamos, pois, até Belém e vejamos isso que aconteceu e que o Senhor nos fez saber. 16 E foram apressadamente e acharam Maria, e José, e o menino deitado na manjedoura. 17 E, vendo-o, divulgaram a palavra que acerca do menino lhes fora dita. 18 E todos os que a ouviram se maravilharam do que os pastores lhes diziam. 19 Mas Maria guardava todas essas coisas, conferindo-as em seu coração. 20 E voltaram os pastores glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes havia sido dito.

Quando os anjos concluem sua tarefa, eles retornam ao céu. Em seguida, os pastores se puseram a caminho. Eles se encorajam mutuamente a ir a Belém. Eles sabem que Belém é a cidade de Davi. A fé está presente e ativa nesses simples israelitas a quem o anjo do Senhor foi enviado. O Senhor lhes anunciou as coisas e isso os colocou em movimento. Eles querem ir e ver o que lhes foi dito.

Eles reagem de forma completamente diferente dos líderes religiosos que também ouviram sobre o nascimento do Rei. Os líderes se colocam à disposição do inimigo, e o resultado é um grande banho de sangue entre os bebês de Belém. Os pastores partiram para adorar. O mais rápido que podem, vão para Belém e lá encontram Maria, José e o bebê deitado na manjedoura. Eles não veem nada de espetacular, mas a criança que veem é a salvação de Deus que veio para a humanidade, mas de uma forma que é visível apenas para a fé.

Quando eles viram “isso” – ou seja, a criança – eles voltaram. Nada é dito sobre Maria e José. Trata-se da criança. E, vendo-a, começaram a falar sobre ela. Eles agora experimentaram pessoalmente o testemunho divino por meio do anjo sobre o que viram. Agora não podem mais guardar para si o que lhes foi dito e o que também viram. Eles precisam falar sobre isso com outras pessoas. O conteúdo de sua mensagem é o Verbo “como lhes havia sido dito”.

Todos os que ouvem o que os pastores dizem ficam maravilhados. No entanto, isso não fez com que as pessoas também fossem até a manjedoura para ver a criança. Era muito comum, na verdade um pouco embaraçoso, que o Messias viesse até eles dessa maneira.

A fé de Maria conserva tudo o que ela experimenta (veja também verso 51). Ela pensa sobre isso em seu coração. Para ela, não são impressões passageiras. Está muito claro que Deus está agindo e que o nascimento de seu filho é extraordinário e terá consequências extraordinárias. É com isso que ela está ocupada, e é com isso que a fé está preocupada.

Os pastores ficam impressionados com o que viram. Quando retornam ao rebanho, não fazem nada além de glorificar a Deus e louvá-Lo. Eles ouviram e viram tantas coisas bonitas. Tudo estava de acordo com o que o anjo havia lhes dito. Esse é um belo efeito da fé na Palavra, no que lhes foi dito. Eles não dão a ela um significado próprio, mas a aceitam como foi dita. Essa é a causa de sua glorificação e louvor a Deus. O mesmo acontecerá conosco se aceitarmos com fé o que lemos na Palavra de Deus. Então, não poderemos deixar de louvá-Lo pelo que Ele nos mostrou em Sua Palavra.

Luc 2:21 | A circuncisão do Senhor Jesus

21 E, quando os oito dias foram cumpridos para circuncidar o menino, foi-lhe dado o nome de Jesus, que pelo anjo lhe fora posto antes de ser concebido.

O Senhor Jesus é um homem de Israel, um judeu. Portanto, as leis também se aplicam a Ele. Ele nasceu de uma mulher e está sob a lei (Gál 4:4). Ele se submete às leis que Ele mesmo criou. Portanto, Ele também é circuncidado (Luc 1:59; Gên 17:12; Lev 12:3).

Como circuncidado, Ele é obrigado a guardar toda a lei (Gál 5:3). Ele fez isso. Em Sua circuncisão, Ele também recebeu o nome “Jesus”, que significa: “O Senhor é salvação”. Foi isso que o anjo disse, e é isso que acontece.

Sua circuncisão não apenas mostra Sua submissão à lei, mas significa muito mais. Ela também tem um significado espiritual. É uma indicação do que aconteceria com Ele na cruz do Calvário e o que de fato aconteceu. A circuncisão na cruz faz referência à morte sob o julgamento de Deus (Col 2:11), por meio da qual Ele realmente trouxe a salvação. Por meio disso, pode haver um novo começo para cada pessoa que aceita com fé que Cristo também suportou o juízo de Deus por ela sobre seus pecados.

O oitavo dia fala desse novo começo. É uma figura da nova criação de todos aqueles que participam da circuncisão de Cristo. Sua circuncisão é a base para que haja mais pessoas do bom prazer do que apenas Ele. Deus quer filhos de Sua boa vontade.

Luc 2:22-24 | A consagração do Senhor Jesus

22 E, cumprindo-se os dias da purificação, segundo a lei de Moisés, o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor 23 (segundo o que está escrito na lei do Senhor: Todo macho primogênito será consagrado ao Senhor) 24 e para darem a oferta segundo o disposto na lei do Senhor: um par de rolas ou dois pombinhos.

Após a circuncisão, ocorrem os dias de purificação. Depois que José e Maria se submeteram ao ritual de purificação (Lev 12:1-6), eles o levaram a Jerusalém para apresentá-lo ao Senhor no templo. Lucas é o evangelista que menciona repetidamente o templo. Ele começa seu Evangelho com uma cena no templo e termina com isso.

O Senhor Jesus é o Filho primogênito de Maria. Portanto, Ele também deve ser tratado de acordo com a prescrição de Êxodo 13 (Êxo 13:2,12-13). Mas Ele não é apenas literalmente o Filho primogênito de Maria, Ele também é, no sentido pleno da palavra, o primogênito de todos os homens e de toda a criação (Col 1:15; Heb 1:6), porque Ele é o mais importante. Como resultado de Sua circuncisão na cruz, Ele também é o primogênito dentre os mortos (Col 1:18) e, portanto, também o primogênito entre muitos irmãos (Rom 8:29).

Deve ter sido uma grande alegria para Deus quando Maria apresentou seu Filho a Ele. Deus já via tudo isso nEle. Deus viu que Seu Filho levaria muitos filhos à glória (Heb 2:10). O Evangelho de Lucas é o Evangelho da filiação, dos filhos aceitos.

Na santificação, um sacrifício deve ser oferecido para isso. José e Maria fazem o mesmo. A partir do sacrifício que eles oferecem, fica claro em que circunstâncias miseráveis o Senhor nasceu (Lev 12:8). Seus pais trazem o sacrifício dos pobres. Ao mesmo tempo, esses sacrifícios abrem caminho para o verdadeiro sacrifício que seria o Senhor Jesus. Seu sacrifício é a base sobre a qual a adoração pode ser realizada. Estamos no templo, o local de adoração. A adoração só pode ocorrer com base no sacrifício de Cristo e só pode ocorrer por meio daqueles que, como filhos agraciados de Deus, estão unidos ao Filho do seu amor.

Luc 2:25-28 | Simeão toma o menino em seus braços

25 Havia em Jerusalém um homem cujo nome era Simeão; e este homem era justo e temente a Deus, esperando a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele. 26 E fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que ele não morreria antes de ter visto o Cristo do Senhor. 27 E, pelo Espírito, foi ao templo e, quando os pais trouxeram o menino Jesus, para com ele procederem segundo o uso da lei, 28 ele, então, o tomou em seus braços, e louvou a Deus, e disse:

Depois que foi realizado de acordo com a lei, o que deveria ser feito ao Senhor, nosso olhar é direcionado com um “Havia” para um homem em Jerusalém. Ele é um dos muitos homens em Jerusalém, mas esse homem tem características especiais. Seu nome é “Simeão”, que significa “ouvin-te”. Ele aprendeu a ouvir a voz do Senhor. Você pode ver isso em sua vida. Ele é “justo” perante os outros homens e teme a Deus. Ele vive para a glória de Deus. Assim, ele também tem amor pelo povo de Deus que está na miséria. Ele também é um homem com expectativas para o futuro. Ele espera pela “consolação de Israel”, que ele sabe que virá. Ele sabe disso pelas escrituras. O Espírito Santo gosta de se conectar com alguém assim.

Em Simeão, vemos o remanescente temente a Deus que, de acordo com o que o Espírito opera nele, reconhece o Senhor como o Vindouro. O remanescente inclui aqueles que estão cientes da miséria e da decadência de Is-

rael, mas que, ao mesmo tempo, esperam no Deus de Israel e confiam que Ele confortará Seu povo em Sua fidelidade imutável. Eles sempre clamam: “Até quando?” (Slm 6:3; 13:2; 79:5; 89:46; 90:13; 94:3).

Mas vemos mais em Simeão. Vemos nele o espírito de adoção. Aquele que possui o Espírito de adoção e é guiado por Ele é alguém com quem Deus pode ter comunhão e com quem pode compartilhar Seus pensamentos. Deus pode tornar Seus pensamentos claros para Simeão. Simeão espera pela consolação de Israel, e o primeiro a ser consolado é ele mesmo. Ele acredita em todas as promessas de Deus com relação ao consolo de Israel. Ele também acredita na promessa de Deus com relação a ele pessoalmente. Deve ter sido um grande incentivo para ele ouvir que veria o Cristo do Senhor com seus próprios olhos.

Simeão chega ao templo, não por uma estrela, um sonho ou um anjo, mas pelo Espírito Santo que está sobre ele. Ele é guiado pelo “Espírito de adoção” (Rom 8:14-15). Um homem como Simeão, que se deixa guiar pelo Espírito, chega ao templo no momento certo. Ele entra no templo e lá também vão José e Maria com o menino Jesus.

Ele não precisa perguntar se a criança que esse casal tem com eles é o Cristo do Senhor. O Espírito deixa isso claro. Os pastores viram os anjos e admiraram a criança, os sábios viram a estrela e se prostraram diante do menino, mas Simeão o tomou em seus braços. Ele o abraça e o aperta em seu coração. Em seus braços está a salvação do mundo e a paz para a Terra. Assim, aquele que aperta a criança em seu coração já tem a salvação e a paz em seu coração, enquanto na Terra ainda não há paz. Quando você abraça Cristo dessa maneira, não pode deixar de louvar a Deus.

Luc 2:29-32 | O cântico de louvor de Simeão

29 Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra, 30 pois já os meus olhos viram a tua salvação, 31 a qual tu preparaste perante a face de todos os povos, 32 luz para alumiar as nações e para glória de teu povo Israel.

Quando Simeão tem a criança em seus braços, ele louva o Senhor, seu Mestre, de quem é servo. O Senhor fez com que sua palavra se cumprisse nele. Agora ele pode partir em paz. A Lei de Moisés jamais permitiria que

um homem pecador partisse em paz. Simeão, por outro lado, pode partir em paz por causa do que seu Senhor disse. Isso não é imaginação, mas fé sóbria. É “segundo a tua palavra”, não apenas um forte desejo ou uma esperança otimista, mas uma certeza completa. Nada é tão certo quanto os testemunhos de Deus e Sua Palavra. Agora ele viu com seus próprios olhos o cumprimento das promessas de Deus. Pois Simeão havia recebido uma indicação de Deus de que não veria a morte até que tivesse visto o Cristo do Senhor. Isso lhe foi prometido, e agora ele O vê!

Mas a paz com a qual ele pode partir, de acordo com a palavra do Senhor, não é só para ele. É também para outros que não verão a criança, mas que acreditam no Senhor Jesus, pois Paulo escreve: “Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens” (Tit 2:11). Em nenhum cântico de louvor anterior ouvimos falar de nossa salvação, que é para todas as nações e não apenas para Israel. Por isso, Simeão vai mais longe do que os outros.

Ele fala sobre como as nações viviam em trevas durante o período em que Deus reconheceu Israel como seu povo. Para as nações, esses eram “os tempos da ignorância” (Atos 17:30). Naqueles tempos, Deus foi tolerante com os atos delas. Mas agora, diz o apóstolo, Deus ordena a “todos os homens, em todo lugar” que se arrependam (Atos 17:30). Desculpar-se por ignorância não é mais válido. A luz brilha, a verdadeira luz. Cristo é essa luz, e Ele é uma luz para a revelação às nações. Agora é o tempo de cegueira para Israel, mas para as nações que permaneceram nas trevas por tanto tempo, a luz está sendo revelada. Elas estão saindo de sua posição humilhada.

Além disso, quando Deus tiver concluído sua obra entre as nações, ela se tornará realidade: “... para a glória do teu povo Israel”. Portanto, o importante verso 32 nos mostra qual será a consequência se Israel rejeitar o Messias e o que acontecerá no futuro antes que eles cheguem à posição que Deus planejou para eles. Essa não é a ordem que encontramos nos profetas, onde o Senhor é visto como a glória de Israel, como aquele que também abençoa as nações, mas onde as nações estão subordinadas ao povo escolhido. Nesse verso 32, a ordem é invertida e muito significativa: “Uma luz para a revelação das nações e para a glória do teu povo Israel”.

Lucas está falando sobre a dispensação atual. O estado de coisas predito pelos profetas segue esse tempo extraordinário (que é o tempo em que estamos vivendo) quando a luz será revelada às nações. Então, Ele elevará Israel à mais alta glória terrena, acima de todas as outras nações. Deus, em Sua sabedoria, garantiu que Sua bondade será sempre para os povos, mas, ao mesmo tempo, cumprirá Suas promessas antigas e especiais a Israel. Durante a atual dispensação, é preciso necessariamente distinguir essas duas coisas.

Luc 2:33-35 | A espada na alma de Maria

33 José e Maria se maravilharam das coisas que dele se diziam. 34 E Simeão os abençoou e disse à Maria, sua mãe: Eis que este é posto para queda e elevação de muitos em Israel e para sinal que é contraditado 35 (e uma espada traspassará também a tua própria alma), para que se manifestem os pensamentos de muitos corações.

José e Maria são chamados de “seu pai e sua mãe”. Ele foi confiado a eles como Seus pais. Para eles, Ele é um bebê especial com uma tarefa especial. Eles não conseguem entender o quão extraordinário Ele é e o que Sua tarefa implica. Eles ouvem com espanto o que Simeão diz sobre Ele sob a orientação do Espírito de Deus.

Em seguida, lemos que Simeão abençoa “eles”, ou seja, José e Maria, não a criança. Ele então diz uma palavra especialmente para Maria. Seu filho se tornaria a grande referência para todos em Israel (Isa 8:14-15). Muitos cairiam por causa dele, mas também haveria muitos que se levantariam após a queda. Isso acontecerá com um remanescente no futuro (Rom 11:11-15).

Nos versos 31 e 32, ouvimos a explicação de que os conselhos de Deus um dia certamente seriam cumpridos no Messias. Ouvimos a alegria do coração de Deus. Os versos 34 e 35 descrevem o efeito de Jesus ser apresentado a Israel na Terra como o Messias. Deus está provando o coração do homem. Ele será um sinal que será contestado. Encontramos três vezes que o Senhor Jesus é um sinal, cada vez em um contexto diferente, mas cada vez em conexão com um evento de significado extraordinário. O primeiro sinal está relacionado à sua vinda em humildade, o sinal de uma criança em uma manjedoura verso 12. O segundo sinal está associado à sua

rejeição, morte e ressurreição aqui em (Luc 11:29-30). O terceiro sinal está relacionado à sua aparição em majestade (Mat 24:30).

Em relação ao segundo sinal, que será contestado, uma espada transpassará a alma de Maria. Quando ela vir seu filho ser rejeitado e os laços naturais do Messias com Seu povo serem rompidos e negados, isso causará grande dor em sua alma. Ele será rejeitado e morto porque revelará os pensamentos de muitos corações, pois Ele é luz. Então ficará claro que os homens odeiam a luz e que amam mais as trevas do que a luz. Nele serão revelados os conselhos de Deus e o coração do homem.

Luc 2:36-38 | A profetisa Ana

36 E estava ali a profetisa Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Esta era já avançada em idade, e tinha vivido com o marido sete anos, desde a sua virgindade, 37 e era viúva, de quase oitenta e quatro anos, e não se afastava do templo, servindo a Deus em jejuns e orações, de noite e de dia. 38 E, sobrevindo na mesma hora, ela dava graças a Deus e falava dele a todos os que esperavam a redenção em Jerusalém.

Depois de Simeão, um homem especial, Lucas apresenta uma mulher especial. Ela também merece atenção especial em relação ao nascimento do Salvador. Ela é “uma profetisa”, ou seja, uma pessoa que entende os pensamentos de Deus e sabe como aplicá-los ao seu coração e à sua consciência. Ela possui o espírito de profecia, que é Cristo (Apo 19:10). Sua vida girava e gira em torno de Cristo. Todos os nomes mencionados têm belos significados. Seu próprio nome é “Ana”, que significa “graça”. Ela é filha de “Fanuel”, que significa “a face de Deus”, e vem da tribo de “Aser”, que significa “feliz”. O fato de ela vir de Aser significa que ela não pertence às duas tribos de Judá e Benjamim que retornaram à terra após o cativeiro babilônico, mas que ela pertence às dez tribos que ainda estão na dispersão. Isso deixa clara a graça de Deus, que é dirigida a todo o povo, a todas as doze tribos.

Ela foi casada por apenas sete anos, depois ficou viúva e sempre permaneceu assim. Lucas tem uma preferência por viúvas. Ele escreve sobre cinco viúvas em seu Evangelho (Luc 2:37; 4:26; 7:12; 18:3; 21:2). Nesse meio tempo, ela envelheceu, mas sua força espiritual permaneceu. Por sentir

profundamente a miséria de Israel, ela clama com o coração de uma viúva “noite e dia” ao trono de Deus por um povo para o qual Deus não é mais o esposo. Assim como ela, o povo é, na realidade, uma viúva, só que o povo não entende isso e não quer entender. Ela acha que pode reivindicar Deus para si (cf. Apo 18:7).

Ana se volta para Deus com todo o seu ser em favor do povo. Por isso, ela jejua e ora constantemente a Deus. Assim como Simeão está no templo no momento certo, Ana também chega lá no momento certo. Ela também não precisa ser informada sobre a criança que Simeão tem em seus braços. Por meio do Espírito de Deus, ela entende que está vendo Cristo.

Aqui os que temem o Senhor se reúnem e conversam entre si (Mal 3:16). Os que pertencem ao remanescente conhecem uns aos outros. Ana fala com eles. Ela proclama que o Senhor visitou seu templo. Todos eles estavam esperando em Jerusalém pela redenção. Agora o Salvador está aqui, desconhecido para o povo, mas que motivo de alegria para o pobre remanescente. Que resposta à sua fé!

Luc 2:39-40 | De volta a Nazaré

39 E, quando acabaram de cumprir tudo segundo a lei do Senhor, voltaram à Galiléia, para a sua cidade de Nazaré. 40 E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele.

Depois que o Senhor Jesus foi apresentado ao SENHOR de maneira tão especial, José e Maria voltaram com a criança para a desprezada Nazaré, no norte sombrio de Israel. Lá Ele cresce. Foi desse lugar, que tem um tom de desprezo, que Ele se autodenominou quando estava na glória e impediu Saulo de se enfurecer contra Ele (Atos 22:8). Ele não poderia ter sido nosso Salvador se tivesse recebido glória em Jerusalém. Seu lugar é no meio dos pobres do rebanho em todo o Israel.

O nascimento de uma criança, muda profundamente a vida de uma família. Com uma criança assim na família, esse certamente terá sido o caso. No entanto, a vida segue seu curso normal para José e Maria durante a infância e o crescimento do Senhor Jesus. José trabalha como carpinteiro. Eles têm mais filhos (Mar 3:31).

Como um resumo dos primeiros doze anos da vida do Senhor como homem, somos informados de que Ele passa pelo desenvolvimento normal próprio do homem. Ele é verdadeiramente humano e está crescendo em espírito, alma e corpo. Toda a Sua vida é um testemunho da graça de Deus que está sobre Ele. A graça de Deus apareceu Nele e chegou tão perto dos homens que eles O experimentam diariamente sem que Ele seja particularmente notado como um homem. Ele certamente se destacou por Sua perfeição em todas as coisas.

Luc 2:41-45 | O menino em Jerusalém

41 Ora, todos os anos, iam seus pais a Jerusalém, à Festa da Páscoa. 42 E, tendo ele já doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume do dia da festa. 43 E, regressando eles, terminados aqueles dias, ficou o menino Jesus em Jerusalém, e não o souberam seus pais. 44 Pensando, porém, eles que viria de companhia pelo caminho, andaram caminho de um dia e procuravam-no entre os parentes e conhecidos. 45 E, como o não encontrassem, voltaram a Jerusalém em busca dele.

Na Lei, é ordenado que os israelitas – isto é, os homens – subam a Jerusalém por ocasião das festas anuais. Uma dessas festas é a Páscoa (Êxo 12:24-27; Deu 16:1-8). Os pais do Senhor Jesus são israelitas devotos e, por isso, também sobem todos os anos para a festa. Como o filho deles completou doze anos, Ele também vai à festa com Seus pais.

Seus pais estão acostumados a ir à festa. Os hábitos não são errados. Provavelmente será errado se algo for feito apenas por hábito. Precisamos saber por que fazemos algo por hábito, caso contrário, isso se torna uma forma vazia e não percebemos mais que o Senhor se afastou de nós. Se formos às reuniões por obrigação e ocuparmos nosso lugar habitualmente, talvez o façamos com o coração vazio. Então, deixamos de perceber que o Senhor não está mais lá, assim como não estava mais em Laodicéia.

Quando os dias da festa terminam, o Senhor Jesus fica em Jerusalém sem que Seus pais saibam. Para Ele, ir a Jerusalém não se trata apenas de cumprir o que a Lei determina. Para Ele, isso tem um significado mais profundo. Jerusalém e o Templo são lugares muito queridos para Ele. São lugares que Ele mesmo escolheu, onde fez habitar o Seu nome. É lá que

Ele quer ficar. Seus pais não sabem o que realmente Lhe move o coração. O que seria desobediência para qualquer outra criança é perfeição para Ele.

Seus pais supõem que Ele esteja em algum lugar entre o grupo de viajantes, que deve ter sido bastante numeroso. Depois de procurá-Lo por um dia, eles não O encontraram. Eles apenas procuraram nos lugares errados. Também pode acontecer conosco de procurarmos o Senhor Jesus nos lugares errados. Isso acontece quando pensamos que Ele está conosco porque temos uma família temente a Deus ou que Ele está com aqueles que têm muito conhecimento da Bíblia. No entanto, a questão é se O conhecemos pessoalmente e sabemos que Ele faz tudo para a glória de Deus.

Quando não conseguem encontrá-Lo, retornam a Jerusalém. Eles perderam o Filho, sentem Sua falta e O querem de volta. Esse é um belo desejo.

Luc 2:46-50 | Os negócios de seu Pai

46 E aconteceu que, passados três dias, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. 47 E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas. 48 E, quando o viram, maravilharam-se, e disse-lhe sua mãe: Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu, ansiosos, te procurávamos. 49 E ele lhes disse: Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai? 50 E eles não compreenderam as palavras que lhes dizia.

Passaram-se três dias até que José e Maria O encontrassem. Parece que eles também não pensaram primariamente em Jerusalém e no Templo como os lugares onde Ele poderia estar. Eles não são como Simeão e Ana, que foram levados até lá pelo Espírito. O Senhor Jesus permanece onde Deus está presente e onde a Palavra de Deus está sendo examinada, onde as pessoas se dedicam dia e noite a estudar os pensamentos de Deus.

Eles ainda sabem tão pouco sobre o que realmente O move que provavelmente só vão ao templo como a última chance de encontrá-Lo. O espanto ao vê-Lo sentado ali, no meio dos mestres de Israel, deve ter sido visível neles. Mas observe Sua atitude para com os mestres. Como é apropriado para um menino de doze anos, que, afinal, é o Deus eterno! Ele os ouve e lhes faz perguntas. Muitos anos mais tarde, eles Lhe farão perguntas, mas então para testá-Lo e encontrar uma ocasião para condená-Lo.

Por meio desse menino simples, é revelado a todos os que O ouvem algo que eles não conseguem explicar, mas que os surpreende muito. Eles veem um menino completamente normal que, ao mesmo tempo, revela características sobrenaturais. Ele é o mesmo que dá a Estêvão sabedoria e o Espírito, de modo que Ele fala de uma forma que Seus adversários não conseguem resistir (Atos 6:10). Pouco tempo depois, os adversários veem o rosto de Estêvão como o rosto de um anjo (Atos 6:15). Esse não é o caso do Senhor Jesus. Não há nada de especial Nele, Ele “não tinha parecer nem formosura” (Isa 53:2), mas o que Ele diz é muito impressionante.

Seus pais ficam surpresos ao encontrá-Lo ali. Maria dá um suspiro de alívio por finalmente tê-Lo encontrado e O repreende por deixá-los procurar daquela maneira. Ela fala de José como “seu pai”, mostrando que se esqueceu de quem é o pai Dele. Essa também é a razão pela qual eles não conseguiram encontrá-Lo no início.

A resposta que Ele dá são as primeiras palavras que ouvimos de Sua boca no Novo Testamento. São palavras que deixam claro o significado de Sua vida. Suas primeiras palavras expressam que Ele é facilmente encontrado por aqueles que O conhecem. Aqueles que sabem do que Ele está tratando não precisam procurar muito. O problema de Maria e José é que eles têm suas próprias ideias sobre quem é seu filho. Eles não consideram que Ele veio à Terra com uma missão e que, para cumprir essa missão, Ele tem contato constante com Seu Pai.

O Senhor Jesus tem plena consciência de que Sua maneira de agir é correta. Ele não admoesta Sua mãe diretamente, mas, com mansidão e humildade, repreende Sua mãe com perguntas que indicam a ela por que Ele está na Terra. Se isso tivesse ficado claro para ela, ela saberia que Ele está no Templo. Afinal de contas, ela mesma foi a Jerusalém porque sabia que Deus exigia isso. Ela também partiu novamente porque as exigências foram cumpridas. Ele está sempre no que é de Seu Pai, e é por isso que ficou lá.

O que Ele diz – as perguntas que Ele faz – não é compreendido por eles, e isso porque eles não perceberam o suficiente o que O ocupa.

As perguntas que o Senhor faz a Seus pais são perguntas que os filhos sempre podem fazer a seus pais. São perguntas sobre o porquê das coisas que os pais fazem (cf. Êxo 12:26; Jos 4:6,21). O que respondemos quando

nossos filhos perguntam por que vamos à igreja ou por que não vamos? O que respondemos quando eles nos perguntam por que lemos – ou não lemos – a Bíblia? Todas as perguntas que às vezes nos fazem parar como pais, para pensar, como está nossa vida com o Senhor.

Luc 2:51-52 | O Senhor Jesus cresce

51 E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito. E sua mãe guardava no coração todas essas coisas. 52 E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens.

Quando a tarefa do Senhor em Jerusalém terminou, Ele volta para casa com Seus pais. Ele desce com eles para Nazaré. Isso é mais do que apenas uma descrição de que Nazaré é mais baixa do que Jerusalém. Ela descreve a maneira como o Senhor caminhou em humilhação.

Diante de José e Maria, Ele assume Seu devido lugar. Ele obedece às ordens que recebe de Seu Pai e as executa direta e perfeitamente, sem discussão. Eles devem ter se perguntado várias vezes sobre seu Filho mais velho, porque Ele faz tudo o que Lhe é pedido imediatamente e sem resmungar. Eles também viram Seu desenvolvimento. Ele é tão verdadeiramente humano que passa pelo mesmo crescimento físico e espiritual que qualquer outro ser humano.

Deus O vê com agrado. Ele está se desenvolvendo em completa harmonia com Deus e está em conformidade com tudo o que Deus disse que um ser humano deve ser. Em tudo, ele está orientado para Deus. A lei de Deus está em Seu ser mais íntimo, é Seu desejo fazer a vontade de Deus (Slm 40:9). Portanto, Ele cresce perfeito em tudo como o puro fruto da Lei. Isso continua por dezoito anos.

Ele também é um convidado bem-vindo entre as pessoas. Sua presença é uma bênção para todas as pessoas. Elas sentem Sua presença como uma bênção. Ele sempre tem tempo para elas, dá atenção a elas e está sempre pronto a ajudar.

Lucas 3

Luc 3:1 | A época em que João aparece

1 E, no ano quinze do império de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, e Herodes, tetrarca da Galiléia, e seu irmão Filipe, tetrarca da Ituréia e da província de Traconites, e Lisânias, tetrarca de Abilene,

A seção anterior mostrou o Senhor Jesus aos doze anos de idade. Dezoito anos se passaram desde então. O ministério do Senhor Jesus começa e é anunciado por João Batista, assim como o profeta Samuel foi o precursor de Davi em sua época. A época em que ele apareceu pela primeira vez é mencionada em conexão com o domínio gentio sobre o povo de Deus.

A Judeia é uma província sob a autoridade do reino das nações. As outras áreas de Canaã estão sujeitas a vários governadores, que, por sua vez, estão sujeitos ao Império. O povo está em um estado caótico, tanto externa quanto internamente, naquele momento. A vontade de Deus é que sua terra seja governada pelo Messias, o rei-sacerdote (Zac 6:1). Deus modelou esse estado no Antigo Testamento em Davi e Levi.

No entanto, tanto a realeza quanto o sacerdócio passaram para as mãos de pessoas que não se importam com Deus, mas pensam apenas em si mesmas. A terra de Deus é governada pelo imperador do Império Romano, que é representado por seu governador Pôncio Pilatos. Além disso, vários tetrarcas governam. Um tetrarca é um príncipe ao qual a quarta parte de um país está sujeita. Isso significa uma fragmentação ainda maior do império do que as duas partes em que ele já estava dividido. Dois desses tetrarcas pertencem à dinastia herodiana, ou seja, são descendentes de Esaú. Eles podem, portanto, pertencer a uma nação irmã, mas essa nação irmã é uma das que mais odeia o povo de Deus.

Não apenas há a incomum dominação pagã, mas tudo está em confusão em seu interior. Há dois sumos sacerdotes. Quem já ouviu falar que havia dois sumos sacerdotes? Anás é o sogro de Caifás (Joã 18:13).

No final desse Evangelho, vemos todos esses líderes, políticos e religiosos, fazendo causa comum para levar o Senhor Jesus à cruz.

Luc 3:2-6 | João Batista e a Palavra de Deus

2 sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes, veio no deserto a palavra de Deus a João, filho de Zacarias. 3 E percorreu toda a terra ao redor do Jordão, pregando o batismo de arrependimento, para o perdão dos pecados, 4 segundo o que está escrito no livro das palavras do profeta Isaías, que diz: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas. 5 Todo vale se encherá, e se abaixará todo monte e outeiro; e o que é tortuoso se endireitará, e os caminhos escabrosos se aplanarão; 6 e toda carne verá a salvação de Deus.

Nas circunstâncias que acabamos de descrever, a Palavra de Deus chega a João. Esse é um evento muito significativo. Durante quatrocentos anos, nenhum profeta havia chegado a Israel com a Palavra de Deus. A Palavra de Deus chega a João no deserto, não aos líderes religiosos em Jerusalém, o centro religioso. Lá, Deus não tem mais acesso com sua palavra, porque os líderes determinam seu próprio curso e se bloqueiam à sua voz. O deserto é o lugar que corresponde à condição espiritual do povo. É aqui que começa o ministério do profeta João. Deus sempre envia um profeta quando o povo está em declínio.

Os profetas anteriores pediram que o povo voltasse à lei que havia violado. João não continua com isso, ele chama ao arrependimento. Eles precisam perceber que estão irremediavelmente perdidos com base na lei.

O lugar onde ele prega não é o templo ou Jerusalém. Ele se retirou do centro religioso. Ele prega junto ao rio Jordão. Esse rio simboliza a morte e a ressurreição de Cristo. Ele é o precursor de Cristo e aponta para Ele em seu sermão. Em seu sermão, ele pede arrependimento para que as pessoas possam receber o perdão dos pecados e ser batizadas. O batismo une alguém a Cristo e o coloca ao Seu lado.

Há uma diferença entre o batismo de João e o batismo cristão. O batismo de João se conecta com o Messias vivo. O batismo cristão se conecta com um Cristo rejeitado e morto (Rom 6:3). O batismo de João tem a ver com o arrependimento e o perdão dos pecados. Somente dessa forma alguém pode ser verdadeiramente unido a Cristo. Ao mesmo tempo, aqueles que são batizados se distanciam das pessoas sem Deus. Eles formam um remanescente que espera por Cristo. A pregação e o batismo de João têm o objetivo de preparar espiritualmente os corações para receber o Messias.

O aparecimento de João é predito, não “no livro do profeta Isaías”, mas “no livro das palavras do profeta Isaías”. Com isso, Lucas enfatiza o fato de que cada palavra do livro é inspirada. Não se trata apenas da linha principal, mas de cada palavra. Vemos isso também nessa citação. Com a vinda do Senhor Jesus, essa profecia é cumprida. João é apenas uma voz. Ele fica completamente em segundo plano em relação àquele que está sendo anunciado.

A citação de Isaías apresenta João como a “voz do que clama no deserto”. E o que João está clamando? Ele conclama ao povo para preparar o caminho do Senhor, que é Yahweh. O Senhor Jesus é o Yahweh do Antigo Testamento. João chama o povo para se preparar para receber o Senhor que virá em Cristo. Essa preparação deve ser feita no coração e colocada em prática, abrindo o caminho. Para isso, ele prega o batismo de arrependimento para o perdão dos pecados.

A vinda de Cristo tem uma consequência gloriosa e de longo alcance que não se limita a Israel. Lucas, sob a orientação do Espírito Santo, fala de “todo vale”, de “todo monte e colina” e de “toda carne”. Em Mateus, Marcos e João, a citação não vai tão longe. Mas Lucas, embora tenha começado com os judeus, não se limita a eles; ele tem em mente todas as nações. Por isso, o Espírito Santo acrescenta expressões especiais nos versos 5 e 6, descrevendo o escopo e a grande extensão. Aquele que vem não é outro senão Deus, revelado na carne. Portanto, a salvação que vem por meio Dele não se limita a Israel, mas vem para “toda a carne”. Essa graça para todas as pessoas é o tema especial de Lucas.

Luc 3:7-9 | O Sermão de João Batista

7 Dizia, pois, João à multidão que saía para ser batizada por ele: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? 8 Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos Abraão por pai, porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão. 9 E também já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo.

As multidões vêm a João, mas isso não significa que ele só vê a multidão e não vê o indivíduo. João não fala em geral para as multidões, ele fala para

o indivíduo. Ele faz do Evangelho uma questão pessoal e cuida para que as pessoas não se deixem levar pelas massas em uma escolha que não venha de uma verdadeira convicção interior.

Seu comportamento não tem nada a ver com a diversão popular à qual o Evangelho, infelizmente, às vezes é degradado hoje em dia. Ele dirige palavras, lisonjeiras, às multidões, para deixar claro de quem elas realmente descendem. Eles têm o diabo como pai. Eles não devem pensar que podem se gabar de serem descendentes de Abraão (Joã 8:39), de modo que a ira vindoura provavelmente não os afetará. Não é assim. A linguagem clara de João, portanto, não fará com que os verdadeiramente humilhados entre eles recuem, mas sim os confirmará em seu arrependimento.

João ressalta que o arrependimento sincero de uma pessoa deve ser visto na vida que ela leva. O arrependimento inclui frutos que correspondem a ele. Frutos dignos de arrependimento são falar a verdade e fazer o que é de acordo com a vontade de Deus. Esses frutos vêm da nova vida que alguém recebe quando se converte. No entanto, há pessoas em sua audiência que querem ser batizadas porque acham que têm o direito de sê-lo. Elas não estão falando de arrependimento, mas de um novo caminho. Elas não estão falando de arrependimento, porque não precisam dele, como pensam. Eles não pertencem à linhagem de Abraão? Não pertencem ao povo escolhido de Deus? Então eles têm direito a todas as bênçãos.

Esse raciocínio mostra que não há consciência de ser um pecador e merecer o inferno. O fato de alegar descendência não dá acesso às bênçãos. Vangloriar-se de privilégios externos não impressiona a Deus (Joã 8:33-40). Ele busca a verdade interior (Slm 51:6). Deus também não é obrigado a abençoar uma pessoa por causa do que ela exige. Em Sua onipotência, Ele pode criar filhos de pedras mortas e imputá-los a Abraão. Em certo sentido, Ele também fez isso com todo ser humano que se converteu (Rom 4:9-12). Não é a descendência natural que faz de alguém um filho de Deus, mas somente o Espírito de Deus e a Palavra de Deus (Joã 3:5). Deus levanta seus filhos de um material morto e sem valor.

Em seu sermão, João aponta para o julgamento que em breve recairia sobre o povo. Não apenas a bênção está ligada à vinda de Cristo, mas também o julgamento. Qualquer pessoa que O rejeitar e, portanto, não der bons

frutos, será eliminada da vida e lançada no fogo do inferno. O machado já foi colocado na raiz, ou seja, na causa, no problema dos frutos ruins. A raiz não é boa e, portanto, o fruto também não é bom. Como a raiz está podre, só há frutos podres ou nenhum fruto. Não há nada a ser feito com o velho homem.

Luc 3:10-14 | Mostrando os frutos do arrependimento

10 E a multidão o interrogava, dizendo: Que faremos, pois? 11 E, respondendo ele, disse-lhes: Quem tiver duas túnicas, que reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, que faça da mesma maneira. 12 E chegaram também uns publicanos, para serem batizados, e disseram-lhe: Mestre, que devemos fazer? 13 E ele lhes disse: Não peçais mais do que aquilo que vos está ordenado. 14 E uns soldados o interrogaram também, dizendo: E nós, que faremos? E ele lhes disse: A ninguém trateis mal, nem defraudeis e contentai-vos com o vosso soldo.

O sermão de João causa uma forte impressão nas multidões. Elas perguntam o que devem fazer, quais são os frutos do arrependimento. Para essas perguntas, os diferentes grupos que se aproximam de João recebem dele a resposta apropriada. Nas diferentes respostas que João dá, uma raiz comum do mal parece se tornar visível, que é a ganância, o vício em dinheiro. O modo como lidamos com o dinheiro é uma excelente indicação de como está nosso coração. Se Cristo não for o Senhor de nosso dinheiro e de nossas posses, então Ele não é nosso Senhor.

O primeiro grupo deve dar a outros de sua abundância. O segundo grupo não deve roubar os outros para enriquecer a si mesmo. O terceiro grupo deve se contentar com o que tem. Para as multidões em geral, João diz que elas devem dar de sua riqueza a outros que não têm nada.

Essa é uma medida importante da genuinidade da conversão. Se houver vida de Deus, ela se manifestará em nossa doação de nossas posses aos outros. Deus é um Deus que dá. Quem tem a natureza de Deus agirá como Ele. O jovem rico – aqui chamado de chefe – ilustra o oposto (Luc 18:18-30).

Um grupo especial na multidão é o dos publicanos. Eles também vieram para serem batizados e perguntam o que se espera deles. Essa é uma boa pergunta. Alguém que acabou de se converter nem sempre sabe imediata-

mente como agir em todas as coisas da vida cotidiana. Muitas vezes, por meio da conversão, haverá um senso adequado do que é apropriado, mas muitas vezes isso precisa ser apontado primeiro. Então, o discernimento também estará presente e a ação se seguirá. O mal que caracteriza os publicanos não é sua profissão, mas a maneira como a praticam. Eles abusam de sua posição e exigem mais do que apenas os impostos prescritos que deveriam cobrar. João lhes diz o que devem fazer. Na conversão do cobrador de impostos, Zaqueu, vemos um exemplo do que João está dizendo aqui (Luc 19:1-10; 5:27-30). Zaqueu faz ainda mais do que João diz para os publicanos fazerem.

Os soldados formam outro grupo especial que vem a João com a pergunta sobre o que devem fazer. Para os soldados, também, não é sua profissão que os caracteriza; o mal é que eles abusam de seu poder. Ao mesmo tempo, eles demonstram claramente que estão insatisfeitos com seu salário. Os soldados de uma força de ocupação têm poder sobre os outros. O exercício do poder geralmente traz à tona o que há de mais maligno no homem. A ganância o leva a abusar de seu poder para se enriquecer às custas dos outros. Saquear é roubar, é tomar ilegalmente a propriedade de outra pessoa usando a força e sem poupar ninguém. Essas pessoas não têm consciência e facilmente acusarão falsamente os outros para serem poupadas da punição ou para se safarem melhor. Ainda assim, é importante que elas estejam satisfeitas com seu salário. A rebelião contra o superior, o empregador, nunca é algo adequado para o convertido. O contentamento é uma marca da fé em um Deus que se importa e evita saques.

Luc 3:15-17 | João testifica de Cristo

15 E, estando o povo em expectativa e pensando todos de João, em seu coração, se, porventura, seria o Cristo, 16 respondeu João a todos, dizendo: Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, a quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias; este vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. 17 Ele tem a pá na sua mão, e limpará a sua eira, e ajuntará o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga.

As pessoas estão completamente cativadas por esse homem e sua pregação, e sentem muito bem que se trata de algo muito especial. Isso os faz

pensar que João poderia ser o Cristo. O Espírito de Deus está agindo sobre eles. O poderoso sermão de João, que ele prega sem medo do homem, faz com que todos pensem em Cristo. A intenção de Deus é que todo sermão leve Cristo às pessoas. Elas não devem pensar que o pregador é Cristo. O fato de as pessoas pensarem se João poderia ser o Cristo deixa claro que elas têm ideias sobre Cristo que não são operadas pelo Espírito de Deus. Os pastores, Simeão e Ana não tiveram dificuldade em reconhecer Cristo.

João vê o que eles estão pensando. Portanto, ele rejeita imediatamente qualquer pensamento de que poderia ser o Cristo e fala sobre a diferença entre ele e Cristo. Com fidelidade, João aponta para aquele que vem depois dele. Ele não permite, nem por um momento, que as pessoas o tenham em alta conta. Ele fala de si mesmo como alguém que batiza com água. Esse é um ato simbólico. O que o Senhor Jesus fará vai muito além. Ele provará Seu poder batizando com o Espírito Santo e com fogo. O batismo com o Espírito Santo foi o que Ele fez no Dia de Pentecostes, quando formou a igreja ao derramar o Espírito Santo.

O batismo com fogo é o que Ele fará quando vier à Terra pela segunda vez. Então, Ele executará o julgamento sobre todos os ímpios. O fogo é o julgamento que consome o mal. À luz dessa poderosa Pessoa, João nem mesmo se considera digno de fazer o humilde serviço de soltar as amarras das sandálias.

Cristo provará Seu poder ao distinguir perfeitamente entre os que pertencem a Ele e os que não pertencem. Ele separará o trigo do joio. O trigo são aqueles que pertencem a Ele, que O têm como vida (Joã 12:24) esses Ele reunirá em “Seu” celeiro, o céu. O joio são os incrédulos; Ele os lançará no fogo inextinguível do inferno.

Luc 3:18-20 | O fim do ministério de João

*18 E assim admoestando-os, muitas outras coisas também anunciava ao povo.
19 Sendo, porém, o tetrarca Herodes repreendido por ele por causa de Herodias, mulher de seu irmão Filipe, e por todas as maldades que Herodes tinha feito,
20 acrescentou a todas as outras ainda esta, a de encerrar João num cárcere.*

João fez muitas outras exortações ao povo e, assim, proclamou o evangelho. Aqui vemos que a proclamação do evangelho anda de mãos dadas

com a exortação. Entre todas as exortações com as quais João proclama o Evangelho, ele também denuncia a corrupção no modo de vida de Herodes, que se manifestava em várias áreas.

João menciona uma em particular, que é seu relacionamento adúltero com Herodias, a esposa de seu irmão. João não poupa ninguém em sua pregação, pois seu principal objetivo é preparar cada pessoa para aceitar Cristo. João Batista não é fiel apenas em relação às classes mais baixas do povo, mas também em relação às mais altas. Seu testemunho de Cristo é inabalável, ele não faz nada para sua própria glória, para que, dessa forma, possa glorificar o Senhor.

Depois que Lucas descreve o serviço fiel de João, ele menciona sua prisão. Assim, João experimenta o sofrimento por causa da justiça, pois ele é preso por causa de sua justiça. Historicamente, isso acontece mais tarde, porque João também batizou o Senhor Jesus, e o verso seguinte fala sobre isso. Mas isso estabelece o fim do ministério de João. Lucas faz isso para que toda a atenção agora recaia sobre aquele em quem a graça de Deus se manifestou, “trazendo salvação a todos os homens” (Tit 2:11).

Luc 3:21-22 | O batismo do Senhor Jesus

21 E aconteceu que, como todo o povo se batizava, sendo batizado também Jesus, orando ele, o céu se abriu, 22 e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e ouviu-se uma voz do céu, que dizia: Tu és meu Filho amado; em ti me tenho comprazido.

De todos os relatos que temos sobre o batismo do Senhor, somente em Lucas encontramos o fato de que Ele orou após o batismo. Por meio da oração se expressa a verdadeira dependência. Lucas descreve a perfeita humanidade do Senhor; ele O mostra oito vezes em oração, sete vezes na terra e uma vez elevado da terra, na cruz (aqui e em Luc 5:16; 6:12; 9:18,29; 11:1; 22:41; 23:34).

Ao ser batizado, o Senhor Jesus assume Seu lugar no meio dos “santos que estão na terra” (Slm 16:3). Isso se refere ao remanescente que O aguarda. Desde o primeiro passo que essas almas humildes dão no caminho da graça e da vida, encontramos o Senhor Jesus lá com elas. E quando Ele está lá, isso representa, ao mesmo tempo, o favor e o prazer do Pai e a presença

do Espírito Santo. Vemos isso quando o céu se abre. Toda a atenção do céu está voltada para esse homem de oração na Terra. Ele não tem, como Estêvão, um objeto no céu; Ele mesmo é o objeto do céu (Atos 7:55-56). Toda vez que o céu se abre, Ele é o objeto de admiração do céu (Joã 1:51; Apo 19:11).

Por um momento, o Espírito se torna visível, a voz do Pai é ouvida e o Filho está visivelmente presente. Essa é uma revelação maravilhosa do Deus trino. No Filho, na Terra, habita corporalmente toda a plenitude da Divindade. Essa plenitude da Divindade ainda habita corporalmente Nele, agora que Ele está na glória do céu (Col 1:19; 2:9). O Pai expressa do céu o Seu prazer pessoal Nele. Ele faz o mesmo em Marcos (Mar 1:11), enquanto em Mateus Ele expressa Seu prazer em Seu Filho como um testemunho diante dos outros: “Este é o Meu Filho amado” (Mat 3:17). Deus dá esse testemunho quando há o perigo de que Ele seja colocado no mesmo nível das pessoas pecadoras. Vemos isso também no Monte da Transfiguração (Luc 9:35). Cristo assume Seu lugar como homem, mas Deus cuida para que continuemos a vê-Lo como o Homem singular.

Luc 3:23-38 | A genealogia do Senhor Jesus

23 E o mesmo Jesus começava a ser de quase trinta anos, sendo (como se cuidava) filho de José, e José, de Eli, 24 e Eli, de Matate, e Matate, de Levi, e Levi, de Melqui, e Melqui, de Janai, e Janai, de José, 25 e José, de Matatias, e Matatias, de Amós, e Amós, de Naum, e Naum, de Esli, e Esli, de Nagai, 26 e Nagai, de Maate, e Maate, de Matatias, e Matatias, de Semei, e Semei, de José, e José, de Jodá, 27 e Jodá, de Joanã, e Joanã, de Resa, e Resa, de Zorobabel, e Zorobabel, de Salatiel, e Salatiel, de Neri, 28 e Neri, de Melqui, e Melqui, de Adi, e Adi, de Cosã, e Cosã, de Elmadã, e Elmadã, de Er, 29 e Er, de Josué, e Josué, de Eliézer, e Eliézer, de Jorim, e Jorim, de Matate, e Matate, de Levi, 30 e Levi, de Simeão, e Simeão, de Judá, e Judá, de José, e José, de Jonã, e Jonã, de Eliaquim, 31 e Eliaquim, de Meleá, e Meleá, de Mená, e Mená, de Matatá, e Matatá, de Natã, e Natã, de Davi, 32 e Davi, de Jessé, e Jessé, de Obede, e Obede, de Boaz, e Boaz, de Salá, e Salá, de Naassom, 33 e Naassom, de Aminadabe, e Aminadabe, de Admim, e Admim, de Arni, e Arni, de Esrom, e Esrom, de Perez, e Perez, de Judá, 34 e Judá, de Jacó, e Jacó, de Isaque, e Isaque, de Abraão, e Abraão, de Tera, e Tera de Naor, 35 e Naor, de Serugue, e Serugue, de Ragaú, e Ragaú,

de Faleque, e Faleque, de Éber, e Éber, de Salá, 36 e Salá, de Cainã, e Cainã, de Arfaxade, e Arfaxade, de Sem, e Sem, de Noé, e Noé, de Lameque, 37 e Lameque, de Metusalém, e Metusalém, de Enoque, e Enoque, de Jared, e Jared, de Maalalel, e Maalalel, de Cainã, 38 e Cainã, de Enos, e Enos, de Sete, e Sete, de Adão, e Adão, de Deus.

Lucas registra que o Senhor Jesus tinha cerca de trinta anos de idade quando começou Seu ministério público. No Antigo Testamento, essa era a idade em que os levitas podiam começar seu ministério público (Núm 4:3,23,30,35,39,43,47).

Lucas então lista o registro genealógico do Senhor Jesus. Ele começa esse registro genealógico observando que se pensava que Ele era filho de José. José era considerado Seu pai, ou seja, Seu pai legal. Isso é importante para os direitos legítimos do Senhor Jesus ao trono de Davi. Esses direitos são evidentes no registro genealógico de José que Mateus apresenta (Mat 1:1-17). Quando Lucas apresenta o registro genealógico posteriormente, aquele até Davi no verso 31 difere completamente do registro genealógico de Mateus. Isso não pode significar outra coisa senão que temos aqui o registro genealógico passando por Maria, como geralmente se supõe.

Por Seu nascimento de Maria, Ele é homem. Isso não precisava ser provado por um registro genealógico. Por que, então, esse registro genealógico? Porque esse registro genealógico remonta a Adão, que, por sua vez, saiu das mãos de Deus. Isso enfatiza o fato de que o Senhor Jesus, mesmo como homem, é o Filho de Deus. Seguindo essa linha de pensamento, Paulo também poderia dizer aos atenienses que, como seres humanos, somos “semente de Deus” (Atos 17:29; Gên 1:27).

Além disso, em todos os nomes mencionados aqui, vemos como Deus determinou e manteve ao longo dos séculos a linhagem cujo objetivo final era o nascimento de Seu Filho. Deus operou por meio de todos esses antepassados para trazer esse homem ao mundo no momento certo. Toda a história antes Dele é uma preparação para Sua vinda. Maria é uma agraciada entre as mulheres, mas todos esses antepassados também foram agraciados por estarem na linha direta por meio da qual a graça de Deus tomaria forma plena em Seu Filho.

Lucas 4

Luc 4:1-2 | A tentação pelo diabo

1 E Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto. 2 E quarenta dias foi tentado pelo diabo, e, naqueles dias, não comeu coisa alguma, e, terminados eles, teve fome.

O Senhor foi batizado. O Espírito Santo, que O gerou e que sempre O encheu completamente, desceu sobre Ele, e esse é o sinal de que Seu ministério pode começar. Mas primeiro Ele é conduzido ao deserto pelo Espírito que O selou. Ele é o verdadeiro Filho que é guiado pelo Espírito de filiação. Ele não é apenas conduzido ao deserto, mas também, quando está no deserto, é conduzido de um lado para o outro no deserto. Portanto, a iniciativa para as tentações vem do Espírito que leva o Senhor ao lugar onde isso deve acontecer.

O Espírito faz isso para nos mostrar o que o Homem é de acordo com os pensamentos de Deus e para que Ele possa ser um exemplo para nós nesse aspecto. O Senhor não foi tentado como o Filho eterno, mas como o Filho de Deus que é homem. Por isso, Ele pode ser um exemplo para nós. O objetivo é que Ele passe pelas tentações em que Adão falhou. Adão foi tentado e sucumbiu nas circunstâncias mais ideais. O Senhor passa pelas tentações nas circunstâncias em que nos encontramos, não nas de Adão. Ao permanecer firme nas tentações, Ele amarrou o forte e agora pode começar Seu ministério de libertar as pessoas do poder do diabo.

Lucas não descreve as tentações em ordem histórica (como Mateus), mas em uma ordem moral, ou seja, em uma ordem de acordo com o conteúdo das tentações. Essa ordem está de acordo com a forma como João lista os elementos do mundo em sua carta: “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (1João 2:16). O Senhor é tentado primeiro em vista de Suas necessidades físicas, depois em vista da glória do mundo; finalmente, o diabo tem uma tentação espiritual pronta para Ele, propondo que Ele reivindique Seu direito como Messias. A primeira tentação trata da concupiscência da carne, a segunda da concupiscência

dos olhos, a terceira da soberba da vida. As tentações do diabo afetam o homem inteiro, seu corpo, alma e espírito (veja 1Tes 5:23), onde a ordem é invertida).

Todas essas tentações afetam o Senhor de tal forma que Sua perfeição brilha ainda mais. Ele pode dizer que o diabo não tem nenhum ponto de conexão com o pecado Nele (Joã 14:30). Não podemos dizer isso, mas podemos nos manter firmes, assim como Ele fez, quando as tentações surgem em nosso caminho. A vitória não é conquistada por acharmos que estamos acima de tudo, mas por seguirmos o exemplo do Senhor Jesus ao aplicar a Palavra de Deus. Ela deve ser sempre o guia normal de nossa vida em todas as circunstâncias. Isso significa que agimos somente conforme a vontade de Deus e que agimos com confiança Nele. Essa é a verdadeira obediência e a verdadeira dependência. É assim que o Senhor age, e o que Satanás pode fazer com uma pessoa que nunca se move fora da vontade de Deus e para quem essa vontade é a única força motriz para a ação?

O Senhor Jesus foi tentado pelo diabo durante quarenta dias. As três tentações registradas para nós são suas últimas e mais severas tentações. Aqui o diabo faz tudo o que pode para fazer com que o Senhor aja, o que não tem nada a ver com a missão de Deus. E como Ele ficou fraco quando não comeu por quarenta dias. Esse é o momento dado para que o diabo venha com suas últimas tentações. Moisés também não comeu nem bebeu por quarenta dias, mas ficou sozinho com Deus o tempo todo, sem que Satanás tivesse acesso a ele (Êxo 24:18). É claro que o Senhor também estava com Deus o tempo todo, mas ainda estava exposto a todas essas tentações do diabo.

Luc 4:3-4 | A primeira tentação

3 E disse-lhe o diabo: Se tu és o Filho de Deus, dize a esta pedra que se transforme em pão. 4 E Jesus lhe respondeu, dizendo: Escrito está que nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra de Deus.

O diabo introduz a primeira de suas três últimas tentações com as palavras: “Se tu és o Filho de Deus”. Ele desafia o Senhor, por assim dizer, a provar que Ele é, afinal de contas, fazendo pão de uma pedra. O diabo reconhece o poder que a palavra do Senhor tem, que Ele só precisa dizer isso à pedra, e

a pedra se transformaria em pão. E Ele não estava com uma fome enorme? Não seria então melhor usar Seu poder para remediar isso? Mais tarde, Ele satisfará várias vezes uma grande multidão com alguns poucos pães.

Também não se trata de saber se Ele pode ou não, mas se o Pai quer. Essa primeira tentação tem a ver com a necessidade física de alimento, que também é própria de Cristo. Ele é verdadeiramente humano e precisa de pão para Seu corpo. Ter fome não é pecado, e comer para saciar a fome também não é pecado.

Como dito, Ele tem o poder de fazer pão dessa pedra. O uso de Seu poder também não é pecado. No entanto, se Ele usasse esse poder para Seu próprio benefício, por insistência do diabo, e comesse agora, Ele teria pecado. Ele teria comido sem ter recebido a ordem de Seu Pai. Se Ele tivesse comido, teria sido guiado por Suas necessidades físicas em vez de por Seu Pai. Ele teria deixado que Sua própria vontade prevalecesse em vez de depender da vontade de Deus.

Como Ele responde perfeitamente ao diabo com uma citação da Palavra de Deus. O Senhor não diz a Satanás: “Eu sou Deus e você é Satanás, vá embora”. Isso não teria sido para a glória de Deus, nem teria nos ajudado. Ele assume o lugar que nós também temos. Assim como Ele, só podemos resistir às tentações do diabo e afugentá-lo por meio da Palavra de Deus.

Sua resposta a essa primeira tentação mostra que Ele assumiu a posição em relação a Deus que convém aos homens, que é a posição de perfeita dependência de Deus. A vida natural do homem depende de comer pão. A vida espiritual do homem depende de ele aceitar a Palavra de Deus e obedecer a ela. Ele ouve todas as manhãs o que Deus tem a dizer (Isa 50:4) e isso determina o que ele faz e fala e aonde vai; é aí que ele encontra sua força. Muitos crentes vivem de pedras em vez de pão. Se a Palavra não for nosso alimento diário, não devemos esperar que nossos filhos a peçam.

O Senhor Jesus sempre cita algo de Deuteronômio. Nesse livro, a jornada no deserto está atrás do povo e a Terra Prometida está diante deles. Nesse livro, Deus mostra ao povo como supriu suas necessidades no deserto, o que quis ensinar a eles no deserto e que bênçãos gloriosas estão reservadas para eles após o deserto. Deus quer formar o coração deles por meio de tudo o que diz neste livro, para que todos se concentrem somente Nele.

Ele deseja ter um povo de filhos com os quais possa falar sobre o que ocupa Seu coração. E um filho é para o prazer de Deus. Vemos isso perfeitamente no Filho, mas Deus quer muito ver isso em todos os Seus filhos. Isso exige que nossas vidas sejam formadas pela Palavra de Deus e que vivamos de acordo com ela, e não deixemos que nossas vidas sejam determinadas por nossas necessidades físicas, como se tudo girasse em torno disso.

Luc 4:5-8 | A segunda tentação

5 E o diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe, num momento de tempo, todos os reinos do mundo. 6 E disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero. 7 Portanto, se tu me adorares, tudo será teu. 8 E Jesus, respondendo, disse-lhe: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Adorarás o Senhor, teu Deus, e só a ele servirás.

Em sua segunda tentação, o diabo O leva a uma alta montanha. Dessa altura, ele permite que Ele veja todos os reinos da Terra. Como se Ele não fosse onipresente! Mas aqui Ele é humano e se submete a essa tentação. Também vemos aqui o poder do diabo, que é capaz de mostrar em um instante todos os poderes dominantes e a glória associada a eles. Aliás, ele só pode exercer esse poder quando Cristo lhe dá a oportunidade.

A grande tentação consiste no fato de o diabo oferecer a Ele a possibilidade de obter todo o poder sobre todos os reinos da Terra e toda a glória associada a ele sem ter de sofrer por isso. Como essa oferta deve ter sido atraente para alguém que está extremamente enfraquecido! O diabo não se vangloria quando diz que os reinos foram entregues a ele. Tem sido assim desde que o homem lhe deu o domínio sobre sua vida na queda. Quando ele diz que os entrega a quem ele quiser, isso é um engano. Em um sentido limitado é assim (Apo 13:4), mas em termos absolutos é uma mentira. Pois Deus é o governante supremo (Dan 4:25). Ele nomeia reis e os depõe (Dan 2:21). No entanto, o Senhor não nega nem uma coisa nem outra.

O diabo quer dar a Ele os reinos, mas exige algo em troca. O diabo nunca dá nada sem que um preço seja pago. O preço é sempre: honra para ele. A astúcia diabólica de sua proposta é que, se o Senhor Jesus tivesse feito isso e se apropriado dos reinos dessa forma, Ele estaria no poder do diabo ao mesmo tempo, e o diabo realmente teria todo o domínio. O que o diabo dá

não é perdido para ele. Quem aceita qualquer coisa dele vende sua alma a ele.

Em resposta a essa segunda tentação, o Senhor Jesus cita novamente algo da Palavra de Deus, e novamente do quinto livro de Moisés. O diabo sugeriu que Ele deveria adorá-Lo com uma simples genuflexão. Mas a Palavra de Deus diz que toda adoração e serviço devem ser somente para Deus. Com essa resposta, o Senhor mostra, por um lado, que a única coisa com a qual Ele se preocupa é a completa devoção a Deus. Por outro lado, Ele deixa claro que, sob essa luz, o poder e a majestade mundanos não significam nada para Ele em si mesmos.

Adorar a Deus é o chamado mais elevado de um homem. Deus, o Pai, quer adoradores, é isso que Ele está procurando (Joã 4:23-24). O Deuteronômio também trata particularmente de um lugar de adoração, onde Deus quer encontrar Seu povo como filhos, para que eles O adorem. Os filhos dizem “Aba, Pai” (Rom 8:15; Gál 4:5-6). Conhecer e desfrutar desse relacionamento faz com que toda a glória do mundo seja totalmente insignificante.

Luc 4:9-12 | A terceira tentação

9 Levou-o também a Jerusalém, e pô-lo sobre o pináculo do templo, e disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, 10 porque está escrito: Mandará aos seus anjos, acerca de ti, que te guardem 11 e que te sustentem nas mãos, para que nunca tropeces com o teu pé em alguma pedra. 12 E Jesus, respondendo, disse-lhe: Dito está: Não tentarás ao Senhor, teu Deus.

Em sua terceira tentativa de tentar o Senhor, o diabo o leva ao Templo de Jerusalém. O Senhor se deixa levar até o pináculo do Templo. O diabo sugere que Ele se jogue de lá. Mais uma vez, ele apresenta essa proposta com as palavras desafiadoras: “Se tu és o Filho de Deus...” Ele está dizendo: “Se você realmente é, então prove isso para mim”. Para dar ênfase à sua tentação, o diabo agora cita algo da própria Palavra de Deus. Ele diz que, se o Senhor é de fato o Filho de Deus, Ele pode se lançar tranquilamente, pois pode contar com o apoio preservador dos anjos de Deus. Não é Ele a quem os anjos adoram? Se Ele fizesse isso, ficaria famoso entre os homens na praça do templo. Eles certamente o aceitariam como o Messias.

Essa tentação é, na verdade, uma tentação de autoexaltação naquilo que Deus concedeu. Mas o Senhor Jesus não busca a si mesmo. Ele também conhece a Palavra. Ele sabe que o mesmo Salmo fala sobre habitar no esconderijo do Altíssimo. Esse é o lugar que Ele ocupa e, portanto, o pensamento de tentar a Deus está totalmente fora de Seu alcance. Ele não tem necessidade de “pôr Deus à prova” para saber se o que Ele disse é verdade.

Além disso, quando o diabo cita a Bíblia, ele sempre cita trechos. O diabo conhece a Bíblia muito bem. Ele cita o Salmo 91 (Slm 91:11-12). Mas podemos ter certeza de que, quando ele cita algo da Bíblia, ele sempre distorce os versos ou os reproduz apenas parcialmente. Aqui ele deliberadamente omite algo, a saber, as palavras “para te guardarem em todos os teus caminhos”. O diabo não fala sobre os caminhos do Senhor, porque o Senhor Jesus segue Seu caminho em obediência a Deus.

A terceira tentação é fazer com que ele duvide da fidelidade de Deus. É um teste para saber se Deus cumpre o que disse em Sua Palavra. Na resposta que o Senhor dá, que novamente vem das Escrituras, e novamente de Deuteronômio, fica clara a Sua total confiança em Deus. Israel tentou Deus em Refidim. Eles queriam saber de uma vez por todas se Deus estava com eles, quando as evidências eram tão abundantes. O Senhor resiste à tentação com a palavra bíblica que adverte contra tentar o Senhor seu Deus. É uma afronta a Deus se não confiarmos em Sua palavra, mesmo que as circunstâncias pareçam provar que não se pode confiar em Deus.

Luc 4:13-15 | Prosseguindo no poder do Espírito

13 E, acabando o diabo toda a tentação, ausentou-se dele por algum tempo. 14 Então, pela virtude do Espírito, voltou Jesus para a Galiléia, e a sua fama correu por todas as terras em derredor. 15 E ensinava nas suas sinagogas e por todos era louvado.

Com essas três tentações, o diabo terminou todas as suas tentações. Ele não consegue mais pensar em nada que possa tentar o Senhor ainda mais. Quando o “mestre tentador” cede, isso significa que ele é o perdedor. Não que ele jamais admita isso, mas ele sofreu uma derrota retumbante. Ele sabe que nessa pessoa encontrou alguém que é superior a ele. Mas ele vol-

ta, pois só se afasta dEle por um tempo. O diabo sabe que é o perdedor e, mesmo assim, nunca desiste.

Depois que o diabo se afasta Dele, o Senhor prossegue no poder do Espírito. O mesmo Espírito que O guiou no deserto e através das tentações do diabo agora O guia para iniciar Seu ministério público. Ele não perdeu nada do poder do Espírito nas tentações. Ele emerge gloriosamente vitorioso das tentações para agora começar Seu ministério de graça entre os homens. Uma vida assim, tão perfeita para a glória de Deus, não pode passar despercebida. Toda a região fala Dele sem que muitos O tenham visto ou ouvido pessoalmente.

Aonde quer que vá, Ele ensina nas “sinagogas deles”, onde os judeus se reúnem para ouvir a interpretação da Lei. Sempre que o Senhor ensina ou prega, Ele apresenta Deus. A sinagoga é excelente para isso e, portanto, Ele exerce Seu ministério primeiramente lá. Ele quer instruir as pessoas a fim de formá-las à Sua imagem, para que se tornem semelhantes a Ele e sirvam a Deus segundo o Seu exemplo.

No trabalho que Ele faz, a graça de Deus se torna visível, e isso de duas maneiras. Lemos sobre as riquezas da graça de Deus em conexão com o perdão que Deus concede a um pecador (Efé 1:7). Também lemos sobre a glória da graça de Deus (Efé 1:6), e isso vai um passo além das riquezas da graça de Deus. A glória da graça de Deus se torna visível quando Deus eleva o pecador ao Seu coração como Seu Filho. Essa instrução em graça que sai de Sua boca verso 22 dá a Ele a glória de todos que O ouvem.

Luc 4:16-21 | A palavra bíblica de Isaías se cumpre

16 E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga e levantou-se para ler. 17 E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito: 18 O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, 19 a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor. 20 E, cerrando o livro e tornando a dá-lo ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. 21 Então, começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos.

O Senhor chega novamente a Nazaré. Ele havia sido criado nesse lugar. Sua educação incluía ir à sinagoga no sábado. Ele estava acostumado a isso. Ele ainda age de acordo com esse bom hábito. Ele vai à sinagoga e se levanta para ler. Ele quer ensinar aos presentes, como sempre faz, a Palavra de Deus.

Não se diz se Ele pediu, mas lhe foi entregue o livro do profeta Isaías. De qualquer forma, Ele fez isso dessa maneira porque queria ter esse livro, porque há algo nele que Ele queria ensinar aos presentes. Tudo é descrito de forma muito humana, inclusive o fato de Ele ter encontrado o lugar “onde estava escrito...”, como se tivesse que procurar. Ele é Deus, que tinha essa passagem escrita por Ele mesmo (como todo o livro de Isaías e toda a Palavra de Deus, a propósito), mas Lucas O apresenta como um ser humano. Você pode ver isso aqui novamente.

Ele desenrola o livro até o capítulo 61, porque nesse capítulo é descrito o glorioso ministério que Ele está prestes a exercer. Nesse capítulo, Ele lê os dois primeiros versos (Isa 61:1-2). Nas primeiras palavras que Ele lê, vemos a tri-idade de Deus. Trata-se do Espírito, do Senhor, que também é Yahweh, Deus, e “Eu”, que é Ele mesmo, Cristo. Deus ungiu Cristo com Seu Espírito Santo. Vimos isso em Seu batismo no Jordão (Luc 3:22). Uma unção tem a ver com a preparação para um determinado ministério. Assim, no Antigo Testamento, os reis, sacerdotes e profetas eram ungidos em vista do ministério que deveriam desempenhar. O Senhor Jesus é todos os três. Ele é o verdadeiro Rei, o verdadeiro Sacerdote e o verdadeiro Profeta. Sua unção significa Sua preparação especial para Seu serviço como Rei, como Sacerdote e como Profeta.

Em seguida, Ele lê que Deus O ungiu com o Espírito “para pregar boas novas aos pobres”. Essa é Sua primeira missão. Os pobres são aqueles que têm consciência de sua miséria e clamam a Deus por ajuda. Lucas fala de “pobres”, enquanto Isaías fala de “mansos”. O manso é aquele que está sobrecarregado de sofrimento e, como resultado, tornou-se pequeno. Ele está quebrado e machucado pelo sofrimento, mas também interiormente quebrado pela consciência de seus pecados. Isso causa o sentimento de pobreza, no qual somente Deus pode oferecer ajuda. Ele faz isso enviando Cristo no Espírito para esses pobres com “o Evangelho”, que significa “boas novas”. Isaías diz “boas-novas”.

O Senhor vem para proclamar a libertação dos “cativos”. Esses são aqueles que estão presos com correntes do pecado e do diabo. Muitos estão presos à religiosidade dos fariseus, escribas e saduceus. Como resultado, eles também são cegos e não conseguem ver os verdadeiros propósitos de Deus, que sempre tem bênçãos em mente para Seu povo. Eles também são os quebrantados, quebrantados sob o pesado fardo dos pecados e também pelo jugo pesado que os líderes religiosos colocaram sobre eles. O Senhor vem para trazer alívio àqueles que sentem esse quebrantamento e estão com o coração ferido por ele.

Ele é enviado para proclamar “o ano aceitável [o. o ano da graça] do Senhor”, Yahweh. O “ano” não representa uma data específica, mas um período de tempo. Esse período de tempo dura enquanto Ele prega as boas novas a Israel, ou seja, três anos e meio. Em última análise, isso se refere ao ano em que tudo o que Deus lhes prometeu será devolvido a Israel. Esse será o verdadeiro ano de regozijo com alegria exuberante por causa desse bom prazer, e durará mil anos. Com esse pensamento, o Senhor interrompe a leitura da citação de Isaías.

O que se segue na profecia de Isaías é sobre a libertação de Israel por meio do julgamento, quando Deus se vingará dos inimigos do povo. Ele não veio principalmente para se vingar. Além disso, Ele não anuncia promessas de libertação futura, pois, por Sua presença, Ele mesmo é o cumprimento das promessas.

O Senhor Jesus leu a Palavra de Deus de pé. A reverência diante da Palavra fez com que Ele ficasse de pé. Depois de ler, Ele devolveu o livro ao servo e sentou-se novamente. A maneira como leu e a passagem lida causaram uma profunda impressão. Ninguém está dormindo ou olhando entediado para o teto. Todos estavam com os olhos fixos Nele. Uma bela atitude também para a congregação quando se reúne ao Seu redor.

Então Ele começa a falar. Ele expõe a passagem que lemos. Lucas nos conta apenas o essencial, ou seja, que o que Ele acabou de ler e o que eles O ouviram ler se cumpriu em seus ouvidos. Eles ainda precisam aceitar isso com o coração. Depois que Ele leu e explicou a passagem, a conclusão é fácil, ou seja, Ele aplica a passagem que leu a Si mesmo. É Ele em quem o

Espírito está e quem faz o que foi profetizado. Assim, Nele, a plenitude da graça de Deus é conhecida pelo homem.

Luc 4:22-24 | Palavras de graça rejeitadas

22 E todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça que saíam da sua boca, e diziam: Não é este o filho de José? 23 E ele lhes disse: Sem dúvida, me direis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; faze também aqui na tua pátria tudo o que ouvimos ter sido feito em Cafarnaum. 24 E disse: Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido na sua pátria.

Todos dão testemunho dEle e falam dEle. O que eles ouviram é muito diferente do que sempre ouvem. Eles conhecem a voz da lei. Agora ouvem algo que nunca foi falado antes dessa maneira. Ouviram alguém falar palavras de graça. Eles reconhecem isso, experimentam algo das riquezas da graça. Por outro lado, eles não veem nEle mais do que um homem comum. Eles o conhecem como o Filho de José. Como é possível que esse homem simples, que eles viram crescer, possa dizer tais palavras?

Eles infelizmente estão cegos para o fato de que Ele é Deus na plenitude de Sua Pessoa. Somente a fé vê aqui o homem dependente que está cheio do Espírito Santo e age no poder do Espírito, falando e transbordando de graça para os homens. Para possuir essa fé, é necessário primeiro ver a si mesmo como pobre de espírito, necessitado do evangelho, e depois reivindicá-lo como cego, preso e quebrantado.

Não é assim que o povo de Nazaré se vê, e é por isso que eles se maravilham com as palavras de graça. Não se trata de uma admiração crente, mas a admiração deles vem da incredulidade, no sentido de que não é possível que alguém fale tais palavras. Eles tropeçam nEle, que para eles é apenas o filho de um carpinteiro comum. Eles não apreciam as palavras da graça. Israel é totalmente indigno da graça. Eles não são o povo escolhido de Deus? Mas Lucas coloca tudo e todos na base da graça. Somente por meio da graça a bênção é possível, tanto para o povo de Deus quanto para os gentios.

O Senhor sabe que, embora eles estejam sob a impressão de suas palavras de graça, seus corações e consciências não estão convencidos. Isso se deve ao fato de que eles estão inclinados a ver milagres. Eles ouviram falar das

coisas que Ele fez em Cafarnaum. Querem que Ele faça essas coisas uma vez para eles. Gostam de ver sinais e maravilhas. Ele conhece o coração deles e o que dirão a Ele. Ele sabe que eles exigirão que Ele se defenda (cf. Luc 23:39; Mat 27:40). Eles querem que Ele prove a Si mesmo realizando milagres e sinais.

Entretanto, os milagres e sinais nunca são um fim em si mesmos, são sempre um acréscimo. Eles apóiam e acompanham a Palavra a fim de confirmar que ela realmente vem de Deus. Ele vem e traz a Palavra de Deus, e eles não querem aceitar isso dAquele que acham que conhecem tão bem. Dessa forma, o Senhor compartilha a sorte geral que se abateu sobre todos os profetas. Nos lugares em que deveriam ser mais conhecidos, eles eram menos respeitados. Pelo fato de todos os profetas anteriores terem sido rejeitados, Ele também já era rejeitado. Agora Ele mesmo vem ao Seu povo e à Sua criação, mas não é conhecido nem aceito. Ele vem para proclamar o ano agradável do Senhor, mas não é bem-vindo ou agradável (a mesma palavra) na cidade de Seu pai. Se Ele não for agradável, nenhum ano agradável do Senhor poderá surgir.

Luc 4:25-30 | Graça para os gentios

25 Em verdade vos digo que muitas viúvas existiam em Israel nos dias de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, de sorte que em toda a terra houve grande fome; 26 e a nenhuma delas foi enviado Elias, senão a Sarepta de Sidom, a uma mulher viúva. 27 E muitos leprosos havia em Israel no tempo do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o siro. 28 E todos, na sinagoga, ouvindo essas coisas, se encheram de ira. 29 E, levantando-se, o expulsaram da cidade e o levaram até ao cume do monte em que a cidade deles estava edificada, para dali o precipitarem. 30 Ele, porém, passando pelo meio deles, retirou-se.

O Senhor ilustra a graça de Deus com dois exemplos de suas próprias escrituras. Em ambos os casos, trata-se de pecadores dos gentios que receberam a graça. Por meio desses exemplos, a verdadeira disposição de seus corações é revelada. O primeiro exemplo de graça vem dos dias de Elias, ou seja, da época em que houve uma seca de três anos e meio. O Senhor indica esse período dizendo que “os céus se fecharam por três anos e seis meses”, o que significa que não houve chuva (1Rei 17:1-7). Deus reteve as

bênçãos de seu povo. Ele fez isso por causa da oração de Elias (Tia 1:17). Elias orou porque o povo havia se afastado tanto do Senhor e ele exigiu que o povo voltasse para Ele. Às vezes, são necessários meios drásticos para isso.

O Senhor Jesus não nos lembra desse momento à toa. O povo tem se afastado de Deus até hoje. Será que, afinal, eles veriam o paralelo e se abririam para a graça agora? Durante o período de grande seca, Elias não foi enviado a nenhum dos habitantes de Israel. Mas, fora da terra, havia uma mulher, uma viúva, que estava aberta a Deus. Elias foi enviado para ela (1Rei 17:9). Agora Deus envia Seu Filho a todo o povo. Eles o aceitarão?

O Senhor apresenta outro exemplo de graça, agora da época do profeta Eliseu. Naquela época, havia muitos leprosos em Israel, mas ninguém se voltava para Deus para ser purificado. Por causa do testemunho de uma moça, um leproso gentio reivindicou a graça de Deus no profeta Eliseu (2Rei 5:1-14). E ele foi purificado. Mas agora Deus envia Seu Filho a todo o povo para purificá-lo da lepra de seus pecados. Eles o aceitarão?

A reação de todos aqueles que acabaram de se maravilhar com as palavras da graça é chocante. Quando Ele deu Seus exemplos de graça demonstrada aos gentios, todos se encheram de raiva. Graça aos gentios – isso é impossível, um pensamento totalmente repreensível. Tal coisa não é possível. Isso mostra que eles não querem depender da graça. Sempre vemos essa reação em um coração religioso que não nasceu de novo: não aceitar a graça para si mesmos e não concedê-la aos outros.

Palavras explicativas sobre a graça são boas, mas assim que eles percebem que a graça não tem nada além da indignidade do recebedor como condição, eles ficam com ódio. Acham que Ele diz coisas boas, mas não deve pensar que elas se sustentarão na base da graça! Como se eles não fossem melhores do que os pagãos desprezados! Nessa primeira ocasião em que a graça é oferecida, ela é firmemente rejeitada. E não apenas rejeitada. Eles querem matar Aquele que traz a graça. Eles O empurram para fora da cidade e O levam para a escarpa da montanha para jogá-Lo de lá.

O Senhor se permite ser expulso da cidade e levado para a encosta da montanha. Então, de maneira perfeitamente mansa, Ele revela Seu poder e majestade divinos. Seu ministério deve continuar. Sem nenhuma demons-

tração visível de poder, Ele se vira. Todos o deixam ir e se afastam. Em completo silêncio, Ele passa entre eles e vai embora. Que tragédia para Nazaré! Não lemos em nenhum lugar dos Evangelhos que o Senhor esteve lá novamente. Parece que Ele foi embora para sempre.

Luc 4:31-37 | Cura de um homem possesso

31 E desceu a Cafarnaum, cidade da Galiléia, e os ensinava nos sábados. 32 E admiravam-se da sua doutrina, porque a sua palavra era com autoridade. 33 E estava na sinagoga um homem que tinha um espírito de um demônio imundo, e este exclamou em alta voz, 34 dizendo: Ah! Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste a destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus. 35 E Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai dele. E o demônio, lançando-o por terra no meio do povo, saiu dele, sem lhe fazer mal. 36 E veio espanto sobre todos, e falavam uns e outros, dizendo: Que palavra é esta, que até aos espíritos imundos manda com autoridade e poder, e eles saem? 37 E a sua fama divulgava-se por todos os lugares, em redor daquela comarca.

O Senhor desce ainda mais. Primeiro Ele desceu de Jerusalém para Nazaré (Luc 2:51). Agora Ele desce de Nazaré para Cafarnaum. Aquele que veio do ponto mais alto visita o lugar mais baixo. Por meio de Sua presença, Cafarnaum é elevada ao céu, mas sem que os habitantes se beneficiem espiritualmente (Mat 11:23).

Ele ensina os habitantes dessa cidade nos sábados. Mesmo lá, eles ficam maravilhados com Seu ensino, pois Ele fala com autoridade. Ele está sempre preocupado em pregar a Palavra. A Palavra, e não um milagre, cria a conexão entre a alma e Deus. Essa é a arma com a qual Ele ataca o inimigo. Um milagre não pode criar essa conexão, pois a Palavra se dirige à fé, enquanto um milagre serve como sinal de incredulidade.

Deus causa fé por meio da Palavra; assim, Ele também dá alimento por meio da Palavra. Isso prova o valor imensurável da Palavra de Deus. Se Cristo fala a Palavra, é com autoridade. Todos os que a ouvem ficam maravilhados com ela. As pessoas sempre ficam maravilhadas quando pregamos a Palavra com autoridade. Ela também não é a palavra do homem, mas a palavra viva e poderosa de Deus que opera (1Tes 2:13). As pessoas

podem rejeitá-la, até mesmo negar seu poder, mas isso não tira o poder da Palavra.

O fato de as pessoas se perguntarem sobre o Senhor Jesus e Seus ensinamentos não precisa nos surpreender. Na sinagoga, a Palavra de Deus era apresentada de uma maneira completamente diferente, por pessoas que negavam seu poder e que a apresentavam apenas para sua própria glória e para ter influência sobre as pessoas. Portanto, a sinagoga é um lugar morto e pessoas com um espírito imundo podem estar presentes ali sem serem perturbadas.

No entanto, assim que o Senhor Jesus chega lá, o demônio não pode ficar escondido, mas se revela. O demônio diz quem Ele é. As pessoas estão cegas para isso. No entanto, o Senhor não aceita o testemunho de demônios. Ele ordena que o demônio se cale e, diante de Sua palavra de poder, o demônio deixa a vítima. Embora o demônio, segundo a maneira de sua natureza corrupta, faça uma última tentativa de prejudicar a vítima, ele parte sem feri-la.

Todos os que passam por isso ficam cheios de medo. Inicialmente, havia espanto com a graça de suas palavras verso 22, agora há medo da autoridade e do poder de sua palavra. Não se fala tanto da expulsão, mas de sua palavra. O que eles viram foi o efeito de sua palavra. Eles veem alguém que estabelece que uma pessoa pode ser libertada do poder do diabo.

As palavras e os atos do Senhor se espalham como fogo em toda a redondeza. Essas são palavras e obras que eles nunca ouviram antes. O Filho de Deus deixa claro que Ele veio para destruir as obras do diabo (1Joã 3:8).

Luc 4:38-39 | A cura da sogra de Pedro

38 Ora, levantando-se Jesus da sinagoga, entrou em casa de Simão; e a sogra de Simão estava enferma com muita febre; e rogaram-lhe por ela. 39 E, inclinndo-se para ela, repreendeu a febre, e esta a deixou. E ela, levantando-se logo, servia-os.

Depois de ensinar na sinagoga e da cura que realizou ali, o Senhor deixa a sinagoga. Sua próxima área de trabalho é a casa de Seu discípulo Simão Pedro. Simão tem sua sogra em casa. Deve ter sido bom para sua esposa ter a mãe com ela. Como pescador, Pedro estava frequentemente ausente

e, em pouco tempo, até mesmo deixava sua esposa para trás por um longo tempo porque seguia o Senhor Jesus. Agora sua sogra está gravemente doente. Ela está com uma febre alta. Mas o Senhor está ali, e os moradores da casa imploram a Ele por ela. Eles levam sua necessidade a Ele. Esse é um belo exemplo para nós, que sempre podemos nos dirigir ao Senhor com nossas preocupações com os outros, inclusive com os membros da família.

O Senhor responde diretamente ao pedido deles. Ele se inclina sobre ela e dá ordens à febre. A febre obedece como se fosse uma pessoa e deixa a doente. Aqui também Ele triunfa pelo poder de Sua Palavra. Ela fica imediatamente boa e se levanta para servir. A febre é uma doença que deixa a pessoa muito inquieta e também consome muita energia sem que essa energia seja útil. Ela rouba as forças e não traz nada. Ela causa confusão, a pessoa com febre não consegue pensar com clareza. Quando ela desaparece, a força e o discernimento para fazer a coisa certa também estão presentes. A cura sempre tem como objetivo que a pessoa curada sirva ao Senhor e aos Seus. É isso que a sogra de Pedro faz.

Luc 4:40-41 | Outras curas

40 E, ao pôr-do-sol, todos os que tinham enfermos de várias doenças lhos traziam; e, impondo as mãos sobre cada um deles, os curava. 41 E também de muitos saíam demônios, clamando e dizendo: Tu és o Cristo, o Filho de Deus. E ele, repreendendo-os, não os deixava falar, pois sabiam que ele era o Cristo.

O poder de Deus e a plenitude da graça se revelam milagrosamente em meio a toda a miséria. Todos os tipos de doença e miséria são levados ao Senhor, e todos os que sofrem encontram libertação. Assim, a graça se torna visível em inúmeros exemplos, pois a essência da graça é que ela é derramada sem que se questione se alguém a merece ou não. E o Senhor não livra apenas fisicamente da doença. Ele também livra muitos de demônios. Todo o poder do inimigo, todas as tristes consequências do pecado, tanto para o corpo quanto para o espírito, desaparecem diante Dele. Ele impõe Suas mãos sobre os doentes. Ele nunca faz isso com os possuídos. Ele os liberta por meio de Sua palavra de poder.

Os demônios dão testemunho de que Ele é o Filho de Deus. Entretanto, Ele não quer absolutamente nenhum testemunho dos demônios. Por isso, Ele

os proíbe de falar sobre Ele ser o Cristo. Os demônios podem ser forçados a reconhecer a verdade sobre Cristo, mas nunca negarão seu caráter de enganadores às pessoas. Os demônios só falam a verdade quando Deus os força a fazê-lo ou quando percebem que isso fortalece seu controle sobre as pessoas. Seu caráter, no entanto, continua sendo o do pai da mentira, em quem não há verdade (João 8:44).

Luc 4:42-44 | Pregando por toda a Galiléia

42 E, sendo já dia, saiu e foi para um lugar deserto; e a multidão o procurava e chegou junto dele; e o detinham, para que não se ausentasse deles. 43 Ele, porém, lhes disse: Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do Reino de Deus, porque para isso fui enviado. 44 E pregava nas sinagogas da Galiléia.

Depois de um dia de trabalho que se estendeu até tarde da noite, o Senhor sai ao amanhecer. Ele busca a solidão. Ele precisa estar a sós com Seu Deus, mas esse tempo não lhe é concedido. As multidões estão tão impressionadas com Seus milagres e Suas palavras de graça que O procuram. Elas querem detê-Lo, pois Ele deve permanecer com elas. O desejo é bom. No entanto, os motivos não são bons, pois é apenas pelo benefício que Ele traz. O Senhor também não é tentado por isso a ficar com eles. Ele não busca honra para Si mesmo, mas quer realizar Sua obra.

Há muitas outras cidades onde Ele ainda não esteve. Para eles, também, Ele tem as boas novas do Reino de Deus. Ele precisa ir até lá, pois foi para isso que Deus O enviou. O plano de Deus é estabelecer um reino onde o Filho do Homem reinará. O reino é chamado de Reino de Deus porque vem de Deus. O Rei que reinará sobre ele é Cristo, que está aqui na Terra em humildade, sujeito a Deus para formar súditos para esse reino. Ele faz isso antes de o reino ser estabelecido em glória, como se Ele próprio fosse um súdito desse reino, o que não é o caso. Depois de declarar sua decisão de que há outras cidades para onde ir, ele continua a pregar. Ele quer levar a Palavra de Deus às pessoas. Ele faz isso nos lugares apropriados, as sinagogas.

Lucas 5

Luc 5:1-7 | Uma maravilhosa pesca

1 E aconteceu que, apertando-o a multidão para ouvir a palavra de Deus, estava ele junto ao lago de Genesaré. 2 E viu estar dois barcos junto à praia do lago; e os pescadores, havendo descido deles, estavam lavando as redes. 3 E, entrando num dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra; e, assentando-se, ensinava do barco a multidão. 4 E, quando acabou de falar, disse a Simão: faze-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar. 5 E, respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, porque mandas, lançarei a rede. 6 E, fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rede. 7 E fizeram sinal aos companheiros que estavam no outro barco, para que os fossem ajudar. E foram e encheram ambos os barcos, de maneira tal que quase iam a pique.

Este capítulo nos mostra, em quatro fases, como alguém se torna um seguidor segundo o exemplo do Senhor Jesus. Para esse propósito, os eventos desse capítulo são reunidos sem que Lucas considere a ordem cronológica. Ele começa com a autocondenação versos 1-11, seguida pela purificação versos 12-16 e pelo perdão e poder versos 17-25, e então o chamado para o ministério pode seguir. Como resultado de todos os eventos anteriores, o novo é apresentado em vez do velho, e assim o capítulo se encerra.

O Senhor prega a Palavra de Deus junto ao mar de Genesaré. Como as multidões O pressionam, Ele quase é empurrado para dentro do mar. Ele então não usa Seu poder divino para manter as pessoas à distância, como no capítulo 4 (Luc 4:30), mas se refugia em um dos dois barcos que vê ali.

Enquanto está pregando a Palavra de Deus, os pescadores estão lavando suas redes. Provavelmente acabaram de voltar de sua pescaria. Que belo momento eles vivem, mesmo que estejam desapontados com o fato de que o trabalho de uma noite inteira não trouxe nada. No entanto, eles terão grandes experiências. O Senhor sobe a bordo de um dos barcos sem pedir. Ele é o Senhor. É o barco de Simão Pedro. Simão não pergunta o que Ele está fazendo.

O Senhor pede a Simão que o afastasse um pouco da terra. Simão obedece imediatamente. Ele cede seu barco, sua força e seu tempo. Provavelmente estava cansado depois de uma noite de pesca, mas quando o Senhor lhe pede, ele volta ao trabalho. É assim que Simão coopera com a obra do Senhor. Ele lhe dá a oportunidade de sentar-se em Seu barco e ensinar as multidões a partir do barco. Estamos dando nossos recursos, nossa força e nosso tempo para que o Senhor possa fazer Sua obra para a bênção de outros?

O Senhor termina seu discurso. Ele sabe o que as multidões podem suportar. Agora é a hora de fazer outra coisa. Ele recompensará Simão por sua cooperação. Ele lhe diz para ir ao mar alto e lançar as redes para pescar, não para tentar pescar algo. Ele já determinou o resultado.

Como um pescador experiente, Pedro não pode deixar de apontar para Ele que eles pescaram a noite toda, mas que todos os seus esforços não trouxeram nada. Eles fizeram isso da maneira que sempre fizeram, e eram realmente pescadores experientes. Ele sabe que, se não funciona à noite, certamente não funcionará durante o dia. No entanto, Simão começa sua resposta reconhecendo o Senhor como “mestre”, ou seja, como seu superior. É o título de alguém que está acima dos outros. Essa palavra ocorre somente em Lucas (Luc 8:24,45; 9:33,49; 17:13).

Esse reconhecimento abre o caminho para a bênção. Pedro já reconheceu que o método antigo, testado e aprovado, falha. Agora ele deve fazer isso da maneira que o Senhor ordenar. Porque o Mestre assim o diz, ele lançará as redes. Isso é confiança na palavra do Senhor. O resultado da obediência é a bênção, uma grande bênção. O Senhor trouxe tantos peixes para suas redes que elas não conseguem conter a quantidade. Os meios humanos são muito pequenos para receber a bênção que o Filho de Deus quer dar.

Há tanto peixe que o outro barco também fica cheio. Os dois barcos estão cheios de peixes até a borda. Estão tão cheios que quase afundam. O Filho de Deus abençoa com uma medida cheia e até transbordante.

Após a ressurreição do Senhor, Pedro recebe novamente a tarefa de lançar a rede, e ela não se rompe (João 21:11). O fato de isso acontecer após a ressurreição do Senhor Jesus indica que o novo chegou. Somente aqueles que são contados entram na rede.

Luc 5:8-11 | Pescadores de homens

8 E, vendo isso Simão Pedro, prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, ausenta-te de mim, por que sou um homem pecador. 9 Pois que o espanto se apoderara dele e de todos os que com ele estavam, por causa da pesca que haviam feito, 10 e, de igual modo, também de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão. E disse Jesus a Simão: Não temas; de agora em diante, serás pescador de homens. 11 E, levando os barcos para terra, deixaram tudo e o seguiram.

Simão Pedro reconhece que o Senhor colocou os peixes na rede. De repente, ele se vê frente a frente com o Deus todo-poderoso e onisciente. A prova de Seu poder o faz cair de joelhos. Sob essa luz, ele se vê como um homem pecador. Ele se dá conta de que não pertence a Ele. Ao mesmo tempo, ele está de joelhos diante do Senhor. Ele está próximo a Ele. Por meio disso, ele sente que o Senhor não o mandará embora. Ele sabe que o Senhor não despreza um coração quebrantado e contrito (Slm 51:17). Essa convicção é obra do Espírito Santo. O Espírito Santo apresenta a grandeza de Cristo. A pessoa que vê essa grandeza se verá como um pecador.

Ao mesmo tempo, o Espírito Santo apresenta a disposição de Cristo. Ele é o homem a quem se aplica a palavra de Provérbios 19: “O que torna agradável o homem é a sua misericórdia” (Pro 19:22). Essa palavra pode ser usada como um título para este Evangelho. O Senhor está cheio de misericórdia para receber pecadores condenados. Ele os atrai. A pessoa que vê isso sabe que Ele não rejeita um pecador condenado, mas o aceita. Muitos já disseram que pecaram ou que são homens pecadores, mas não o fizeram de joelhos diante do Senhor Jesus, confiando Nele, e por isso nunca encontraram paz.

O barco de Pedro saiu para o largo duas vezes em vinte e quatro horas. Uma vez durante a noite, porque é quando a probabilidade de uma boa pescaria é maior, e outra durante o dia, quando a perspectiva de uma boa pescaria é muito menor. O ambiente é o mesmo em ambas as ocasiões, assim como os homens, e as ferramentas de trabalho também são as mesmas. Apenas uma coisa é diferente: na segunda vez, Cristo está a bordo. Isso faz a grande diferença no resultado.

Simão e todos os que estavam com ele ficaram assustados com a grande pesca. Eles estão profundamente impressionados. Tiago e João ainda são mencionados pelo nome. Eles são companheiros de profissão e até mesmo parceiros. Eles compartilham da pesca e também do espanto. O Senhor também os chamará para o discipulado ao mesmo tempo que Pedro.

O chamado é sempre um chamado pessoal. Lucas conta como o Senhor chama Simão, mas também os outros. O Senhor tranquiliza Simão, que está de joelhos. Ele não precisa temer sua grandeza. Olhar para Cristo e confiar em sua palavra significa dar espaço ao perfeito amor que lança fora o medo (1João 4:18). Ao mesmo tempo, essa é a atitude correta com a qual o Senhor avança. Por isso, em seguida, ele diz a Pedro para se tornar um pescador de homens a partir daquele momento. Por meio da experiência pessoal que Pedro teve, ele agora pode pescar homens, fazendo com que eles tenham a impressão da grandeza de Cristo e de sua própria pecaminosidade.

Os pescadores terminam seu dia de trabalho corretamente, puxam os barcos para a praia. Então eles deixam tudo e O seguem. Isso é tão simples, mas que acontecimento é esse! O encontro com o Senhor Jesus e Seu chamado resultam em uma grande mudança em suas vidas. Não há nada em que pensar, nenhum pedido para se despedir primeiro. O chamado do Senhor é decisivo. Eles podem deixar as consequências por conta Dele.

Luc 5:12-16 | Purificação de um leproso

12 E aconteceu que, quando estava em uma daquelas cidades, eis que um homem cheio de lepra, vendo a Jesus, prostrou-se sobre o rosto e rogou-lhe, dizendo: Senhor, se quiseres, bem podes limpar-me. 13 E ele, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero; sê limpo. E logo a lepra desapareceu dele. 14 E ordenou-lhe que a ninguém o dissesse. Mas disse-lhe: Vai, mostra-te ao sacerdote e oferece, pela tua purificação, o que Moisés determinou, para que lhes sirva de testemunho. 15 Porém a sua fama se propagava ainda mais, e ajuntava-se muita gente para o ouvir e para ser por ele curada das suas enfermidades. 16 Porém ele retirava-se para os desertos e ali orava.

O conhecimento do pecado, como vimos no incidente anterior com Pedro, não é suficiente. É o primeiro passo necessário, mas algo mais deve vir

depois. Ele também deve ser seguido por uma consciência de purificação. Aprendemos isso na cura do leproso. Por isso, a primeira coisa que os discípulos experimentam ao seguir o Senhor é o encontro com um “homem cheio de lepra”. A lepra é uma figura dos pecados em que o homem vive. O homem está cheio de lepra. Ele chegou a um ponto em que não há nada puro nele. Nesse estado, ele pode ser declarado limpo (Lev 13:12-13).

Na figura, ele é o pecador que não procura mais desculpas para seus pecados. Ele percebe que está irremediavelmente perdido. A única coisa que ele ainda pode esperar é a graça do Senhor. A lei só pode determinar a lepra e estabelecer as condições para aquele que é purificado da lepra. Mas é impossível para a lei purificar um leproso de sua lepra. Esse é o poder da força da graça que está em Cristo.

Quando o leproso O vê, cai com o rosto em terra e implora ao Senhor que o purifique. O leproso está convencido de que o Senhor pode, mas não sabe se o fará. O homem não apela à Sua misericórdia em vão. O Senhor o toca e fala com autoridade divina: “Quero; sê limpo!” A essa ordem, a lepra imediatamente se retira do homem. Aqui a graça produz a purificação, como fez com o conhecimento do pecado de Pedro verso 8. Assim, o Senhor é capaz de resolver o problema do pecado na vida de cada homem e purificá-lo de seus pecados. Para esse propósito, Ele realizou a obra na cruz.

No sacrifício que o homem deve fazer para sua purificação, Ele dá testemunho. Ele não deve permitir que se saiba nada sobre sua cura. O Senhor quer que os líderes religiosos tenham um testemunho da purificação. Por isso, Ele envia o homem aos sacerdotes. Eles terão de reconhecer o que aconteceu com o leproso. Teriam de reconhecer a intervenção de Deus nesse fato, e isso significa que o Senhor Jesus é Deus. Quem mais pode curar a lepra senão Deus (2Rei 5:7)? No sacrifício que o homem tem que fazer, ele também dá glória a Deus pela purificação.

A cura do leproso não deve ter passado despercebida. Mesmo que ele não tenha contado a ninguém, todos que o conheciam viram que ele havia sido curado. Por isso, o ambiente onde se fala sobre o Senhor está ficando cada vez maior. Muitos querem ouvi-Lo e ser curados por Ele de suas doenças. A graça atrai as pessoas. Ele deixa a graça fluir abundantemente.

O Senhor, como o homem dependente, também reserva tempo para a comunhão com Deus em oração. Com esse propósito, Ele se retira para a solidão a fim de servir às pessoas novamente depois.

Luc 5:17-26 | Cura de um paralítico

17 E aconteceu que, em um daqueles dias, estava ensinando, e estavam ali assentados fariseus e doutores da lei que tinham vindo de todas as aldeias da Galiléia, e da Judéia, e de Jerusalém. E a virtude do Senhor estava com ele para curar. 18 E eis que uns homens transportaram numa cama um homem que estava paralítico e procuravam fazê-lo entrar e pô-lo diante dele. 19 E, não achando por onde o pudessem levar, por causa da multidão, subiram ao telhado e, por entre as telhas, o baixaram com a cama até ao meio, diante de Jesus. 20 E, vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Homem, os teus pecados te são perdoados. 21 E os escribas e os fariseus começaram a arrazoar, dizendo: Quem é este que diz blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus? 22 Jesus, porém, conhecendo os seus pensamentos, respondeu e disse-lhes: Que arrazoais em vosso coração? 23 Qual é mais fácil? Dizer: Os teus pecados te são perdoados, ou dizer: Levanta-te e anda? 24 Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra poder de perdoar pecados (disse ao paralítico), eu te digo: Levanta-te, toma a tua cama e vai para tua casa. 25 E, levantando-se logo diante deles e tomando a cama em que estava deitado, foi para sua casa glorificando a Deus. 26 E todos ficaram maravilhados, e glorificaram a Deus, e ficaram cheios de temor, dizendo: Hoje, vimos prodígios.

O Senhor continua servindo aos homens. Vemos isso nesse incidente. Ele traz à tona um novo elemento que é importante para a preparação dos súditos do reino. Os dois incidentes anteriores tratavam de algo que precisava ser removido (o medo por causa do pecado e a lepra como uma figura do pecado). Esse incidente também trata de algo que é retirado, mas também de algo que é dado. Os pecados são perdoados e o poder é dado.

Pela terceira vez nesse capítulo, um incidente é introduzido com as palavras “E aconteceu” (versos 1,12). Quando o Senhor está em algum lugar, algo sempre “acontece”. O que acontece resulta de Sua instrução. Primeiro, as circunstâncias são descritas. O Senhor está ocupado ensinando. Entre Seus ouvintes estão fariseus e mestres da lei que vieram de perto e de

longe para ouvi-Lo. Também há o poder do Senhor que cura. É uma cena cheia de vida espiritual.

Em seguida, vemos quatro homens tentando trazer seu amigo paralisado para o Senhor em uma cama. O sofrimento do homem paralisado lhes toca o coração. Eles o colocam em uma cama para que não tenham que arrastá-lo até o Senhor. Dessa forma, o transporte é confortável para o homem paralisado. Eles também sabem que a única chance de cura se encontra com Ele. Portanto, ele tem de ir para lá. Eles intercedem por seu amigo e agem com fé em Cristo. Quando chegam ao local onde Ele está, encontram uma multidão bloqueando o caminho até Ele. Muitas vezes, as pessoas são um obstáculo para que alguém venha a Cristo. Mas a fé é persistente e engenhosa. Se não é possível da maneira usual, pela porta, então é possível de uma maneira incomum, pelo telhado. Os amigos abrem o telhado e abaixam a cama com o amigo paralisado diante do Senhor. Era para lá que eles queriam levá-lo, e é lá que ele está agora.

O Senhor Jesus acompanhou em Espírito o que os amigos fizeram. Ele conhece e vê a fé deles. Ele atende à fé deles falando ao amigo as poderosas e benéficas palavras de perdão. Ele vê o verdadeiro problema do amigo e o resolve primeiro. Pode ser que sua paralisia tenha sido resultado de um pecado específico. O leproso do incidente anterior precisava ser purificado. A pessoa aqui precisa de perdão. A lepra significa que não é permitido nenhum contato com outras pessoas, pois o leproso é um excluído. Nesse caso, vemos que o pecado paralisa e, portanto, não é possível ter contato com outras pessoas.

Essa palavra sobre o perdão dos pecados desperta a oposição dos fariseus e escribas. Eles ouvem algo que, para eles, soa como blasfêmia. Isso não se encaixa em sua teologia. Somente Deus pode perdoar pecados. Quem esse homem pensa que é? Está claro para eles que alguém está falando aqui com a presunção de ser Deus. Com sua observação de que somente Deus pode perdoar pecados, eles estão absolutamente certos. Mas, com todo o seu conhecimento teológico, eles estão totalmente cegos para a glória do Senhor Jesus, para o fato de que Aquele que está diante deles é verdadeiramente Deus. Eles não precisam expressar em voz alta sua aversão a Ele para que Ele saiba o que está acontecendo dentro deles. Como o verdadei-

ro Deus, Ele conhece as deliberações de seus corações. Ao expressar isso, Ele prova quem Ele é.

Ele os repreende com algumas perguntas. O que lhes parece mais fácil, dizer: “Os teus pecados te são perdoados” ou “Levanta-te e anda”? Para esses homens, tanto uma coisa quanto a outra é impossível. Para Ele, ambas são possíveis. Somente Deus pode perdoar pecados. O Senhor Jesus perdoa pecados. Ele é Deus, mas os perdoa como o Filho do Homem, como Aquele que está na Terra para revelar a bondade de Deus. Ele não apenas perdoa, mas também cura. Ao fazer isso, Ele prova que é o Messias, pois cumpre o Salmo 103 (Slm 103:3). Ele é a prova de que Deus visita Seu povo.

Ele ordena que o homem pegue sua cama e vá para Sua casa. O resultado é imediato. O homem se levanta diante de seus olhos. Com as palavras que o Senhor Jesus diz, Ele também dá ao homem a força para obedecer. O homem não se senta e fica pensando se isso é possível. Ele acredita em Sua palavra e o faz.

Os fariseus e os escribas observam isso. Eles não podem negar esse milagre, mas isso não muda sua hostilidade. Isso não os leva ao arrependimento. O homem que experimentou o perdão e a cura leva consigo o resultado completo do que o Senhor Jesus fez. Seu coração foi libertado e seu corpo restaurado. Ele agora carrega a cama que antes o carregava. O Senhor perdoou seus pecados e lhe deu forças para andar. Assim, ele vai para sua casa e glorifica a Deus. O que ele terá contado em casa sobre tudo o que o Senhor Jesus disse e fez! O primeiro lugar para contar a glória de Deus é onde estamos em casa.

Todos os que viram o que aconteceu ficam maravilhados. Eles glorificam a Deus e, ao mesmo tempo, ficam cheios de temor. Interiormente, eles não têm parte em Cristo. Com os ouvidos, ouvem palavras e, com os olhos, observam os acontecimentos, mas isso não tem efeito em seus corações. A única coisa que dizem é: “Hoje, vimos prodígios!” São pessoas que vivem o dia. Amanhã, as impressões serão novamente apagadas.

Luc 5:27-32 | O chamado de Levi

27 E, depois disso, saiu, e viu um publicano, chamado Levi, assentado na rebedoria, e disse-lhe: Segue-me. 28 E ele, deixando tudo, levantou-se e o seguiu.

29 E fez-lhe Levi um grande banquete em sua casa; e havia ali uma multidão de publicanos e outros que estavam com eles à mesa. 30 E os escribas deles e os fariseus murmuravam contra os seus discípulos, dizendo: Por que comeis e bebeis com publicanos e pecadores? 31 E Jesus, respondendo, disse-lhes: Não necessitam de médico os que estão sãos, mas sim os que estão enfermos. 32 Eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores, ao arrependimento.

O Senhor deixa a casa onde ensinou a Palavra e curou o paralítico. Do lado de fora, vê um cobrador de impostos sentado, chamado Levi. Ele é o mesmo que o evangelista Mateus mais tarde. Levi está sentado na recebedoria. Ele está cobrando dinheiro. Esse é o seu trabalho, e ele gosta de fazer isso. Pois os cobradores de impostos têm a oportunidade de se beneficiar muito quando, em nome dos romanos, cobram o imposto.

Enquanto ele está coletando dinheiro ou esperando que as pessoas paguem o imposto, o Senhor o chama. O Senhor conhece Levi. Ele sabe que o coração de Levi está vazio, embora ele tenha muito dinheiro. Então Ele diz a Levi: “Siga-me!” Esse é um chamado que liberta. Assim que Levi ouve o chamado, ele afasta seu coração e também sua mente do dinheiro.

A ordem em que Lucas descreve esse fato é notável. Primeiro lemos que Levi deixa tudo, ou seja, que seu coração abandona o dinheiro, e depois lemos que ele se levanta e segue o Senhor. Após a lição do julgamento próprio (em Pedro, verso 8), da purificação (da lepra, verso 13) e do perdão, por meio do qual vem o poder de andar (o paralítico, verso 24), vemos aqui a quarta coisa que a graça faz: ela dá, na pessoa de Cristo, alguém que atraia os corações de uma nova maneira

Levi também mostra diretamente que é convertido. Vemos nele o resultado de seguir o Senhor. Ele costumava tirar dos outros, agora ele dá aos outros (Slm 112:9). Ele, que recebeu essa graça, agora também mostra graça aos outros. Mas a motivação para o serviço é o Senhor. Em sua casa, ele oferece um grande banquete para Ele. Ele coloca sua casa à disposição do Senhor. O Senhor Jesus é o centro e o ponto de atração também para os outros que também são atraídos por Ele.

Na maneira como Levi age, os fariseus e escribas novamente veem uma ocasião para dizer algo desfavorável sobre o Senhor Jesus, eles murmuram contra Seus discípulos. Eles não se dirigem diretamente ao próprio Senhor,

mas aos Seus discípulos. A seus olhos, eles são tão ruins quanto o Mestre. Isso, é claro, deve ser entendido como uma crítica a Ele. Eles não entendem a festa que Levi organizou. Eles reclamam por causa da companhia dos discípulos. Como podem eles, que dizem querer viver para Deus, comer com pessoas tão decaídas? É assim que reagem as pessoas que não têm ideia da graça. Elas são orgulhosas e menosprezam os outros.

O Senhor lhes responde. Ele ressalta que, como pessoas saudáveis, eles não precisam da ajuda de um médico. Você não chama um médico quando se sente saudável. Eles se sentem bem, não estão com lepra ou paralisados, não se sentem pecadores e, portanto, não procuram ajuda. Mas as pessoas que não estão bem precisam da ajuda de um médico. Ele é o grande médico. Ele não tem nenhuma mensagem para aqueles que se acham justos.

Para os pecadores que percebem o quanto são miseráveis, Ele tem uma mensagem. Ele lhes apresenta o caminho da salvação, dizendo-lhes que serão salvos quando abandonarem seus caminhos pecaminosos e acreditarem Nele. O Senhor não transforma os pecadores que se convertem em novos seguidores da lei, mas em companheiros do Noivo, novos vasos nos quais o vinho da alegria é derramado, como vemos nos versos a seguir. Os fariseus não estão atentos a isso. Eles são como o filho mais velho que não queria participar da alegria da festa celebrada por causa do retorno do filho mais novo e, portanto, deliberadamente se afastou da música e da dança na casa (Luc 15:25-28).

Luc 5:33-35 | O jejum

33 Disseram-lhe, então, eles: Por que jejuam muitas vezes os discípulos de João e fazem orações, como também os dos fariseus, mas os teus comem e bebem? 34 E ele lhes disse: Podeis vós fazer jejuar os convidados das bodas, enquanto o esposo está com eles? 35 Dias virão, porém, em que o esposo lhes será tirado, e, então, naqueles dias, jejuarão.

Os justos teimosos não cedem. Eles têm mais uma pergunta para Ele. Eles sabem que João tem discípulos e que deu a eles regras rígidas de vida, incluindo o jejum e a realização de orações. Isso está bem de acordo com a linha deles, pois é assim que eles instruem seus próprios discípulos. Agora, quando eles olham para os discípulos dele, veem um comportamento

que não é permitido aos olhos deles. Seus discípulos não fazem nada além de comer e beber. Basta olhar para a grande refeição que Levi preparou e com a qual eles se banquetearam.

Essa também é uma reação de pessoas que não entendem nada sobre a graça. As pessoas legalistas sempre invejam a liberdade para a qual o Senhor conduz Seus discípulos. A propósito, na passagem seguinte (Luc 6:1), vemos que os discípulos não recebiam esse tipo de alimento todos os dias, pois ali vemos que eles estavam com fome. A liberdade que o Senhor dá nunca leva ao descontrole, mas ao desfrute do que Ele dá. Aqueles que vivem em liberdade se recusam a aceitar o alimento das mãos do diabo, como o Senhor Jesus demonstrou durante a tentação no deserto (Luc 4:4).

O Senhor explica por que não deixa Seus discípulos jejuarem. A razão é que Ele está com eles. Ele é o noivo. Não há menção à noiva. Ele está falando sobre os companheiros do Noivo. Esses são Seus discípulos. O Senhor fala dos dias que virão em que Ele não estará mais com eles. Ele está se referindo aos dias em que Ele terá morrido e estará na sepultura, expulso do mundo. Esses serão dias de profunda tristeza para Seus discípulos (Joã 16:16-22). Então eles jejuarão.

Luc 5:36-39 | Coisas velhas e novas

36 E disse-lhes também uma parábola: Ninguém tira um pedaço de uma veste nova para o coser em veste velha, pois que romperá a nova, e o remendo não condiz com a veste velha. 37 E ninguém põe vinho novo em odres velhos; de outra sorte, o vinho novo romperá os odres e entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão. 38 Mas o vinho novo deve ser posto em odres novos, e ambos juntamente se conservarão. 39 E ninguém, tendo bebido o velho, quer logo o novo, porque diz: Melhor é o velho.

Para deixar claro aos Seus adversários a diferença entre o Seu ministério, por um lado, e o de João Batista e todo o Antigo Testamento, por outro, Ele lhes fala por meio de uma parábola. O que Ele diz e o que trouxe à Terra Ele compara a uma roupa nova. Essa roupa nova não combina com a antiga. A roupa velha é o judaísmo, onde tudo é regulado pela lei. A lei não trouxe bênção ao povo, mas perda da bênção e julgamento, porque o povo transgrediu a lei.

O Senhor não veio para exigir que o povo guardasse a Lei. Ele poderia ter feito isso, pois Ele mesmo cumpriu a lei perfeitamente. Mas se Ele tivesse defendido a lei contra o povo, nada teria mudado na natureza do homem. O homem é um transgressor da lei com todo o seu ser e, portanto, merece punição. Ele só pode obter bênçãos se for recebido em uma base completamente diferente, ou seja, na base da graça. Essa graça foi trazida por Cristo. Nele a graça de Deus se manifestou, salvadora para todos os homens (Tit 2:11). Essa graça é o cerne do cristianismo, assim como a Lei é o cerne do judaísmo.

É impossível encaixar a nova roupagem do cristianismo na antiga roupagem do judaísmo. Eles são completamente mutuamente exclusivos. O novo deve substituir o antigo e não se unir a ele. É como a antiga aliança que deve dar lugar à nova aliança (Heb 8:13). A lei e a graça não combinam. Quando alguém tenta misturar a lei e a graça, não leva as duas coisas a sério e faz violência a ambas. Então a lei deixa de ser lei e a graça deixa de ser graça. Na graça, o poder e a alegria do Espírito são ativos (o vinho é uma figura da alegria), assim como na lei o poder do homem é ativo.

O vinho novo do Espírito não se encaixa nos odres velhos. Os odres velhos simbolizam uma pessoa que vive com base na lei. O poder do Espírito de Deus na graça não pode ser inserido nos preceitos da lei. As coisas velhas são as formas do homem segundo a carne. O novo é o poder de Deus de acordo com o Espírito Santo. O velho homem deve dar lugar ao novo homem. O vinho novo deve ser colocado em odres novos. Isso significa que o novo poder e a alegria do Espírito Santo só se encaixam naqueles que receberam a graça como pecadores perdidos. Eles não procuram mais ser justos diante de Deus com base na lei, pois perceberam que a vida de acordo com a lei é impossível porque o homem é um pecador. Para aquele que reconhece isso, Cristo veio com sua graça. Quem aceitou a graça é uma nova criação, um novo odre para o qual o Espírito Santo traz força e alegria como vinho novo.

O Senhor sabe como é difícil para os homens, e especialmente para os judeus, depender somente da graça. Isso significa que o homem condena a si mesmo e reconhece que não pode fazer nada de bom. É muito difícil para uma pessoa chegar a essa conclusão. Ela prefere muito mais fazer

algo por si mesma, esforçar-se para cumprir a lei, conquistar a salvação por si mesma. Enquanto ela disser: “O antigo é melhor”, ela rejeitará a graça.

O Noivo está presente e, embora isso devesse ser motivo de alegria, tendo em vista o poder de Deus que está ali, o homem prefere escolher o antigo, porque esse é o homem e não o poder de Deus. O velho é tão familiar que temos medo de trocá-lo pelo novo desconhecido. Só abandonamos o antigo quando reconhecemos o Senhor no novo. O padrão não deve ser como sempre o vimos, mas deve ser a luz que Deus dá por meio de Sua Palavra. Podemos ficar solidificados em tradições se nos fecharmos ao poder da Palavra de Deus.

Lucas 6

Luc 6:1-5 | Colhendo espigas no dia de sábado

1 E aconteceu que, num sábado, passou pelas searas, e os seus discípulos iam arrancando espigas e, esfregando-as com as mãos, as comiam. 2 E alguns dos fariseus lhes disseram: Por que fazeis o que não é lícito fazer nos sábados? 3 E Jesus, respondendo-lhes, disse: Nunca lestes o que fez Davi quando teve fome, ele e os que com ele estavam? 4 Como entrou na Casa de Deus, e tomou os pães da proposição, e os comeu, e deu também aos que estavam com ele, os quais não lhes era lícito comer, senão só aos sacerdotes? 5 E dizia-lhes: O Filho do Homem é senhor até do sábado.

O ensinamento do Senhor sobre o velho e o novo é ilustrado nesse incidente e também no seguinte. Ambos os incidentes são sobre o que acontece no sábado. O sábado, acima de tudo, pertence à Lei, o Antigo. O Senhor mostrará aqui como funciona o novo.

Deus deu o sábado como um sinal da aliança. Ele nunca pretendeu que esse dia atrapalhasse a graça. Isso já está claro pelo fato de que Deus deu o sábado antes mesmo da queda. Ele pretendia que esse dia fosse uma bênção. No entanto, os fariseus e os escribas fizeram dele um dia que se tornou um jugo. O Senhor mantém o sábado, não o abole, mas usa esse dia como um dia de bênção e graça, como sempre deveria ter sido, de acordo com a intenção de Deus.

O primeiro incidente ocorre no “segundo-primeiro sábado”. Esse era provavelmente “o segundo sábado após a Páscoa e o primeiro após a oferta do molho das primícias” (Lev 23:10-12). Portanto, isso significa que o molho das primícias já havia sido movido e os discípulos estavam, portanto, livres para comer das espigas. Portanto, é o primeiro sábado após a oferta do molho das primícias. Nenhum israelita verdadeiro teria considerado legítimo comer grãos frescos antes de o Senhor ter recebido Sua porção com o molho das primícias.

Naquele dia, o Senhor passa pelas plantações de cereais com Seus discípulos, ou seja, no meio das bênçãos de Deus, e os discípulos comem (não

diz que o Senhor fez isso). Portanto, isso é perfeitamente legal, porque o molho das primícias já havia sido movido diante de Deus e, portanto, a lei permitia comer da nova colheita (Deu 23:25). Os fariseus pensam de forma diferente. Eles criaram suas próprias leis e incluíram nelas tudo o que é permitido em um sábado e, principalmente, o que não é permitido. Portanto, eles se opõem ao comportamento dos discípulos.

O Senhor intercede por Seus discípulos. Em Sua resposta, Ele deixa duas coisas claras: a posição que ocupa e quem Ele é. Sua posição é a mesma de Davi quando ele estava fugindo de Saul. O Senhor se refere a esse incidente (1Sam 21:1-9). Davi foi o rei ungido por Deus, mas foi rejeitado. Não era a intenção de Deus que Seu ungido passasse necessidade por causa dos regulamentos formais da lei. Deus, que deu esses preceitos, está acima dos preceitos que deu.

Da mesma forma, com a rejeição do rei, todo o sistema israelita se tornou ineficaz. Os fariseus estão preocupados com trivialidades enquanto rejeitam Cristo. Lucas destaca a correspondência com a história do rei Davi. A posição do Senhor Jesus é exatamente como a de Davi depois de sua unção e antes de sua subida ao trono. Davi se encontrava em dificuldades tão extraordinárias que recebeu o pão sagrado para comer.

Quando o rei ungido e seus seguidores estão carentes das próprias necessidades, Deus se recusa, por assim dizer, a cobrar um ritual. Como Ele pode aceitar os pães da proposição, do povo, como alimento para Seus sacerdotes, quando Seu Rei e aqueles que O seguem estão ameaçados de morte? O grande Filho de Davi está na mesma situação com seus discípulos. Isso fica evidente na fome de seu ungido e de seus fiéis seguidores.

O Senhor aborda esse incidente na forma de perguntas. Ele faz perguntas que exigem que eles avaliem espiritualmente uma situação. Por meio de suas respostas, em voz alta ou silenciosa em seus corações, eles demonstram se vivem com Deus ou se contam apenas com pessoas, consigo mesmos.

O próprio Senhor dá a resposta. Nessa resposta, Ele indica quem Ele é. Ele é o Filho do Homem, a quem os homens se dirigem. Ele é o Filho do Homem a quem Deus submeteu todas as coisas. Ele ainda não reivindica o direito a elas, mas isso não significa que não o tenha. Como tal, Ele é

Senhor de todas as coisas, inclusive do sábado. Além disso, como o próprio Yahweh, Ele instituiu o sábado. Está claro que Ele enfatiza aqui a Sua pessoa. O sábado não pode limitá-Lo em Sua bondade. Pelo contrário, o sábado está à Sua disposição para que Ele possa mostrar Sua bondade. Vemos isso no seguinte incidente.

Luc 6:6-11 | Uma mão mirrada é curada

6 E aconteceu também, em outro sábado, que entrou na sinagoga e estava ensinando; e havia ali um homem que tinha a mão direita mirrada. 7 E os escribas e fariseus atentavam nele, se o curaria no sábado, para acharem de que o acusar. 8 Mas ele, conhecendo bem os seus pensamentos, disse ao homem que tinha a mão mirrada: Levanta-te e fica em pé no meio. E, levantando-se ele, ficou em pé. 9 Então, Jesus lhes disse: Uma coisa vos hei de perguntar: É lícito nos sábados fazer bem ou fazer mal? Salvar a vida ou matar? 10 E, olhando para todos ao redor, disse ao homem: Estende a mão. E ele assim o fez, e a mão lhe foi restituída sã como a outra. 11 E ficaram cheios de furor, e uns com os outros conferenciavam sobre o que fariam a Jesus.

Mais uma vez o assunto é o sábado. Agora não em relação à posição de Cristo ou à Sua pessoa, mas ao Seu poder. Ele tem o poder de curar na graça e exerce esse poder, quer seus oponentes gostem ou não. Ele entrou em uma sinagoga em um sábado (não a mesma dos versos anteriores). Lá Ele ensina. Onde Ele chega, não há dúvida se Ele pode. Ele está lá ensinando. Há também um homem cuja mão direita está mirrada. Esse homem não pode desfrutar dos frutos da terra. Não pode colher espigas de milho e esfregá-las com as mãos veja o verso 1.

Os escribas e fariseus também estão lá. Eles veem o Senhor Jesus e veem o homem com a mão mirrada. Eles conhecem a bondade e o poder do Senhor e já estão vendo que Ele vai curar. É isso que eles estão esperando, porque então terão uma acusação contra Ele. Eles não dão ouvidos aos Seus ensinamentos, mas estão ansiosos para ver se Ele realmente vai curar, pois assim poderão pegá-Lo.

O Senhor aceita o desafio não dito por eles. Ele permite que o homem ocupe um lugar visível a todos. O homem obedece e se coloca no meio. Ao fazer isso, ele se posiciona ao lado do Senhor Jesus e em frente aos líderes

religiosos. Ele também vê os olhos de todos voltados para ele. Mas ele não deixa que isso o impeça de esperar tudo do Senhor. Ele mantém seus olhos fixos Nele e em Sua bondade.

Antes de o Senhor curar o homem, Ele lhes faz uma pergunta sobre fazer o bem ou o mal no sábado. Ele lhes apresenta que a questão é se uma vida é salva ou perdida. Trata-se da vida do homem. A vida não é realmente vida até que ele possa desfrutar sem restrições das bênçãos que Deus concedeu na terra.

O Senhor olha para todos ao redor. Ele os olha nos olhos, um a um, com seus olhos que tudo vêem. Ele quer incluir todos em seu ato de graça e cura. Deve ficar claro para todos que esse ato tem algo a dizer a todos. Todos devem refletir se Seu ato é bom ou mau. Então Ele diz ao homem para estender a mão. Este não se pergunta se pode, nem que mão deve estender. Ele obedece e o resultado é a restauração de sua mão. Assim, ele se tornou um companheiro do Noivo e compartilha da bênção e da alegria dos companheiros do Noivo.

A consciência dos líderes religiosos, entretanto, está tão endurecida que a graça os enlouquece. Ela os faz pensar em como eliminar Cristo.

Luc 6:12-16 | Chamando doze discípulos

12 E aconteceu que, naqueles dias, subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus. 13 E, quando já era dia, chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos: 14 Simão, ao qual também chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; 15 Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; 16 Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que foi o traidor.

Com o crescente ódio dos líderes, o Senhor busca a solidão para ter comunhão com Seu Deus. Ele fez o mesmo quando todos O procuraram para serem curados (Luc 5:15-16). A oração é o refúgio desse homem dependente em todas as circunstâncias. Em vez de ser impedido pelo ódio dos líderes religiosos, o Senhor acrescenta ferramentas de graça. Ele envolve outras pessoas nesse trabalho porque deseja alcançar todas as pessoas com o Evangelho.

Depois de uma noite de oração, Ele chama Seus discípulos para junto de Si. Nenhum dos profetas que Deus enviou ao Seu povo chamou outros a Si mesmo para depois enviá-los. Ele pode fazer isso em virtude de Sua majestade, mas Ele o faz como o Homem dependente. Ele conhece a vontade de Seu Pai. É por isso que Ele não erra quando também escolhe Judas Iscariotes. Ele se cerca aqui de corações fiéis a Deus, os chamados de Sua graça. Ele os chama de “apóstolos”, ou seja, mensageiros. Ele os enviará. Ele o faz alguns capítulos mais tarde e também depois de ascender ao céu. Como apóstolos do Cordeiro, eles continuarão o que Ele começou.

Em todas as listas dos doze discípulos que temos nos Evangelhos, Simão é o primeiro a ser mencionado. O Senhor lhe dá o nome de Pedro. Isso mostra a autoridade do Senhor. As pessoas que estão acima de outras têm o poder de dar ou mudar nomes. O segundo é seu irmão André. É maravilhoso poder servir ao Senhor junto com um irmão. Há um relacionamento familiar, um relacionamento de fé e um relacionamento ministerial. Também vemos esses três relacionamentos nos dois discípulos seguintes, os irmãos Tiago e João.

Filipe é mencionado como o quinto em todas as listas e, portanto, está à frente do segundo grupo de quatro discípulos. Nesse segundo grupo, os mesmos quatro discípulos são mencionados em cada enumeração dos doze discípulos, com a ordem alternada entre eles. Bartolomeu é provavelmente o mesmo que Natanael (Joã 1:45-51; 21:2), a quem Filipe trouxe ao Senhor. Assim, deve ter havido uma estreita ligação entre eles. Mateus é o escritor do Evangelho, também conhecido como Levi, o antigo publicano. Tomé também é chamado de Dídimo, que significa gêmeo (Joã 21:2). Isso certamente é uma referência ao fato de ele ter um irmão gêmeo, do qual, no entanto, não sabemos nada. De Tomé sabemos que ele seguiu o Senhor.

Tiago, filho de Alfeu, é o primeiro do terceiro grupo de quatro discípulos. Simão, o Zelote, também pertence a esse grupo. Os zelotes (literalmente: zelotes) eram seguidores de Judas, o galileu, que declarou que os impostos deveriam ser pagos somente a Deus e não aos romanos. É notável que o Senhor faça discípulos tanto Mateus, que cobrava impostos para os romanos, quanto Simão, que lutava contra isso. Aqueles que são inimigos por natureza tornam-se amigos em seu amor pelo Senhor. O Senhor também chama Judas. Em vista disso, Ele certamente também falou com Seu Pai

em oração. Quando Judas é chamado, ele ainda não é o traidor, mas se tornará um.

Luc 6:17-19 | O Senhor cura a muitos

17 E, descendo com eles, parou num lugar plano, e também um grande número de seus discípulos, e grande multidão do povo de toda a Judéia, e de Jerusalém, e da costa marítima de Tiro e de Sidom; 18 os quais tinham vindo para o ouvir e serem curados das suas enfermidades, como também os atormentados dos espíritos imundos. E eram curados. 19 E toda a multidão procurava tocar-lhe, porque saía dele virtude que curava todos.

O Senhor desce “com eles”, ou seja, com os discípulos que Ele acabou de escolher para serem apóstolos. Não diz que eles desceram com Ele, mas que Ele desceu com eles. Que prova de graça! O Senhor está sempre pronto a descer conosco, a ir conosco, para que possamos cumprir a tarefa que Ele nos deu. Ele desce com eles porque os enviará para fazer o que Ele faz: falar palavras da graça. Portanto, eles devem aprender com Ele o tipo de mensagem que Ele traz. Eles não devem receber essa mensagem apenas como conhecimento, mas Suas palavras devem primeiro fazer seu trabalho de formação neles mesmos. Suas palavras são palavras que mudam a vida.

Ele escolhe um lugar nivelado onde a grande multidão que está com Ele possa vê-Lo e ouvi-Lo. A grande multidão é da Judeia e de Jerusalém, onde o ministério dos apóstolos deve começar depois que Ele for para o céu (Atos 1:8). Também há pessoas de fora de Israel, da área costeira de Tiro e Sidom. A graça não se limita a Israel, mas é para todos os povos, até os confins da terra.

A grande multidão veio “para ouvi-lo”, essa é a primeira coisa. É uma bênção ouvir Suas palavras. O valor dessas palavras é grande, e a multidão reconhece isso. A grande multidão também veio para ser curada de suas enfermidades. Não só se trata de suas palavras, mas o Senhor é misericordioso e os ajuda em suas aflições.

Os que eram atormentados por espíritos imundos também foram curados. Eles se abriram para esses espíritos imundos e foram seduzidos por esses poderes demoníacos, que estavam ligados aos seus desejos imundos. Depois souberam que haviam se entregado a espíritos atormentadores dos

quais não podiam mais se livrar. O Senhor é misericordioso, e quando alguém Lhe pede libertação, Ele atende. Tem-se a impressão de que toda a multidão é composta de pessoas doentes.

Todos querem tocá-Lo para serem curados. O poder do Senhor está palpavelmente presente, e eles querem usufruir dele. Sem impor nenhuma condição, Ele cura todos os que O tocam. Seu poder foi manifestado anteriormente, mostrando o efeito curativo de Seu ensino sobre os fariseus e mestres da lei que haviam se reunido (Luc 5:17). Agora há um poder que cura todos, e isso na presença de Seus discípulos que Ele enviará e a quem ensinará nos versos seguintes com palavras que curam e dão saúde (1Tim 6:3).

Luc 6:20-23 | Bem-aventuranças

20 E, levantando ele os olhos para os seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. 21 Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir. 22 Bem-aventurados sereis quando os homens vos aborrecerem, e quando vos separarem, e vos injuriarem, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do Homem. 23 Folgai nesse dia, exultai, porque é grande o vosso galardão no céu, pois assim faziam os seus pais aos profetas.

Essas bem-aventuranças são muito parecidas com as de Mateus 5-7, mas provavelmente se referem a uma ocasião diferente e a uma multidão diferente. O Senhor terá dito coisas com o mesmo conteúdo em ocasiões diferentes, mas com palavras adequadas a cada uma dessas ocasiões. Todos os pregadores fazem isso, falando sobre os mesmos assuntos em ocasiões diferentes, mas de uma forma ligeiramente diferente a cada vez.

Nesse discurso, o Senhor aponta o caráter que Seus ensinamentos produzirão naqueles que os aceitarem. Ele fala principalmente a Seus discípulos, mas as multidões o escutam (Luc 7:1). Ele ergue os olhos para Seus discípulos. Isso significa que Ele assume uma posição inferior como Mestre. Os ensinamentos que Ele dá, Ele mesmo os coloca em prática completamente. Ele não ensina um assunto, mas um estilo de vida, um comportamento,

no qual se torna visível quem é Deus, que veio em Cristo ao homem em humildade.

A diferença em relação ao Sermão da Montanha no Evangelho segundo Mateus pode ser vista na forma de tratamento que o Senhor usa. Aqui em Lucas, Ele se dirige diretamente a Seus discípulos. Ele se dirige a eles e diz, em relação ao Reino de Deus: “... vosso é”. Em Mateus, Ele não está falando a um grupo específico, mas sobre um grupo específico, dizendo que o reino dos céus é “deles” (Mat 5:3). Ele está falando sobre as características daqueles que são súditos no reino dos céus, um reino que foi adiado pela rejeição do Rei, mas que será estabelecido quando Ele voltar. Nesse meio tempo, o reino está sendo estabelecido de forma oculta, como Ele deixa claro nas parábolas de Mateus 13. No Sermão da Montanha, Ele apresenta àqueles que estão no reino, por assim dizer, a lei básica do reino à qual eles devem aderir. Em Lucas, Ele aponta uma característica especial daqueles que pertencem a Ele, ou seja, seu vínculo com Ele. Na descrição que Ele faz aqui de Seus discípulos, fica claro que Ele parte de Sua rejeição como um fato consumado. Eles compartilham a Sua rejeição.

Nos primeiros que Ele chama de bem-aventurados, a referida diferença em relação ao que está escrito em Mateus é claramente expressa. Lucas compartilha que o Senhor se dirige a Seus discípulos pessoal e diretamente: “Bem-aventurados vós, os pobres”. Mateus não faz isso. Ele observa da boca do Senhor: “Bem-aventurados os pobres de espírito”, ou seja, em termos gerais e referindo-se ao Espírito.

Em Lucas, Ele também se dirige aos discípulos apenas como “pobres”. Isso é mais geral do que “os pobres de espírito” em Mateus. Seus seguidores são pobres em todos os sentidos. Eles não são presunçosos nem têm grandes riquezas. Eles são como Ele, que se tornou pobre por nossa causa (2Cor 8:9). Eles podem ser pobres agora, mas logo receberão todo o reino de Deus como suas verdadeiras riquezas. Essa perspectiva é a razão pela qual o discípulo pobre pode se considerar abençoado.

O verdadeiro discípulo também está com fome, mas o Senhor diz que é “abençoado” por isso. Em Mateus, Ele também relaciona “sede” e “fome” por “justiça”. Em Lucas, a conexão é novamente geral. Os discípulos têm fome de tudo o que é de Deus e que eles não veem no mundo ao seu redor.

O mundo não tem fome de Deus, mas O rejeita. O mundo persegue seus próprios interesses às custas de tudo e de todos. Deus não é levado em conta de forma alguma. O discípulo tem fome pelo tempo em que Deus reinará na Terra por meio de Cristo. Então o discípulo ficará saciado. Todo o seu desejo pelo que é de Deus será satisfeito. Toda a situação na Terra não pode deixar o discípulo feliz. Ele sofre com ela, ela lhe causa tristeza. Entretanto, essa situação não durará para sempre. Quando Deus reinar na Terra por meio de Cristo, então o discípulo rirá.

Como Deus ainda não reina em Cristo na Terra, mas é rejeitado no momento, essa também será a parte dos discípulos de Cristo. Os homens os odiarão, os excluirão e os insultarão. Seu nome será chamado com desprezo. E tudo isso porque eles pertencem ao Filho do homem rejeitado. O Senhor os chama de abençoados. É um destino abençoado compartilhar o opróbrio que é a porção Dele.

Eles não precisam se entristecer com o que os homens farão com eles por causa do Senhor. Pelo contrário, podem se alegrar com isso. Foi o que fizeram (Atos 5:41) e muitos depois deles. Pelo que os homens lhes fizerem por causa Dele, eles se alegrarão na Terra, e a ideia da recompensa no céu pode lhes dar mais alegria. No sofrimento que lhes é infligido, eles se tornam companheiros dos profetas que sofreram com os pais desses perseguidores. As pessoas que perseguem fazem o que seus antepassados já haviam feito.

Luc 6:24-26 | Os ais

24 Mas ai de vós, ricos! Porque já tendes a vossa consolação. 25 Ai de vós, os que estais fartos, porque tereis fome! Ai de vós, os que agora rides, porque vos lamentareis e chorareis! 26 Ai de vós quando todos os homens falarem bem de vós, porque assim faziam seus pais aos falsos profetas!

Aqui o Senhor fala sobre um grupo de pessoas completamente diferente, pessoas sobre as quais Ele anuncia um “ai”. Não ouvimos isso no Sermão da Montanha. Trata-se das pessoas do mundo que se entregam a seus prazeres e deleites. Ele anuncia “ai” para eles, assim como anuncia “bendito” para os outros. A diferença é se alguém O segue ou não. Mesmo que se

trate de outro grupo de pessoas, Ele ainda diz “vocês”, “ai de vocês”. Ele quer colocar isso no coração dos discípulos também.

Ele está falando sobre os ricos em contraste com os pobres no verso 20. Os pobres são os pobres no sentido geral. Portanto, os ricos também são mencionados em um sentido geral: não apenas os ricos materialmente, mas também aqueles que são ricos em habilidades espirituais e, portanto, acham que podem menosprezar os outros. Eles não precisam de consolo mais tarde, porque já vivem com o pensamento, que é “reconfortante” para eles, de que conseguiram tudo por si mesmos, e sem Deus.

O mesmo se aplica àqueles que estão satisfeitos. Eles têm tudo o que seu coração deseja. Eles também pensam que estiveram presentes para os outros. Assim, experimentam satisfação interior. Eles não podem remediar toda a miséria do mundo, mas fizeram o que podiam. No entanto, não pensam em Deus e ignoram o fato de que toda a miséria do mundo é resultado do pecado do homem, que também está neles.

Chega um momento em que sua complacência acaba. Todos aqueles que veem a vida como um grande festival de alegria também ficarão desiludidos. Podemos pensar no carnaval. As pessoas economizam para ele durante um ano, vivem em função dele e, quando chega a hora, se livram de todas as inibições. Para elas, toda a vida poderia ser um carnaval. Elas não querem reconhecer os direitos de Deus sobre os homens. Tampouco consideram que o mundo rejeitou o Filho de Deus por causa do pecado do homem. Aqueles que não vivem em união com Cristo podem rir por um curto período, mas lamentarão e chorarão para sempre. O único consolo que essas pessoas têm é a vida que desfrutam momentaneamente na Terra. Os crentes, por outro lado, serão consolados com consolo eterno quando estiverem com o Senhor Jesus (Luc 16:25).

O Senhor Jesus esclarece que nem todas as pessoas valorizam um verdadeiro discípulo. As pessoas que são aprovadas por todos formam um grande contraste com aquelas cujo nome é rejeitado como mau por causa do Filho do Homem verso 22. Se todos os homens falam bem de alguém, essa pessoa é hipócrita. Trata-se de alguém que fala segundo a boca de todos e quer parecer bem em todos os lugares e, dessa forma, acha que tem todos como amigos. Apontar o que está errado não é bem visto por eles, e

certamente não a pregação do julgamento de Deus sobre o pecado. Essas pessoas são como os falsos profetas que diziam o que o povo queria ouvir (Miq 2:11). Esses profetas são bem recebidos pelo povo, mas não por Deus.

Luc 6:27-30 | Amar os inimigos

27 Mas a vós, que ouvís, digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem, 28 bendizeis os que vos maldizem e orai pelos que vos caluniam. 29 Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra; e ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses. 30 E dá a qualquer que te pedir; e ao que tomar o que é teu, não lho tornes a pedir.

Agora seguem as instruções sobre como os discípulos podem refletir o Espírito da graça do Senhor. Ele ainda não envia seus discípulos, mas os prepara para isso. Tudo começa com o amor. Essa é a única disposição verdadeira em que a graça pode ser demonstrada. O amor se origina no coração de Deus e é revelado em Cristo. Deus e Cristo devem ser vistos em primeiro lugar nesses versos. Somente quando há uma conexão interior com o Senhor Jesus é que o discípulo pode colocar essas coisas em prática, pois o amor de Deus é então derramado no coração do discípulo (Rom 5:5). O amor é mais visível quando é expresso em relação aos inimigos. O amor que pode se derramar e até abraçar um inimigo não é humano, mas divino.

O Senhor se dirige a Seus discípulos como “a vós, que ouvís”. Tudo começa com o fato de ouvi-Lo. O amor pelo Senhor é demonstrado ao ouvi-Lo. Com o amor que vemos Nele, podemos fazer o bem às pessoas que nos odeiam. Posteriormente, o Senhor fala por meio de diferentes canais pelos quais o amor pode ser derramado, de acordo com o tipo de hostilidade que encontramos. Cada tipo de hostilidade dá oportunidade para uma expressão específica de amor. As pessoas que não conhecem Aquele que percebeu isso de maneira perfeita não podem colocar essas coisas em prática, mesmo que queiram, porque não O têm como sua vida.

Abençoar significa desejar o bem. Desejar o bem àqueles que nos desejam o mal é o verdadeiro seguimento de Cristo. Quando o Senhor estava pendurado na cruz, Ele pediu ao Pai que perdoasse aqueles que Lhe haviam feito isso (Luc 23:34). Isso significa desejar bênçãos àqueles que nos amal-

diçoam. Quando as pessoas nos ofendem, oramos por elas. O Senhor não diz para orarmos por nós, mas por elas. O que vamos orar por elas?

O discípulo que anda em amor não busca retribuição quando é maltratado, mas está pronto para suportar mais maus-tratos. Ele não insiste em seus direitos, mas permite que tudo lhe seja tirado e está disposto a acrescentar mais. Esse não é o uso infantil e irresponsável de nossas vidas e posses, mas a resposta ao ódio e ao insulto por causa de nossa associação com o Senhor Jesus. Foi assim que Ele respondeu ao que Lhe foi feito.

Um discípulo que anda em amor dá onde Lhe é pedido. Ele dá porque Deus é um doador e porque o Senhor Jesus deu a Si mesmo e ele mesmo experimentou isso. E se algo for tirado do discípulo, se ele for destituído por pertencer a Cristo, ele não insistirá em seus direitos, mesmo que os tenha. Assim, já aconteceu de os cristãos terem sido privados da oportunidade de estudar ou de abrir um negócio quando outros tinham permissão para fazê-lo. Cristo nunca exerceu Seu direito à realeza. Esse direito Lhe foi tirado e Ele o aceitou.

Luc 6:31-36 | Sede misericordiosos

31 E como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira fazei-lhes vós também. 32 E, se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Também os pecadores amam aos que os amam. 33 E, se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que recompensa tereis? Também os pecadores fazem o mesmo. 34 E, se emprestardes àqueles de quem esperais tornar a receber, que recompensa tereis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para tornarem a receber outro tanto. 35 Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei o bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno até para com os ingratos e maus. 36 Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.

O discípulo está preocupado em fazer o bem aos outros. Ele não pensa negativamente. Ele não pensa: “O que eu não quero que os outros façam comigo, eu não farei com os outros”. Ele pensa positivamente. O que eu gostaria que os outros fizessem a mim, eu quero fazer aos outros. Isso também se aplica a Deus e a Cristo. O Senhor Jesus começou a fazer o bem, e Ele poderia esperar que depois o homem fizesse o bem a Ele.

O Senhor Jesus intensifica o que foi dito ao salientar que não se trata do comportamento dos discípulos uns com os outros. Se houver amor – e ele deve estar presente – não é difícil amar. Ele não produz sentimentos especiais de gratidão nos outros. Isso também pode ser encontrado entre os pecadores. Desse ponto de vista, não é característico do amor. Trata-se de casos em que se demonstra amor que a outra pessoa não espera.

Fazer o bem também não significa fazê-lo como uma retribuição àqueles que nos fizeram o bem. Assim, a outra pessoa não tem motivo para ser grata. As pessoas no mundo agem da mesma forma. Se emprestarmos dinheiro a alguém que esteja precisando e tivermos em mente a esperança de ganhar algo com isso, de receber algo em troca, seja de que forma for, então não emprestamos de forma altruísta, por amor. Nesse caso, não somos melhores do que os pecadores que também emprestam a todos se tiverem certeza de que receberão de volta pelo menos a quantia emprestada.

É uma questão de amar os inimigos, fazer o bem a eles e emprestar a eles. Se fizermos isso como o Senhor quis dizer e Ele mesmo fez, receberemos grande recompensa. Além disso, seremos verdadeiramente filhos do Altíssimo. Deus demonstrou amor, fez o bem, emprestou. Quando fazemos isso, nos tornamos semelhantes a Ele. O “Altíssimo” é o nome glorioso de Deus no Reino da Paz, quando Ele colocou todo o poder aos pés do Filho do Homem. Deus é o Altíssimo mesmo agora. Sua majestade sobre todas as coisas é expressa de maneira especial em Sua majestade sobre o mal.

Que incentivo para os discípulos que estão cercados pelo mal e, às vezes, pensam que ele triunfará sobre eles. O Altíssimo é exaltado acima dele. Ele mostra essa sublimidade em Sua bondade para com os ingratos e os perversos, em vez de exterminá-los. Quando agimos dessa forma, somos verdadeiros filhos que se assemelham ao Pai. Essa é a filiação como o Senhor a pretende, filiação que é para o prazer do Pai. Há até mesmo uma recompensa associada a esse comportamento.

O Senhor resume o que foi dito em uma palavra: Misericórdia. Todas as pessoas precisam de misericórdia. O Pai teve misericórdia dos discípulos. Conscientes dessa misericórdia, os seguidores do Senhor podem se dirigir a todas as pessoas ao seu redor para colocar em prática os ensinamentos

que receberam. Os filhos não se sentem exaltados acima dos outros e não julgam. Essa atitude e mentalidade são apresentadas na seção a seguir.

Luc 6:37-42 | Julgar os outros

37 Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; soltai, e soltar-vos-ão. 38 Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalçada, sacudida e transbordando vos darão; porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo. 39 E disse-lhes uma parábola: Pode, porventura, um cego guiar outro cego? Não cairão ambos na cova? 40 O discípulo não é superior a seu mestre, mas todo o que for perfeito será como o seu mestre. 41 E por que atentas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu próprio olho? 42 Ou como podes dizer a teu irmão: Irmão, deixa-me tirar o argueiro que está no teu olho, não atentando tu mesmo na trave que está no teu olho? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás bem para tirar o argueiro que está no olho de teu irmão.

Se o ensinamento anterior foi levado a sério, outro perigo se aproxima. Esse perigo é sentir-se melhor do que os outros, sentir-se superior aos outros. Não é assim que Deus tem agido neste mundo. Se o discípulo se esquecer disso, um espírito de crítica se apodera dele e se manifesta na crítica de tudo o que não está de acordo com o ensinamento anterior.

O Senhor adverte Seus discípulos contra um espírito arrogante, a autoimportância de ser capaz e obrigado a julgar tudo. Julgar é formar uma opinião definitiva sobre algo que alguém faz e que é considerado errado, sem que esse julgamento pertença ao discípulo. Condenar é descartar alguém que, no julgamento do discípulo, não está agindo corretamente. O discípulo deve levar em conta que, ao julgar e condenar, ele mesmo será julgado e condenado.

O Senhor diz isso de forma negativa. Se você não o fizer, isso também não acontecerá com você. Portanto, devemos abrir mão de nossas opiniões sobre os outros, devemos dar liberdade aos outros e deixá-los com o Senhor. Nós mesmos experimentaremos isso como a verdadeira libertação. Sempre achar que temos de julgar e condenar tudo é escravidão. Se aprendermos a abrir mão disso, viveremos em verdadeira liberdade, ou seja, seremos capazes de servir ao Senhor como Ele quiser. Em vez de criticar

os outros, devemos dar aos outros. Se fizermos isso, também receberemos retribuição e de forma impressionantemente abundante.

Para isso, o Senhor cita um exemplo do mercado. Uma pessoa que comprou trigo comprou-o em uma medida. O comerciante colocava o trigo lá dentro. Ele poderia polvilhar o trigo de forma solta, mas também poderia tentar colocar o máximo possível, pressionando e sacudindo o trigo. Ele poderia até mesmo colocar mais uma xícara sobre ele para que a medida transbordasse. É assim que Deus nos trata em abundância. Receberemos de Deus além do que realmente merecemos. O princípio geral é que seremos tratados como nós tratamos os outros. Isso vale tanto para criticar quanto para doar.

Em uma parábola, o Senhor Jesus fala sobre como os atributos de Deus podem se tornar visíveis. Não podemos ver Deus, mas podemos ver seus filhos. Isso pode se referir aos verdadeiros filhos, aqueles que foram feitos enxergar por meio de Cristo e que, portanto, conhecem Deus e podem mostrar seus atributos. Mas também pode se referir àqueles que presumem estar em conexão com Deus. Eles afirmam conhecê-Lo e se apresentam como líderes de outros. O Senhor nos considera responsáveis de acordo com o que professamos ser e mostramos aos outros. Será que achamos que vemos e podemos liderar os outros? Em todo caso, um cego não pode liderar um cego. Um cego é aquele que não conhece Cristo.

Se não olharmos para Ele e não formos como Ele, jamais poderemos mostrar a outra pessoa o bom caminho. Pereceremos junto com aqueles que nos seguem. Podem ser nossos filhos, podem ser outros cristãos. Um discípulo não deve presumir ser mais do que seu mestre. Um verdadeiro discípulo quer ser como seu mestre, assim como um verdadeiro filho quer ser como seu pai. E não apenas um pouco, mas em tudo. “Aperfeiçoado” significa: alguém que é totalmente instruído e completamente moldado pela instrução do mestre e, portanto, se assemelha a ele. Ele será como seu mestre em tudo o que foi moldado por ele. Cristo foi e é a perfeição, e nós crescemos em direção a Ele em todas as coisas, na medida do pleno crescimento da plenitude de Cristo (Efé 4:13-15; Col 1:28).

Talvez nosso problema não seja tanto o fato de sermos cegos. Vemos sim, conhecemos o Senhor, mas nosso problema é que olhamos tão pouco para

Ele. Não somos cegos, mas somos muito limitados em nossa visão, e isso sem que nós mesmos percebamos. Achemos até que vemos tão claramente que conseguimos enxergar o argueiro no olho de nosso irmão, sem perceber que nós mesmos temos uma trave em nosso olho. O Senhor usa esse exagero para mostrar como somos cegos para nossas próprias falhas, enquanto os outros as percebem claramente. Nós, por outro lado, achamos que podemos julgar o menor defeito na vida de nosso irmão com rigor.

Precisamos reconhecer duas coisas: quem é o Senhor e quem somos nós mesmos. Alguém que não enxerga a trave em seu próprio olho não voltou seus olhos para o Senhor e não conhece a si mesmo. Isso vai ainda mais longe. Não se trata apenas do fato de a trave estar presente em seu próprio olho, mas de perceber o argueiro no olho do outro. É também o fato de a pessoa imaginar que pode remover rapidamente o argueiro do olho do irmão sem ter a menor noção da trave em seu próprio olho.

Os discípulos podem ser totalmente cegos para suas próprias falhas óbvias, com as quais muitos ao seu redor estão irritados. É realmente angustiante a facilidade com que essas pessoas detectam uma pequena indelicadeza em um discípulo com o qual estão irritadas e até se oferecem para remover a falta de tato em um momento. O Senhor chama esses discípulos de hipócritas. Eles deveriam primeiro olhar para si mesmos. Somente quando tiverem visto e julgado a si mesmos à luz de Deus é que poderão ajudar os outros.

Luc 6:43-45 | Toda árvore tem seu próprio fruto

43 Porque não há boa árvore que dê mau fruto, nem má árvore que dê bom fruto. 44 Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abrolhos. 45 O homem bom, do bom tesouro do seu coração, tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro do seu coração, tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca.

Um comportamento como o do homem com a trave é um fruto ruim. Este homem não é uma árvore boa. Por ser uma árvore má, ele não dá bons frutos. O autojulgamento dos versos anteriores é aplicado às árvores. Isso não apenas garante que bons frutos possam vir, mas, mais importante, que a própria pessoa se torne uma boa árvore. Uma árvore não é reconhecida

apenas pelos frutos bons ou ruins, mas também por seu próprio fruto. Toda árvore produz o fruto que corresponde à sua própria natureza. O cristão produz o fruto da natureza de Cristo. É uma questão de coração e de verdadeira obediência prática.

O verdadeiro bem só pode vir de um bom coração. Da árvore e do fruto, o Senhor passa para o coração. Quando Cristo é mantido nele como o bom tesouro, o bem sai do coração. Essa pessoa é uma pessoa boa. O inverso é verdadeiro: quando alguém não tem Cristo como um bom tesouro em seu coração, ele é mau. Há um tesouro maligno em seu coração. Ele só pensa em si mesmo, e o que sai dele é mau.

O tipo de tesouro que alguém tem no coração é demonstrado pelas palavras que ele fala. Alguém que se caracteriza por estar sempre criticando, sempre falando negativamente sobre os outros, é uma pessoa má. O discípulo que aprendeu com o Senhor está preocupado em fazer o bem aos outros. Isso será demonstrado por sua fala. Ele dirá coisas boas sobre o Senhor Jesus e sobre os seus, e desejará ser para os outros como o Senhor Jesus foi para os outros. Assim, Paulo podia dizer dos crentes de Roma que eles eram cheios de bondade (Rom 15:14), enquanto antes ele dizia que o homem, por natureza, não faz o bem (Rom 3:12).

O que importa é que realmente reconheçamos o Senhor como Senhor. Podemos chamá-Lo de “Senhor” com um “Senhor, Senhor” exagerado, mas se não fizermos o que Ele diz, é uma mentira. Nesse sentido, não se trata do que professamos, mas do que fazemos, do que demonstramos em nossa vida.

Luc 6:46-49 | Dois fundamentos

46 E por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo? 47 Qualquer que vem a mim, e ouve as minhas palavras, e as observa, eu vos mostrarei a quem é semelhante. 48 É semelhante ao homem que edificou uma casa, e cavou, e abriu bem fundo, e pôs os alicerces sobre rocha; e, vindo a enchente, bateu com ímpeto a corrente naquela casa e não a pôde abalar, porque estava fundada sobre rocha. 49 Mas o que ouve e não pratica é semelhante ao homem que edificou uma casa sobre terra, sem alicerces, na qual bateu com ímpeto a corrente, e logo caiu; e foi grande a ruína daquela casa.

O Senhor define quem é o verdadeiro discípulo que ouve suas palavras e age de acordo com elas. Ele ilustra isso com um exemplo interessante. O discípulo que ouve as palavras do Senhor, demonstrará isso trabalhando arduamente para construir um bom alicerce para a casa de sua vida. Essa pessoa está profundamente imbuída dos perigos que ameaçam sua vida. Para ter um alicerce confiável para a casa de sua vida, ela cava fundo. Ela não é superficialmente ativa, mas remove de sua vida tudo o que não lhe oferece um ponto de apoio. Ele quer ter um bom alicerce. Somente a rocha oferece isso. A rocha é uma figura de Cristo (Mat 16:18; 1Cor 10:4). Ele é o alicerce (1Cor 3:11).

Se um discípulo construiu sua casa sobre ela, podem ocorrer inundações repentinas e torrentes de água, mas sua casa não se abala. Ela está bem construída porque está sobre a rocha. Foi feita uma escavação profunda na alma, por meio da qual toda a pecaminosidade veio à tona e foi condenada à luz de Deus. Aquele que cavou fundo aprendeu a dizer: “Miserável homem” (Rom 7:24), e depois chega à rocha: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor! (Rom 7:25). Então não há mais condenação (Rom 8:1). As palavras de Cristo são a rocha. Ao darmos ouvidos às Suas palavras, sobrevivemos a qualquer ataque do inimigo. Se alguém demonstrar essa fé por meio de sua obediência, jamais será incomodado ou envergonhado.

Entretanto, há também pessoas que ouvem as palavras de Cristo, mas não agem de acordo com elas. Elas não fazem nenhum esforço para cavar e ir às profundezas. Elas constroem sua casa “sobre a terra” porque acham que a “terra”, ou seja, as coisas terrenas, fornecem um alicerce suficiente para sua vida. Porém, quando as correntes de água chegam, fica evidente que essas coisas não fornecem um alicerce. A casa da vida desmorona e a devastação dessa casa é grande. Ela se torna uma ruína.

Também podemos aplicar a “casa” à “casa” do cristianismo (cf. 2Tim 2:20) e também à “casa” de Israel (cf. Heb 8:8). O “mas que ouviram e não fizeram” é exatamente o que caracterizava os cristãos e os judeus. Quando o Senhor voltar em glória, o golpe mais pesado do julgamento não cairá sobre as nações gentias que nunca ouviram a Palavra de Deus, mas sobre os judeus professos e as nações cristãs professas a quem a Palavra de Deus chegou em abundância. Eles ouviram o Evangelho, mas não o obedeceram.

Lucas 7

Luc 7:1-10 | O centurião de Cafarnaum

1 E, depois de concluir todos esses discursos perante o povo, entrou em Cafarnaum. 2 E o servo de um certo centurião, a quem este muito estimava, estava doente e moribundo. 3 E, quando ouviu falar de Jesus, enviou-lhe uns anciãos dos judeus, rogando-lhe que viesse curar o seu servo. 4 E, chegando eles junto de Jesus, rogaram-lhe muito, dizendo: É digno de que lhe concedas isso. 5 Porque ama a nossa nação e ele mesmo nos edificou a sinagoga. 6 E foi Jesus com eles; mas, quando já estava perto da casa, enviou-lhe o centurião uns amigos, dizendo-lhe: Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres debaixo do meu telhado; 7 e, por isso, nem ainda me julguei digno de ir ter contigo; dize, porém, uma palavra, e o meu criado sarará. 8 Porque também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados sob o meu poder, e digo a este: vai; e ele vai; e a outro: vem; e ele vem; e ao meu servo: faze isto; e ele o faz. 9 E, ouvindo isso, Jesus maravilhou-se dele e, voltando-se, disse à multidão que o seguia: Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé. 10 E, voltando para casa os que foram enviados, acharam são o servo enfermo.

O Senhor terminou de ensinar aos discípulos, mas o povo ouviu. Ele também se dirigiu a eles. As palavras, Suas palavras, são palavras de espírito e vida (João 6:63). Quando ouvimos suas palavras, não podemos permanecer neutros.

Em seguida, o Senhor vai para Cafarnaum. No incidente que Lucas registra, vemos o que a fé em sua palavra significa na prática, e isso com um centurião gentio. Em Cafarnaum, há um centurião que tem um servo [possivelmente escravo] que lhe é valoroso. Esse é um relacionamento notável. Um escravo normalmente é uma “coisa”. O fato de o escravo ser valioso para o centurião diz algo sobre o centurião e diz algo sobre o escravo.

Agora esse escravo está doente e até morrendo. O centurião deve ter feito de tudo para que seu escravo ficasse bom, mas nada adiantou. Em sua extrema angústia, ele se refugia no Senhor Jesus, que está chegando à cidade. Ele já tinha ouvido falar Dele. Ele tem uma boa opinião sobre Ele, como

fica claro a seguir verso 6. Portanto, ele não vai até o Senhor pessoalmente, mas envia os anciãos dos judeus até Ele. Ao fazer isso, ele reconhece a eleição desse povo como mediador entre Deus e os gentios. Os anciãos dos judeus desejam receber a bênção do Senhor. Esse é um quadro do que acontecerá no futuro, quando as nações perceberão que Deus está com seu povo (Zac 8:23).

Esses anciãos estão impressionados com o poder de Cristo. Eles acreditam que Ele é capaz de curar a pessoa doente. Eles rogam a Ele que o faça porque, na opinião deles, o centurião é digno disso. Eles lhe dão um bom parecer. Essa não é uma confissão forçada. Tanto sua fé no Senhor Jesus quanto sua estima pelo centurião são genuínas. Mas os anciãos julgam o gentio inteiramente por sua atitude para com eles. Isso é genuinamente judaico. Em vez de ver que sua própria lei os condena, eles se consideram superiores aos gentios. Eles são egocêntricos.

O centurião ama a Deus e ama o povo de Deus. Isso pode ser visto no fato de que ele construiu a sinagoga. O Espírito de Deus já havia trabalhado nele. Vemos como ele usa não apenas os anciãos, mas também seus amigos que falam mais a linguagem de seu próprio coração. Quando ele deixa os sentimentos puros de seu coração falarem e mediar seus amigos como seus segundos mensageiros, ele diz: “Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres debaixo do meu telhado”. Vemos duas coisas aqui: a profunda consciência que ele tem da glória do Senhor Jesus e a correspondente profunda consciência de seu próprio nada. O centurião se vê como indigno (cf. Luc 7:4-5).

Os anciãos citaram como um mérito o fato de ele ter construído a sinagoga. O próprio centurião, no entanto, não considera como mérito o fato de ter construído a sinagoga para os judeus, por meio da qual ele poderia ter favorecido o Senhor e tê-lo levado a agir. Ele confia totalmente na autoridade da palavra do Senhor e em Sua graça, pela qual Ele atenderia à sua necessidade. Para nós, também, deve ser suficiente que Ele “fale uma palavra”. É a fé que simplesmente crê em Sua palavra, sem levar em conta os sentimentos ou a experiência.

Ela vê em Cristo uma Pessoa que tem autoridade sobre todas as coisas, assim como Ele mesmo tem autoridade sobre Seus soldados e escravos. Ele

também vê no Senhor uma pessoa colocada sob o comando de outra, como Ele é. Ele não sabia nada sobre o Messias, mas reconhece em Cristo a dependência de Deus e o poder de Deus. Isso não é apenas um pensamento, isso é fé, e essa fé não era encontrada em Israel.

Lucas também registra o glorioso resultado da fé que o centurião tinha. Os anciãos e os amigos, quando voltaram para casa, viram que o escravo doente estava curado. Um grande testemunho foi dado por essa ação do Senhor. Muitos foram testemunhas do fato. Também houve convicção de fé e muita gratidão para com o Senhor.

Luc 7:11-17 | O jovem de Naim

11 E aconteceu, pouco depois, ir ele à cidade chamada Naim, e com ele iam muitos dos seus discípulos e uma grande multidão. 12 E, quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto, filho único de sua mãe, que era viúva; e com ela ia uma grande multidão da cidade. 13 E, vendo-a, o Senhor moveu-se de íntima compaixão por ela e disse-lhe: Não chores. 14 E, chegando-se, tocou o esquife (e os que o levavam pararam) e disse: Jovem, eu te digo: Levanta-te. 15 E o defunto assentou-se e começou a falar. E entregou-o à sua mãe. 16 E de todos se apoderou o temor, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo. 17 E correu dele esta fama por toda a Judéia e por toda a terra circunvizinha.

A graça de Deus em Cristo segue seu caminho. Nesse caminho está Naim. O Senhor vai para lá, e com Ele vão dois tipos de pessoas: muitos de Seus discípulos e uma grande multidão. Quando Ele se aproxima da entrada da cidade, cercado pela multidão, um cortejo vem ao Seu encontro, com um morto no meio, o único filho de sua mãe, uma viúva. Israel é como essa viúva, sem marido. Israel tem um filho único em quem deveria ter depositado sua esperança. E Ele, dentre todos os povos, irá para a morte e, com isso, toda a esperança do povo desaparecerá. O próprio Israel o levará à morte.

Há também muitas pessoas com a viúva. Portanto, dois grandes grupos de pessoas se encontram aqui. O centro de uma multidão é a vida. O centro da outra multidão é a morte. O Senhor vê a mãe, a viúva. Ela foi privada de seu último apoio e alegria. Seu marido já havia morrido, e agora ela precisa

levar o filho para a sepultura. Assim, na porta da cidade, o lugar onde a justiça é feita, ocorre o confronto entre a vida e a morte. Um dos dois grupos deve abrir caminho para o outro. Quem tem o direito de passagem?

Em termos humanos, a morte tem a última palavra. A morte tem o direito do seu lado. Não é a morte o justo salário do pecado (Rom 6:23)? Entretanto, quando a morte é confrontada com a vida, ela perde seu direito e sua reivindicação sobre a vida. Lucas menciona que “o Senhor” vê a mãe. Ele, o Senhor, tem o poder sobre a vida e a morte. A morte terá de ceder diante da reivindicação dAquele que estava morto e está vivo para todo o sempre (Apo 1:18).

Quando o Senhor a vê, e conhece toda a sua vida e tristeza, Ele fica comovido “de íntima compaixão por ela”. A expressão “íntima compaixão” ocorre três vezes no Evangelho de Lucas: O samaritano está interiormente comovido com o homem que caiu entre os ladrões (Luc 10:33), o pai está interiormente comovido com seu filho mais novo quando o vê chegando de longe (Luc 15:20), e aqui o Senhor está interiormente comovido. Em seguida, o Senhor diz as palavras de consolo: “Não chores”. Ele pode dizer isso porque Ele é a fonte de todo o conforto. Ele diz essas palavras à viúva sem que ela se dirija a Ele de forma audível. Ele age a partir da plenitude de Sua graça. Não se vê fé na mulher. Vemos apenas graça e compaixão da parte do Senhor.

Então, Aquele que é a vida se aproxima. Ele toca o esquife e os carregadores ficam parados. Por que Ele toca o esquife? Porque Ele se torna um com a morte. O esquife é o Seu esquife. Ela aponta para a Sua morte, que Ele provará pelos outros. Por meio dela, Ele poderá proporcionar vida aos outros. Qualquer outra pessoa seria contaminada por esse toque, mas com Ele é o contrário. O que Ele toca se torna puro por meio de Sua pureza. Vimos isso no toque do leproso (Luc 5:13). Ao tocar os mortos, vemos que Sua mão poderosa põe fim à morte.

Em seguida, Ele profere palavras de vida. Ele se dirige ao morto e o morto obedece. O homem morto é um jovem que foi dominado pela morte na plenitude de sua vida. Mas a morte deve libertar o jovem quando ele ouve o Filho de Deus dizer com autoridade: “Eu te digo, levanta-te” (Joã 5:25).

O resultado não leva tempo, mas é imediato. O morto se senta. A primeira expressão de vida é que ele fala. Esse também é o efeito em toda conversão. Quando alguém passa da morte para a vida, ele dá testemunho. Então o Senhor o entrega à sua mãe. Ele sabe do que o jovem precisa e sabe do que a mãe precisa. Ele os coloca de volta no relacionamento que tinham antes da morte. Ele estabeleceu os laços familiares. Ele não diz ao jovem para segui-Lo. O jovem precisa estar presente para sua mãe. Essa é a tarefa que o Senhor lhe dá. E a mãe recebe de volta seu conforto e seu apoio.

Ele o dá a ela, pois é o doador de toda boa dádiva. Um dia Israel receberá de volta o Filho unigênito, quando Ele ressuscitou dos mortos e tiver voltado para o Seu povo.

O que acontece aqui novamente causa uma grande impressão e Deus é glorificado. Todos veem que Deus está presente em Cristo e que Deus, Nele, visita Seu povo. No entanto, para eles, Ele não é mais do que um grande profeta, um na linha de outros grandes profetas. Eles não veem que Ele é o Messias. Mas o que Ele fez garante que a palavra seja conhecida em toda a comunidade de que Deus visitou Seu povo.

Luc 7:18-23 | A pergunta de João Batista

18 E os discípulos de João anunciaram-lhe todas essas coisas. 19 E João, chamando dois dos seus discípulos, enviou-os a Jesus, dizendo: És tu aquele que havia de vir ou esperamos outro? 20 E, quando aqueles homens chegaram junto dele, disseram: João Batista enviou-nos a perguntar-te: És tu aquele que havia de vir ou esperamos outro? 21 E, na mesma hora, curou muitos de enfermidades, e males, e espíritos maus; e deu vista a muitos cegos. 22 Respondendo, então, Jesus, disse-lhes: Ide e anunciai a João o que tendes visto e ouvido: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho. 23 E bem-aventurado aquele que em mim se não escandalizar.

Os discípulos de João Batista também ouviram tudo o que foi relatado sobre o Senhor Jesus. Talvez alguns até mesmo o tenham visto realizar feitos. Eles contam isso a João na prisão. Quando João ouve tudo isso, fica desanimado. Ele está na prisão, e o Senhor, a quem ele anunciou, está fazendo uma série de milagres. Será que Ele está prestes a estabelecer o

reino e se esquece de Seu precursor? João o anunciou, apontou para Ele e o batizou. Por que então Ele não o liberta? Ele quer saber quem é Ele, de quem ele ouviu essas coisas. Com essa pergunta, ele envia dois de seus discípulos ao Senhor.

João não perdeu sua fé, mas está confuso. Por si só, é bom que ele se dirija ao Senhor com essa pergunta, que é o endereço certo. O Senhor recebe os discípulos. Eles dizem de quem vieram e por que João os enviou. Sua pergunta é simples: Ele é o Messias prometido ou, afinal, eles devem esperar pelo verdadeiro Messias? A pergunta talvez seja compreensível, mas é fruto de falsas expectativas. Lucas relata que, na hora em que a pergunta é feita, o Senhor está realizando muitas bondades. A resposta à pergunta está, na verdade, em tudo o que Ele está fazendo, no que eles veem.

Portanto, isso também faz parte da resposta que o Senhor dá. Ele responde aos discípulos de João. Ele não diz: “Apenas diga a João que eu sou o Messias”. Eles devem relatar a ele o que viram com seus próprios olhos e o que ouviram com seus próprios ouvidos. Ele aponta para seus atos e para sua mensagem. Mas não foi exatamente isso que João ouviu na prisão e que o fez duvidar tanto? O que isso lhe traz além do que ele já sabe?

O Senhor, de fato, não tem outra mensagem para João além da que tem para todas as pessoas, mas Ele a transmite a João de uma forma nova e inovadora. Ele não veio para fazer justiça, mas para mostrar misericórdia. Uma visão equivocada de Sua ação ou pensamentos errados sobre como Ele deve agir às vezes nos leva a duvidar Dele.

O Senhor declara “abençoados” aqueles que não O rejeitam, mesmo que Ele não corresponda às suas expectativas. Aqueles que O seguem e confiam Nele, mesmo que às vezes não entendam por que as coisas acontecem dessa forma, são abençoados. João não O rejeitou, mas o Senhor quer dizer a João com essas palavras que ele pode continuar a crer que Ele anunciou o Messias. João não precisa duvidar disso, apesar de sua prisão.

Luc 7:24-30 | O Senhor dá testemunho de João

24 E, tendo-se retirado os mensageiros de João, começou a dizer à multidão acerca de João: Que saístes a ver no deserto? Uma cana abalada pelo vento? 25 Mas que saístes a ver? Um homem trajado de vestes delicadas? Eis que os que

andam com vestes preciosas e em delícias estão nos paços reais. 26 Mas que saístes a ver? Um profeta? Sim, vos digo, e muito mais do que profeta. 27 Este é aquele de quem está escrito: Eis que envio o meu anjo diante da tua face, o qual preparará diante de ti o teu caminho. 28 E eu vos digo que, entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João Batista; mas o menor no Reino de Deus é maior do que ele. 29 E todo o povo que o ouviu e os publicanos, tendo sido batizados com o batismo de João, justificaram a Deus. 30 Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido batizados por ele.

Após a mensagem que o Senhor tinha para João, Ele fala sobre João para as multidões. Elas não devem pensar que João era um cético que apenas gritava algo e agora perdeu a fé em sua própria mensagem.

O Senhor se dirige às multidões em suas consciências. Por que, então, eles foram até João no deserto, por que fizeram isso? O que eles queriam ver? Será que viram um homem que duvidava, um fraco que dizia uma coisa e depois outra? Será que viram um homem que deixava que suas palavras fossem determinadas pelas circunstâncias, assim como uma cana se inclina para qualquer lado que o vento sopra? Sua pregação não era poderosa? E o que eles fizeram com ela? Ou pensavam ver um homem de aparência esplêndida, uma aparência impressionante por causa do esplendor de suas roupas? Se pensassem assim, não deveriam ter ido ao deserto, mas a uma corte real. O sermão de João e toda a sua aparência testemunhavam grande poder e simplicidade.

Mas o que eles tinham ido ver? Um profeta, certo? Bem, eles o viram. No entanto, não deveriam ter parado por aí. Acima de tudo, eles deveriam ter ouvido sua pregação e agido de acordo com ela! O homem que eles viram no deserto é um profeta especial. O Senhor quer chamar enfaticamente a atenção da multidão mais uma vez para o fato da aparição de João, pois Ele quer atingir a consciência deles para que O aceitem.

João não é apenas um profeta. Seu aparecimento foi predito nas Escrituras. Está escrito a seu respeito que ele foi enviado como mensageiro “diante da tua face” – que é YAHWEH, o SENHOR, que é o Messias – para preparar o Seu caminho. Será que as multidões sabem disso? E João não o anunciou como o Messias, e Ele (Jesus) não provou em Suas palavras e ações que Ele

é? E o que eles fazem com Ele? Eles o aceitam como o Messias e seguem o caminho da conversão e do arrependimento, como João pregou, ou querem apenas tirar proveito de sua bondade?

Depois que o Senhor mostrou como algo especial sobre João o fato de ele ser anunciado nas escrituras como um profeta, Ele diz que nunca nasceu um profeta maior do que João. João supera todos os profetas. Todos eles anunciaram a vinda do Messias, mas somente João foi capaz de apontar o dedo para o Messias e dizer: É Ele. De todos os profetas, João é o único capaz de pregar que o reino está próximo.

O Senhor então compara João Batista a todos os que estão no reino de Deus, dizendo que o menor no reino de Deus é maior do que este maior profeta já nascido de mulher. Como isso é possível? Só podemos entender isso se considerarmos que não se trata de uma comparação de pessoas, mas de uma comparação de posição. Trata-se do contraste entre a posição dos crentes no Antigo Testamento e a posição dos crentes no Novo Testamento.

Portanto, o “maior” não tem a ver com a pessoa, mas com a posição. Se fosse uma questão de comparação com a pessoa, que membro da igreja ousaria se comparar a João Batista? A lei e os profetas foram até ele (Mat 11:13), pois com a vinda e a rejeição de Cristo, uma nova era começou. O reino de Deus não foi estabelecido em poder e majestade, mas em oculto. Toda pessoa que se converte se coloca ao lado de um Cristo rejeitado na Terra e se une a um Senhor no céu. Essa é a parte da igreja.

A igreja não é amiga do noivo, como João era (Joã 3:29), mas é a noiva. Todo aquele que pertence à igreja é, portanto, maior do que ele. João não pertencia ao reino de Deus. Esse é o reino que Deus estabelece publicamente e sobre o qual Ele coloca um homem, o Filho do Homem, como líder. Isso só poderia acontecer depois que o Filho do Homem tivesse tomado Seu lugar na glória. Portanto, o reino ainda não estava aqui antes desse momento.

Todos aqueles que foram batizados por João concordam com as palavras do Senhor sobre João Batista. Eles justificam Deus, ou seja, falam corretamente de Deus e reconhecem a ação justa de Deus na aparição de João. Eles justificam Deus em seu julgamento sobre eles. É por isso que eles se permitiram ser batizados por João.

Lucas também menciona os publicanos. Para essa classe de pessoas, as palavras do Senhor sobre João são um grande incentivo. Eles têm de nadar contra a correnteza de duas maneiras. Eles são odiados por causa de sua profissão e agora também estão publicamente do lado do Messias. Mas os sábios e os prudentes, os instruídos e os grandes, os fariseus e os escribas, anularam para si mesmos o conselho de Deus. Pois eles se recusaram a aceitar o trabalho de preparação que João fez.

Luc 7:31-35 | A flauta de Lamentações

31 E disse o Senhor: A quem, pois, compararei os homens desta geração, e a quem são semelhantes? 32 São semelhantes aos meninos que, assentados nas praças, clamam uns aos outros e dizem: Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; cantamos lamentações, e não chorastes. 33 Porque veio João Batista, que não comia pão nem bebia vinho, e dizeis: Tem demônio. 34 Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizeis: Eis aí um homem comilão e bebedor de vinho, amigo dos publicanos e dos pecadores. 35 Mas a sabedoria é justificada por todos os seus filhos.

O Senhor envolve Seus ouvintes em Sua atuação perguntando em voz alta com quem eles devem ser comparados, para que vejam com quem são semelhantes e se reconheçam nisso. Ele fala deles como o “povo desta geração”, ou seja, homens de uma determinada categoria, homens com certas características. Como é possível deixar claro para eles que categoria de homens eles são?

Ele descreve a cena de crianças tocando flauta. Algumas tocaram flauta na praça, fizeram uma apresentação e outras assistiram. No entanto, quando elas terminam, não há aplausos, mas também não há gritos de “boo”. Não há reação alguma. Eles permanecem indecisos. Seja o que for que Deus os chame para fazer, eles não têm vontade. Quando Deus oferece alegria em Cristo, eles não querem dançar. Quando Deus os chama para o arrependimento, eles não querem chorar. Quando Deus pede justiça, ela é severa demais para o homem. Quando Ele pede misericórdia, é simples demais. Seja qual for o caminho de Deus, o homem não quer ter nada a ver com isso. Ele despreza a graça e foge da lei.

João cantou lamentações por eles por causa de seus pecados. Sua vinda e seu modo de vida combinavam com sua pregação. Quando João Batista chegou, sem comer pão e beber vinho com eles, disseram: “Ele tem demônio”. Mas como ele poderia comer e beber com eles se tinha de pregar contra eles porque estavam vivendo em seus pecados? Sua pregação se tornaria impotente se ele simplesmente se banquetearasse com eles. Mas eles não responderam à sua pregação.

Então o Senhor Jesus chegou. Ele tocou a flauta para eles e deixou que a doce música da graça fosse ouvida. No entanto, eles não responderam com uma dança de alegria. O Filho do Homem, porém, come e bebe. Ele quer ter comunhão com os pecadores arrependidos. Mas eles também condenam essa atitude. Apontam para Ele e dizem: “Eis aí um comilão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores”. E isso também se torna um motivo para não crer. Nunca se pode agradar às pessoas que não querem. Mas ainda assim, sem querer, elas elogiam o Senhor ao chamá-Lo de amigo de publicanos e pecadores arrependidos.

Mas há também aqueles que creram na pregação de João e reconheceram o Senhor Jesus como o Messias. São eles que justificam a sabedoria. A verdadeira sabedoria se provará por si mesma quando for revelada naqueles que foram educados e formados por ela. É nessas crianças que a sabedoria é vista. A sabedoria de Deus é comprovada em todos aqueles que aceitaram Cristo como o único meio de salvação. Ele é a sabedoria de Deus (1Cor 1:30). Ele é o único caminho. Não há outro caminho para a salvação. Aqueles que acreditam Nele dizem que Deus é justo quando salva os pecadores dessa forma. Um dos filhos em quem a sabedoria é justificada é a mulher do seguinte incidente.

Luc 7:36-38 | Uma pecadora vem ao Senhor

36 E rogou-lhe um dos fariseus que comesse com ele; e, entrando em casa do fariseu, assentou-se à mesa. 37 E eis que uma mulher da cidade, uma pecadora, sabendo que ele estava à mesa em casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento. 38 E, estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas, e enxugava-lhos com os cabelos da sua cabeça e beijava-lhe os pés, e ungia-lhos com o unguento.

O Senhor é confrontado com duas pessoas. Uma delas é um homem com um estilo de vida irrepreensível, um teólogo. A outra pessoa é uma pecadora, uma mulher que é conhecida pelo público como pecadora. Esse confronto ocorre na casa de um fariseu que deseja conhecer o Senhor de perto e, por isso, o convidou para comer. O Senhor aceita o convite porque precisa fazer um serviço de graça ali e dar lições de graça.

Uma pecadora em busca de perdão O procura. Sem dúvida, ela confessou seus pecados a Deus, mas não tem consciência do perdão. Ela sente que Ele é cheio de graça e sabe que precisa ir até Ele para obter o perdão. Portanto, ela O encontra. Ela não é dissuadida pelo fato de ter de ir à casa de um fariseu. Ela se aproxima Dele, e Ele está lá. Então, ela também tem de estar lá. Uma pecadora e um Salvador devem estar juntos. Ela está preparada para o encontro, pois tem consigo um frasco de alabastro com precioso unguento. Em lágrimas, ela começa a prestar homenagem ao Salvador e a invocar sua graça. Ela ocupa o lugar mais baixo, o lugar a seus pés.

Cinco vezes nesse Evangelho encontramos pessoas aos pés do Senhor, cada uma delas com um traço de caráter distinto – aqui um pecador enviado em paz. Também vemos um homem anteriormente possesso sentado aos pés do Senhor, enviado de lá para testificar Dele (Luc 8:35,38). Encontramos Jairo, um homem em profunda dor, que se lança aos pés do Senhor e encontra conforto ali (Luc 8:41). Encontramos Maria, sentada aos pés do Senhor, onde ela é apresentada por Ele aos Seus pensamentos e desfruta da boa parte ali (Luc 10:39). Finalmente, encontramos um leproso curado aos pés do Senhor, um lugar onde Ele adora (Luc 17:16).

Chorando, ela começa a molhar seus pés com lágrimas e os enxuga com os cabelos de sua cabeça. Em seguida, beija seus pés com intimidade e, por fim, os unge com o unguento. Ela fica profundamente impressionada com os pés dele, pois são os pés que lhe trazem paz (Isa 52:7). Ela busca essa paz porque sabe que é uma pecadora. Suas lágrimas demonstram seu arrependimento. Os cabelos de sua cabeça, longos o suficiente para enxugar os pés dele, falam de sua devoção (1Cor 11:15). Seus beijos falam de seu amor. O unguento fala de adoração. A mulher tem conhecimento divino de Cristo. Esse conhecimento não é doutrina para ela, mas tem um impacto profundo em seu coração. Ela sente quem Ele é. A graça dá uma profunda convicção do que é o pecado e, intimamente ligada a isso, está

a consciência de que Deus é bom. Quem se apega ao Senhor Jesus dessa forma encontra a verdadeira luz.

Luc 7:39-43 | O Senhor tem algo a dizer a Simão

39 Quando isso viu o fariseu que o tinha convidado, falava consigo, dizendo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, pois é uma pecadora. 40 E, respondendo, Jesus disse-lhe: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. E ele disse: Dize-a, Mestre. 41 Um certo credor tinha dois devedores; um devia-lhe quinhentos dinheiros, e outro, cinqüenta. 42 E, não tendo eles com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Dize, pois: qual deles o amará mais? 43 E Simão, respondendo, disse: Tenho para mim que é aquele a quem mais perdoou. E ele lhe disse: Julgaste bem.

Não apenas a mulher é revelada na luz. Simão também está na luz e é revelado. Nele, vemos o completo oposto do que caracteriza a mulher. Não há fé nele. Deus, revelado na carne, está em sua casa e ele não vê nada. Ele afirma, impassível e possivelmente triunfante, que o Senhor não pode ser um profeta, pois, caso contrário, Ele saberia quem O toca. Para esse fariseu, não há nada pior do que tocar em um pecador. Mas Simão também não tocou no Senhor Jesus, pois o Senhor continua a censurá-lo!

Simão acha que o Senhor não sabe que tipo de mulher o toca. Simão também não sabe que o Senhor conhece perfeitamente a mulher e Ele. O Senhor está respondendo a algo que Simão está pensando. Ele conhece os pensamentos de todo homem. Ele tem algo a dizer a Simão que é pessoal para ele. Simão toma uma posição. Ele está ansioso para ouvir o que o Senhor tem a dizer. Foi por isso que ele o convidou. Ele também o chama de “Mestre”, não porque o reconheça como tal, mas porque o Senhor é conhecido como tal.

O Senhor apresenta a Simão, três pessoas em uma parábola. Uma delas é credora, as outras duas são devedoras, mas com dívidas diferentes: uma com uma dívida grande, a outra com uma dívida pequena. Tanto o devedor com a dívida grande quanto o com a dívida pequena não têm condições de pagar. Então, o credor tem misericórdia de ambos e perdoa a dívida. A pergunta para Simão é qual dos dois devedores amará mais o credor.

O Senhor quer ensinar a Simão por meio dessa parábola que, embora ele possa ter pecado menos do que a mulher, ele é tão incapaz de pagar quanto a mulher e, conseqüentemente, precisa tanto da misericórdia do perdão quanto ela. Os credores geralmente não despertam sentimentos de amor; a misericórdia perdoadora faz isso muito bem. Até mesmo Simão pode julgar isso corretamente. Portanto, ele também dá a resposta certa.

Luc 7:44-46 | O Senhor compara Simão com a mulher

44 E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês tu esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; mas esta regou-me os pés com lágrimas e me enxugou com os seus cabelos. 45 Não me deste ósculo, mas esta, desde que entrou, não tem cessado de me beijar os pés. 46 Não me ungieste a cabeça com óleo, mas esta ungiu-me os pés com unguento.

Em seguida, o Senhor fala a Simão sobre a mulher. Sem perceber, essa pobre mulher foi a única que agiu adequadamente nessa situação. Isso porque ela avaliou o significado abrangente daquele que estava presente de acordo com seu verdadeiro valor. Se um Deus Salvador está presente, qual é a importância de Simão e de sua casa? A presença do Senhor fez com que tudo o mais fosse esquecido.

O Senhor se volta para a mulher e ensina a Simão uma grande lição. Ele chama sua atenção para a mulher. Simão a tinha visto, mas com olhos completamente diferentes dos do Senhor. Agora, o Senhor lhe diz como Ele a vê e aprecia o que ela fez a Ele, mas também lhe diz como Ele vê Simão e como Ele se sentiu em relação ao que Simão não fez.

Ele veio à Sua casa, mas Simão negou-Lhe toda a bondade que era habitual a um hóspede. Ele não descobriu o que a mulher descobriu Nele, e permaneceu indiferente e frio para com Ele. Simão não fez ao Senhor o que teria sido apropriado para ele, como anfitrião, em relação a Ele. A mulher compensou isso de uma maneira mais do que excelente, para grande constrangimento de Simão.

As lágrimas da mulher foram um grande refrigério para Ele em Sua jornada cansativa pelo deserto. Não há nada que refresque mais o Salvador do que quando alguém demonstra arrependimento sincero dos pecados. O fato de ela enxugar Seus pés com os cabelos também é um ato que Ele

valoriza muito. Ele vê o desejo de devoção dela. Ao secar as lágrimas com o cabelo, as lágrimas foram absorvidas pelo cabelo, identificadas com ele, por assim dizer. Na imagem, isso indica que, em sua devoção, a mulher sempre se manteve consciente de suas origens. Ao beijar os pés dele, ela demonstrou seu amor da maneira mais íntima e duradoura, ao passo que com Simão houve apenas frieza. O Senhor também sentiu falta de Simão ungir Sua cabeça, mas a mulher mais do que compensou isso unguendo Seus pés com o unguento.

Luc 7:47-50 | A mulher enviada em paz

47 Por isso, te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco é perdoado pouco ama. 48 E disse a ela: Os teus pecados te são perdoados. 49 E os que estavam à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este, que até perdoa pecados? 50 E disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz.

O Senhor conclui a lição que deu a Simão explicando que a mulher agiu por amor a Ele e que ela O amava muito. Seus muitos pecados a levaram a Ele, pois ela sabia que com Ele poderia receber o perdão de todos os seus pecados. Seu amor pelo Senhor era grande, pois ela sabia que o amor Dele era maior do que todos os seus pecados. É por isso que ela recebe o que procura: O perdão por seus muitos pecados.

O que ela viu no Senhor, o que Ele significa para pecadores como ela, amoleceu seu coração pela graça e despertou nela esse amor por Ele. Ela só pensava Nele. Ele havia conquistado seu coração; todas as outras influências foram afastadas. Foi por isso que ela foi à casa do fariseu arrogante, pois lá estava Ele. Sua presença enfrentou ou evitou todas as dificuldades. Ela viu o que Ele era para os pecadores e que o homem mais miserável e decaído encontrava refúgio nEle.

Pela graça, a pobre mulher sentiu que havia um coração no qual ela podia confiar quando não havia mais nada. E esse é o coração de Deus! Deus cobre a transgressão e, assim, busca o amor, Ele desperta o amor (Pro 17:9). Esse amor está no coração da mulher, e é por isso que ela veio até o Senhor Jesus. Ela quer pedir a Ele o perdão que tanto desejava por seus muitos

pecados, os quais já havia confessado a Deus. Seu amor a levou até Ele. Deus também está procurando esse amor em nós.

Depois que o Senhor ensinou Simão, Ele se volta para a mulher e deixa claro que seus pecados estão perdoados. Agora sua consciência também está tranquila, depois que seu coração foi dominado pelo amor de Deus.

Isso novamente provoca uma reação dos presentes. Eles conversam entre si sobre quem Ele é, que Ele até perdoa pecados. Eles falam sobre o perdão como se fosse um problema teológico, como acontece com frequência hoje em dia. Mas somente o coração que está convicto dos pecados e anseia pelo perdão vê quem Ele é. Quando o Senhor fala a Simão sobre a mulher, Ele fala de tudo o que ela fez para Ele por amor. Para a mulher, Ele diz que foi a fé dela que a salvou, não o amor que ela demonstrou tão abundantemente.

A mulher é a única em todo o grupo que vai em paz.

Lucas 8

Luc 8:1-3 | Quem segue o Senhor

1 E aconteceu, depois disso, que andava de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do Reino de Deus; e os doze iam com ele, 2 e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios; 3 e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, e Suzana, e muitas outras que o serviam com suas fazendas.

Depois que o Senhor deixou a mulher ir em paz, nós O vemos percorrendo cidade e vilarejo pregando e proclamando o reino de Deus. É como se o que aconteceu com a mulher o tivesse estimulado a esse ministério. Trata-se de Seu ministério com a Palavra. Não se trata de milagres e sinais, mas da Palavra. O Senhor prega e proclama as boas novas do Reino de Deus. Ele quer preparar pessoas por meio de Sua pregação que se submeterão à Sua autoridade. Os doze também estão com Ele. Eles estão com Ele em treinamento e O ouvem pregar e proclamar. Em breve, eles deverão fazer o mesmo.

Ele escolheu os doze para estarem com Ele, mas não são apenas eles que estão com Ele. Após o relato da mulher no capítulo anterior, ouvimos aqui sobre outras mulheres que encontraram paz. Elas também se tornaram filhas da sabedoria e filhos do reino. Elas O seguem e O servem por amor. O reino é formado por pessoas que O servem por amor, pois é o reino do Filho do amor do Pai (Col 1:13). As mulheres geralmente sentem melhor do que os homens quem é o Senhor. O fato de o Senhor ter tantas mulheres que O acompanham também deixa clara a grande importância que Ele dá a elas.

Os rabinos consideravam as mulheres inferiores, incapazes de receber instrução religiosa. Por exemplo, eles haviam estabelecido uma lei que proibia um homem de falar com uma mulher em público. O Senhor é completamente diferente com relação às mulheres. Ele valoriza o amor e o serviço delas.

Algumas mulheres são mencionadas pelo nome. A primeira é Maria Madalena. Ela é especialmente grata ao Senhor. Ela O ama porque Ele a libertou de sete demônios. Agora ela está livre da escravidão e só quer estar com seu Libertador. Há também mulheres nobres, como Joana, esposa de Cusas, um mordomo de Herodes. Como esposa do mordomo de Herodes, ela estará regularmente em sua corte. Ela viu o vazio da pompa mundana. Agora ela também pertence a Ele, assim como Susana, de quem não sabemos mais do que o nome, e muitas outras mulheres cujos nomes nem sequer sabemos. Mas o Senhor conhece cada uma delas pessoalmente. O serviço delas consiste em colocar seus bens à disposição do Senhor. Muito provavelmente, elas forneciam uma refeição regularmente.

Luc 8:4-8 | A Parábola do Semeador

4 E, ajuntando-se uma grande multidão, e vindo ter com ele gente de todas as cidades, disse por parábolas: 5 Um semeador saiu a semear a sua semente, e, quando semeava, caiu alguma junto do caminho e foi pisada, e as aves do céu a comeram. 6 E outra caiu sobre pedra e, nascida, secou-se, pois que não tinha umidade. 7 E outra caiu entre espinhos, e, crescendo com ela os espinhos, a sufocaram; 8 E outra caiu em boa terra e, nascida, produziu fruto, cento por um. Dizendo ele estas coisas, clamava: Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça.

O Senhor tornou-se muito conhecido em Seus caminhos. Quando uma grande multidão de pessoas de todas as cidades vizinhas se reuniu em torno dele, foi uma oportunidade para que Ele apresentasse a parábola do semeador. Nessa parábola, Ele é o semeador. Na representação do semeador, Ele deixa claro que não busca mais o fruto de Seu povo, mas que Ele, como o semeador, semeia a semente da Palavra de Deus nos corações para que ela dê fruto.

A figura do semeador é uma figura cotidiana para a multidão. Eles conhecem a atividade de um semeador. Eles também sabem que nem toda semente realmente produz frutos. Portanto, há sementes que caem à margem do caminho. A semente é pisoteada ou comida pelos pássaros do céu. Há também a semente que cai na rocha. Lá ela se ergue, mas apenas por um momento. Ela murcha rapidamente porque o solo rochoso não consegue absorver a umidade. Outras sementes ainda caem sob os espinhos. A semente nasce, mas os espinhos crescem com ela e a sufocam. Há

também sementes que caem em um solo bom. Quando ela brota, dá frutos completos.

Quando o Senhor termina a parábola, Ele chama a multidão para descobrir o significado da parábola e levá-la a sério.

Luc 8:9-10 | Por que parábolas?

9 E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Que parábola é esta? 10 E ele disse: A vós vos é dado conhecer os mistérios do Reino de Deus, mas aos outros, por parábolas, para que, vendo, não vejam e, ouvindo, não entendam.

Seus discípulos obviamente têm ouvidos para ouvir, pois querem saber o significado. O Senhor responde que, para que eles conheçam os mistérios do reino, isso lhes é dado. Ou seja, é a graça de Deus que lhes diz o que significam as parábolas.

Essas parábolas têm a ver com o fato de Cristo governar o reino de acordo com os pensamentos de Deus. No entanto, como Cristo agora é rejeitado, o reino não pode ser estabelecido publicamente e com poder. O mistério é que o reino é estabelecido apesar da rejeição de Cristo, mas invisível para o mundo, mas visível para a fé. Pois o reino está em todo lugar onde a Palavra de Deus é semeada nos corações para dar frutos ali.

Para entender as parábolas, é preciso ter recebido o próprio Senhor em seu interior. Uma vez que os discípulos O seguiram e estão unidos a Ele, eles podem entender do que se tratam essas parábolas. No entanto, eles não compreendem toda a extensão delas neste momento. Isso só acontecerá quando o Senhor Jesus estiver no céu e eles receberem o Espírito Santo depois disso. Nos discípulos, vemos o remanescente que é claramente distinguido do povo incrédulo.

Luc 8:11-15 | Interpretação da Parábola do Semeador

11 Esta é, pois, a parábola: a semente é a palavra de Deus; 12 e os que estão junto do caminho, estes são os que ouvem; depois, vem o diabo e tira-lhes do coração a palavra, para que se não salvem, crendo; 13 e os que estão sobre pedra, estes são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria, mas, como não têm raiz, apenas crêem por algum tempo e, no tempo da tentação, se desviam; 14 e a que caiu entre espinhos, esses são os que ouviram, e, indo por diante, são

sufocados com os cuidados, e riquezas, e deleites da vida, e não dão fruto com perfeição; 15 e a que caiu em boa terra, esses são os que, ouvindo a palavra, a conservam num coração honesto e bom e dão fruto com perseverança.

O Senhor Jesus semeia a Palavra de Deus. Ele anda por toda parte pregando e proclamando a Palavra. Em todo lugar que Ele fala, a semente da Palavra acaba em um determinado tipo de solo. Lemos que todos os tipos de solo “ouvem” a Palavra. No entanto, ela não produz frutos em todos os casos. A semente revela qual é o caráter do solo em que ela cai. A semente é identificada com o ouvinte.

O Senhor fala a Palavra de Deus. Os semeados à beira do caminho são aqueles que ouvem. Eles ouvem, mas o diabo vem e tira a Palavra de seus corações. Como resultado, eles não acreditam e não são salvos. Esses ouvintes não são frutos para o reino. Uma semente assim, ou seja, um ouvinte assim é o Simão do capítulo anterior (Luc 7:36-47).

O segundo tipo de semente é aquela semeada na rocha. Esses ouvintes também não são frutos para o reino. Por um curto período, parece que são. Eles ouvem a palavra e a recebem com alegria. No entanto, a Palavra de Deus não leva primeiro à alegria, mas à tristeza. Ela primeiro faz o trabalho de um arado na consciência e mostra ao homem seus pecados.

Se esse trabalho não for feito, não haverá raiz. Então, alguém crê por um curto período, mas quando a fé é testada, descobre-se que não há fé alguma. A tentação pode estar na tribulação ou também na sedução. Esses desistem de sua confissão original. Nunca houve uma obra de fé vivificante neles. Era apenas uma questão exterior.

O terceiro tipo de semente é aquele que ouve, mas brota entre os espinhos. Os espinhos crescem por cima da semente. Mesmo com eles, por um curto período de tempo, parece que darão frutos, mas não são frutos maduros. O Senhor apresenta três razões pelas quais a semente não pode realmente crescer e dar frutos maduros. A primeira e mais importante é a preocupação. Alguém pode sucumbir em suas preocupações quando poderia tê-las levado ao Senhor. Essa teria sido a prova de que a semente havia dado frutos. Em contraste com as preocupações está a riqueza. Alguém também pode se deixar levar por ela a ponto de a palavra não dar fruto. Ele não entregou sua riqueza ao Senhor. Em terceiro lugar, os prazeres da vida

podem ser uma razão pela qual a Palavra não dá frutos. As pessoas ouvem a Palavra, ela soa bem para elas, mas são absorvidas por tudo o que a vida oferece. Para elas, o verdadeiro prazer não é a vida que o Senhor dá.

Finalmente, há a boa terra. Trata-se daqueles que ouvem a Palavra, recebem-na e guardam-na com o coração. O Senhor chama esse tipo de coração de “um coração honesto e bom”. O coração está convencido de quem é o Senhor e da verdade de Sua Palavra. Nesse ouvinte, foi estabelecida uma conexão vitalícia entre seu coração e o Senhor.

Na parábola, o Senhor fala de um fruto centuplicado sendo produzido verso 8. Isso se refere à Palavra de Deus: a favor ou contra, tudo ou nada, cem vezes mais frutos ou nenhum fruto. Quando a palavra é recebida em um coração honesto, íntegro ou convicto, o fruto é produzido e permanece fruto. O fruto corresponde à semente.

O fruto que é produzido com perseverança é o amor a Deus e ao Senhor Jesus. Aqueles que ouvem a Palavra e a guardam prosseguem com perseverança, pois a força motriz de suas ações é Cristo. Quando surgem dificuldades, quando há desapontamento, mesmo por parte dos irmãos e irmãs na fé, eles ainda prosseguem, porque olham para Cristo.

Luc 8:16-18 | A luz deve poder brilhar sem obstáculos

16 E ninguém, acendendo uma candeia, a cobre com algum vaso ou a põe debaixo da cama; mas põe-na no velador, para que os que entram vejam a luz. 17 Porque não há coisa oculta que não haja de manifestar-se, nem escondida que não haja de saber-se e vir à luz. 18 Vede, pois, como ouvís, porque a qualquer que tiver lhe será dado, e a qualquer que não tiver até o que parece ter lhe será tirado.

O fruto é para Deus, a luz é para o meio ambiente. Portanto, depois de falar sobre o fruto, o Senhor agora fala sobre a luz. A luz é um testemunho público. Com cada conversão verdadeira como fruto da Palavra semeada, uma nova candeia é acesa neste mundo escuro. Mas assim como a preocupação e a riqueza sufocam a semente da Palavra, a luz não pode brilhar se estiver coberta. Isso acontece quando damos atenção excessiva ao nosso corpo (“vaso”) ou buscamos nosso conforto (“cama”). O vaso também

pode se referir às atividades diárias. Podemos estar tão ocupados que nosso testemunho não resulta em nada.

O fato de alguém receber uma nova natureza por meio da obra da Palavra de Deus não é suficiente. Deus levanta um testemunho para Si mesmo. Quando uma candeia é acesa, ela não deve ser coberta. Seu objetivo é iluminar “para que os que entram vejam a luz”. Deus quer que a luz brilhe claramente. Afinal de contas, ela existe para que se possa enxergar.

A Palavra também torna tudo manifesto. Tudo o que queremos manter escondido ou secreto um dia será revelado e conhecido. Se não revelarmos a luz, o Senhor o fará em Seu tempo. Portanto, um dos frutos da Palavra é que não apenas brilhamos para os outros, mas também estarmos na luz.

A maneira como ouvimos tem a ver com nossa disposição. O que ouvimos (Mar 4:24 tem mais a ver com as coisas às quais damos ouvidos, pois há muita mistura de verdade e erro. Lucas olha para o coração da pessoa. Não é importante apenas o que ouço do outro, mas como eu mesmo ouço. Por minha própria atitude, posso correr o risco de aceitar o erro e me afastar da verdade. O erro nem sempre está no que ouço, mas também pode estar em mim mesmo. Se não ouvirmos bem porque temos uma atitude ruim, perderemos o que achávamos que já tínhamos. Assim, não somos um bom solo, e não há frutos.

Por exemplo, alguém ouve falar sobre a verdade de que Cristo está vindo para a Igreja e percebe que pertence à noiva de Cristo. Se ele não levar essa verdade em seu coração e conversar com Deus sobre isso, ele não ansiará pela vinda de Cristo. Ele se esquecerá de que não pertence ao mundo, e a verdade de que Cristo virá em breve perderá seu poder para ele. A consequência será que ele será absorvido pelo mundo porque não manterá essa verdade em comunhão com Deus em sua alma.

Luc 8:19-21 | Os parentes do Senhor Jesus

19 E foram ter com ele sua mãe e seus irmãos e não podiam aproximar-se dele, por causa da multidão. 20 E foi-lhe dito: Estão lá fora tua mãe e teus irmãos, que querem ver-te. 21 Mas, respondendo ele, disse-lhes: Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a executam.

Depois de o Senhor ter dado Seus ensinamentos sobre a Palavra de Deus e sua eficácia, Seus parentes foram até Ele. No entanto, Ele está tão cercado por uma multidão que eles não conseguem chegar até Ele. Os relacionamentos naturais não são garantia de que alguém terá acesso ao Senhor.

Anteriormente, quatro homens com um amigo paralítico que tinham fé não foram impedidos pela multidão, mas procuraram uma maneira de chegar até Ele e conseguiram (Luc 5:19). Os parentes do Senhor não se dão a esse trabalho. Eles Lhe enviam uma mensagem pedindo que Ele torne possível que eles venham até Ele. O Senhor deixa claro que Suas verdadeiras relações familiares não se baseiam em parentesco natural, mas no fato de alguém ouvir e praticar a Palavra de Deus.

Quando ouvimos bem, isso nos leva a um relacionamento com o próprio Cristo. A palavra recebida com fé, que produz frutos para Deus e faz com que a luz brilhe sobre as pessoas, nos leva a um relacionamento íntimo com Cristo.

Luc 8:22-25 | A tempestade no lago

22 E aconteceu que, num daqueles dias, entrou num barco com seus discípulos e disse-lhes: Passemos para a outra banda do lago. E partiram. 23 E, navegando eles, adormeceu; e sobreveio uma tempestade de vento no lago, e o barco enchia-se de água, estando eles em perigo. 24 E, chegando-se a ele, o despertaram, dizendo: Mestre, Mestre, estamos perecendo. E ele, levantando-se, repreendeu o vento e a fúria da água; e cessaram, e fez-se bonança. 25 E disse-lhes: Onde está a vossa fé? E eles, temendo, maravilharam-se, dizendo uns aos outros: Quem é este, que até aos ventos e à água manda, e lhe obedecem?

Vemos no incidente da tempestade no lago que o Senhor está com seus discípulos nas dificuldades e tempestades que os cercam. Essas tempestades e dificuldades são parte dos discípulos porque eles se colocaram a Seu serviço. Ele está com eles nessas dificuldades, embora pareça que Ele não dá atenção a elas. Deus permite essa prova de fé. Os discípulos estão nessa posição por causa de Cristo e com Ele, portanto, Ele está com eles. O poder do Senhor, por causa de quem eles estão na tempestade, está lá para protegê-los. Eles estão no mesmo barco com Ele.

Lucas agora menciona novamente algo que aconteceu “em um dos dias”. Esses são os dias do Filho do Homem na Terra. O Filho do Homem entra em um barco. Ele usa o meio de transporte que todos os homens usam. Ele não se move de forma milagrosa como fez após a ressurreição.

Lucas enfatiza a conexão entre Ele e Seus discípulos quando diz: “... Ele e Seus discípulos”. Essa conexão também é expressa quando Ele diz: “Vamos atravessar”. Ele os conecta a Si mesmo e fala de “nós”. Assim, eles partem juntos.

O Senhor é tão verdadeiramente humano que adormece a bordo do barco. Ele está cansado. Ele confia tanto em Seu Deus que dorme calmamente quando uma tempestade os atinge e o barco fica cheio de água. Eles estão aflitos, mas Ele dorme. Se os discípulos fossem sábios, perceberiam que todas as suas bênçãos repousam sobre o Mestre e que toda a sua segurança depende Dele. Portanto, não há motivo para a fé temer. Ele adormece e permite que os acontecimentos sigam seu curso. Aconteça o que acontecer, o barco em que o Senhor Jesus está não pode ser um lugar inseguro para aqueles que estão com Ele.

Os discípulos, porém, não suportam isso. Eles vão até Ele. Isso é bom. Então, eles O acordam. Isso foi desnecessário. Eles poderiam ter se refugiado calmamente com o Senhor, sabendo que Ele daria uma solução. Pedro fez isso mais tarde, quando estava na prisão e dormindo (Atos 12:6). Muitas vezes, a insônia é o resultado da falta de confiança no Senhor, da falta de confiança de que Ele está no controle e de que nada sairá do Seu controle.

Agora eles O acordam porque temem perecer. Eles clamam: “Estamos perecendo”, como se Ele pudesse se afogar. Como isso é impossível e eles estão com Ele, não perecerão. Acrescente a isso o fato de que Ele disse: “Passemos para o outro lado do lago”. Será que algo que Ele disse poderia ser impedido por uma tempestade? Quando Ele diz algo, essa é a garantia de que isso acontecerá. Ele está pensando no fim da jornada, nós estamos olhando para o caminho até lá.

Seus gritos deixam claro que eles não têm ideia de quem está a bordo. Eles não sabem que Aquele que dorme ali é Aquele que não dorme nem cochila (Slm 121:4). Como a reação deles é compreensível para nós e, ao

mesmo tempo, é uma lição para confiarmos no Senhor quando sabemos que estamos caminhando com Ele.

Em resposta ao pedido de ajuda de Seus discípulos, o Senhor se torna ativo. Ele poderia ter repreendido o vento e a água enquanto estava deitado, mas Ele se levanta. Então algo acontece! Ele repreende os elementos da natureza. Isso significa que Satanás está por trás dessa tempestade. Assim como as doenças e os demônios desaparecem quando Ele os ameaça, os elementos também obedecem e param com a fúria contra Ele e os Seus. O resultado é o silêncio. O silêncio que já existia em Seu coração Ele transfere para a criação e também para o coração dos Seus.

Com Sua pergunta sobre a fé deles, Ele os repreende. Essa é a pergunta para os seguidores do Senhor. Existe fé Nele, não importa aonde Ele nos leve e não importa o que aconteça? Se Ele tem poder sobre as circunstâncias, o que há para temer? Os discípulos estão maravilhados com Sua majestade e se maravilham com Ele. Assim, o Senhor também nos surpreende mais de uma vez com Sua salvação milagrosa em situações em que não víamos saída.

Luc 8:26-29 | Um possesso vem ao Senhor

26 E navegaram para a terra dos gadarenos, que está defronte da Galiléia. 27 E, quando desceu para terra, saiu-lhe ao encontro, vindo da cidade, um homem que, desde muito tempo, estava possesso de demônios e não andava vestido nem habitava em qualquer casa, mas nos sepulcros. 28 E, quando viu a Jesus, prostrou-se diante dele, exclamando e dizendo com alta voz: Que tenho eu contigo Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes. 29 Porque tinha ordenado ao espírito imundo que saísse daquele homem; pois já havia muito tempo que o arrebatava. E guardavam-no preso com grilhões e cadeias; mas, quebrando as prisões, era impelido pelo demônio para os desertos.

Eles continuam a viagem de barco e chegam à terra dos gadarenos. O local é descrito mais especificamente como a terra “em frente à Galiléia”. O Senhor vai até lá para procurar um pobre homem possesso e libertá-lo. Depois de ver a angústia dos discípulos e como Ele os livrou dela, vemos nesse incidente a angústia de um indivíduo e como Ele o livra dela.

A aflição dos discípulos tinha a ver com seu serviço ao Senhor. Eles O tinham com eles em sua aflição. Era apenas uma questão de confiar Nele. A necessidade do homem no incidente a seguir é completamente diferente. Ele não tem nenhum relacionamento com o Senhor e está completamente nas garras de Satanás. Quando os discípulos estavam angustiados, eles clamaram ao Senhor por ajuda; o homem clama que não quer ter nada a ver com Ele. Em ambos os casos, o Senhor demonstra Seu poder e traz a salvação.

Quando eles saíram do barco e foram para terra, não foi exatamente uma recepção calorosa que O aguardava com Seus discípulos. Mas, para os discípulos, isso significa mais instrução. Tendo experimentado o poder dos elementos da natureza no barco, eles agora entram em uma área onde Satanás é Senhor e Mestre. Da cidade, um homem vem ao Seu encontro. Não se trata de um simples homem. Lucas descreve um homem que está completamente sob o poder de Satanás.

O homem anda nu, sem nenhum respeito próprio ou senso de vergonha. Ele também não vive em uma casa, mas nos túmulos, o reino da morte. Ele também não consegue falar normalmente. Quando vê o Senhor, ele se prostra diante Dele. Ele diz em voz alta que não há conexão alguma entre ele e o Senhor. Ele reconhece o Seu poder de julgá-lo e pede ao Senhor que não o atormente, pois sabe que esse é o julgamento que o aguarda.

A voz do homem é a voz dos demônios. Os demônios se apossaram tanto desse homem que as palavras que proferem são atribuídas a ele. O Senhor veio aqui para libertar as pessoas do poder de Satanás. Ele ordenou que o espírito imundo, que era, entre outras coisas, a causa de o homem andar nu sem vergonha, se afastasse dele. Mas o espírito não é apenas imundo, ele também é violento e forte. É um espírito que os homens não conseguem domar e que nenhum poder humano consegue prender. Muitas vezes as pessoas tentaram subjugar o homem, prendendo-o com correntes e grilhões. Foi tudo em vão, pois ele arrancou os grilhões. Incessantemente, ele é levado pelo demônio para os desertos.

Luc 8:30-33 | Os demônios nos porcos

30 E perguntou-lhe Jesus, dizendo: Qual é o teu nome? E ele disse: Legião; porque tinham entrado nele muitos demônios. 31 E rogavam-lhe que os não

mandasse para o abismo. 32 E andava pastando ali no monte uma manada de muitos porcos; e rogaram-lhe que lhes concedesse entrar neles; e concedeu-lho. 33 E, tendo saído os demônios do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se de um despenhadeiro no lago e afogou-se.

O Senhor quer que o demônio se revele e pergunta seu nome. O demônio responde que seu nome é legião, pois ele não está sozinho, mas muitos demônios entraram no homem com ele. Não se diz como isso aconteceu. É um aviso para não nos abirmos ao que vem de Satanás. Uma vez que ele tenha acesso a uma pessoa, ele tentará obter controle total sobre ela. Um espírito imundo pode, lenta mas seguramente, apoderar-se de uma pessoa se ela se envolver com pornografia, por exemplo. Todos pensamentos e imagens imundos devem ser reconhecidos e condenados, caso contrário o demônio terá um fim feliz.

Os demônios sabem que o Senhor tem o poder de mandá-los para o abismo. Por isso, imploram para que Ele não o faça. Eles fazem com que Ele proponha deixá-los ir para os porcos. Ele permite isso. Não se trata de cumprimento de Sua parte, mas Ele usa os demônios para julgar a maldade dos habitantes daquela região. Eles são tão imundos quanto os porcos que criam. Ao mesmo tempo, os demônios revelam seu desejo de autodestruição.

Assim como o vento e o lago obedecem a Ele, os demônios também o fazem. O que acontece com os porcos é um retrato do que acontecerá com os judeus. Mais tarde, quando os poderes pagãos tomarem posse da cidade santa, eles se lançarão na batalha em um delírio inexplicável e se deixarão abater. Esse é o resultado de sua rejeição ao Senhor Jesus.

Luc 8:34-37 | Reação do povo de Gadara

34 E aqueles que os guardavam, vendo o que acontecera, fugiram e foram anunciá-lo na cidade e nos campos. 35 E saíram a ver o que tinha acontecido e vieram ter com Jesus. Acharam, então, o homem de quem haviam saído os demônios, vestido e em seu juízo, assentado aos pés de Jesus; e temeram. 36 E os que tinham visto contaram-lhes também como fora salvo aquele endemoniado. 37 E toda a multidão da terra dos gadarenos ao redor lhe rogou que se

retirasse deles, porque estavam possuídos de grande temor. E, entrando ele no barco, voltou.

Os guardadores dos porcos fugiram. Eles perderam completamente o controle do rebanho. Eles contam a todos, tanto na cidade quanto no campo, o que aconteceu. Eles fazem um relato de testemunha ocular, pois viram com seus próprios olhos. Seu relato faz com que todos os que o ouvem também vão e vejam o que aconteceu.

Quando chegam ao Senhor, encontram o homem que sempre tornou o território deles tão inseguro sentado a seus pés em completa paz. Ele não está mais nu, nem é louco. Seu corpo está vestido e seu espírito está são. Aqui vemos o que a graça pode fazer em uma pessoa que, pouco tempo antes, estava completamente no poder de Satanás. Certamente, isso deve tocar o coração deles. O que eles não conseguiram com as suas cadeias, a graça de Deus em Cristo conseguiu.

Mas o efeito sobre as pessoas que veem isso é que elas ficam com medo. Em seguida, as testemunhas contam sobre a salvação do homem possesso. Eles viram como o Senhor expulsou os demônios de dentro dele e como eles se lançaram sobre a manada de porcos, e esta morreu. Em vez de ficarem impressionados com a cura do homem endemoninhado, eles ficam consternados com a perda do rebanho. O Senhor havia destruído o rebanho deles. Eles preferem se livrar de alguém assim, que lhes roubou os bens, a ficar ricos. Eles não O querem. Eles haviam suportado a companhia do possesso, mas não podem suportar a companhia do Senhor. Ele que vá embora. Sem dizer uma palavra, o Senhor entrou novamente no barco e voltou para a Galiléia.

Luc 8:38-39 | A missão

38 E aquele homem de quem haviam saído os demônios rogou-lhe que o deixasse estar com ele; mas Jesus o despediu, dizendo: 39 Torna para tua casa e conta quão grandes coisas te fez Deus. E ele foi apregoando por toda a cidade quão grandes coisas Jesus lhe tinha feito.

É compreensível que o homem que o Senhor libertou queira ficar com Ele. Mas o Senhor o dispensa. Isso é lindo: Ele o dispensa. No entanto, Ele tem uma missão para ele. Ele diz ao homem para ir à sua casa, onde ele não

tinha estado desde que foi possuído e viveu nos túmulos. Lá, ele poderá mostrar à família como mudou e contar o que aconteceu com ele. Essa é a coisa mais simples que alguém que o Senhor libertou do poder de Satanás pode fazer. Essa missão também é para nós.

O Senhor diz ao homem para contar “o quanto Deus fez” por ele. No entanto, o homem conta “o quanto Jesus” fez por ele. Está claro para ele que o Senhor Jesus é Deus. Ele conta sua história não apenas em casa, mas em toda a cidade. Eles não queriam o Senhor com eles, mas, em Sua grande graça, Ele lhes envia ainda assim uma testemunha. Isto ainda está acontecendo desde a Sua rejeição. Somos enviados ao mundo do qual Ele se afastou porque o rejeitou, e devemos dar testemunho do que Ele fez por nós.

Luc 8:40-42 | Jairo roga ao Senhor

40 E aconteceu que, quando voltou Jesus, a multidão o recebeu, porque todos o estavam esperando. 41 E eis que chegou um varão de nome Jairo, que era príncipe da sinagoga; e, prostrando-se aos pés de Jesus, rogava-lhe que entrasse em sua casa; 42 porque tinha uma filha única, quase de doze anos, que estava à morte. E, indo ele, apertava-o a multidão.

Quando o Senhor retorna, Ele é recebido calorosamente. Todos estão esperando por Ele. É assim que o Senhor será recebido em verdade pelo Seu povo no futuro. Agora ainda é por causa de Seus benefícios e não por causa do pecado, mas a atitude é linda. Será que também estamos esperando por Ele? Ele pode vir a qualquer momento, pois Ele disse: “Eis que venho em breve”.

Um homem se destaca da multidão. É Jairo, um líder da sinagoga. Como tal, Jairo é um judeu importante e distinto, intimamente associado à Lei. Mas ele não é um oponente do Senhor Jesus. Pelo contrário, em sua aflição, ele se volta para Ele e cai a Seus pés.

Todos o veem nessa atitude, mas ele não se envergonha disso. Ele pede que o Senhor entre em sua casa. É assim que um judeu espera a cura. Ele espera que o Messias venha até onde ele mora. No caso do centurião gentio, vimos uma fé maior, pois ele creu no poder da palavra do Senhor (Luc 7:7).

Jairo está aflito por causa de sua única filha. Ela tem doze anos de idade e está morrendo. O fato de ela ter crescido no reino da lei não poderia impedi-la de estar morrendo. Jairo não se volta para o Senhor em vão. Cercado pela multidão, Ele vai até a casa de Jairo. A condição da menina mostra a condição do povo. O povo está morrendo e o Senhor veio para curar o povo.

Luc 8:43-48 | A mulher com fluxo de sangue

43 E uma mulher, que tinha um fluxo de sangue, havia doze anos, e gastara com os médicos todos os seus haveres, e por nenhum pudera ser curada, 44 chegando por detrás dele, tocou na orla da sua veste, e logo estancou o fluxo do seu sangue. 45 E disse Jesus: Quem é que me tocou? E, negando todos, disse Pedro e os que estavam com ele: Mestre, a multidão te aperta e te oprime, e dizes: Quem é que me tocou? 46 E disse Jesus: Alguém me tocou, porque bem conheci que de mim saiu virtude. 47 Então, vendo a mulher que não podia ocultar-se, aproximou-se tremendo e, prostrando-se ante ele, declarou-lhe diante de todo o povo a causa por que lhe havia tocado e como logo sarara. 48 E ele lhe disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz.

Há outra pessoa na multidão que precisa de ajuda. É uma mulher que estava se escondendo. Ela sofreu de fluxo de sangue por doze anos. Isso a tornava imunda (Lev 15:19-27) e incapaz de adorar. A mulher não tinha permissão para comer do sacrifício pacífico. Ela foi excluída do sacrifício pacífico, e o foi por doze anos.

Em relação à idade da filha de Jairo – ela tinha doze anos – isso mostra que o povo era imundo em toda a sua história, desde o início. A filha representa a condição de todo o Israel. O Senhor se propôs a dar vida ao povo. A mulher representa o indivíduo do povo que se destaca da multidão para encontrar a cura, mesmo agora, por causa da fé pessoal.

A vida lentamente se esvaía dela. Ela havia gastado todo o seu sustento para ser curada de seu sofrimento. Nenhum dos médicos que ela consultou e pagou para se curar conseguiu ajudá-la. Ela não tem mais um centavo e nenhuma esperança de recuperação. Ela tem apenas uma chance: Cristo.

Isso é o que aconteceu com inúmeras pessoas que tentaram de tudo para encontrar paz para suas almas. Elas gastaram uma fortuna, mas isso não

lhes trouxe paz interior. Fizeram de tudo, mas, em vez de encontrar paz, sua inquietação só aumentou – até que, em sua angústia, tiveram contato com o Senhor Jesus. Quando confiaram suas vidas a Ele, encontraram descanso.

A mulher permanece no meio da multidão, mas consegue chegar tão perto do Senhor que pode tocar a borda de Sua veste. Assim que o faz, ela percebe que está curada. O fluxo de sangue cessa imediatamente. Foi apenas um toque, e na parte mais baixa da veste, mas ela recebeu a bênção completa porque fez isso com fé. Havia um cordão azul-celeste preso à borda na parte inferior da túnica (Núm 15:38). Ela se abaixou para se voltar para o céu, e é disso que o cordão azul-celeste fala.

Ela tocou o Senhor por trás, mas Ele quer trazê-la à Sua presença, face a face. Ele quer que ela saiba que Ele está de acordo com sua cura. Agora parece que ela captou para si mesma a cura, mas na realidade a causa é o toque com fé. Por isso Ele diz: “Quem foi que me tocou?”

Quando todos negam, Pedro e outros tentam deixar claro para o Senhor que Sua pergunta não tem lógica. Como Ele pode perguntar uma coisa dessas? As multidões O cercam. Muitos O tocaram. Certamente todos os que estavam ao Seu redor O tocaram, mas esses toques não foram feitos com fé.

O Senhor não continua perguntando, mas então diz que alguém O tocou. Não foi a aglomeração das multidões. Foi completamente sem intenção. O toque que Ele sentiu foi um toque consciente, um toque de fé em quem Ele é. Alguém havia se refugiado Nele com fé real, por mais fraca que fosse essa fé.

Nenhum poder emanou dEle por meio da aglomeração da multidão. Não era assim que o Senhor curava. Essa insistência é inútil para receber bênçãos Dele. Mas o crente que está perto dEle e O toca – mesmo que timidamente – sempre recebe bênçãos dEle.

Então a mulher se dá a conhecer. Tremendo, ela vai até o Senhor. Ela se prostra diante Dele e confessa, enquanto todo o povo ouve, por que O tocou e que foi imediatamente curada. A mulher dá um poderoso testemunho de fé perante o povo sobre o Senhor Jesus e Seu poder.

Depois de contar publicamente toda a verdade, ela recebe do Senhor a garantia do perdão de seus pecados. Ele usa a palavra “filha” de propósito, pois isso expressa Sua afeição por ela, para tirar seu temor e ansiedade. Em seguida, Ele dá à alma dela o que somente Ele pode dar: Paz. Que alegria deve ter sido para ela, mais tarde, lembrar-se das palavras que Ele lhe disse. Ele lhe deu Sua garantia ao confortá-la quando ela estava com tanto medo. Ele reconheceu a fé dela, por mais fraca que fosse, e finalmente a libertou com uma mensagem de paz. Isso vale mais do que a cura do corpo.

Luc 8:49-50 | A filha de Jairo morreu

49 Estando ele ainda falando, chegou um da casa do príncipe da sinagoga, dizendo: A tua filha já está morta; não incomodes o Mestre. 50 Jesus, porém, ouvindo-o, respondeu-lhe, dizendo: Não temas; crê somente, e será salva.

Jairo, que foi o primeiro a vir ao Senhor, não foi o primeiro a receber a bênção. Isso foi para a mulher que se voltou para o Senhor no caminho. Assim é com Israel, de quem Jairo é uma figura, e com os crentes das nações, de quem podemos ver uma figura na mulher. O Senhor estava a caminho para curar Israel, mas Seu povo O rejeitou. Isso abriu o caminho para abençoar as nações. Esse é o tempo em que estamos vivendo agora.

No entanto, o Senhor também está pronto para curar Israel, mesmo quando sua vida estiver completamente perdida. Após o tempo de bênção para as nações, Ele volta para trazer Israel de volta à vida. Isso é demonstrado pela progressão da história, na qual vemos a real condição de Israel. Israel não está apenas doente, mas morto. Cristo, no entanto, tem a ressurreição em Si mesmo.

Só obtemos alegria e salvação por meio da fé em Sua pessoa, no poder divino que há Nele e na graça que vem para exercer esse poder. Até mesmo os judeus, que foram relutantes em sua fé por tanto tempo e tentaram por tanto tempo apagar o nome dAquele que se fez igual a Deus por meio de tais declarações, também reconhecerão seu Messias rejeitado como seu Senhor e seu Deus, e seus ossos secos viverão (Eze 37:1-10). Por fim, todo o Israel será salvo, florescerá, brotará e encherá de frutos a face do mundo! (Isa 27:6). Essa promessa está contida na ressurreição da menina doente

que morreu em seguida. Ele, que na época ordenou ao pai dela que não temesse, mas que acreditasse, cumprirá essa promessa que fez uma vez.

O incidente também contém muito que nos encorajar em nossa vida pessoal de fé. O Senhor está na Terra para tornar conhecida a graça de Deus a todas as pessoas. Nós também podemos receber essa graça aplicando as lições desses eventos a nós mesmos.

Enquanto o Senhor ainda está falando, alguém vem do chefe da sinagoga e lhe traz notícias. Sua filha morreu. A notícia também é calmamente seguida pela declaração de que o Mestre não precisa mais se preocupar. Como se fôssemos um incômodo para Ele quando, em nossa opinião, não há mais nada a fazer. Quando, de acordo com nossa avaliação da situação, nada pode ser feito, o que conta é a fé. É isso que o Senhor responde quando ouve o relato.

Ele estava a caminho da casa de Jairo para curar sua filha. Então não é possível que nada mais aconteça por causa de um acontecimento “acidental”. O Senhor conhece a fé fraca e primeiro tranquiliza Jairo com um “Não temas”. Assim, Ele também vem de encontro à nossa fé fraca. O que parece ser um obstáculo para a fé fraca, para que o Senhor possa dar a salvação, Ele usará para mostrar ainda mais claramente Seu poder da graça. O poder da Sua graça é mais evidente quando a situação é mais desesperadora. Após o “Não temas”, o Senhor diz a Jairo para fazer o que resta quando a situação é totalmente desesperadora. “Somente creia”. Com isso, Ele diz: “Coloque sua confiança inteiramente em Mim”.

Luc 8:51-56 | A filha de Jairo foi levantada

51 E, entrando em casa, a ninguém deixou entrar, senão a Pedro, e a Tiago, e a João, e ao pai, e a mãe da menina. 52 E todos choravam e a pranteavam; e ele disse: Não choreis; não está morta, mas dorme. 53 E riam-se dele, sabendo que estava morta. 54 Mas ele, pegando-lhe na mão, clamou, dizendo: Levanta-te, menina! 55 E o seu espírito voltou, e ela logo se levantou; e Jesus mandou que lhe dessem de comer. 56 E seus pais ficaram maravilhados, e ele lhes mandou que a ninguém dissessem o que havia sucedido.

O Senhor entra na casa. Ele permite que apenas os três discípulos que estavam com Ele no monte entrem com Ele, juntamente com o pai e a mãe da

menina. Eles podem testemunhar o Senhor ressuscitando a menina. Para os três discípulos, isso será novamente um incentivo especial, tendo em vista o serviço que prestariam ao Senhor mais tarde. O pai e a mãe também podem estar presentes, pois Ele quer confiar a criança aos cuidados deles imediatamente. Eles provaram seu cuidado ao pedir Sua ajuda.

Há também pessoas que só veem a morte, mas elas estão à porta. Ele lhes diz que podem parar de chorar porque a menina não morreu, mas está dormindo. Para Ele, a morte é um sono do qual Ele pode acordar alguém. Onde Ele está, a morte deve ceder. Na presença imediata do Senhor, ninguém jamais morreu também. Mas essas pessoas que choram e lamentam pela menina mudam ao ouvir Suas palavras e começam a rir e a zombar. Eles riem Dele. Essas pessoas entendem muito pouco do poder de Deus. Elas não veem o poder da vida que está Nele.

O Senhor não lhes responde, mas a toma pela mão. Então Ele chama e diz: “Menina, levanta-te!” Ele chama, pois ela deve acordar. Ele fala, pois Suas palavras a trazem à vida. A menina ouve a voz do Filho de Deus, seu espírito volta para ela e ela revive (João 5:25). Assim como o fluxo de sangue parou imediatamente versos 44 e 47, aqui também há um sucesso imediato. Não se trata de um processo de despertar. Ela se levanta imediatamente.

Mas o cuidado do Senhor vai além de lhe dar vida. Ele ordena que ela seja alimentada. Ela sofreu muito e precisa recuperar suas forças. Também é importante que todos que recebem uma nova vida sejam alimentados. A nova vida deve ser nutrida com alimento espiritual saudável. Esse alimento é, antes de tudo, a Palavra de Deus.

Os pais que, assim, viveram na esfera da lei e criaram sua filha com a lei ficam profundamente impressionados com a graça do Senhor. Todas as suas boas intenções eram que sua filha vivesse, mas descobriram que o único resultado era a morte. Agora, porém, eles se voltaram para alguém que demonstra misericórdia e receberam vida para sua filha.

A graça é sempre algo que faz com que aqueles que vivem em uma esfera legal fiquem fora de si ou horrorizados. Em conexão com Seu ministério, o Senhor quer que esse milagre permaneça em segredo, pois é preciso aceitá-Lo com base no testemunho que Ele dá ao coração e à consciência. A ressurreição da filha de Jairo é algo temporário, embora cheio de vitali-

dade. É um evento incidental. O tempo que será marcado pela bênção universal ainda não chegou. Portanto, o Senhor ordena que eles não contem a ninguém o que aconteceu. Se alguém não O aceita, se alguém se recusa a aceitar Sua Palavra, então é inútil divulgar Seu poder.

Lucas 9

Luc 9:1-6 | O Envio dos Doze

1 E, convocando os seus doze discípulos, deu-lhes virtude e poder sobre todos os demônios e para curarem enfermidades; 2 e enviou-os a pregar o Reino de Deus e a curar os enfermos. 3 E disse-lhes: Nada leveis convosco para o caminho, nem bordões, nem alforje, nem pão, nem dinheiro, nem tendes duas vestes. 4 E, em qualquer casa em que entrardes, ficai ali e de lá saireis. 5 E, se em qualquer cidade vos não receberem, saindo vós dali, sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra eles. 6 E, saindo eles, percorreram todas as aldeias, anunciando o evangelho e fazendo curas por toda a parte.

O Senhor chama Seus doze discípulos para junto de Si. Isso parte Dele. Ele também concede o que é necessário para o serviço, tanto espiritual quanto materialmente. Ele os capacita com força e poder. O poder se refere à capacidade, à energia para fazer algo, e a força é a autoridade ou o direito de usar esse poder. Ele lhes dá poder e autoridade sobre todos os demônios, pois eles os encontrarão muitas vezes em seu ministério. Pois os demônios querem se opor a eles no trabalho de seu ministério e também impedi-los, tanto quanto possível, de realizar seu ministério. Ele também lhes dá poder e autoridade para curar os doentes. Assim, o Senhor, como o Todo-Poderoso, concede a Seus discípulos tudo o que é necessário para mostrar aos homens a graça de Deus.

Depois de lhes dar poder e autoridade, Ele os envia com a missão de pregar o Reino de Deus. É disso que se trata. Ele quer que os homens saibam que esse reino vem aí, que está próximo. Assim como os doentes ficam bem por meio da cura, a santificação é um sinal de que aqueles que ouvem recebem bênçãos por meio da pregação.

Em seguida, o Senhor dá as instruções necessárias. Eles não precisam se preocupar com nada no que diz respeito às suas próprias necessidades. Isso é um lastro desnecessário que apenas os impede de cumprir sua missão. Ele quer que eles possam se dedicar completamente à sua tarefa e que só precisem se concentrar nisso.

Seus discípulos devem se abster de tudo o que as pessoas normalmente cuidam quando saem em uma viagem, o que também é correto. O Senhor lhes apresenta a necessidade de devoção total à sua missão. Eles podem contar com o Senhor para prover seu sustento. Mais tarde, eles também perceberão que Ele os proveu (Luc 22:35).

Eles também não devem se preocupar com o local onde se hospedarão. Se forem recebidos com hospitalidade em uma casa, devem ficar lá. A casa deve ser seu ponto de partida. De lá, eles devem ir para a cidade todas as manhãs para pregar o reino de Deus, e podem voltar para lá à noite.

Eles também devem levar em conta o fato de que haverá cidades onde não serão bem-vindos. Então, eles devem se afastar da cidade. Eles deverão sacudir de seus pés o pó daquela cidade, que estava sobre eles quando levaram sua mensagem para lá. Esse é um sinal de que eles não podem ter comunhão com a cidade que os rejeita. Não será diferente para os discípulos do que foi para o Senhor.

Os doze saem e cumprem sua missão: em todo lugar que vão, pregam o Evangelho e realizam curas de acordo com a palavra do Senhor. Assim, o testemunho sobre o Senhor se espalha, e até Herodes ouve falar Dele.

Luc 9:7-9 | Herodes em constrangimento

7 E o tetrarca Herodes ouvia tudo o que se passava e estava em dúvida, porque diziam alguns que João ressuscitara dos mortos, 8 e outros, que Elias tinha aparecido, e outros, que um profeta dos antigos havia ressuscitado. 9 E disse Herodes: A João mandei eu degolar; quem é, pois, este de quem ouço dizer tais coisas? E procurava vê-lo.

Quando Herodes ouve tudo o que os discípulos estão fazendo, ele não sabe o que pensar a respeito. Todos os tipos de rumores estão circulando (veja também os versos 18-19). Sua consciência está pesada, pois alguns dizem que João ressuscitou dos mortos. E, de fato, os mortos haviam ressuscitado. Esse rumor, também, deve ter se espalhado por toda parte. Mas, quando as pessoas não conhecem os detalhes, elas se deixam enganar por suas próprias ideias, formadas por uma consciência distorcida.

Além do nome de João, também é mencionado o de Elias, que supostamente teria aparecido. Outros ainda falam da ressurreição de um dos antigos

profetas. Não há limite para a imaginação quando as pessoas simplesmente confiam em rumores. Somente se tivermos conexão com o Senhor e Sua Palavra é que seremos salvos de expressar ou acreditar em tais opiniões sem examiná-las.

Quando Herodes ouve o nome João, ele imediatamente pensa na possibilidade de ele ter ressuscitado (Mat 14:2), mas imediatamente descarta essa possibilidade, pois, afinal, ele decapitou João. O que Herodes ouve são rumores sobre o que os discípulos estão fazendo, mas ele conclui corretamente que tudo isso remete ao Senhor Jesus. Ele se pergunta quem poderia ser Ele. Mas isso é apenas curiosidade natural, um interesse pelo sobrenatural, sem um desejo sincero pela verdade. Seu desejo de vê-Lo se realizará, mas de forma diferente do que ele havia imaginado (Luc 23:8-11).

Luc 9:10-11 | Os apóstolos e as multidões

10 E, regressando os apóstolos, contaram-lhe tudo o que tinham feito. E, tomando-os consigo, retirou-se para um lugar deserto de uma cidade chamada Betsaida. 11 E, sabendo-o a multidão, o seguiu; e ele os recebeu, e falava-lhes do Reino de Deus, e sarava os que necessitavam de cura.

Quando os apóstolos cumpriram sua missão, voltaram para o Senhor e contaram a Ele tudo o que haviam feito. Para nós também, é sempre bom ir até o Senhor com tudo o que podemos fazer. Todo trabalho para Ele não deve ser para nossa própria glória, mas para a glória Dele. Ele deu a missão e também a força para isso. E se houver sucesso, isso se deve a Ele. Os discípulos, no entanto, parecem estar bastante satisfeitos com o poder e a força que lhes foi permitido exercer, pois é sobre isso que falam ao Senhor. Não os ouvimos falar sobre a pregação e os resultados de sua pregação.

Então Ele os leva. Ele quer ficar a sós com eles novamente por um momento. Para isso, escolheu a cidade de Betsaida. Há uma casa lá onde Ele é bem-vindo com Seus discípulos. Há paz ali para que Ele possa continuar a falar com eles sobre a missão deles e ensiná-los sobre ela. Quando as multidões percebem que Ele está indo para Betsaida com Seus discípulos, elas O seguem. O Senhor Jesus também deve ter falado com Seus discípu-

los no caminho sobre o andamento do envio deles. Depois disso, Ele está novamente pronto para receber as multidões.

Por maior que seja a incredulidade das multidões, Ele continua a ministrar a elas em graça, pregando e curando seus enfermos. Ele não envia as multidões aos Seus discípulos, nem diz aos discípulos que eles têm outra oportunidade de ministrar. Ele faz o que disse aos discípulos para fazerem quando os enviou verso 2. Ele mesmo faz isso para que Seus discípulos O ouçam e O vejam voltar-se para as multidões novamente.

Luc 9:12-17 | A alimentação dos cinco mil

12 E já o dia começava a declinar; então, chegando-se a ele os doze, disseram-lhe: Despede a multidão, para que, indo aos campos e aldeias ao redor, se agasalhem e achem o que comer, porque aqui estamos em lugar deserto. 13 Mas ele lhes disse: Dai-lhes vós de comer. E eles disseram: Não temos senão cinco pães e dois peixes, salvo se nós próprios formos comprar comida para todo este povo. 14 Porquanto estavam ali quase cinco mil homens. Disse, então, aos seus discípulos: Fazei-os assentar, em grupos de cinqüenta em cinqüenta. 15 E assim o fizeram, fazendo-os assentar a todos. 16 E, tomando os cinco pães e os dois peixes e olhando para o céu, abençoou-os, e partiu-os, e deu-os aos seus discípulos para os porem diante da multidão. 17 E comeram todos e saciaram-se; e levantaram, do que lhes sobejou, doze cestos de pedaços.

O Senhor está ocupado até o fim da tarde. Não demorará muito para chegar a noite. Os doze percebem isso e acham que o Senhor se esqueceu da hora. Chamam Sua atenção para o fato e sugerem que Ele dispense a multidão. Seu raciocínio parece muito convincente, porque eles querem dar à multidão a oportunidade de providenciar abrigo e comida a tempo. Eles percebem que não têm nada nas imediações. Ao mesmo tempo, a proposta deles não é bem pensada. Como uma multidão de cinco mil homens pode, sozinha, encontrar comida e abrigo em algum lugar a curto prazo?

O Senhor não vê os problemas que os discípulos veem. Ele quer lhes ensinar uma nova lição. Ele os instrui a dar comida à multidão. Mas os discípulos acham que essa é uma tarefa impossível. Como Ele pode lhes pedir que façam isso? Eles só têm cinco pães e dois peixes.

O problema dos discípulos é que eles julgam a dificuldade à luz de suas próprias habilidades e fontes de ajuda, em vez de ver o problema do ponto de vista Dele. A única opção é que eles mesmos fossem comprar comida “para todo este povo”. Mas o Senhor não espera sugestões práticas para o cumprimento de uma missão que Ele dá. Quando foram enviados, eles foram informados de que, quando Ele dá uma ordem, também lhes dá tudo o que precisam para cumpri-la. Obviamente, eles se esqueceram disso. Nós nos esquecemos com muita frequência do que Ele já nos mostrou sobre Si mesmo.

O grupo é grande. Os discípulos disseram: “Despede a multidão”. O Senhor diz: “Fazei-os assentar”. Para garantir que tudo esteja em ordem, Ele instrui Seus discípulos a dividir o grande grupo em “grupo de alimentação”, cerca de cinquenta pessoas por “grupo de alimentação”. Essas cinquenta pessoas realizam uma alimentação comum de maneira especial.

Podemos comparar isso com as igrejas locais. Todos os crentes dessa igreja local fazem parte da grande igreja mundial, mas no local eles experimentam a comunhão de uma maneira especial. Eles formam um “grupo de alimentação” que o Senhor reuniu por meio de Seus servos para ter comunhão com Ele e uns com os outros em Sua mesa.

Os discípulos fazem o que o Senhor disse e se certificam de que todos se sentassem e descansassem. Essa postura de descanso é a postura correta para receber as bênçãos do Senhor.

O Senhor pega os cinco pães e os dois peixes. Antes de multiplicá-los, Ele olha para o céu. Ao fazer isso, Ele coloca Suas ações em ligação com Deus para que todos vejam. O pecado de Adão foi ter pegado e comido sem olhar para o céu. O Senhor abençoa o alimento, fala bem dele e o reconhece como uma dádiva de Deus. Adão também não fez isso, ele não podia fazer isso.

Em seguida, Ele parte os pães. Quando algo é partido, pode ser multiplicado apenas por isso. Quando quebramos alguma coisa, muitas vezes ela já perdeu seu valor para nós. Quando Deus parte algo ou quando partimos algo diante de Deus, o valor se torna maior. Vemos isso de forma gloriosa na instituição da Ceia do Senhor. Ali lemos como o Senhor Jesus tomou o pão e o partiu, dizendo: “Isto é o meu corpo” (Mat 26:26; Mar 14:22;

Luc 22:19; 1Cor 11:24). Que multidão imensa, a igreja, surgiu de Seu corpo partido na morte. Que multiplicação!

O resultado de Sua multiplicação não é apenas que todos podem comer, mas também que todos estão satisfeitos e ainda sobram doze cestos de migalhas. Quando o Senhor provê, Ele não o faz pela metade, nem apenas por inteiro, mas em abundância. Ele provê não apenas para o momento, mas também para o futuro. Com esse milagre, Ele lhes deu uma prova especial de Seu poder e da presença de Deus no meio deles. De acordo com o Salmo 132, como o SENHOR (YAHWE), Ele alimentou os pobres de Seu povo com pão (Slm 132:15).

Luc 9:18-20 | Quem é Jesus?

18 E aconteceu que, estando ele orando em particular, estavam com ele os discípulos; e perguntou-lhes, dizendo: Quem diz a multidão que eu sou? 19 E, respondendo eles, disseram: João Batista; outros, Elias, e outros, que um dos antigos profetas ressuscitou. 20 E disse-lhes: E vós quem dizeis que eu sou? E, respondendo Pedro, disse: O Cristo de Deus.

Após essas exaustivas atividades com a multidão, o Senhor sente a necessidade de orar. Para isso, Ele se retira. Isso também é importante para nós. Quando estivermos ocupados com nosso trabalho, com todos os tipos de coisas exigindo nossa atenção, é necessário que nos retiremos por um momento para falar com o Senhor.

Os discípulos estão com Ele, mas não O perturbam. Quando Ele termina de orar, tem uma pergunta para eles. Essa pergunta surgiu de Sua oração. Ele falou com o Pai sobre como as pessoas estão reagindo à Sua mensagem. Agora Ele quer informar Seus discípulos sobre isso. Eles precisam estar cientes da mentalidade das pessoas e conhecer suas opiniões sobre Ele.

Os discípulos sabem quais opiniões estão circulando sobre Ele. São as mesmas opiniões que chegaram a Herodes versos 7 e 8. Essas opiniões mostram que, embora o interesse das pessoas tenha sido despertado, elas são meras especulações da mente humana sobre Ele.

Embora seja bom conhecer as opiniões dos outros sobre o Senhor, a grande questão, é claro, é quem os discípulos – e nós mesmos – dizem que Ele é.

O Senhor então faz aos discípulos uma pergunta para a qual nós também devemos responder.

Pedro responde com convicção que Ele é “o Cristo de Deus”. O Senhor Jesus é o Messias, o Ungido, o Cristo (é tudo o mesmo nome), que vem de Deus, é de Deus, que é o próprio Deus. Se estivermos convencidos de quem Ele é, nós O tornaremos conhecido. Mas os discípulos não tinham mais permissão para fazer isso naquela época.

Luc 9:21-22 | Primeiro anúncio dos sofrimentos

21 E, admoestando-os, mandou que a ninguém referissem isso, 22 dizendo: É necessário que o Filho do Homem padeça muitas coisas, e seja rejeitado dos anciãos e dos escribas, e seja morto, e ressuscite ao terceiro dia.

Após o belo testemunho de Pedro de que Ele é o Cristo de Deus, o Senhor lhes dá a ordem para não contarem mais nada aos outros. Essa ordem deve tê-los surpreendido, pois até então o testemunho que tinham sobre Ele era apenas de que Ele era o Cristo. O Senhor deixa claro para eles que chegou o momento em que não é a Sua glória terrena como Messias que está diante Dele, mas a morte e a ressurreição que Ele experimentará como Filho do Homem.

Seu título “Filho do Homem” tem um alcance mais amplo do que “Messias”. Ele é o Messias para Seu povo Israel, enquanto que como Filho do Homem Ele está relacionado a todos os homens e a toda a criação. Seu sofrimento e morte, portanto, também têm consequências não apenas para Seu povo terreno, mas para toda a criação.

Acima de tudo, são os líderes religiosos de Seu povo que O matarão. Eles nutrem um ódio mortal contra Ele. Por enquanto, as multidões ainda não estão contra Ele, mas estão apenas buscando-O, Ele as está atraindo. Somente quando o Senhor é levado cativo é que elas ficam sob a influência dos líderes e se voltam maciçamente contra Ele. Isso mostra como a multidão é influenciável quando não há fé pessoal em Cristo.

Luc 9:23-26 | Tomar a cruz e seguir

23 E dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me. 24 Porque qualquer que quiser salvar a sua vida

perdê-la-á; mas qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida a salvará. 25 Porque que aproveita ao homem granjear o mundo todo, perdendo-se ou prejudicando-se a si mesmo? 26 Porque qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos.

Imediatamente após o que Ele disse sobre Seu sofrimento, rejeição e morte, Ele diz aos discípulos que isso também fará parte de todos os que quiserem segui-Lo. Esse sofrimento, portanto, diz respeito apenas ao sofrimento que os homens lhes causam. Em Seu sofrimento expiatório na cruz, ninguém pode segui-Lo ou participar dele. Ele fez a obra sozinho. Ele também é o único que pode fazer isso. Mas qualquer pessoa que queira é livre para segui-Lo em Seu caminho de ignomínia por este mundo. No entanto, há condições para que se possa realmente fazer isso.

A primeira condição é que alguém deve negar a si mesmo, ou seja, deve colocar sua vontade nas mãos do Senhor Jesus e não mais perseguir as coisas que ele mesmo deseja. Isso é algo interior. A segunda condição é tomar a própria cruz, ou seja, estar disposto a passar pela ignomínia do mundo. Isso é algo externo. Alguém que caminhava pela cidade até o local da execução com uma cruz nas costas era alvo do escárnio do povo. Essa pessoa não tinha mais nada a esperar da vida, sua sentença estava definida e ela estava a caminho do local da morte. Isso é o que o Senhor apresenta a um discípulo e espera dele.

Ele não pede que façamos algo grandioso por Ele de vez em quando, um ou outro ato heroico que as pessoas admirem e sobre o qual se possa escrever um livro ou fazer um filme. Ele quer que nos identifiquemos “diariamente” com Sua condenação. Isso tem de ser realizado todos os dias. Isso requer perseverança e não um ato de fé de vez em quando.

Por mais tolo que pareça, o caminho da vida é o caminho de negar a si mesmo e tomar a cruz. Se não seguirmos esse caminho porque queremos aproveitar a vida aqui e agora, se quisermos salvar nossa vida, a consequência será perdê-la. Mas se perdermos nossa vida por causa do Senhor e, assim, dermos a Ele o direito de dispor dela, nós a salvaremos. Trata-se de fé Nele e em Suas promessas, e isso enquanto Ele está a caminho da cruz. Significa escolher o lado Dele e segui-Lo nesse caminho.

O Senhor também apela para a razão sóbria. Imagine que você ganhe o mundo inteiro, mas perca a si mesmo, pereça, se perca por causa dele, ou pague por ele, ou seja, sofra danos espirituais (1Cor 3:15), tenha desvantagens, qual é a utilidade? Você pode desfrutá-lo por pouco tempo e apenas de forma limitada. Quando sua barriga está cheia, você simplesmente tem que parar de comer, mesmo que haja toneladas dos alimentos mais deliciosos ao seu redor. Quando você tem acesso ao mundo inteiro, pode ir aonde quiser e fazer o que quiser, mas isso acaba uma vez. E depois? Depois vem a eternidade, onde somente conta o que você fez em sua vida pelo Senhor Jesus.

Quem quiser seguir o Senhor Jesus deve ser como Ele. Quem quiser segui-lo, mas não quiser ser como Ele, não quiser ser identificado com Ele, mas se envergonhar Dele e de Suas palavras, Ele o tratará da mesma forma quando voltar em glória.

O Senhor apresenta em palavras de advertência o que perdemos se O confessarmos apenas na forma, mas O negarmos assim que isso nos custar algo. Perdemos Sua aprovação. “Envergonhar-se dEle” aqui significa ter medo de defendê-Lo. Ao fazer isso, a pessoa não O confessa. Quando Ele vier em majestade, reconhecerá publicamente todos os que compartilharam de Sua rejeição; mas então Ele se envergonhará publicamente de todos os que se envergonharam de Sua rejeição. O fato de o Senhor se envergonhar significa que Ele não pode reconhecer tal pessoa como pertencente a Ele.

Ele vem em Sua glória. Essa é a Sua própria glória como o Filho do Homem. Então não há mais humilhação, mas esplêndida majestade. Ele vem na glória de Seu Pai. A glória do Pai, então, não será apenas ouvida na voz, como em Seu batismo ou no Monte da Transfiguração, como veremos nos versos seguintes, mas será impressionante para todos verem. Quando Ele vier em Sua glória, os santos anjos também estarão com Ele. Eles não proclamam então que Ele nasceu na Terra, nem que o sinal seria uma criança envolta em faixas, mas, ao Seu comando, eles reunirão todos os dissabores de Seu reino e os queimarão com fogo.

Luc 9:27-29 | O Senhor Jesus em Sua Glória

27 E em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte até que vejam o Reino de Deus. 28 E aconteceu que, quase oito dias

depois dessas palavras, tomou consigo a Pedro, a João e a Tiago e subiu ao monte a orar. 29 E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e as suas vestes ficaram brancas e mui resplandecentes.

Quando o Senhor Jesus falou assim sobre Sua vinda em glória, Ele prometeu a alguns dos que estão com Ele que verão essa glória antes mesmo de morrerem. Isso significa que eles não verão o reino somente depois de terem morrido e ressuscitado no devido tempo para entrar nele, mas que verão o reino de Deus em sua forma gloriosa e final enquanto ainda estiverem vivos.

Essa promessa é cumprida depois de apenas oito dias. Lucas fala de cerca de oito dias porque o número oito representa o início de um novo período de tempo. O sétimo dia, o sábado, será cumprido na glória do Reino da Paz. A novidade do oitavo dia é o estabelecimento do Reino de Deus, do qual Cristo é o centro radiante e cuja glória flui para a eternidade (2Ped 1:11; 3:18).

O Senhor leva Pedro, João e Tiago com Ele porque mais tarde eles serão os pilares da igreja (Gál 2:9) e Ele quer fortalecer a fé deles em vista disso. Dessa forma, eles também poderão fortalecer a fé dos outros. A propósito, o Senhor sobe a montanha para orar. Essa é novamente uma observação impressionante e característica de Lucas, que O descreve como uma pessoa dependente.

Quando Ele está assim em oração, a aparência de Seu rosto muda, e Suas roupas também mudam. Seu rosto era o de um homem comum, um rosto que não se destacava entre outros rostos. Agora ele muda. Lucas apenas registra que ele passa por uma mudança. Seu rosto tem a glória que corresponde à glória do céu. É uma glória que também recebemos quando olhamos para Ele, pois assim somos transformados na mesma imagem (2Cor 3:18).

Lucas também registra que Sua veste se tornou branca, radiante. Suas vestes indicam Sua aparência externa, Seu comportamento. Seu comportamento é sempre de uma beleza imaculada e radiante, mas isso só era visto por aqueles que tinham olhos para isso. Não era visível em seu exterior. Mas agora isso se torna aparente externamente. Faz parte de sua aparência em glória.

Luc 9:30-31 | Moisés e Elias falam com o Senhor

30 E eis que estavam falando com ele dois varões, que eram Moisés e Elias, 31 os quais apareceram com glória e falavam da sua morte, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém.

Sua aparição em glória também inclui os santos. Eles fazem parte da glória que Cristo terá quando aparecer em Seu Reino. Nessa cena, vemos os santos juntos que nunca se encontraram na Terra porque estavam separados por muitos séculos. Esses santos são representados por dois grandes homens de Deus, um representando o tempo da Lei e o outro o tempo dos Profetas.

Moisés era o legislador, e Elias era o homem que chamou de volta à Lei um povo que a havia abandonado. Em Moisés, vemos uma imagem dos crentes que adormeceram e, em Elias, uma imagem dos crentes que foram arrebatados sem morrer. Ambos os grupos compartilham com Cristo a glória do reino por causa da morte de Cristo. Moisés e Elias falam com Ele sobre essa morte.

Em sua época, Moisés e Elias haviam falado sobre outras coisas. Moisés deu a Lei, e Elias se esforçou para trazer o povo de volta à Lei para que a bênção pudesse vir. Agora que se fala da nova glória, tudo depende da morte de Cristo e somente dela. Todo o resto desaparece.

Os crentes estão na mesma glória que o Senhor Jesus. Eles estão lá com Ele, conversando com Ele em confiança, falando sobre coisas que são muito especiais para Ele. Eles falam sobre Sua “saída”, que diz respeito ao Seu sofrimento e morte quando Ele “sai” deste mundo para retornar ao céu. A palavra usada aqui para “saída” é a palavra “êxodo”, conhecida pelo livro bíblico de mesmo nome – que é outro nome para o segundo livro de Moisés. Nesse livro bíblico, a palavra se refere ao “Êxodo” dos israelitas do Egito. Aqui, Moisés, o líder do Êxodo, fala sobre o Êxodo de Cristo, do qual o Êxodo do Egito foi uma figura.

Ao mesmo tempo, isso deixa claro que seu “êxodo” também aponta para o êxodo de seu povo do mundo. Os crentes pensam nisso quando celebram a Ceia do Senhor. Na Ceia do Senhor, eles comem e bebem em memória Daquele que sofreu e morreu, e proclamam Sua “saída”, Sua morte (1Cor 11:26). Eles fazem isso “até que Ele venha” para que eles também possam sair do mundo para Ele nos ares (1Tes 4:17).

Moisés e Elias falam como aqueles que entendem os conselhos de Deus, pois Sua saída ainda não havia ocorrido.

Luc 9:32-33 | A proposta de Pedro

*32 E Pedro e os que estavam com ele estavam carregados de sono; e, quando despertaram, viram a sua glória e aqueles dois varões que estavam com ele.
33 E aconteceu que, quando aqueles se apartaram dele, disse Pedro a Jesus: Mestre, bom é que nós estejamos aqui e façamos três tendas, uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias, não sabendo o que dizia.*

A subida da montanha provavelmente foi bastante cansativa para os homens. Quando o Senhor foi orar, Pedro e os outros dois discípulos foram dominados pelo sono. Eles estão tão pouco impressionados com o Mestre em oração que não conseguiram resistir quando o sono os dominou. Como resultado, eles perderam grande parte da conversa que o Senhor teve com os dois homens que estavam com Ele. Felizmente, eles não acordaram muito tarde, de modo que ainda puderam ver um pouco de toda a cena. E, além disso, eles tinham acabado de receber permissão para subir a montanha.

Muitas vezes, também perdemos muito da glória do Senhor Jesus quando cedemos às necessidades terrenas em momentos em que deveríamos deixá-las de lado. Dormimos em momentos em que deveríamos estar acordados, e estamos acordados quando deveríamos estar dormindo, como no caso da tempestade no lago.

Pela graça de Deus, eles têm um vislumbre de Sua glória. Eles também veem os dois homens que estavam com Ele. É uma cena sublime relacionada ao céu e, ao mesmo tempo, ocorre na Terra e há pessoas reconhecíveis participando dela. Os discípulos acordam no momento em que os dois homens estão prestes a deixar o Senhor.

Pedro, que teria sido o primeiro a adormecer, também é o primeiro a reagir ao que vê. Impulsivo como é, ele quer registrar essa cena. Ele não viu o que Moisés e Elias estavam falando com o Senhor. Se ele tivesse ouvido, provavelmente teria entendido que essa glorificação era temporária, uma antecipação, porque o Senhor ainda tinha que cumprir primeiro um objetivo em Jerusalém. Como ele não tem compreensão da situação real e se

baseia apenas no que vê no momento, ele conclui com exuberância que é bom que “nós” estejamos aqui. Ele se coloca em posição de igualdade com o Senhor.

Esse é sempre o caso dos crentes quando estão dormindo enquanto o Senhor está falando sobre Seus sofrimentos. Eles não entendem isso. Esses crentes pensam apenas na glória, e querem se agarrar a ela, às vezes até mesmo à força. Eles se deixam levar pelos sentimentos do momento. Eles não sabem o que estão dizendo, assim como Pedro não sabe. Pedro quer fazer três tendas. Embora coloque o Senhor em primeiro lugar, ele coloca Moisés e Elias no mesmo nível que Ele. Portanto, vemos boas intenções em Pedro, mas elas levam a conclusões erradas. O Pai, então, também inter-vém diretamente.

Luc 9:34-36 | O testemunho do Pai

34 E, dizendo ele isso, veio uma nuvem que os cobriu com a sua sombra; e, entrando eles na nuvem, temeram. 35 E saiu da nuvem uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado; a ele ouvi. 36 E, tendo soado aquela voz, Jesus foi achado só; e eles calaram-se e, por aqueles dias, não contaram a ninguém nada do que tinham visto.

Assim que Pedro fez sua declaração impulsiva, ou talvez durante ela, uma nuvem apareceu e os cobriu. A palavra “cobriu” é a mesma palavra que a Septuaginta usa ao falar da nuvem que repousa sobre o tabernáculo e da glória que enche o tabernáculo. Em Mateus, vemos que era uma nuvem clara. Portanto, trata-se da nuvem de glória que estava com Israel no deserto. Era a nuvem na qual Deus habitava. Naquela ocasião, Deus havia falado com Moisés da nuvem e Moisés entrou na nuvem (Êxo 24:16,18). Aqui Moisés entra na nuvem com o Senhor e junto com Elias.

Essa visão desperta medo nos três discípulos. Da nuvem sai uma voz que não pode ser outra senão a do Pai. O Filho do Homem, que será morto na Terra, é reconhecido na magnífica glória como o Filho do Pai. O SENHOR (YAHWE) se torna conhecido como o Pai por meio da revelação do Filho. Para o Pai, somente Ele é importante. Ele é exaltado acima de tudo e de todos.

Os discípulos ouvem o Pai apontar para Ele como Seu Filho amado. Quando Ele é revelado, não é mais importante ouvir Moisés ou Elias, mas então o chamado é feito: “a ele ouvi”. Em todo o Antigo Testamento, o grande chamado era: “Ouçam Moisés”, e quando o povo se desviava, o grande chamado era: “Ouçam Elias”. Moisés e Elias, no entanto, desaparecem quando Ele aparece. Não que Ele traga algo diferente de Moisés e Elias, pois o que eles falaram foram Suas palavras. Apenas agora Ele fala pessoalmente e não mais pela boca dos grandes profetas.

Enquanto o Pai expressa Seu prazer incondicional no Filho, Moisés e Elias desaparecem e o Filho é deixado sozinho. Ele é encontrado sozinho. Ele não deve ser comparado a ninguém. As pessoas que, no entanto, tentam compará-Lo com outras pessoas nunca ouviram a voz do Pai sobre Seu Filho.

Os discípulos não sabem como lidar com o que viram e ouviram. Eles sentem que não podem comunicar isso aos outros, pelo menos não naquela época. Pedro certamente escreverá sobre isso mais tarde em sua segunda carta (2Ped 1:16-18).

Luc 9:37-42 | A cura de um jovem possesso

37 E aconteceu, no dia seguinte, que, descendo eles do monte, lhes saiu ao encontro uma grande multidão. 38 E eis que um homem da multidão clamou, dizendo, Mestre, peço-te que olhes para meu filho, porque é o único que eu tenho. 39 Eis que um espírito o toma, e de repente clama, e o despedaça até espumar; e só o larga depois de o ter quebrantado. 40 E roguei aos teus discípulos que o expulsassem, e não puderam. 41 E Jesus, respondendo, disse: Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei ainda convosco e vos sofrerei? Traze-me cá o teu filho. 42 E, quando vinha chegando, o demônio o derribou e convulsionou; porém Jesus repreendeu o espírito imundo, e curou o menino, e o entregou a seu pai.

Portanto, o Senhor certamente esteve no monte com seus discípulos por um dia (ou parte de um dia) e uma noite. Pedro gostaria de ter ficado lá, mas a glória ainda não havia amanhecido. Eles tiveram que descer novamente. Lá, uma grande multidão veio encontrá-Lo. Na montanha, a glória era imperturbável. Lá embaixo, na montanha, há uma miséria sem

esperança, e há miséria devido à presença do poder de Satanás. Essa é a diferença entre o céu e a terra.

Nós também conhecemos bem essa experiência. Podemos ter momentos de comunhão ininterrupta com o Senhor quando lemos Sua Palavra ou a ouvimos em uma reunião. Esquecemos tudo ao nosso redor e vemos o Senhor Jesus em sua glória. Depois disso, temos de voltar à vida cotidiana e, então, somos confrontados novamente com toda a miséria, seja a nossa própria, seja a dos outros ao nosso redor. Mas, mesmo assim, o Senhor está lá, e você pode chamá-Lo, como esse Pai faz em meio à multidão.

Ele clama ao Senhor por causa de seu único filho. Ele pede que o Senhor “olhe” para seu filho, ou seja, que tenha pena dele e o ajude. Isso significa implorar o favor do Senhor. Maria usa a mesma palavra em seu hino de louvor quando diz que Deus, seu Salvador, “olhou para a humildade de sua serva” (Luc 1:48). Portanto, Deus, nosso Salvador em Cristo, ainda olha para as pessoas em sua humildade e necessidade.

O homem tem um filho que ele não consegue controlar, sobre o qual perdeu completamente o controle. O menino está sob o domínio de um espírito, um espírito imundo que o domina. O homem vê o efeito no comportamento de seu filho e o descreve abertamente ao Senhor. Ele não descreve uma imagem animadora de seu filho: ele grita, tem convulsões, espuma pela boca. Ele não sabe mais o que fazer. O pai só pode assistir, impotente, aos maus-tratos ao seu filho.

Mas agora o Senhor Jesus está lá, isso é, seus discípulos, porque o Senhor estava no monte. O pai pensou que os discípulos já poderiam libertar seu filho e implorou aos discípulos que expulsassem o espírito de seu filho. Eles tentaram, mas não conseguiram. Eles não tinham poder sobre o espírito. Anteriormente, o Senhor havia lhes dado o poder e a autoridade verso 1, e eles os usaram, mas agora lhes faltava a fé necessária.

O Senhor pode nos confiar um dom, mas, para exercê-lo, precisamos também ter comunhão com Ele. Obviamente, os nove discípulos deixados para trás estavam tão “sonolentos” quanto os três na montanha. Eles haviam se esquecido de quem é o Senhor e do que Ele lhes havia dado.

Muitas vezes, como seguidores do Senhor, decepcionamos as pessoas que esperam coisas de nós por sermos Seus seguidores. Professamos seguir e

servir a um Senhor que salva do mal. Portanto, criamos certas expectativas nas pessoas. Quando elas se aproximam de nós, como reagimos? Não se trata de podermos remediar todas as necessidades existentes. O Senhor também não fez isso. Mas será que nos voltamos para as pessoas necessitadas e temos compaixão? Recorremos ao Senhor com elas? Se tentarmos ajudá-las por nós mesmos, a decepção será grande.

Felizmente, o Senhor Jesus desce da montanha no momento certo e o Pai O chama. O Senhor está descontente com a falta de fé de Seus discípulos. Ele os chama de “geração incrédula...” e se pergunta por quanto tempo estará com eles, por quanto tempo será capaz de lidar com aqueles que têm tão pouca fé. Sua paciência com a incredulidade chegou ao fim.

Ao Pai, Ele diz para “trazer” Seu Filho, ou seja, a Ele. O demônio não quer se aproximar do Senhor Jesus, mas ele também sabe que não pode escapar do poder de Cristo. Antes de o Senhor expulsar o demônio, ele se esforça ao máximo para prejudicar o menino. Mas o Senhor repreende severamente o espírito imundo. Depois disso, Ele também cura a criança, pois o menino sofreu muito nas mãos do demônio. Depois disso, Ele devolve o filho ao pai. Novamente, Ele restaura o relacionamento entre pai e filho (Luc 7:15; 8:55).

O pai recebe uma nova oportunidade de cuidar de seu filho. Não sabemos como o menino adquiriu o espírito impuro. Provavelmente podemos fazer uma aplicação para os dias de hoje. Muitos pais não sabem quais revistas e filmes pornográficos seus filhos estão assistindo. Como resultado, a impureza entra na criança e ela se envolve em um comportamento descontrolado. Isso pode ficar tão fora de controle que não pode ser orientado. Quando os pais estão prestes a se desesperar, eles podem se refugiar no Senhor Jesus por seus filhos. Nunca é tarde demais para isso.

Luc 9:43-45 | Jesus Prediz Novamente Sua Morte

43 E todos pasmavam da majestade de Deus. E, maravilhando-se todos de todas as coisas que Jesus fazia, disse aos seus discípulos: 44 Ponde vós estas palavras em vossos ouvidos, porque o Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens. 45 Mas eles não entendiam essa palavra, que lhes era encoberta, para que a não compreendessem; e temiam interrogá-lo acerca dessa palavra.

Todos os que viram o que o Senhor Jesus fez pelo menino ficaram maravilhados com a gloriosa grandeza de Deus. Os feitos do Senhor Jesus sempre os fazem lembrar de Deus. Eles ficam admirados e maravilhados com tudo o que Ele faz. Seus feitos despertam o interesse deles. Aqui está alguém em ação que pode ajudá-los.

No entanto, o Senhor não busca a admiração das pessoas pelo que faz. Por isso, Ele dirige uma palavra a Seus discípulos, que eles devem guardar bem. Ele quer que eles levem bem fundo no coração que o Filho do Homem não será honrado, mas será morto. Em vez de homens Lhe darem honra, o Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens. Eles não O honrarão como o Filho de Deus, mas O condenarão como se fosse um criminoso. Sua admiração é apenas limitada e superficial e logo se transformará em desprezo.

Essas palavras são muito importantes e, por isso, Ele dá ênfase especial a elas para que os discípulos as compreendam. No entanto, eles não entendem do que se trata, mesmo quando Ele lhes diz – não profeticamente, nem mesmo com imagens difíceis, mas – com as palavras mais simples o que acontecerá. Aqui vemos que a compreensão das Escrituras não tem nada a ver com a linguagem usada. A verdadeira causa de algo não estar claro está no coração do homem.

Os discípulos não estão prontos para entender as consequências das palavras que o Senhor acabou de dizer. Eles ainda só pensam em um Messias reinante. Eles não querem pensar em um Messias sofredor. Por isso o que Ele disse permanece oculto para eles e eles não o entendem.

Os discípulos simplesmente deixam isso de lado, porque têm medo de perguntar para Ele sobre essa palavra. Eles acham que então ouvirão coisas que preferem não ouvir. O verdadeiro estado do coração deles é revelado no evento seguinte, e então também vemos a razão pela qual eles não queriam e não podiam pensar no sofrimento Dele e por que isso permaneceu oculto para eles.

Luc 9:46-48 | Quem é o Maior?

46 E suscitou-se entre eles uma discussão sobre qual deles seria o maior. 47 Mas Jesus, vendo o pensamento do coração deles, tomou uma criança, pô-la

junto a si 48 e disse-lhes: Qualquer que receber esta criança em meu nome recebe-me a mim; e qualquer que me recebe a mim recebe o que me enviou; porque aquele que entre vós todos for o menor, esse mesmo é grande.

Nos versos a seguir, vemos que não estamos lidando apenas com poderes ao nosso redor, mas também com um poder dentro de nós. Esse poder é a carne. Do verso 46 até o final do capítulo, vemos os três lados diferentes da carne egoísta no crente que o impedem de seguir os passos do Senhor Jesus. Primeiro, há o egoísmo pessoal: A pessoa se considera importante e se compara aos outros versos 46-48. Nos versos 49-50, encontramos uma segunda forma de egoísmo. Trata-se mais de um egoísmo coletivo. Trata-se da importância do grupo, da comunidade à qual pertencemos. A terceira forma de egoísmo é o egoísmo que se envolve com a aparência de ser zeloso pelo Senhor, mas sem realmente estar de acordo com Ele versos 51-56.

Nos versos 46-48, vemos que os discípulos estão considerando qual deles é provavelmente o maior. Isso é uma coisa ruim. Todos se acham mais importantes do que os outros, e cada um reivindica a melhor posição no reino que o Mestre estabelecerá. Aqui encontramos a verdadeira razão pela qual eles não entendem as palavras ditas pelo Senhor Jesus sobre Sua rejeição e sofrimento. Se isso acontecesse com Ele, o sonho deles não se realizaria. E sonhar com uma posição de destaque no reino vindouro é uma ocupação agradável. Mas há concorrência. Por isso é necessário falar sobre uma distribuição de cargos, porque é melhor declarar claramente em que se é o melhor e sobre qual ministério se deseja conduzir o cetro, do que ter de se contentar com um lugar insignificante em um futuro próximo. O lobby já começou.

O Senhor vê o que está em seus corações. Ele quer lhes ensinar uma lição por meio de uma criança que Ele coloca ao Seu lado. Ele “tomou” essa criança. Ele se dispõe dela sem ter que pedir o consentimento dos pais. Ele a “colocou ao seu lado”, identificou-se com ela. Por meio dessa ação, Ele mostra o valor de uma criança.

Uma criança não desempenha nenhum papel aos olhos dos adultos. As crianças não contribuem em nada para a solução das grandes questões da

vida. Às vezes, elas são até consideradas um obstáculo para a carreira de alguém. E os discípulos estavam preocupados com esse último aspecto.

O Senhor aponta para a criança que está ao Seu lado e fala sobre receber uma criança em Seu nome. Ele associa Seu nome a essa criança. Quem vê o Senhor nessa criança e, portanto, recebe a criança, recebe o Senhor. Ele é tão pouco exigente quanto essa criança. Alguém tem que ser tão pouco exigente quanto Ele para ter um olho para isso. Ele mostra o que significa não insistir em seus direitos e não exigir o que lhe é devido, e pede que O sigamos nisso.

Aquele que segue o Senhor nesse sentido recebe todos os que não são respeitados no mundo porque são como Ele. Ao recebê-los, você recebe o Senhor Jesus e, ao recebê-Lo, recebe Aquele que O enviou, o Pai. Essa é a recompensa para quem quer ser o menor e dá prioridade aos outros. A verdadeira grandeza está associada e é vista naquele que deseja ocupar o menor lugar. Vemos essa verdadeira grandeza em Cristo. Os discípulos, com sua discussão sobre quem é o maior entre eles, estão longe disso.

Luc 9:49-50 | “Quem não é contra nós é por nós”

49 E, respondendo João, disse: Mestre, vimos um que em teu nome expulsava os demônios, e lho proibimos, porque não te segue conosco. 50 E Jesus lhes disse: Não o proibais, porque quem não é contra nós é por nós.

João obviamente se sente tão tocado pelo que o Senhor Jesus acabou de dizer que conta um fato que ocorreu anteriormente. Ele se lembra de que um pouco antes eles viram alguém expulsando demônios em nome do Senhor. Naturalmente, em sua opinião, isso não era possível porque o homem não havia se juntado a eles. Foi por isso que eles (ele e seus condiscípulos) resistiram a ele.

Ao usar a pequena palavra “nós”, João mostra que ele e os outros dão importância ao coletivo, ao grupo. Eles tornam o “nós” muito importante, enquanto o Senhor acabou de deixar claro que a única coisa importante é o seu “nome”. Além disso, o homem fez algo que eles mesmos não conseguiram fazer verso 40.

João e seus condiscípulos estão, sem dúvida, no lugar certo, com o Senhor, mas isso não significa que outros não estejam. Por exemplo, o Senhor man-

dou para casa o antigo possesso que estava ansioso para ficar com Ele, para que desse testemunho ali (Luc 8:38-39). Assim, Ele tem uma missão especial para cada um dos Seus, e isso independentemente do grupo ao qual pertencemos.

No que João diz, parece que para ele, alguém só pode seguir o Senhor se tiver se juntado ao grupo ao qual ele mesmo pertence. Pensar que somente o próprio grupo pode garantir que o Senhor possa usar alguém é arrogância e sectarismo. O Senhor repreende João. Ele não deve impedir nenhum trabalho que seja feito em nome do Senhor. Esse trabalho não é contra eles, mas a favor deles.

O Senhor não diz “contra mim” ou “por mim”, mas “contra nós” e “por nós”. Quer João goste ou não, o Senhor relaciona o trabalho desse homem com o trabalho que os discípulos podem fazer. O homem não é um concorrente, mas um colaborador no serviço do Senhor. Às vezes é difícil aceitar o fato de que o Senhor abençoa mais a outros que trilham um caminho diferente daquele que trilhamos do que a nós mesmos. É ruim falar mal deles ou impedi-los.

Luc 9:51-56 | Não Recebem Jesus

51 E aconteceu que, completando-se os dias para a sua assunção, manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém. 52 E mandou mensageiros diante da sua face; e, indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos, para lhe prepararem pousada. 53 Mas não o receberam, porque o seu aspecto era como de quem ia a Jerusalém. 54 E os discípulos Tiago e João, vendo isso, disseram: Senhor, que- res que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez? 55 Voltando-se, porém, repreendeu-os e disse: Vós não sabeis de que espírito sois. 56 Porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las. E foram para outra aldeia.

Aqui Lucas começa a descrever os eventos que levaram ao sofrimento e à morte do Senhor em Jerusalém. Essa seção vai até o capítulo 19:44. O Senhor Jesus se dirige resolutamente a Jerusalém. Ele também já está olhando para o além, pois depois de Seus sofrimentos e morte Ele ressuscitará e será levado para o céu. Ele olha para a alegria que está à Sua frente. Isso o encoraja a suportar a cruz e a não se importar com a vergonha (Heb 12:2).

Assim como a expressão “Sua morte” verso 31, a expressão “dias para a sua ascensão” é usada apenas por Lucas, mas não pelos outros evangelistas.

Embora saiba o que O espera em Jerusalém, Ele, como o verdadeiro Rei, envia Seus mensageiros à Sua frente para preparar Sua vinda. Ele escolhe uma aldeia de samaritanos como parada. Que graça que, em Sua jornada para Jerusalém, Ele se dirige a esse vilarejo para também apresentar ao povo de lá essa graça de Deus. Os samaritanos, porém, não O recebem bem. Quando os discípulos estavam procurando um lugar para ficar, eles devem ter dito o que o Mestre estava planejando, para onde estava indo. Ele está a caminho de Jerusalém, por ocasião da Páscoa que se aproxima (não para participar dela, mas para cumpri-la).

Quando os samaritanos souberam para onde Ele estava indo, eles O rejeitaram. Eles o consideraram uma pessoa indesejável. Eles não reconheceram o momento de sua visita. Mas a graça mais tarde os seguiu também, e muitos dos samaritanos, possivelmente também nessa aldeia, ouviram que Ele morreu em Jerusalém, e isso também por eles (Atos 8:5-8,12,25).

A atitude dos samaritanos desperta a ira dos irmãos João e Tiago. Aqui o Mestre deles está sendo desonrado. Eles não podem suportar isso. Eles sugerem mandar fogo do céu para destruir essa aldeia. Elias não havia feito o mesmo quando o trataram com desrespeito (2Rei 1:10,12).

A sugestão deles vem de um sentimento de que são importantes por causa de sua conexão com o Senhor. Quando o Senhor é tratado com desrespeito, isso é como um insulto pessoal para eles. Mas como, na verdade, eles só querem se impor por meio desse modo de agir, tornam-se cegos para a graça que caracteriza seu Mestre, precisamente quando a desonra é infligida a Ele. Eles querem que venha fogo do céu, enquanto seu Senhor veio do céu para trazer graça.

Com uma atitude mental como a expressa pelos irmãos, Ele não quer ter nada a ver. Ele se volta e os repreende por sua proposta. Eles não têm consciência de que espírito são, de qual o caráter deles. O que eles querem é totalmente estranho à Sua disposição de graça. O que eles propõem não vem Dele.

Ele lhes diz que Ele, o Filho do Homem, não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las. Quão pouco eles ainda entendiam o signi-

ficado de Seu nome “Filho do Homem”. Ele realmente se tornou homem, um homem como Deus queria que Ele fosse. Deus O enviou como um homem entre os homens para mostrar Sua boa vontade para com os homens. E agora eles querem que Ele dê a Sua aprovação para destruir as preciosas almas humanas lançando fogo do céu.

Assim como aconteceu com os gadarenos (Luc 8:37), aqui o Senhor aceita não ser recebido e vai para outra aldeia. Essa é a disposição da graça, que não exige, mas se humilha, fazendo com que essa disposição brilhe ainda mais.

Luc 9:57-62 | O Preço de Seguir a Jesus

57 E aconteceu que, indo eles pelo caminho, lhe disse um: Senhor, seguir-te-ei para onde quer que fores. 58 E disse-lhe Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. 59 E disse a outro: Segue-me. Mas ele respondeu: Senhor, deixa que primeiro eu vá enterrar meu pai. 60 Mas Jesus lhe observou: Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos; porém tu, vai e anuncia o Reino de Deus. 61 Disse também outro: Senhor, eu te seguirei, mas deixa-me despedir primeiro dos que estão em minha casa. 62 E Jesus lhe disse: Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus.

Aqueles que seguem o Senhor se deparam com todos os tipos de situações que Lhe dão a oportunidade de ensinar Seus seguidores. Nessas situações, os motivos do coração de um discípulo são revelados. Uma pessoa só pode seguir o Senhor se Ele a chamar para isso. Quando uma pessoa diz por vontade própria: “Eu te seguirei aonde quer que fores”, isso soa bem à primeira vista, mas é preciso que fique claro de que fonte vem esse desejo. Pois ele pode vir da vontade enganosa do homem, ao passo que alguém só pode ser um bom seguidor se tiver ouvido o poderoso chamado da graça para isso.

Quando alguém é realmente chamado pela graça, isso significa necessariamente abrir mão de tudo o que possa impedi-lo de obedecer a esse chamado. Quando o Senhor chama, surgem dificuldades e obstáculos. Vemos isso nos casos a seguir.

Primeiro, porém, vemos aqui alguém que quer seguir o Senhor em sua própria força, alguém que acha que pode fazer isso. Essa pessoa fracassará em seguir a Cristo. Quando Pedro disse algo assim mais tarde, ele negou o Senhor logo em seguida (Luc 22:33). Uma criada foi suficiente para assustar o mais ilustre dos apóstolos. Ele começou a mentir e a jurar que não O conhecia (Mar 14:71). O Senhor deve denunciar o otimismo da autoconfiança. Pedro experimentou isso em sua queda.

O Senhor apresenta as consequências para alguém que está prestes a seguir-Lo. Pode ser que o homem tenha vindo para seguir-Lo porque havia algo que caía para ele. Parecia ser vantajoso para ele. O Senhor diz que não tem nada para lhe dar, nem mesmo um lugar para descansar. Aqueles que O seguem estão em situação ainda pior do que as raposas e os pássaros. Eles pelo menos ainda têm um lugar para descansar e encontrar abrigo. Ele não pode oferecer a Seus seguidores nada além de vergonha, sofrimento e solidão. Ele não tinha lugar para descansar, não tinha onde reclinar a cabeça. Como Ele poderia fazer isso em um mundo onde o pecado reina? Foi somente na cruz que Ele pôde reclinar a cabeça em descanso, depois de ter concluído a obra pelo pecado. Ele “inclinou a cabeça” (Joã 19:30) é a mesma palavra que “reclinar a cabeça” aqui.

Para aqueles que O seguiriam por vontade própria, Ele retrata a realidade de sua rejeição. Ele faz isso para refrear o entusiasmo carnal. É diferente quando o Senhor chama alguém. Como dito, então surgem dificuldades e obstáculos. Simplesmente desistir de tudo e enfrentar um futuro incerto é demais para a carne. De repente, surgem todos os tipos de coisas que “primeiro” precisam ser postas em ordem. Essas coisas não são pecaminosas, mas boas em si mesmas.

Certamente é permitido enterrar um pai, e não podemos dizer que essa é até mesmo a vontade do Senhor? O Senhor não declara em Sua resposta que o homem não precisa ser tão específico quanto à honra (final) de seu pai. Esse homem está se perguntando se Cristo é mais para sua alma do que qualquer outra coisa ou qualquer outra pessoa em todo o mundo.

Esse homem é chamado não apenas para seguir a Cristo, mas para testemunhar por Ele, para proclamar o Reino de Deus. Como isso acontecerá em seu relacionamento com os outros se ele não tiver a fé necessária para

abrir mão de tudo por Cristo? A mensagem é tão urgente que não pode haver demora. Os mortos (espiritualmente) podem muito bem enterrar os mortos (fisicamente), mas não podem proclamar o Reino de Deus. Somente aqueles que o Senhor chamar podem fazê-lo.

Outro, a quem o Senhor obviamente chamou, tem uma desculpa diferente. Para ele, o problema não é deixar os mortos para trás, mas os vivos. Ele quer se despedir adequadamente de seus familiares em casa primeiro. Novamente, isso é algo que é permitido em si mesmo, mas que, nesse caso, é um obstáculo para obedecer imediatamente à ordem do Senhor. Aqueles que querem seguir o Senhor devem estar dispostos a romper radicalmente com as relações de parentesco, como fizeram Tiago e João (Mat 4:22).

Pregar o reino de Deus é uma questão de olhar para frente. É tudo ou nada. Pode ser o reino do verdadeiro Deus, se for permitido que Seus servos sejam detidos por todos os tipos de coisas sem importância? Cristo é o primeiro e o último, e Ele deve ser tudo para o coração, ou as artimanhas de Satanás farão com que Ele não seja importante para a alma.

Olhar para trás pode ser desastroso, como aconteceu com a esposa de Ló (Gên 19:17,26), que se apegou às coisas desta vida de todo o coração e não conseguiu se afastar delas, mesmo diante do julgamento. Não se pode confiar em alguém que tem dois interesses (Tia 1:8). O serviço ao Senhor exige devoção total.

Lucas 10

Luc 10:1-4 | O envio dos setenta

1 E, depois disso, designou o Senhor ainda outros setenta e mandou-os adiante da sua face, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir. 2 E dizia-lhes: Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara. 3 Ide; eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos. 4 E não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias; e a ninguém saudeis pelo caminho.

Embora esteja claro que o Senhor vá para Jerusalém para ser rejeitado e morto, Ele continua com Seu ministério. Ele até mesmo envia muito mais obreiros do que os doze que já havia enviado. Ele expande o ministério e, assim, aumenta Seus esforços para alcançar o maior número possível de pessoas com a graça de Deus. Ele vê no Espírito o resultado de Seu trabalho, a grande colheita que vem dele. Quanto maior a rejeição, maior o desejo de pregar o evangelho.

O Senhor os envia dois em dois. Isso tem um efeito positivo sobre o testemunho que eles dão. Isso não significa que não devamos sair sozinhos para fazer isso, mas juntos somos mais fortes contra um inimigo poderoso e astuto. Ele os envia diante de si a todos os lugares onde Ele mesmo quer ir e lhes dá instruções. Em todos esses lugares, eles devem anunciar Sua vinda e pregar a conversão. A colheita é grande, pois o amor, que não é detido pelo pecado, mas apenas aumenta, mantém os olhos fixos na necessidade, apesar de toda resistência externa. Infelizmente, porém, são poucos os que são tocados por essa necessidade e agem.

Mesmo que o Senhor envie outros setenta – em proporção à grande colheita, eles são apenas alguns. Portanto, Ele apela àqueles que envia para que, antes de enviá-los, peçam ao Senhor da seara mais trabalhadores. Especialmente aqueles que estão a serviço do Senhor têm uma noção da grande quantidade de trabalho que existe e de que não podem fazer tudo. Todos os crentes têm uma tarefa na obra do Senhor e precisam uns dos outros. Foi isso que Ele quis dizer (1Cor 3:5-8).

Ele também lhes diz que categoria de pessoas eles encontrarão. Ele fala de Seu povo a quem os envia, não mais como ovelhas perdidas, mas como lobos. Eles próprios são os cordeiros e, como tal, são presas para os lobos. Sua saída para o Senhor não é uma parada triunfal, mas um empreendimento perigoso que requer toda a sua devoção e atenção total. Ele os envia como cordeiros indefesos em meio a lobos cruéis e vorazes. Ele também os proíbe, mais uma vez, de tomar qualquer medida que, de alguma forma, garanta sua chance de sobrevivência. Ele os envia em seu caminho completamente indefesos. Assim, eles devem depender do que Ele opera no coração dos homens.

Eles devem estar totalmente absorvidos em seu trabalho e não cumprimentar ninguém no caminho, pois o tempo é curto e o julgamento é iminente. Enquanto são enviados em um espírito de graça, expostos à malícia dos homens, eles podem andar na plena consciência de Sua glória. Eles não precisam de mais nada, pois isso seria apenas um lastro desnecessário. O perigo ameaça, o dever pressiona.

Eles não precisam se preparar para a partida, mas podem contar com o poder de Seu nome, pois Ele provê o sustento deles na terra de Israel. Aquele que os envia é o Rei, embora rejeitado pelos homens. Também não há tempo para saudações extensas e demoradas. O Senhor não quer dizer que eles devam ser duros e indelicados, mas que não devem perder tempo com cerimônias de saudação inúteis. As gentilezas são sempre boas, especialmente em circunstâncias terrenas e no tempo presente, mas os servos devem fazer tudo à luz da eternidade, pois o Senhor está plenamente ciente delas.

Luc 10:5-12 | Envio e recebimento

5 E, em qualquer casa onde entrardes, dizei primeiro: Paz seja nesta casa. 6 E, se ali houver algum filho de paz, repousará sobre ele a vossa paz; e, se não, voltará para vós. 7 E ficai na mesma casa, comendo e bebendo do que eles tiverem, pois digno é o obreiro de seu salário. Não andeis de casa em casa. 8 E, em qualquer cidade em que entrardes e vos receberem, comei do que vos puserem diante. 9 E curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: É chegado a vós o Reino de Deus. 10 Mas, em qualquer cidade em que entrardes e vos não receberem, saindo por suas ruas, dizei: 11 Até o pó que da vossa cidade se nos

pegou sacudimos sobre vós. Sabei, contudo, isto: já o Reino de Deus é chegado a vós. 12 E digo-vos que mais tolerância haverá naquele dia para Sodoma do que para aquela cidade.

Por não terem feito provisões para si mesmos, eles dependem das pessoas a quem vão. Ao mesmo tempo, isso confrontará as pessoas a quem eles vão com a decisão de receber ou não com hospitalidade o mensageiro do Messias como tal. Se os mensageiros tivessem dinheiro suficiente para alugar um quarto de hotel, as pessoas poderiam rejeitar sua mensagem com muito mais facilidade. Assim, elas não teriam de provar – ao aceitar o mensageiro do Senhor em sua casa – que são receptivas à pregação.

A mensagem com a qual o Senhor os envia é uma mensagem de paz. “Paz” é a primeira palavra que eles devem dizer quando entram em uma casa em qualquer lugar. É a primeira palavra que o Senhor diz a Seus discípulos quando entra no meio deles após Sua ressurreição (Luc 24:36). Eles representam o Príncipe da Paz e buscam o que é para a paz (Heb 12:14).

A paz em um lar é uma bênção. Possuir a paz é o grande desejo de toda pessoa necessitada. Um “filho de paz” é aquele que recebe os mensageiros da paz em seu lar. Ele então recebe não apenas os mensageiros da paz, mas a própria paz. Essa paz repousará sobre ele. Sua radiação será de paz e não de guerra, porque a paz está em seu coração. Um filho da paz tem a paz como seu pai, ele é gerado pela paz, e todos ao seu redor perceberão isso. Seu pai é Deus, “o Deus da paz” (Rom 15:33; 16:20).

Mas se ficar evidente que alguém afasta essa paz e expulsa os mensageiros do Senhor, então ele não obterá a paz que deseja. Essa pessoa viverá como inimiga da paz e se voltará como um lobo contra os cordeiros.

Se eles estiverem na casa de um filho da paz, não precisarão dificultar as coisas para si mesmos, indo de uma casa a outra para alimentá-los, como se estivessem incomodando seus anfitriões. Eles trabalham para o Senhor e, portanto, têm direito em Seu nome. Além disso, quanto a si mesmos, devem tomar cuidado para não serem avarentos e exigentes, mas confiar de coração no Messias e aceitar o que lhes é oferecido. O Messias reconhece a dignidade do trabalhador ao dizer que o trabalhador é digno de seu salário. Aqueles que pertencem ao Messias receberão Seu reconhecimento e também reconhecerão Seus servos.

Seus servos não precisam ir de casa em casa. Isso diminuiria Sua glória, pois eles poderiam ser acusados de se entregarem ao egoísmo. Eles dariam uma impressão de inquietação, e isso não se encaixa em sua mensagem de paz e tranquilidade. Eles devem sempre ter claro que representam um Senhor que tem o direito de ser servido por Seu povo. Eles O representam e devem ter o cuidado de não dar uma falsa impressão dEle, com a aparência de que estão buscando sua própria vantagem em vez da vantagem daqueles a quem foram enviados para anunciar o Messias.

Eles podem enfatizar sua mensagem de paz curando os doentes aonde quer que vão. Além disso, eles também devem pregar que o Reino de Deus chegou perto deles. Os passos do Senhor ressoam atrás deles. O Reino de Deus está próximo porque Ele está próximo. Ao recebê-Lo, eles pertencem ao reino de Deus e compartilham de todas as bênçãos que esse reino traz.

O Senhor também chama a atenção dos setenta para o fato de que há cidades onde eles não são bem-vindos, onde não há um filho da paz para abrir sua casa. Então eles devem sair pelas ruas e testemunhar contra aquela cidade. Nessa cidade, eles devem testemunhar vigorosamente que não querem ter nada a ver com ela. Se não lhes for permitido comer lá, então não devem nem mesmo carregar o pó daquela cidade em seus pés. Ao mesmo tempo, faça com que a cidade saiba que, apesar da recusa deles, o reino de Deus se aproximou e que isso só torna a recusa deles ainda mais séria, porque eles rejeitam o que está tão próximo.

O Senhor associa a rejeição de Seus discípulos a um julgamento muito severo, pois quem os rejeita, rejeita Aquele que os enviou. Rejeitar as palavras deles é rejeitar Suas palavras. Eles deram testemunho de que o reino de Deus era chegado.

Nada comparável a isso jamais foi apresentado ao povo. Outros, como os profetas, deram testemunho disso, mas os próprios profetas reconheceram que isso estava longe. Agora, porém, que ele chegou perto, já é perigoso desprezar aqueles que o anunciam. Por outro lado, a maneira correta de honrar o Senhor Jesus é ouvir os discípulos.

Esse testemunho nunca foi dirigido a Sodoma. Embora essa cidade seja totalmente responsável por todas as iniquidades que cometeu, Sodoma é menos responsável do que a cidade que rejeita os mensageiros que anun-

ciam a vinda direta do Messias. Isso será visto na severidade do julgamento com o qual Deus atingirá tanto Sodoma quanto a cidade que rejeitar o Senhor.

Luc 10:13-16 | “Ai” das cidades da Galileia

13 Ai de ti, Corazim, ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se fizessem as maravilhas que em vós foram feitas, já há muito, assentadas em saco de pano grosseiro e cinza, se teriam arrependido. 14 Portanto, para Tiro e Sidom haverá menos rigor no Dia do Juízo do que para vós. 15 E tu, Cafarnaum, serás levantada até ao céu? Até ao inferno serás abatida. 16 Quem vos ouve a vós a mim me ouve; e quem vos rejeita a vós a mim me rejeita; e quem a mim me rejeita rejeita aquele que me enviou.

O Senhor pronuncia um “ai” sobre Corazim e Betsaida porque elas viram muitas de Suas obras milagrosas e, ainda assim, não se converteram. Ele provou repetidas vezes que é o Messias, mas eles continuaram a se recusar a aceitá-Lo. Assim, eles estão se afundando mais em seus pecados do que Tiro e Sidom, que, na opinião do Senhor, teriam se convertido muito em breve se Ele tivesse realizado as obras milagrosas ali.

Pode-se perguntar por que Ele não o fez naquela época, pois assim essas cidades teriam se convertido. Entretanto, Deus tem um testemunho adequado para cada ocasião. Ele se aproximou de Tiro e Sidom com um testemunho que eles podiam entender, mas eles o rejeitaram deliberadamente.

É importante nos apegarmos à soberania de Deus. Ele sabe muito melhor do que nós o que há no homem. Ele sabe o que pode pedir de uma pessoa, levando em conta as circunstâncias em que ela se encontra. De acordo com esse conhecimento, Ele mede a responsabilidade do homem e o testa por meio da mensagem que lhe envia. Essa mensagem é exatamente o que é necessário para essa pessoa. É assim que Ele sempre agiu e, portanto, Seu julgamento também é perfeitamente justo. A pessoa nunca poderá acusá-Lo por não ter agido de forma diferente. Cada pessoa entenderá que Deus se dirigiu a ela de uma forma totalmente apropriada, mas que ela O rejeitou.

As punições mais pesadas, portanto, recaem sobre aqueles a quem Ele mais favoreceu, aqueles que estavam mais próximos a Ele ou a quem Ele

veio em Cristo. É por isso que as cidades pagãs de Tiro e Sidom se sairão melhor no julgamento do que as cidades de Israel. O próprio Deus em Cristo visitou as cidades de Israel, e elas rejeitaram o Deus revelado na carne.

E o que pensa Cafarnaum, a cidade onde o Senhor Jesus viveu por um tempo considerável? Será que a permanência do Filho de Deus em seu meio significa a exaltação da cidade até o céu? Poderia ter sido, se eles O tivessem aceitado. Mas a mera permanência do Filho de Deus no meio deles, sem nenhum efeito em seus corações e consciências, apenas aumenta sua culpa e torna ainda pior o fato de terem rejeitado o Senhor. A cidade será lançada no Hades.

O Senhor está intimamente ligado à mensagem que os setenta levam às cidades. Portanto, a mensagem é realmente Dele. Eles não trazem suas próprias palavras, mas as palavras do Senhor. Ouvir e aceitar suas palavras é, então, realmente ouvir e aceitar as palavras do Senhor. Com a rejeição dos mensageiros, ocorre o inverso. Quem faz isso rejeita Cristo e, portanto, também o Pai que o enviou.

Sempre que ouvimos a Palavra de Deus, devemos estar cientes de que não estamos ouvindo um homem, mas Deus, sendo que a pedra de toque não são nossos sentimentos, mas a Palavra de Deus. Não se trata de gostarmos do mensageiro ou da mensagem, mas de estarmos abertos ao que Deus tem a dizer por meio do mensageiro.

Luc 10:17-20 | O retorno dos setenta

17 E voltaram os setenta com alegria, dizendo: Senhor, pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam. 18 E disse-lhes: Eu via Satanás, como raio, cair do céu. 19 Eis que vos dou poder para pisar serpentes, e escorpiões, e toda a força do Inimigo, e nada vos fará dano algum. 20 Mas não vos alegréis porque se vos sujeitem os espíritos; alegrai-vos, antes, por estar o vosso nome escrito nos céus.

Imediatamente após o envio dos setenta, Lucas menciona o retorno deles. Eles cumpriram sua missão. Com entusiasmo, vieram até o Senhor para contar-Lhe como foi bom exercer poder sobre os demônios. Eles não dizem uma palavra sobre sua pregação e seu resultado. O poder que exerceram

causou uma grande impressão neles. Foi o que eles fizeram! Afinal, toda vitória sobre Satanás é algo importante.

O Senhor abafa o entusiasmo deles. Eles não precisam ficar tão entusiasmados com o poder que têm sobre os demônios. Eles não têm esse poder por si mesmos. Ele lhes diz que, em Espírito, viu Satanás cair do céu como um raio (Apo 12:9). Para Ele, é importante que Satanás perca seu lugar no céu. Ele diz que já viu muito mais do que o que eles fizeram. Eles têm a impressão do aqui e agora, enquanto Ele viu o futuro e a derrota final de Satanás. Toda “vitória parcial” sobre Satanás é uma antecipação do que o aguarda.

Quanto ao poder deles, o Senhor o concedeu a eles. Eles já podem vencer todo o poder do inimigo, mas somente porque Ele os protege. Eles não devem se preocupar muito com o fato de os espíritos estarem sujeitos a eles.

O que realmente deve fazer com que eles – e nós – se regozijem é que seus – e nossos – nomes estão inscritos no céu. Na Terra, nossos nomes estão inscritos onde vivemos. Aqui, o Senhor Jesus diz que nossos nomes estão escritos nos céus porque é lá que está o nosso lar. Temos uma cidadania celestial (Flp 3:20). Podemos nos alegrar com isso, mais do que com o exercício do poder na Terra. Nossos nomes, quando morremos, são removidos dos registros terrenos. No registro celestial, nossos nomes nunca são removidos. O céu é nosso lar eterno.

Essa alegria só pode ser nossa se tivermos certeza da fé. Quando duvidamos de nossa salvação, essa alegria não existe, mas sim uma incerteza angustiante. Essa não é a obra do Espírito Santo, mas da incredulidade.

Luc 10:21-24 | O Senhor Jesus louva o Pai

21 Naquela mesma hora, se alegrou Jesus no Espírito Santo e disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste às criancinhas; assim é, ó Pai, porque assim te aprova. 22 Tudo por meu Pai me foi entregue; e ninguém conhece quem é o Filho, senão o Pai, nem quem é o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar. 23 E, voltando-se para os discípulos, disse-lhes em particular: Bem-aventurados os olhos que vêem o que vós vedes, 24 pois vos digo que mui-

tos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes e não o viram; e ouvir o que ouvís e não o ouviram.

Quando o Senhor Jesus pensa no céu e em todos os nomes que lá estão inscritos, Ele se regozija no Espírito. Ele vê o resultado completo de Sua obra. Mas agora Ele vê o fim de toda a eficácia de Satanás no céu e diz a Seus discípulos. Satanás será expulso do céu (Apo 12:9) e pisoteado sob os pés dos crentes (Rom 16:20). Depois disso, Ele vê todos os nomes daqueles que povoarão o céu. Essas são coisas pelas quais Ele louva o Pai.

Ele louva o Pai por revelar essas coisas às criancinhas, àqueles que não têm padrões elevados. A elite intelectual, os educados em faculdades de teologia que se gabam de seu conhecimento religioso, não têm conhecimento dessas coisas. Foi do agrado do Pai fazer isso dessa maneira.

O Senhor Jesus sabe que o Pai entregou tudo a Ele – e isso apesar da condenação que é Sua parte e que Ele experimentará de forma ainda mais incisiva. Para Ele, somente a estima do Pai conta, não a do homem. Quando os homens O rejeitam, é para que o que é agradável ao Pai possa acontecer. Não podemos entender tudo isso. Não podemos entender que o Filho do Homem na Terra cumpre a boa vontade do Pai pelo fato de os homens O rejeitarem. Nunca teríamos pensado em usar o ápice do pecado do homem para realizar um plano em favor desse Homem. Mas esse é o mistério do Filho, um mistério que somente o Pai conhece.

Por meio da presença do Filho de Deus, Deus se torna conhecido ao homem em graça e a boa vontade de Deus no homem é revelada. A presença do Filho revela, ao mesmo tempo, a maior malícia e o maior ódio possíveis contra a graça, a bondade e o amor revelados ao homem. A presença do Filho e sua rejeição pelo homem demonstram gloriosamente o triunfo da graça sobre o mal.

O Filho eterno tornou-se homem a fim de efetuar a reconciliação com Deus como Homem para o homem. Em Sua obra na cruz, Ele suportou toda a maldade e o ódio dos homens diante de Deus, e Deus O julgou por isso. Todo o ódio de Deus contra o pecado caiu sobre Ele. No mesmo momento, de uma forma que não podemos entender, a aprovação de Deus foi mostrada a Seu Filho, que estava fazendo esta grande obra para Sua glória.

Somente o Pai conhece esse milagre do Filho. A única coisa que um crente deve fazer aqui é acreditar e adorar.

Embora não possamos conhecer a natureza milagrosa do Filho, ainda assim, Nele podemos conhecer o Pai, pois o Filho revelou o Pai. A revelação do Pai no Filho e por meio Dele é a alegria e o descanso da fé. Isso é verdade até mesmo para as criancinhas. As criancinhas, não apenas os jovens ou os pais, conhecem o Pai (1João 2:14).

Depois que o Senhor louvou o Pai, Ele diz algo que é apenas para os discípulos. Ele pronuncia “bem-aventurados” sobre todos os que veem o que os discípulos veem. O fato de eles e também outros poderem vê-Lo pessoalmente, de poderem percebê-Lo corporalmente, é um grande privilégio. Deus está prestes a cumprir nEle todas as Suas promessas.

Esse grande privilégio foi cobiçado por muitas das pessoas mais privilegiadas antes deles, como profetas e reis. No entanto, não foi concedido a eles. Eles, por outro lado, que veem o Senhor, receberam esse grande privilégio. Essa poderosa graça não pode ser descrita. Afinal, é o fato de verem Deus revelado em carne e osso! Não pode haver um encontro mais impressionante. A rainha de Sabá ficou sem fôlego quando viu a glória de Salomão (1Rei 10:4-5). E eis que mais do que Salomão está aqui (Luc 11:31)! Os profetas anunciaram Sua vinda, na qual Ele cumpriria tudo o que profetizaram.

E nos é permitido ver muito mais do que aqueles que viram e ouviram Cristo naquele momento. Isso acontece por meio do Espírito Santo que habita em nós e que forma a igreja – um povo celestial que já está conectado com o Senhor Jesus da maneira mais próxima possível. Deus já quer introduzir as pessoas na esfera celeste, trazendo-as para uma pousada na Terra onde o Espírito Santo é o anfitrião. Vemos isso na seguinte parábola do Bom Samaritano.

Luc 10:25-29 | Um doutor da lei tenta o Senhor

25 E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? 26 E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lêes? 27 E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu

entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo. 28 E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso e viverás. 29 Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?

Depois de o Senhor ter revelado as gloriosas coisas celestiais e eternas sobre o Pai e o Filho, um doutor da lei se levanta e toma a palavra. Ele tem a sensação de que o Senhor está falando sobre coisas que não podem ser conciliadas com a Lei e, por isso, conclui que são contrárias a ela. Se o Senhor diz que vem de Deus, certamente Ele deve cumprir a Lei. Portanto, o doutor da lei lhe arma uma cilada. O Espírito Santo observa que o doutor da lei pretende tentar o Senhor.

A pergunta do doutor da lei é o que ele deve fazer para herdar a vida eterna. Para ele, é impossível que isso aconteça sem a Lei. Em seu julgamento, o Senhor se tornaria indigno de confiança em Sua afirmação de ser o Cristo se mostrasse outro caminho. E se Ele se referisse apenas à Lei, então não seria o gracioso que Ele afirmava ser ao mesmo tempo.

O doutor da lei não pergunta: “O que devo fazer para ser salvo?”, mas com sua pergunta ele coloca em discussão algo para o qual, com seu conhecimento da Lei, ele tem uma resposta. Sua pergunta não tem uma intenção honesta, é simplesmente teórica para ele. Ele não está realmente preocupado com a salvação de sua alma e não tem noção de sua própria condição ou de Deus.

A lei não parte do fato de que o pecador está irremediavelmente perdido, mas também não lhe oferece salvação. A lei só pode apelar para a responsabilidade do homem, mas pelo fato de o homem ser um pecador, ele nunca poderá viver de acordo com essa responsabilidade. O pobre e desesperado carcereiro de Filipos fez a pergunta sobre como poderia ser salvo (Atos 16:30), uma pergunta muito mais apropriada para um pecador.

Em sua resposta à pergunta, o Senhor inverte as circunstâncias. Ele se torna o questionador, e o doutor da lei deve responder a Ele. Ele lhe pergunta não apenas o que está escrito na Lei, mas também como ele lê. O Senhor faz a pergunta certa ao doutor da lei, porque ele está se baseando na lei.

Para ele, herdar a vida eterna era algo que poderia ser alcançado por meio de seus próprios esforços. Ele buscava sua salvação no cumprimento da lei. O Senhor, em Sua sabedoria, responde ao tolo de acordo com a sua

tolice (Pro 26:5). O tolo pensa que pode cumprir a lei e, dessa forma, herdar a vida eterna. Com sua pergunta, o Senhor quer convencê-lo de que todas as tentativas de herdar a vida eterna com base nisso são completamente inúteis.

O doutor da lei responde à pergunta sobre o que está escrito na lei. Sem se dar conta disso, ele também responde à pergunta sobre como ele lê. Ele sabe exatamente o que está escrito ali, mas lê sem envolver seu coração. É assim que nós também podemos lidar com as Escrituras. Provavelmente sabemos o que elas dizem e conhecemos as respostas certas para as perguntas bíblicas. No entanto, isso é apenas teoria se a totalidade das Escrituras não governar nosso coração e nossa vida.

O Senhor diz ao doutor da lei que ele respondeu corretamente. Ele julga que sua resposta está certa. Isso é o que a Bíblia realmente diz. Foi assim que Ele a escreveu. Se o doutor da lei a cumprir, ele viverá, ou seja, receberá a vida eterna como herança.

O doutor da lei respondeu à pergunta do Senhor, mas sente que precisa admitir a derrota. No entanto, ele não quer admitir isso e imediatamente faz outra pergunta que está relacionada à sua própria resposta. Ele pergunta quem é o seu próximo. Para essa pergunta, também, ele espera uma resposta que esteja de acordo com a lei. Portanto, só poderia ser alguém do povo de Deus. Se o Senhor não desse a resposta, Ele não poderia ser o Cristo. O homem não percebe que está prestes a desafiar a sabedoria de Deus e que está armando uma armadilha para si mesmo.

Luc 10:30-35 | O Bom Samaritano

30 E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. 31 E, ocasionalmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. 32 E, de igual modo, também um levita, chegando àquele lugar e vendo-o, passou de largo. 33 Mas um samaritano que ia de viagem chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão. 34 E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, aplicando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele; 35 E, partindo ao outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao

hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele, e tudo o que de mais gastares eu to pagarei, quando voltar.

O Senhor responde com uma parábola. Esse é um tipo de parábola completamente diferente das parábolas do Evangelho de Mateus. Lá Ele fala do reino em parábolas, enquanto Lucas registra parábolas de graça da boca do Senhor Jesus.

O Senhor descreve um homem que desce de Jerusalém para Jericó. Isso significa que se trata de uma pessoa que deixa o lugar onde Deus habita para ir ao lugar da maldição. Não se trata apenas de uma descida literal, mas também, e principalmente, de uma descida espiritual. No entanto, o homem não chega a Jericó porque cai no meio de salteadores. Eles não o poupam. Roubam-lhe todos os seus bens, maltratam-no e o deixam meio morto. Seu futuro parece sombrio, ele está diante da morte.

Então, surge um lampejo de esperança. Aparece um sacerdote, alguém que conhece Deus e sabe como Ele é. Certamente ele o ajudará, seu compatriota. Mas não há bondade no coração desse sacerdote, nenhuma intenção de demonstrar amor. Deus também não o enviou em sua jornada, mas ele segue seu próprio caminho. Ele passa por ali “por acaso”. Para ele, esse pobre homem é uma vítima da coincidência de várias circunstâncias tristes, mas isso não é problema dele. Ver esse homem em sua miséria não lhe causa misericórdia, e assim o sacerdote, a mais alta expressão da lei de Deus, “vendo-o, passou de largo”.

O sacerdote não sabia quem era seu próximo, assim como o doutor da lei não sabia. O egoísmo torna a pessoa cega. A lei dá conhecimento do pecado, mas não incentiva a ajuda aos necessitados. A lei simplesmente mostra ao homem o seu dever e o declara culpado por não cumprir esse dever. Por outro lado, a lei não proíbe a misericórdia.

Quando o sacerdote desaparece, aparece um levita. De acordo com a lei, ele é o mais próximo do sacerdote em termos de posição. Ele também olha para o homem, mas, assim como o sacerdote, não reconhece no homem o seu próximo.

Então, um samaritano chega ao local. Se o homem não estivesse meio morto, de qualquer forma ele não teria desejado a ajuda de um samaritano. Mas ele não tem forças nem mesmo para pedir ajuda a alguém. O samaritano

que ele despreza não pergunta quem é o seu próximo. O amor que está em seu coração faz dele o próximo do homem que está em necessidade. Isso é o que o próprio Deus fez em Cristo. Então, todas as distinções desaparecem, tanto as que estão de acordo com a lei quanto as naturais.

O samaritano não passa por ali “por acaso”. Ele está “em uma jornada” e, portanto, tem um objetivo. No caminho para esse destino, ele passa pela vítima do roubo. Ele vê o homem e, em vez de se afastar, fica comovido. Sua compaixão o leva a ir até o homem pessoalmente. Ele não envia outra pessoa. Ele não diz nada, não repreende o homem, mas enfaixa suas feridas depois de tratá-las com azeite e vinho.

O samaritano parece estar preparado para tal encontro, pois tem consigo exatamente as coisas que são necessárias para esse homem. Ele não deixa o homem entregue à própria sorte, mas o leva consigo. Ele fornece sua própria cavalgadura para esse fim. O homem pode se sentar nela e ele caminha ao seu lado. Ele troca de lugar com o homem. É isso que o Senhor Jesus faz conosco. Ele era rico e se tornou pobre para enriquecer a nós, que éramos pobres (2Cor 8:9).

No azeite, no vinho e na cavalgadura, também podemos ver um significado espiritual. O azeite é uma figura do Espírito Santo, e o vinho é uma figura da alegria. Sua própria cavalgadura é o que nos carrega. Podemos ver nele a sua justiça, pela qual podemos viver diante de Deus.

Assim, ele o leva a uma hospedaria. O samaritano precisa seguir viagem, mas seu cuidado com ele não cessa. Ele o entrega aos cuidados do dono da hospedaria e lhe paga dois denários por isso. E, mesmo assim, seu cuidado com ele não cessa. Ele promete que voltará novamente para ver como o homem está. Se for necessário mais do que os dois denários, o samaritano também pagará por isso.

Esse é o resultado completo da graça. A graça não apenas livra dos pecados, mas também traz para uma hospedaria, um lar, sob os cuidados do Espírito Santo. Podemos ver uma figura de Ele no hospedeiro. Mas também podemos ver no anfitrião a imagem de um crente que cuida de outras pessoas com o dom que o Senhor lhe concedeu para fazer isso por meio do Espírito Santo.

Quando voltar, o Senhor compensará todos aqueles que cuidaram dos outros por todos os esforços excessivos que fizeram.

Luc 10:36-37 | Aplicação da parábola

36 Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? 37 E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele. Disse, pois, Jesus: Vai e faz da mesma maneira.

O Senhor deu uma ilustração impressionante do amor ao próximo. Agora o doutor da lei pode responder à pergunta sobre quem era o próximo. Observe como o Senhor inverteu a pergunta. O doutor da lei perguntou: “Quem é o meu próximo?” O Senhor pergunta: “Quem prova ser o próximo dos outros? Meu próximo é aquele que vem em meu auxílio em minha necessidade. O próximo não é aquele a quem tenho de demonstrar amor, mas o próximo é aquele que tem misericórdia de mim. Isso significa que eu me reconheço no homem que caiu entre ladrões e que sou dependente de alguém que quer ser meu próximo. O Senhor Jesus se tornou o próximo para mim.

Em sua resposta, o doutor da lei não usa a palavra “samaritano”. Em vez disso, sem perceber, ele dá a bela paráfrase: “Que teve misericórdia dele”. Em seguida, vem a resposta do Senhor, que deve ter soado como um trovão para ele: “Vai e faz o mesmo”. Assim, o Senhor está lhe dizendo para fazer como o samaritano fez. Ele o envia para fazer exatamente isso.

O doutor da lei já disse tudo. Não há nada na Lei que se oponha ao que o Senhor disse. Essa atitude não é encontrada na Lei. A lei não diz nada sobre isso. Ela não condena tal atitude, mas também não a incentiva. Portanto, a graça também vai muito além da lei. O Senhor Jesus cumpriu perfeitamente tudo o que está na Lei, mas Ele fez infinitamente mais do que a Lei diz. Assim como Ele é o próximo, o mesmo é esperado de nós.

Luc 10:38-42 | Marta e Maria

38 E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. 39 E tinha esta uma irmã, chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. 40 Marta, porém, andava distraída em muitos serviços e, aproximando-se, disse:

Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois, que me ajude. 41 E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, 42 mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.

Do verso 38 ao capítulo 11:13, o Senhor apresenta aos seus discípulos as grandes fontes de bênção: a Palavra, a oração e o Espírito Santo. Esses três recursos são cruciais para toda a vida cristã. Eles envolvem ouvir Deus, dirigir-se a Ele como Pai e confiar-se à orientação e ao poder do Espírito Santo. Isso caracteriza a área da hospedaria na parábola e, por meio desses meios, um povo celestial é formado na Terra, respirando a atmosfera do céu.

O Senhor Jesus não está viajando com Seus discípulos “por acaso”, como o sacerdote e o levita. Seu destino é Jerusalém. No caminho para lá, Ele chega a um vilarejo onde uma mulher, Marta, o recebe em sua casa. É, por assim dizer, a estalagem da parábola do Bom Samaritano. Lá está Ele, e lá Ele fala Sua palavra àqueles que se sentam a Seus pés para ouvi-Lo.

Marta tem outra irmã. Seu nome é Maria. Lucas relata que ela “também” se sentou aos pés do Senhor Jesus e ouviu Sua palavra. A palavra “também” é significativa, pois significa que ela não apenas se sentou e ouviu, mas também ajudou Marta a servir.

Maria aprecia o cuidado que o samaritano tem com ela. Encontramo-la aos pés do Senhor três vezes. Aqui, para ouvir Sua palavra; na segunda vez, quando ela se prostra aos pés do Senhor e Lhe traz sua tristeza pela morte do irmão (João 11:32). Na terceira vez, ela está lá para ungir Seus pés, expressando assim sua adoração em vista de Sua morte e sepultamento (João 12:3). Ela passou a conhecê-Lo aos Seus pés enquanto O ouvia.

Enquanto Maria se senta aos pés do Senhor, Marta está muito ocupada. Também não é pouca coisa ter, de repente, treze homens para cuidar. Ela se irrita com o fato de sua irmã ficar sentada em silêncio e deixá-la servir sozinha. Ela também se ressentida com o Senhor por não ter insistido com Maria para ajudá-la. Será que Ele não vê o quanto há para fazer?

Servir não é errado, mas o serviço deve surgir quando se está sentado aos pés do Senhor. Servir ao Senhor ao mesmo tempo afastou Marta do Senhor. Há muitas coisas que não são erradas em si mesmas, mas que facilmente

nos afastam do Senhor. Podem ser coisas necessárias, mas também coisas interessantes que nos fascinam. Se qualquer trabalho não for feito apenas por amor a Ele, perderemos a alegria e nos tornaremos críticos em relação aos outros. Para Maria, tudo o que ela pode fazer pelo Senhor não é nada comparado ao que Ele tem para compartilhar com ela.

Marta está tão ocupada com seu trabalho que não há espaço para mais nada. Marta tem trabalho demais. O trabalho em si não é errado, mas é quando afasta do Senhor. Muito é necessário, mas tudo o que é necessário só pode dar certo se vier do Único: sentar-se aos pés do Senhor Jesus. Essa é a única coisa que Maria escolheu. Se, como Marta, estivermos ocupados com muitas coisas, isso significa que perdemos de vista a única coisa necessária.

Há outros incidentes que nos mostram como “uma coisa” é importante. Assim, Davi pediu “uma coisa” (Slm 27:4), o Senhor Jesus fez “uma pergunta” em relação à Sua pessoa (Luc 20:3; Mat 21:24; Mar 11:29), o cego de nascença, quando recuperou a visão, sabia “uma coisa” (Joã 9:25), ao jovem rico faltava “uma coisa” (Luc 18:22; Mar 10:21) e havia “uma coisa” no que Paulo fazia (Flp 3:13-14).

Se nos comprometermos demais pelo Senhor, o resultado é que perdemos o Senhor de vista e não temos comunhão com Ele no que Lhe diz respeito. Além disso, Ele está em um momento de crise. Ele está a caminho de Jerusalém, Seu destino final, no que diz respeito à Sua caminhada como homem na Terra. Por isso, é importante ouvir a Sua Palavra e reduzir ao mínimo as outras atividades.

O Senhor elogia Maria por ter escolhido a parte boa. A parte boa é a “porção” certa, que também se recebe em uma refeição. Assim, José deu a Benjamim a melhor porção de comida, cinco vezes mais do que seus irmãos receberam (Gên 43:34). Marta queria colocar uma boa “porção” diante do Senhor, enquanto Maria escolheu a porção que o Senhor colocou diante dela. Marta continuou sendo a anfitriã e o Senhor, o convidado. Para Maria, o Senhor é o anfitrião.

Nos discípulos de Emaús, também vemos que o Senhor, depois de ser convidado como hóspede, toma o lugar do anfitrião e parte o pão. Ele também busca esse lugar em nosso coração, não o de um convidado. Ele sabe, por

Sua própria experiência, qual é a parte boa, a porção boa. Essa é a porção que o Pai Lhe deu: fazer a Sua vontade, pois essa era a Sua comida (João 4:34).

Lucas 11

Luc 11:1-4 | Lição de oração

1 E aconteceu que, estando ele a orar num certo lugar, quando acabou, lhe disse um dos seus discípulos: Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos. 2 E ele lhes disse: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu Reino; 3 dá-nos cada dia o nosso pão cotidiano; 4 perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a qualquer que nos deve; e não nos conduzas em tentação, mas livra-nos do mal.

Depois que os discípulos conheceram o lugar aos pés do Senhor Jesus (Luc 10:38-42), surgiu também o desejo de aprender a orar. O pedido para ensiná-los a orar é expresso pelos discípulos quando o próprio Senhor estava em oração. Eles O viram orando novamente e entenderam que Ele tirava disso a força para Seu ministério. Foi dito muito bem: “Quando acabou...” O Senhor estava “[sempre] em oração” (Slm 109:4), o que significa que Sua vida era oração, consistia em oração, Ele vivia em constante dependência de Seu Pai. Mas Ele também tinha momentos de oração. Ele permanecia em oração por uma noite (Luc 6:12). Então Ele ficava sozinho. Quando os discípulos estão com Ele, Ele se retira em oração por algum tempo.

Eles pedem que Ele os ensine a orar como João ensinou aos seus discípulos. Ele deixa claro que João não era apenas um homem de palavras, mas também um homem de oração, e que ele indicou aos seus discípulos a grande importância da oração. Agora, quando os discípulos veem o Senhor orando, eles se lembram disso e querem receber instruções sobre isso. Ele, seu Senhor e Mestre.

A oração que o Senhor ensina a Seus discípulos é a expressão de um coração que vive em comunhão com Deus. Ele ensina Seus discípulos a colocar os interesses do Pai em primeiro lugar. Ele então lhes diz para confiarem as necessidades corporais aos cuidados do Pai. Então Ele sabe o quanto eles precisam do perdão dos pecados do Pai. Ele também sabe o quanto a carne deles é fraca e, portanto, diz para eles orarem para que não entrem em circunstâncias em que a carne se revele, para que sejam preservados do

poder do inimigo. Ele então fala em uma parábola sobre a perseverança, para que as orações não saiam de um coração indiferente ao resultado. Ele garante aos discípulos que suas orações não ficarão sem consequências.

Nesse Evangelho, vemos os discípulos mais em contato com o céu, como se estivessem nas alturas do céu. É por isso que aqui se diz apenas “Pai” e não “Pai nosso que estás nos céus”, como em Mateus 6 (Mat 6:9), onde os discípulos são vistos mais em contato com a terra e se dirigem ao Pai nos céus a partir da terra. No Evangelho de Mateus há mais distância, no Evangelho de Lucas há mais proximidade. O Senhor coloca o nome do Pai em primeiro lugar. Assim, Ele ensina ao discípulo que seu desejo deve ser, antes de tudo, que o nome do Pai seja santificado na Terra. Esse nome ainda é muito desonrado.

Em seguida, é expresso o desejo de que o reino do Pai venha. Isso está relacionado à santificação de Seu nome. Quando o reino do Pai for publicamente estabelecido em glória na Terra, todos em toda a Terra santificarão o nome do Pai. Seu nome será visto em toda a sua glória, amor e santidade.

Para os filhos, entretanto, o reino já existe agora, em seus corações. Todo filho do reino é instruído aqui a colocar a glória do Pai em primeiro lugar em sua vida de oração. O Senhor nos aconselha a começar nossa oração agradecendo ao Pai e pedindo que Ele seja glorificado em nossa vida, e não começar com nossas necessidades.

Um aspecto a seguir é que eles estão em circunstâncias em que dependem totalmente do cuidado Dele para suas necessidades diárias. Embora a maioria de nós não saiba disso dessa forma, é muito importante viver continuamente com a consciência de que somos totalmente dependentes do Pai para cada pedaço de pão de que precisamos. Em um grau ainda maior, isso se aplica ao alimento de nossa alma. Não podemos viver sem ele. Por isso, o Senhor nos ensina a pedir ao Pai que nos dê todos os dias a porção de maná que Ele nos concedeu. Dependemos de nosso Pai não apenas para nossas necessidades corporais, mas também para nossas necessidades espirituais.

Então, há duas coisas espirituais necessárias. Uma é o perdão. Todos nós tropeçamos com frequência (Tia 3:2) e, muitas vezes, não temos comunhão com o Pai. Nosso coração anseia por essa comunhão e não pode passar

sem ela. Se também pecamos, é importante confessar esse pecado. Assim, poderemos saber que o Pai o perdoa (1João 1:9). Essa oração se baseia na confiança no Pai de que é do Seu agrado perdoar os pecados de Seus filhos.

A razão para essa confiança no perdão é que o próprio discípulo também tem a disposição de perdoar os outros. Se um discípulo estiver disposto a fazer isso, ele pode contar com a certeza do Pai quanto a essa disposição.

O último pedido que o Senhor ensina a Seus discípulos é o pedido de não serem levados à tentação. Esse é um pedido em vista da própria fraqueza. A oração é para que não seja necessário que o Pai nos faça descobrir a nós mesmos, como foi necessário com Pedro. Mas esse não é o fim do ensinamento sobre a oração.

Luc 11:5-8 | Uma parábola sobre a oração

5 Disse-lhes também: Qual de vós terá um amigo e, se for procurá-lo à meia-noite, lhe disser: Amigo, empresta-me três pães, 6 pois que um amigo meu chegou a minha casa, vindo de caminho, e não tenho o que apresentar-lhe; 7 se ele, respondendo de dentro, disser: Não me importunes; já está a porta fechada, e os meus filhos estão comigo na cama; não posso levantar-me para tos dar. 8 Digo-vos que, ainda que se não levante a dar-lhos por ser seu amigo, levantar-se-á, todavia, por causa da sua importunação e lhe dará tudo o que houver mister.

O Senhor acrescenta uma parábola para enfatizar a importância da oração contínua e confiante. Ela fala de três amigos. Alguém tem um amigo que o procura em um momento inadequado porque precisa de três pães. O motivo do pedido do amigo é que ele tem um amigo que veio ficar com ele inesperadamente. Sem esperar por isso, ele não tem nada em casa para oferecer ao amigo, que está cansado da viagem.

Felizmente, ele tem outro amigo que certamente lhe emprestará um pouco de pão. Confiando na amizade entre eles, ele vai até lá e pede o pão, embora já seja meia-noite. Um amigo de verdade não inventa uma série de desculpas para não ajudar seu amigo. Ele não considerará seu amigo um incômodo, não mencionará que já fechou tudo e não apontará para seus filhos que estão dormindo e podem acordar.

O Senhor apresenta dois motivos pelos quais esse amigo se levantaria. Primeiro, ele se levantaria porque é seu amigo. Se esse motivo não fosse suficiente, haveria outro motivo que o faria se levantar, que seria o pedido impertinente do amigo. O fato de o amigo ser tão franco a ponto de pedir-lhe ajuda nesse momento, sem se envergonhar, deve fazer com que ele lhe dê tudo o que o amigo precisa. Trata-se da confiança que o amigo que está buscando ajuda demonstra no amigo a quem está pedindo ajuda.

Luc 11:9-13 | Pedindo, buscando, batendo, o Espírito Santo

9 E eu vos digo a vós: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á; 10 porque qualquer que pede recebe; e quem busca acha; e a quem bate, abrir-se-lhe-á. 11 E qual o pai dentre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou também, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente? 12 Ou também, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? 13 Pois, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?

Seguindo esse exemplo, o Senhor Jesus diz que seus discípulos – e isso também se aplica a nós – podem contar com o fato de que, se pedirem, será dado a eles. Se pedirem com total confiança, sem se envergonharem, receberão o que pedirem.

O Senhor não diz que sempre receberemos o que pedimos imediatamente. Às vezes, temos de conhecer a vontade do Pai para saber se o que estamos pedindo está de acordo com a vontade Dele. Pode haver motivos para não conhecermos, para que a resposta Dele não venha, mas nossa oração é ouvida logo na primeira vez em que fazemos um pedido específico. Vemos isso com Daniel. Ele orou por três semanas, mas não obteve resposta (Dan 10:2-3). Então, quando recebeu uma resposta após três semanas, ele ouviu o motivo da demora, mas também ouviu que sua oração havia chegado a Deus desde o início (Dan 10:12-14).

Se buscarmos a vontade de Deus, nós a encontraremos. Portanto, é importante que não paremos de bater, mas continuemos a suplicar a Ele, e não desanimemos com a demora, pois nos será aberto.

Depois de nos incentivar a pedir, buscar e bater, o Senhor faz a promessa inequívoca de que aquele que pede recebe, aquele que busca encontra e àquele que bate será aberta a porta.

Pedir significa confiar na bondade do Pai. Como isso funciona com os pais terrenos? Quando um filho pede pão, comida, seu pai não lhe dá uma pedra sobre a qual ele rilhará os dentes e sua fome não será saciada, não é mesmo? Se ele pede um peixe, seu pai lhe dá algo tão perigoso como uma cobra? Quando ele pede um ovo, seu pai lhe dá algo tão mortal quanto um escorpião?

Se os pais terrenos agem assim com seus filhos, não lhes dando nada que não tenha valor, que seja perigoso ou mortal, será que o Pai celestial agirá de forma diferente? Não, Ele certamente não será inferior a eles, mas apenas dará bons presentes a Seus filhos.

O Senhor Jesus lhes dá outro motivo de oração. Eles podem pedir o Espírito Santo. O Pai lhes dará esse Espírito, que é (não: em, mas) do céu. Não se trata de um lugar onde o Pai está, mas da característica desse lugar. O Pai está na esfera do céu, e dessa esfera Ele dá o Espírito Santo.

O Espírito Santo viria do céu para formar um povo celestial na Terra. Essa oração foi respondida no dia de Pentecostes. É inadequado que os crentes peçam que o Espírito Santo venha a eles. Assim que alguém crê no evangelho da salvação, ele recebe o Espírito Santo (Efé 1:13). O crente pode muito bem pedir ao Pai que sua vida seja realmente guiada e preenchida pelo Espírito Santo. Observe: Não diz para orar ao Espírito Santo. Não diz isso em lugar algum.

Luc 11:14-16 | Um demônio expulso

14 E estava ele expulsando um demônio, o qual era mudo. E aconteceu que, saindo o demônio, o mudo falou; e maravilhou-se a multidão. 15 Mas alguns deles diziam: Ele expulsa os demônios por Belzebu, príncipe dos demônios. 16 E outros, tentando-o, pediam-lhe um sinal do céu.

Na passagem que se segue, encontramos um grande contraste com a passagem anterior. Nela, tínhamos os meios pelos quais o crente pode viver para a glória de Deus. A seção termina com o dom do Espírito Santo. Na seção a seguir, vemos o poder de Satanás. Também vemos o poder do

Senhor para expulsar demônios, e vemos novamente a importância da Palavra de Deus verso 28.

Vemos aqui e em outras partes deste Evangelho a conexão entre Satanás e o homem, mas também vemos o privilégio do crente de possuir o Espírito Santo. Para o novo homem, nascido de Deus, o Espírito de Deus é o poder para a comunhão. Em contraste, Satanás gosta de ocupar a velha natureza do homem com o poder de um espírito maligno.

O Senhor mostra a conexão entre o espírito maligno e a doença, a fraqueza ou outras aflições do corpo ou da mente, como vemos aqui com o mudo. Está claro que a falta de fala não é resultado de fraqueza física, mas é causada pelo espírito maligno que habita no homem. Assim que o espírito maligno o deixa, o mudo pode falar.

Ao expulsar o demônio, o Senhor dá um exemplo do que é característico do século futuro. As obras milagrosas que Ele faz são também as obras milagrosas que outros farão mais tarde em Seu nome, nas “virtudes do século futuro” (Heb 6:5), que é o reino milenar de paz. Esse reino significa a derrota completa de Satanás, para a glória de Deus. As curas que o Senhor realiza nos doentes e a expulsão de espíritos malignos são evidências do que ocorrerá publicamente e em todo o mundo naquele dia.

O Senhor cura um mudo. A mudez é especialmente lamentável entre todas as aflições que uma pessoa pode ter. A faculdade da fala é dada somente ao homem entre todas as criaturas. A mudez o priva do que significa ser humano. Alguém que é mudo está aprisionado em sua própria mente e corpo.

A mudez desse homem é uma figura da impossibilidade de um homem se comunicar com Deus. Os homens não falam com Deus porque não acreditam Nele; eles estão presos pelo pecado. A preocupação de Satanás é manter o homem aprisionado em sua mudez. A última coisa que ele quer é que o homem fale com Deus. Mas o Senhor pode romper esse silêncio. Quando Ele o curou, o mudo pôde falar. Ele pode pedir, buscar e bater. Ele pode louvar a Deus.

Essa revelação do poder do Senhor, que Ele exerce no poder do Espírito Santo, alguns atribuem de forma blasfema ao próprio Satanás, pois ele é Belzebu, o chefe dos demônios. O fato de o que é inegavelmente uma

evidência da obra de Deus ser atribuído a Satanás só pode ser proposital. Isso não é uma questão de ignorância, mas de má intenção. A profunda corrupção e o ódio contra Cristo são revelados aqui. É a oposição dos pecadores contra Ele, que Ele suportou continuamente (Heb 12:3).

Outros não vão tão longe, mas ainda exigem dele um sinal do céu. Aliás, eles têm um motivo igualmente perverso, a saber, tentá-Lo. Satanás não age da mesma forma com todos, mas adapta sua abordagem à carne de cada um pessoalmente. Algumas pessoas são ferozes em sua incredulidade, enquanto outras são mais religiosas. Exigir um sinal dos céus enquanto o sinal dos céus está diante delas é uma cega má vontade de crer.

Luc 11:17-20 | O Reino de Deus

17 Mas, conhecendo ele os seus pensamentos, disse-lhes: Todo reino dividido contra si mesmo será assolado; e a casa dividida contra si mesma cairá. 18 E, se também Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Pois dizeis que eu expulso os demônios por Belzebu. 19 E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Eles, pois, serão os vossos juízes. 20 Mas, se eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente, a vós é chegado o Reino de Deus.

O Senhor responde ao pedido de um sinal (verso 16) nos versos 29-32. Primeiro, Ele aborda a terrível blasfêmia de que expulsaria espíritos malignos por meio de Satanás verso 15. Ele sabe o que eles estão pensando. Ele o descreve como um exemplo óbvio de um reino dividido consigo mesmo. Nesse caso, o reino não pode permanecer, mas é destruído. O mesmo se aplica a uma casa que está dividida em seu interior. Essa casa rui.

Não é lógico para qualquer pessoa sensata que o mesmo se aplica a Satanás? Será que agora eles são tão ingênuos a ponto de pensar que Ele está fazendo o trabalho de Satanás, quando está tão claro que Ele está trabalhando contra Satanás? Se Ele expulsasse os demônios por meio de Satanás, isso seria o fim do reino de Satanás. Mas Satanás não destrói seu próprio reino.

O Senhor continua dizendo que os filhos deles também expulsam demônios. Será que eles fazem isso por meio do chefe dos demônios? Com seus filhos, eles presumem que o fazem pelo poder de Deus. Se eles puderem

julgar que seus filhos estão fazendo isso pelo poder de Deus, então – quando estiverem diante do tribunal de Deus, o grande trono branco – esses filhos serão testemunhas contra eles.

O modo como eles julgam seus filhos mostra que eles podem julgar corretamente por quem os demônios são expulsos. Isso estabelece a culpa deles em acusar falsamente o Senhor Jesus de expulsar demônios por meio de Satanás. Em vez de eles serem confrontados com Satanás em Sua pessoa, o reino de Deus veio a eles em Sua pessoa. Aqui alguém não está lidando com o reino de Satanás, mas com o reino de Deus. Ele chegou até eles por meio de um ato de poder inegável, a saber, a expulsão de demônios.

A expulsão de demônios é um testemunho do poder do reino e, ao mesmo tempo, um dedo de Deus. O “dedo de Deus” indica, aponta e também faz algo que deixa as pessoas maravilhadas e no qual elas veem o poder de Deus revelado (cf. Êxo 8:19; 31:18; Slm 8:3; Deu 9:10; Mar 7:33; Joã 8:6). A partir de uma comparação dessa passagem em Lucas com (Mat 12:28), fica claro que o dedo de Deus é o Espírito de Deus (Luc 11:20; Mat 12:28). O “dedo” traz vida, mas também julgamento ao mundo. O reino de Deus chegou naquele momento, como um testemunho de seu poder, embora ainda não como um estado e uma esfera em que tudo se manifesta.

Essa apresentação do reino é diferente da que encontramos apresentada no reino dos céus no Evangelho de Mateus. O reino dos céus sempre pressupõe uma mudança na dispensação como resultado do fato de o Salvador ter tomado Seu lugar no céu. Ele logo revelará Seu poder aqui embaixo, mas precisa sair do céu para estabelecer o reino dos céus. Para estabelecer o reino em poder e glória no futuro, o Filho do Homem virá com as nuvens do céu. Então, Ele receberá o reino e reinará sobre toda a Terra.

Luc 11:21-23 | Aquele que é mais forte

21 Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo quanto tem. 22 Mas, sobrevindo outro mais valente do que ele e vencendo-o, tira-lhe toda a armadura em que confiava e reparte os seus despojos. 23 Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha.

O mais forte é Satanás. Quando Cristo ainda não estava na Terra, Satanás tinha os homens seguramente em suas mãos. O número de pessoas possuídas nos dias do Senhor Jesus, o número de casos com os quais Ele foi confrontado, já mostra isso. Com uma exceção – o homem nos sepulcros (Luc 8:27-29) não era evidente que essas pessoas estivessem possuídas. Assim, o homem com o espírito imundo podia estar na sinagoga sem chamar a atenção, e o espírito imundo só foi revelado quando Cristo chegou lá e ele deve ter se revelado (Luc 4:33). Na presença do Senhor, eles não podem permanecer ocultos. Mas, enquanto Ele não estava lá, os possuídos viviam na paz de Satanás. Vemos isso em países como a China e a Índia, onde as pessoas vivem na pior idolatria sem se preocuparem com o fato de estarem sob o poder de Satanás. A inquietação surge somente quando elas entram em contato com o Evangelho.

Então, o Senhor Jesus vem contra Satanás. Ele é mais forte do que Satanás. Ele provou isso nas tentações no deserto. Lá, Ele o derrotou, tirou seu poder e o eliminou. Desde então, Ele tem se ocupado em arrebatá-lo a presa.

Em uma oposição como aquela entre Cristo e Satanás, somente uma escolha é possível: com Ele ou contra Ele. Ele é o totalmente rejeitado. Isso exige uma decisão radical. O modo como alguém decidiu deve ser discernido por sua ocupação em sua obra, para juntar o que pertence a Ele.

O teste que o Senhor usa aqui diz respeito não apenas à pessoa de cada indivíduo, mas também ao seu trabalho. O primeiro se aplica especialmente aos não convertidos, e o segundo mais ao convertido que está atuando de forma mundana.

Pode ser que alguém tenha se decidido por Cristo, mas em seu comportamento ele imita o mundo e busca sua própria glória. Essa pessoa pode, por exemplo, ser um pregador muito popular que, no entanto, só prende as pessoas a si mesmo e não a Cristo. Ele também pode usar uma determinada doutrina como base para se reunir. Isso acontece com frequência no cristianismo. Nesse caso não juntam com Cristo. Um grande obstáculo à reunião para e com Cristo é também o espírito de faccionalismo e sectarismo, que é inevitavelmente hostil a Cristo. Reunir os cristãos em torno de um centro que não seja Cristo aumenta a confusão.

Luc 11:24-26 | A volta do espírito imundo

24 Quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares secos, buscando repouso; e, não o achando, diz: Tornarei para minha casa, de onde saí. 25 E, chegando, acha-a varrida e adornada. 26 Então, vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele; e, entrando, habitam ali; e o último estado desse homem é pior do que o primeiro.

Ser libertado de um espírito imundo não é suficiente para ser livre e viver para o Senhor. Uma pessoa pode deixar o pior dos males, pode abandonar uma religião errada ou uma certa forma de idolatria, mas nada disso a santifica ou faz dela um novo homem. O que importa é se o vazio do seu coração é preenchido com a presença de Deus através da posse de uma nova natureza. Só a ausência de um determinado mal deixa o espaço vazio e permite a volta do mal antigo. O espírito imundo pode voltar à casa, a não ser que esta já esteja habitada pelo poder do Espírito de Deus, pois só Ele afasta efetivamente Satanás.

Depois de uma pessoa ter rompido com o mal através de influências cristãs externas, o poder de Satanás procura combustível para um fogo maior. Essa pessoa cai num mal pior do que se nunca tivesse confessado o Nome de Cristo. Não é meramente um retorno ao que ele costumava ser, nem mesmo que o velho mal volte a aparecer, mas há um novo e completo fluxo do mal, um novo e pior poder do inimigo, tomando posse de seu coração. Conseqüentemente, o último estado desse homem torna-se pior do que o primeiro. Um apóstata é o mais irremediável de todos os homens maus. Assim será com os judeus e assim será com a cristandade. Assim será com todo aquele que tem uma confissão, mas é apenas uma casa vazia.

Luc 11:27-28 | Ouvir e guardar a Palavra

27 E aconteceu que, dizendo ele essas coisas, uma mulher dentre a multidão, levantando a voz, lhe disse: Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos em que mamaste! 28 Mas ele disse: Antes, bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam.

Depois de o Senhor ter dito isso, uma mulher da multidão levanta a voz para expressar sua concordância com o que O ouviu dizer. Ela está im-

pressionada com o que ouviu. Ela expressa seu sentimento de que deve ser uma alegria ter um Filho que revela um poder tão benéfico.

A mulher não vai além de sua admiração, pois o sentimento natural que experimenta os benefícios do Senhor é muito agradável. Na Igreja Católica Romana, eles foram muito mais longe ao introduzir a vergenhosa adoração de Maria.

O Senhor não está preocupado com a impressão superficial que um coração tem de Sua beneficência ou com uma posição exterior privilegiada como a de Sua mãe Maria. Portanto, Ele aproveita essa oportunidade para mostrar o que é muito melhor. Com Seu “antes”, Ele concorda com o que a mulher diz, mas imediatamente acrescenta que é ainda mais abençoado ouvir e guardar a Palavra de Deus.

Por meio da Palavra de Deus, é estabelecido um vínculo mais próximo e mais duradouro do que o vínculo da carne. Não há nada aqui que traga à tona coisas eternas como a Palavra de Deus. O poder, mesmo que seja tão grande quanto o poder que o Senhor Jesus exerceu sobre o homem ou sobre o inimigo, tem apenas um efeito temporário; mas “aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1João 2:17).

A Palavra de Deus é o elo entre o homem na terra e Deus nas alturas, é a semente da vida não perecível, “a Palavra viva e permanente de Deus” (1Ped 1:23). A grande pedra de toque é como a pessoa responde à Palavra de Deus. Maria é mencionada várias vezes como tendo guardado a Palavra em seu coração (Luc 2:19,51).

Luc 11:29-32 | Resposta ao pedido de um sinal

29 E, ajuntando-se a multidão, começou a dizer: Maligna é esta geração; ela pede um sinal; e não lhe será dado outro sinal, senão o sinal do profeta Jonas. 30 Porquanto assim como Jonas foi sinal para os ninivitas, assim o Filho do Homem o será também para esta geração. 31 A rainha do Sul se levantará no Dia do Juízo com os homens desta geração e os condenará; pois até dos confins da terra veio ouvir a sabedoria de Salomão; e eis aqui está quem é maior do que Salomão. 32 Os homens de Nínive se levantarão no Dia do Juízo com esta geração e a condenarão; pois se converteram com a pregação de Jonas; e eis aqui está quem é maior do que Jonas.

O que o Senhor diz às multidões mostra que Ele não busca popularidade. Ele os conhece e sabe que são uma raça maligna. Como verdadeiros judeus, eles só querem acreditar quando vêem sinais, mas os sinais não fazem uma pessoa crer. O Senhor já fez tantos sinais, mas será que essa geração chegou a crer? Haverá mais um sinal dado a eles, que é o sinal de Jonas.

Eles conhecem muito bem Jonas e sua história. Jonas foi um sinal para os ninivitas quando apareceu lá – depois de ficar no peixe por três dias e três noites – e pregou que eles deveriam se converter (Jon 3:6-10). Ele não fez nenhum milagre, mas pregou a palavra. Era uma palavra de condenação, mas ao mesmo tempo havia espaço para a misericórdia de Deus. Isso fica claro depois que os ninivitas se convertem, pois Deus não permite que o juízo chegue.

Da mesma forma, o Filho do Homem, quando ressuscitar da morte, será um sinal para esta geração. Assim como acontece com todos os sinais, eles só verão esse sinal quando se converterem. Na missão de Jonas para os ninivitas, os gentios, vemos o amor de Deus por todos os homens. Também vemos esse amor por todos os homens na missão do Senhor Jesus.

O Senhor aponta para mais um exemplo para deixar claro para eles como as coisas estão. No julgamento que será proferido sobre eles quando estiverem diante do grande trono branco, a rainha de Sabá testemunhará contra eles, e esse testemunho será o motivo de sua condenação. Pois ela veio dos confins da Terra para ouvir a sabedoria de Salomão. O que a levou a empreender essa longa jornada? Foi o que ela ouviu sobre Salomão em relação ao nome do SENHOR 1Reis 10:1! Os homens a quem o Senhor Jesus fala não precisavam fazer uma longa jornada. Nele, que é mais do que Salomão, a sabedoria de Deus veio até eles, está diante deles e fala com eles!

Nesse contexto, o Senhor Jesus fala novamente de Si mesmo como o Filho do Homem. Ao fazer isso, Ele deixa claro, acima de tudo, que não apenas tem uma glória maior do que a de Salomão, mas também uma esfera de poder maior. De fato, Seu nome “Filho do Homem” indica que Seu domínio é toda a criação, e Seu reinado também não é apenas temporário, mas eterno.

Os homens de Nínive também testemunharão contra eles no julgamento. Jonas havia pregado a eles e eles se converteram. Agora, Aquele que é mais do que Jonas está diante deles, e eles O rejeitam.

Tanto no caso da Rainha do Sul quanto no de Jonas, não há menção de sinais e maravilhas, mas o testemunho da Palavra foi ouvido e operou com poder. Ele operou nos ninivitas, que se converteram, e na rainha do sul, que foi até Salomão. Em Jonas, Deus, em sua misericórdia, enviou alguém aos gentios para convidá-los a se converterem. Na Rainha de Sabá, uma mulher dos gentios veio a Deus, a Salomão, à sua casa, para contemplar toda a glória de Salomão. Nessas duas pessoas, por assim dizer, é resumido todo o Evangelho.

Luc 11:33-36 | A lâmpada do corpo

33 E ninguém, acendendo uma candeia, a põe em oculto, nem debaixo do alqueire, mas no velador, para que os que entram vejam a luz. 34 A candeia do corpo é o olho. Sendo, pois, o teu olho simples, também todo o teu corpo será luminoso; mas, se for mau, também o teu corpo será tenebroso. 35 Vê, pois, que a luz que em ti há não sejam trevas. 36 Se, pois, todo o teu corpo é luminoso, não tendo em trevas parte alguma, todo será luminoso, como quando a candeia te alumia com o seu resplendor.

O Senhor Jesus fala então sobre a Palavra de Deus como uma luz. Ele fala a Palavra de Deus e, assim, faz a luz brilhar na casa de Israel. A luz torna tudo manifesto. Nele não há nada que possa obscurecer a luz. Nós, por outro lado, podemos escurecer a luz. Quando ela é colocada em um lugar oculto, ninguém pode vê-la. A luz não pode ser vista mesmo que um alqueire – que é uma medida de grãos – seja colocado sobre ela. A luz deve ser colocada em um candelabro para que possa iluminar livremente tudo em todos os lugares. Podemos escurecer a luz acesa por causa de pecados ocultos (“o oculto”) ou por estarmos completamente absorvidos em nosso trabalho diário, comércio (“alqueire”).

O Senhor aponta para essas coisas a fim de nos conscientizar sobre quais podem ser as causas da falta de efeito da Palavra de Deus em nós. Não precisamos pensar que acreditaremos quando virmos sinais, ou que os sinais fortalecerão nossa fé na Palavra de Deus. A fé no trabalho da Palavra de

Deus e o fato de nos expormos a esse trabalho não dependem da presença ou não de sinais, mas de nossos olhos estarem fixos no Senhor. Um olho fixo é um olho fixo em um único objeto, que é Cristo. Assim, saberemos o que fazer com nosso corpo para que possamos realizar obras que glorifiquem a Deus.

A Palavra de Deus sempre direciona nosso olhar para Cristo. No entanto, se Cristo não for o alvo de nossos olhos, se não vivermos à luz da Palavra de Deus, então nossos olhos se voltarão para coisas erradas e chegaremos a ações erradas que desonram a Deus. Pode haver luz na superfície, pode haver conhecimento superficial da Palavra de Deus, como em Israel e na cristandade. Mas se esse conhecimento não levar a uma vida de devoção a Deus, essa luz se tornará escuridão.

A história de Israel confirmou isso. Eles já possuíram luz divina em comparação com as nações, mas a luz que havia neles se tornou escuridão. Eles caíram nesse estado cada vez mais durante a vida do Senhor Jesus, de modo que nada podia ser feito. No início, eles eram indiferentes a Cristo e, por fim, rejeitaram-no completamente. O que restou foi a escuridão da morte.

O Senhor os transfere para a plena luz de Sua Palavra. Isso tem dois efeitos. O primeiro diz respeito àqueles que creem, que se condenaram como pecadores à luz da Palavra de Deus. Todo o seu corpo é luz, eles estão totalmente na luz. Eles andam na luz como Deus está na luz (1João 1:7). É importante que eles também andem de acordo com a luz. Isso é possível quando os olhos estão voltados para o Senhor Jesus.

O segundo efeito diz respeito àqueles que não acreditam, mas rejeitam a luz. Uma vez que todos eles vêm à luz, nada permanece oculto. Se eles estivessem cientes disso, se converteriam. Como eles rejeitam a luz, o que o Senhor Jesus diz aqui se tornará claro para eles no julgamento, em todo o seu horror. A lâmpada brilhará sua luz sobre eles quando estiverem diante do grande trono branco. Tudo será trazido à luz (1Cor 4:5 e julgado com justiça. Na passagem a seguir, vemos pessoas às quais isso se aplica.

Luc 11:37-44 | Discurso contra os fariseus

37 *E, estando ele ainda falando, rogou-lhe um fariseu que fosse jantar com ele; e, entrando, assentou-se à mesa. 38 Mas o fariseu admirou-se, vendo que*

se não lavara antes do jantar. 39 E o Senhor lhe disse: Agora, vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e maldade. 40 Loucos! O que fez o exterior não fez também o interior? 41 Dai, antes, esmola do que tiverdes, e eis que tudo vos será limpo. 42 Mas ai de vós, fariseus, que dizimais a hortelã, e a arruda, e toda hortalixa e desprezais o Juízo e o amor de Deus! Importava fazer essas coisas e não deixar as outras. 43 Ai de vós, fariseus, que amais os primeiros assentos nas sinagogas e as saudações nas praças! 44 Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que sois como as sepulturas que não aparecem, e os homens que sobre elas andam não o sabem!

O povo não deixou entrar a luz que lhes trouxe bênçãos. Agora o Senhor faz brilhar a luz como um holofote da verdade sobre seus líderes religiosos. O fariseu não tem a menor ideia disso quando convida o Senhor para jantar, pois tem intenções bem diferentes. O Senhor aceita o convite e se acomoda à mesa.

Quando o fariseu vê que Ele não se lava primeiro, fica surpreso. Não se trata de uma questão de higiene, mas de um ritual religioso. De acordo com o fariseu, o Senhor não pode, de forma alguma, ser um bom judeu se não seguir as regras religiosas que eles mesmos consideraram adequadas. O fariseu só consegue pensar em coisas exteriores. Ele percebe que o Senhor não segue as tradições deles.

O que vemos nesse homem é característico do legalismo. O legalista é alguém que acrescenta coisas às Escrituras e impõe essas coisas adicionais aos outros, onde o comportamento exterior é importante e decisivo e o comportamento interior não é importante. Entretanto, um comportamento exterior irrepreensível não deixa de ser uma prova adicional de uma boa disposição interior. Isso era verdade naquela época e ainda é verdade hoje. Portanto, também é muito importante levar a sério a reação do Senhor, porque o fariseu está em cada um de nós.

O Senhor vê o espanto do fariseu e sabe o motivo. Ele não pede permissão para falar, mas assume o papel de anfitrião e começa com um discurso severo. Para os líderes religiosos, Seu discurso é duro, mas ao mesmo tempo é uma graça, pois Ele expõe claramente esses líderes para que outros não sejam enganados por eles. Ele também não veio para compartilhar a refeição com os fariseus, mas para iluminar e julgar a conduta deles.

Nesse fariseu, Ele se dirige a todo o grupo de fariseus ao mesmo tempo. As palavras que Ele lhes dirige não são brandas. Elas são uma luz que revela. Ele mostra como eles se preocupam com um exterior puro, mas que seu interior está cheio de roubo e maldade. Eles roubam o que pertence aos outros e, acima de tudo, roubam a glória de Deus. Eles são cheios de maldade, têm olhos maus.

Eles não são apenas corruptos por dentro, mas também são tolos, ou são tolos porque são corruptos. Eles se esqueceram de que foi Deus quem fez não apenas o exterior, mas também o interior. É tolice pensar apenas no exterior, concentrar-se nele, possuir o interior para si mesmo e pensar que os outros não têm nada a ver com isso. Eles estão lidando com alguém que conhece perfeitamente os dois lados, porque Ele fez os dois lados. Deus se agrada da verdade interior (Slm 51:6), mas eles só se preocupam com o que os homens veem.

O Senhor olha para o coração, mas eles não pensam nisso. A razão é clara: eles buscam a glória com os homens e não a glória com Deus. Ele lhes diz que, quando entregarem seu ser interior a Deus, expondo-o diante Dele, todas as coisas externas serão verdadeiramente puras. Porque as coisas exteriores são puras quando são puras por dentro (Tit 1:15). Dessa forma, Ele derruba todo o legalismo que tem fermentado a igreja ao longo dos séculos.

Ao dar o mínimo, eles acham que vão mais longe em sua consciência, tudo, é claro, para sua própria glória, para superar a multidão que traz apenas o dízimo comum. No entanto, eles não têm noção alguma da condenação ou do julgamento de Deus sobre como Deus julga a verdadeira piedade e como eles vivem. Isso deve ser sempre importante para nós.

Eles pensam no amor de Deus em último lugar ou, mais precisamente, não pensam nele de forma alguma, ignoram-no. Eles ignoram tanto o julgamento de Deus quanto o amor de Deus. Isso é um terrível insulto a Deus. O Senhor aponta para o dever deles. Se eles se aproximassem de Deus com a atitude correta, também poderiam dar o dízimo.

O Senhor pronuncia um segundo “ai” sobre os fariseus por causa de sua tendência de gostar de ser respeitados. Eles adoram quando as pessoas lhes dão honra. Eles reivindicam essa honra sentando-se nos primeiros

lugares, nas cadeiras da frente, onde todos podem vê-los. Isso favorece seu senso de honra. E quando vão aos mercados onde há muitas pessoas, eles esperam que haja pessoas que os cumprimentem efusivamente e os elogiem em voz alta para que muitos vejam e ouçam. Seu senso de honra é particularmente estimulado por isso. Tudo gira em torno deles, seja em uma sala fechada, seja em público.

Um terceiro “ai” vai para os fariseus porque eles são túmulos ocultos, embora as pessoas que entram em contato com eles não saibam disso. Eles, que são tão cuidadosos com a contaminação externa, contaminam os outros. Por meio de sua adoração hipócrita, eles arrastam os outros à ruína sem que eles percebam.

Luc 11:45-52 | Discurso contra os doutores da lei

45 E, respondendo um dos doutores da lei, disse-lhe: Mestre, quando dizes isso também nos afrontas a nós. 46 E ele lhe disse: Ai de vós também, doutores da lei, que carregais os homens com cargas difíceis de transportar, e vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais essas cargas! 47 Ai de vós que edificais os sepulcros dos profetas, e vossos pais os mataram! 48 Bem testificais, pois, que consentis nas obras de vossos pais; porque eles os mataram, e vós edificais os seus sepulcros. 49 Por isso, diz também a sabedoria de Deus: Profetas e apóstolos lhes mandarei; e eles matarão uns e perseguirão outros; 50 para que desta geração seja requerido o sangue de todos os profetas que, desde a fundação do mundo, foi derramado; 51 desde o sangue de Abel até ao sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo; assim, vos digo, será requerido desta geração. 52 Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da ciência! Vós mesmos não entrastes e impedistes os que entravam.

O fariseu obviamente também convidou doutores da lei. Um deles se sente fortemente abordado. Ele acha tudo isso ofensivo para os fariseus. E não é só isso. Ele provavelmente quer se livrar rapidamente do fato de que o Senhor não apenas ofendeu os fariseus, mas também a eles. Afinal de contas, foram eles que criaram todas essas pequenas leis e mandamentos que os fariseus são tão conscienciosos em implementar.

O Senhor deixa claro para eles que o foco da verdade também está sobre eles e que eles também estão sob Seu julgamento. Ele também diz “Ai de

vós” aos doutores da lei e os informa sobre o motivo. Eles são tão hipócritas quanto os fariseus. Com suas aplicações autoconcebidas da Lei, eles impõem fardos às pessoas, mas eles mesmos não vivem de acordo com elas. Eles distorcem a lei de tal forma que sua consciência não é atingida, mas isso lhes permite exercer poder sobre os outros.

Os doutores da lei são pessoas com forte consciência da história. Eles têm um bom conhecimento da história e um grande apreço pelos profetas que falaram em fidelidade a Deus e foram mortos por isso. Essas pessoas devem ser honradas. Entretanto, para os estudiosos da lei, essas são apenas relíquias. Eles honram esses profetas construindo túmulos para eles que podem servir como locais de peregrinação, mas não têm nada a ver com a mensagem dos profetas. Eles não percebem que são descendentes de seus pais que mataram os profetas.

O Senhor revela o que realmente são suas ações externas. O que eles estão fazendo é uma continuação do que seus pais fizeram. Seus pais mataram os profetas e eles estão construindo túmulos para eles. Eles não são descendentes espirituais dos profetas, porque não se identificam com a mensagem deles. Eles rejeitam a mensagem dos profetas, assim como fizeram seus pais, e por isso se identificam com seus pais que mataram os profetas.

O futuro mostrará que eles são exatamente como seus pais, ou seja, quando profetas e apóstolos forem enviados a eles, como o Senhor anunciou. Esse envio é descrito no livro de Atos. Portanto, trata-se dos profetas e apóstolos do Novo Testamento. O Senhor diz explicitamente que a sabedoria de Deus faz isso. Os homens jamais pensariam em expor outras pessoas à condenação e à morte a fim de manifestar o coração dos homens. De acordo com a percepção humana, a missão parece fútil e tola. Com a “sabedoria de Deus”, o Senhor também pode se referir a si mesmo. Ele é, afinal, a sabedoria de Deus (1Cor 1:24,30). Ele os enviará.

Parece que os homens que constroem os túmulos dos mártires não estão envolvidas na perseguição e na violência que os pais praticaram. Entretanto, isso é apenas uma ilusão. O oposto logo se tornará evidente. Em breve, Deus os colocará à prova quando enviar apóstolos e profetas. Alguns deles serão mortos e outros serão perseguidos a fim de acabar com eles de uma forma ou de outra. Em vez de o exemplo de seus pais impedi-los, eles

seguem os passos pecaminosos deles. Eles são ainda mais culpados por jogarem ao vento uma advertência tão séria. Na sabedoria de Deus, as ações das pessoas a quem o Senhor está falando aqui preencherão a medida da iniquidade “desta geração” – ou seja, desses hipócritas.

Deus então exigirá deles o sangue de todos os profetas, que eles derramaram ao longo dos séculos, desde o início. Abel foi o primeiro cujo sangue foi derramado. Não lemos nenhuma palavra dita por ele. E, no entanto, o Senhor o chama de profeta aqui. Por seu modo de vida, no qual a comunhão com Deus era demonstrada, ele condenou Caim. O que Abel fez lançou luz sobre Caim, que rejeitou a luz ao matar Abel. Caim é o fariseu legalista e piedoso que descarrega seu ódio em alguém que realmente honra a Deus. Isso é o que essa geração faria em breve com o Senhor Jesus.

O Senhor cita Zacarias como o último na longa linha de profetas que o povo matou. A história de Zacarias está escrita no final do segundo livro de Crônicas (2Crô 24:20-21). Esse livro está em algum lugar no meio da nossa Bíblia, mas na Bíblia hebraica é o último livro do Antigo Testamento. Portanto, o que o Senhor diz é verdade (é claro!). Ele também menciona o local onde esse homem fiel foi morto. Foi no pátio do templo. A maldade do povo havia se tornado tão grande que eles não hesitaram em entrar nessa área sagrada e assassinar alguém que havia falado com eles em nome de Deus.

O Senhor então repete Seu anúncio de juízo sobre essa geração, que Ele prefacia com um “assim” afirmativo e um enérgico “Eu vos digo”. Em Seu “ai” final para os escribas, Ele expõe a terrível culpa deles: eles tiraram a chave do conhecimento, ou seja, a possibilidade de obter conhecimento sobre Deus. Eles não a perderam acidentalmente, mas a tiraram deliberadamente.

A chave do conhecimento (e da sabedoria) é o temor do Senhor. O verdadeiro temor do Senhor abre o entendimento para conhecê-Lo, bem como a sabedoria de Seus conselhos expressos em Cristo (Pro 1:7; Jó 28:28). Em Cristo estão escondidos “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Col 2:3). Eles tiraram a chave desse tesouro ao chamar a atenção para si mesmos, colocando-se em primeiro lugar e pensando apenas em sua própria glória.

Para entrar, eles teriam de tomar o lugar de discípulos, o lugar de uma pessoa necessitada e perdida, mas eles não querem fazer isso. Ao fazer isso, eles mesmos não entraram no glorioso conhecimento de Deus em Cristo, que é a sabedoria de Deus (1Cor 1:30). E, ao impor suas próprias leis aos outros, eles também impediram outros que queriam entrar. Eles querem continuar a exercer poder sobre os outros. Isso também seria uma condenação de sua própria posição se permitissem que outros entrassem. Os doutores da lei se afastam da luz e a rejeitam, assim como os fariseus.

Luc 11:53-54 | Resistência ferrenha

53 E, dizendo-lhes ele isso, começaram os escribas e os fariseus a apertá-lo fortemente e a fazê-lo falar acerca de muitas coisas, 54 armando-lhe ciladas, a fim de apanharem da sua boca alguma coisa para o acusarem.

O que o Senhor disse não foi recebido com gratidão por Eles. Os líderes religiosos, que ouviram tudo isso e estiveram no centro da luz, rejeitam e se opõem à luz. Eles O atacam ferozmente e O questionam sobre muitas coisas.

Esses homens não são sinceros. Eles querem ouvir todos os tipos de coisas dEle. No entanto, não estão interessados em saber a verdade, mas em afirmar a si mesmos e seu sistema. Tudo o que pedem a Ele tem a intenção de ser uma armadilha. Como eles gostariam que algo saísse de Sua boca para que pudessem pegá-Lo. Se ao menos algo tivesse saído de Sua boca que eles pudessem usar como motivo de acusação.

Lucas 12

Luc 12:1-3 | Advertência contra a hipocrisia

1 Ajuntando-se, entretanto, muitos milhares de pessoas, de sorte que se atropelavam uns aos outros, começou a dizer aos seus discípulos: Acautelai-vos, primeiramente, do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. 2 Mas nada há encoberto que não haja de ser descoberto; nem oculto, que não haja de ser sabido. 3 Porquanto tudo o que em trevas dissestes à luz será ouvido; e o que falastes ao ouvido no gabinete sobre os telhados será apregoado.

Não sabemos se os ataques violentos contra o Senhor atraíram milhares de pessoas ou se foi em outra ocasião. De qualquer forma, a menção de Lucas de que milhares haviam se reunido está ligada ao discurso que o Senhor acabara de fazer aos fariseus e aos mestres da lei. Ele quer mostrar, por meio dessa ligação, a conexão entre o que o Senhor havia dito aos líderes religiosos e o que Ele agora tem a dizer aos Seus discípulos.

As pessoas na multidão estão se empurrando umas às outras. Todos querem estar o mais próximo possível dEle, para não perder nenhuma de Suas palavras. Que bom que isso não acontece mais hoje em dia. Todos os que querem ouvi-Lo podem ler Sua palavra. Isso pode ser feito em paz e tranquilidade, sem ter de empurrar os outros de seus lugares.

O Senhor dirige a palavra aos discípulos. A pequena palavra “primeiramente” é uma indicação de que o ensino que se segue é da mais alta prioridade. Depois de lançar os holofotes da verdade sobre os líderes religiosos na seção anterior, Ele agora direciona a mesma luz para Seus discípulos e para o caminho que eles devem seguir. Eles terão de dar seu testemunho em meio à hipocrisia e à oposição, contando com o poder do Espírito Santo.

Em vista de seu testemunho, o Senhor os adverte, antes de tudo, contra o que é tão característico dos fariseus: a hipocrisia. Até mesmo o verdadeiro discípulo corre o risco de manter uma certa aparência a fim de representar algo que não é. O discípulo pode ter uma propensão para a hipocrisia. O discípulo pode ter uma inclinação para a piedade exterior, achando que isso caracteriza a verdadeira piedade, a fim de obter a honra das pessoas.

É hipocrisia fingir ser diferente do que se é de fato. A palavra “hipócrita” costumava ser usada para um ator que também interpreta outra pessoa.

No caso dos fariseus, há um aspecto adicional: eles agem de forma diferente para ganhar prestígio com as pessoas. A hipocrisia resulta de uma vida vivida à vista dos homens e não à vista de Deus.

O Senhor compara a hipocrisia ao fermento. O fermento é sempre uma imagem do mal, e em uma forma que também é perigosa para os outros. O fermento é um mal poderoso que pode infectar os outros. É a pomposidade, a pretensão de ser maior e mais piedoso do que realmente se é. É exatamente isso que caracteriza os fariseus e contra o que o Senhor adverte os discípulos, porque eles e nós também corremos esse risco.

Como advertência especial, Ele acrescenta que, se caírem na hipocrisia e encobrirem as coisas ou as mantiverem ocultas, isso não servirá para nada. Pois chegará um momento em que o que eles querem encobrir ou manter escondido será exposto e revelado. O que está oculto, o que ninguém tinha permissão para saber, todos saberão. Isso diz respeito tanto à atitude e aos atos verso 2 do discípulo quanto às palavras que ele fala verso 3.

Os discípulos tiveram de levar em conta o fato de que nada do que dissessem permaneceria no escuro. Tudo viria à luz. Os pensamentos que estavam ocultos por trás das palavras ditas viriam à luz. O que eles teriam sussurrado no ouvido de alguém sem mais nem menos, e em um quarto sem que ninguém pudesse ouvir, seria proclamado em alto e bom som diante de todos. Isso acontecerá diante do tribunal, onde todos nós devemos ser revelados (2Cor 5:10). O Senhor quer que Seus discípulos falem com honestidade, sem segundas intenções.

Luc 12:4-7 | O cuidado do Pai

4 E digo-vos, amigos meus: não temais os que matam o corpo e depois não têm mais o que fazer. 5 Mas eu vos mostrarei a quem deveis temer: teme aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno; sim, vos digo, a esse teme. 6 Não se vendem cinco passarinhos por dois ceitis? E nenhum deles está esquecido diante de Deus. 7 E até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais, pois; mais valeis vós do que muitos passarinhos.

Os discípulos tendem a ser hipócritas quando estão sob pressão ver (Gál 2:11-13). Quantas vezes fazemos algo ou simplesmente não o fazemos por medo do que os outros dirão a respeito! A segunda coisa contra a qual o Senhor também adverte é o medo do homem (Pro 29:25). Ele diz que eles seriam perseguidos e rejeitados por esses hipócritas. Se não nos juntarmos a eles, se não nos comportarmos como hipócritas, seremos impopulares. Teremos de temer por nossa vida. No entanto, o Senhor nos diz para não termos medo deles. Eles podem matar o corpo, mas não podem tocar a verdadeira vida. Afinal de contas, não estamos diante dos homens, mas diante de Deus. Ele ressalta isso nos versos a seguir.

Que bom que, antes de dar essa segunda advertência, Ele os chama de “amigos meus”. Isso deve ter sido um grande incentivo para Seus discípulos, e pode ser para nós também. Podemos andar pelo mundo com a força de Sua amizade. Ele nos chama de amigos porque é totalmente confidencial conosco. Com Ele não há nada escondido, nada secreto, Ele não esconde nada de nós, mas compartilha tudo conosco (Joã 15:15). Não deveríamos, então, também ser completamente transparentes com Ele e não esconder nada?

Em vez de temer as pessoas, deveríamos temer a Deus. Os homens só podem matar o corpo. Depois disso, o terror acaba. Deus, por outro lado, pode não apenas matar o corpo, mas também lançá-lo no inferno. O Senhor quer conscientizar a eles e a nós de que Deus é santo e onisciente, um Deus que não pode ser enganado, que vê através de toda hipocrisia. Deus tem o poder de lançar os incrédulos no inferno. Quando os discípulos tiverem isso em mente, eles terão reverência por esse Deus e tomarão cuidado para não enganá-Lo e também enganar as pessoas por meio da hipocrisia.

Há também outro lado de Deus, que é o Seu amor atencioso. Deus se preocupa com os pássaros mais insignificantes, que, mesmo no comércio, dificilmente trazem algum dinheiro. Cada um desses animais insignificantes para os homens é constantemente objeto do cuidado de Deus. Ele cuida deles, de cada pardal, mesmo que eles sejam vendidos com frequência e passem para outras mãos.

Aqui o Senhor os encoraja, apontando para o cuidado de Seu Pai. Os cabelos não estão apenas contados, eles estão numerados – esse é o verdadeiro

significado da expressão. Isso significa que Deus cuida de cada fio de cabelo. Se Deus está tão interessado em nós, será que devemos ter medo dos homens? O valor de um discípulo é muito maior do que o de um pardal.

Luc 12:8-12 | Confissão sem medo

8 E digo-vos que todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus. 9 Mas quem me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus. 10 E a todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do Homem ser-lhe-á perdoada, mas ao que blasfemar contra o Espírito Santo não lhe será perdoado. 11 E, quando vos conduzirem às sinagogas, aos magistrados e potestades, não estejais solícitos de como ou do que haveis de responder, nem do que haveis de dizer. 12 Porque na mesma hora vos ensinará o Espírito Santo o que vos convenha falar.

O Senhor continua nos incentivando a não ter medo dos homens, mas, pelo contrário, a confessá-Lo livremente diante de pessoas hostis. Isso é muito encorajador: se O confessarmos, Ele, como o Filho do Homem a quem o Pai submeteu todas as coisas, nos confessará diante dos anjos de Deus. Ele apreciará cada palavra que dissermos a Seu favor. O Filho do Homem dirá aos anjos que pertencemos a Ele e que somos verdadeiramente Suas testemunhas. Ele dirá aos anjos que pertencemos a Ele e que nos comportamos de maneira digna Dele.

Os anjos fazem imediatamente o que Deus diz. Eles estão ansiosos para servir aos interesses de Deus. Eles também estão muito interessados em tudo o que é feito na Terra a favor ou contra o Senhor Jesus. Eles se perguntarão com espanto por que Ele permite que os Seus, que dão testemunho Dele, sofram tanto. Então Ele lhes dirá que Seus discípulos sofrem o que Ele também sofreu.

Mas se O negarmos diante dos homens, se negarmos que pertencemos a Ele, isso também será dito aos anjos de Deus. Os anjos são seres poderosos. Eles não têm medo algum das pessoas. Quando virem pessoas negando o Senhor Jesus, eles não entenderão. Ele os informará que essas pessoas também não pertencem a Ele.

Não se trata de incidentes como o de Pedro, que caiu. Ele negou o Senhor, mas o fez por fraqueza e não por rebelião, embora tenha feito isso três

vezes seguidas. Seu profundo arrependimento mostra que foi uma queda e não uma atitude hostil para com seu Senhor.

Em Sua grande graça, Cristo perdoa todo homem que proferiu uma palavra contra Ele. Uma pessoa pode ter proferido as coisas mais vis, falado de forma mais blasfema contra Ele e agido com um espírito extremamente rebelde, mas quando se converte, é perdoada. A conversão de Saulo de Tarso é um bom exemplo disso (1Tim 1:13). Quem falou mais contra o Senhor do que ele? Ele é uma bendita prova e testemunha do perdão. O mesmo acontecerá com as pessoas quando abandonarem a rebelião e a rejeição a Cristo.

Mas aquele que blasfema contra o Espírito Santo não recebe perdão. Esse é o destino da “presente geração”. “Esta geração” tem o Filho do Homem em seu meio. Tudo o que Ele faz, Ele o faz pelo Espírito Santo, mas eles atribuem o que Ele faz ao chefe dos demônios, Satanás (Luc 11:15). Essa acusação é o ápice final de uma série de rejeições que se tornaram cada vez mais violentas.

Seu ódio por Ele e sua absoluta falta de vontade de acreditar não podem ser expressos de forma mais clara e definitiva do que na negação do Espírito Santo. Aquele que atribui a Satanás os múltiplos e sempre inegáveis milagres do Senhor é culpado de um pecado pelo qual não será perdoado. Esta geração – isto é, a geração em cujo meio o Senhor Jesus está, e que viu todas as coisas com seus próprios olhos e ouviu todas as coisas com seus próprios ouvidos – dará prova inequívoca de seu endurecimento. Isso acontecerá quando, após a ascensão do Senhor, eles rejeitarem o testemunho do Espírito Santo em Estêvão (Atos 7:51).

O Senhor não encobre o fato de que Seus discípulos seriam perseguidos. Ele encoraja os discípulos a não se preocuparem com o que dizer em resposta às perguntas que lhes forem feitas. E se eles se perguntarem se devem dizer algo, também não precisam se preocupar com o que dizer nesse momento. Pois eles podem contar com a ajuda do Espírito Santo.

Encontramos aqui a terceira pessoa da Trindade que nos ajuda como discípulos. Temos a amizade do Senhor Jesus verso 4, o cuidado do Pai verso 7 e agora o ensino do Espírito e, além disso, vimos a recompensa no verso 8. Tudo é para nosso encorajamento.

Luc 12:13-15 | Acautelai-vos de toda avareza

13 E disse-lhe um da multidão: Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança. 14 Mas ele lhe disse: Homem, quem me pôs a mim por juiz ou repartidor entre vós? 15 E disse-lhes: Acautelai-vos e guardai-vos da avareza, porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui.

Alguém na multidão interrompe o Senhor. Trata-se de uma herança que deve ser distribuída, e ele quer uma parte dela. Aqui surge outro perigo. A seção anterior tratou do perigo da perseguição por pessoas legalistas. Agora, o perigo da ganância, do materialismo, é tratado, e isso tem a ver com a avareza.

Enquanto o Senhor está falando palavras sérias sobre os ensinamentos dos fariseus, sobre o pecado que não pode ser perdoado e sobre a perseguição de Seus discípulos, alguém pensa que há coisas mais importantes, como dividir uma herança. O homem acha que esse homem poderia resolver um conflito que ele tem com seu irmão sobre a divisão de uma herança. Na verdade, não se trata nem mesmo de um pedido, mas de uma exigência. Seu irmão fugiu com a herança e ele ficou de mãos vazias. Pelo que ouviu falar desse homem, ele lhe parece ser a pessoa adequada para atuar como mediador nesse conflito.

Ele reconhece que o Senhor está acima dele, pois se dirige a Ele como “Mestre”. O Senhor se dirige ao suplicante como “Homem”, e nisso há uma séria repreensão no sentido de: “Homem, você está me incomodando com isso? Você não sabe do que está falando”. Ele pergunta ao homem como ele pode ser um juiz ou um repartidor de heranças. Quem o contratou para fazer isso? Deus certamente não o fez.

Certamente Ele é Juiz e Repartidor de herança, mas não agora. Se Ele tivesse vindo e atuado como juiz agora, ninguém poderia se apresentar diante Dele. Tampouco estava próximo o momento de dividir a herança. Ele não veio para trabalhar para fins terrenos, mas para fins celestiais. Se os homens O tivessem aceitado, sim, sem dúvida Ele teria distribuído as heranças aqui embaixo. Mas, do jeito que está agora, Ele não é o juiz ou o distribuidor da herança dos homens ou de seus assuntos terrenos.

O Senhor não dará regras para a distribuição de posses terrenas, mas Ele usa a petição para trazer à luz a causa mais profunda disso: A cobiça. Ele

se dirige pessoalmente ao suplicante. Ele sabe que o pedido vem da cobiça, do desejo de ter mais do que se possui. Quando as heranças são distribuídas, o que está no coração se torna claramente visível. Nessas situações, as pessoas são dominadas pelo medo de que os outros possam se apoderar de algo valioso que elas mesmas negligenciaram, e elas podem sair perdendo.

A cobiça é quando alguém quer ter mais do que o suficiente para a vida. É idolatria (Col 3:5-6), pois expulsa Deus e o Senhor Jesus do coração e leva a vida à ruína. O Senhor também chama a atenção para o fato de que a vida não faz parte das posses de uma pessoa. As pessoas não estão cientes disso. Podemos ter quantos bens quisermos e nos desfazermos deles à vontade – a vida de uma pessoa é um presente de Deus.

Luc 12:16-21 | Parábola do tolo rico

16 E propôs-lhes uma parábola, dizendo: a herdade de um homem rico tinha produzido com abundância. 17 E arrazoava ele entre si, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos. 18 E disse: Farei isto: derribarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens; 19 e direi à minha alma: alma, tens em depósito muitos bens, para muitos anos; descansa, come, bebe e folga. 20 Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma, e o que tens preparado para quem será? 21 Assim é aquele que para si ajunta tesouros e não é rico para com Deus.

Esse é um tópico tão importante para o Senhor que Ele quer dar instruções claras sobre ele por meio de uma parábola. Nela, o perigo da cobiça é claramente demonstrado. Ele fala de um homem que é muito rico. E essa riqueza continua aumentando. Suas terras sempre rendem muito.

Para um verdadeiro judeu, a propósito, isso é uma prova do favor de Deus por sua fidelidade à lei de Deus. Afinal de contas, a Bíblia diz que Deus vincula sua bênção à fidelidade à sua lei (Deu 28:1-6). Entretanto, devido à infidelidade do povo de Deus, Deus não age mais com seu povo com base na lei. Pode acontecer que os fiéis sofram e os infiéis recebam bênçãos. Foi com isso que Asafe lidou, que também observou esse fato (Slm 73:2-15). No entanto, Asafe também aprendeu a solução para esse problema entrando no santuário de Deus e, de lá, observando o fim dos ímpios (Slm 73:16-20). O Senhor Jesus também aponta para esse fim nessa parábola.

O que as pessoas chamam de política sábia e discernimento esconde um egoísmo e uma insensatez extraordinários. Isso se deve ao fato de acharem que elas mesmas são a fonte da sabedoria. O homem delibera consigo mesmo, não delibera com Deus. Tudo gira em torno de si mesmo e de seus próprios pensamentos. Isso influencia toda a sua deliberação. É “eu quero isso”, “eu quero aquilo” o tempo todo. Esse tipo de reflexão é adequado para pessoas que vivem apenas para este mundo. Ele quer juntar tudo para si mesmo, mas se abstém de pensar nas riquezas de Deus. É isso que o torna tolo.

Como ele fala apenas de “eu”, ele também diz “meus celeiros, meu trigo, meus bens”. Ele levará tudo isso adiante. Portanto, não pensar em ser uma pessoa dependente é o que Tiago diz, que “glória tal como esta é maligna” ver (Tia 4:13-16). O rico tolo é cheio de cobiça. Ele acha que todos os seus bens lhe permitirão cumprir seu programa. Isso inclui descansar, comer, beber e se divertir. É isso que o homem do mundo geralmente busca: descanso abundante, comida e bebida abundantes, diversão e prazer abundantes. Ele não tem nenhuma visão do futuro fora deste mundo. A vida atual significa tudo para ele.

Não é de forma alguma que o rico tolo, de acordo com os padrões humanos, faça mau uso de suas posses. Ele não vive de forma imoral. Mas todas as suas ações não vão além da satisfação de seu desejo por uma abundância cada vez maior. O rico proprietário continua demolindo seus celeiros e construindo outros maiores com a intenção de garantir todos os seus ganhos e expandir suas posses. Seus pensamentos estão concentrados exclusivamente na vida atual, que, segundo ele, continuará sempre. Muitos cristãos, infelizmente, também são assim. Eles constroem casas e acumulam estoques de dinheiro e bens como se fossem viver aqui por mil anos.

Então, de repente, no meio da noite, uma voz soa e fala com ele. O que ele estava fazendo ali? Ele passou a última noite de sua vida fazendo grandes planos para o futuro, para um futuro que ele nunca viveria para ver. Nesse aspecto, ele se assemelha a Belsazar, que passou a última noite de sua vida em um banquete grandioso (Dan 5:1-4).

Quantas pessoas são como ele. Para elas, a vida é um grande banquete, quando chega o dia ou a noite em que essa vida é subitamente interrompi-

da. Deus se dirige a ele como ele é (“Louco”) e o julga. Ele não contava com Deus e certamente não contava que Deus pudesse frustrar seus cálculos.

E qual é o seu julgamento? Deus não lhe tira os bens. Ele poderia ter feito isso, mas não o fez. O tolo falou primeiro de suas posses e, em segundo lugar, de sua alma. Deus fala primeiro da alma do tolo e depois de suas posses. Deus reivindica sua alma, pois em Suas mãos está “a alma de todo ser vivente” (Jó 12:10). O tolo não pensou no temor mencionado no verso 5.

Deus tira sua alma e faz a seguinte pergunta: “Mas o que você preparou, para quem será?” Não há resposta para essa pergunta. A resposta deve ser dada por você e por mim, pois essa questão também é dirigida a nós. O tolo reduziu sua alma à escravidão do corpo em vez de manter o corpo sob controle para que o corpo fosse o servo da alma, e Deus o Senhor de ambos.

Juntar tesouros para nós mesmos é o trabalho forçado de nosso próprio ego e da descrença que acumula reservas. Significa viver no sonho de poder desfrutá-los por um longo tempo, um sonho que o Senhor encerra repentinamente.

Luc 12:22-28 | Estar ansioso

22 E disse aos seus discípulos: Portanto, vos digo: não estejais apreensivos pela vossa vida, sobre o que comereis, nem pelo corpo, sobre o que vestireis. 23 Mais é a vida do que o sustento, e o corpo, mais do que as vestes. 24 Considerai os corvos, que nem semeiam, nem segam, nem têm despensa nem celeiro, e Deus os alimenta; quanto mais valeis vós do que as aves? 25 E qual de vós, sendo solícito, pode acrescentar um côvado à sua estatura? 26 Pois, se nem ainda podeis as coisas mínimas, por que estais ansiosos pelas outras? 27 Considerai os lírios, como eles crescem; não trabalham, nem fiam; e digo-vos que nem ainda Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. 28 E, se Deus assim veste a erva, que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pequena fé?

O homem que pediu ao Senhor um julgamento sobre a questão da herança se cala sobre isso. Mas o Senhor acrescenta uma forte advertência à pará-

bola do rico insensato, ou – talvez melhor – um grande incentivo aos Seus discípulos.

Com um “Portanto”, Ele se refere claramente à parábola. Aquele que é rico em Deus não precisa se preocupar com as coisas terrenas. A vida e o corpo são realidades terrenas que precisam ser mantidas e cuidadas, mas não precisam ser objetos de preocupação excessiva. Os discípulos estão sob o cuidado constante de Deus. Alguém a quem o reino é prometido verso 32, ou seja, que é verdadeiramente rico em Deus, não precisa ser avarento ou mesmo ansioso. Nossa medida de ansiedade depende da medida de nossa fé em Deus.

O Senhor dá alguns exemplos que podem ser observados na natureza. Eles devem observar os pássaros no ar e as flores no campo. O exemplo dos corvos expressa que não é necessário ficarmos ansiosos com nossa comida. Os lírios expressam o mesmo em relação às nossas roupas. A razão que o Senhor dá para não ficarmos ansiosos é que a coisa mais importante na existência humana não é o alimento e a roupa, mas a vida e o corpo.

Ele chama a atenção de seus discípulos para os corvos. Eles não percebem que o cuidado gracioso de Deus é até mesmo para aves impuras como os corvos (Slm 147:9) Essas aves não têm o hábito, como o rico tolo, de semear e colher e construir armazéns ou celeiros para a colheita. Deus as alimenta, Ele lhes fornece alimento do grande jardim de Sua criação. Ele o prepara para eles. Esses pássaros podem ter que procurar por si mesmos, podem ter que trabalhar para obtê-los. Mas o fato é que Deus o tem pronto para eles e os pássaros não precisam fazer mais nada no que diz respeito a esse lado. Depois de encontrarem o alimento, Deus pode até usá-los para levar comida aos seus servos (1Rei 17:6).

Será que Deus deveria se preocupar menos com seus filhos do que com os pássaros? Além disso, a preocupação não aumenta a duração da vida de uma pessoa (cf. Slm 39:4). Portanto, não faz sentido se preocupar, porque isso simplesmente não ajuda a melhorar a qualidade nem a quantidade da vida.

O Senhor chama o aumentar do tempo de vida de “o mínimo” que o homem pode fazer e diz que o próprio homem é incapaz de fazê-lo. Isso ocorre porque a vida do homem é uma coisa muito pequena. Isso ocorre

porque a vida do homem está inteiramente nas mãos de Deus. Ele determina a medida, a duração da vida. Portanto, o homem não deve se preocupar com o resto, pois esse é um esforço inútil.

Nas perguntas e preocupações sobre o suprimento de alimentos, o Senhor disse que seus discípulos deveriam prestar atenção em como os corvos obtêm seu alimento. Assim, veriam como eles sempre obtêm seu alimento de Deus de forma descuidada. Eles podem aprender com os lírios que os discípulos também não precisam se preocupar com suas roupas. Com que grande beleza Deus vestiu essas flores. Nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, poderia competir com isso. E que valor material têm os lírios? Eles são como a erva que ainda está no campo hoje, mas que será queimada no forno amanhã.

Se Deus se importa tanto com o que existe por tão pouco tempo, será que Ele não se importará muito mais com Seus filhos? O Senhor se dirige a Seus discípulos como sendo de pouca fé nesse ponto. Isso é revelador. Ele nos conhece a fundo e sabe o quanto nos preocupamos e pressionamos com nossas roupas. Não estamos nem mesmo preocupados com a proteção necessária contra o frio, mas sim com o fato de a roupa parecer boa para nós. Não que isso não deva importar, mas os guarda-roupas mostram que tememos não ter algo adequado para cada ocasião.

Luc 12:29-34 | O prazer do Pai

29 Não pergunteis, pois, que haveis de comer ou que haveis de beber, e não andeis inquietos. 30 Porque os gentios do mundo buscam todas essas coisas; mas vosso Pai sabe que necessitais delas. 31 Buscai, antes, o Reino de Deus, e todas essas coisas vos serão acrescentadas. 32 Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o Reino. 33 Vendei o que tendes, e dai esmolas, e fazei para vós bolsas que não se envelheçam, tesouro nos céus que nunca acabe, aonde não chega ladrão, e a traça não rói. 34 Porque onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração.

O Senhor está preocupado com o fato de estarmos em busca incessante por comida e bebida, como se a vida consistisse nisso. Não precisamos nos preocupar com isso. Podemos realmente confiar que o Pai nos proverá. Se nos preocuparmos com comida, bebida e roupas, não seremos melhores

do que o mundo, que só se preocupa com isso. O discípulo, por outro lado, pode viver ciente de que “Seu Pai sabe”.

No reino terreno, algumas coisas são necessárias, mas há duas coisas que o Pai nos dá. Primeiro, Ele nos dá o que precisamos diariamente. Ele sabe dessas coisas. Mas esses não são os dons principais. São os dons que Ele nos acrescenta. Ele os acrescenta a nós. Acrescenta a quê? Ao que Ele tem o prazer de nos dar, ou seja, o reino.

O fato de que Ele nos dará o reino não significa que devemos ficar de braços cruzados. Somos chamados a buscá-lo, assim como os corvos devem buscar o alimento que está pronto para eles. Devemos buscá-lo, procurá-lo, porque ele ainda não foi revelado. O reino não consiste nas coisas desta vida, mas em realidades espirituais e morais, que aqueles que estão sob a autoridade de Deus buscam. Buscar Seu reino é reconhecer Sua autoridade sobre todas as coisas em nossa vida e viver de acordo com ela.

O Senhor sabe que o reino deve ser buscado com fé, e Ele pede isso. O reino (ainda) não é visível publicamente. O que é evidente é um reino governado por Satanás, do qual aqueles que buscam o reino de Deus devem temer grande oposição, hostilidade e perseguição em sua busca. No entanto, ao fazer isso, eles não precisam temer a falta de coisas terrenas.

O Senhor encoraja Seu pequeno rebanho indefeso de ovelhas, todas igualmente queridas por Ele e por Seu Pai, assegurando-lhes que foi do agrado do Pai dar-lhes o reino. Ele não lhes promete um lugar no reino, mas o próprio reino. Portanto, eles recebem uma parte com o Senhor Jesus. Eles recebem isso porque valorizaram as coisas que o coração Dele desejava. Eles receberão isso do Pai porque é Seu desejo dar isso para eles.

Não se trata de coisas que o Pai sabe que precisamos para nossa vida na Terra, mas de coisas que Ele dá somente porque deseja dá-las de acordo com Sua boa vontade. São coisas que dizem respeito ao céu, à glória do Senhor Jesus lá. Essa promessa tem como condição a entrega de nossas posses. Além de termos medo de perseguição, também podemos ter medo de doar algo, porque assim – pensamos – ficaremos com menos ou até mesmo nada para nós. Mas se somos herdeiros do reino eterno, por que deveríamos temer abrir mão de alguns bens terrenos?

Depois de ouvirmos o que não deve caracterizar os discípulos, ouvimos o que deve caracterizá-los. Se o Senhor lhes prometeu o reino inteiro, isso deve determinar a visão que eles têm de suas posses atuais. O mesmo se aplica a nós. Ele diz que, em vez de juntar tesouros na terra, devemos vender nossas posses. O produto da venda não é para ser desfrutado por nós mesmos de forma descuidada por algum tempo, mas para ser dado àqueles que nada têm.

Já deveríamos nos perguntar como lidamos com nossa riqueza. Será que realmente pensamos nos outros e doamos sabendo que receberemos o reino? Doar significa investir em outro tesouro, aquele que está nos céus. Esse tesouro está completamente seguro contra depreciação ou roubo. É um tesouro cujo valor não pode sequer ser estimado, de tão imensurável que é. Abrir mão de bens terrenos garante a verdadeira riqueza, ser rico em Deus.

Quem possui Deus, o Pai, e o Senhor Jesus como seu tesouro tem um tesouro imensurável. “Não é tolo aquele que dá o que não pode guardar para ganhar o que não pode perder” (Jim Elliot). Nosso coração está ligado ao que é realmente importante para nós. Se nossas posses são nosso tesouro, então a consequência automática é que nosso coração estará voltado para elas, como aconteceu com o homem que queria sua parte da herança, e como aconteceu com o rico tolo que adquiriu mais e mais posses. Se o nosso tesouro for o Senhor Jesus e o reino de Deus, a consequência automática é que o nosso coração o buscará. Vivamos com fé, com certa confiança de que possuímos uma vasta riqueza que ainda não foi vista, mas que logo será.

Luc 12:35-37 | Servos vigilantes e esperando

35 Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas, as vossas candeias. 36 E sede vós semelhantes aos homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas, para que, quando vier e bater, logo possam abrir-lhe. 37 Bem-aventurados aqueles servos, os quais, quando o Senhor vier, achar vigiando! Em verdade vos digo que se cingirá, e os fará assentar à mesa, e, chegando-se, os servirá.

Aquele que tem um tesouro no céu sabe que ele mesmo ainda está na Terra. Ele também sabe que seu tempo na Terra chegará ao fim e que, então,

poderá tomar posse de seu tesouro no céu. Então, aquele que tem um tesouro no céu também espera o Senhor. Ele não se surpreende com sua vinda, mas está pronto.

Por isso, ele cinge os lombos. Cingir os lombos costumava significar suspender as roupas compridas e amarrá-las em volta dos lombos para que a pessoa pudesse andar sem impedimentos e também rapidamente. Israel foi instruído a fazer isso quando estava prestes a sair do Egito (Êxo 12:11). O Senhor Jesus usa essa imagem em vista de nossa saída do mundo. Quando nosso coração está apegado às coisas desta vida, não cingimos nossos lombos.

O discípulo não está apenas pronto para partir, ele também dá um testemunho claro daquilo pelo qual está vivendo e esperando. Em um mundo sombrio, onde não se conta com Deus, sua lâmpada brilha mais forte. Vamos isso também com os israelitas quando a praga, a escuridão, veio sobre a terra do Egito (Êxo 10:22-23).

Os crentes dão um testemunho brilhante do que é realmente importante para eles. Por um lado, eles não estão apegados às coisas desta vida que podem deixar para trás a qualquer momento (além do fato de que todas essas coisas podem ser tiradas deles da mesma forma), por outro lado, eles também não são mundanos e dão testemunho do fato de que esperam o Senhor (1Tes 1:8-10).

O Senhor diz a Seus discípulos que eles devem ser como homens que esperam por seu Senhor. Portanto, essas pessoas são servos. Os discípulos são os servos, e o Senhor Jesus é o Senhor deles. Esperar significa olhar para fora com expectativa. A expressão “quando houver de voltar das bodas” não é fácil de explicar. Pode ser que se refira às bodas do Cordeiro que aconteceram no céu (Apo 19:7). Também pode se referir às bodas do Senhor com a Jerusalém terrena (Cân 3:11).

Seja qual for o caso, o Senhor se dirige a nós como discípulos que Ele deseja trazer para o reino, para que possam celebrar o casamento com Ele. Em vista do casamento, Ele nos incentiva a não sermos tentados a buscar as coisas do mundo. Quando Ele vier, estará aguardando os discípulos que O têm procurado e esperado.

Ele elogia com bênção os servos que Ele encontrará não apenas esperando, mas também vigiando. “Esperando” – fazemos isso em vista do Senhor, “vigiando” – fazemos isso em vista do ladrão. Vigiar a vinda do Senhor não deve nos tornar descuidados, desatentos ou acríticos em relação ao trabalho do inimigo que quer desviar nossa atenção do Senhor e nos causar dano espiritual.

Essa atitude de esperar e vigiar é tão preciosa para o Senhor que Ele dará pessoalmente a esses crentes um lugar de descanso e comunhão com Ele e ministrará a eles pessoalmente. Ele troca de lugar com os Seus, assim como o samaritano desceu do jumento para colocar nele o homem que havia caído entre os ladrões (Luc 10:34). Eles O serviram na Terra sem se distraírem com toda a prosperidade; Ele os servirá no céu. Ele “se cingirá” (Joã 13:3-5) para servi-los sem impedimentos, e “chegando-se”, indicando intimidade e familiaridade. Seu serviço consiste em torná-los cada vez mais familiarizados com as glórias de sua pessoa.

Luc 12:38-40 | Esperar com perseverança

38 E, se vier na segunda vigília, e se vier na terceira vigília, e os achar assim, bem-aventurados são os tais servos. 39 Sabei, porém, isto: se o pai de família soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa. 40 Portanto, estai vós também apercebidos; porque virá o Filho do Homem à hora que não imaginais.

O Senhor ressalta que Seu retorno pode levar algum tempo. A razão não é que Ele se esqueça dos Seus, mas Ele é longânimo e não quer que ninguém se perca (2Ped 3:9). Não se trata apenas de esperar e vigiar, mas também de fazer isso de forma constante. Se Sua volta demorar mais do que esperamos, podemos facilmente mudar nossos interesses. Se não o fizermos, mas continuarmos a esperá-Lo apesar da demora, Ele nos elogiará com alegria. A questão é cuidar continuamente do que Ele nos confiou e não permitir que seja roubado se baixarmos a guarda com o passar do tempo.

Se o valor do tesouro que temos no céu continuar a nos interessar, se continuarmos a pensar no que é agradável ao Pai, o ladrão não nos surpreenderá. O ladrão não se anuncia de antemão. Ele sempre chega de forma tão inesperada quanto indesejada. É por isso que o Senhor diz que devemos

estar sempre prontos. O Filho do Homem pode vir repentinamente e, se não O aguardarmos, Ele virá em uma hora que não queremos.

Luc 12:41-48 | O servo fiel e o infiel

41 E disse-lhe Pedro: Senhor, dizes essa parábola a nós ou também a todos? 42 E disse o Senhor: Qual é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor pôs sobre os seus servos, para lhes dar a tempo a ração? 43 Bem-aventurado aquele servo a quem o senhor, quando vier, achar fazendo assim. 44 Em verdade vos digo que sobre todos os seus bens o porá. 45 Mas, se aquele servo disser em seu coração: O meu senhor tarda em vir, e começar a espancar os criados e criadas, e a comer, e a beber, e a embriagar-se, 46 virá o Senhor daquele servo no dia em que o não espera e numa hora que ele não sabe, e separá-lo-á, e lhe dará a sua parte com os infiéis. 47 E o servo que soube a vontade do seu senhor e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites. 48 Mas o que a não soube e fez coisas dignas de açoites com poucos açoites será castigado. E a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá.

Pedro tem uma pergunta para o Senhor. Não está claro para ele para quem Ele está dizendo tudo isso. Será que Ele quer dizer isso apenas em relação a eles, como Seus discípulos, ou está falando a todos que O ouvem? O Senhor não dá a Pedro uma resposta direta, mas responde com uma pergunta. Quando Ele faz uma pergunta, é sempre com a intenção de que você pense sobre ela. Não podemos responder à pergunta pelos outros, temos de respondê-la nós mesmos.

Portanto, não é uma questão de para quem Ele fala ou não fala, é uma questão de Ele falar para mim. A questão é se sou um administrador fiel e sábio daquilo que Ele me confiou para servir aos outros. Todos nós recebemos algo Dele e precisamos administrá-lo (1Ped 4:10). Nesse serviço, dependemos Dele, pois somente Ele sabe o momento certo para fazê-lo. Ele também sabe com o que devemos servir. Ele também sabe com o que devemos servir e o que é adequado para aquele a quem nosso serviço é dirigido.

Aquele que assim serve ao Senhor em dependência, servindo aos outros, Ele chama de “abençoado”. Ele agora declara “bem-aventurado” pela

terceira vez, desta vez sobre o servo ativo. Portanto, não é apenas que esperemos verso 36 e vigiemos verso 37, mas também que sejamos diligentes no trabalho que Ele nos deu para fazer.

Ele também atribui uma recompensa a isso, e ela envolve nada menos que a administração de todos os Seus bens. No verso 37, Ele falou em termos gerais sobre uma recompensa para aquele que vigia e espera por Ele. A mordomia de Seus bens é uma recompensa adicional pela fidelidade no trabalho em que mais é confiado.

Servir significa doar, passar adiante, tanto espiritual quanto materialmente. Não nos livramos de tudo o que doamos ou passamos adiante, mas é um investimento que traz grande retorno. O Senhor recompensa o serviço que prestamos a outras pessoas na Terra, colocando-nos acima de todas as Suas posses. As riquezas de Suas posses não podem ser descritas.

Mas também pode ser de outra forma. Pode ser que o mordomo se afaste interiormente de seu Senhor. A espera é muito demorada para ele. Gradualmente, ele não pensa mais na vinda de seu mestre. Isso se manifesta em seu relacionamento com os outros servos. Em vez de servir, ele começa a governar com mão dura. As coisas também dão errado em sua vida pessoal. Ele começa a buscar as coisas que compõem a vida, que o Senhor disse que as nações buscam verso 30. Esse servo encontra sua realização no mundo. Ele não está mais sóbrio e não tem um bom julgamento do valor da vida como Deus a julga.

Os homens que só enxergam essa vida estão intoxicados por ela. A condição desse servo é muito mais grave do que a dos homens do mundo. Esse servo era inicialmente um confessor, alguém que estava na companhia de cristãos e participava de atividades cristãs. Mas quando a espera pelo Senhor se tornou muito longa para ele e o custo muito alto, ele voltou a buscar seu prazer no mundo. Ele se tornou um apóstata, alguém que nunca teve uma conexão vitalícia com Cristo. Esse servo fica surpreso com a vinda do Senhor. Ele baniu completamente a vinda do Senhor de sua mente, mas é claro que isso não impediu a própria vinda.

A parte desse servo é consistente com sua vida indiferente. Ele continuou a se demorar no meio dos cristãos, reivindicando uma posição para si mesmo e abusando dela. Sua confissão era cristã, mas seus atos eram munda-

nos. Essa indiferença é punida com sua punição [“corte em dois” segundo versão KJA]. Depois desse julgamento, o Senhor lhe dá sua parte com os infieis ou incrédulos, pois essa é a categoria à qual ele pertence.

O julgamento corresponde à medida da responsabilidade. Alguém que confessou conhecer a Cristo e viver de acordo com a vontade Dele, mas depois viveu sua vida de acordo com a vontade própria, será açoitado com muitos golpes. Alguém que diz que leu muito na Bíblia, mas que perverteu a verdade da Palavra de Deus, será açoitado com muitos golpes. Alguém que não cresceu com a Bíblia é menos culpado, mas é culpado pelo que sabia e não fez. Ele será açoitado com poucos golpes.

Assim como há diferenças na recompensa, também há diferenças na severidade da punição que Deus inflige às pessoas (ou seja, aos confessores). Deus age de acordo com o princípio de que, daqueles a quem muito é dado, muito também pode ser exigido. É assim que funciona também na sociedade. Se um empregador investiu muito em um funcionário, ele também pode esperar um alto desempenho dele. O mesmo se aplica ao que é confiado a alguém, ao que ele deve gerenciar e lidar. Quando o proprietário vem buscar sua propriedade, ele espera receber mais do que aquilo que lhe foi confiado para administrar.

Deus trata todo homem, e certamente o cristão professo, como totalmente responsável. Ele é o proprietário e tem todo o direito de reclamar e reivindicar. No dia do julgamento, Ele levará tudo a julgamento e o julgará com justiça (Ecl 12:14).

Luc 12:49-53 | Cristo, a causa da divisão

49 Vim lançar fogo na terra e que mais quero, se já está aceso? 50 Importa, porém, que eu seja batizado com um certo batismo, e como me angustio até que venha a cumprir-se! 51 Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, vos digo, mas, antes, dissensão. 52 Porque, daqui em diante, estarão cinco divididos numa casa: três contra dois, e dois contra três. 53 O pai estará dividido contra o filho, e o filho, contra o pai, a mãe, contra a filha, e a filha, contra a mãe, a sogra, contra sua nora, e a nora, contra sua sogra.

O objetivo de Seu amor não era lançar fogo sobre a Terra, mas essa é a consequência de Sua presença. Onde Ele está, não pode deixar de mostrar ao

homem Sua própria condição. O fogo é sempre o símbolo do julgamento divino. O Senhor veio para salvar, mas quando O rejeitamos, estamos de fato acendendo um fogo. Sua presença significa julgamento.

O fato de o Senhor ter vindo para lançar fogo sobre a terra significa que Ele veio para fazer com que as pessoas tomem uma decisão. O fato de o fogo já estar aceso significa que o homem, ao rejeitá-Lo, já tomou sua decisão. Isso decorre inevitavelmente de Sua presença, que coloca tudo em sua devida perspectiva. Mas Ele ainda está em graça entre os homens, e mesmo agora o Evangelho da graça é pregado. Mas onde quer que Ele chegue, ali Ele lança fogo, e acontece que o fogo já está aceso. O Senhor, por assim dizer, expressa Seu espanto com o fato de ser assim. Ele poderia ter esperado outra coisa, mas por causa da obstinada maldade do homem é assim e não de outra forma.

A segunda parte do verso 49 também pode ser traduzida da seguinte forma: “E como [de bom grado] eu gostaria que já estivesse aceso”. Então, o pensamento do Senhor é que Ele anseia que Sua obra na cruz seja concluída. Quando lá o fogo do julgamento de Deus tiver se apagado sobre Ele, então o alicerce terá sido lançado para o perfeito cumprimento de todos os planos de Deus e o estabelecimento do reino.

Em seguida, Ele fala sobre Seu batismo. O batismo a que Ele se refere é Sua imersão no dilúvio de água do sofrimento. Ele será completamente submerso em um mar de dor. Ele sente por dentro a dor do que lhe sobrevirá por parte de Deus. Ele expressa isso dizendo: “e como me angustio”. Ao mesmo tempo, Ele olha para o fim, quando a grande e terrível obra estiver “cumprida”.

Nesse meio tempo, Sua presença causa divisão e não paz. Aparentemente, isso contrasta com o anúncio do anjo em Seu nascimento (Luc 2:14). Ele não veio para trazer paz? Certamente que sim, mas agora que Ele veio, é evidente que a Terra rejeita essa paz. Um dia Ele voltará para trazer a paz, mas essa paz não estará na Terra até que Ele tenha purificado a Terra por meio do juízo.

Nesse momento, Sua presença divide as pessoas em duas categorias: a favor ou contra Ele. Essa decisão a favor ou contra Ele traz divisão entre as pessoas que vivem na mesma casa. Por um lado, Ele dá paz ao coração

de quem O aceita. Por outro lado, o resultado é o ódio de quem O rejeita. A unidade é perturbada. Os dois grupos de dois ou três estão em completa oposição um ao outro.

Além dos grupos de pessoas, os indivíduos que antes viviam em harmonia uns com os outros também entram em oposição. Há uma separação entre pai e filho quando um deles aceita o Senhor Jesus. Da mesma forma, há separação entre uma mãe e sua filha e entre uma sogra e sua nora. O Senhor nomeia o relacionamento duas vezes em cada caso, uma vez colocando uma parte em primeiro lugar e depois a outra. Ele enfatiza a ruptura absoluta nos relacionamentos quando uma das duas O escolhe.

Luc 12:54-57 | Reconhecendo o tempo

54 E dizia também à multidão: Quando vedes a nuvem que vem do ocidente, logo dizeis: Lá vem chuva; e assim sucede. 55 E, quando assopra o vento sul, dizeis: Haverá calma; e assim sucede. 56 Hipócritas, sabeis discernir a face da terra e do céu; como não sabeis, então, discernir este tempo? 57 E por que não julgais também por vós mesmos o que é justo?

O tempo para uma decisão é urgente. Ele diz isso às multidões, referindo-se a uma previsão do tempo que todos podem fazer se prestarem atenção a um fenômeno natural. Eles sabem que quando uma nuvem surge no oeste, isso significa chuva. Da mesma forma, quando o vento sul sopra, eles sabem interpretá-lo corretamente: o vento sul anuncia calor.

O Senhor aplica esse conhecimento do clima ao discernimento espiritual deles. Ele os chama de hipócritas. Eles podem julgar as coisas externas, mas mantêm os olhos fechados para sua condição espiritual. Eles conhecem as leis da natureza e as aplicam corretamente, mas não consideram as leis espirituais. Eles sabem que, se se desviarem de Deus, isso trará julgamento sobre eles, mas estão longe de Deus e vivem suas próprias vidas. Então, o julgamento deve vir. Eles deveriam saber disso pela Palavra de Deus. No entanto, eles não julgam o tempo em que estão vivendo porque não querem se converter e não querem colocar suas vidas nas mãos de Deus.

O Senhor lhes pergunta por que não julgam por si mesmos o que é certo. O homem é um ser responsável e capaz de julgar o que é certo. Se ele for honesto, chegará à conclusão de que não é capaz de fazer o que é certo e

saberá que é culpado perante Deus. Então ele estará onde Deus quer que ele esteja, e então Deus poderá salvá-lo. O Senhor sempre tem como meta a salvação do homem, para que Ele possa lhe mostrar graça.

Luc 12:58-59 | Atitude em relação ao adversário

58 Quando, pois, vais com o teu adversário ao magistrado, procura livrar-te dele no caminho; para que não suceda que te conduza ao juiz, e o juiz te entregue ao meirinho, e o meirinho te encerre na prisão. 59 Digo-te que não sairás dali enquanto não pagares o derradeiro ceitil.

A multidão deve perceber que fez de Deus seu adversário e que está a caminho de ser julgado por Ele. Literalmente, eles fizeram isso quando levaram o Senhor Jesus a Pilatos e exigiram Sua condenação.

Eles acham que podem convocar Deus para o tribunal, mas quando estiverem diante do Juiz, perceberão que é o contrário e que eles são os acusados. Agora ainda há tempo para reverter a situação. Eles ainda podem se livrar do adversário confessando seus pecados. Se não o fizerem, serão jogados na prisão.

Foi isso que aconteceu com o povo. Deus os entregou às nações. O clamor deles, “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mat 27:25), ainda está sendo cumprido hoje. Mas não para sempre. A punição na prisão não será eterna, pois eles sairão da prisão quando eles – isto é, o remanescente – confessarem seus pecados, quando olharem para Aquele que traspassaram (Zac 12:10-14). Quando receberem o dobro, serão consolados (Isa 40:1-2).

Agora eles estão pagando por seus pecados. Eles tropeçaram, mas não cairam para sempre (Rom 11:11). Quando o tempo de sofrimento terminar, Deus os aceitará novamente (Rom 11:15).

Lucas 13

Luc 13:1-5 | Converter-se ou perecer

1 E, naquele mesmo tempo, estavam presentes ali alguns que lhe falavam dos galileus cujo sangue Pilatos misturara com os seus sacrifícios. 2 E, respondendo Jesus, disse-lhes: Cuidais vós que esses galileus foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas? 3 Não, vos digo; antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis. 4 E aqueles dezoito sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, cuidais que foram mais culpados do que todos quantos homens habitam em Jerusalém? 5 Não, vos digo; antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis.

Na mesma época, quando o Senhor Jesus falou sobre a atitude deles em relação a Deus (Luc 12:57-59), as pessoas foram até Ele e relataram um fato abominável. O cruel e insensível governador Pilatos havia se vingado dos galileus com brutalidade e insensibilidade desenfreadas, matando-os e misturando o sangue deles com os sacrifícios a Deus. Ao fazer isso, ele demonstrou seu profundo desprezo pelo serviço de sacrifício deles. Então, certamente os galileus devem ter pecado gravemente, tal é o pano de fundo de seu relato. Não se trata nem mesmo do tratamento cruel de Pilatos, mas sim do parecer deles sobre o que havia acontecido com os galileus.

O Senhor lhes responde que não cabe a eles deduzir os pecados deles a partir do que os outros sofreram. Quando alguém é atingido por um desastre, temos a tendência de procurar as causas e ficar fora da linha de fogo. Isso afeta os outros e não a mim. Da mesma forma, os amigos de Jó também julgaram seu sofrimento e se manifestaram em relação a ele. No entanto, eles não falaram corretamente dele, nem falaram corretamente de Deus (Jó 42:7).

O Senhor faz do relatório com o qual as pessoas vêm a Ele um relatório que se dirige à consciência deles. Essa luz brilha sobre cada homem e, por meio dela, a condição lamentável de todos os homens, sem exceção, vem à tona. Seu chamado para que se convertam vem de Seu ministério de graça, mas se não se converterem, o mesmo destino lhes sobrevirá. Foi assim que aconte-

ceu. Os judeus que não se converteram, de acordo com a palavra do Senhor, pereceram nas mãos dos romanos, que mais tarde devastaram Jerusalém. Os romanos fizeram com os judeus o que Pilatos fez com os galileus.

O próprio Senhor acrescenta outro relato. Eles haviam falado dos galileus. Isso dizia respeito a pessoas distantes, no norte. Ele os lembra de um incidente mais próximo, do que aconteceu com as pessoas de Jerusalém. Algum tempo antes, dezoito habitantes de Jerusalém haviam morrido quando uma torre em Siloé caiu sobre eles. Por que a torre matou esses dezoito habitantes e não outros ou até mais habitantes? Será que foi porque essas dezoito pessoas mereciam morrer e as outras não? Esses dezoito eram mais culpados do que o restante do povo de Jerusalém?

Mais uma vez, Ele diz um claro “não” a isso e faz do incidente com a torre um evento que deve afetar a consciência de todos eles. Se nos for permitido permanecer vivos enquanto algo ruim acontece com os outros, não é apropriado que abordemos a questão da culpa. O Senhor quer falar ao nosso próprio coração e à nossa consciência em cada acontecimento. Ele deve fazer com que os homens percebam que isso poderia ter acontecido com eles também e que eles devem se perguntar onde passarão a eternidade se morrerem sem Cristo.

Luc 13:6-9 | A figueira infrutífera

6 E dizia esta parábola: Um certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha e foi procurar nela fruto, não o achando. 7 E disse ao vinhateiro: Eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não o acho; corta-a. Por que ela ocupa ainda a terra inutilmente? 8 E, respondendo ele, disse-lhe: Senhor, deixa-a este ano, até que eu a escave e a esterque; 9 e, se der fruto, ficará; e, se não, depois a mandarás cortar.

Israel achava que estava seguro, mas não tinha consciência da terrível condição em que se encontrava. Era muito errado especular calmamente sobre os galileus, e seria tolice esquecer o povo de Jerusalém. O Senhor ainda apela à consciência deles mostrando-lhes, na forma de uma parábola, sua própria história e o que estava reservado para eles por parte de Deus.

Ele compara Israel a uma figueira que alguém plantou em sua vinha. A figueira representa Israel diante de Deus em sua própria justiça. Vemos com

Adão e Eva que, depois de caírem em pecado, eles se vestiram com folhas de figueira (Gên 3:7). Isso foi para cobrir sua nudez, sua culpa diante de Deus. Sua própria justiça, no entanto, não atendia às exigências de Deus, e foi por isso que Ele lhes fez roupas de pele. Assim, eles estavam diante de Deus, cobertos por um sacrifício que aponta para Cristo. Somente Nele o pecador pode se apresentar diante de Deus.

Israel também mostrou que não podia se apresentar diante de Deus em sua própria justiça. É verdade que eles pensaram que podiam, quando prometeram que fariam tudo o que Deus quisesse (Êxo 24:3,7). Naquela época, Deus lhes deu a lei para mostrar como poderiam viver para Sua glória e alegria. A vinha nos lembra disso, porque o vinho fala de alegria.

Mas será que Israel cumpriu suas promessas de ser justo e deu alegria a Deus? Quando Ele veio buscar frutos, não os encontrou (cf. Isa 5:1-7). Na parábola, o proprietário (Deus) diz ao lavrador (o Senhor Jesus) que há três anos está buscando frutos “nesta figueira” (Israel), mas não os encontra. Deus, em Seu Filho, está buscando frutos em Israel há três anos, mas o povo O rejeita.

A sugestão é cortar a figueira, pois ela não dá fruto. Então pode-se pensar em outra coisa que dê frutos. O vinhateiro, no entanto, pede mais um ano de graça. Então ele ainda poderá fazer tudo e tentar obter frutos. Assim, o Senhor Jesus está ocupado com a graça e não exigindo, para ganhar seu povo para Deus. Foi somente por causa de sua mediação que Deus ainda estava disposto a tolerar Israel.

O ano extra também pode se referir ao tempo entre a ascensão do Senhor e o apedrejamento de Estêvão, quando Ele é rejeitado como o Senhor glorificado. Se não houver sucesso, apesar do tempo extra e dos esforços especiais, a maldição virá. E foi o que aconteceu. Israel desapareceu de seu lugar como testemunha. A figueira, o símbolo de sua existência nacional, foi cortada e secou.

Luc 13:10-13 | A cura de uma mulher com espírito de enfermidade

10 E ensinava no sábado, numa das sinagogas. 11 E eis que estava ali uma mulher que tinha um espírito de enfermidade havia já dezoito anos; e andava curvada e não podia de modo algum endireitar-se. 12 E, vendo-a Jesus, cha-

mou-a a si, e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade. 13 E impôs as mãos sobre ela, e logo se endireitou e glorificava a Deus.

Embora o Senhor tenha anunciado o destino que ameaça os judeus porque eles tornam a terra inútil, Ele ainda vai às sinagogas deles para ensinar o povo. Assim também neste sábado. Ainda é o tempo da paciência, e a graça não se detém em ajudar alguns. A mulher transmite uma imagem da necessidade espiritual, dessas pessoas que são totalmente fracas espiritualmente e andam curvadas sob a lei. Elas não têm força para se erguer e olhar para cima. A mulher constantemente vê apenas a si mesma.

É exatamente isso que caracteriza a lei. A lei exige que o homem cumpra certas obrigações, mas ele não consegue cumpri-la. Se uma pessoa for séria, ela se curvará cada vez mais sob o fardo insuportável da lei. Ela está constantemente preocupada consigo mesma para escapar do julgamento da lei se não obedecer.

É como o homem em Romanos 7 que, ao tentar guardar a lei de Deus, afunda cada vez mais no atoleiro de seus próprios esforços. Mais de quarenta vezes nesse capítulo aparece a pequena palavra “eu”. Ele olha apenas para si mesmo até que finalmente vê o Senhor Jesus. Isso o tira do atoleiro (Rom 7:25). O mesmo acontece com essa mulher que é dominada por um espírito de fraqueza. Podemos aplicar o espírito de fraqueza ao ensino perverso que faz com que as pessoas andem curvadas o tempo todo. O único que pode libertar uma pessoa disso é Cristo, quando Ele profere Sua palavra libertadora.

Sem que a mulher pedisse, o Senhor a chamou para si. Ele a vê e a conhece. Ele sabe há quanto tempo ela está caminhando pela vida curvada dessa maneira. Sua graça flui para ela porque ela anseia por isso. Ele conhece esse desejo. Ele fala Sua palavra libertadora. Primeiro, Ele a liberta do espírito de fraqueza. Em seguida, impõe as mãos sobre ela para transmitir-lhe Seu poder a fim de que ela possa se erguer. Depois de Suas palavras, que libertaram sua alma, Ele lhe dá força para o corpo. O primeiro que ela vê é o Senhor Jesus. Isso a leva a glorificar a Deus. Há muitos crentes que estão voltados para a terra e, portanto, não conseguem glorificar a Deus. Aqueles que são verdadeiramente libertados dão graças a Deus (Rom 8:1).

Luc 13:14-17 | Repreensão dos adversários

14 E, tomando a palavra o príncipe da sinagoga, indignado porque Jesus curava no sábado, disse à multidão: Seis dias há em que é mister trabalhar; nestes, pois, vinde para serdes curados e não no dia de sábado. 15 Respondeu-lhe, porém, o Senhor e disse: Hipócrita, no sábado não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi ou jumento e não o leva a beber água? 16 E não convinha soltar desta prisão, no dia de sábado, esta filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás mantinha presa? 17 E, dizendo ele isso, todos os seus adversários ficaram envergonhados, e todo o povo se alegrava por todas as coisas gloriosas que eram feitas por ele.

Um homem arrogante, cheio de justiça própria legal, presume prescrever a lei a Deus! Deus não deveria trabalhar em Seu próprio sábado! Que insensatez supor que Deus guardaria o sábado em um mundo cheio de miséria como resultado do pecado e em uma terra de Israel que virou as costas para Ele (João 5:17).

Em Sua resposta, o Senhor expõe o que os homens consideram normal e o que toda consciência natural também aprovaria, a despeito de todo raciocínio legal. Seria cruel e não estaria de acordo com os pensamentos de Deus privar um pobre animal de seu alimento ou bebida necessários porque é sábado. Se não formos tão cruéis, como ousamos negar a graça de Deus para dar liberdade a uma vítima de Satanás?

Pelo fato de o chefe da sinagoga e seus colegas cuidarem de seus animais, mas criticarem o cuidado de Deus com um ser humano, o Senhor os chama de “hipócritas”. Eles são bons com seus animais e se ressentem do fato de Deus ser bom com um ser humano. Como instrução especial para esses hipócritas legais, o Senhor dá duas razões para a cura da mulher. Primeiro, ela é uma verdadeira filha de Abraão. Ele viu nela a fé que Abraão também possuía. Os hipócritas podem afirmar que são descendentes de Abraão, mas, na realidade, espiritualmente falando, eles têm o diabo como pai (João 8:37,44).

Em segundo lugar, a mulher ficou presa por Satanás durante dezoito anos. A mulher era crente (Gál 3:7), mas Satanás usou o estado de fraqueza dela como uma oportunidade para prendê-la ainda mais e impedi-la de ser curada. A adoração dos líderes religiosos também garantiu que ela não

pudesse ser curada. A lei não liberta, mas leva a uma escravidão maior. Somente Cristo, em sua graça, pode mudar essa situação.

Portanto, está claro que, embora o líder da sinagoga finja ter grande reverência pelas ordenanças de Deus, ele é, na verdade, um serviçal de Satanás. Se ele realmente tivesse reverência pela lei, teria se regozijado com o fato de o Senhor ter expulsado esse espírito de fraqueza pelo qual a mulher esteve presa por tanto tempo. Ele certamente também teria perguntado se o Senhor estava disposto a libertá-lo também de sua escravidão à lei, que ele também não conseguia cumprir e que o condenava.

A verdadeira reverência pela lei é demonstrada pela aceitação da lei. Aquele que leva a lei a sério e é honesto admitirá que não é capaz de cumpri-la e, portanto, não pode se acertar com Deus dessa forma. Ele se dá conta de que o julgamento deve recair sobre ele porque não pode cumprir a lei. Então, ele estará próximo de reivindicar a graça de Deus que se manifestou em Cristo.

O ensino sobre a graça divina envergonha os adversários e enche muitos de grande alegria. Aqueles que se regozijam reconhecem claramente a boa mão de Deus e sentem a diferença que há entre Cristo e a teologia sem vida do chefe da sinagoga, mesmo que vejam pouco de quem o Senhor Jesus realmente é.

Luc 13:18-19 | Parábola do grão de mostarda

18 E dizia: A que é semelhante o Reino de Deus, e a que o compararei? 19 É semelhante ao grão de mostarda que um homem, tomando-o, lançou na sua horta; e cresceu e fez-se grande árvore, e em seus ramos se aninharam as aves do céu.

A doença da mulher mostrou que Satanás usa o sistema da lei para manter as pessoas em cativeiro. Em contraste, vemos na cura da mulher que o reino de Deus está se manifestando por meio do ministério do Senhor Jesus. Entretanto, esses são apenas eventos isolados até o momento. Não se trata do estabelecimento público do reino, mas do estabelecimento do reino no coração dos indivíduos. O Senhor nos mostra em duas parábolas como isso acontece em geral. Nessas parábolas, vemos que a introdução da

graça e do poder do reino ainda não produz um estado perfeito. O estado externo e interno do reino foi invadido pela corrupção.

Na primeira parábola, o Senhor compara o reino a um grão de mostarda. Esse grão de mostarda é semeado e cresce até se tornar uma grande árvore. As aves do céu fazem seus ninhos em seus galhos. Essa é uma imagem do desenvolvimento do cristianismo, que se espalharia em um poderoso sistema externo no qual todos os tipos de influências malignas (representadas pelas aves, (cf. Apo 18:2) encontrariam seu caminho.

Foi isso que aconteceu. O cristianismo é agora um sistema mundano, assim como o islamismo ou o judaísmo. É um poder mundial ativo, no qual estão no comando muitos que apenas ostentam o nome de “cristãos”, mas que interiormente não o são de forma alguma. Eles são inimigos de Deus e de Sua verdade, que introduzem ensinamentos falsos em muitas áreas. Eles distorcem a Palavra de Deus e fazem mau uso dela para espalhar mentiras e exercer poder sobre as almas.

Luc 13:20-21 | Parábola do fermento

20 E disse outra vez: A que compararei o Reino de Deus? 21 É semelhante ao fermento que uma mulher, tomando-o, escondeu em três medidas de farinha, até que tudo levedou.

O Senhor pergunta mais uma vez com o que Ele deve comparar o Reino de Deus. Ele quer acrescentar outra parábola à anterior e, assim, iluminar o Reino de Deus de uma perspectiva diferente. Ao fazer a pergunta novamente, Ele capta a atenção dos ouvintes e os faz pensar sobre o assunto.

No grão de mostarda, Ele mostra o crescimento externo do reino, como as pessoas o veem e lidam com ele. Ao acrescentar a parábola do fermento, o Senhor enfatiza o aspecto interno do reino. Nas Escrituras, o fermento é exclusivamente uma figura do pecado. Portanto, quando o reino de Deus é comparado ao fermento, a questão é que o reino de Deus assume uma característica interna que é pecaminosa. Não se trata apenas de influências malignas, como apresentado nos pássaros, mas há um efeito penetrante e sempre progressivo do mal, pelo qual, em última análise, toda a cristandade está permeada pelo pecado.

Na prática, vemos isso na Igreja Católica Romana, que, como sistema religioso, exerce sua influência corruptora na cristandade e, por fim, fermenta toda a cristandade com ela. No ecumenismo, isso terá seu efeito total. Portanto, vemos não apenas o surgimento na terra de um poder que começa muito pequeno e se torna tremendamente grande, mas também um sistema dogmático que se espalha em uma determinada área (cristandade) e influencia os pensamentos e sentimentos das pessoas.

“Uma mulher” traz o fermento. A mulher é uma imagem da igreja corrupta. As três medidas de farinha falam do Senhor Jesus (veja a oferta de cereais em Gênesis 2). A corrupção que a mulher introduz tem a ver com a pessoa de Cristo. Sua pessoa está sendo atacada. Ensinamentos demoníacos e abomináveis sobre Ele encontraram seu caminho no cristianismo.

Luc 13:22-24 | Entrando pela porta estreita

*22 E percorria as cidades e as aldeias, ensinando e caminhando para Jerusalém.
23 E disse-lhe um: Senhor, são poucos os que se salvam? E ele lhe respondeu:
24 Porfiai por entrar pela porta estreita, porque eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão.*

Lucas menciona novamente no intervalo, que o Senhor está a caminho de Jerusalém e o que Ele faz no caminho para lá. O Senhor sabe o que enfrentará em Jerusalém, mas continua Seu ministério sem se intimidar. Ele deve perecer em Jerusalém pelas mãos de Seu povo. Eles O rejeitarão, mas Suas palavras de graça continuarão a ser ouvidas.

Enquanto Ele ensina em algum lugar do caminho, alguém faz uma pergunta. Essa pessoa quer saber Dele se são poucos os que serão salvos. A pergunta deve ter surgido de Seu ensino. O Senhor não dá uma resposta direta a isso, mas se dirige à consciência do questionador no que diz. Ele não está preocupado com a pergunta, mas com o questionador.

É verdade que em Sua resposta soa que há poucos, porque é preciso entrar por uma porta estreita. Não cabe nada que seja do homem, que o torne grande. Ele precisa se tornar pequeno. É uma questão de o questionador se certificar de que está em um relacionamento correto com Deus. Isso não significa que ele tenha que realizar algo para isso, mas ele deve buscá-lo com tanta diligência que isso pode ser comparado a uma luta.

A questão aqui é que é preciso lutar para entrar pela “porta estreita”. A porta estreita significa que a pessoa se volta para Deus com fé e arrependimento. Isso é fácil, mas também é difícil, até mesmo impossível para aquele que não quer romper com sua vida antiga. Nada da carne e do mundo pode entrar nela. É uma luta chegar até aqui.

O Senhor fala daqueles que entendem, que não é suficiente pertencer ao povo escolhido. Eles entendem que precisam nascer de novo e, para isso, devem olhar para Deus, que mostrou que o Senhor Jesus é a porta (Joã 10:9). Muitos tentarão entrar no reino, mas o farão de maneira confortável, em seus próprios termos. Eles querem entrar pela porta larga, mas não terão sucesso.

Eles tentam obter as bênçãos do reino sem terem nascido de Deus. Querem ter todos os privilégios prometidos a Israel sem nascer da água e do Espírito (Joã 3:3,5). No entanto, isso é impossível. Eles tentarão entrar. Mas não podem, porque para isso precisam passar pela porta estreita, ou seja, precisam se converter e nascer de novo, e eles não querem fazer isso. Deus tem uma casa na Terra cuja porta está aberta para qualquer pessoa que queira entrar. Entretanto, isso só é possível pela porta estreita.

Nos versos seguintes, o Senhor mostra que está chegando um tempo em que o dono da casa se levantou e fechou a porta, e a árvore foi cortada verso 9. Para Israel, o tempo de entrar nas bênçãos do reino está encerrado. Aqueles que são convidados ficam do lado de fora.

Luc 13:25-30 | Fora da porta

25 Quando o pai de família se levantar e cerrar a porta, e começardes a estar de fora e a bater à porta, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos; e, respondendo ele, vos disser: Não sei de onde vós sois, 26 então, começareis a dizer: Temos comido e bebido na tua presença, e tu tens ensinado nas nossas ruas. 27 E ele vos responderá: Digo-vos que não sei de onde vós sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais a iniquidade. 28 Ali, haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no Reino de Deus e vós, lançados fora. 29 E virão do Oriente, e do Ocidente, e do Norte, e do Sul e assentar-se-ão à mesa no Reino de Deus. 30 E eis que derradeiros há que serão os primeiros; e primeiros há que serão os derradeiros.

Chega um momento em que não há mais oportunidade de entrar pela porta que Deus indicou, que é a de seu Filho. É como a porta da arca de Noé. Durante muito tempo, o convite foi feito para escapar do juízo anunciado. Então chegou a hora de Deus fechar a porta (Gên 7:16). A porta só será aberta novamente quando os julgamentos tiverem purificado a Terra. Não importava o quanto as pessoas batessem na porta quando chovia e a água começava a subir, e não importava o quanto batessem quando continuava chovendo e a água continuava subindo – a porta permanecia fechada. Somente aqueles que haviam entrado na arca com Noé estavam seguros e salvos.

O mesmo acontece com as pessoas que ficam do lado de fora da porta quando Deus se levanta e fecha a porta da graça. Elas baterão e pedirão para que lhes seja aberta. No entanto, o Senhor lhes responderá que não sabe de onde eles são. O tempo da graça terminou quando o Senhor Jesus se levantou para julgar a Terra e Seu povo (Isa 26:20-21).

O Senhor conhece as reações que se seguirão quando a porta for fechada e os juízos chegarem. Eles vão querer lembrá-lo de que, afinal, Ele deve tê-los visto. Afinal de contas, eles comeram e beberam diante Dele. Afinal de contas, eles estavam lá quando Ele ensinou em suas ruas. Assim, eles invocam prerrogativas externas cuja importância, obviamente, eles notam de repente. A tragédia é que, ao mesmo tempo, eles estão dando uma prova clara de sua culpa. Ele estava lá e eles não O queriam. Ele havia ensinado em suas ruas, mas eles – ainda piores do que as nações – O desprezaram e rejeitaram. Eles não haviam se convertido. O tempo da graça finalmente acabou. O julgamento está marcado. A mudança não é mais possível.

Ele, o Onisciente, que sabe perfeitamente de onde eles vêm, diz a eles que não sabe de onde eles são. De onde quer que venham – em qualquer caso, não estão em contato com Ele. É por isso que Ele os manda embora. Nem jamais estarão em contato com Ele. A razão é que eles são malfeitores. Eles sempre agiram de acordo com a vontade própria e desconsideraram os direitos de Deus.

Eles são mandados embora, para longe do Senhor, para onde há “choro e ranger de dentes”. O “choro” é por causa da dor e da tristeza, e o ranger de dentes é por causa da raiva que os controlará incessantemente (Atos 7:54).

A agonia da dor infernal é agravada quando eles veem os homens que sempre disseram ser descendentes deles. No entanto, isso era verdade apenas com relação à descendência física deles. Eles nunca compartilharam da fé desses homens. Espiritualmente, eles são descendentes do diabo, de quem compartilham a sorte. Eles não queriam entrar no reino de Deus pela porta estreita. Não obedeceram às vozes dos profetas que os chamavam à conversão. Agora eles são expulsos, estão fora do reino, fora do lugar de bênção.

Em seu lugar, virão pagãos de todas as direções e se deitarão à mesa no reino. Eles entraram pela porta estreita da conversão a Deus e da fé no Senhor Jesus. A porta não é apenas para Israel, mas para todas as pessoas em toda a Terra. A graça de Deus é para todos.

O Senhor termina sua resposta com uma palavra especial, pela qual se reconhece que a graça ainda existe para Israel, afinal de contas. A mensagem da graça foi enviada primeiro a Israel e depois aos gentios. Israel rejeitou a graça, e assim os gentios receberam primeiro uma parte da graça. Mais tarde, Israel, ou seja, um remanescente, também participará da graça. Deus não rejeitou seu povo para sempre.

Luc 13:31-35 | Lamentação sobre Jerusalém

31 Naquele mesmo dia, chegaram uns fariseus, dizendo-lhe: Sai e retira-te daqui, porque Herodes quer matar-te. 32 E lhes respondeu: Ide e dizei àquela raposa: eis que eu expulso demônios, e efetuo curas, hoje e amanhã, e, no terceiro dia, sou consumado. 33 Importa, porém, caminhar hoje, amanhã e no dia seguinte, para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém. 34 Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e não quiseste? 35 Eis que a vossa casa se vos deixará deserta. E em verdade vos digo que não me vereis até que venha o tempo em que digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor!

Os ensinamentos do Senhor não agradam aos fariseus. Quando o Senhor entra no território de Herodes a caminho de Jerusalém, eles o abordam com a mensagem de que Herodes quer matá-Lo. Parece que estão tentando amedrontá-Lo com a mensagem sob o pretexto de que estão preocupados

com Sua vida. No entanto, Ele não se impressiona com a suposta preocupação deles. Ele sabe que, por mais perverso que Herodes seja, os fariseus não são melhores e que a expressão de interesse e preocupação deles com Sua pessoa é hipocrisia.

Parece também que Herodes está usando a mentalidade dos fariseus. No ódio que ambos têm por Ele, eles se encontram, e um usa o outro para seus próprios planos assassinos. O Senhor, porém, não se deixa influenciar, não importa qual seja a intenção do inimigo. Ele tem uma obra a fazer para Seu Pai. Com desprezo divino por esse rei que busca a Sua vida, Ele o chama de “raposa” – por causa de sua astúcia em torpedear o testemunho do Senhor para Deus.

É claro que o Senhor percebe suas intenções e sua astúcia é em vão. Ele não hesita em dizer isso claramente. Eles rejeitaram aquele que veio para reunir seu povo sob suas asas, como uma galinha com seus pintinhos, preferindo uma raposa. Ele veio para fazer a vontade de Deus que o enviou. Essa vontade deve ser feita em todas as circunstâncias. Portanto, Ele simplesmente faz, como em todos os outros dias, a obra de Deus, hoje, amanhã e todos os dias seguintes.

Sua obra é verificável. Ele expulsa demônios e realiza curas, todas obras de graça. E então, no terceiro dia – figurativamente falando, porque serão meses antes de Ele sofrer e morrer – Ele será completado. Ele morrerá na hora e no lugar que Deus designou, nem antes, nem depois, nem em qualquer outro lugar. Ao mesmo tempo, isso significa que Ele chegará ao fim de Sua carreira terrena, ou seja, que Ele terá alcançado Sua meta. Com Sua ressurreição, Ele terá alcançado completamente Sua meta. Lucas, na verdade, aponta para isso ao usar a expressão “ao terceiro dia”, porque ela frequentemente aponta para a ressurreição.

O Senhor está falando sobre o fato de que Ele está ocupado com Sua obra e que ela precisa necessariamente ser concluída. Ele precisa ir para a cruz. Depois de concluir Seu caminho, por meio de Sua morte e ressurreição, Ele assumirá uma nova posição na glória celestial. Ele também sabe muito bem que nem um único poder humano pode impedi-Lo em Sua obra. Ele realizará tudo. Com esse propósito, Ele está a caminho de Jerusalém, pois

lá todos os profetas foram mortos. Nenhum outro tratamento o aguarda, a não ser o de todos os profetas que o precederam.

No entanto, Ele é mais do que um profeta. O que Ele diz com dor sobre Jerusalém, nenhum profeta foi capaz de dizer. Ele é o SENHOR de Jerusalém. Ele menciona o nome da cidade duas vezes a fim de enfatizar Sua simpatia interior por essa cidade. Ele tem o poder e a capacidade de reuni-los por amor, assim como a galinha tem pela sua ninhada (Jer 31:10). Ele estava tão ansioso para proteger Seu povo sob Suas asas da calamidade que se aproximava. (Deus é um Pai com sentimentos maternais e, como tal, é um modelo para os pais e mães terrenos). Ele poderia ter sido o escudo e a grande recompensa deles (Gên 15:1), mas eles não quiseram. Eles demonstraram muitas vezes que O rejeitaram ao matar os profetas que Deus havia enviado em Seu amor por eles.

Pelo fato de Jerusalém ter sido tão obstinada, o Senhor a deixa entregue a si mesma. Ele se retira da casa de Israel e também do Templo, que não é mais a casa de Deus, mas se tornou a casa deles. Ele os deixa por conta própria e vai embora. Eles não O verão mais “até que...”.

O “até que” anuncia uma mudança de coração neles. Essa mudança será evidente quando eles gritarem: “Bendito o que vem em nome do Senhor!” Isso é o que eles gritarão quando o Senhor Jesus voltar para libertar Seu povo, ou seja, o remanescente, de seus inimigos, julgando os inimigos.

Antes que isso aconteça, porém, o povo ainda gritará em massa: “Fora, fora! Crucifica-o!”

Lucas 14

Luc 14:1-6 | A cura de um hidrópico

1 Aconteceu, num sábado, que, entrando ele em casa de um dos principais dos fariseus para comer pão, eles o estavam observando. 2 E eis que estava ali diante dele um certo homem hidrópico. 3 E Jesus, tomando a palavra, falou aos doutores da lei e aos fariseus, dizendo: É lícito curar no sábado? 4 Eles, porém, calaram-se. E tomando-o, o curou e despediu. 5 E disse-lhes: Qual será de vós o que, caindo-lhe num poço, em dia de sábado, o jumento ou o boi, o não tire logo? 6 E nada lhe podiam replicar sobre isso.

Embora o Senhor tenha acabado de falar de Sua rejeição por parte de Jerusalém, Ele continua a demonstrar graça e misericórdia. Ele foi novamente à casa de um fariseu para comer (Luc 7:36; 11:37). Dessa vez, Ele o faz em um sábado. Ele está cercado por pessoas que estão observando atentamente para ver se Ele faz algo que seja contrário às suas leis. Os fariseus querem usar o mandamento do sábado para amarrar Suas mãos misericordiosas. Ele rompe as cordas mostrando que tem tanta compaixão por um homem em todos os casos quanto eles têm por seus animais.

Sua misericórdia excede em muito a visão legalista deles. Ele prova isso em Sua ação com o hidrópico que está ali presente. Eles sentem que Ele fará algo novamente, pois sabem muito bem que, onde quer que haja sofrimento e doença, Ele ajuda com Sua graça. Possivelmente, eles colocaram esse hidrópico diante Dele de propósito. Ao colocá-lo ali, sem querer, eles lhe deram o lugar onde ele pode encontrar a cura.

Um hidrópico é aquele cujo corpo retém água, tornando-o inchado e protuberante. Isso o impede de entrar pela porta estreita. É a hidropsia de Israel. A água é uma figura da Palavra de Deus. Na aplicação, podemos ver nesse homem alguém que está inchado pelo conhecimento da Palavra de Deus (1Cor 8:1). Ele é a expressão física da condição espiritual dos fariseus. Há, porém, uma grande diferença. Esse homem está diante do Senhor Jesus e quer se curar, enquanto os fariseus pensam que estão bem; portanto, são inimigos do Senhor Jesus.

O Senhor sabe que eles O estão observando. Ele conhece seus maus pensamentos. Sua pergunta se é lícito curar no sábado ou não é uma resposta aos maus pensamentos deles. Com Sua pergunta, Ele se dirige à consciência deles, mas os líderes perversos e impiedosos não respondem. O Senhor, por meio de Seu ato de misericórdia, dá uma primeira resposta. Ele age com força. Ele toca o homem. Essa também é a única solução em uma situação como essa. Assim, Ele também tocou com firmeza o fariseu Saulo e o jogou no chão (Atos 9:3-4). O Senhor cura o homem e o liberta. Esse homem está saudável e segue seu caminho em liberdade.

Para os fariseus, o Senhor tem mais instruções. Ele continua com Sua resposta fazendo uma nova pergunta. Essa resposta em forma de pergunta é um pouco diferente da resposta que Ele deu ao chefe da sinagoga no capítulo anterior (Luc 13:15). Lá, trata-se mais do fato de que um animal precisa ser tratado a tempo, enquanto aqui se trata de um caso que não tolera nenhum atraso. Não se trata apenas de um animal que precisa beber e deve ser levado ao poço para beber, mas de um animal que caiu no poço.

O Senhor compara a cura do hidrópico a uma situação em que um filho ou um boi caiu e corre o risco de perecer. Ao curar o hidrópico, ele pode voltar a atuar como um filho e como um boi. Um filho é para a alegria do Pai (Efé 1:5), e um boi é a figura de um servo (1Cor 9:8-10).

Eles também não podem contestar essa resposta. A graça e a verdade de Deus são inegavelmente boas.

Luc 14:7-11 | Instrução para os convidados

7 E disse aos convidados uma parábola, reparando como escolhiam os primeiros assentos, dizendo-lhes: 8 Quando por alguém fores convidado às bodas, não te assentes no primeiro lugar, para que não aconteça que esteja convidado outro mais digno do que tu, 9 e, vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: Dá o lugar a este; e então, com vergonha, tenhas de tomar o derradeiro lugar. 10 Mas, quando fores convidado, vai e assenta-te no derradeiro lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, assenta-te mais para cima. Então, terás honra diante dos que estiverem contigo à mesa. 11 Porquanto, qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado.

O verso 1 diz que eles O observam, mas na verdade é o contrário verso 7. Ele os observa e vê como os convidados se preocupam com os primeiros lugares. Essas pessoas, que não têm consciência de sua própria necessidade, não apenas querem espreitá-Lo fazendo o bem aos outros, mas também sempre se esforçam para se exaltar.

Isso faz com que o Senhor dê mais instruções, e Ele continua a fazê-lo até o capítulo 17:11, onde O vemos realizando uma obra novamente. Com Sua instrução, Ele quer revelar a consciência deles à luz, com o objetivo de que aprendam a se ver à luz de Deus e se convertam. A instrução também é importante para nós, porque a inclinação para tudo o que Ele aponta também está presente em nós. Se não dermos atenção aos Seus ensinamentos, cairemos no mesmo mal. Para nós, Seu ensinamento contém muitas advertências. Quando olhamos ao nosso redor, vemos o que Ele menciona acontecendo, mas muitas vezes não somos capazes de testemunhar contra isso porque frequentemente encontramos a mesma coisa acontecendo dentro de nós.

O Senhor dá Seu ensinamento por meio de uma parábola. Ele a descreve como um convite para um casamento. Em uma festa de casamento, certos lugares são reservados para convidados importantes. O orgulho do homem cobiça um lugar que mostre aos outros o quanto ele é importante. Se nos sentarmos em um lugar que não é nosso, a consequência será que seremos retirados dali porque chegou uma pessoa mais importante para a qual aquele lugar já estava reservado.

Podemos ter entrado pela porta estreita, mas ainda nos achamos muito importantes. A velha natureza também entrou, mas devemos mantê-la no lugar da morte, ou seja, não devemos ceder a ela. Se cedermos a ela, Aquele que enviou o convite nos mostrará nosso lugar, pois Ele também designou os lugares, Ele sabe qual é o lugar de cada um.

Se ocuparmos um lugar na primeira fila que é destinado a outra pessoa, teremos de deixá-lo novamente quando essa pessoa chegar. Então, ocuparemos o último lugar, com rubor no rosto, mais longe do centro da festa. Por isso é melhor que sejamos convidados a ocupar o lugar inferior. Quando nos dizem: "Amigo, suba mais", é um sinal de honra que é sentido por todos. Ela nos é concedida sem que a tenhamos buscado (Pro 25:6-7).

A simpatia do Senhor está com aqueles que ocupam o lugar mais baixo, o lugar de serviço. Isso significa identificar-se com o lugar que Ele mesmo sempre ocupou. Todos os outros convidados também têm respeito por alguém que ocupou o lugar mais baixo e a quem o Senhor se dirige como amigo e convida para um lugar mais alto.

O Senhor termina a parábola com um princípio importante. A busca do ego inevitavelmente levará a uma queda profunda. Entretanto, aquele que ocupar o lugar mais baixo acabará tendo permissão para ocupar o lugar mais alto. O Senhor Jesus se humilhou e foi exaltado à direita de Deus (Flp 2:8-9). Isso acontecerá com qualquer pessoa que O seguir nesse espírito de humildade (Tia 4:10; Jó 5:11; Joã 12:26). Com Satanás e seus seguidores acontecerá a primeira coisa: Eles se exaltam e serão humilhados.

Luc 14:12-14 | Instruções para aquele que convida

12 E dizia também ao que o tinha convidado: Quando deres um jantar ou uma ceia, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem vizinhos ricos, para que não suceda que também eles te tornem a convidar, e te seja isso recompensado. 13 Mas, quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos 14 e serás bem-aventurado; porque eles não têm com que to recompensar; mas recompensado serás na ressurreição dos justos.

Depois de uma palavra para os convidados, o Senhor também tem uma palavra para o anfitrião e para todos os que convidam outras pessoas. Ele não apenas percebe que os convidados têm seus próprios interesses em mente, mas também percebe que o convite não é feito de forma altruísta. Há uma intenção oculta de beneficiar a si mesmo. Isso deve trazer prestígio e, algo um tempo depois. É assim que as coisas são feitas na maioria das vezes no mundo, mas infelizmente também entre os cristãos. Fazer o bem de forma verdadeiramente altruísta só é possível quando se segue o Senhor Jesus.

O Senhor os lembra do que Ele mesmo faz constantemente, que é estender a mão para as camadas mais baixas da sociedade. Que convidem os desfavorecidos e desprivilegiados, os oprimidos e os deficientes. O mundo não consegue fazer nada com isso, mas Deus consegue.

Aplicado espiritualmente, o Senhor Jesus quer que distribuamos de nossas riquezas espirituais para os espiritualmente desfavorecidos. A felicidade associada a essa ação é a satisfação interior que Ele proporciona porque a ação é realizada por Sua graça.

A felicidade vai muito além da simples gratificação instantânea. Aqueles que agem dessa forma podem contar com retribuição no futuro, na ressurreição dos justos. Diante do tribunal de Cristo, aqueles que agiram de forma altruísta na graça do Senhor receberão retribuição por isso na forma de uma tarefa no reino da paz.

Luc 14:15-20 | O convite recusado

15 E, ouvindo isso um dos que estavam com ele à mesa, disse-lhe: Bem-aventurado o que comer pão no Reino de Deus! 16 Porém ele lhe disse: Um certo homem fez uma grande ceia e convidou a muitos. 17 E, à hora da ceia, mandou o seu servo dizer aos convidados: Vinde, que já tudo está preparado. 18 E todos à uma começaram a escusar-se. Disse-lhe o primeiro: Comprei um campo e preciso ir vê-lo; rogo-te que me hajas por escusado. 19 E outro disse: Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-los; rogo-te que me hajas por escusado. 20 E outro disse: Casei e, portanto, não posso ir.

Alguém que está à mesa e ouviu atentamente percebe o alcance das palavras do Senhor. Ele percebe que o Senhor está falando sobre o reino de Deus e diz em voz alta como deve ser feliz estar no reino e comer o pão ali, alimentar-se do que Deus oferece como alimento. Nesse aspecto, ele se assemelha à mulher da multidão que, por ocasião de suas palavras, pronuncia “bem-aventurada” sobre aquela que lhe foi concedida para ser sua mãe (Luc 11:27-28). Assim como lá, aqui se trata de uma impressão externa, que em si mesma é correta, mas que não promove a pessoa que é impressionada. O homem vê o privilégio de estar no reino, mas não tem parte nele.

Na parábola, o Senhor deixa claro por que as pessoas recusam o convite para comer pão no reino e, ainda assim, quais pessoas participarão da refeição. O início da parábola deixa claro a grande graça de Deus e a oferta generosa de Sua graça. Ele preparou um “grande” banquete onde há lugar

para muitos que Ele convida. Provavelmente se trata de uma “ceia”, uma refeição no final do dia. O dia da graça está chegando ao fim.

A parábola mostra o desejo que Deus tem em Seu coração de que Sua casa esteja cheia de pessoas com quem Ele possa compartilhar as riquezas de Seu coração. A parábola também deixa claro que Ele mesmo tratará disso porque as pessoas não querem. Vemos aqui a soberania de Deus ao mostrar Sua graça e misericórdia para encher Sua casa. Também é importante ver que se trata de uma casa agora, aqui na Terra, e não de uma casa em breve no céu.

Quando chega o momento de começar o banquete, o anfitrião (uma figura de Deus) envia seu servo. O servo é o Espírito Santo que, como servo, faz com que outros servos preguem o evangelho aos homens, que é a boa notícia do banquete que está pronto. O fato de o banquete estar pronto pressupõe que o Senhor Jesus tenha realizado a obra na cruz. No Evangelho, os convidados são informados de que tudo está pronto.

Os convidados são os judeus. Para eles, o Evangelho vem em primeiro lugar (Rom 1:16). Ele trata dos tesouros do céu que estão prontos e podem ser desfrutados agora por causa da obra de Cristo. Como Cristo lançou o alicerce para isso na cruz, o convite pode ser feito. Deus enviou seu Filho para preparar o banquete para aqueles que são convidados. Deus enviou seu Espírito para preparar os convidados para a refeição.

Mas quando o servo chega aos convidados, todos eles têm uma desculpa para não comparecer. Eles têm coisas demais para passar pela porta estreita, coisas que não querem deixar na porta. As razões que eles dão não são coisas erradas em si mesmas. São deveres humanos comuns. Não se trata de alguém que esteja bêbado demais para entrar, ou de alguém que tenha caído como resultado de uma vida dissoluta, como o filho pródigo. Todos eles são pessoas decentes e respeitáveis. Eles desfrutam das dádivas do Criador, mas o próprio Criador não deve interferir mais. Eles estão tão ocupados com seus próprios assuntos que não têm tempo para o banquete da graça. Essas são desculpas de incredulidade baseadas em supostos deveres, em preocupações temporais e materiais.

A primeira desculpa vem de alguém que comprou um campo. Ele está muito ansioso para ver como ele é, e realmente precisa dar uma olhada

nele primeiro. Ele também está curioso sobre o rendimento. Ele acabou de comprá-lo e ainda quer semear e ganhar dinheiro para fazer seu próprio banquete com ele. Portanto, ele não tem interesse no banquete que Deus preparou. Talvez ele também sonhe com grandes celeiros onde possa armazenar a colheita (cf. Luc 12:16-19). Não, ele não tem tempo para aceitar o convite e educadamente se retira.

Uma segunda pessoa que recebe o convite dá como desculpa o fato de ter comprado cinco juntas de bois. Essa nova compra o ocupa tanto que ele realmente não pode aceitar o convite. Ele simplesmente precisa experimentar as cinco juntas de bois primeiro. E pode ter certeza de que, se for bem-sucedido, ele mesmo preparará seu banquete, em uma mesa farta, com iguarias que ele mesmo ganhou. Por causa dele, esse banquete de Deus não precisa existir. Não, ele também não tem tempo para aceitar o convite e educadamente se retira.

Uma terceira desculpa vem de alguém que se casou (recentemente?). Ele considera esse um motivo excepcionalmente válido para recusar o convite de Deus. Para esse homem, também, viver no mundo aqui e agora e ter uma família é mais importante do que um lugar à mesa que Deus preparou. Além disso, sua esposa pode preparar uma excelente refeição. Ele não precisa da refeição de Deus. Não, ele não pode vir e nem se dá ao trabalho de pedir desculpas. Como alguém pode incomodá-lo com a notícia de um banquete que ele não vê, quando ele mesmo tem um banquete tão bom?

Luc 14:21-24 | A casa deve estar cheia

21 E, voltando aquele servo, anunciou essas coisas ao seu senhor. Então, o pai de família, indignado, disse ao seu servo: Sai depressa pelas ruas e bairros da cidade e traze aqui os pobres, e os aleijados, e os mancos, e os cegos. 22 E disse o servo: Senhor, feito está como mandaste, e ainda há lugar. 23 E disse o senhor ao servo: Sai pelos caminhos e atalhos e força- os a entrar, para que a minha casa se encha. 24 Porque eu vos digo que nenhum daqueles varões que foram convidados provará a minha ceia.

O servo conta ao seu senhor o que vivenciou. Quando o mestre ouviu como as pessoas responderam ao seu convite, ele ficou furioso. Sua graça foi desprezada (Heb 10:28-29). As pessoas privilegiadas estavam muito ocupadas

e recusaram o convite com indiferença. O servo recebe outra tarefa, que deve ser executada rapidamente, pois a pressa é necessária. Ele deve ir buscar todos os tipos de pessoas na rua, pessoas que jamais pensariam em receber um convite. Elas também não são convidadas, não lhes é perguntado se querem vir. O servo deve trazê-las. A partir de então, a questão passa a ser os cobradores de impostos, os pecadores e todos os miseráveis.

Os primeiros que são compelidos a entrar são da cidade, de Israel. Eles estão cientes de sua pobreza e não têm dificuldade para entrar pela porta estreita. Eles não tinham campos, bois ou mulheres que fossem um obstáculo para entrar. Isso aconteceu no dia de Pentecostes (Atos 2:40-41; 4:4). O servo obedientemente cumpre essa ordem.

Mas a casa ainda não está cheia. Ainda há espaço, embora os primeiros três mil e depois outros cinco mil já tenham entrado na casa de Deus, a igreja. Deus tem tanto para distribuir que obriga os outros a entrarem. O Senhor dá outra ordem ao servo para sair. Ele deve olhar para todos os lados para ver onde pode estar alguém e, quem quer que encontre, deve compelir a entrar.

Estamos aqui novamente dando um passo adiante, porque esse é obviamente o Evangelho para as nações. Pela misericórdia de Deus, depois que Israel rejeitou o Evangelho, o Evangelho agora é pregado com mais força a eles também. Ninguém aceitou o convite por vontade própria, mas a graça soberana de Deus o obrigou a fazer isso. Deus não apenas enche a mesa, por assim dizer, mas também as cadeiras. Que graça é essa! Quem já ouviu falar da festa mais rica de todos os tempos, da qual participaram apenas pessoas que foram coagidas a comparecer?

A maravilha se torna ainda maior, pois toda a glória do banquete que Deus preparou e que em breve desfrutaremos em perfeição no céu, podemos desfrutar agora mesmo na casa de Deus na terra. Essa é a casa para a qual o Pai traz o filho pródigo (Luc 15:22-24).

O Senhor determina que aqueles que foram originalmente convidados, mas se recusaram a vir, jamais provarão Seu banquete. Aqui o Senhor Jesus pronuncia o julgamento sobre os convidados, especialmente sobre o Israel apóstata. Eles escolheram deliberadamente a vida na Terra com todos os seus prazeres. Rejeitaram a vida eterna (Atos 13:46), porque, sem

tê-la provado, sabem que, afinal, ela não lhes convém. Eles recebem o que escolheram: Nunca provarão o banquete.

Luc 14:25-33 | Calcular o custo

25 Ora, ia com ele uma grande multidão; e, voltando-se, disse-lhe: 26 Se alguém vier a mim e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. 27 E qualquer que não levar a sua cruz e não vier após mim não pode ser meu discípulo. 28 Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? 29 Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, 30 dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar. 31 Ou qual é o rei que, indo à guerra a pelejar contra outro rei, não se assenta primeiro a tomar conselho sobre se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil? 32 De outra maneira, estando o outro ainda longe, manda embaixadores e pede condições de paz. 33 Assim, pois, qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo.

Quando algo está disponível gratuitamente, atrai muitas pessoas. A oferta da graça é generosa e atraente. Mas o fato de a festa ser acessível gratuitamente não significa que ela seja barata. É por isso que o Senhor também lança luz sobre o outro lado do convite. Ele também tem uma palavra para aqueles que O seguem sem se dar conta do que significa segui-Lo. Ele se volta e fala a todos sobre as condições do discipulado. Não há condições associadas à graça de Deus. No entanto, o Evangelho, no qual essa graça é proclamada, coloca nossos pés no caminho do discipulado, que só pode ser trilhado sob essas condições.

O discípulo deve seguir a Cristo de forma tão simples e decisiva que, para as outras pessoas, pareça que ele negligencie completamente os laços familiares naturais e seja indiferente às reivindicações da família imediata. Não é que o Senhor exija indelicadeza, mas é assim que pode e deve parecer para aqueles de quem se despede, por assim dizer, em Seu nome.

Para alguém que deseja ser um discípulo, a atração da graça deve exercer uma influência maior do que todos os laços naturais e todas as outras rei-

vindicações de qualquer tipo. “aborrecer” não significa nutrir sentimentos de ódio, mas significa considerar sem importância quando se trata de seguir o Senhor Jesus. Assim, Ele não se deixou influenciar por Sua mãe, irmãos e irmãs. Nesse sentido, Ele os aborrece.

Além disso, não é suficiente vir até Ele e começar a segui-Lo, mas devemos segui-Lo dia após dia. Quem não fizer isso não pode ser Seu discípulo. Portanto, vemos no verso 26 que devemos abrir mão de tudo por Cristo, e no verso 27 que devemos segui-Lo apesar das dificuldades e dos sofrimentos, e fazê-lo com perseverança. O Senhor faz disso uma questão de custo. Todos os que iniciam um projeto primeiro calculam o custo. Ninguém se precipita em um empreendimento incerto. O mesmo acontece com o discipulado. Seguir o Senhor Jesus não é uma questão de emoção, mas de reflexão sóbria que resulta em uma decisão clara.

Uma torre é uma imagem de um testemunho visível, de vigilância e de olhar para o futuro. Podemos dizer que vivemos para o futuro, para estarmos com Cristo então, mas isso significa abrir mão de tudo na Terra. Esse é o custo. Seguir a Cristo só é perseverar se permanecermos vigilantes e mantivermos nossos olhos fixos na vinda de Cristo. Caso contrário, mais cedo ou mais tarde, deixaremos de segui-Lo porque não estaremos mais dispostos a fazer sacrifícios.

Isso nos preparará e também o opróbrio de Cristo. Então, seremos como alguém que começou uma obra, mas depois de um tempo parou de fazê-la porque calculou mal o custo. Essa pessoa se torna motivo de chacota. Certamente não passa despercebido o fato de que alguém que começou a seguir o Senhor joga a toalha. As pessoas ao seu redor notaram que ele havia começado a construir. Também notaram que a construção parou depois de pouco tempo.

O Senhor compara o discipulado não apenas a um projeto de construção, mas também a uma guerra. Ele apresenta às multidões que um discípulo está em uma zona de guerra. Aquele que está pensando em segui-Lo deve primeiro verificar se está preparado para a batalha. O exército em que ele serve é forte o suficiente para enfrentar o inimigo? A superioridade é grande.

Ser uma testemunha no mundo também traz dificuldades. Ser testemunha tem um custo. Em uma guerra, se houver certeza de que você será derrotado na batalha, é razoável pedir os termos de paz com antecedência. Você deve solicitá-los quando o outro ainda não o atacou.

Se realmente entregarmos tudo o que temos, ficaremos completamente dependentes da ajuda do grande Mestre. Então, o caminho do discipulado também se abre diante de nós como um grande desafio.

Luc 14:34-35 | Sal sem poder

34 Bom é o sal, mas, se ele degenerar, com que se adubará? 35 Nem presta para a terra, nem para o monturo; lancem-no fora. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça.

Quando o verdadeiro discípulo cumpre as condições, ele é sal. Toda oferta de cereal tinha de ser salgada com sal (Lev 2:13). A vida de um discípulo é um sacrifício desse tipo (Rom 12:1). O sal é bom (Mar 9:50; Mat 5:13). O sal tem um caráter conservante e antifúngico. Ele afasta o que é ruim e preserva o que é bom. Se o discípulo se afrouxa e se esquece de que é sal, ele perde sua característica de ser um discípulo que vive de acordo com os padrões de Deus. O resultado é que ele se conforma com o mundo. A corrupção do mundo, da qual ele havia escapado (2Ped 1:4), volta a entrar em sua vida. Ele perde seu caráter de testemunha.

Essa pessoa não é mais um verdadeiro discípulo de Cristo. Ela não está apta para os propósitos do mundo e abandonou o propósito que Deus tem para ela. Ele tem muita luz ou conhecimento para se ocupar com as vaidades e os pecados do mundo, e não tem prazer na graça e na verdade que devem mantê-lo no caminho de Cristo. A expressão “lançam-no fora” tem, de fato, um significado ilimitado, sem dizer quem o faz.

As últimas palavras, “quem tem ouvidos para ouvir”, apelam a todos os que ouvem as palavras do Senhor. Mas somente os publicanos e pecadores que vêm ouvi-Lo no capítulo seguinte as levam a sério. Eles têm ouvidos para ouvir.

Lucas 15

Luc 15:1-2 | O Senhor recebe publicanos e pecadores

1 E chegavam-se a ele todos os publicanos e pecadores para o ouvir. 2 E os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles.

Enquanto os líderes religiosos O rejeitam, o Senhor é para os publicanos e pecadores alguém que os atrai por Suas palavras de graça, palavras “temperadas com sal” (Col 4:6). Eles são os compelidos a entrar. A atitude dos fariseus e escribas é totalmente alheia à graça. Essas pessoas se sentem muito exaltadas em relação a esse tipo de gente humilde e os desprezam. Essas pessoas não merecem ser tratadas e receber o bem. E é exatamente isso que o Senhor faz. É por isso que eles reclamam.

As pessoas que não têm nenhum conceito de graça só podem, em sua insensibilidade espiritual, criticar os outros que demonstram graça ou vivem pela graça. Essa é a atitude do filho mais velho na terceira parábola. A graça do Senhor vai muito além do que eles reclamam. O Senhor não apenas os recebe, Ele os busca especificamente, como fica evidente na parábola a seguir. Deus tem prazer em demonstrar misericórdia. Que resposta à atitude vil dos fariseus que se opõem a isso!

A ocasião para as parábolas é a reclamação dos fariseus e escribas pelo fato de o Senhor Jesus receber pecadores e comer com eles. Ao fazer isso, eles, sem querer, fazem um grande elogio a Ele. Ele de fato veio só para eles.

Luc 15:3 | Introdução à parábola

3 E ele lhes propôs esta parábola, dizendo:

As três parábolas a seguir formam basicamente uma parábola. Por isso, diz-se que Ele lhes contou “esta parábola”, e não “estas parábolas”. É uma parábola em três partes. Todas as três narrativas tratam do amor pelo que está perdido. Há um amor que busca (ovelha e dracma) e um amor que recebe (filho).

A ovelha e a moeda são passivas. A ovelha é fraca demais para fazer qualquer coisa, e a moeda não pode fazer nada. Com a ovelha e a moeda, vemos o que acontece com o pecador perdido, e com o filho mais novo, vemos o que acontece com o pecador perdido.

Em cada uma das descrições, uma pessoa da Trindade se destaca em particular. Na ovelha, vemos o Senhor Jesus como o bom pastor que carrega todo o fardo; na moeda, vemos o Espírito Santo com Sua luz e o esforço que Ele faz; no Filho, vemos o Pai esperando e dando as boas-vindas.

Luc 15:4-7 | A ovelha perdida

4 Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e não vai após a perdida até que venha a achá-la? 5 E, achando-a, a põe sobre seus ombros, cheio de júbilo; 6 e, chegando à sua casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida. 7 Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.

As noventa e nove representam a classe dos fariseus e escribas. Elas foram deixadas no deserto, não em um pasto cercado. Estão abandonadas a si mesmas, por assim dizer. O pastor está preocupado com a única ovelha que se perdeu, não com as noventa e nove, pois elas não estão perdidas. Os fariseus e os escribas não se consideram perdidos. Portanto, o pastor não intercede por eles, mas pela única ovelha que se perdeu. Ele faria qualquer coisa para encontrá-la, e faria isso até encontrá-la. Se ele não fosse atrás dela, ela continuaria se perdendo e morreria. O pastor vai atrás da ovelha porque ela tem um valor inestimável para ele. Também vemos esse aspecto com a dracma e o filho.

Trata-se da perda que o proprietário experimenta e seu desejo de possuí-la novamente. Trata-se de um Deus cheio de graça e misericórdia que procura pessoas que estão afastadas Dele por causa do pecado. Ele quer mostrar a elas que está satisfeito com elas e trazê-las de volta ao Seu coração. Deus encontra o homem no momento em que ele se arrepende.

Quando o pastor encontra a ovelha, ele a levanta e a coloca em seus ombros. É bom lembrar que o poder e a força do Senhor Jesus em relação à criação

são expressos nas palavras: “E o principado está sobre o seu ombro [KJV]” (Isa 9:6), enquanto aqui diz que Ele coloca a ovelha perdida e encontrada sobre os Seus ombros. Para dominar o mundo, um ombro é suficiente. Para trazer de volta uma ovelha perdida, Ele usa os dois ombros. E Ele a coloca “com alegria” em Seus ombros. Esse é um motivo para o pastor se alegrar por ter sua ovelha de volta.

E para onde o pastor leva a ovelha? Ele não a leva de volta para o deserto, para o rebanho que deixou para trás, mas a leva para Sua casa, a leva para “casa”. A ovelha perdida voltou para casa. O pastor também quer que os outros compartilhem de sua alegria pela ovelha que foi reencontrada. Ele convoca seus amigos e vizinhos para se alegrarem com ele por ter encontrado “minha” ovelha novamente. Uma pessoa que se alegra por ter reencontrado algo que lhe pertence pode entender um pouco como Deus encontra sua alegria na salvação dos perdidos. De qualquer forma, Cristo se refere a essa alegria humana para ilustrar a alegria de Deus.

O Senhor nos assegura que um pecador que se converte proporciona alegria no céu. Lá não há ninguém que resmungue; todos se regozijam em amor. Será que é assim conosco? O céu não se alegra com todas as pessoas que se consideram justas e que, portanto, acham que não precisam de conversão. A verdadeira alegria é o resultado da busca do amor do Senhor Jesus.

Luc 15:8-10 | A dracma perdida

8 Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a candeia, e varre a casa, e busca com diligência até a achar? 9 E, achando-a, convoca as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque já achei a dracma perdida. 10 Assim vos digo que há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende.

Na segunda parte da parábola, o Senhor apresenta uma mulher que perdeu uma dracma. A dracma era uma moeda grega e, portanto, não tinha curso legal em Israel. Portanto, parece que as “dracmas” eram usadas para adornos pessoais na cabeça, no pescoço ou no braço. A mulher dá grande importância a essas joias e, portanto, gosta de mantê-las intactas, talvez mais por seu valor sentimental do que por seu valor real. A dracma tem

muito valor para a mulher. Talvez ela pertencesse a uma coleção de dez dracmas, que perdeu todo o seu brilho com a perda dessa dracma. Portanto, a perda de uma das dez dracmas é motivo para que a proprietária a procure ansiosamente. Portanto, quando a encontra, ela chama seus amigos e vizinhos para se alegrarem com ela.

A mulher representa mais a obra pessoal do Espírito Santo na alma dos homens do que a obra de Cristo, que era o foco da história anterior. De acordo com a posição que a mulher tem segundo os pensamentos de Deus, o Espírito assumiu uma posição de subordinação, de uma eficácia em segundo plano ou em segredo.

Uma moeda perdida é um objeto inanimado e, portanto, um exemplo adequado para deixar claro o que é um pecador perdido de acordo com os pensamentos do Espírito de Deus. Ela nos apresenta uma pessoa que está espiritualmente morta. Essa pessoa tem tão pouco poder de retornar quanto a moeda perdida. Portanto, a dracma nos dá uma imagem adequada de um pecador que não tem a menor força para voltar a Deus (Efé 2:1). O pecador está completamente desamparado. Somente o Espírito Santo ainda pode ajudar. Ele acende uma candeia no coração sombrio do pecador. No que a mulher faz, vemos a obra do Espírito.

A mulher não se conforma com o fato de que sua moeda se foi. Ela acende uma candeia e varre a casa, procurando cuidadosamente até encontrar a dracma. A candeia representa o testemunho da Palavra de Deus. O Espírito é caracterizado acima de tudo pelo zelo, e em Sua atividade Ele usa a Palavra. É por isso que aqui se diz que a candeia é acesa.

Mas isso não é tudo. A mulher varre a casa e procura cuidadosamente até encontrar a dracma. É o amor que se esforça, que remove os obstáculos e procede com muito cuidado e busca minuciosamente. Se ela não tivesse procurado tão minuciosa e persistentemente, jamais teria encontrado a dracma. Assim, o Espírito de Deus está trabalhando incansavelmente para encontrar e tornar vivo um pecador perdido e morto. Ao encontrar a peça perdida, a coleção de moedas está completa novamente.

A possibilidade de que fosse uma peça de joalheria já foi mencionada. Também pode ter sido uma herança ou um presente de casamento. Em todo caso, deve ficar claro que a dracma perdida tem um valor especial

para a mulher. Também vemos isso na alegria que a descoberta da dracma causa na mulher. Ela quer compartilhar essa alegria com seus amigos e vizinhos. É a alegria do Espírito Santo quando um pecador se converte. Portanto, essa alegria que surge quando um pecador se converte é a alegria de Deus. É a alegria “diante” dos anjos (isto é, não “com” os anjos), ou seja, diante da face dos anjos. O que está diante de sua face, o que eles veem? Eles veem a alegria de Deus por um pecador que se arrepende.

Luc 15:11 | Dois filhos

| *11 E disse: Um certo homem tinha dois filhos.*

Depois de cem ovelhas, uma das quais se perdeu, e dez dracmas, uma das quais alguém perdeu, encontramos agora dois filhos, um dos quais se foi. Nessa história, vemos no filho mais novo as profundezas a que o pecador caiu e as alturas a que ele será levado se se converter. O filho mais velho personifica o espírito dos fariseus. Nos dois filhos, temos os dois polos da perda. Portanto, eles abrangem todos os outros casos. No filho mais novo, vemos os publicanos e pecadores; no filho mais velho, os fariseus e escribas.

Embora essa parábola possa ser aplicada a todas as pessoas, o Senhor está falando principalmente dos israelitas que têm um relacionamento especial com Deus. Eles são chamados de “filhos do SENHOR, teu Deus” (Deu 14:1). Portanto, a aplicação é especialmente sobre todos aqueles que ocupam uma posição privilegiada, como os filhos de pais crentes. Nos dois filhos, vemos os dois caminhos que os filhos que foram criados em uma posição privilegiada podem seguir.

Luc 15:12-16 | O filho mais novo deixa seu pai

| *12 E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda. 13 E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua e ali desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolutamente. 14 E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades. 15 E foi e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus cam-*

pos a apascentar porcos. 16 E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada.

O filho mais novo é uma figura do pecador que reivindica sua parte da vida para vivê-la da maneira que deseja. Ao querer sua parte da herança enquanto seu pai ainda está vivo, o filho mais novo está basicamente declarando que seu pai está morto. O pai não tenta fazer com que o filho pense de outra forma, mas dá a cada um dos dois filhos a sua parte.

Portanto, Deus deu a cada pessoa a responsabilidade de fazer o que quiser com sua vida. Então, ficará evidente como alguém quer conduzir sua vida. Não há prova mais clara de que alguém nega a existência de Deus do que o fato de preferir sua própria vontade à vontade de Deus. Essa vontade própria mostra que a pessoa quer viver sem Deus e torna óbvio que ela quer seguir seu próprio caminho, longe de Deus. Essa é, sem dúvida, a raiz de todo pecado. O pecado contra as pessoas certamente virá depois, mas o pecado contra Deus é a causa mais importante.

O homem é posto à prova. Ele é responsável, mas, na verdade, não lhe é negado fazer sua própria vontade. Deus apenas mantém o controle para realizar Seus próprios propósitos de graça. Mas já parece que Deus concede ao homem fazer o que ele quer. Somente assim ficará claro o que significa o pecado, o que o coração busca, o que o homem é com todas as suas presunções.

O filho mais novo, quando exige de seu pai a parte da propriedade, é tão culpado quanto o é em relação aos porcos. Em seu coração, ele já se despediu do pai antes mesmo de ir embora. Então, vemos prefigurado nele o fato de que o homem se vende a Satanás no momento em que deixa Deus. Não apenas temos a descrição de um modo de vida pecaminoso, mas também vemos o fim amargo. Ceder ao pecado traz miséria e angústia. Isso cria um vazio que nada nem ninguém pode preencher. O esbanjamento egoísta de toda a sua riqueza apenas garante que ele acabe sentindo ainda mais esse vazio.

Quando, em total desespero, ele se volta para um dos cidadãos daquela terra em busca de ajuda, vemos a degeneração do pecador. Não há amor, mas egoísmo. O cidadão o trata não como um concidadão, mas como um escravo. Nenhuma escravidão é tão profunda e degradante quanto a de

nossas próprias concupiscências. Ele é tratado como tal. Como deve ter soado aos ouvidos de um judeu o fato de esse filho mais novo ter sido enviado ao campo para pastorear porcos. Ele chega ao ponto mais baixo de necessidade e miséria. No entanto, ninguém lhe dá nada.

A carência ainda não o faz recuar, mas o leva a buscar fontes de ajuda na terra de Satanás, naquilo que a terra tem a oferecer. Quantas almas sentem a fome em que se meteram, o vazio de tudo o que as cerca, sem nenhum desejo de Deus ou de santidade. Elas desejam exatamente as coisas degradantes do pecado. Satanás, porém, não dá, mas toma tudo. Somente Deus é o doador. Ele provou isso na maior dádiva, a dádiva de Seu Filho.

Luc 15:17-19 | O filho mais novo volta a si

17 E, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! 18 Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti. 19 Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores.

No ponto mais baixo de sua miséria, ele volta a si. Esse é o início do retorno. Tudo ao seu redor se foi. Agora ele está sozinho consigo mesmo e, como não tem nenhuma distração, começa a pensar em casa. Ele se lembra do que deixou. Ele deixou seu pai como filho e agora está sentado com os porcos na mais profunda miséria, enquanto nada falta aos servos de seu pai.

Quando o Espírito de Deus age, sempre encontramos duas coisas: a consciência é convencida do pecado e o coração é atraído pelo amor de Deus. É assim que Deus se revela à alma. Deus é luz e Deus é amor. Como luz, Ele convence a alma de seu estado perdido. Como amor, há a atração de Sua bondade. O resultado é uma confissão verdadeira.

O filho pródigo toma uma decisão: ele voltará para seu pai. E ele não apenas decide voltar. Ele percebe que pecou, tanto contra o céu e aquele que nele habita, quanto contra seu pai. A vida de um pecador está em desacordo com a vida levada pelos anjos no céu, que só fazem o que Deus diz. O filho está interiormente convencido de seus pecados e está pronto para confessá-los abertamente. Ele está pronto para se levantar e, ao fazer isso, já reconheceu diante de Deus que pecou.

Ao mesmo tempo, ele percebe que perdeu qualquer direito de ainda ser aceito como filho. Essa é a obra do Espírito de Deus. Ele está realmente quebrantado e ferido no espírito. Ele quer ocupar o lugar de um jornaleiro. Se isso lhe fosse permitido, ele ficaria satisfeito com isso. O desejo era bom, mas legal porque ele não conhecia a graça. É assim que muitos cristãos vivem. Eles se preocupam apenas consigo mesmos e entendem muito pouco do que está no coração do Pai. Não se trata do que nós gostaríamos, mas do que o Pai gostaria. Isso é muito impressionante nessa parábola. Não se trata do que o Filho quer, mas do que o Pai faz.

O Pai age de acordo com a abundância de graça que tem em Seu coração para os filhos pródigos. O desejo de Deus não é satisfeito ao dar aos filhos pródigos um lugar de jornaleiros na entrada de Sua casa. Ele quer filhos no reino e na atmosfera de Sua casa. Muitos cristãos não têm noção do que é ser filho de acordo com o bom prazer da vontade do Pai (Efé 1:5). Não há paz apenas pelo fato de voltar atrás. A verdadeira paz vem quando passamos a conhecer os pensamentos do Pai a nosso respeito.

Luc 15:20-24 | Retorno e recepção

20 E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou. 21 E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti e já não sou digno de ser chamado teu filho. 22 Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão e sandálias nos pés, 23 e trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos e alegremo-nos, 24 porque este meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado. E começaram a alegrar-se.

O filho mais novo coloca suas palavras em ação. Ele se levanta e vai até seu pai. Muitos cristãos expressam que pecaram. Eles também percebem sinceramente que não são dignos da aceitação de Deus. No entanto, eles não se levantam, mas permanecem presos na miséria. Isso desonra o Pai. Assim, não há confiança de que o Pai esteja pronto para recebê-los. Pode haver muita dúvida, mas o pensamento da bondade do Pai fará com que alguém se levante e vá até o Pai.

O Pai não lida com Seu filho de acordo com o que ele merece, mas de acordo com Seu coração paternal. O Pai nunca desistiu dele em seu coração. Seu coração acompanhou o filho. Ele esteve atento. A palavra “longe” no verso 20 é a mesma palavra usada na expressão “uma terra longínqua” no verso 13. O pai viu seu filho lá e esperou até que ele voltasse.

Quando o pai vê o filho chegando longe, ele fica emocionado. Então, ele corre para seu filho. Na figura, vemos aqui que Deus se apressa em um sentido positivo, o que provavelmente é a única vez na Bíblia. Sem nem mesmo repreendê-lo, ele se lança ao pescoço do filho e o beija com ternura, cobrindo-o de beijos. O pai nunca havia feito isso com um de seus servos. Essa é uma recepção digna de um filho! É assim que Deus lida com todo pecador que se arrepende e se aproxima Dele.

O filho começa a dizer o que havia planejado dizer, mas não consegue ir adiante. Continuar falando – isso é impossível para ele por causa do pai. O pai não o deixa terminar. Antes que o filho possa dizer: “faze-me como um dos teus trabalhadores”, o pai lida com ele de acordo com seu coração paternal. A posição do pai determina a posição do filho. O amor que o concebeu como filho também quer que ele entre na casa como filho e seja como o filho de tal pai. O pai tem servos. O Filho não é um deles. O Pai faz de seus servos os servos de seu Filho.

O Filho está ali com suas roupas sujas e rasgadas. Essa não é uma roupa adequada para um filho, e não é uma roupa adequada para a casa do Pai. O pai, porém, tem uma roupa pronta e pendurada. Os servos estão prontos para vestir essa roupa no filho pródigo. O pai só precisa ordenar a seus servos que tragam a melhor roupa e a vistam nele. Os servos não precisam perguntar onde está guardado. Ela está pendurada ali, pronta para o Filho.

Quando nos aproximamos de Deus, também viemos com nossas roupas manchadas pelo pecado. Mas Deus providenciou roupas novas. Elas estavam prontas para nós antes da fundação do mundo. Ele nos vestiu com Cristo. Ele nos tornou aceitáveis no Amado (Efé 1:6). Revestidos de Cristo, entramos na casa do Pai como justiça de Deus Nele (2Cor 5:21). Essa é a melhor vestimenta, a vestimenta do céu.

O Filho também recebe um anel colocado em sua mão como um sinal de honra e dignidade especiais, como vemos com José (Gên 41:42). Ele tam-

bém recebe sandálias em seus pés. Seus pés estão calçados com a prontidão do evangelho da paz (Efé 6:15). Ele está na casa do Pai com perfeita paz em seu coração, que lhe foi dada no evangelho. Ele permanecerá lá para sempre como Filho (Joã 8:35). As sandálias são características de nossa caminhada como filhos de Deus.

O Filho recebe muito mais do que tinha antes de partir. Assim, os servos de Deus do Novo Testamento familiarizam o pecador convertido com tudo o que ele recebeu em Cristo. Vemos isso em Paulo, que deseja apresentar todo homem perfeito em Cristo (Col 1:28). Ele não apenas pregava a conversão, mas também dava instruções na Palavra de Deus a todos os que se convertiam.

Por fim, o Pai manda trazer e abater o bezerro cevado. Eles então querem comê-lo e se alegrar. Ele não diz: “Deixem-no comer”, mas “Vamos comer”. É preparado um banquete que eles comem juntos, no qual compartilham todas as bênçãos que o Filho pode agora compartilhar com o Pai. Isso é feito com alegria.

O bezerro cevado é uma figura do Senhor Jesus que foi morto por nossos pecados. Em Lucas, nós O vemos como a oferta de paz. Ele é o Cordeiro que foi morto, e reunidos ao Seu redor todos os crentes, todos os filhos do Pai, podem desfrutar das bênçãos do Pai juntamente com o Pai. O Cordeiro deu ao Pai a oportunidade de mostrar a esse homem todos os Seus benefícios, toda a Sua boa vontade para com o homem. A alegria consiste em compartilharmos juntos o sacrifício de Cristo. Isso une o vínculo de comunhão com o Pai e o Filho e entre si.

O Pai diz de seu Filho: “Este é meu Filho...” Ele tem outro filho, mas esse filho estava morto e voltou à vida. Isso é ilustrado no incidente da dracma perdida e encontrada e mostra que algo aconteceu dentro dele. “Esse filho” também estava perdido e foi encontrado. Isso é ilustrado no incidente da ovelha perdida e encontrada: algo aconteceu com ele. Ambos os aspectos estão sempre presentes em uma conversão.

O resultado é uma alegria sem fim. O que dá paz e marca nossa posição de acordo com a graça não são os sentimentos trabalhados em nosso coração, embora eles realmente estejam lá, mas os sentimentos do próprio Deus. Tampouco se diz aqui, como nos outros dois casos, que a alegria está no

céu, mas vemos o efeito na terra, tanto nessa pessoa quanto no coração de outras.

Luc 15:25-30 | O filho mais velho

25 E o seu filho mais velho estava no campo; e, quando veio e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças. 26 E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo. 27 E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo. 28 Mas ele se indignou e não queria entrar. E, saindo o pai, instava com ele. 29 Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos. 30 Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado.

O pai também tem outro filho. Enquanto seu irmão chega em casa e o pai o recebe calorosamente, ele está ocupado no campo. Depois de terminar seu trabalho, ele vai para casa. Quando se aproxima da casa, ouve música e dança. A casa é um lugar de alegria.

Quando nos reunimos como igreja, experimentamos o que significa estar na “casa de Deus”. Há servos de Deus lá, servindo com a Palavra de Deus. Quando ouvimos a Palavra de Deus ali, ela soa como uma música melodiosa de graça. A resposta será a dança de alegria da família. O Senhor se ressentiu de Seus contemporâneos por não responderem ao som da música de Sua graça e expressá-la em uma dança de alegria (Luc 7:32). Ele trouxe a música celestial para a Terra em palavras melodiosas de graça, mas não houve resposta. A casa de Deus é um lugar onde os servos tocam a flauta e onde os presentes respondem com alegria. No entanto, muitas vezes, há apenas críticas.

Isso é semelhante ao comentário do filho mais velho. Ele deve saber exatamente o que está acontecendo. Em vez de entrar para falar com seu pai, ele pergunta a um dos servos que está do lado de fora o que está acontecendo com a música e a dança. Ele não entende nada sobre como a graça se manifesta. Ele é um homem frio que não conhece nenhuma alegria no Senhor. Ele abomina a alegria. Essa é a atitude dos fariseus que veem o Senhor Jesus comendo com pecadores. O servo pode lhe dizer exatamente qual é

o motivo da alegria. Seu irmão voltou são e salvo. Seu pai está tão feliz com isso que abateu o bezerro cevado. O servo chama a atenção para o bezerro cevado como o centro da festa.

O filho mais novo está dentro, o filho mais velho está fora. Ele permanece lá, porque não quer entrar. Ele está do lado de fora e permanece do lado de fora porque seu coração está fora da casa de seu pai. O filho mais velho é um exemplo de uma pessoa religiosa que não concede a graça aos outros. O filho mais velho fica irado, mas o pai fica feliz. Não havia comunhão entre o pai e esse filho. Ele não respira o espírito de amor demonstrado ao filho pródigo que retornou. A graça é estranha para ele e, por isso, ele não compartilha da alegria dela. Ele buscou seus próprios interesses.

“No campo”, no mundo, longe do cenário da misericórdia divina e da alegria espiritual, ele era, sem dúvida, zeloso e inteligente. Mas o Pai, em Seu amor por ele, sai para fazer com que ele também entre. O amor do Pai também é por ele. O filho mais velho, porém, repele o pai e o amor do pai por ele com severas censuras. Ele é brutal o suficiente para condenar o pai, assim como o homem hipócrita não hesita em condenar Deus.

De acordo com o homem legalista incrédulo, mas tão religioso, Deus é severo e exigente. Essa pessoa é totalmente cega para todos os favores de Deus, seu coração e sua consciência estão completamente entorpecidos. Havia alegria para todos, exceto para o homem em sua justiça própria, o judeu, do qual o filho mais velho é uma figura. As pessoas que vivem em justiça própria, pessoas legalistas, não conseguem suportar o fato de Deus ser bom para os pecadores, pois se Deus é bom para os pecadores, de que serve a justiça deles?

O filho mais velho censura o pai por nunca ter lhe dado um cabrito para que ele pudesse se divertir com os amigos, e isso depois de ter servido ao pai por tanto tempo e de forma tão irrepreensível. Com essas observações, o filho mais velho mostra que não tem afeição pelo pai. Ele agiu apenas por um senso de dever, como um servo. Ele viveu de acordo com as regras e, portanto, chega à conclusão de que agiu de forma impecável. A presunção é palpável.

O fato de ele não ter afeição pelo pai também é demonstrado em sua reprovação de que uma vez quis se divertir com os amigos, mas o pai nunca

o deixou ter um cabrito para isso. Ele queria se divertir com seus amigos, mas sem seu pai. Ele não tem noção do fato de que um cabritinho só pode ser desfrutado na casa do pai e junto com ele.

É evidente a aversão que ele tem à graça e à maneira como a graça funciona. Ele não chama o filho pródigo de irmão, como fez o servo a quem ele havia se dirigido, mas o chama de forma zombeteira de “este teu filho”. Ele também apresenta a situação como se o irmão tivesse esbanjado toda a riqueza do pai, enquanto a parte que o pai lhe havia dado era apenas uma. O comportamento de misericórdia do pai para com o irmão mais novo revela o pior lado do irmão mais velho em todos os aspectos.

Luc 15:31-32 | Um apelo urgente

31 E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas. 32 Mas era justo alegrarmo-nos e regozijarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado.

O pai não se defende das acusações que o filho mais velho faz contra ele. Ele também não defende seu filho mais novo contra as acusações de seu filho mais velho. Ele também é paciente com seu filho mais velho e age com misericórdia. O Senhor Jesus se dirige aos fariseus. Ele quer muito que eles também estejam na casa do Pai. Por isso ele conta como o pai reage.

O pai apresenta ao filho mais velho tudo o que ele tem. O que o pai diz também é verdadeiro para todo o povo de Israel com relação a Deus. O pai o chama de “filho” para enfatizar o relacionamento próximo. Ele também lhe indica o lugar de bênção perto dele, um lugar que sempre foi dele. Por fim, o Pai o lembra de que tudo o que ele possui também pertence a ele, o Filho. Essa é a posição que o judeu ocupava sob a lei.

Essa também é a mesma posição assumida por toda pessoa não convertida na cristandade que tenta viver uma vida piedosa e que anda apenas de acordo com a carne. As pessoas naturais em nossa parte do mundo pensam e falam da mesma maneira. Os judeus, sem dúvida, possuíam o território mais importante, na verdade o único território que Deus reivindicou na Terra. Deus havia dado todas as outras terras aos filhos dos homens, mas reservou Sua terra para Israel. Ele trouxe os israelitas para Si por meio de uma redenção externa e os colocou sob a Lei. O mesmo se aplica básica-

mente a todo homem que está cheio de justiça própria e tenta fazer o bem e servir a Deus à sua própria maneira, mas não é receptivo à verdade de que precisa de misericórdia e graça salvadora.

O pai apresenta ao filho mais velho um motivo de alegria e regozijo, que é o retorno de seu irmão. Ele deseja que seu filho mais velho participe disso. Entretanto, somente aquele que se tornou objeto do amor de Deus, que busca e acolhe, participa dessa alegria. Essa pessoa vê que o próprio Deus se alegra com a alegria da graça e compartilha dela com os outros. “A nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo” (1Joã 1:3). O Pai, como o servo antes dele, fala de seu filho como o “irmão” de seu filho mais velho. Ele enfatiza isso ao dizer: “... este é teu irmão”.

O filho mais velho perdeu completamente de vista o fato de que se trata de alguém que está no mesmo relacionamento que ele com o pai. Portanto, Deus não tolera a negação do verdadeiro relacionamento mútuo. É por isso que o julgamento finalmente vem sobre os judeus, não apenas por causa de sua grande ingratidão para com Deus, mas também por causa de seu afastamento da graça que Ele mostrou aos pobres gentios em sua miséria de pecado. O apóstolo Paulo expressa isso claramente (1Tes 2:16). Eles não podiam suportar que outros, os cães das nações, ouvissem o evangelho da graça. Eles eram tão orgulhosos da lei que desprezavam a graça que era deles.

Lucas 16

Luc 16:1-7 | O administrador injusto

1 E dizia também aos seus discípulos: Havia um certo homem rico, o qual tinha um mordomo; e este foi acusado perante ele de dissipar os seus bens. 2 E ele, chamando-o, disse-lhe: Que é isso que ouço de ti? Presta contas da tua mordomia, porque já não poderás ser mais meu mordomo. 3 E o mordomo disse consigo: Que farei, pois que o meu senhor me tira a mordomia? Cavar não posso; de mendigar tenho vergonha. 4 Eu sei o que hei de fazer, para que, quando for desaposado da mordomia, me recebam em suas casas. 5 E, chamando a si cada um dos devedores do seu senhor, disse ao primeiro: Quanto deves ao meu senhor? 6 E ele respondeu: Cem medidas de azeite. E disse-lhe: Toma a tua conta e, assentando-te já, escreve cinqüenta. 7 Disse depois a outro: E tu quanto deves? E ele respondeu: Cem alqueires de trigo. E disse-lhe: Toma a tua conta e escreve oitenta.

O Senhor agora instrui Seus discípulos sobre administração e, portanto, sobre a posição que cada ser humano tem diante de Deus. Ele dá continuidade ao que mostrou no capítulo anterior sobre a filiação. A filiação é algo a ser desfrutado na casa do Pai na Terra. A administração tem a ver com outro lado. Fora da casa na Terra, um filho é um administrador.

O ensinamento está relacionado ao fato de o filho mais novo desperdiçar os bens do pai. Ali vimos a graça de Deus para alguém como o filho mais novo. A seguir, veremos a responsabilidade dos filhos na Terra. No capítulo anterior, o Senhor falou aos fariseus, pois queria deixar claro para eles por que não eles, mas os pecadores participam da graça. Aqui o Senhor está falando aos Seus discípulos.

O homem rico é uma figura de Deus. O administrador é uma figura de cada um de nós, pois todos somos administradores. Todos nós também fomos infiéis a Deus na administração do que Ele nos confiou. O que o filho mais novo fez, todas as pessoas fizeram em geral, mas os judeus em particular. Afinal de contas, eles tinham os maiores privilégios e, portanto, uma responsabilidade maior. Foi confiado aos judeus mais do que a

qualquer outra pessoa e, com razão, eles foram acusados de desperdiçar os bens de seu Mestre.

O que eles fizeram com o que Deus lhes confiou? Eles deveriam ter sido uma luz na terra, líderes dos cegos, testemunhas do verdadeiro Deus (Rom 2:17-20), mas caíram na idolatria. Quando Deus se revela a eles em Cristo, essa é a condição deles. E agora eles estão a ponto de rejeitar o próprio Deus na pessoa do Messias, Seu Filho, a revelação mais clara da graça de Deus. Assim, de todas as formas, eles deixaram passar as oportunidades e desperdiçaram os bens de seu Mestre.

O comportamento esbanjador do administrador chega aos ouvidos do homem rico. Ele chama o administrador e exige que ele preste contas de todos os seus atos, após o que deverá ser demitido. O administrador reconhece a gravidade de sua situação. Ele também não protesta. Ao fazer isso, ele reconhece que a demissão recaiu sobre ele mesmo.

Nessa atitude, ele consulta a si mesmo. Ele se pergunta o que deve fazer. Duas coisas que seriam levadas em consideração para ele em tal situação desaparecem. Ele não pode cavar, é muito difícil para ele. Ele não está acostumado ao trabalho físico. Ele também não quer mendigar, pois tem vergonha disso. Isso significa que ele está à mercê das pessoas ao seu redor.

A próxima pergunta, então, é como ele pode fazer amizade com elas. Então, um bom pensamento lhe ocorre, pelo qual ele pode conquistar as pessoas para que elas o tratem com misericórdia quando ele estiver na rua. Ele quer garantir misericórdia, alimento e abrigo por meio de suas ações para o momento em que não lhe restar mais nada. O que ele se propõe a fazer será seu último ato como administrador. A ação é sábia em vista da situação em que ele se encontra. Ele chama cada um dos devedores de seu senhor individualmente. Ele busca contato pessoal.

Ele pergunta ao primeiro que chega quanto ele deve ao seu mestre. O homem responde que ainda tem de pagar cem batos de azeite. O administrador tem autoridade para reduzir essa quantia. Ele também conhece a situação financeira do homem. Como é necessário ter pressa, o homem é instruído a se sentar rapidamente e lhe é permitido reduzir sua dívida em cinquenta por cento. O administrador lhe perdoa cinquenta batos de

azeite. Isso deve ter sido um grande alívio para o devedor. Como ele ficará grato ao administrador.

Então, o próximo passo pode vir. Quando lhe perguntam o que ele deve, a resposta é: cem kor de trigo. Esse homem, com a permissão do administrador, pode fazer uma redução de vinte por cento de sua dívida. Ele também conhece esse devedor. Ele não perdoa tudo simplesmente, nem perdoa a mesma quantia a todos. Ele age deliberadamente.

Ele é muito generoso com os bens de seu mestre. Sem dúvida, isso lhe custou pouco ou nada, mas esse também não é o ensinamento da parábola. O ensinamento é que o administrador age de olho no futuro a fim de garantir abrigo e alimento. É isso que o Senhor explica em seguida.

Luc 16:8-13 | A instrução

8 E louvou aquele senhor o injusto mordomo por haver procedido prudentemente, porque os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz. 9 E eu vos digo: granjeai amigos com as riquezas da injustiça, para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos. 10 Quem é fiel no mínimo também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo também é injusto no muito. 11 Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras? 12 E, se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso? 13 Nenhum servo pode servir a dois senhores, porque ou há de aborrecer a um e amar ao outro ou se há de chegar a um e desprezar ao outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.

O administrador, olhando para o seu futuro, exerceu seu direito de conceder abatimento da dívida. Ele provavelmente agiu sem consultar seu senhor. Portanto, seu senhor não o elogia por sua honestidade, mas por sua prudência. Ao lidar com os bens de seu senhor dessa forma e fazer o bem a outros com eles, ele garantiu seu sustento no futuro. Por meio de suas bondades e concessões, ele conquistou esses devedores, de modo que, se fosse dispensado de sua administração, eles o aceitariam em suas casas.

O que o administrador infiel faz: ele usa a propriedade atual sobre a qual tem administração e a oportunidade momentânea com vistas ao futuro. Embora tenha sido injusto, foi ao mesmo tempo sábio. Assim como o administrador se comporta, também se comporta aquele que vive no mundo

e, por meio das circunstâncias, torna-se sábio na administração que lhe foi confiada. Antes, ele era injusto ao desperdiçar a propriedade de seu senhor. Agora, ele lidou sabiamente com ela.

Infelizmente, o Senhor deve dizer que os crentes, “os filhos da luz”, geralmente não são tão sábios. Eles podem ter um futuro seguro com o Senhor, mas muitas vezes se esquecem de viver em vista disso. Os “filhos deste mundo”, os incrédulos, geralmente são mais sábios. Eles estabelecem uma meta e fazem de tudo para alcançá-la. Eles economizam e abrem mão de vantagens momentâneas para que possam comprar logo o que desejam. Eles treinam e renunciam a todos os tipos de pequenos prazeres para que em breve possam ter um desempenho excelente. Eles estudam muito e não saem para que em breve possam ter um bom emprego.

Com o comportamento do juiz injusto, o Senhor relaciona a instrução para seus discípulos de que eles devem usar seu dinheiro e suas posses para fazer amigos com vistas ao futuro. O Senhor chama o dinheiro de “mamom injusto”. “Mamom” é uma palavra aramaica que significa “riqueza”, “dinheiro”, e é personificada aqui.

O amor ao dinheiro, a cobiça por riquezas, é a raiz de todos os males (1Tim 6:9-10). As pessoas do mundo sempre desejam dinheiro e o usam de forma errada, e o dinheiro também exerce uma grande atração sobre muitos crentes. Para os discípulos do Senhor, é um meio de fazer amizade com ele. É isso que fazemos quando o doamos. Ao fazer isso, mostramos que nosso coração não está apegado a ele e que vemos como ele é relativo. O dinheiro e as posses podem ser tirados de nós de repente (Pro 23:4-5) e, quando morremos, não podemos levar nada conosco (1Tim 6:7).

Ainda mais importante é a maneira como lidamos com nosso dinheiro. Ela determina onde estaremos na eternidade. O Senhor Jesus fala dos “tabernáculos eternos”, que são as moradas no céu. Não é que, se lidarmos mal com nosso dinheiro, estaremos perdidos. O que acontece é que a maneira como lidamos com o dinheiro mostra a direção de nossa vida. A vida do cristão é orientada para o futuro. Se alguém que professa ser cristão vive para o aqui e agora e usa tudo para si mesmo, ele mostra que não nasceu de novo. Mesmo que ele dê algo de vez em quando, é apenas para aliviar

a própria consciência e não como resultado de um pensamento sobre o futuro.

O Senhor conecta alguns pontos de partida importantes com seu ensinamento. Primeiro e mais importante, trata-se de fidelidade. Nossa fidelidade é testada ao lidarmos com “o menor deles”, que são as coisas terrenas: dinheiro e posses. Se alguém for fiel nisso, também será fiel em “muitas coisas”, que são as muitas bênçãos espirituais que o crente recebeu. Por outro lado, aquele que é injusto nas coisas terrenas também o é nas coisas espirituais.

Se não formos fiéis na administração do mamom injusto, o dinheiro, não poderemos receber as “coisas verdadeiras”, que são as riquezas espirituais. O dinheiro é de outra pessoa, pertence a outra pessoa. Tudo o que recebemos, recebemos de Deus, e Ele exige de nós uma prestação de contas. É uma propriedade emprestada. Se lidarmos com ele como se nos pertencesse, estaremos lidando com ele de forma errada. Como, então, podemos obter o que é realmente nosso, o que é “seu”?

Por “seu” o Senhor quer dizer as bênçãos espirituais. Deus tem em Seu coração a intenção de dar essas bênçãos àqueles que entregam sua vida a Ele com tudo o que isso acarreta. As bênçãos espirituais também são de Deus, mas Ele as dá a nós para sempre. Ele não nos empresta as bênçãos espirituais, mas as dá a nós. Cada pessoa é propriedade de Deus com tudo o que possui. Recebemos nossa vida e nossas posses por empréstimo. O modo como lidamos com o dinheiro mostra se estamos cientes disso.

Então, a questão não é o que devemos dar ao Senhor, mas o que podemos usar para nós mesmos, porque tudo pertence ao Senhor. Quem está ciente disso obtém “o que é verdadeiro”, “o que é seu”. Visto dessa forma, o interesse pela riqueza terrena desaparece completamente. Isso pode ser tirado de alguém sem demora, mas quem percebe isso, já não existe mais para ele, pois está de posse de suas verdadeiras riquezas, que não podem ser tiradas dele.

O Senhor conclui seu ensinamento sobre isso com a verdade de que nenhum empregado doméstico pode servir a dois senhores. Ele simplesmente não pode. Se o fizer, um ou o outro sofrerá perdas. Os senhores não são partes iguais, mas opostas. Deus e o deus do dinheiro são opostos um ao

outro. Aqueles que pensam que podem servir a Deus e, ao mesmo tempo, viver a vida de um rico tolo (Luc 12:16-20) mostram que odeiam a Deus e amam o dinheiro. Ou odiamos Deus ou o dinheiro. Não é possível amar um pouco os dois.

Luc 16:14-18 | A lição para os fariseus

14 E os fariseus, que eram avarentos, ouviam todas essas coisas e zombavam dele. 15 E disse-lhes: Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração, porque o que entre os homens é elevado perante Deus é abominação. 16 A Lei e os Profetas duraram até João; desde então, é anunciado o Reino de Deus, e todo homem emprega força para entrar nele. 17 E é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da Lei. 18 Qualquer que deixa sua mulher e casa com outra adúltera; e aquele que casa com a repudiada pelo marido adúltera também.

A palavra do Senhor também chegou aos ouvidos dos fariseus, e a consciência deles foi atingida por ela. Essas pessoas são amantes do dinheiro. Se você ama o dinheiro, não se sentirá confortável com um ensinamento como o que o Senhor acabou de dar. Eles têm uma visão muito diferente do dinheiro. Estão atrás de muito dinheiro e até fazem mau uso de certas ordenanças de Deus para esse fim; eles as distorcem de tal forma que ganham dinheiro com isso (Mat 15:3-5). Eles até devoram as casas das viúvas por meio de sua distorção da palavra de Deus (Luc 20:47).

Eles expressam sua aversão aos ensinamentos do Senhor zombando Dele. Essas pessoas são endurecidas por seu amor ao dinheiro e não são receptivas aos ensinamentos do Senhor. Ele conhece o coração deles e o expõe. Ele é Deus. Ele os vê completamente como pessoas que, no fundo, amam o dinheiro e, externamente, são justas apenas na aparência. Tudo o que fazem é para serem vistos e admirados pelos homens.

Mas o que é elevado entre os homens é uma abominação diante de Deus. Deus vê essas pessoas dando esmolas nas esquinas das ruas para serem honradas pelas pessoas em troca. Ele também vê o que eles guardam em suas bolsas e como aumentam secretamente seus tesouros. Seu vício em ser honrado pelos homens rouba de Deus a honra que pertence a Ele. Também rouba do homem o lugar da bênção e praticamente o leva à ruína.

O Senhor então fala sobre a Lei, dando-lhes a entender como é falsa a acusação de que Ele não leva a Lei a sério. Ele ressalta que o período da Lei e dos profetas durou até João. Com a vinda de João, outro tempo começou, o tempo em que o reino de Deus é proclamado. O Senhor anunciou que o reino estava próximo, mas Ele foi rejeitado e, portanto, o reino em sua forma pública foi suspenso.

No entanto, o reino é proclamado, e como um reino no qual as pessoas podem entrar. Em vez de esse reino ser estabelecido com poder, agora é necessária a força para entrar nele, a força da fé. Alguém que deseja pertencer a ele entrega sua vida a Deus e se coloca sob a autoridade de um rei rejeitado.

Quem tomar essa decisão encontrará grande resistência. Mas quem entrar com o poder da fé poderá participar da bênção que o reino já tem para todos os que estão nele. É o reino do Filho do amor do Pai (Col 1:13), onde tudo fala do amor do Pai pelo Filho.

A nova ordem de coisas que o reino introduz não significa que a lei tenha se tornado sem sentido. Tudo o que está escrito na lei – inclusive os profetas – será cumprido nos mínimos detalhes. Nada ficará sem ser cumprido. O céu e a terra passariam antes mesmo que a menor parte da palavra de Deus perdesse seu significado.

Para ilustrar a verdade de suas palavras sobre a lei, o Senhor aponta para a instituição do casamento e como ela foi abandonada. Ele aponta para a lei como Deus basicamente a planejou para Seu reino e, como exemplo, cita a indissolubilidade do casamento.

Não há exemplo mais claro. Isso mostra aos fariseus que eles mesmos pervertem a Lei e, ao mesmo tempo, deixa claro como é tolice acusá-Lo de não levar a Lei a sério. Os judeus haviam facilitado muito a vida de quem quisesse dispensar sua esposa, e depois era igualmente fácil casar-se com outra. Eles poderiam se referir a Moisés, que havia escrito que alguém poderia se separar de sua esposa se apenas uma carta de divórcio fosse dada. O Senhor diz que essa possibilidade foi concedida por causa da dureza de coração deles (Mat 19:7-8).

Ele mesmo cita a intenção original de Deus com a lei e se refere ao que Deus disse no início. À luz do verdadeiro significado da lei, esse segundo

casamento significa que essa pessoa comete adultério, pois o primeiro casamento permanece diante de Deus enquanto o marido e a esposa viverem (Rom 7:3). Ele só é dissolvido pela morte (Rom 7:2). O mesmo se aplica a quem se casa com a mulher dispensada por seu marido. Ele não tem permissão para se casar com ela, porque ela é casada enquanto o marido viver.

Luc 16:19-21 | Um rico e um pobre na Terra

19 Ora, havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente. 20 Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele. 21 E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lambê-lo as chagas.

Nessa história, o Senhor levanta um pouco o véu que cobre o além. Não se trata de uma parábola. Em nenhuma parábola Ele menciona nomes pessoais. Mas aqui Ele menciona. Ele menciona o nome de Lázaro e também o de Abraão, que é uma pessoa viva para Ele (Luc 20:37-38). Ele fala em Sua onisciência sobre uma situação que Ele conhece.

Primeiro, Ele descreve as circunstâncias na Terra. Havia um homem rico. Ele tinha tudo de bom e desfrutava de tudo em abundância. Suas roupas eram esplêndidas, como as de um príncipe. Ele também se comportava como tal. Para esse homem, a vida na Terra era uma grande festa, que ele desfrutava ao máximo dia após dia. Ele tinha tudo o que o dinheiro podia comprar.

O nome do homem não é mencionado. Como o administrador injusto da passagem anterior, ele não fez o bem com seu dinheiro, mas gastou tudo consigo mesmo. Ao fazer isso, ele bloqueou seu acesso aos “tabernáculos eternos”. Não é que alguém possa comprar o céu para si mesmo, mas ele pode mostrar para que vive usando suas posses terrenas. Não se fala de uma vida ímpia e dissoluta, mas sim da direção da vida. Não há nenhuma indicação de que ele estivesse orientado para Deus, pois não tinha olhos para o seu vizinho pobre que jazia à sua porta. Ele não amava o próximo como a si mesmo.

O contraste com o pobre homem deitado em sua porta era grande. Esse homem tinha uma aparência horrível. Não tinha nada para comer nem remédio para suas úlceras. Ele lançava olhares de desejo para a abundância na mesa do rico. Se ao menos lhe fosse permitido comer o que caísse no chão, ele poderia ter se fartado. Não, os cães estavam em melhor situação do que ele. Eles podiam se saciar com o que caía da mesa do rico (cf. Mat 15:27). Os cães provavelmente vieram lambe suas feridas e, assim, aliviaram-lhe a dor.

O homem rico possuía tudo, exceto Deus. O pobre Lázaro não possuía nada além de Deus. Isso pode ser visto no significado de seu nome. Lázaro (a tradução grega do nome hebraico “Eleazar”) significa “Meu Deus é ajuda”. Não há nada mais que indique que ele tinha uma conexão com Deus. Toda a sua situação na Terra parece falar contra isso. Parecia ser mais o contrário. Em Israel, a posição de alguém na Terra era uma prova do favor ou do desfavor de Deus. O homem rico deve ter sido especialmente favorecido por Deus, e Lázaro deve ter incorrido no desagrado de Deus de uma maneira especial. O Senhor Jesus mostra que as coisas não são assim, mas que se trata dos tabernáculos eternos.

Luc 16:22-26 | Os papéis invertidos após a morte

22 E aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico e foi sepultado. 23 E, no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão e Lázaro, no seu seio. 24 E, clamando, disse: Abraão, meu pai, tem misericórdia de mim e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. 25 Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro, somente males; e, agora, este é consolado, e tu, atormentado. 26 E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quissem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá, passar para cá.

A vida na Terra, por mais brilhante que seja, é limitada. O momento da morte chega de forma irrevogável. Então, torna-se evidente que o contraste entre o pobre e o rico é muito maior do que era na Terra. O homem pobre morre. Para ele, isso significa a transição da miséria na Terra para um lugar glorioso. Os anjos o buscam e o levam para o seio de Abraão (Heb 1:14),

onde só há bênçãos, alegria e prazer. Isso deve ter soado muito incomum para os fariseus.

O homem rico também morre. Então, o enorme contraste é revelado. Ele morre e é sepultado. Não há menção de anjos e muito menos do seio de Abraão, o lugar pelo qual todo judeu ansiava. Assim que fecha os olhos na terra, ele os abre no Hades e imediatamente sente o tormento daquele lugar. Além disso, ao longe, ele vê Abraão e Lázaro em seu seio. Uma das agonias do Hades é ver o lugar de bênção e pensar que poderia ter estado lá e, ao mesmo tempo, estar ciente de que nunca poderá chegar lá. Esse é o verme que não morre, o arrependimento eterno.

O homem rico tem plena consciência imediata de sua situação angustiante. Ele não pensa em seus pecados, mas em sua miséria. Tampouco pede para ser libertado dela. No Hades, alguém não muda de ideia. Aquele que não desejava Deus na Terra e não O amava, não deseja Deus no Hades e também não O ama lá. Não há ninguém no Hades que implore a Deus para livrá-lo de lá. A única coisa que o homem busca é esfriar um pouco a língua, o que poderia aliviar um pouco o tormento.

Ele pede a Abraão que envie Lázaro para ele com um pouco de água na ponta do dedo. Na Terra, ele não havia se importado com Lázaro. Ele não teria pensado em pedir um favor a alguém como Lázaro. Ele teria achado repugnante só de pensar nisso. Agora ele implora que Lázaro lhe faça um trabalho de amor! O egoísmo leva uma pessoa a fazer algo que não pensaria em fazer em outras circunstâncias. No futuro, a realidade terrena será vista em sua verdadeira luz.

Abraão responde ao homem rico que seu pedido não será atendido. O Hades é o lugar onde as pessoas anseiam e pedem o mínimo de coisas que tinham na Terra, mas cujos desejos nunca são atendidos. Pela resposta, pode-se ver que os papéis, em comparação com a situação na Terra, estão completamente invertidos. Ele o chama de “filho”, lembrando-o do privilégio que teve na Terra de pertencer ao povo escolhido de Deus.

Abraão o lembra de sua vida e do bem que recebeu nela. O homem rico, que agora é o homem pobre, vê novamente suas mesas fartas e sua vida de banquetes diante de si. Abraão também o lembra de Lázaro, que recebeu o mal. O homem também vê Lázaro novamente deitado em sua porta, cerca-

do por cães que lambiam suas feridas. Ele não se importava. Tudo o que o homem rico negou a Lázaro, Lázaro agora recebe. E tudo o que o homem rico, em seu egoísmo, não via ou não tinha coração, ele recebe agora.

Não devemos pensar, a propósito, que o rico recebe o tormento como punição por sua riqueza. Ele não vai para o lugar de tormento por causa de sua riqueza, mas por causa de seu egoísmo e porque viveu apenas para si mesmo. Ele era um administrador que esbanjava os bens de seu senhor e não se importava com os “tabernáculos eternos”. Ele nunca se dirigiu a Deus com seus pecados, nunca confessou seu egoísmo como pecado. Ele nunca reconheceu que toda a riqueza que havia “recebido” em sua vida vinha de Deus (é assim que Abraão diz). Tudo era de e para ele mesmo. Todos os outros, como Lázaro, podiam assistir, mas não ganhavam nada com isso.

Assim como o homem rico não recebe o castigo porque era rico, Lázaro não recebe o consolo na outra vida porque era pobre e marginalizado na Terra. Como foi dito, Lázaro significa “Meu Deus é ajuda”. Ele tornou visível o significado de seu nome em sua vida na Terra. Lázaro não se rebelou contra Deus por causa de seu destino. Ele poderia facilmente ter feito isso, mas continuou a confiar em Deus. Ele não tinha mais nada na Terra além de Deus, e não tem outra coisa na glória.

Abraão fala de consolo para Lázaro, não de bênção, embora não haja nada além de bênção ali. O consolo é dado a alguém que sofreu muito e agora experimenta alívio e salvação. Para Lázaro, o sofrimento acabou e ele agora desfruta do oposto.

A propósito, fica bem claro, pelo que tanto o homem rico quanto Lázaro experimentam conscientemente, que a doutrina do sono da alma é uma doutrina falsa. Abraão prossegue e ressalta que, no além, é impossível mudar de lugar. Ele fala de um grande abismo entre o lugar de tormento e o lugar de consolo e bênção. A doutrina do purgatório é um grande engano. O purgatório nem sequer existe, mas também é impossível mudar o lugar que alguém ocupa após a morte (Ecl 11:3).

Luc 16:27-31 | Conversão só pela Palavra de Deus

27 E disse ele: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, 28 pois tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham

também para este lugar de tormento. 29 Disse-lhe Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. 30 E disse ele: Não, Abraão, meu pai; mas, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam. 31 Porém Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite.

Em seguida, ouvimos do homem algo que ele nunca demonstrou na Terra: preocupação com os outros. Se Lázaro não puder ir até ele, ele deve ter permissão para ir até sua família para avisá-los. Lázaro deve avisar seriamente seus irmãos, para que eles possam escapar da coisa terrível que é a parte dele. Mas esse pedido também não pode ser atendido. O Hades também é o lugar onde as orações não são atendidas. Muitas súplicas são feitas no Hades, mas de lá nunca virá nada que seja uma bênção para a Terra. O tempo para suplicar já passou, é tarde demais. A súplica pertence à vida na Terra, não ao Hades.

Abraão aponta para Moisés e os profetas. Seus irmãos não estão sem testemunhos. Eles podem ler a Palavra de Deus, como ele poderia ter feito em sua vida na Terra. Enquanto o Senhor cita as palavras de Abraão ditas no além, os fariseus ficam parados; eles tagarelam sobre a Lei e não a ouvem. É uma dica para que eles realmente ouçam Moisés e os profetas, pois assim não chegarão a esse lugar terrível.

O homem acha que sabe mais e quer convencer Abraão de que, se alguém dentre os mortos for até eles, certamente se converterão. Abraão repete que a única coisa que pode convencer alguém de seus pecados é a palavra de Deus. Nem mesmo o maior milagre levará alguém à conversão.

Pouco tempo depois de o Senhor ter contado esse incidente, um homem que também era chamado de Lázaro de fato ressuscitou dos mortos quando Ele o chamou. Muitos dos irmãos do homem rico vieram naquele momento para ver aquele que havia ressuscitado (João 12:9). Com que resultado? Que eles passaram a acreditar? Não, em vez de se converterem, pelo menos os governantes, até mesmo os principais sacerdotes, aconselharam que também matassem Lázaro ressuscitado, bem como aquele que havia despertado seu ódio mortal contra eles por seu poder de ressurreição. Não há menção de que tenham sido persuadidos e dado ouvidos a Moisés e aos profetas.

Assim foi quando o Senhor morreu e ressuscitou. Então eles subornam os soldados para espalhar uma mentira sobre sua ressurreição: Ele não havia ressuscitado, mas seus discípulos haviam roubado seu corpo. A única luz para uma alma ignorante, o único testemunho que traz vida eterna a um pecador morto, é a Palavra de Deus, se for aceita com fé.

Lucas 17

Luc 17:1-4 | Os escândalos

1 E disse aos discípulos: É impossível que não venham escândalos, mas ai daquele por quem vierem! 2 Melhor lhe fora que lhe pusessem ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse lançado ao mar, do que fazer tropeçar um destes pequenos. 3 Olhai por vós mesmos. E, se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; e, se ele se arrepender, perdoa-lhe; 4 e, se pecar contra ti sete vezes no dia e sete vezes no dia vier ter contigo, dizendo: Arrependo-me, perdoa-lhe.

O Senhor adverte seus discípulos de que problemas estão por vir. Ele diz isso com relação aos fariseus que ainda estão entre seu público. Essas são as pessoas que não dão ouvidos a Moisés e aos profetas, mas à sua própria interpretação de Moisés e dos profetas. No entanto, eles os invocam, e é isso que os torna tão perigosos. É por isso que o Senhor adverte seus discípulos sobre eles como pessoas que causam escândalos.

Ele lhes prediz que não poderão evitar situações em que terão de lidar com grandes seduções e enganos, que testarão sua fé Nele. Se seus olhos de fé não estiverem continuamente fixos Nele, eles cairão e seguirão esses enganadores.

O Senhor Se dirige a Seus discípulos em sua responsabilidade. O “ai daquele por quem vierem” é dirigido especialmente aos líderes religiosos que tentarão impedir que os discípulos sigam um Senhor rejeitado em Seu reino. Ele faz um julgamento severo das pessoas que aparentam servir a Deus, mas que enganam aqueles que querem seguir o Senhor com fé simples.

No entanto, o Senhor não está pensando apenas nos líderes religiosos. Ele também admoesta os discípulos a tomarem cuidado consigo mesmos. Até mesmo um discípulo é capaz de fazer coisas erradas e pode se tornar uma pedra de tropeço ou um laço para outro. Não é desculpa dizer que essa outra pessoa é apenas muito fraca quando ela tropeça por causa do nosso comportamento. Justamente porque a outra pessoa é fraca, isso deve nos levar a ajudá-la e devemos ter cuidado para não levá-la ao pecado.

O escândalo (ou armadilha) que o Senhor aponta aqui é a falta de vontade de ir até um irmão que está pecando. Se não formos até ele, o irmão que está pecando será incentivado a pensar que o pecado não importa, e onde ele vai parar?

A próxima armadilha é não perdoar o irmão que pecou contra nós. Se falarmos sobre o pecado cometido na frente de outras pessoas, isso será um obstáculo ou um bloqueio para o perdão e a restauração. Não devemos contar aos outros o que aconteceu, mas repreender o irmão em amor. O amor fraternal genuíno convence o outro de seu pecado, pois, por causa de seu pecado, o irmão não está em comunhão com Deus, mas no poder de Satanás.

Se houver arrependimento, ele deve perdoar o irmão. Ele deve fazer com que ele saiba que tudo está bem novamente entre ele e Deus e entre os dois por meio de sua confissão (1João 1:9), e fazer com que ele saiba disso sendo fraternal com ele novamente. Se o relacionamento esfriou por causa de um pecado cometido, mesmo que ele seja conhecido, isso dificulta o perdão.

Outra armadilha é estabelecer um limite para o perdão. O Senhor aponta para isso quando fala de pecar sete vezes. O número, sete vezes, indica que a outra pessoa fez tudo errado. O fato de tudo isso acontecer em um dia aumenta a prova. Humanamente falando, provavelmente está claro que esse é um caso sem esperança. O perdão parece não ter sentido algum.

Lembremo-nos, porém, de que é assim que Deus, em Sua infalível graça, lida conosco. Se não fosse assim, a situação pareceria bastante desesperadora para nós, não apenas naquela época, quando ainda estávamos em nossos pecados, mas também agora, como crentes. Assim como Deus agiu e está agindo conosco, também devemos agir com nossos irmãos.

Luc 17:5-10 | Servos inúteis

5 Disseram, então, os apóstolos ao Senhor: Acrescenta-nos a fé. 6 E disse o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te daqui e planta-te no mar, e ela vos obedeceria. 7 E qual de vós terá um servo a lavar ou a apascentar gado, a quem, voltando ele do campo, diga: Chega-te e assenta-te à mesa? 8 E não lhe diga antes: Prepara-me a ceia, e cinge-te, e serve-me, até que tenha comido e bebido, e depois comerás e beberás tu?

9 Porventura, dá graças ao tal servo, porque fez o que lhe foi mandado? Creio que não. 10 Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer.

O Senhor havia dito que eles deveriam perdoar toda vez que alguém pecasse e se arrependesse. Depois disso, os apóstolos pediram mais fé. Eles sentem que precisam de muita fé para agir dessa forma.

Lucas muda a forma de falar de “discípulos” para “apóstolos” aqui. Eles são os líderes espirituais do reino. Eles têm de ser um exemplo nessas coisas. Especialmente nesse lugar de responsabilidade, é importante ser humilde, o menor, o servo de todos. Também pode ter a ver com o fato de que os apóstolos receberam do Senhor a capacidade especial de perdoar pecados (João 20:23). Isso não tem nada a ver com o perdão dos pecados para a eternidade. Esse perdão só pode ser concedido por Deus, com base na obra do Senhor Jesus na cruz e na fé nela.

Para a Terra, provavelmente existe o perdão que as pessoas podem conceder a outras. Principalmente quando se trata de um pecado contra alguém pessoalmente, como o Senhor apresenta. Em segundo lugar, de forma mais geral, quando se trata de um pecado que não foi cometido contra alguém pessoalmente, ou pecados que não podem mais ser confessados à pessoa contra quem se pecou. Então, alguém pode se livrar do peso da consciência com um crente que vive com o Senhor. Esse crente pode lhe assegurar, com base na Palavra de Deus, que Deus perdoa os pecados quando eles são perdoados.

O Senhor mostra que não se trata da quantidade de fé, mas que a fé seja viva. Um grão de mostarda é muito pequeno, mas está vivo. Quando há fé viva, ela é capaz de realizar coisas sobrenaturais. O Senhor não está nos dizendo para arrancar uma amoreira pela fé e depois plantá-la no mar. Ele quer nos ensinar que somente pela fé podemos ser redimidos de nosso próprio “eu”. Esse próprio “eu” está profundamente enraizado em nossa alma. Essa árvore precisa sair. Isso só é possível por meio da fé direcionada a Cristo, que nos faz pensar cada vez menos em nós mesmos.

Em seguida, o Senhor adverte sobre outro perigo, que é o de nos vangloriarmos dos feitos que realizamos na fé. Se não deixarmos nosso próprio “eu” trabalhar na fé, e se tivermos feito coisas na fé, então isso é algo de

que poderíamos nos vangloriar. É a isso que o Senhor se refere e diz que somos apenas servos que estão ocupados com o encargo que recebemos. Se nos foi permitido fazer algo pela fé, não devemos pensar que fizemos de Deus nosso servo, que nos colocará imediatamente à mesa por causa de nosso trabalho, para que possamos nos orgulhar de nossas realizações.

O servo deve conhecer sua posição. Ele está completa e permanentemente à disposição de seu senhor. Quando terminar de trabalhar para seu senhor fora de casa, ele deve continuar a servir seu senhor dentro de casa. Servir ao mestre tem a mais alta prioridade e exige tudo. Somente quando os desejos do mestre forem atendidos de forma satisfatória, o servo poderá comer e beber. Isso não é difícil, é normal. O servo também não recebe nenhum agradecimento. Ele só fez o que lhe foi pedido. Ele não recebe nenhum agradecimento por isso.

A graça de forma alguma diminui nossas obrigações. Claro, podemos saber que o Senhor recompensará todo o bem que fizemos para Ele. Mas será que Ele é obrigado a fazer isso? Essa é a questão aqui. Como servos do Senhor, não temos direito a nada. Não é já um enorme privilégio poder servir a um Senhor que nos libertou do poder das trevas e do pecado com todo o amor de Seu coração e à custa de Sua própria vida? Que presunção seria supor que Ele deve nos recompensar pelo que fazemos por Ele. Devemos nossa vida a Ele.

Se tivermos feito o que deveríamos fazer, também estaremos cientes de que houve muita coisa que não foi como deveria ter sido. Não deve ser difícil dizer honestamente que somos “servos inúteis”. O Senhor não deve a nós o progresso de Sua obra. Ele a realiza por meio de nós, seus servos. Muitas vezes não estamos dispostos ou somos até mesmo ignorantes. Ele continua conosco, e isso é uma prova tão grande da graça quanto o fato de Ele ter começado conosco. Ele sabia o que estava começando quando nos salvou, e mesmo assim o fez. É isso que O torna tão grandioso. Por isso, Ele é digno de toda adoração. Isso é expresso no seguinte incidente.

Luc 17:11-19 | Purificação de dez leprosos

11 E aconteceu que, indo ele a Jerusalém, passou pelo meio de Samaria e da Galiléia; 12 e, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens

leprosos, os quais pararam de longe. 13 E levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós! 14 E ele, vendo-os, disse-lhes: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos. 15 E um deles, vendo que estava são, voltou glorificando a Deus em alta voz. 16 E caiu aos seus pés, com o rosto em terra, dando-lhe graças; e este era samaritano. 17 E, respondendo Jesus, disse: Não foram dez os limpos? E onde estão os nove? 18 Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro? 19 E disse-lhe: Levanta-te e vai; a tua fé te salvou.

Lucas nos lembra novamente que o Senhor está a caminho de Jerusalém para morrer. Sua rota está determinada. Nessa rota estão Samaria e Galileia. Os discípulos não são mencionados. O incidente com os dez homens leprosos é sobre como alguém se torna um discípulo que adora.

Quando o Senhor chega a uma aldeia, Ele encontra dez homens leprosos. Esses homens, de acordo com a lei dos leprosos, devem permanecer à distância (Lev 13:45-46). Mas, em vez de gritar: “Imundo, imundo”, eles clamam ao Senhor para que tenha misericórdia deles. Eles clamam mais em sua angústia do que em fé. Mas isso é suficiente para que Ele os ouça.

E Ele não apenas ouve, mas também os vê. Ele vê como eles são miseráveis. Ele não diz uma palavra de cura, como em um caso anterior em que Ele curou, nem os toca (Luc 5:13). Ele lhes diz para irem até os sacerdotes e se mostrarem a eles. Ele os envia aos sacerdotes que em breve O condenarão como culpado de morte (Luc 23:10). Sua missão significa algo como: “Vocês estão curados”. Teria sido inútil que o sacerdote os declarasse imundos. Eles sabiam disso.

Eles acreditam na palavra do Senhor, vão embora com essa convicção e são curados no caminho. O Senhor testa a fé desses homens com Sua comissão. Ao mesmo tempo, Ele aplica os regulamentos da lei que se aplicam a eles, já que estão sob a lei. A lei exige que alguém se apresente ao sacerdote quando for curado da praga da lepra. Entretanto, a lei não diz nada sobre como a cura poderia ocorrer. Entretanto, ela descreve em detalhes como alguém poderia ser declarado limpo (Levítico 14).

O fato de ter de ser feito dessa forma era uma disposição importante, pois se tornava um testemunho do poder de Deus agora em ação na Terra. Naturalmente, surgiria a pergunta: Como esses leprosos foram curados?

Nesse caso, isso ao mesmo tempo chamaria a atenção para o fato de que o Cristo de Deus estava ali e que Ele realmente revelava o poder de Deus em graça.

Primeiro, eles devem iniciar sua jornada. Eles não sentiram nada quando lhes foi dito para irem até os sacerdotes, mas, ao irem, eles foram purificados. Quando um dos dez, um samaritano, vê que ficou curado, ele não continua a caminhar até os sacerdotes. Ele volta para o Senhor, porque Nele encontrou Deus. Ele percebe que Cristo é a fonte da bênção de Deus.

O samaritano está fora do judaísmo e, portanto, não está preso às tradições com as quais os fariseus mantêm o povo cativo. Portanto, ele está livre para voltar ao Senhor. Os outros nove poderiam dizer que isso é presunção e desobediência, e não seria o caso. Afinal de contas, eles estavam agindo de acordo com a palavra do Senhor e ele não. O Senhor lhes havia dito claramente para irem e se mostrarem aos sacerdotes. Mas ele é o único que entende que o Senhor Jesus é Deus. Portanto, ele volta para se mostrar a Ele, para se lançar a Seus pés e agradecer-Lo. Ele não precisa mais ficar à distância.

O Senhor vê um deles e pergunta sobre os outros nove. Ele purificou todos os dez de sua lepra, mas os nove apenas se aproveitaram de Seu poder e se contentaram em permanecer judeus. Eles não saem do antigo redil, mas permanecem presos no sistema legal. Nem Nele nem no poder de Deus eles viram algo que os atraísse. Tendo sido beneficiados, eles continuam na velha trilha. Não agradecem a Ele.

O Senhor pergunta onde eles estão, uma pergunta que ainda precisa ser feita hoje. Onde estão os cristãos que ainda se reúnem com o propósito de adorá-Lo e a Deus pela grande obra que Ele realizou na cruz para a purificação deles?

Ele enfatiza a diferença entre os nove e este um, perguntando, ou melhor, observando que somente este único estrangeiro dá glória a Deus. Assim, Ele se mostra desapontado com o fato de os nove judeus, os membros de Seu povo, não terem ido a Deus. Ao mesmo tempo, Ele enfatiza a gratidão do homem que está fora do povo de Deus, mas que agora, na realidade, pertence a ele.

O Senhor ainda tem uma bênção especial para o samaritano, pois somente ele recebe dEle a mensagem de salvação, enquanto os nove foram declarados limpos apenas no que diz respeito à lepra. Ele não diz mais nada sobre o fato de o homem ter se mostrado ao sacerdote. O samaritano encontrou Deus. Ele experimentou o gracioso poder de Deus na cura de sua lepra, um poder que ele reconheceu em Cristo e por isso Lhe deu glória.

Luc 17:20-21 | O Reino de Deus está em Cristo

20 E, interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o Reino de Deus, respondeu-lhes e disse: O Reino de Deus não vem com aparência exterior. 21 Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Porque eis que o Reino de Deus está entre vós.

Os fariseus têm uma pergunta. Eles querem saber quando virá o reino de Deus. Eles acham que estão prontos para ele. A questão é apenas quando o reino de Deus – como eles pensam – estará pronto para eles. Essa é uma pergunta de incredulidade cega. É como pedir sinais. Eles não têm olhos para ver, pois são cegos e, por serem cegos, não veem o reino de Deus, pois ele “não vem com aparência exterior”. Com isso, o Senhor quer dizer que ele não vem com poder e glória exteriores.

No entanto, Ele forneceu uma abundância de evidências de que o reino de Deus está entre eles, e isso em Sua pessoa. No entanto, eles não reconhecem Nele o Rei de Deus, embora Ele tenha revelado o verdadeiro poder do reino nas muitas vitórias sobre Satanás e sobre todas as consequências do pecado no mundo. O verdadeiro poder do reino é revelado na pessoa dependente e obediente, no poder de Deus que nunca falha e que opera por meio dele.

Eles estão cegos para tudo isso. Eles não respeitam isso porque não respeitam a Deus. Como povo, eles desejam ser exaltados e destruir os inimigos, mas não desejam que Deus seja glorificado e que o homem se humilhe. Portanto, o Senhor lhes mostra em Sua resposta que, desde o momento de Sua rejeição até Sua volta em glória, não se trata de uma questão de “Eis aqui! ou: Ali!”, mas de uma questão de fé, de reconhecer a glória de Sua pessoa e ver que o poder que opera Nele é o poder de Deus.

O reino de Deus está no meio deles, e eles não o veem porque não O veem. Eles pensam pouco no Senhor Jesus. Essa é a ruína de todos os que ouvem o testemunho, mas se recusam a aceitá-lo.

Lucas fala sobre o reino de Deus, não sobre o reino dos céus. Somente Mateus fala sobre o reino dos céus, e ele não diz em nenhum momento, enquanto o Senhor Jesus esteve na Terra, que o reino dos céus havia chegado. Ele provavelmente cita, de acordo com o que Lucas diz aqui, as palavras do Senhor que disse: “Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é conseguintemente chegado a vós o Reino de Deus” (Mat 12:28).

O reino de Deus já existia quando Cristo estava na Terra. Ele provou isso ao revelar o poder do Espírito em inúmeras vitórias sobre Satanás. Mas o reino dos céus não veio até que Ele ascendesse ao céu e começasse Seu governo oculto sobre a Terra a partir do céu. Quando Ele retornar em glória, exercerá esse governo publicamente, e então não haverá diferença entre o reino de Deus e o reino dos céus. Então o reino terá chegado e sido estabelecido em poder e glória.

Luc 17:22-25 | O Dia do Filho do Homem

22 E disse aos discípulos: Dias virão em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem e não o vereis. 23 E dir-vos-ão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Não vades, nem os sigais, 24 porque, como o relâmpago ilumina desde uma extremidade inferior do céu até à outra extremidade, assim será também o Filho do Homem no seu dia. 25 Mas primeiro convém que ele padeça muito e seja reprovado por esta geração.

O Senhor fala aos seus discípulos. Ele não dá aos fariseus nenhuma informação adicional sobre o reino. Mas Ele instrui Seus discípulos mais detalhadamente sobre o Reino de Deus em sua forma futura e ainda mais sobre os dias que precedem o Reino. Esses dias serão dias em que eles desejarão voltar a um dos dias que experimentaram durante a presença do Senhor na Terra.

Para Seus discípulos, Ele pode falar abertamente sobre a forma futura do reino. Era a essa forma que o pensamento dos fariseus estava confinado. Os discípulos haviam aceitado o Senhor com fé e, embora pudessem ter pouco discernimento, entenderam que o reino de Deus estava no meio

deles. Portanto, Ele pode lhes dar luz divina sobre o futuro, quando estabelecerá visivelmente o reino.

Ele os adverte para que não sejam enganados. Pouco antes de Sua vinda, haverá muitos falsos cristos que se apresentarão como o Messias prometido. Ele ressalta que eles dirão: “Olhe aqui! ou olhe ali!” Para os fariseus, Ele havia acabado de dizer que isso não seria dito verso 21 porque Ele, o Rei de Deus, estava diante deles corporalmente.

O Senhor informa aos Seus discípulos de que maneira Ele virá. Eles não precisam dar ouvidos a todos os tipos de vozes enganosas, porque quando Ele vier, ficará muito claro que é Ele. Eles não precisam pensar que precisam procurá-Lo, como se Ele estivesse escondido em algum lugar. Ele virá como um relâmpago sobre toda a Terra. Todo olho O verá (Apo 1:7). Ninguém precisará dizer a ninguém mais que é Ele. Sua glória e majestade serão então visíveis a todos, enquanto agora Sua glória é visível apenas para a fé (João 1:14). Então, “Seu dia” terá amanhecido.

No entanto, antes que isso aconteça, Ele deve primeiro sofrer muitas coisas e ser rejeitado por esta geração. A maldade e a rebelião deles contra Deus devem atingir seu clímax. Depois disso, virá o julgamento.

Luc 17:26-33 | Os dias de Noé e de Ló

26 E, como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do Homem. 27 Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e consumiu a todos. 28 Como também da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam. 29 Mas, no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre, consumindo a todos. 30 Assim será no dia em que o Filho do Homem se há de manifestar. 31 Naquele dia, quem estiver no telhado, tendo os seus utensílios em casa, não desça a tomá-los; e, da mesma sorte, o que estiver no campo não volte para trás. 32 Lembrai-vos da mulher de Ló. 33 Qualquer que procurar salvar a sua vida perdê-la-á, e qualquer que a perder salvá-la-á.

O Senhor compara os dias do Filho do Homem com os dias de Noé. Nesses dias, os homens viviam suas próprias vidas de tal forma que Deus teve de dizer que a Terra estava corrompida e cheia de violência diante

Dele (Gên 6:11-12). Os dias do Filho do Homem são os dias em que Ele exerce Seu domínio como Filho do Homem sobre a criação. Esse reinado começará com o julgamento justo do pecado.

No verso 22, por “dias do Filho do Homem” entende-se os dias em que o Senhor Jesus esteve na Terra. No verso 26, “os dias do Filho do Homem” significa os dias que precedem a Sua vinda. Esses são os dias em que nós também vivemos. Depois disso, vem “o seu dia” verso 24, o tempo que se refere ao seu governo.

O fato de que também vivemos nos dias que precedem a Sua vinda pode ser visto na referência aos dias de Noé e de Ló. Esses dias tinham as mesmas características de nossos dias. O Senhor descreve a vida dos dias de Noé de um ângulo diferente do primeiro livro de Moisés. Ele se refere à vida cotidiana de uma pessoa comum. Essa vida consistia em comer, beber e se casar. Alguém pode se perguntar se o julgamento deve vir sobre isso. Será que essas coisas são pecaminosas, pois não foi o próprio Deus que estabeleceu todas essas ordenanças? São, mas se essas coisas fazem parte da vida do homem e excluem Deus de sua esfera de vida, então são atividades malignas. Foi por isso que o julgamento atingiu a todos, e ninguém escapou.

O Senhor também fala sobre os dias de Ló. Também sabemos disso pelo primeiro livro de Moisés, em que cidade corrupta Ló vivia. Mas aqui também, o Senhor apresenta Sodoma como uma cidade onde viviam pessoas cujas ocupações diárias consistiam em várias atividades que não eram, em si mesmas, erradas ou pecaminosas. É notável, no entanto, que Ele não fale mais aqui sobre o casamento. Isso foi consumado em Sodoma sem Deus.

O julgamento ocorre porque eles estavam realizando todas as atividades normais sem levar Deus em consideração. Se banirem Deus da vida cotidiana, o julgamento virá. Foi isso que Sodoma experimentou. Ló foi salvo por um fio (Gên 19:16) porque hesitou em sair de Sodoma. O julgamento veio e ninguém escapou.

O julgamento da Terra e o julgamento de Sodoma, ambos modelos de julgamento completo e final, retratam a situação como será no dia em que o Senhor Jesus aparecerá como o Filho do Homem. No caso de Noé, houve um aviso prévio. Ele provavelmente passou 120 anos construindo a arca e,

durante todo esse tempo, pregou que o juízo estava chegando (2Ped 2:5). No entanto, eles não acreditaram. Por isso, o julgamento foi repentino para todas essas pessoas. O julgamento sobre Sodoma também foi repentino, apenas Ló e sua família foram avisados. Da mesma forma, a vinda do Filho do Homem para julgar será repentina (1Tes 5:3) para destruir todos aqueles que corromperam a Terra (Apo 11:18).

Quando o Filho do Homem vier, não haverá tempo a perder. Então, será revelado o que o coração busca. O Senhor adverte que não se deve pensar que algo é importante. Qualquer atraso na fuga é desastroso. A demora surge quando alguém pensa que tem coisas valiosas em casa. Mas não importa onde a pessoa esteja, naquele momento apenas uma coisa é importante: salvar a mera existência. Quem, apesar da seriedade da situação, ainda decide em favor de suas sete coisas, prova que essas coisas são ídolos para ele. Elas o dominam. A consequência é que ele perece.

A verdadeira e salvadora sabedoria será a fidelidade ao Senhor e ao Seu testemunho. Aqueles que consideram um ou dois bens terrenos mais importantes do que a própria vida perderão a vida. O Senhor nos lembra da esposa de Ló. Ela não conseguia se afastar de Sodoma no seu coração e isso se tornou sua ruína (Gên 19:17,26). Seu coração estava apegado ao lugar sobre o qual Deus trouxe o juízo.

Como ocorre conosco? Quem pensa que pode se apegar à vida neste mundo, onde o Senhor diz para abandoná-lo, perderá sua vida. Mas quem abrir mão de sua vida e entregá-la nas mãos do Senhor poderá conservá-la.

Luc 17:34-37 | Levado ou deixado

34 Digo-vos que, naquela noite, estarão dois numa cama; um será tomado, e outro será deixado. 35 Duas estarão juntas, moendo; uma será tomada, e outra será deixada. 36 Dois estarão no campo; um será tomado, e outro será deixado. 37 E, respondendo, disseram-lhe: Onde, Senhor? E ele lhes disse: Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão as águias.

Deus sabe quem é realmente um discípulo do Senhor Jesus e quem é apenas na aparência. Aquele que não pertence a Ele, Ele o leva embora por meio do juízo. Aquele que pertence a Ele fica para trás e entra no reino da paz.

Ele sabe como fazer uma distinção em Seu julgamento nos relacionamentos mais íntimos, como no caso de marido e mulher que se deitam juntos na cama à noite. Outra cena é aquela em que duas mulheres moem farinha durante o dia para assar pão. Delas, uma também será levada pelo juízo, enquanto a outra ficará para trás e entrará no reino da paz.

Assim, vemos duas situações em que as pessoas se encontrarão quando o Senhor aparecer de repente: à noite, pela manhã e durante o dia. Ele deixa claro que sua vinda tem consequências para toda a Terra.

A natureza do julgamento deixa claro que não se trata da destruição de Jerusalém por Tito em 70 d.C. Vemos a mão de Deus que sabe como discernir, poupar e tirar. Também não se trata do julgamento dos mortos, mas de um julgamento na terra: eles estão em uma cama ou moendo.

Os discípulos perguntam onde ocorrerá o juízo. O Senhor responde que será onde estiver o corpo morto, o cadáver, a carniça. Um corpo morto é um corpo sem espírito. Ele representa o Israel ímpio, que Deus rejeitou na pessoa de Cristo. É também qualquer outro corpo morto, não importa onde esteja, porque se aplica de modo geral a todo ser humano. Para todo aquele que não tem a vida de Deus e, portanto, é um corpo morto, o juízo descerá como águias ou abutres, dos quais a presa não escapa porque está sem vida.

Lucas 18

Luc 18:1-8 | Parábola do Juiz Injusto

1 E contou-lhes também uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca desfalecer, 2 dizendo: Havia numa cidade um certo juiz, que nem a Deus temia, nem respeitava homem algum. 3 Havia também naquela mesma cidade uma certa viúva e ia ter com ele, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário. 4 E, por algum tempo, não quis; mas, depois, disse consigo: Ainda que não temo a Deus, nem respeito os homens, 5 todavia, como esta viúva me molesta, hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não volte e me importune muito. 6 E disse o Senhor: Ouvi o que diz o injusto juiz. 7 E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles? 8 Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Quando, porém, vier o Filho do Homem, porventura, achará fé na terra?

Dando continuidade ao que o Senhor disse sobre as características dos últimos dias, Ele enfatiza, por meio de uma parábola, a importância da oração contínua. A oração tem sido a fonte de ajuda para os fiéis em todas as épocas, mas especialmente nos dias do Filho do Homem, que são muito parecidos com os dias de Noé e os dias de Ló. São os dias em que vivemos. Por isso, essa parábola está repleta de instruções para nós também.

Trata-se de não afrouxar a oração e não desanimar quando a resposta não vem. Estes são tempos difíceis em que a fé é posta à prova. Orar constantemente é a única coisa que nos dá força para perseverar. Isso prova a confiança em Deus, mesmo quando as aparências estão contra nós.

O Senhor descreve uma situação em que um juiz não se importa nem um pouco com a lei. Esse juiz não ama a Deus nem ao próximo. Amar a Deus e ao próximo é a essência da lei. E esse homem é um juiz!

Em um determinado momento, uma viúva se aproxima dele com o pedido de que ele lhe faça justiça. Ela tem um adversário que quer explorá-la. O juiz não pode ganhar nada com esse caso. É completamente desinteressante para ele. A viúva, no entanto, persiste. Isso acaba levando ao sucesso. Seu raciocínio é que ele defenderá a mulher, apesar do fato de não se importar nem com Deus nem com o próximo.

Sua consideração para fazer justiça à viúva é que ele quer se livrar das reclamações dela e evitar algo pior. Para ele, é provável que ela volte a importuná-lo se ele se mantiver firme em sua recusa. Portanto, no fim das contas, é melhor conceder-lhe justiça de qualquer forma. Pelo menos assim ele se livrará dela. Ele está agindo puramente por interesse próprio.

O juiz injusto aqui não é mais uma imagem de Deus do que o administrador injusto no capítulo 16 é uma imagem de um discípulo. O Senhor conta essas parábolas para incentivar seus discípulos a agirem dessa forma, contando com a benevolência de Deus para com eles.

Aqui o Senhor Jesus quer incentivá-los a orar constantemente sem se cansar, mesmo quando parece que a resposta não vem e que o mal está aumentando. Se um juiz injusto chegar a um veredito, mesmo que seja em seu próprio interesse, será que Deus permitirá que alguém que ore persistentemente fale sem dar atenção?

Aquele que clama a Deus dia e noite, mesmo que Deus espere com a resposta, demonstra fé verdadeira. Afinal, Deus não espera para adiar a promessa, mas age com bondade, levando os pecadores ao arrependimento para que também sejam salvos (2Ped 3:9). Aquele que ora precisa perseverar até que a resposta chegue. Se em algum lugar for possível encontrar fé que agrade Àquele que a busca, essa fé não será envergonhada ou desapontada.

Mas será que o Filho do Homem, quando vier, encontrará fé? Afinal de contas, quantos discípulos haverá que realmente se apegam à confiança genuína em Deus, quantos viverão com a confiança da fé demonstrada pela viúva? Estamos vivendo no fim dos tempos com poucos discípulos genuínos e onde esses discípulos genuínos serão fortemente pressionados a abandonar a fé. Será que temos fé de que Deus realmente nos fará justiça, mesmo quando parecer o contrário? O Senhor deixa claro quem são os verdadeiros justos na parábola a seguir.

Luc 18:9-14 | O fariseu e o publicano

9 E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros: 10 Dois homens subiram ao templo, a orar; um, fariseu, e o outro, publicano. 11 O fariseu, estando em pé, orava

consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. 12 Jejuo duas vezes na semana e dou os dízimos de tudo quanto possuo. 13 O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador! 14 Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado.

Nessa parábola, o Senhor descreve novamente novos traços de caráter que correspondem ao reino no qual entrarão aqueles que O seguirem. A justiça própria é tudo menos uma recomendação para entrar no reino. As pessoas que confiam em si mesmas para serem justas não precisam orar. Elas também não ficam desanimadas e não precisam da fé que confia na oração para recorrer a Deus em busca de ajuda.

O Senhor conta essa parábola com relação àqueles que se consideram muito superiores aos outros e que também olham com desprezo para os outros. Ele compara dois homens que vão ao templo para orar. Eles são completamente opostos.

Primeiro, ele descreve a atitude e a oração do fariseu. Nele reconhecemos o filho mais velho do capítulo 15 e o homem rico do capítulo 16. Em contraste, no publicano vemos o filho mais novo e Lázaro. O fariseu representa o mundo religioso em sua manifestação mais honrosa. O publicano representa as pessoas que não têm honra a mostrar, mas que, independentemente do que tenham sido, agora se condenam arrependidas e contam com a misericórdia de Deus.

Lemos que tanto o fariseu quanto o coletor de impostos “estão em pé”. Há, no entanto, uma distinção muito fina na forma dos dois verbos traduzidos como “estar em pé” em ambas as ocasiões. O fariseu se posiciona como se fosse falar a uma assembleia. No caso do publicanos, é a expressão comum para “ficar em pé” em oposição a “sentar-se”.

O Senhor fala sobre a oração do fariseu. Ele orava “consigo mesmo”. Isso dá a impressão de que os outros não podiam ouvir o que ele estava dizendo. Mas, quando lemos sua oração, não é realmente uma oração, um pedido a Deus. Também não está agradecendo a Deus pelo que Ele é. Ele

está tão extraordinariamente satisfeito consigo mesmo que recomenda somente a si mesmo a Deus. Ele agradece a Deus por tudo o que Ele não é. Também não é uma confissão de pecados. Ele nem mesmo menciona qualquer necessidade, qualquer coisa que ele precise. Ele mesmo é o objeto de sua ação de graças. Ele não era, como os outros, violento e corrupto, nem como os publicanos. Quando ele fala “deste publicano”, ouvimos um traço de desprezo. Para ele, o homem é um publicano desprezado porque fez um pacto com o inimigo.

Por fim, ele discorre longamente sobre seus hábitos. Ele se elogia por seu jejum e sua excessiva consciência religiosa. Não que ele alegue falsidade, não que ele exclua Deus, mas ele confia nessas coisas. Elas formam a base de sua justiça diante de Deus. Ele acha que tudo isso o torna agradável diante de Deus. Ele não considera as outras pessoas. Isso se deve ao fato de ele nunca ter visto seus próprios pecados como Deus os vê. Esse fariseu é um “crente”, mas que acredita tremendamente em si mesmo.

Como é completamente diferente a atitude e a oração do publicano. O publicano fica parado de longe. Ele se sente como os leprosos de quem isso também é dito (Luc 17:12). Ele reconhece que não é digno de se aproximar de Deus. Ele nem mesmo ousa levantar os olhos para o céu, mas permanece com a cabeça baixa e bate no peito como sinal de seu profundo arrependimento. Ele para ali como alguém que implora a Deus por misericórdia.

Ao falar de si mesmo como “o pecador”, ele diz, por assim dizer, que é o único pecador (cf. 1Tim 1:15). Ele não diz de forma tão genérica que é “um pecador”, como se fosse um dos muitos e quisesse se esconder um pouco na multidão. Ele só vê a si mesmo e o quanto é indigno e pecador aos olhos de Deus.

Ao mesmo tempo, ele implora a Deus por misericórdia. Ele faz isso sem encobrir nenhum de seus pecados. Uma pessoa só pede misericórdia quando está convencida de que não merece nada. Na palavra “misericórdia” que o publicano usa, está incluído o pedido de reconciliação. Para Deus, não há misericórdia sem reconciliação.

O Senhor declara o publicano justo porque ele tomou a atitude correta diante de Deus e deu a Deus a posição correta. O publicano se torna um homem justo porque se tornou um penitente. Justificado significa: agir

corretamente de acordo com a lei. Deus declara que o publicano agiu corretamente ao confessar que era um pecador e, como resultado, Deus declara que o publicano está livre de seus pecados.

Na carta aos Romanos, Paulo trata da doutrina da justiça de Deus. Lá fica claro o que significa quando Deus declara alguém justo. Isso significa que alguém assim nunca pecou, porque há outro que diz ter cometido esses pecados e que também sofreu o julgamento por eles.

O publicano está verdadeiramente livre do fardo de seus pecados. Essa é a parte de todo homem que, como o publicano, confessou sinceramente seus pecados e vê pela fé que a obra de Cristo também foi realizada por ele e que Deus a aceitou perfeitamente.

O publicano se humilhou e, assim, foi exaltado ao coração de Deus. O fariseu, “aquele”, vai para casa muito satisfeito consigo mesmo, mas aumentou sua culpa. Ele se exaltou e será humilhado quando estiver perante o grande trono branco diante do Juiz, o Senhor Jesus.

Luc 18:15-17 | As criancinhas são levadas ao Senhor

15 E traziam-lhe também crianças, para que ele as tocasse; e os discípulos, vendo isso, repreendiam-nos. 16 Mas Jesus, chamando-as para si, disse: Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais, porque dos tais é o Reino de Deus. 17 Em verdade vos digo que qualquer que não receber o Reino de Deus como uma criança não entrará nele.

Após a cena no templo com os exemplos de orgulho e humildade, as criancinhas são levadas ao Senhor. A cena anterior do templo contém a admoestação para sermos humildes em vista de nossos pecados, que Deus conhece. Ela também contém o resultado agradável para qualquer um que ocupe esse lugar humilde. Agora, vêm a Ele crianças que são humildes por natureza. Elas são trazidas a Ele “para que Ele as toque”. O Senhor é o Senhor daqueles que são humildes. Eles podem contar com o fato de que Ele os tocará para abençoá-los.

Isso, no entanto, não é correto para os discípulos. Eles revelam a atitude dos fariseus. Eles não têm olhos para os pequenos, os humildes. Eles julgam essa ação como um obstáculo no trabalho que é tão importante para eles e que também os torna tão importantes. Se pelo menos uma pessoa

distinta tivesse vindo, eles teriam aberto espaço, mas as crianças não são interessantes para eles.

O Senhor, no entanto, discorda claramente deles. Quando os discípulos querem mandá-los embora, Ele os chama para junto de Si. Ele tem uma lição para Seus discípulos. Ele quer que as crianças venham até Ele, e os discípulos não devem impedir isso. É exatamente para as crianças que existe o reino de Deus. É típico de uma criança pequena acreditar em tudo o que lhe é dito, confiar naqueles que cuidam dela, ser insignificante aos seus próprios olhos e ser incapaz de se defender quando é forçada a se afastar.

Todas essas são as marcas certas para o reino de Deus. Somente quando alguém está disposto a se tornar como uma criança com as marcas apropriadas é que pode receber o reino de Deus. Então, ele passa a ter olhos para isso, porque receber o reino significa receber o Senhor Jesus. Quem não fizer isso não poderá entrar. É impossível entrar no reino se você se considera muito importante. Para entrar no reino, é preciso tornar-se muito pequeno, despojado de toda a sua glória e grandeza. Esse é o ensinamento do jovem rico no incidente a seguir. Por não se tornar pequeno, ele não pode entrar.

Luc 18:18-25 | O jovem rico

18 E perguntou-lhe um certo príncipe, dizendo: Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna? 19 Jesus lhe disse: Por que me chamas bom? Ninguém há bom, senão um, que é Deus. 20 Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtares, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe. 21 E disse ele: Todas essas coisas tenho observado desde a minha mocidade. 22 E, quando Jesus ouviu isso, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa: vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. 23 Mas, ouvindo ele isso, ficou muito triste, porque era muito rico. 24 E, vendo Jesus que ele ficara muito triste, disse: Quão dificilmente entrarão no Reino de Deus os que têm riquezas! 25 Porque é mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino de Deus.

Um jovem veio ao Senhor e fez uma pergunta. Sua pergunta deixa claro que ele confia em sua própria justiça e que, portanto, não tem a mente de uma criança. Ele não entende que não há nada de bom no homem. Ele acha que pode fazer algo para herdar a vida eterna, quando somente aqueles que se tornam como crianças podem receber a vida eterna pela graça. A vida eterna é a vida do reino. Por isso ele fala em herdá-la. Sua pergunta a esse respeito revela que ele deseja entrar no reino.

A resposta tem o objetivo de fazer o jovem pensar. Em sua resposta, o Senhor pergunta por que ele O chama de “bom mestre”. O Senhor não espera pela resposta, mas o ajuda dizendo-lhe que ninguém é bom a não ser Deus. Entretanto, se o jovem pensa que o Senhor como homem, e não mais do que um homem, é um bom mestre, alguém com quem se pode aprender como ganhar a vida eterna, então ele não está vivendo à altura de Sua glória. O Senhor sabe o que está no coração do jovem, mas para que ele possa ver por si mesmo, Ele lhe diz tudo o que ele pode fazer para entrar no reino: simplesmente guardar a lei, e então Ele também lhe diz os mandamentos.

O Senhor não pergunta se ele os conhece, porque sabe que o jovem os conhece. Mas conhecer os mandamentos e de fato guardá-los são duas coisas diferentes. O Senhor lhe diz cinco mandamentos, não todos os dez. E preste atenção em quais mandamentos Ele diz ao jovem. Os cinco que Ele lhe diz são mandamentos que regulam o relacionamento entre as pessoas.

O jovem judeu pode dizer com toda a sinceridade que guardou esses mandamentos desde sua juventude. A maneira como ele diz isso não soa como uma ostentação. Tampouco o Senhor o repreende como se ele fosse alguém que finge ser piedoso, mas não é bom por dentro. Ao mesmo tempo, sua resposta prova que ele não tem consciência dos pecados e que, portanto, não conhece a Deus e a Cristo.

Então o Senhor chega ao cerne da questão. Ele diz ao jovem que lhe falta uma coisa. Ele sabe que o jovem é rico e que seu coração está apegado às suas posses. Ao dizer-lhe para vender tudo e distribuir aos pobres, Ele o coloca à prova. Se ele realmente deseja a vida eterna, estará disposto a abrir mão de tudo por ela.

Se ele fizer o que o Senhor diz, a consequência para ele será dupla. Por um lado, ele garantirá um tesouro nos céus. Por outro lado, ele poderá vir ao Senhor e segui-Lo. Seguir o Senhor significa rejeição na Terra, mas o desfrute de um tesouro no futuro. É uma questão de saber quem é esse “a seguir” que diz isso para o coração. Isso determina tudo. Quando Ele está diante dos olhos, o poder está lá para revelar tudo na Terra, e então há fé de que o verdadeiro tesouro está nos céus.

Quando o jovem ouve o que o Senhor pede, ele não fica zangado, mas entristecido. Ele vê a realidade diante de si: para herdar a vida eterna, ele precisa abrir mão de tudo, e não pode abrir mão de suas posses. Elas são preciosas demais para ele. A razão é que ele não vê nada de atraente no Senhor Jesus e nas coisas que Ele lhe apresenta. O jovem provavelmente teria desejado comprar a vida eterna com sua riqueza; mas vender tudo e doar tudo, e depois seguir um caminho de humilhação na convicção de que o tesouro está seguro nos céus – isso ele não quer.

O Senhor colocou seu dedo na cobiça que o domina e que é alimentada pelas riquezas que ele possui. A riqueza, que parece ser um sinal do favor de Deus aos olhos do homem, só se mostra um obstáculo quando se trata de seu coração e do céu.

O convite do Senhor deixa claro que ele ama sua riqueza, seu dinheiro, o Mamom; ele nunca havia suspeitado disso antes. Mas agora o que sempre esteve presente subliminarmente vem à tona. Isso acontece porque ele está na presença Daquele que, sendo rico, se fez pobre por amor de nós, para que, por Sua pobreza, nos tornássemos ricos (2Cor 8:9). O jovem achava sua posição e suas posses muito preciosas e não podia suportar não ter nada e não ser nada.

Que diferença daquele que não considerou um roubo ser igual a Deus, mas que se fez nada e assumiu a forma de servo e se tornou semelhante aos homens, e que, quando foi encontrado exteriormente como um homem, humilhou-se a si mesmo tornando-se obediente até a morte, até mesmo a morte de cruz (Flp 2:6-8).

Quando o Senhor vê que o jovem fica triste, Ele aponta o perigo da riqueza como um obstáculo para entrar no Reino de Deus. Ele compara um homem rico a um camelo, que sozinho não consegue passar pelo buraco de uma

agulha e, muitas vezes, tem muita coisa carregada em cima dele, tornando ainda mais impossível a passagem.

A figura é um exagero que deixa claro para todos que uma pessoa rica e apegada ao seu dinheiro não pode entrar no reino. Quando se trata de alguém que tem muito dinheiro e posses, geralmente é difícil passar sem eles. Para entrar no reino, é preciso renunciar a toda riqueza, seja ela material, espiritual ou intelectual.

Luc 18:26-30 | A lição para os discípulos

26 E os que ouviram isso disseram: Logo, quem pode salvar-se? 27 Mas ele respondeu: As coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus. 28 E disse Pedro: Eis que nós deixamos tudo e te seguimos. 29 E ele lhes disse: Na verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou pais, ou irmãos, ou mulher, ou filhos pelo Reino de Deus 30 e não haja de receber muito mais neste mundo e, na idade vindoura, a vida eterna.

Se alguém é rico, isso significa para os discípulos que essa pessoa goza do favor de Deus. Deus prometeu prosperidade terrena àqueles que guardam seus mandamentos. Portanto, surge a pergunta para eles: se é impossível que uma pessoa assim seja salva, quem então poderá ser salvo?

A questão não é que uma pessoa rica não possa ser salva, mas que sua riqueza não é garantia disso e, na prática, tem se mostrado um grande obstáculo. Certamente, pessoas ricas foram salvas, por exemplo, José de Arimatéia (Mat 27:57). Ser salvo é uma impossibilidade para todos os homens, ricos ou pobres, mas não para Deus. Somente Deus pode dar a salvação. Ele pode fazer isso por meio da obra do Senhor Jesus.

Pedro ouviu o que o Senhor disse ao rico, que ele deveria vender seus bens e segui-Lo. Ele comenta que, afinal, eles fizeram isso. Ele não diz isso de forma arrogante, mas um pouco como pergunta sobre o que isso trouxe para ele e para os outros. Isso pode ser visto na resposta do Senhor. Talvez ele até tenha dito isso com um toque de decepção, porque ainda não trouxe mais do que o que eles têm agora. Ele tem uma esposa, um barco e um bom trabalho. Ele deixou tudo isso para trás.

O Senhor os encoraja colocando diante deles tudo o que receberão. Ele se dirige ao comentário de Pedro e diz que não há nada de que alguém abra

mão que Ele não substitua abundantemente, se esse abrir mão for apenas por causa do reino de Deus. Somente aqueles que viram a glória do reino em seu Rei renunciam a tudo. Eles deixam seu lar, sua esfera de vida, com tudo o que faz parte dela e que lhe são queridos e valiosos, para seguir alguém que não lhes oferece nada além de uma cruz.

O Senhor promete que eles receberão “muitas vezes mais”. Esse “muitas vezes mais” consiste em bênçãos espirituais recebidas por alguém que renunciou a tudo por Cristo (cf. Flp 3:8-9). Esse já é o caso agora, neste tempo. O desfrute das bênçãos espirituais, da comunhão com o Senhor, substitui grande parte da perda da mais íntima comunhão terrena à qual se renuncia. Essas bênçãos e a comunhão serão desfrutadas em sua plenitude na era vindoura.

A vida eterna é agora meramente a posse interior do crente. Na era vindoura, quando o Senhor Jesus reinar, a vida eterna também será a esfera da vida. Exteriormente, tudo estará de acordo com Ele, que é a vida eterna. Seu governo, Sua vida, determinará a vida na Terra.

Luc 18:31-34 | Terceiro anúncio da paixão

31 E, tomando consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no Filho do Homem tudo o que pelos profetas foi escrito. 32 Pois há de ser entregue aos gentios e escarnecido, injuriado e cuspido; 33 e, havendo-o açoitado, o matarão; e, ao terceiro dia, ressuscitará. 34 E eles nada disso entendiam, e esta palavra lhes era encoberta, não percebendo o que se lhes dizia.

O Reino de Deus e a vida eterna ainda não determinam a vida na Terra. Antes que isso possa acontecer, o Senhor e Seus discípulos precisam ir a Jerusalém. Lá eles verão que o que os profetas escreveram sobre Ele também acontecerá com Ele. Eles verão que o Filho do Homem não foi a Jerusalém para estabelecer um reino de paz, mas para ser rejeitado e morto.

O Senhor fala novamente de Si mesmo como o Filho do Homem. Com isso, Ele diz que não reinará apenas sobre Israel, mas sobre toda a criação, e que isso será feito por meio do sofrimento e da morte. O título Filho do Homem fala tanto de Sua rejeição quanto de Sua glória.

Ele será entregue às nações. Ele não está falando aqui sobre o que os judeus farão com Ele. As nações também serão culpadas por Sua morte. Ele não

será poupado de nada. Será submetido a todas as zombarias e tormentos imagináveis. Finalmente, Ele será morto. Mas esse não é o fim. O Senhor declara claramente que ressuscitará no terceiro dia. Sua ressurreição prova Seu poder divino (Rom 1:4) e prova que Deus aceitou Sua obra e, com base nisso, pode justificar o pecador (Rom 4:25).

Tudo o que Ele disse sobre Seus sofrimentos, sobre Sua morte e ressurreição não foi compreendido pelos discípulos, porque os pensamentos deles estavam voltados apenas para um rei reinante. Um Rei sofredor e moribundo não se encaixa no pensamento deles. Vemos aqui como uma opinião preconcebida tem uma influência tão grande que até mesmo as declarações mais claras permanecem ocultas para o ouvinte em seu significado real.

Luc 18:35-43 | Cura de um mendigo cego

35 E aconteceu que, chegando ele perto de Jericó, estava um cego assentado junto do caminho, mendigando. 36 E, ouvindo passar a multidão, perguntou que era aquilo. 37 E disseram-lhe que Jesus, o Nazareno, passava. 38 Então, clamou, dizendo: Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim! 39 E os que iam passando repreendiam-no para que se calasse; mas ele clamava ainda mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim! 40 Então, Jesus, parando, mandou que lho trouxessem; e, chegando ele, perguntou-lhe, 41 dizendo: Que queres que te faça? E ele disse: Senhor, que eu veja. 42 E Jesus lhe disse: Vê; a tua fé te salvou. 43 E logo viu e seguia-o, glorificando a Deus. E todo o povo, vendo isso, dava louvores a Deus.

Esse evento é o ponto de partida para os três primeiros evangelistas descreverem a última parte da jornada do Senhor para Jerusalém (Mat 20:29-34; Mar 10:46-52). Mateus e Marcos falam de Sua saída de Jericó, Lucas diz que Ele “se aproximou de Jericó”.

De acordo com as escavações, parece ter havido duas Jericós. Uma é a antiga cidade original, a outra é uma Jericó romana, não muito distante dela. O cego estava sentado entre as duas Jerichós. Então, a situação é que o Senhor Jesus deixa a antiga Jericó e está a caminho da Jericó romana e, no caminho, encontra o cego sentado à beira do caminho, pedindo esmolas.

Há também traduções que colocam aqui que o Senhor estava “perto de Jericó”.

O cego ouve que uma multidão está passando. Ele conclui que algo especial está acontecendo e quer saber por que essa multidão está ali. Ele pergunta. A resposta é que “Jesus, o Nazareno”, ou seja, Jesus de Nazaré (Mat 2:23), está passando por ali. O cego sabe o suficiente e começa a gritar. Ele não grita: “Jesus, Nazareno”, mas: “Jesus, Filho de Davi”. Aquele que para a multidão não é mais do que o homem de Nazaré, para o cego é o Filho de Davi.

O cego vê mais do que a multidão. Sua fé lhe dá a visão correta de Cristo e o leva a clamar por sua misericórdia. O Senhor nunca mais passará por aqui, pois morrerá em Jerusalém. O cego não sabia disso e, portanto, é ainda mais belo o fato de ele aproveitar a oportunidade que se apresenta.

Ele toma sua decisão no momento certo e não a deixa para depois; a oportunidade também não voltaria a aparecer. É importante que toda decisão seja tomada no momento certo. As pessoas que caminham na frente da multidão dizem para ele ficar quieto. Ele deveria parar de gritar, pois se o Senhor o ouvisse, haveria uma parada indesejada.

A advertência tem um efeito oposto. O cego grita ainda mais. Isso é uma reminiscência da viúva no início deste capítulo, que também continuou com sua súplica. Ele apela mais uma vez para a misericórdia do Senhor como o Filho de Davi e aprende que aquele que O invoca em sua necessidade não o faz em vão. É até verdade que esse apelo persistente soa muito agradável a Seus ouvidos.

O Senhor para. Não há nada que possa detê-Lo em Seu caminho para Jerusalém, a não ser alguém que clame por Sua misericórdia. Então Ele ordena que o cego seja trazido a Ele. Essa ordem é cumprida sem objeção. O cego se aproxima do Senhor com fé e, assim, entra no campo da bênção.

Antes de receber a bênção, o Senhor lhe pergunta o que ele quer que Ele faça com ele. A pergunta parece supérflua, e o Senhor sabe a resposta, é claro, mas Ele quer ouvi-la da boca do cego. Da mesma forma, Ele gosta de ouvir de nossa boca o que queremos que Ele faça, mesmo sabendo de nossos desejos. Ele quer que façamos isso para que possamos expressar

os sentimentos de nosso coração e também para que experimentemos a resposta como algo que vem Dele mesmo.

Depois de expressar Seu desejo, o Senhor fala com autoridade: “Vê!” Ele imediatamente acrescenta que o cego deve à sua fé Nele o fato de ter sido curado. O cego não começou a crer por causa da cura, mas creu e foi curado. O resultado é imediato. Ele pode ver novamente. Então, ele segue o Senhor em seu caminho para Jerusalém. Ele nasceu de novo e viu o reino de Deus (João 3:3). Os homens passam a enxergar por meio do poder e da eficácia do Espírito Santo.

Ele segue e glorifica a Deus. Esse também é um exemplo para nós. Quando seguimos o Senhor, podemos glorificar a Deus. O povo também vê, mas de forma diferente do cego. As pessoas veem que um milagre aconteceu e louvam a Deus, mas não veem o que há de tão especial no Senhor Jesus.

Lucas 19

Luc 19:1-10 | Zaqueu

1 E, tendo Jesus entrado em Jericó, ia passando. 2 E eis que havia ali um homem, chamado Zaqueu; e era este um chefe dos publicanos e era rico. 3 E procurava ver quem era Jesus e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura. 4 E, correndo adiante, subiu a uma figueira brava para o ver, porque havia de passar por ali. 5 E, quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, viu-o e disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, porque, hoje, me convém pousar em tua casa. 6 E, apressando-se, desceu e recebeu-o com júbilo. 7 E, vendo todos isso, murmuravam, dizendo que entrara para ser hóspede de um homem pecador. 8 E, levantando-se Zaqueu, disse ao Senhor: Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e, se em alguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado. 9 E disse-lhe Jesus: Hoje, veio a salvação a esta casa, pois também este é filho de Abraão. 10 Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.

O Senhor não desvia de Jericó. É a cidade da maldição, mas quando Ele está lá, está lá para trazer bênção. O mesmo acontece com o mundo para o qual Ele veio. O mundo está no maligno (1Joã 5:19), mas Ele veio para distribuir bênçãos. Ele tem que passar por Jericó porque sabe que ali vive um homem chamado Zaqueu, um rico chefe cobrador de impostos que está procurando por Ele.

Zaqueu é tocado pelo Espírito de Deus. Quando ouve que o Senhor Jesus está prestes a vir, ele se esforça para vê-Lo. Ele não é como Herodes, que também quis ver o Senhor uma vez (Luc 9:9). Com Herodes, tratava-se de uma curiosidade maligna que, por sinal, também foi satisfeita (Luc 23:8). Com Zaqueu, no entanto, é uma curiosidade desejosa. Ele vem para ver o Senhor, e mais do que isso.

No entanto, há dois obstáculos: Há uma multidão, e ele é pequeno. Como sempre acontece, a multidão é um obstáculo para alguém que deseja ver o Senhor. As pessoas ficam no caminho (Luc 5:19) ou deliberadamente afastam alguém dEle (Luc 18:39). Além disso, Ele é pequeno em estatura, o

que prova ser um obstáculo especial para vê-Lo. Mas quem buscar sinceramente o Senhor, vai encontrá-Lo (Luc 11:9).

Assim como o cego do capítulo anterior não se deixou impedir pela multidão (Luc 18:39), Zaqueu não se deixou impedir de ver o Senhor pela multidão ou por sua deficiência física. Ele vê a solução em uma figueira. Como um menino, ele sobe na árvore. Ele é pequeno e se faz pequeno. Ele também tem visão de futuro. Ele sabe o caminho pelo qual o Senhor Jesus está vindo e, nesse caminho, ele se estabelece. Sua fé tem uma noção do caminho que Ele está seguindo, mesmo que ainda não tenha um relacionamento direto com Ele.

O desejo e a fé de Zaqueu não são envergonhados. Quando o Senhor Jesus chega ao local onde Zaqueu está sentado na árvore, Ele olha para cima. Ele não apenas sabe que há alguém sentado na árvore, mas também sabe o nome dessa pessoa. Seu coração em busca encontrou alguém que estava procurando por Ele. Isso é uma grande alegria para seu coração em seu caminho para a cruz.

Ele rapidamente chama Zaqueu e faz uma grande proposta. Ele se convida para ir à casa de Zaqueu. Ele espera ter domínio não apenas sobre nossa vida pessoal, mas também sobre nosso lar, nossa família. Portanto, os pais que crêem devem criar seus filhos de acordo com os padrões de Deus (Efé 6:1-4).

Isso é mais do que Zaqueu esperava, mas em seu coração ele entende o significado imediatamente. Ele desce rapidamente e recebe o Senhor com alegria. As pessoas ao redor acham o fato estranho. Elas até murmuram sobre isso. Elas não entendem. Como ele pode parar na casa de um homem pecador e até mesmo ficar lá? O que é alegria para a fé é uma pedra de tropeço para a incredulidade.

Os homens veem alguém que consideram como um nobre rabino, que fica com um homem pecador. Em suas mentes, isso não se encaixa. Isso decorre do fato de que eles não se veem como pecadores, enquanto o Senhor Jesus, na verdade, não passa de um rabino distinto para eles.

Zaqueu pode ter sido rico como chefe dos cobradores de impostos, mas também deve ter sido solitário. O povo deve tê-lo evitado. Ele deve ter sentido o vazio de sua vida e ansiado por uma paz verdadeira. Em contraste

com a murmuração do povo, Zaqueu se coloca respeitosamente diante do Senhor. Ele se levanta e dá um passo à frente.

Em seguida, diz o que vai fazer com seus bens. Ele não diz isso por arrogância, mas para mostrar que seu coração anseia por limpar seu passado. Ele não se poupa quando diz que extorquiou pessoas. Ao pagar quatro vezes mais, ele vai além do que a lei exige. Ele quer fazer uma reparação tão ampla pelo dano que causou, que o mal que fez não será mais lembrado.

Zaqueu encontrou o Senhor e O aceitou em sua casa e em sua vida. Com Ele, a salvação chegou a essa casa. Ele recebeu o que estava procurando: Paz para sua alma. Ele já era convertido, já era um filho de Abraão no verdadeiro sentido da palavra (cf. Luc 13:16). No entanto, ainda lhe faltava a certeza do perdão de seus pecados e a consciência da salvação.

O Senhor Jesus falou a Zaqueu sobre a salvação e, em conexão com isso, declarou o importante propósito de Sua vinda ao mundo. Ele veio para buscar o que está perdido. Em Sua graça, Ele busca pessoas que precisam de perdão e salvação. Salvação significa que alguém é salvo do julgamento por meio da conversão e entra no reino. Ele veio para buscar pessoas nas quais Ele desenvolveu o desejo pela graça e, posteriormente, Ele atende a esse desejo.

Luc 19:11-14 | Um homem nobre

11 E, ouvindo eles essas coisas, ele prosseguiu e contou uma parábola, porquanto estava perto de Jerusalém, e cuidavam que logo se havia de manifestar o Reino de Deus. 12 Disse, pois: Certo homem nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois. 13 E, chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas e disse-lhes: Negociai até que eu venha. 14 Mas os seus concidadãos aborreciam-no e mandaram após ele embaixadores, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós.

Os discípulos ouvem o Senhor Jesus falar sobre salvação. Isso os faz pensar no Reino da Paz. Eles veem Nele o Messias. Todos os seus pensamentos estão concentrados no fato de que Ele irá a Jerusalém, sentará no trono de Davi e estabelecerá publicamente o Reino de Deus em glória e majestade. Por estarem sempre ocupados com isso, quando Ele falou de Seus sofrimentos e morte, eles nunca entenderam nada a respeito. Mesmo agora,

eles partem do pressuposto equivocado de que Ele está indo para Jerusalém para subir ao trono e começar Seu reinado.

O Senhor conhece os pensamentos deles e, por isso, acrescenta uma parábola. O homem nobre é Ele mesmo. Ele é o Filho de Deus, mesmo como homem. Ele veio à Terra para estabelecer o Reino de Deus, mas foi rejeitado. Agora Ele viaja para um país distante, o céu, para receber um reino lá. Ele é realmente Rei com um reino real. No entanto, Ele ainda não reina publicamente, mas no coração daqueles que O confessam como Senhor. Mas Ele voltará para estabelecer Seu reino.

Antes de ir para o céu, Ele dá a Seus servos, ou seja, aqueles que O confessam como Senhor, dez minas e os instrui a trabalhar com elas. Ele acrescenta que eles devem trabalhar até que Ele volte. A mesma quantia é confiada a todos os servos que são expressamente chamados de Seus servos. O número dez fala de responsabilidade. Todos os servos são responsáveis por agir com o que o Senhor lhes deu. O fato de receberem a mesma quantia significa que a diferença no resultado é o resultado de sua diligência, comprometimento, motivação etc., e não de suas habilidades.

O Senhor conta uma parábola em Mateus 25 que é muito semelhante a esta em Lucas. Entretanto, há uma diferença. Lá, Ele fala de um homem que vai para o exterior e confia a cada um de seus servos uma quantia diferente de dinheiro (Mat 25:14-15). Em Mateus 25, Ele enfatiza o poder e a sabedoria do doador, que dá diferentes dons de acordo com a capacidade de cada servo. O resultado é uma redenção correspondente aos diferentes dons, mas uma recompensa igual (Mat 25:19-23).

Enquanto o Evangelho de Mateus trata mais do poder soberano do Senhor, o de Lucas trata mais da responsabilidade dos servos. Na mina, podemos ver o bem que nos foi confiado (1Tim 6:20). O que nos foi confiado é o conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo (2Cor 4:6). A ideia é que isso se torne visível em nossa vida. No Evangelho segundo Lucas, isso significa que mostramos às pessoas ao nosso redor a graça que nos é dada em Cristo. Quando a graça parte de nós para os outros, essa graça também começará a atuar nos outros e, assim, a eficácia da graça aumentará. É assim que podemos agir com graça.

Além dos servos, há também os cidadãos. Os cidadãos são os judeus. Eles rejeitaram o Senhor Jesus porque O odiavam. Seu ódio era tão grande que, depois que Ele se foi, eles até enviaram um enviado atrás Dele para enfatizar mais uma vez que não queriam Seu reinado.

Isso aconteceu quando apedrejaram Estêvão. No poder do Espírito Santo, Ele havia, por assim dizer, oferecido a eles uma última oportunidade de aceitá-Lo como Rei (Atos 7:54-60). Ao matar Estêvão, eles enviaram a Cristo a mensagem de que não queriam ter nada a ver com Ele. Ao fazer isso, eles assinaram seu próprio julgamento, que mais tarde foi executado no ano 70 pelos exércitos romanos liderados por Tito, destruindo Jerusalém.

Luc 19:15-19 | Recompensa dos servos fiéis

15 E aconteceu que, voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que lhe chamassem aqueles servos a quem tinha dado o dinheiro, para saber o que cada um tinha ganhado, negociando. 16 E veio o primeiro dizendo: Senhor, a tua mina rendeu dez minas. 17 E ele lhe disse: Bem está, servo bom, porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás a autoridade. 18 E veio o segundo, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu cinco minas. 19 E a este disse também: Sê tu também sobre cinco cidades.

Embora os cidadãos não quisessem que Ele fosse Rei sobre eles, isso não O impediu de receber o reino. Depois de recebê-lo, Ele retorna. Lucas não fala sobre o tempo que se passou entre o recebimento do reino e Seu retorno. No momento atual, quase 2.000 anos se passaram desde que Ele recebeu o reino, mas Ele ainda não retornou. No entanto, o momento de Seu retorno está se aproximando. Quando Ele retorna, manda chamar Seus servos a quem deu o dinheiro. Ele quer saber o que eles negociaram. Esse é Seu direito. Ele deu o dinheiro aos Seus servos para que eles obtivessem lucro para Ele.

O primeiro a ir até Ele diz que sua mina (o servo diz “tua” mina) rendeu dez vezes mais lucro. Ele trabalhou com total devoção ao seu mestre com a mina que lhe foi confiada. O ganho não está no número de convertidos que alguém tem para mostrar ou no número de sermões que alguém pregou, mas no que se tornou visível em toda a vida do servo de Cristo.

A vida de Cristo trouxe um rico louvor a Deus. Em todos os lugares em que os homens O viam e ouviam, eles glorificavam a Deus, embora muitos deles não O aceitassem e até O rejeitassem no final. Na medida em que essa vida de Cristo for vista na vida de um crente, Ele o recompensará. Não se trata de possuir um dom especial, mas de um caráter que faz tudo por Cristo. Portanto, todo crente é livre para fazer isso, sem distinção. Ele pode escolher fazer isso.

Como foi dito, trata-se de responsabilidade. Esse servo recebe o reconhecimento do Senhor. O Senhor o elogia com um “bem” ou “muito bem” e o chama de bom servo. O Senhor também o recompensa. Como o servo foi fiel no mínimo (veja também Luc 16:10), muito lhe será confiado. Ele tem permissão para reinar no reino junto com Cristo (Mat 19:28; 1Cor 6:2-3; 2Tim 2:12; Apo 2:26) e ter autoridade sobre dez cidades. Ele demonstrou em sua vida que tem sido um bom administrador dos bens de seu Senhor. A recompensa no reino que ele recebe é proporcional ao seu trabalho aqui.

O segundo vem. Ele também chama a mina de “tua” mina e é capaz de entregar cinco minas extras ao seu Senhor. Ele também foi diligente em seu serviço ao Senhor, mas não com a mesma dedicação do outro. Portanto, o mestre não expressa sua gratidão da mesma forma que o primeiro. No entanto, esse servo também recebe a recompensa que corresponde ao seu ganho. Ele também recebe sua parte no reino e lhe é permitido ter autoridade sobre cinco cidades.

Luc 19:20-27 | O servo mau e os cidadãos

20 E veio outro, dizendo: Senhor, aqui está a tua mina, que guardei num lenço, 21 porque tive medo de ti, que és homem rigoroso, que tomas o que não puseste e segas o que não semeaste. 22 Porém ele lhe disse: Mau servo, pela tua boca te julgarei; sabias que eu sou homem rigoroso, que tomo o que não pus e sego o que não semei. 23 Por que não puseste, pois, o meu dinheiro no banco, para que eu, vindo, o exigisse com os juros? 24 E disse aos que estavam com ele: Tirai-lhe a mina e dai-a ao que tem dez minas. 25 E disseram-lhe eles: Senhor, ele tem dez minas. 26 Pois eu vos digo que a qualquer que tiver ser-lhe-á dado, mas ao que não tiver até o que tem lhe será tirado. 27 E, quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e matai-os diante de mim.

Em seguida, o próximo servo se apresenta ao seu senhor. Ele também se dirige a ele como “senhor”, reconhecendo assim sua autoridade, e também diz “tua” mina. Ele reconhece que o que recebeu é de seu senhor, mas tudo não passa de fingimento. Interiormente, não há conexão entre ele e seu Senhor. Por isso não havia devoção a Ele. Não havia nada em sua vida que levasse a glorificar a Deus. A mina que havia recebido, ele a guardou em um sudário. Ele não tinha intenção de suar por seu Senhor. Tampouco o fez naquele tempo.

Seu comportamento era resultado de uma imagem completamente falsa de seu Senhor. Ele não entendia nada sobre Sua graça, nunca O conheceu. Tinha medo Dele, considerava-O rigoroso e injusto. Ele tinha sua própria visão desse Senhor e achava que era melhor não ter nada a ver com Ele. Ele não queria crer que teria algo a ver com ele. Viver para esse Senhor parecia insuportável para ele. Tudo não era permitido, mas era preciso fazer tudo. Era tudo uma “obrigação”. Ele não queria ser corrigido na visão que tinha de seu mestre. Ele se apegou a ela e isso determinou sua vida.

Com as declarações sobre seu senhor, o servo faz seu próprio julgamento. Se ele realmente tinha medo do senhor e se o senhor era realmente tão rigoroso e, em sua opinião, agia injustamente, então isso deveria tê-lo levado a agir de forma diferente da que agiu agora. O Senhor o chama de servo mau porque esse servo não agiu de acordo com o que sabia. Ele usou a ideia que tinha do Senhor como desculpa para não fazer nada com sua mina. Se ele realmente tivesse medo, teria colocado o dinheiro em um banco. Um simples pensamento sóbrio o teria levado a concluir que o dinheiro, pelo menos, renderia algo para Ele. Afinal de contas, o dinheiro era dele, e a ordem era negociar com ele.

O Senhor não o repreende por não negociar. Se ele não tinha energia para negociar, então, ao colocar o dinheiro no banco, ele teria reconhecido que seu Senhor tinha o direito de auferir lucro. No entanto, por ter sido guiado pelo medo egoísta, ele mostrou que não havia nele amor pelo seu Senhor (1João 4:18). Não lhe faltava tanto o poder de agir, mas o espírito ou a mente certa para agir. Ele não conhecia a graça. Quando temos um espírito legalista, servimos apenas a nós mesmos.

O servo mau não apenas não recebe recompensa, mas também sofre perdas. Ele perde o que lhe foi confiado porque não fez nada com isso. Ele nunca o possuiu de fato porque o guardou. Mas ele sabia que o possuía, porque podia devolvê-lo ao seu senhor, mas era algo que estava fora dele, não dentro dele. A aparência externa, o belo exterior, foi tirado dele. O que para ele era a cobertura de sua corrupção interior é, para o servo fiel e dedicado, o adorno para a fé genuína que há nele. Portanto, o servo fiel recebe, além disso, o que o servo iníquo desprezou.

Os que estão presentes dizem ao Senhor que esse servo já tem muito. Ele já tem dez, e agora recebe mais uma. A resposta mostra o quanto o Senhor valoriza a total fidelidade, dedicação e comprometimento. Uma pessoa assim não pode ser recompensada o suficiente. Mas quem não tiver uma conexão interior com Ele e apenas mantiver a pretensão de possuir algo, essa pretensão também lhe será tirada.

No final de Sua parábola, o Senhor volta aos cidadãos sobre os quais também falou no início verso 14. Aqui Ele os chama de Seus inimigos. Ele nos lembra que eles não queriam que Ele reinasse sobre eles. Para eles, também, o dia do ajuste de contas chegará. Haverá um julgamento apropriado para eles. Eles, assim como os servos, devem comparecer perante Ele, mas não há conversa com eles. Eles serão mortos em Sua presença. Sua realeza é uma realeza justa. Ele reina em retidão, tanto na recompensa quanto no julgamento do mal.

Luc 19:28-36 | O Senhor precisa dele

28 E, dito isso, ia caminhando adiante, subindo para Jerusalém. 29 E aconteceu que, chegando perto de Betfagé e de Betânia, ao monte chamado das Oliveiras, mandou dois dos seus discípulos, 30 dizendo: Ide à aldeia que está defronte de aí, ao entrardes, achareis preso um jumentinho em que nenhum homem ainda montou; soltai-o e trazei-o. 31 E, se alguém vos perguntar: Por que o soltais?, assim lhe direis: Porque o Senhor precisa dele. 32 E, indo os que haviam sido mandados, acharam como lhes dissera. 33 E, quando soltaram o jumentinho, seus donos lhes disseram: Por que soltais o jumentinho? 34 E eles responderam: O Senhor precisa dele. 35 E trouxeram-no a Jesus; e, lançando sobre o jumentinho as suas vestes, puseram Jesus em cima. 36 E, indo ele, estendiam no caminho as suas vestes.

Depois que o Senhor apontou na parábola as características que o reino terá durante o período de Sua ausência, Ele vai à frente deles para Jerusalém. A viagem para a terra distante para receber o reino (verso 12) passa pelo Gólgota, perto de Jerusalém. Ele chega à região do Monte das Oliveiras, a montanha que nos lembra do futuro após Sua rejeição e morte. Depois de Sua ressurreição, Ele irá dali para o céu (Atos 1:9-12) e voltará para lá (Zac 14:4). A azeitona é o fruto que fornece o azeite de oliva, e esse azeite é uma figura do Espírito Santo. Do céu, o Senhor Jesus primeiro dará o Espírito Santo.

Esse fruto é encontrado nas aldeias de Betfagé e Betânia, localizadas no Monte das Oliveiras. Betfagé significa “casa de figos” e Betânia significa “casa de miséria”. Esses são lugares que, por seus nomes, apontam para um remanescente do povo que O recebe. O remanescente são os justos (dos quais os figos são uma figura; cf. Jer 24:5-7) porque eles reconheceram sua miséria diante de Deus. Esses lugares são as últimas paradas antes do destino final de Sua jornada na Terra.

Deus ainda fará com que Seu Filho receba um testemunho adequado, trabalhando no coração das multidões. Em preparação para isso, o Senhor Jesus envia dois discípulos. Esse envio segue a parábola das minas. Trata-se de realizar uma missão que corresponde à ação com a mina confiada. Mais tarde, eles recebem outra missão, a de preparar a Páscoa (Luc 22:8).

Eles devem ir ao vilarejo em frente ao Monte das Oliveiras. Ele lhes diz o que encontrarão lá e o que devem fazer. Eles encontrarão um jumentinho amarrado. Ele também sabe que o jumentinho nunca foi montado por um homem. Eles devem desamarrá-lo e trazê-lo para Ele.

Nessa ordem, há uma parábola na qual é mostrado como a graça liberta o homem de toda a escravidão da lei. O jumentinho do burro é uma figura do homem (Êxo 13:13) que está preso pela lei e, portanto, não é livre. Para que o Senhor o use para Seu serviço, ele deve ser desamarrado cf. (Luc 23:16). Quando os servos do Senhor ensinam uma pessoa com a Palavra de Deus e ela se liberta da escravidão, ela pode começar a “carregar o Senhor por aí”. O Senhor só pode se associar a algo que nunca serviu sob qualquer outro jugo. A nova vida nunca esteve sujeita à lei.

O Senhor sabe que há pessoas que perguntarão por que estão desamarrando o jumentinho. Ele coloca a resposta a essa pergunta na boca de seus discípulos. Eles podem simplesmente dizer que o Senhor requer ele. Isso é suficiente. Ele, que não precisa de ninguém para ser servido, pois tudo pertence a Ele, diz sobre o jumentinho que precisa dele. Isso novamente prova Sua grande graça, quando pensamos na figura, que nos é apresentada nesse jumentinho, a de um homem preso. Ele quer usar essas pessoas e usá-las em Sua obra. Ele precisa delas para isso. Isso é um incentivo para cada um de nós.

Obedientemente, os dois discípulos partiram em sua jornada. Talvez tenham se perguntado no caminho se tudo seria como o Senhor havia dito, mas descobriram que era “como ele lhes havia dito”. É sempre assim quando Ele envia alguém, dando instruções específicas. Então, tudo correrá como Ele disse.

É compreensível que os donos do jumentinho perguntem aos discípulos por que desamarraram o jumentinho. Eles dão a resposta que o Senhor colocou em suas bocas. Então, não há objeção, pois Cristo criou no coração dos donos uma disposição de entregar o jumentinho a Ele. O jumentinho é levado ao Senhor Jesus.

Sob a ação do Espírito de Deus, os discípulos espontaneamente jogam suas roupas sobre o jumentinho e deixam que Ele se sente sobre ele. É um ato que Lhe dá honra. Suas vestes são uma figura de seu comportamento exterior, as ações que as pessoas veem quando se submetem a Ele; eles se colocam à Sua disposição. Então, eles O exaltam ao deixá-Lo sentar-se no jumentinho e em suas roupas. Portanto, esse ato tem um rico significado simbólico para nossa vida. Será que submetemos nossa vida a Ele para que Ele tenha autoridade sobre ela e para que as pessoas ao nosso redor O vejam?

Eles não apenas jogam suas roupas sobre o jumentinho, mas também as estendem no caminho. Todo o caminho está coberto de roupas sobre as quais Ele cavalga, sentado no jumentinho. Não apenas nossas ações, mas também nosso caminhar deve ser subordinado a Ele. Ele exige que coloquemos nossa vida à Sua disposição para que Ele possa usá-la para

alcançar Seu propósito conosco. Se ao menos nos lembrássemos sempre de que esse é um caminho que nos leva a ser rejeitados aqui na Terra.

Luc 19:37-40 | O Senhor Jesus aplaudido

37 E, quando já chegava perto da descida do monte das Oliveiras, toda a multidão dos discípulos, regozijando-se, começou a dar louvores a Deus em alta voz, por todas as maravilhas que tinham visto, 38 dizendo: Bendito o Rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas alturas! 39 E disseram-lhe dentre a multidão alguns dos fariseus: Mestre, repreende os teus discípulos. 40 E, respondendo ele, disse-lhes: Digo-vos que, se estes se calarem, as próprias pedras clamarão.

Os discípulos que O seguem em grande número não sabem nada do que acontecerá com Ele em Jerusalém. Eles acham que Ele está indo para Jerusalém para reinar. No caminho para essa gloriosa ascensão ao trono, eles estão ansiosos para se submeter a Ele. Eles começam a louvar a Deus com alegria e em voz alta. Eles viram tantas obras milagrosas que esse deve ser o Messias de Deus.

Infelizmente, essas são apenas impressões exteriores de quem é o Senhor. Eles são e permanecem surdos à sua mensagem de graça. Mas Deus os usa para glorificar o nome de seu Filho. Tocada pelo Espírito de Deus, a multidão louva o Senhor Jesus como o Abençoado, o Exaltado, como o Rei que vem em nome do Senhor. Isso é o que Ele é sem reservas.

Quando eles falam sobre a paz no céu, dizem mais do que imaginam. De fato, o reino que será estabelecido na Terra depende de uma paz que se alicerça nos mais altos céus. Isso aponta para a posição que Ele ocupará como o Filho do Homem, vencedor de Satanás, exaltado no céu. O reino de paz e justiça que será estabelecido na Terra é apenas uma consequência da glória que a graça já estabeleceu no céu. Esse tem sido o caso desde que Ele chegou à terra distante para a qual Ele está a caminho.

Em Sua encarnação, os anjos falaram de “paz na terra” (Luc 2:14) porque o Homem em quem repousava a boa vontade de Deus havia aparecido, e eles se maravilharam com toda a extensão de Sua obra. Nesse meio tempo, ficou claro que a morte O aguarda e que Sua rejeição será seguida por um período que será tudo menos de paz. Mas os céus serão o cenário da paz.

É para lá que Ele irá quando terminar a obra na cruz. Lá, Deus Lhe dará a glória que Lhe é devida (João 13:32). Há paz no céu porque Ele entrou lá como o vencedor, e há paz no coração daqueles que O aceitaram (Col 1:20-23; Efé 2:14,17).

Os fariseus não se juntam ao louvor da multidão. Como oponentes declarados do Senhor, eles estão muito descontentes com as coisas que estão acontecendo ali. Eles têm a mentalidade do filho mais velho, que também estava irritado com a festa para seu irmão que havia retornado (Luc 15:25-30), e assim se fecharam para qualquer ação do Espírito. O que eles veem não pode acontecer do ponto de vista deles, e é preciso pôr um fim nisso.

Eles se voltam para o Senhor e O chamam de “Mestre”. Para eles, Ele não passa de um mestre errante que, na opinião deles, tem seguidores demais e recebe honras demais. Isso acontece às custas da honra que eles reivindicam para si mesmos. Em seu zelo religioso, eles percebem que o que a multidão está pedindo só pode se referir ao Messias.

A conclusão deles está correta, exceto pelo fato de que Ele não é o Messias para eles, pois seus olhos estão muito escurecidos pelo ódio para ver até mesmo um vislumbre da glória divina Nele. Eles pedem para que Ele repreenda Seus discípulos. Ele dá uma resposta curta que é significativa por causa disso. Deus quer dar um testemunho sobre Seu Filho como o Abençoado. Ele é capaz de fazer isso no coração das pessoas que reconheceram algo de Deus nas ações de Seu Filho. Ele é capaz até mesmo de trazer pedras mortas para esse testemunho. O fato de os fariseus não reconhecerem nada de Deus nEle e, conseqüentemente, não Lhe darem nenhuma honra, mas sim resistirem a Ele, mostra como estão mortos e endurecidos.

Luc 19:41-44 | Lamentação do Senhor sobre Jerusalém

41 E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela, 42 dizendo: Ah! Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas, agora, isso está encoberto aos teus olhos. 43 Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todas as bandas, 44 e te derribarão, a ti e a teus filhos que dentro de ti estiverem, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conhecestes o tempo da tua visitaçãõ.

Por mais impressionante que seja o testemunho da multidão, e por mais correto que seja dar a Ele esse testemunho, o Senhor sabe que é apenas uma emoção superficial. O fato é que eles O rejeitarão. Então, quando Ele também se aproxima da cidade e a vê, Ele sabe o que a cidade fará com Ele e quais serão as consequências para eles. Portanto, depois da alegria de Seus discípulos, também ouvimos Seu choro.

O Rei chora sobre a cidade. É uma repetição do lamento do SENHOR no Salmo 81 (Slm 81:13), expresso aqui com ainda mais veemência porque a cidade está prestes a cometer o maior pecado. Seu poderoso testemunho não o impede de sentir profunda dor por eles o terem rejeitado. O choro faz parte do anúncio do juízo e de Sua visão das coisas que O envergonham (Flp 3:18).

O julgamento deve ser feito com severidade e justiça, mas nunca deve ser feito sem compaixão. O julgamento é sobre o mal de uma pessoa, o choro é sobre a própria pessoa. Nas Escrituras, há sempre um equilíbrio perfeito entre os dois. Em Cristo, vemos uma harmonia maravilhosa e perfeita entre a ira e a tristeza (Mar 3:5).

O Senhor expressa seu forte desejo de que Jerusalém ainda possa reconhecer o que é para sua paz nesse “teu dia”, o dia da salvação, quando Deus em Cristo visitar essa cidade em graça. Sua paz está ao seu alcance. Eles precisam apenas buscá-la com fé, apenas se converter e aceitar a reconciliação de Deus Nele.

Jerusalém, porém, não tem olhos para ver. Cristo não tem “forma nem esplendor” para ela; Ele não tinha “aparência” para que ela O desejasse (Isa 53:2b). Como Jerusalém não reconheceu o que era para sua paz, portanto, não poderia e ainda não pode haver paz na Terra.

O Senhor fala das consequências dramáticas que essa rejeição terá para Jerusalém. Ele aponta para os dias que virão, quando os inimigos dela virão contra a cidade e a cercarão. A fuga não será possível. Como os inimigos a cercarão completamente, ela será assediada até o ponto de sufocamento. Por fim, a cidade cairá e será arrasada.

Aqui o Senhor se refere à destruição de Jerusalém pelos romanos, que ocorreu quarenta anos depois. Esse juízo vem sobre eles porque não reconheceram o tempo em que Deus cuidou deles em graça e os visitou em

Cristo. Eles não O reconheceram, mas O rejeitaram e, portanto, não pode haver outro resultado senão esse. Aquele que rejeita a paz perece na batalha.

Luc 19:45-48 | Ele limpa o templo e ensina ali

45 E, entrando no templo, começou a expulsar todos os que nele vendiam e compravam, 46 dizendo-lhes: Está escrito: A minha casa é casa de oração; mas vós fizestes dela covil de salteadores. 47 E todos os dias ensinava no templo; mas os principais dos sacerdotes, e os escribas, e os principais do povo procuravam matá-lo 48 e não achavam meio de o fazer, porque todo o povo pendia para ele, escutando-o.

Ao chegar a Jerusalém, Ele entra no Templo. Como dono de Sua casa, Ele expulsa aqueles que estão abusando de Sua casa de forma terrível para benefício próprio. A maneira como as coisas estavam no templo revela o verdadeiro estado do povo. O Senhor vai a esse centro de adoração e vê ali como o poder do mal domina tudo.

A casa de Deus havia perdido completamente seu propósito original nas mãos dos homens. De acordo com os pensamentos de Deus, o templo deveria ser uma casa de oração onde se buscava ajuda Dele em momentos de necessidade. No entanto, esses ímpios o transformaram em um covil de salteadores. Um salteador é aquele que rouba a propriedade de outro. Ao usar o templo como um mercado, eles roubaram a glória de Deus. Ao mesmo tempo, por meio de seu comércio desonesto, eles roubaram os bens de seus semelhantes.

O Senhor ensina diariamente no templo sobre Deus e o reino, restaurando assim o templo ao seu verdadeiro significado. O templo, a casa de Deus, torna-se uma casa de ensino, como era antes uma casa de oração. A igreja é, antes de tudo, uma casa de oração (1Tim 2:1). Somente em um espírito dependente, expresso em oração, podemos receber instruções do Senhor em Sua casa. Essa instrução surge principalmente das disputas que o Senhor tem com vários grupos de oponentes, e continua até o capítulo 21:38.

Enquanto o Senhor está ensinando no templo, os líderes religiosos e os homens de influência estão procurando maneiras de matá-Lo. Aqueles que deveriam estar ensinando o povo sobre o verdadeiro Deus acabam se tor-

nando possíveis assassinos. No entanto, eles não veem nenhuma maneira de colocar seus planos de assassinato em ação. Em sua astúcia, é claro, eles veem como o povo está ligado ao seu discurso. É impossível para eles fazer algo contra Ele, pois, se o fizessem, o povo se voltaria contra eles.

Lucas 20

Luc 20:1-2 | Pergunta referente à autoridade do Senhor

1 E aconteceu, num daqueles dias, que, estando ele ensinando o povo no templo e anunciando o evangelho, sobrevieram os principais dos sacerdotes e os escribas com os anciãos 2 e falaram-lhe, dizendo: Dize-nos: com que autoridade fazes essas coisas? Ou quem é que te deu esta autoridade?

Embora o templo tenha se tornado um covil de ladrões, o Senhor ensina os homens ali diariamente e continua a pregar o evangelho incansavelmente. Os homens são o rebanho, exaustos e prostrados, e Ele permanece interiormente comovido por eles. É um rebanho com pastores impiedosos. Esses pastores se aproximam. Ali no templo, na última semana de Sua vida na Terra antes da cruz, a hostilidade se torna mais forte. Este capítulo descreve os conflitos que Ele teve com os líderes. Ele os expõe e os silencia, mas o caráter assassino deles não se extingue.

A primeira questão sobre a qual o Senhor dá instruções no templo é a da autoridade. O ensino sobre isso é muito importante para a igreja, o templo de Deus hoje (1Cor 3:16). A questão é como reconhecer a autoridade divina. O Senhor trata desse assunto por ocasião de uma questão polêmica com a qual os líderes religiosos se dirigem a Ele. Eles reconhecem Sua autoridade, mas perguntam com espírito crítico de onde Ele a recebe.

Os homens que gostam de se arrogar autoridade para si mesmos sempre questionam a autoridade real. Eles nunca são capazes de reconhecer a autoridade real. Eles não querem. Com sua pergunta, presumem ser capazes de julgá-Lo. Eles querem saber se Ele tem autoridade pessoalmente, por exemplo, por meio de treinamento, ou se exerce autoridade em nome de outra pessoa, uma autoridade superior em cujo nome Ele fala. Ambos são verdadeiros para Ele. Ele próprio é a autoridade suprema. Ele é Deus, o Filho. Ao mesmo tempo, como homem, Ele é o Filho de Deus que assumiu o lugar de dependência e obediência a Deus. Essas são as perguntas de homens cegos que se recusam a ver.

Luc 20:3-8 | Resposta à questão da autoridade

3 E, respondendo ele, disse-lhes: Também eu vos farei uma pergunta: dizei-me, pois: 4 o batismo de João era do céu ou dos homens? 5 E eles arrazoavam entre si, dizendo: Se dissermos: do céu, ele nos dirá: Então, por que o não crestes? 6 E, se dissermos: dos homens, todo o povo nos apedrejará, pois têm por certo que João era profeta. 7 E responderam que não sabiam de onde era. 8 E Jesus lhes disse: Tampouco vos direi com que autoridade faço isto.

O Senhor quer deixar claro para eles que são cegos, para que reconheçam sua cegueira e passem a enxergar. Por isso, Ele tem uma pergunta para eles como resposta. Com um “dizei-me, pois”, Ele ordena que eles lhe dêem uma resposta. Sua contra-pergunta é para deixar claro se eles são capazes de formar um julgamento real sobre Sua autoridade. A resposta revelará a atitude deles.

Sua pergunta diz respeito ao batismo de João. João foi Seu precursor e Seu arauto. João o havia anunciado e pregado o batismo de arrependimento para o perdão dos pecados (Luc 3:3). Muitos vieram para ser batizados por Ele (Luc 3:7), perguntando-se se Ele não seria o Cristo (Luc 3:15). A resposta de João, no entanto, foi clara: não era ele mesmo, mas aquele que viria depois dele.

A resposta à pergunta sobre o batismo de João, portanto, também determina a visão relacionada a Ele. O Senhor lhes apresenta duas possibilidades: O batismo de João era do céu ou dos homens. É uma das duas. Que eles digam isso uma vez.

Em sua falsidade e insinceridade, os líderes religiosos argumentam uns com os outros. Eles não deliberam qual é a resposta certa, mas consideram o que Ele dirá em resposta a uma determinada resposta. Eles são tão corruptos que olham apenas para o resultado de sua resposta, e não para a verdade dela. Eles consideram: Se eles dissessem que o batismo de João era do céu, então Ele diria: “Por que vocês não creram nele?” Eles não podem negar que o batismo de João era do céu, mas não querem admitir isso.

A outra possibilidade também é considerada, mas eles se abstêm disso também, porque sabem o quanto o povo admira João. Em vez de se unirem ao povo para reconhecer que João era um profeta, eles consideram que uma resposta que denegrise João poderia lhes custar a vida. Eles têm

medo de perder a simpatia do povo e de que o povo se volte contra eles, e talvez tenham até de temer por suas vidas.

Ambas as respostas têm a ver com eles mesmos. Por acharem que perderiam menos a reputação se dissessem que não sabiam de onde vinha o batismo de João, eles deram essa resposta. Com essa resposta, eles indicam que não merecem uma resposta do Senhor à sua pergunta. Ele deixou claro que eles têm intenções perversas. É trágico que eles não queiram cair em si, mas se comportem cada vez mais de forma mortífera como seus oponentes declarados. Nada pode fazê-los cair em si. O Senhor mostra na parábola a seguir como eles querem matá-Lo deliberadamente.

Luc 20:9-12 | Lavradores maus

9 E começou a dizer ao povo esta parábola: Certo homem plantou uma vinha, e arrendou-a a uns lavradores, e partiu para fora da terra por muito tempo. 10 E, no devido tempo, mandou um servo aos lavradores, para que lhe dessem dos frutos da vinha; mas os lavradores, espancando-o, mandaram-no vazio. 11 E tornou ainda a mandar outro servo; mas eles, espancando também a este e afrontando-o, mandaram-no vazio. 12 E tornou ainda a mandar um terceiro; mas eles, ferindo também a este, o expulsaram.

O segundo tema do ensino no templo é a produção de frutos. O Senhor conta uma parábola sobre isso, mas não fala aos líderes religiosos, e sim ao povo. Ele quer adverti-los sobre o comportamento de seus líderes. Os líderes estão ouvindo. O verso 19 deixa claro: eles sabem que se trata deles. Isso os deixa furiosos em vez de fazê-los cair em si.

A parábola é sobre alguém que planta uma vinha, arrenda-a para os lavradores e fica fora do país por um longo tempo. A vinha é uma figura de Israel (Isa 5:7). Deus esperava que ela produzisse frutos para Ele. Mas é importante aplicar esse incidente também a nós mesmos, porque também se espera que produzamos frutos (João 15:1-5). Os lavradores são os líderes responsáveis do povo. O proprietário é Deus, que se retirou para o céu.

O proprietário arrendou a vinha com vistas aos frutos. Ele gostaria que o fruto da vinha fosse entregue a Ele, e esse fruto é a alegria. Deus gosta que Seu povo O sirva com alegria e venha a Ele com ofertas de gratidão.

Para obter esse fruto, o proprietário envia um servo. Mas o servo, um profeta que lembra ao povo que Deus tem direito ao fruto, é maltratado e mandado embora de mãos vazias. Quando Deus envia uma palavra a nós por meio de seus servos para nos fazer dar frutos, como reagimos?

O fato de o proprietário enviar outro servo mostra sua paciência. Mas esse servo também é espancado e até tratado com desprezo, e depois também é mandado embora de mãos vazias. Quando o proprietário envia o terceiro servo, os lavradores da vinha se tornam muito violentos. O servo não é apenas espancado, mas também ferido. Sem piedade, ele é expulso da vinha. Fora com ele!

Todos esses mensageiros de Deus são provas de Seu amor por Seu povo e também da paciência que Ele tem com eles. Embora Seus profetas tenham sido tão maltratados repetidas vezes, Deus continuou a enviá-los (2Crô 36:15-16). E ainda assim, a paciência de Deus, bem como Seus esforços para obter frutos de Seu povo, não termina aí. Nessa parábola, outro passo é dado, o passo final e de maior alcance: o Filho amado é enviado.

Luc 20:13-16 | O filho amado assassinado

13 E disse o senhor da vinha: Que farei? Mandarei o meu filho amado; talvez, vendo-o, o respeitem. 14 Mas, vendo-o os lavradores, arrazoaram entre si dizendo: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, para que a herança seja nossa. 15 E, lançando-o fora da vinha, o mataram. Que lhes fará, pois, o senhor da vinha? 16 Irá, e destruirá estes lavradores, e dará a outros a vinha. E, ouvindo eles isso, disseram: Não seja assim!

O proprietário está procurando maneiras de fazer com que os lavradores da vinha lhe dêem o fruto. Já não se trata tanto do fruto, mas da atitude dos lavradores. Ele pode testá-los melhor quando envia seu filho. O proprietário pode presumir que eles provavelmente hesitarão perante ele.

Foi por causa dessa atitude que Deus finalmente enviou seu filho. Ele achou possível (“talvez”) que eles não o tratassem como trataram os servos, mas que o tratassem com respeito. Embora Deus, como o Onisciente, soubesse o que eles fariam com Seu Filho, Sua suposição de que eles evitariam Seu Filho é totalmente justificada. Ao enviar Seu Filho, Ele coloca o homem sob a responsabilidade de reconhecê-Lo. Ele poderia esperar outra coisa?

Aqui é apresentado o propósito pelo qual o Filho amado veio, ou seja, receber frutos para Seu Pai. O Pai quer receber frutos dos lavradores por meio de Seu Filho. Esse propósito ainda se aplica em nossa época. Deus ainda busca o fruto dos lábios (Heb 13:15). Podemos oferecer sacrifícios de louvor a Deus por meio do Filho. O próprio Filho amado canta os louvores e nós podemos nos juntar a ele (Slm 22:22). Em relação ao templo, onde o Senhor está agora ao contar essa parábola, também podemos pensar na igreja como um templo, como a casa espiritual onde oferecemos sacrifícios espirituais (1Ped 2:5).

Quando o Filho vem, eles também reconhecem o herdeiro Nele. Agora eles mostram sua verdadeira face ao mesmo tempo. Eles se revelam como homens que não pretendem reconhecer os direitos de Deus porque eles mesmos querem ser senhor e mestre. O que Deus pretendia que fosse uma última chance de obter frutos de seu povo se torna uma oportunidade em que se revela a maldade incorrigível do homem, que deliberadamente rejeita Deus em seu Filho. Os lavradores transformam palavras em atos. O Filho é expulso de sua vinha e morto. Ele compartilha a sorte dos profetas que haviam sido enviados antes Dele (Luc 13:34).

O Senhor faz a seguinte pergunta: O que fará agora o Senhor da vinha? A medida não está cheia? Tudo havia sido tentado para que o povo entregasse o fruto. Não só ficou claro que eles não queriam, como também houve completa hostilidade e rebelião contra o Senhor da vinha – que é Deus. A graça de Deus não dura para sempre. Quando toda tentativa de demonstrar misericórdia é recebida com ódio mortal, não resta a Deus nada a fazer a não ser executar o julgamento. O Senhor pronuncia o julgamento sobre os lavradores. E não é só isso. Ele acrescenta que a vinha será dada a outros.

O verso 19 diz explicitamente que os lavradores reconhecem que Ele contou essa parábola com eles em mente. A reação espontânea deles, “Não seja assim!”, também deixa isso claro. Eles acompanharam atentamente a narrativa do Senhor e se reconheceram nela. Quando Ele fala de “outros”, eles entendem muito bem que esses devem ser os gentios. Esse pensamento os deixa furiosos. É assim que se expressam aqueles que desprezam a graça e não a concedem aos outros.

Mas como isso ocorre conosco? É fácil pensar que o testemunho que temos é único e que nunca nos deixará. Podemos nos agarrar com altivez àquilo que Deus deve tirar de nós justamente por causa de nossa altivez. Quando nos esquecemos de que a graça é o poder que nos permite ser igreja e experimentar que, quando nos reunimos para levar a Deus o fruto de nossos lábios, deixamos de ser um testemunho para Deus.

Luc 20:17-19 | A pedra rejeitada se torna a pedra angular

17 Mas ele, olhando para eles, disse: Que é isto, pois, que está escrito? A pedra que os edificadores reprovaram, essa foi feita cabeça da esquina. 18 Qualquer que cair sobre aquela pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair será feito em pó. 19 E os principais dos sacerdotes e os escribas procuravam lançar mão dele naquela mesma hora; mas temeram o povo, porque entenderam que contra eles dissera esta parábola.

O Senhor responde ao “Não seja assim!” apresentando-lhes uma palavra das Escrituras que eles conhecem bem. Aqui Ele muda o quadro. O que era uma vinha agora se torna um edifício (cf. 1Cor 3:9). Essa mudança de figura não é um problema para os líderes. Eles sabem que se trata da mesma coisa.

Os líderes rejeitaram o Senhor Jesus como uma pedra, mas Deus fez Dele a pedra angular de Seu edifício. Ele realizaria o edifício na igreja. A pedra é uma pedra de toque. Para Deus e para aqueles que pertencem a Ele, Cristo é a Pedra Angular sobre a qual o edifício de Deus permanece inabalavelmente firme. Quem cair sobre ele, ou seja, quem tropeçar nele e rejeitá-lo (Rom 9:32), como os líderes estão fazendo agora, nada restará deles. Ele também cairá sobre aqueles que O rejeitaram e escolheram o Anticristo. Isso acontecerá em Sua segunda vinda, quando Ele cairá do céu para julgamento (Dan 2:34). Ele esmagará todos sobre os quais cair.

Depois de o Senhor ter dito isso, Lucas descreve os sentimentos dos escribas e dos chefes dos sacerdotes. Com que alegria esses líderes O teriam agarrado agora. Eles entendem que a parábola se refere a eles. Em vez de se converterem agora, o ódio e a crueldade deles só aumentam. Eles só se retraem porque têm medo do povo. O fato de ainda não poderem agarrá-Lo é porque o tempo de Deus ainda não chegou.

Luc 20:20-26 | Pergunta sobre o imposto do imperador

20 E, trazendo-o debaixo de olho, mandaram espias que se fingiam de justos, para o apanharem em alguma palavra e o entregarem à jurisdição e poder do governador. 21 E perguntaram-lhe, dizendo: Mestre, nós sabemos que falas e ensinas bem e retamente e que não consideras a aparência da pessoa, mas ensinas com verdade o caminho de Deus. 22 É-nos lícito dar tributo a César ou não? 23 E, entendendo ele a sua astúcia, disse-lhes: Por que me tentais? 24 Mostrai-me uma moeda. De quem tem a imagem e a inscrição? E, respondendo eles, disseram: De César. 25 Disse-lhes, então: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus. 26 E não puderam apanhá-lo em palavra alguma diante do povo; e, maravilhados da sua resposta, calaram-se.

O terceiro tema do ensino no templo é sobre o relacionamento com as autoridades. Não somos apenas membros da igreja, mas também estamos sujeitos às autoridades do mundo (Rom 13:1).

Os líderes fazem tudo o que podem para eliminar o Senhor. Agora que eles próprios foram silenciados, estão procurando novas maneiras de obter informações que lhes forneçam material incriminador para que possam executar seu plano. Eles mesmos não ousam sofrer outra derrota. Cegos e estúpidos como são, eles enviam espias para Ele, como se pudessem enganá-Lo com eles. A que loucura um homem pode chegar quando quer acusar Deus.

O fato de esses espias também serem pessoas que não valem muito pode ser visto pela observação de que eles se disfarçam como se fossem justos. Além de espionar, eles também são bons atores. Eles receberam a tarefa de apanhar o mestre em seu discurso. A questão é que eles tenham algo para acusá-Lo no tribunal.

Os hipócritas são bons em bajular. Eles se aproximam do Senhor com um “mestre” insincero. Depois, dizem coisas lisonjeiras sobre Seu discurso. Eles têm uma intenção lisonjeira e até dizem que “sabem”, mas no íntimo O rejeitam e têm intenções corruptas. No entanto, sem querer, dão um belo testemunho de Seu discurso e ensino. Eles mesmos O estão encurralando de forma sorrateira e desonesta, mas ao mesmo tempo testificam que Ele fala de acordo com a verdade. Eles mesmos estão preocupados com a

honra do povo, mas Dele testificam que Ele ensina o caminho de Deus de acordo com a verdade, sem olhar para a pessoa que está abordando.

Após a bajulação, eles lhe fazem uma pergunta capciosa sobre o pagamento de impostos. Querem saber dele se, em sua opinião, é permitido pagar impostos ao imperador ou não. Com essa pergunta, acham que podem pegá-Lo. Se Ele disser “sim”, eles poderão colocá-Lo em uma posição ruim perante o povo, como alguém que reconhece o governo romano e, portanto, não pode ser o Messias. Afinal de contas, o Messias viria para libertá-los do poder ocupante e estabelecer Seu reino. Se Ele disser “não”, eles poderão acusá-Lo de ser um insurrecionista e rebelde às autoridades romanas.

É claro que o Senhor vê o engano deles. Ele conhece suas verdadeiras intenções. Toda a mente interior do homem não guarda segredos diante dEle, mas tudo está nu e descoberto (Heb 4:13). Ele fará com que eles conheçam a si mesmos e saiam envergonhados. Ele (que não tinha dinheiro!) ordena que lhe mostrem um denário, uma moeda romana. Eles tiram uma de sua bolsa, colocam-na na mão e a mostram ao Senhor.

Então o Senhor pergunta de quem é a imagem e a inscrição na moeda. Sua resposta é correta: “de César”. As duas marcas no dinheiro em circulação em Israel, a imagem e o que está escrito nela, indicam que Israel está sob domínio estrangeiro. Esse é o resultado da infidelidade do povo de Deus (Nee 9:34-36).

Quando os espias deram a resposta certa, o Senhor Jesus não responde à pergunta anterior, mas dá uma missão dupla. Por um lado, eles devem dar a César o que é de César. Isso também é verdade para nós (Rom 13:7). Ao usar o dinheiro do ocupante, eles reconhecem que um estranho governa sobre eles e, se forem honestos, sabem que essa é a punição por terem se afastado de Deus. Por outro lado, eles devem dar a Deus o que é devido a Deus. E é Deus quem está diante deles. Assim, Ele os coloca na luz de Deus, que é o que sempre acontece com todos que se aproximam Dele.

Também é importante ver que o Senhor não sacrifica um dever por outro. Eles provavelmente o fizeram. Eles colocaram um dever em oposição ao outro, mas não cumpriram nenhum deles, como deveriam, porque buscavam a si mesmos, não a glória de Deus. Os planos desses homens astutos

e daqueles que os enviaram foram expostos com maestria, invertidos e voltados contra eles mesmos.

Os espias, com sua abordagem astuta, provaram ser incapazes de pegá-Lo no discurso, por meio do qual poderiam ter retirado dEle o favor do povo ou processá-Lo perante as autoridades.

Quando ouviram a resposta, ficaram surpresos com ela. Deviam ser sujeitos muito astutos que haviam pensado em todos os tipos de planos e perguntas antes de finalmente chegarem à sua pergunta. Os espias são inventivos. A pergunta que fizeram garantiu sua convicção de que poderiam pegá-Lo; aqui Ele se enrolaria. Mas como eles estão desiludidos agora, completamente fora de campo.

Luc 20:27-33 | Pergunta sobre a ressurreição

O quarto tema do ensinamento que o Senhor dá no templo é sobre a ressurreição, e a vida no 27 E, chegando-se alguns dos saduceus, que dizem não haver ressurreição, perguntaram-lhe, 28 dizendo: Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se o irmão de alguém falecer, tendo mulher e não deixar filhos, o irmão dele tome a mulher e suscite posteridade a seu irmão. 29 Houve, pois, sete irmãos, e o primeiro tomou mulher e morreu sem filhos; 30 e o segundo 31 e o terceiro também a tomaram, e, igualmente, os sete. Todos eles morreram e não deixaram filhos. 32 E, por último, depois de todos, morreu também a mulher. 33 Portanto, na ressurreição, de qual deles será a mulher, pois que os sete por mulher a tiveram?

mundo da ressurreição. Um novo grupo de adversários se anuncia, pois Satanás tem ainda mais ajudantes. Os saduceus interferem na controvérsia para derrubar o Senhor Jesus. Esses homens são racionalistas. Eles acreditam apenas no que podem explicar pela razão. Assim, eles dizem que não há ressurreição (Atos 23:8) porque, segundo eles, não há evidência para isso.

Os saduceus apresentam um preceito de Moisés sobre o matrimônio da cunhada (Gên 38:8; Deu 25:5). Eles não duvidam desse preceito, mas, em sua incredulidade, devem ter descoberto um problema aqui quando pensam na ressurreição. Eles colocam isso diante Dele, para que Ele tropece nisso.

A fim de ridicularizar a ressurreição, eles lhe contam o caso imaginário de sete irmãos que se casam com a mesma mulher, um após o outro, a fim de cumprir o mandamento de Moisés. Eles falam sobre o primeiro que se casou, mas morreu depois de pouco tempo sem gerar descendentes. De acordo com a lei do casamento dos irmãos, o segundo dos sete irmãos se casa com ela, mas ele também morre após um curto período de tempo sem gerar descendentes. E assim por diante, até que todos os sete irmãos a tiveram e morreram sem ter gerado descendentes. Por fim, a mulher também morre.

Então eles fazem sua pergunta. Podemos imaginar o sorriso dissimulado de alguém que acha que conseguiu derrotar o outro. Os saduceus fazem a pergunta: para qual dos sete ela será esposa na ressurreição? Ela era a esposa legítima de todos os sete. E na ressurreição? Ela não pode ser casada com sete homens ao mesmo tempo! A lei é bem clara quanto a isso.

Com essa pergunta difícil, se não impossível de responder, eles pretendem silenciar o Senhor. Com esse exemplo, eles demonstraram de forma inteligente que a ressurreição é um absurdo. Satisfeitos e de braços cruzados, eles aguardam a reação do Senhor. Ela vem mais rápida e inesperadamente do que o esperado.

Luc 20:34-40 | Ensinando sobre a ressurreição

34 E, respondendo Jesus, disse-lhes: Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento, 35 mas os que forem havidos por dignos de alcançar o mundo vindouro e a ressurreição dos mortos nem hão de casar, nem ser dados em casamento; 36 porque já não podem mais morrer, pois são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. 37 E que os mortos hão de ressuscitar também o mostrou Moisés junto da sarça, quando chama ao Senhor Deus de Abraão, e Deus de Isaque, e Deus de Jacó. 38 Ora, Deus não é Deus de mortos, mas de vivos, porque para ele vivem todos. 39 E, respondendo alguns dos escribas, disseram: Mestre, disseste bem. 40 E não ousavam perguntar-lhe mais coisa alguma.

Em sua resposta, o Senhor se refere, em primeiro lugar, ao tempo em que eles estão agora. Essa é o tempo de se casar e de ser casado. O casamento faz parte da vida na Terra, deste lado da morte. Depois disso, Ele fala sobre

o tempo e a vida após a morte. É sobre isso que o Espírito fala por meio de Paulo em 1 Coríntios 15. O Senhor diz aqui, e Paulo diz isso por meio do Espírito, que do outro lado da morte há condições bem diferentes. Trata-se do mesmo corpo, mas ele não é mais material após a ressurreição, mas espiritual (1Cor 15:42-44).

Aqueles que participam da ressurreição são os que são considerados dignos dela. Esses são os homens que se decidiram por Ele na Terra e compartilharam Sua rejeição. “O mundo vindouro” – esse é o tempo futuro do reino de paz, mas também seu lado celestial, onde estão todos aqueles que foram ressuscitados dos mortos ou transformados na vinda do Senhor (1Cor 15:51). A ressurreição dentre os mortos significa uma ressurreição para fora dos mortos, uma ressurreição em que outros permanecem na morte.

Os mortos que permanecem na morte são aqueles que não são considerados dignos de participar deste tempo e desta ressurreição. Eles são “o remanescente dos mortos” (Apo 20:5). Isso se refere àqueles que morreram na incredulidade. Eles só voltarão à vida após “esta dispensação”, ou seja, após o reino milenar de paz, onde deverão comparecer diante do grande trono branco e ser julgados (Apo 20:11-12).

Na ressurreição, as condições para aqueles que são considerados dignos de participar são completamente diferentes das condições na Terra. Uma dessas condições alteradas é o fato de não haver mais casamento ou ser casado. O casamento e a doação em casamento foram planejados por Deus para povoar a Terra (Gên 1:28) e, desde a Queda, também para permitir que a raça humana continuasse. Na ressurreição, entretanto, ninguém mais pode morrer; portanto, o número de pessoas que participam dela também não diminui e, portanto, não há necessidade de prover descendência por meio de casamentos. Com relação a isso, os crentes são iguais aos anjos.

Mas eles são muito mais do que anjos. Eles são filhos de Deus, pois são filhos da ressurreição. Eles deixaram para trás a morte e tudo o que a acompanha e estão associados a Deus como Seus filhos.

Deus é o Deus da ressurreição. Os saduceus haviam se referido a Moisés por seu questionamento inteligente. O Senhor agora os aponta para Moisés também, para uma frase dita por Moisés “na sarça ardente” (Êxo

3:6,15,16). Ele usa essa frase para deixar claro que Moisés também acreditava na ressurreição. Isso pode ser visto no fato de que Moisés chama o Senhor, ou seja, YAHWE, de “o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó”.

É notável que Moisés chama Deus aqui de Deus de cada um dos antepassados e não fala deles como um todo, como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Deus tem um relacionamento pessoal com cada um deles. O Senhor diz que Moisés disse isso, enquanto Êxodo 3 diz que Deus disse isso (Êxo 3:15). O motivo é que Moisés escreveu a citação, portanto, ele concorda com ela.

Outro aspecto importante dessa citação é que ela mostra que o homem não deixa de existir com a morte. No momento em que Deus diz isso a Moisés, Abraão, Isaque e Jacó já haviam morrido há muito tempo. No entanto, eles não morreram para Deus, porque para Ele eles vivem, vivem em Sua presença.

Os saduceus supõem que o relacionamento que é estabelecido nesta vida entre Deus e o homem tem duração apenas temporal. Mas não é assim. Como Deus é eterno, os relacionamentos que Ele estabelece também são eternos. Com os mortos, ou seja, com aqueles que morreram na incredulidade, Deus não tem nenhuma relação, mas com aqueles que morreram na fé, Ele tem um relacionamento. Para Ele, todos os que morreram na fé vivem.

Alguns dos escribas consideram excelente essa resposta que Ele dá aos seus inimigos na doutrina, os saduceus. Eles elogiam o Senhor por isso. Aham que foi correto repreender os saduceus dessa maneira. Eles se calam e não dizem mais nada, temendo perguntar-Lhe mais alguma coisa; não querem sofrer outra derrota. Mas para esses escribas, que estão sorrindo, o Senhor, por sua vez, tem uma pergunta.

Luc 20:41-44 | Pergunta sobre o Filho de Davi

41 E ele lhes disse: Como dizem que o Cristo é Filho de Davi? 42 Visto como o mesmo Davi diz no livro dos Salmos: Disse o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, 43 até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés. 44 Se Davi lhe chama Senhor, como é ele seu filho?

O quinto tema do ensino no templo diz respeito à posição e à glória da pessoa do Senhor Jesus. Para deixar isso claro, Ele finalmente também faz uma pergunta aos escribas. Eles conheciam muito bem a Lei. A Lei deixa claro, sem sombra de dúvida, que o Cristo é um Filho de Davi. Nenhum escriba duvida disso. Essa é sua convicção sólida como uma rocha; eles se orgulham disso. “Mas”, pergunta o Senhor, “como isso é realmente possível? Pois está escrito no livro de Salmos que Davi O chama de Senhor”.

O Senhor cita para eles o Salmo 110 (Slm 110:1). Esse verso do Antigo Testamento é muito notável, pois nele podemos ver que o Messias será exaltado à direita de Deus no céu após Sua morte e ressurreição; ao mesmo tempo, ele está relacionado a um “até”. É um verso messiânico que se refere a um tempo em que Ele está no céu, enquanto os inimigos na Terra ainda estão em vantagem sobre o povo de Deus. No entanto, esse período termina quando Deus dirá que o Messias deve reivindicar Seu direito à terra (Slm 2:8). Então, Deus colocará seus inimigos como escabelo de seus pés. No entanto, esse ainda não é o caso. Somente a fé vê que Ele é glorificado à direita de Deus depois que o povo e especialmente os líderes O rejeitaram como Messias.

A fé também vê que Ele, o grande Filho de Davi, é também o Senhor de Davi. A fé vê que o Senhor Jesus pode dizer em relação a Davi o que disse em relação a Abraão, ou seja, que Ele existia antes de Davi (Joã 8:58).

A fé vê Nele o resumo de todos os ensinamentos anteriores. A autoridade no templo, a igreja, está com o Senhor glorificado versos 1-8; por meio dEle entramos no santuário para oferecer sacrifícios a Deus versos 9-19; todas as autoridades na Terra governam pelo favor de Deus e, portanto, têm uma autoridade derivada que devemos respeitar porque vem de Deus. Nisso devemos nos lembrar de que o Senhor Jesus é Deus versos 20-26; somente Nele conhecemos a ressurreição em seu verdadeiro significado e suas gloriosas consequências versos 27-40.

A incredulidade é cega para tudo isso. Portanto, não há resposta para a pergunta do Senhor sobre como é possível que Davi O chame de Senhor quando Ele é Seu Filho. Assim, esse último grupo de oponentes também é silenciado. Mas eles também não se submetem.

Luc 20:45-47 | Discurso contra os escribas

45 E, ouvindo-o todo o povo, disse Jesus aos seus discípulos: 46 Guardai-vos dos escribas, que querem andar com vestes compridas e amam as saudações nas praças, e as principais cadeiras nas sinagogas, e os primeiros lugares nos banquetes; 47 que devoram as casas das viúvas, fazendo, por pretexto, largas orações. Estes receberão maior condenação.

Depois que o Senhor silenciou todos os Seus adversários com seus vários ataques, Ele se volta para Seus discípulos. Todo o povo ouve o que Ele diz para eles. Suas palavras contêm uma advertência, especialmente contra o último grupo de adversários, os escribas. Eles são corruptos até a medula. Os discípulos devem tomar cuidado com esse povo.

Essa gente acha bonito andar por aí com roupas chamativas para que todos olhem para eles com admiração. Também acham bonito ser saudados efusivamente nos mercados para que todos vejam como são importantes. Nas salas fechadas das sinagogas e das casas, eles gostam de ocupar os primeiros lugares para que todos possam olhar para eles com admiração. Como estão ansiosos para que seu senso de honra seja lisonjeado!

Com seu exterior hipócrita, eles são, na realidade, bestas devoradoras. As viúvas indefesas são presas de sua ganância. Enquanto fazem longas orações fingidas, apenas para dar a impressão de que vivem muito com Deus, eles planejam o mal em seus corações contra o próximo socialmente fraco. Mas Deus é o juiz das viúvas (Slm 68:5). Ele punirá severamente esses líderes corruptos por sua piedade apenas aparente, que eles usam como cobertura para sua rapina. Sua punição será mais severa do que a de pessoas que viveram sem piedade e sem hipocrisia.

Lucas 21

Luc 21:1-4 | A oferta da viúva

1 E, olhando ele, viu os ricos lançarem as suas ofertas na arca do tesouro; 2 e viu também uma pobre viúva lançar ali duas pequenas moedas; 3 e disse: Em verdade vos digo que lançou mais do que todos esta pobre viúva, 4 porque todos aqueles deram como ofertas de Deus do que lhes sobeja; mas esta, da sua pobreza, deu todo o sustento que tinha.

Quando o Senhor ergue os olhos, Ele vê as pessoas colocando ofertas no tesouro. Ele conhece cada doador de cada oferta e sabe se é rico ou pobre. Ele também sabe o quanto eles dão e como eles dão, com que disposição. Ele vê e observa como uma viúva pobre coloca dois ácaros no tesouro. Talvez seja uma das viúvas de que Ele falou há pouco, no final do capítulo anterior, uma viúva cuja casa foi devorada. Mas, em vez de se lamentar, ela coloca seu último dinheiro como oferta a Deus no tesouro para a manutenção do templo, a casa de Deus.

Não era uma oferta inútil, uma vez que o templo seria destruído, (como vemos nos versos seguintes)? Não, porque ela não deu para o templo, que logo seria destruído, mas para o Senhor, e Ele aprecia toda oferta que vem de um coração totalmente dedicado.

Um dom pode ser pequeno em quantidade ou até insignificante, mas o verdadeiro valor está no motivo pelo qual ele é dado. Isso também pode ser um grande conforto para nós. O Senhor elogia a viúva pobre por sua oferta. De acordo com sua avaliação, ela deu mais do que todos os ricos juntos. Ele sabe que todos os ricos contribuíram de sua abundância e que a abundância deles não diminuiu por causa da sua oferta. Ele também sabe que a viúva pobre não deu parte do que lhe faltava, mas deu tudo o que possuía. Ela não guardou nada para si. Nas palavras do Senhor, ela até mesmo deu “todo o seu sustento”, ou seja, ela deu a si mesma, confiando plenamente que Deus a proveria (Jer 49:11). Isso é dar de acordo com o coração de Deus. Os verdadeiros discípulos dão como essa viúva.

Lucas escreve mais sobre as viúvas do que os outros evangelistas (Luc 2:36-38; 4:25-26; 7:11-17; 18:1-8; 21:2-3). Ele apresenta o Senhor Jesus como uma pessoa que nasceu, viveu e morreu na pobreza. O Senhor dá uma atenção muito especial a essas mulheres. Esse também deve ser o nosso caso. É até mesmo um sinal importante do verdadeiro culto a Deus (Tia 1:27).

Luc 21:5-11 | Sinais do fim dos tempos

5 E, dizendo alguns a respeito do templo, que estava ornado de formosas pedras e dádivas, disse: 6 Quanto a estas coisas que vedes, dias virão em que se não deixará pedra sobre pedra que não seja derribada. 7 E perguntaram-lhe, dizendo: Mestre, quando serão, pois, essas coisas? E que sinal haverá quando isso estiver para acontecer? 8 Disse, então, ele: Vede que não vos enganem, porque virão muitos em meu nome, dizendo: Sou eu, e o tempo está próximo; não vades, portanto, após eles. 9 E, quando ouvirdes de guerras e sedições, não vos assusteis. Porque é necessário que isso aconteça primeiro, mas o fim não será logo. 10 Então, lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino, contra reino; 11 e haverá, em vários lugares, grandes terremotos, e fomes, e pestilências; haverá também coisas espantosas e grandes sinais do céu.

Após o ensinamento do Senhor sobre a doação, em que Ele direcionou a atenção dos discípulos para a viúva pobre, os olhos dos discípulos se voltaram para a construção do templo. Alguns discípulos expressam seus sentimentos de admiração por essa construção. Eles estão impressionados com o visível. Glorioso, como esse templo está ali.

Eles se esqueceram de que esse edifício foi, na verdade, transformado em uma loja de departamentos pelo povo infiel e que não é mais a casa de Deus, mas uma casa de homens. Ele manteve seu valor apenas pela fé, como demonstrou a viúva pobre. Mas os discípulos, como sempre, estão preocupados com a glória exterior. Assim, eles estão cegos para a realidade interior da depravação.

O Senhor responde ao comentário deles e fala sobre o que aconteceria em breve com tudo aquilo a que eles também ainda estão tão apegados. Seu discurso sobre o futuro do templo, da cidade e do povo deve ter sido muito preocupante para eles. Ele não mede palavras e diz que as coisas que eles viam com tanta admiração seriam completamente demolidas. Com isso,

Ele faz alusão à destruição do Templo e de Jerusalém pelos romanos em 70. Os discípulos querem saber mais sobre isso. Eles perguntam a Ele sobre o tempo em que isso acontecerá e como podem saber que esse tempo chegou.

Como primeira característica desse tempo, o Senhor diz que haverá enganadores. Homens virão sob Seu nome e afirmarão ser o Messias. Eles usarão as mesmas palavras que Ele usou e dirão que o tempo está próximo. Eles não devem seguir esses sedutores. Além dos sedutores, também virão guerras e ultrajes. Quando souberem disso, não precisam se assustar. Essas são coisas que devem acontecer de antemão, mas ainda não anunciam o fim. Tudo o que o Senhor diz aqui se refere ao tempo após Sua ascensão e o nascimento da Igreja.

O Senhor continua com Seu ensinamento sobre eventos futuros. Ele não prevê um tempo de paz, mas de grande tumulto. As populações lutarão entre si e os reinos pegarão em armas uns contra os outros. A criação também não é deixada sem testemunho. A Terra será sacudida por grandes terremotos. Os desastres naturais serão a causa da fome e de doenças terríveis. Os céus também falarão. Acontecerão coisas terríveis no firmamento que causarão uma forte impressão. Grandes sinais do céu serão vistos na Terra.

Luc 21:12-19 | Perseguição e perseverança

12 Mas, antes de todas essas coisas, lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e às prisões e conduzindo-vos à presença de reis e governadores, por amor do meu nome. 13 E vos acontecerá isso para testemunho. 14 Proponde, pois, em vosso coração não premeditar como haveis de responder, 15 porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir, nem contradizer todos quantos se vos opuserem. 16 E até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues; e matarão alguns de vós. 17 E de todos sereis odiados por causa do meu nome. 18 Mas não perecerá um único cabelo da vossa cabeça. 19 Na vossa paciência, possui a vossa alma.

Antes que isso aconteça, porém, os discípulos serão alvo do ódio das pessoas. Eles serão perseguidos e presos. Depois, serão entregues aos líderes religiosos nas sinagogas e levados perante as autoridades mundanas, como aconteceu com o Senhor Jesus. Isso também acontece porque eles

estão unidos a Ele por causa do Seu nome. No livro de Atos, vemos como isso acontece (Atos 4:3; 5:17-18; 6:8-12).

O Senhor os encoraja dizendo-lhes que isso será um testemunho para eles, em vez de destruir o testemunho deles. Ele lhes assegura que não precisam pensar de antemão em como responder. Eles podem confiar Nele para isso. Também encontramos isso regularmente no livro de Atos (Atos 4:8,19; 5:29). Todo discurso que encontramos ali deve ser feito sem preparação, porque eles serão forçados a fazê-lo. Ele colocará as palavras na boca deles.

Ele colocará as palavras em suas bocas. Eles demonstrarão uma sabedoria que deixará seus adversários sem palavras (Atos 6:10). Seus oponentes não serão capazes de fazer uma objeção razoável. Portanto, cairão em reações injustificadas e cruéis. Seus adversários não serão apenas os líderes religiosos ou as autoridades mundanas, mas até mesmo os relacionamentos em que se poderia esperar segurança e proteção, dos quais eles sempre desfrutaram até então.

Assim, membros de sua própria família e também parentes se voltarão contra eles. Até mesmo seus amigos, pessoas com quem compartilhavam tudo e que os apoiavam nos momentos de necessidade, se tornarão adversários. A única razão para esse ódio forte e generalizado é o nome do Senhor Jesus. Escolhê-Lo resultará em uma mudança radical em todos os relacionamentos existentes. O coração de todos se voltará contra eles.

No entanto, o Senhor também os encoraja, que não perderão nada do que receberam, nem mesmo um fio de cabelo de sua cabeça, por assim dizer. Isso não significa que eles não possam ser mortos (veja o verso 16), mas Ele está dizendo que, mesmo que sejam mortos, tudo será reparado na ressurreição. O verso 19 aponta para isso.

Em todas as dificuldades e sofrimentos, o que importa é a perseverança. É por meio da perseverança que eles ganharão suas almas. Isso não significa que depende da própria força, mas que a fé genuína no Senhor Jesus é demonstrada pela perseverança e por não desistir sob pressão. Para perseverar, eles podem buscar sua força no Senhor.

Luc 21:20-27 | Cumprimento dos tempos dos gentios

20 Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei, então, que é chegada a sua desolação. 21 Então, os que estiverem na Judéia, que fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, que saiam; e, os que estiverem nos campos, que não entrem nela. 22 Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas. 23 Mas ai das grávidas e das que criarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira sobre este povo. 24 E cairão a fio de espada e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem. 25 E haverá sinais no sol, e na lua, e nas estrelas, e, na terra, angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; 26 homens desmaiando de terror, na expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo, porquanto os poderes do céu serão abalados. 27 E, então, verão vir o Filho do Homem numa nuvem, com poder e grande glória.

O cerco a Jerusalém do qual o Senhor fala aqui não pode ser o cerco que ocorrerá nos últimos dias pelos exércitos do Império Romano do Ocidente restaurado, a Europa unida. Trata-se do cerco com a subsequente destruição que seria realizada pelos romanos no ano 70. É uma prova renovada de que se trata dos “tempos dos gentios” (verso 24), que começaram com Nabucodonosor, mas que também serão “cumpridos” um dia. Durante o tempo dos gentios, Jerusalém será pisoteada pelas nações. Isso mostra que o Senhor Jesus está falando sobre o tempo presente. O tempo dos gentios terminará quando Ele retornar à Terra.

O que o Senhor descreve com relação à situação que surgirá quando os romanos marcharem contra Jerusalém tem as mesmas características do cerco a Jerusalém nos últimos dias. No entanto, nos últimos dias, Jerusalém não será pisoteada e destruída pelos exércitos romanos, mas pelos assírios. Finalmente, o Senhor Jesus, quando vier do céu para a terra, resgatará Jerusalém da tribulação. Então, Ele destruirá seus inimigos com a espada que sai de Sua boca (Apo 19:15).

A desolação que Lucas ouve da boca do Senhor Jesus e escreve não pode ser um evento do fim dos tempos. Pois a desolação é seguida pela humilhação da capital judaica, que é posteriormente ocupada por um povo após o outro. Isso continua até o fim do tempo que Deus designou para o

domínio das nações. Isso é algo tão típico de nosso evangelista. Mateus e Marcos falam da “abominação da desolação” (Mat 24:15; Mar 13:14), e isso só pode ser a crise final. Embora as circunstâncias se assemelhem ao “dia em que o Filho do Homem se manifestar” (Luc 17:30), estamos, portanto, lidando aqui com um evento iminente.

As advertências do Senhor deixam claro que certamente há semelhanças. Assim como em vista dos últimos dias, aqui o Senhor adverte contra a perda de tempo e exorta as pessoas a fugirem do inimigo que se aproxima (cf. Luc 17:31). Onde quer que estejam, devem se apressar para se afastar da área ao redor de Jerusalém. É insensatez, por causa de um amor doentio pela cidade, pensar que algo de valor ainda pode ser extraído, ou mesmo pensar que há algum sentido em defender a cidade. O julgamento de Deus está chegando sobre a cidade. Portanto, não é apenas irracional, mas também desobediente, ainda ser guiado por qualquer relacionamento com a cidade.

Deus cumpre a palavra que proferiu. Afinal de contas, Ele disse que destruiria a cidade se ela continuasse a resistir a Ele. O Senhor Jesus também previu isso (Luc 20:16). A vingança atingirá toda a vida, mesmo em sua fase mais tenra. A angústia na terra será grande por causa da ira que Deus deve trazer sobre “este” povo, ou seja, o povo de Israel que matou Cristo. Toda resistência é inútil. O inimigo é avassalador. Muitos habitantes serão mortos pela espada. Outros serão levados cativos e levados para todas as nações.

Isso não acontecerá no fim dos tempos, mas já no ano 70. Então Jerusalém perderia sua glória e independência. Não seria uma cidade derrotada, mas uma cidade desprezada, pisoteada pelas nações. Foi assim até 1948, quando Israel voltou a ser um Estado independente. Mas, mesmo agora, ainda é um país que existe graças ao favor de nações poderosas, mas que os povos vizinhos desprezam.

“Os tempos dos gentios” é o tempo em que o domínio mundial é entregue aos povos. Isso é visível no governo dos quatro impérios mundiais sobre os quais lemos no Livro de Daniel. Quando Nabucodonosor recebeu de Deus o domínio mundial e, com ele, o poder sobre Israel, começaram os tempos dos gentios (Dan 2:37-40; 7:2-17).

Mas há um “até”. A pequena palavra é uma dica de que essa situação terminará um dia. O fim do domínio das nações e a subjugação de Jerusalém por elas serão anunciados por sinais no sol, na lua e nas estrelas. Esses sinais no céu acompanham a tribulação das nações, ou seja, não apenas de Israel. Entre as nações, haverá um medo crescente de coisas terríveis, de catástrofes iminentes de vários tipos. Há fermento em muitas nações. No momento em que escrevo este texto (março de 2008), é o filme do político Geert Wilders, “Fitna”, sobre o Islã, que está impulsionando esses sentimentos gerais de medo. Mas a mudança climática, por exemplo, também causa pânico. O fato de as pessoas falarem de forma apaziguadora sobre esse alarmismo ou afirmarem de forma grandiloquente que estão controlando as coisas não diminui o medo que sentem.

Os homens perecerão de medo, tão grande é o temor. Eles veem o desastre iminente se aproximando. Eles tentarão de tudo para impedir o desenvolvimento, mas isso se mostrará inútil. Eles estão lidando com forças dos céus, com poderes espirituais. Os homens se entregaram a eles porque excluíram Deus.

A maior catástrofe que lhes sobrevirá é a vinda do Filho do Homem. Eles O verão vindo em uma nuvem (Dan 7:13), o sinal de Sua glória. Ele então revelará poder e grande glória. A criança na manjedoura, envolta em faixas, eles desprezaram. Eles não o queriam, rejeitaram-no e o mataram. Então eles estarão face a face com Ele (Apo 1:7) e não escaparão.

Luc 21:28-33 | A figueira e todas as árvores

28 Ora, quando essas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai a vossa cabeça, porque a vossa redenção está próxima. 29 E disse-lhes uma parábola: Olhai para a figueira e para todas as árvores. 30 Quando já começam a brotar, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o verão. 31 Assim também vós, quando virdes acontecer essas coisas, sabeis que o Reino de Deus está perto. 32 Em verdade vos digo que não passará esta geração até que tudo aconteça. 33 Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não hão de passar.

O que é um pesadelo para o mundo é um incentivo para os discípulos. Eles podem saber que sua salvação está próxima quando essas coisas começam a acontecer. Da mesma forma, em vez de nos preocuparmos com

os acontecimentos do mundo, podemos nos sentir encorajados por esses acontecimentos, pois por meio deles sabemos que nossa redenção está próxima. Para o povo de Israel, a redenção significa que o Senhor Jesus virá para libertá-los de seus inimigos por meio desses julgamentos. Para nós, como membros da Igreja, a redenção significa que Cristo vem para nos tirar do mundo, do meio de nossos inimigos. Vemos em nossos dias o prenúncio de tudo o que Ele disse. É por isso que é importante observar os sinais dos tempos.

Para nos ajudar nisso, o Senhor Jesus usa uma parábola para ilustrar Seu ensinamento. Com isso, Ele nos mostra como podemos reconhecer mais claramente as coisas que estão começando a acontecer. Devemos prestar atenção à figueira e a todas as árvores. Mais uma vez, é característico de Lucas o fato de ele falar não apenas da figueira, mas também de todas as árvores. A figueira é uma figura de Israel, e todas as árvores são uma figura das nações ao redor de Israel. Isso mostra novamente o quanto Lucas, o evangelista, é a favor dos gentios, das nações. Quando vemos essas árvores brotando, sabemos que o inverno acabou e o verão está próximo. O brotamento das árvores aponta para uma nova vida.

Reconhecemos essa figura no início da restauração de Israel como nação. Depois de muitos séculos sendo pisoteado e desprezado pelas nações (e ainda é), vemos que Israel voltou a ser um Estado desde 1948. A vida está chegando (cf. Eze 37:1-8). O verão ainda não chegou, mas notamos os primeiros sinais da restauração do povo.

Os povos ao redor de Israel também estão despertando. Os povos sobre os quais os profetas falaram estão fazendo sua presença ser sentida novamente depois de muitos séculos. Podemos pensar no Egito, por exemplo, mas também no Império Romano restaurado que está tomando forma na Europa Unida. Essas são árvores que estão brotando. Esses são os sinais dos tempos. Ao observar esses acontecimentos, os discípulos podem saber, e nós também, que o reino de Deus está próximo. O verão está chegando.

Quando o Senhor Jesus estava na Terra, Ele pregou que o reino de Deus estava próximo. Naquela época, não chegou porque Ele foi rejeitado. Mas Ele não será rejeitado novamente. Quando Ele vier, estabelecerá publicamente o reino em glória. O que estamos vendo acontecer no Oriente Médio

é uma indicação de que o reino de Deus, no que diz respeito à sua forma pública, está próximo novamente em nossos dias e, portanto, será estabelecido em breve.

O Senhor acrescenta ao Seu exemplo a garantia de que “esta geração” passará por tudo o que Ele descreveu. “Esta geração” é a categoria de pessoas que vivia ao Seu redor naquele momento, o tipo que O levou à cruz. Eles ainda existem, pois Ele ainda é o rejeitado, e o mundo ainda não tem lugar para Ele.

A certeza de Suas palavras é mais firme do que os céus e a terra. O céu e a terra passarão, e em seu lugar virão um novo céu e uma nova terra. Uma mudança como essa não é conhecida por Suas palavras. Ele é Deus, e suas palavras são as palavras de Deus. O que é verdadeiro para a Palavra de Deus é igualmente verdadeiro para Suas palavras (Luc 16:17; 1Ped 1:25).

Luc 21:34-36 | A vigilância é recomendada

34 E olhai por vós, para que não aconteça que o vosso coração se carregue de glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia. 35 Porque virá como um laço sobre todos os que habitam na face de toda a terra. 36 Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas essas coisas que hão de acontecer e de estar em pé diante do Filho do Homem.

O Senhor termina Seu ensinamento no templo com um apelo urgente para que Seus discípulos vigiem. Ele os coloca sob a responsabilidade de se apegarem ao que Ele lhes disse como um guia para suas vidas. Eles não devem se esquecer de Suas advertências, pois isso pode acontecer facilmente quando seus corações ficam sobrecarregados com o que a vida tem a oferecer. Se não permanecerem sóbrios, mas forem influenciados pelo pensamento mundano, cairão em um estado de intoxicação. Um estado de intoxicação é, por exemplo, o resultado do consumo excessivo de vinho, que causa dor de cabeça. Uma pessoa intoxicada não é capaz de pensar com sobriedade.

O consumo excessivo de álcool ou a embriaguez vão um passo além. Uma pessoa embriagada também não é capaz de pensar com sobriedade, mas acha que ainda está no controle total das coisas, enquanto fala bobagens e cambaleia de um lado para o outro. Ao se relacionar com o mundo e ficar

absorvido por ele, a pessoa perde completamente a visão da realidade. As preocupações da vida também podem se apoderar de uma pessoa a ponto de ela não pensar mais na vinda do Senhor Jesus.

Para essas pessoas, que antes professavam ser cristãs, mas que não esperam mais em seus corações pela vinda de Cristo, esse dia amanhece de repente. Para as pessoas que só veem a vida como uma celebração, ou para as pessoas que só veem preocupações, o mesmo é verdade. Elas não levantam a cabeça, mas apenas olham para a terra. Torna-se evidente que elas pertencem à terra.

O Dia do Senhor irrompe repentinamente sobre todos os que vivem em toda a face da Terra. Essa categoria de homens é encontrada repetidas vezes no Livro do Apocalipse. São pessoas que acham que têm direito à vida na Terra e vivem em rebelião contra Deus. Por isso, serão julgadas (Apo 8:13; 11:10; 13:8,12,14). Eles consideram a Terra seu lar e vivem para tudo o que existe na Terra. Eles não pensam no céu, pois ele não existe para eles. É por isso eles ficarão atônitos ao verem o céu se abrir (Apo 19:11). Eles nunca pensaram nisso e, quando ouviram falar, rejeitaram a ideia com escárnio.

Os discípulos são advertidos a não serem como eles. Por isso, o Senhor lhes diz novamente para vigiarem. Eles não devem pensar que podem permanecer firmes em sua própria força diante de toda sedução. Por isso, Ele os incentiva a orar em todo o tempo. Isso significa que eles devem olhar constantemente para Deus e pedir que Ele os guarde de todos os perigos de desvio. Somente dessa forma eles poderão escapar das coisas que Ele descreveu.

Só então poderão se apresentar diante do Filho do Homem quando Ele vier em Sua glória. Ele então consumirá aqueles que comprovadamente não têm a vida de Deus, razão pela qual não O esperavam. Todos os que têm a vida de Deus O esperam em espírito de oração e podem compartilhar Sua glória. Não há julgamento para eles, pois Ele os carregou.

Luc 21:37-38 | O Senhor continua a ensinar no Templo

37 *E, de dia, ensinava no templo e, à noite, saindo, ficava no monte chamado das Oliveiras. 38 E todo o povo ia ter com ele ao templo, de manhã cedo, para o ouvir.*

Nessa última semana de sua vida na Terra antes da cruz, o Senhor ensina a Palavra de Deus durante o dia. Ele continua a fazer isso incansavelmente até o fim. Ele passa a noite no Monte das Oliveiras porque não tem casa, mas, acima de tudo, porque Ele se separa da cidade culpada e condenada. O Monte das Oliveiras também é o monte do futuro.

As noites não são longas para o Senhor. De manhã cedo, o povo vai até Ele novamente no templo. Eles querem ouvir Suas palavras, pois estão famintos por elas. E o Senhor ensina, mesmo sabendo que alguns dias depois, sob a influência dos líderes religiosos, eles gritarão: ““Crucifica-o!” Que graça!

Lucas 22

Luc 22:1-6 | O plano para matar o Senhor Jesus

1 Estava, pois, perto a Festa dos Pães Asmos, chamada de Páscoa. 2 E os principais dos sacerdotes e os escribas andavam procurando como o matariam, porque temiam o povo. 3 Entrou, porém, Satanás em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes, o qual era do número dos doze. 4 E foi e falou com os principais dos sacerdotes e com os capitães de como lho entregaria, 5 os quais se alegraram e convieram em lhe dar dinheiro. 6 E ele concordou e buscava oportunidade para lho entregar sem alvoroço.

Agora é quinta-feira, na última semana da vida do Senhor Jesus na Terra antes de sua morte. Os eventos do capítulo anterior ocorreram na terça-feira. Não ouvimos nada sobre a quarta-feira. Quinta-feira é a véspera da Páscoa, que ocorrerá no dia seguinte, sexta-feira. De acordo com o calendário judaico, a sexta-feira começa às seis horas da tarde de quinta-feira.

A Festa dos Pães Ázimos é equiparada aqui à Páscoa, embora seja posterior a ela. A Festa dos Pães Ázimos, que dura sete dias, é uma figura de toda a vida do crente. O fermento é uma figura do pecado e não deve ter lugar na vida do crente. Pode-se dizer que é uma “festa” poder viver assim.

A base é a Páscoa, o sacrifício pelo qual o povo foi libertado do Egito. No entanto, a Páscoa não era apenas um testemunho da libertação do Egito, mas também um modelo do grande sacrifício que ainda estava por vir. Ela aponta para o sacrifício que em breve seria feito na pessoa do Cordeiro de Deus, pois a Páscoa “estava próxima”.

Não deveria haver fermento nas casas durante a Páscoa (Êxo 12:8,15). A Páscoa era celebrada no décimo quarto dia do mês de nisã (Lev 23:5), e a Festa dos Pães Ázimos começava um dia depois. Porém, como não era permitida a presença de fermento durante a Páscoa, os judeus misturavam as duas festas.

Enquanto o povo se preparava para ir à festa, os líderes religiosos faziam planos para matar Cristo. Aqui vemos como a maldade do homem e os conselhos de Deus se encontram. Deus usa a maldade do homem para

cumprir Seus planos sem tirar nada da responsabilidade do homem. Satanás vê sua oportunidade e toma posse de Judas, que também é chamado de “Iscariotes”. Ele não deve ser confundido com o outro Judas.

A comunicação mais trágica é que ele “era um dos doze”. Ele havia andado com o Senhor Jesus por três anos e agora se coloca à disposição de Satanás como uma ferramenta para cometer o maior crime de todos os tempos. O contraste está além da compreensão. Judas é a prova de que um homem pode estar no mais íntimo relacionamento com Cristo e, ainda assim, revelar-se como Seu adversário porque não tem uma nova vida.

Ele se propõe a se oferecer aos líderes e discutir com eles como poderia entregá-Lo a eles. Judas, que viu tantas obras da graça Nele, permaneceu intocado. Cuidadosamente, Ele quer entregar o maior benefício já mostrado ao homem nas mãos de assassinos para ganhar algum dinheiro.

Quando Ele se aproxima dos líderes e se oferece, os líderes se regozijam diabolicamente. Eles concordam entre si que aceitarão de bom grado os serviços de Judas e querem pagá-lo por isso. Aqui duas partes se encontram, cada uma buscando seu próprio interesse. Judas conhece a cobiça deles por assassinato, e eles conhecem a cobiça dele por dinheiro. O Cristo de Deus é a oferta para eles. Ele traz à tona o que há de pior em cada homem que não se rende a Ele em Sua luz.

Judas concorda com a quantia que lhe oferecem. Com o dinheiro no bolso (Mat 26:15), ele começa a procurar uma oportunidade em que possa entregar o Senhor a eles. Isso deve ser feito sem causar alvoroço, pois é preciso ter cuidado para não criar um motim. O povo ainda está muito do lado desse benfeitor.

Luc 22:7-13 | Preparativos para comer a Páscoa

7 Chegou, porém, o dia da Festa dos Pães Asmos, em que importava sacrificar a Páscoa. 8 E mandou a Pedro e a João, dizendo: Ide, preparai-nos a Páscoa, para que a comamos. 9 E eles lhe perguntaram: Onde queres que a preparemos? 10 E ele lhes disse: Eis que, quando entrardes na cidade, encontrareis um homem levando um cântaro de água; segui-o até à casa em que ele entrar. 11 E direis ao pai de família da casa: O mestre te diz: Onde está o aposento em que hei de comer a Páscoa com os meus discípulos? 12 Então, ele vos mostrará um grande

cenáculo mobilado; aí fazei os preparativos. 13 E, indo eles, acharam como lhes havia sido dito; e prepararam a Páscoa.

Então, amanheceu o dia dos pães ázimos, quando a Páscoa deveria ser abatida. O tempo passa e os eventos que foram esperados e preditos nos séculos passados estão prestes a se cumprir. As imagens sombrias estão se apagando e o que elas indicam está vindo à tona.

O fato de Lucas ser a introdução das cartas de Paulo encontra aqui uma evidência renovada. Paulo relaciona espiritualmente a Festa dos Pães Ázimos e a Páscoa. Ele fala de nossa “Páscoa, Cristo” e de “celebrar a festa... com os asmos da sinceridade e da verdade” (1Cor 5:7-8). Em Primeira Coríntios, ele continua falando da Ceia do Senhor como Lucas a descreve aqui versos 19-20; (1Cor 11:23-26).

Se entendermos a Páscoa, também entenderemos a Ceia do Senhor. A Páscoa tem a ver com o julgamento sobre os primogênitos, o orgulho e o poder do Egito, mas também o orgulho e o poder dos israelitas. Os primogênitos só poderiam ser poupados se se abrigassem atrás do sangue do cordeiro. No entanto, isso não é a única coisa. Poupar é apenas negativo. O desenrolar posterior de Êxodo 12 mostra que Deus poupa para ter algo para Si mesmo. Os primogênitos devem ser santificados para Ele. A Páscoa é uma festa de santificação, uma festa de dedicação. A igreja é a igreja dos primogênitos (Heb 12:23). Somos todos dEle e para Ele. Por isso, a Páscoa é seguida pela Festa dos Pães Ázimos.

O Senhor Jesus não está à mercê de Judas, dos líderes religiosos ou das autoridades romanas em seu tempo determinado. Ele determina a hora, a forma e o local da Páscoa e, portanto, o momento em que Ele é entregue nas mãos dos homens. Embora esteja totalmente ciente dos planos malignos que Seus inimigos estão tramando com o traidor, Ele age totalmente dependente de Seu Pai. No plano de Seu Pai, Ele deve comer a Páscoa junto com Seus discípulos. Portanto, isso tem que acontecer.

Para preparar a Páscoa, o Senhor envia dois de Seus discípulos, chamados Pedro e João, para prepará-la para eles. É significativo que eles, mais do que ninguém, escrevam sobre o Cordeiro em seus escritos (1Ped 1:19; Joã 1:29,36; Apo 5:6). Pedro e João perguntam onde Ele quer que eles o prepa-

rem. Essa também é a pergunta importante para todo crente hoje em dia quando se trata de onde celebrar a Ceia do Senhor.

O Senhor não dá um endereço, mas dá instruções. Ele quer que eles observem um homem, que encontrarem, que esteja carregando um cântaro de água. Não há inúmeros homens andando com cântaro de água. Os carregadores de água são, em sua maioria, mulheres. Portanto, será um sinal extraordinário. Eles devem segui-lo e entrar na casa em que ele entrar.

Para nós, essa é uma pista importante quando se trata da questão de onde os crentes devem celebrar a Ceia do Senhor. A localização do lugar onde o Senhor quer se reunir com os Seus está ligada a considerações espirituais. Esse também foi o caso quando Deus falou aos israelitas sobre o lugar que havia escolhido para fazer Seu nome habitar ali (Deu 12:5; cf. Cãn 1:7-8; Joã 1:38-40).

O homem com o cântaro de água sobre a cabeça retrata alguém que em sua vida (da qual o cântaro é uma figura) aplica a Palavra de Deus (da qual a água é uma figura) em seu poder purificador e faz isso também em relação ao lugar onde o Senhor está. O Senhor usa os crentes que são fiéis à Sua Palavra, para falar a outros crentes que também O ouvem, e querem estar com Ele nesse lugar de reunião.

O homem leva a água para dentro da casa. Possivelmente o Senhor lavou os pés dos discípulos com esta água (Joã 13:1-20). Precisamos estar cientes de que, quando nos reunimos para celebrar a Ceia do Senhor, devemos nos submeter ao poder purificador da Palavra. O lugar onde Cristo reúne os Seus é um lugar puro.

Depois de entrarem, eles devem pedir ao dono da casa, em nome do Senhor, o aposento onde poderão comer a Páscoa. A palavra "aposento" é a mesma palavra usada no capítulo 2, onde é traduzida como "hospedaria" (Luc 2:7). Ela ocorre apenas mais uma vez no Novo Testamento, em Marcos 14, onde o Senhor fala sobre "meu aposento" (Mar 14:14).

No primeiro aposento (a pousada, Luc 2:7) não havia lugar para o Senhor. Em certo sentido, essa é o aposento do mundo, onde só há lugar para as pessoas do mundo, para as pessoas "de baixo". Mas o Senhor também não procura um lugar para morar no mundo. Em contraste com esse aposento, Ele tem Seu próprio "aposento", onde é o anfitrião e onde convida os Seus

para serem Seus hóspedes. Há lugar para todos os verdadeiros discípulos, por mais fracos e sem espiritualidade que sejam.

O Senhor diz aos discípulos com antecedência que o dono da casa lhes concederá imediatamente o desejo deles. Ele fez com que o dono da casa tivesse a disposição de fazer isso. – Da mesma forma, Ele fez o mesmo no coração dos donos do jumentinho que Ele precisava (Luc 19:31-35). – Ele lhes mostraria um “grande cenáculo coberto de almofadas”. O alojamento em que Cristo convida os Seus é um cenáculo ou salão superior, um salão elevado, um salão acima do nível do mundo, um salão em comunhão com o céu e não em comunhão com a terra. Há uma atmosfera celestial ali.

Pedro e João partiram e tudo correu como o Senhor lhes disse. De acordo com Sua ordem, eles preparam a Páscoa no lugar que Ele designou. No caminho, eles não procuraram uma oportunidade que também lhes parecesse adequada, mas simplesmente seguiram Sua ordem.

Luc 22:14-18 | A celebração da Páscoa

14 E, chegada a hora, pôs-se à mesa, e, com ele, os doze apóstolos. 15 E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça, 16 porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no Reino de Deus. 17 E, tomando o cálice e havendo dado graças, disse: Tomai-o e reparti-o entre vós, 18 porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o Reino de Deus.

Na hora marcada, o Senhor pôs-se à mesa. Os apóstolos podem se sentar à mesa com Ele. Ele toma a iniciativa. Ele sabe que tudo o que está escrito sobre Ele será cumprido agora. Tudo na Lei aponta para Ele. Ele é o verdadeiro Cordeiro. Os profetas também apontaram para Ele como o servo sofredor do Senhor.

Em Seu amor ilimitado e, portanto, incompreensível para nós e, ao mesmo tempo, avassalador, Ele se volta para Seus apóstolos nesse momento. Ele expressa o profundo desejo de Seu coração de ter comunhão com eles. Ele lhes diz o quanto ansiava por comer “esta Páscoa” com eles.

Será a última Páscoa, pois durante a Páscoa Ele será entregue, sofrerá e morrerá. Durante essa Páscoa, a Páscoa será cumprida em Sua pessoa. Isso está diante dele. Mas antes de sofrer, Ele quer muito dizer aos Seus apósto-

los algo sobre o verdadeiro significado da Páscoa para eles e para Ele. Ele não está preocupado em cumprir um ritual, mas em cumprir o conselho de Deus a respeito do reino no coração dos Seus.

O Senhor permite que Seus apóstolos saibam que Ele não dá mais importância à Páscoa como um memorial. A celebração em memória da libertação do Egito por causa do Cordeiro tornou-se sem sentido por causa de Sua rejeição. Quando Ele estabelecer o reino de Deus, Ele será o centro glorioso desse reino. Ele o estabelecerá depois de ter libertado Seu povo de seus inimigos, julgando-os, como foi feito no Egito. No reino de paz que se seguirá, Seu povo O honrará com seus sacrifícios, e Ele terá comunhão com eles nesse reino, pois isso está expresso na ceia. O sofrimento agora o aguarda.

Em um sentido mais amplo, no entanto, a Páscoa é cumprida no reino de Deus, como existe agora no coração daqueles que creem nEle (Rom 14:17). Por meio de Seu sacrifício na cruz, Ele pode comer conosco, o que significa: ter comunhão conosco.

O cálice que Ele lhes dá também faz parte da Páscoa. Eles devem compartilhá-lo entre si. O cálice é uma figura de alegria, e é essa alegria que Ele lhes apresenta. Eles podem se alegrar com a antiga libertação do Egito. Nós podemos nos alegrar com a libertação da escravidão do pecado.

Ele mesmo não terá mais parte nisso na Terra. Somente quando o reino de Deus for estabelecido, Ele se regozijará com eles por causa do alicerce do reino, que Ele ainda tem que lançar neste momento.

Em outro sentido, o reino de Deus já chegou, e é onde Cristo é reconhecido pela fé. Todos os que nasceram de Deus entraram no reino (João 3:5), e com eles o Senhor se alegra com os resultados de Sua obra. Sempre que nos reunimos, podemos vivenciar isso. Então, podemos expressar a alegria que temos em nosso coração e compartilhá-la com Ele.

Luc 22:19-20 | Instituição da Ceia do Senhor

19 E, tomando o pão e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isso em memória de mim. 20 Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós.

Então o Senhor toma o pão e lhe dá um novo significado, ou seja, o de Seu corpo. Antes de entregá-lo aos discípulos, Ele agradece a Deus por ele. Ele agradece a Deus pela dádiva de Seu próprio corpo, que logo seria pendurado na cruz. Ele conhece o verdadeiro significado do pão e, ainda assim, agradece a Deus por ele. É uma prova de Sua rendição incondicional à vontade de Deus.

Em seguida, Ele o parte e o dá partido aos Seus apóstolos. Assim, Ele institui uma nova celebração memorial. Não é mais a Páscoa em memória da libertação do Egito, mas a Ceia do Senhor como um testemunho duradouro de Seu amor. O Senhor ressalta que esse pão representa seu corpo, que é “entregue” por eles.

Lucas apresenta a Ceia do Senhor em conexão com tudo o que é dado a nós como membros de sua igreja por causa da obra do Senhor Jesus. Podemos pensar nisso quando nos reunimos no domingo para celebrar a Ceia do Senhor. Não se trata de “muitos” como em Mateus, mas de “vós”, ou seja, os discípulos que formarão a igreja. Trata-se de ver o que Deus nos deu nessa pessoa – porque é seu corpo. Não se trata apenas de um corpo dado, mas de um corpo entregue à morte.

O Senhor espera que Seus discípulos se lembrem Dele quando celebrarem a Ceia do Senhor. O fato de que devemos fazer isso em memória Dele não é encontrado em Mateus e Marcos, mas somente aqui e em 1 Coríntios 11 (1Cor 11:23-26). Pensamos Nele como o Cristo morto e, ao mesmo tempo, O conhecemos como o Cristo vivo.

Ele nos dá, como membros da igreja, muitos motivos para pensarmos Nele. Podemos pensar Nele como o Filho eterno que quis se tornar homem por nós, e podemos refletir sobre Sua vida perfeita e Sua entrega total na cruz. Também podemos vê-Lo no céu, coroado de honra e glória (Heb 2:9), e podemos esperar Sua vinda. Todos esses são motivos para admirá-Lo e adorá-Lo.

O cálice também adquire um novo significado. O Senhor Jesus associa o cálice com “a nova aliança”, que se baseia em Seu sangue. Dessa forma, Ele indica que a antiga aliança não atendia aos requisitos. A antiga aliança não trouxe as bênçãos prometidas porque o povo não cumpriu as condições associadas a ela.

A nova aliança não depende da fidelidade do homem, mas da fidelidade de Deus e de Cristo. Cristo assume todas as obrigações da nova aliança. Ele cumpriu todas elas e, para isso, derramou Seu sangue. O sangue é “meu sangue”. Ele é derramado pelos Seus, para que eles fiquem livres da punição que a antiga aliança implicava. Como resultado, eles agora podem desfrutar das bênçãos que a nova aliança traz.

Luc 22:21-23 | O que Judas fará

21 Mas eis que a mão do que me trai está comigo à mesa. 22 E, na verdade, o Filho do Homem vai segundo o que está determinado; mas ai daquele homem por quem é traído! 23 E começaram a perguntar entre si qual deles seria o que havia de fazer isso.

Em seguida, o Senhor fala sobre o traidor. Ele não pertence à nova aliança. Dói-Lhe no coração o fato de o traidor estar tão perto dEle, de sua mão estar sobre a mesa com Ele, mas não haver nenhuma conexão real entre o traidor e Ele.

O fato de Lucas relatar isso após a refeição da Páscoa não significa que Judas tenha participado da ceia. João mostra claramente que Judas deixou o cenáculo depois de tomar o bocado da mão do Senhor (Joã 13:30). Lucas muda a ordem, como faz com mais frequência, para descrever o comportamento dos vários discípulos após a instituição da Ceia do Senhor.

Ele começa com Judas. É possível que um “Judas” tenha se infiltrado no meio dos crentes reunidos ao Senhor. O Senhor fala sobre isso sem dizer de quem se trata. Vemos o que sua comunicação desencadeia nos outros discípulos. Ele também mostra que, imediatamente após essa comunicação séria, eles discutem sobre quem é o maior. Ele está ciente de que, como Filho do Homem, deve passar por tudo o que for determinado. Ao mesmo tempo, Ele sente a dor de que um de Seus discípulos desempenhará um papel hediondo nisso. Ele não pode deixar de pronunciar “ai” sobre essa pessoa. Tão perto e, no entanto, tão longe. O Senhor fala aqui, por um lado, sobre o conselho de Deus e, por outro, sobre a responsabilidade do homem (cf. Atos 2:23).

O que Ele diz a respeito de sua traição causa alvoroço entre os discípulos. Eles questionam entre si, não quem poderia ser, mas quem dentre eles é

um traidor; mas eles não têm ideia de quem poderia ser. Isso significa que Judas nunca deu qualquer motivo para pensar que poderia chegar a esse ato terrível. Ele sempre se comportou de maneira impecável e cumpriu todas as ordens corretamente. Nenhuma suspeita recaiu sobre ele. Mas o que está oculto aos olhos dos discípulos é totalmente revelado ao Senhor.

Luc 22:24-27 | Quem é o maior?

24 E houve também entre eles contenda sobre qual deles parecia ser o maior. 25 E ele lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores. 26 Mas não sereis vós assim; antes, o maior entre vós seja como o menor; e quem governa, como quem serve. 27 Pois qual é maior: quem está à mesa ou quem serve? Porventura, não é quem está à mesa? Eu, porém, entre vós, sou como aquele que serve.

O que o Senhor disse sobre sua tradição chama a atenção deles. Eles se sentem tocados e conversam sobre qual deles provavelmente fará isso. Mas logo a conversa dá uma guinada e surge uma discussão sobre um ponto que é mais importante a seus olhos e que ainda precisa ser resolvido. Eles já haviam conversado sobre isso antes (Luc 9:46). Naquela ocasião, ainda não haviam terminado o assunto, e a questão ainda estava no topo de sua agenda.

Isso mostra como é ruim o mal da autoexaltação. É preciso decidir qual deles deve ser considerado o maior. Seus pensamentos ainda giravam em torno do reino que – de acordo com suas expectativas – seria estabelecido em breve. Pois estão convencidos de que ele está muito próximo. Portanto, a questão de quem ocupará qual posição no reino se torna mais urgente.

O Senhor põe fim à discussão deles apontando para os reis das nações que governam sobre os outros. Eles geralmente fazem isso distribuindo presentes a fim de permanecerem bons amigos do povo. Portanto, o povo os chama de benfeitores e, dessa forma, os reis e governantes mantêm o povo sob controle. Com isso Ele diz: “Assim estais prestes a governar uns sobre os outros”. Entretanto, não é assim que deve ser entre os crentes, mas exatamente o contrário. O maior só é realmente grande quando ocupa o lugar do menor entre os demais.

Esse é o lugar que José e Davi ocupavam no meio de seus irmãos. Isso não lhes trouxe nenhuma vantagem, mas desprezo; eles foram desconsiderados. Mas onde eles acabaram? Ambos no trono. Será a mesma coisa para eles quando assumirem o lugar do menor. E se eles quiserem ser líderes, que sirvam uns aos outros. Servir significa colocar-se à disposição dos outros para que aqueles possam se beneficiar.

A questão de quem é maior, o que está à mesa ou o que está servindo, não é difícil de responder quando se trata de julgar as condições das pessoas no mundo. É claro que aquele que está à mesa é maior. Ele pode ser servido. Aquele que serve só precisa fazer o que lhe é pedido. Mas com os súditos do reino de Deus é o contrário.

O Senhor Jesus é o grande exemplo disso. Ele assumiu voluntariamente o lugar de serviço. Ele está no meio deles como o Servo, e são Seus discípulos que estão à mesa. Em tudo o que pediu a Seus discípulos, Ele mesmo sempre foi o exemplo perfeito. Ele não apenas diz como deve ser feito, Ele mostra como deve ser feito, e não como um exemplo único, mas em toda a Sua vida. O que Ele diz é o que Ele é.

Luc 22:28-30 | Encorajamento

28 E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações. 29 E eu vos destino o Reino, como meu Pai mo destinou, 30 para que comais e bebais à minha mesa no meu Reino e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel.

Após a palavra um tanto quanto admoestadora de servir e não ser o maior, o Senhor tem um grande incentivo para Seus discípulos em disputa. Tal coisa só pode ser dita por alguém que é realmente o menor e respeita muito os outros. Só podemos servir de verdade se tivermos grande estima por nossos irmãos na fé. O Senhor lhes dá um testemunho impressionante, eles que demonstraram e demonstrarão tanta fraqueza e fracasso. Ele lhes diz que eles sempre perseveraram com Ele em Suas tentações. Se realmente soubermos como são os discípulos e como nós também somos como discípulos, essa afirmação não pode ser outra coisa senão amor incomparável.

Ele deixa de lado o fato de que todos eles logo O deixarão e que um deles O negará. Ele os chamou para Seu serviço, ajudou-os em seu serviço e

sempre os preservou. E ainda assim Ele classifica o fato de que eles sempre permaneceram com Ele em Suas tentações como perseverança!

Ele também tem uma grande recompensa para eles. Ele lhes designa um reino – isto é, uma tarefa governamental – e um território sobre o qual eles governam, assim como Seu Pai O designou. Aqui o Senhor coloca Seus discípulos no mesmo nível perante o Pai como aquele que Ele tem. O prazer que o Pai tem em lhes dar o reino (Luc 12:32) é o prazer do Filho. O Pai e o Filho concordam com isso, e isso diz respeito aos discípulos. A primeira coisa, porém, não é governar, mas a comunhão com Cristo, que também é expressa no comer e beber à sua mesa.

Que grande privilégio o fato de Ele nos chamar para isso. Ele fez toda a obra, Ele merece tudo e, em Sua grande graça, permite que participemos dela porque nos foi permitido crer Nele. Como Ele é grandioso!

Por causa da comunhão com Ele, Seus discípulos têm permissão para sentar-se em tronos para julgar as doze tribos de Israel. A mesa é o símbolo da intimidade familiar pessoal; o trono é o símbolo da exibição pública da glória.

Há um trono para todos que não buscaram um trono para si aqui na Terra, mas seguiram o Senhor em sua rejeição. Os discípulos receberam a tarefa de governar sobre Israel. Julgar não significa executar o julgamento, pois isso já aconteceu quando chegou o tempo do reinado para os discípulos. O tempo do reinado é precedido pelo tempo dos julgamentos, conforme encontramos no livro de Apocalipse. Julgar aqui significa conduzir com discernimento para o bem, para a bênção.

Luc 22:31-34 | A negação de Pedro é predita

31 Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo. 32 Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos. 33 E ele lhe disse: Senhor, estou pronto a ir contigo até à prisão e à morte. 34 Mas ele disse: Digo-te, Pedro, que não cantará hoje o galo antes que três vezes negues que me conheces.

No entanto, o tempo do reinado ainda não chegou. O Senhor Jesus ainda tem que ir para a cruz, e os discípulos ainda têm um ministério a cumprir. Para que possam estar aptos para isso, eles precisam conhecer seu próprio

coração. Isso é especialmente verdadeiro para Pedro, que ocupa o lugar mais importante entre os discípulos. Portanto, o Senhor também se dirige a ele em particular, sem se esquecer dos outros discípulos.

Satanás aponta suas flechas para todos os discípulos. Ele quer peneirar todos eles como trigo. Peneirar é o que o agricultor faz quando separa o trigo do joio após a colheita. O agricultor está preocupado com o trigo, porque ele fornece alimento. O joio é jogado fora ou queimado. No processo de peneirar a vida do crente, o Senhor se preocupa com que tudo o que não é alimento desapareça da vida do crente. Satanás quer destruir o máximo de trigo possível e manter o joio.

O Senhor sabe que Seu amado discípulo Pedro é um alvo especial para os ataques de Satanás. Ele se dirige a ele duas vezes pelo seu antigo nome, Simão, para lembrá-lo vigorosamente de como ele é por natureza. Ele quer adverti-lo para que não deixe sua velha natureza agir, porque é isso que Satanás está buscando.

Ele acrescenta que orou especialmente por Pedro. Ele conhece Seu discípulo fraco e sabe como ele, mais do que os outros, corre o risco de confiar na carne, em sua própria força. Isso também fica imediatamente evidente em sua reação às palavras do Senhor. Mas como o Senhor é bondoso com ele, sua queda se tornará o meio para seu fortalecimento. Quando ele conhecer a carne e, ao mesmo tempo, a perfeição da graça, será capaz de fortalecer seus irmãos.

O fato de a oração do Senhor por ele ter sido ouvida é demonstrado por seu arrependimento e restauração. O fato de ele ter cumprido a comissão do Senhor posteriormente é demonstrado por seu ministério nos Atos dos Apóstolos e especialmente em suas duas cartas que temos na Bíblia. Pelo que Pedro vivenciou, aprendemos que, para servir aos outros, precisamos conhecer nosso próprio coração.

Pedro imediatamente se defende quando o Senhor lhe apresenta sua fraqueza. Não, então o Senhor não o conhece. Ele está disposto a ir ao extremo com seu Senhor. Essa é uma expressão sincera de seu forte amor por Cristo, mas sem autoconhecimento, e na realidade é arrogância, porque o Senhor apontou sua fraqueza. Então o Senhor Jesus prediz a Pedro que

ele O negará três vezes, muito em breve e rapidamente, uma após a outra. Isso acontecerá antes que o galo cante, antes do amanhecer, ou seja, à noite.

Luc 22:35-38 | Nova situação – abordagem diferente

35 E disse-lhes: Quando vos mandei sem bolsa, alforje ou sandálias, faltou-vos, porventura, alguma coisa? Eles responderam: Nada. 36 Disse-lhes, pois: Mas, agora, aquele que tiver bolsa, tome-a, como também o alforje; e o que não tem espada, venda a sua veste e compre-a; 37 porquanto vos digo que importa que em mim se cumpra aquilo que está escrito: E com os malfeitores foi contado. Porque o que está escrito de mim terá cumprimento. 38 E eles disseram: Senhor, eis aqui duas espadas. E ele lhes disse: Basta.

A preocupação do Senhor sempre foi com Seus discípulos. Ele se preocupa com um discípulo que Ele sabe que O negará. Ele se preocupou com todos eles quando os enviou. Naquela ocasião, Ele os enviou com a ordem de não levarem nada consigo e de irem confiando Nele (Luc 9:3; 10:4). Agora Ele lhes pergunta se lhes faltou alguma coisa nos últimos tempos. Sem hesitar, eles respondem espontaneamente: “Nada”.

O Senhor então anuncia uma mudança nessa abordagem. Ele não estará mais com eles. Isso exige um comportamento diferente por parte dos discípulos. Agora eles devem pegar a bolsa, se tiverem uma, para que possam se sustentar sozinhos. Eles não precisam contar com o apoio de outras pessoas ou com outras pessoas para prover o seu sustento.

Por meio de sua rejeição, sentirão cada vez mais a frieza do clima em que vivem. Quando partirem em sua jornada, devem levar isso em conta. Assim, precisarão levar provisões suficientes para o caminho. Eles também precisarão de uma espada para se defender. Isso será ainda mais importante do que uma vestimenta externa contra o frio da noite.

No final, porém, não se trata de uma questão de precauções literais, mas espirituais. Isso é visto na reação do Senhor à presença de duas espadas (verso 38). A questão é que eles precisam se abastecer de alimento espiritual e se armar para a guerra espiritual. A veste fala da proteção que o Senhor lhes deu quando estava com eles; ela não estará presente dessa forma quando Ele não estiver mais com eles.

Tudo isso não significa que Ele não cuidará mais deles ou os protegerá, mas a situação será completamente diferente. Nós também devemos esperar que nossas circunstâncias mudem. Será que damos ouvidos às advertências do Senhor e nos munimos do que é espiritualmente necessário? O Senhor coloca essa responsabilidade sobre nós. Todas essas precauções são o resultado de Sua rejeição.

Ele será contado entre os iníquos. Isso significa que essa pessoa obediente e dependente será considerada como alguém que não reconhece a autoridade. Os líderes religiosos de Israel o acusarão de rebelde e blasfemo e o condenarão. Mas assim se cumprirá o que está escrito (Isa 53:12).

O que acontecerá com Ele tem consequências para Seus discípulos. Eles pertencem a Ele e compartilharão Seu destino. Os discípulos tomam as palavras do Senhor literalmente e lhe oferecem duas espadas. Ao fazer isso, eles mostram que não entenderam o significado das palavras do Senhor. Se Ele as tivesse dito literalmente, o que essas duas espadas deveriam significar? Elas eram totalmente inadequadas como armas de defesa.

O Senhor deixa isso de lado e, em Sua sabedoria e amor, não dá mais explicações. Com um “basta”, Ele deixa o assunto de lado e não entra em mais detalhes.

Luc 22:39-46 | Getsêmani

39 E, saindo, foi, como costumava, para o monte das Oliveiras; e também os seus discípulos o seguiram. 40 E, quando chegou àquele lugar, disse-lhes: Orai, para que não entreis em tentação. 41 E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos, orava, 42 dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua. 43 E apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava. 44 E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue que corriam até ao chão. 45 E, levantando-se da oração, foi ter com os seus discípulos e achou-os dormindo de tristeza. 46 E disse-lhes: Por que estais dormindo? Levantai-vos, e orai para que não entreis em tentação.

O Senhor deixa o aposento onde celebrou a Páscoa e instituiu a Ceia com Seus discípulos. Ele também os ensinou sobre a atitude que deveriam ter uns com os outros e a mudança de posição no mundo. De acordo com Seu

costume, Ele vai para o Monte das Oliveiras. Ele não deixa que a ameaça de prisão e tudo o que se seguiria O impeça de ir àquele lugar. Ele não vai até lá por causa da situação específica que se aproxima, mas porque sempre fez isso habitualmente. Não basta orarmos apenas quando a necessidade é grande, mas devemos orar sempre. Ele tinha o hábito de ir a esse lugar de oração.

Os discípulos também vão com Ele. Eles não ficam no aposento, mas saem com Ele e O seguem até o Monte das Oliveiras. Ele quer ensiná-los a orar. Ele também lhes diz para orar, caso contrário, quando a tentação viesse, eles não seriam capazes de permanecer firmes.

Só podemos ser preservados se vigiarmos e orarmos. Por meio da oração, chegamos à presença de Deus, e somente ali temos um vislumbre do mal que, de outra forma, cairíamos na armadilha. Na presença de Deus, sentiremos a graça de permanecer firmes, pois nós mesmos não somos páreo para Satanás. Precisamos da força e da graça do Senhor. Sem o poder de Sua força, apenas envergonhamos nosso Senhor. Quando nos apoiamos Nele, o crente mais fraco é mais do que um vencedor. Somente assim podemos resistir ao diabo, e somente assim ele fugirá de nós.

Lucas não está falando sobre os três discípulos que o Senhor levou um pouco mais para dentro do jardim. O que Ele disse é importante para todos os discípulos. Ele também não pede que eles orem com Ele, mas, como o Homem perfeito, Ele é o exemplo deles. Ele lhes pede que orem. Em seguida, Ele se afasta deles a um tiro de pedra, até onde a força humana pode chegar, não mais. Isso enfatiza o fato de que Ele é verdadeiramente humano. Ali Ele se ajoelha e ora. Conversa com Seu Pai sobre o que O espera. O modo como Ele passará pelos eventos vindouros é decisivo para toda a história do mundo e para todos os planos de Deus. Ele tem plena consciência disso.

Dos três evangelistas que descrevem a luta de oração do Senhor no Getsêmani, Lucas faz a descrição mais breve. Enquanto o Senhor Jesus ora, o cálice do sofrimento é apresentado a Ele. Ele sabe que é o cálice cheio da ira de Deus contra o pecado. Ele sabe: esse cálice significa que Ele se tornará pecado. Sua alma santa só pode pensar nisso com repugnância e, portanto, Ele expressa o desejo de que esse cálice seja tirado Dele. Ao mesmo tempo,

Sua perfeita devoção à vontade do Pai é demonstrada quando Ele diz que não seja feita a Sua vontade, mas a do Pai. Ele está pronto para beber esse cálice.

A missão apresentada a Ele exige tanto de Sua força física que um anjo vem do céu para fortalecê-Lo. Isso não significa dar-Lhe coragem, mas apoiá-Lo fisicamente. Um anjo nunca entenderá nada do que significou para o Senhor Jesus entrar em espírito nos sofrimentos que estão diante Dele aqui. Cristo recebe esse apoio porque Ele é o Homem dependente na Terra. Nós também podemos contar com esse apoio quando estivermos em uma luta pesada.

A luta de Sua alma se torna cada vez mais difícil e, por isso, Ele ora ainda mais intensamente. Essa também é a única maneira de permanecermos firmes nas maiores tentações e finalmente sairmos vitoriosos. O quão difícil é a luta é demonstrado pelo fato de que Seu suor aparece como grandes gotas de sangue em Seu rosto e cai na terra.

Já foi dito anteriormente que Satanás retornou aqui no Getsêmani, tendo se afastado Dele por um tempo após Sua derrota anterior no deserto (Luc 4:13). Satanás então retornou para apresentar o cálice do sofrimento ao Senhor e, se possível, desviá-Lo do caminho da obediência. Se ele não conseguiu dissuadir o Senhor Jesus do caminho da obediência naquela ocasião, apresentando-Lhe tudo o que era atraente, agora ele tentaria dissuadir o Senhor de Seu caminho de obediência, apresentando-Lhe os horrores do sofrimento.

Pode ser que Satanás esteja agindo aqui e esteja de fato apresentando a taça do sofrimento ao Senhor. Mas os sofrimentos que Satanás apresenta a Ele não podem ser mais numerosos ou diferentes dos sofrimentos que os homens que estão no poder das trevas farão a Ele. Como Satanás poderia imaginar para Ele algo dos sofrimentos que Deus Lhe infligirá quando Ele se tornar pecador!!!? E são exatamente os sofrimentos dos quais o Senhor sente todo o peso, por isso Ele pede com aversão que não tenha que beber esse cálice.

Se fossem “apenas” os sofrimentos que os homens Lhe infligirão sob a liderança de Satanás, os quais Lhe fazem jorrar gotas de suor como sangue, Ele seria inferior a muitos mártires que foram cantando até a morte. Não,

o que causa a luta de Sua alma é a plena consciência de que Ele será feito pecado, razão pela qual Deus se revelará a Ele como um vingador. Aquele que sempre foi companheiro de Deus encontrará Deus como Seu adversário. Aquele que sempre andou em comunhão com Deus será abandonado por seu Deus. É com isso que Ele estremece, e é por isso que Ele busca Seu Deus em oração, para experimentar tudo em comunhão com Ele em Seu espírito, para que, quando chegar a hora, Ele possa aceitar tudo de Suas mãos.

Depois que o Senhor orou e a batalha foi travada, Ele se levanta dos joelhos e vai até os discípulos. Ele os encontra dormindo. Lucas relata de forma comovente que eles adormeceram de tristeza. A tristeza deles era mais o resultado de um certo pressentimento do que uma compaixão direta pelo Senhor. Eles O amavam e estavam cientes da seriedade do que estava prestes a acontecer, sem poder dizer o que aconteceria.

A pergunta do Senhor, “Por que estais dormindo?”, é para despertá-los, não apenas fisicamente, mas acima de tudo espiritualmente. Ele lhes diz para se levantarem e orarem. Isso significa que eles devem estar em uma atitude de oração em vista dos eventos que estão por vir, pois, caso contrário, serão tentados a abandoná-Lo ou a defendê-Lo de forma errada. Eles não levaram a sério as palavras que Ele lhes disse com tanta preocupação. Que isso seja um exemplo de advertência para nós.

Luc 22:47-53 | O Senhor é levado cativo

47 E, estando ele ainda a falar, surgiu uma multidão; e um dos doze, que se chamava Judas, ia adiante dela e chegou-se a Jesus para o beijar. 48 E Jesus lhe disse: Judas, com um beijo trais o Filho do Homem? 49 E, vendo os que estavam com ele o que ia suceder, disseram-lhe: Senhor, feriremos à espada? 50 E um deles feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha direita. 51 E, respondendo Jesus, disse: Deixai-os; basta. E, tocando-lhe a orelha, o curou. 52 E disse Jesus aos principais dos sacerdotes, e capitães do templo, e anciãos que tinham ido contra ele: Saístes com espadas e porretes, como para deter um salteador? 53 Tenho estado todos os dias convosco no templo e não estendestes as mãos contra mim, mas esta é a vossa hora e o poder das trevas.

Enquanto o Senhor está preparando seus discípulos para o que está prestes a acontecer, uma multidão se aproxima. Alguém anda na frente da multidão para mostrar o caminho. É Judas. Ele se destaca da multidão. Seu crime também é muito maior do que o da multidão. É relatado especificamente que ele é “um dos doze”. É isso que torna toda a traição tão dolorosa. Ele sabe onde capturar o Senhor porque conhece seus hábitos. Afinal de contas, ele estava aqui de acordo com seu hábito (verso 39).

Judas se aproxima do Senhor para beijá-Lo. Sua hipocrisia e traição atingem o clímax aqui. Sua vil traição tornou-se um provérbio para a falsidade escondida em uma expressão de amor. Afetou profundamente o Senhor o fato de Judas entregá-Lo, o Filho do Homem, com um beijo. Ele poderia ter evitado o fato, mas permitiu. O Filho do Homem passa por todas as humilhações imagináveis. A primeira é o fato de ser beijado por um de Seus doze discípulos com um beijo destinado a entregá-Lo nas mãos de Seus inimigos. Essa expressão de amor é repugnantemente mal utilizada para fazer com que Ele, que é amor, pareça um criminoso.

O Senhor está cercado por Seus discípulos. Em seu amor por Ele, eles querem defendê-Lo. Eles perguntam a Ele se devem usar a espada. Eles entenderam mal o que Ele disse sobre isso. Ele não os reuniu ao Seu redor para defendê-Lo, mas para aprender com Ele. Mesmo antes de Ele ter dado uma resposta, um deles é tão impulsivo a ponto de atacar com a espada nesse meio tempo. Tudo o que acontece é que ele corta a orelha direita do servo do sumo sacerdote. Lucas, o médico, sabe identificar qual é a orelha. Uma aplicação é que não devemos cortar as orelhas em nosso zelo para defender a Palavra de Deus; não devemos tornar desagradável para as pessoas ouvirem a Palavra de Deus só porque a aplicamos a elas de forma dura.

Enquanto tudo ao Seu redor está em confusão e tumulto, o Senhor irradia calma. Sua comunhão com o Pai no Jardim do Getsêmani faz com que Ele enfrente com calma o ambiente cheio de hostilidade. O dano que Pedro causou com suas ações violentas Ele desfaz em graça. Ele dá ao servo uma nova orelha. A violência deve ser deixada para a multidão com espadas e paus. Cristo continua a demonstrar misericórdia mesmo quando está cercado por uma multidão que busca Sua vida.

Depois de beneficiar um de Seus inimigos, o Senhor Se dirige aos líderes da multidão que vieram contra Ele. Eles não vieram com a necessidade de um doente, mas Ele o curou. Tampouco vieram para ouvi-Lo, mas Ele tem uma palavra para eles. Eles precisam ouvir isso primeiro. Ele quer lhes mostrar a insensatez e a injustiça deles. Talvez haja outra pessoa na multidão que esteja sendo abordada em sua consciência. Por que eles se manifestaram contra Ele como se Ele fosse um salteador? Ele é um perigo tão grande para a sociedade? Ele é um perigo para a posição deles e, nesse sentido, Ele é um salteador para eles, pois sentem que Ele está roubando a posição deles entre o povo. Portanto, ele deve ser tirado do caminho.

O Senhor deixa claro que não são eles que controlam os acontecimentos, mas sim Ele. No passado, eles não haviam estendido as mãos contra Ele, quando Ele estava com eles diariamente no templo. Não o fizeram, não porque não quisessem, mas porque não podiam. O fato de agora estenderem as mãos contra Ele é porque Deus lhes deu autoridade para isso. Agora é a hora deles. Eles têm permissão para continuar porque chegou a hora de Deus cumprir Seus planos. Ao mesmo tempo, fica claro que essas pessoas estão completamente no poder das trevas. De que outra forma poderiam levá-Lo, aquele que só lhes fez bem, cativo como um ladrão?

Luc 22:54-62 | A negação de Pedro

54 Então, prendendo-o, o levaram e o meteram em casa do sumo sacerdote. E Pedro seguia-o de longe. 55 E, havendo-se acendido fogo no meio do pátio, estando todos sentados, assentou-se Pedro entre eles. 56 E como certa criada, vendo-o estar assentado ao fogo, pusesse os olhos nele, disse: Este também estava com ele. 57 Porém ele negou-o, dizendo: Mulher, não o conheço. 58 E, um pouco depois, vendo-o outro, disse: Tu és também deles. Mas Pedro disse: Homem, não sou. 59 E, passada quase uma hora, um outro afirmava, dizendo: Também este verdadeiramente estava com ele, pois também é galileu. 60 E Pedro disse: Homem, não sei o que dizes. E logo, estando ele ainda a falar, cantou o galo. 61 E, virando-se o Senhor, olhou para Pedro, e Pedro lembrou-se da palavra do Senhor, como lhe tinha dito: Antes que o galo cante hoje, me negarás três vezes. 62 E, saindo Pedro para fora, chorou amargamente.

Então eles agarram o Senhor e O levam para fora do jardim. Seu destino é a casa do sumo sacerdote. Ali mora o homem que deve manter a conexão

entre Deus e Seu povo. Mas esse homem é o grande instrumento nas mãos de Satanás, que, dessa forma, pode provocar radicalmente a separação entre Deus e Seu povo.

Pedro segue a multidão, com seu Senhor no meio, de longe. Ele se aproveita da escuridão para seguir discretamente. Ele ama o Senhor, e é por isso que o segue. Ele tem medo dos homens, e é por isso que o segue de longe. Se trememos diante dos homens, é porque não estivemos com Deus.

Os inimigos do Senhor que o levaram cativo entregam seu prisioneiro. No entanto, eles devem permanecer em prontidão. Como está fazendo frio, eles acendem uma fogueira. O frio lá fora também reflete a temperatura de seus corações frios. Pedro se senta no meio deles e, assim, senta-se no círculo dos escarnecedores (Slm 1:1). Tendo seguido o Senhor à distância, não pode faltar o fato de que ele se aquece na fogueira dos inimigos do Senhor junto com eles. Aquele que caminha à distância do Senhor avança automaticamente em direção ao mundo. Pedro não é um inimigo do Senhor, mas, nesse momento, provavelmente um inimigo de Sua cruz (Flp 3:18).

O fogo não dá apenas calor, mas também luz. Não é uma luz brilhante, e Pedro acha que está bem seguro. Mas então uma criada o reconhece e olha para ele com firmeza. Ela descobre nele alguém que também estava “com ele” e diz isso em voz alta para os outros. Pedro fica assustado quando é descoberto. Uma criada assusta o apóstolo. Em vez de defender o Senhor, ele reage negando que conhece o Senhor. Mais tarde, em sua carta, ele escreverá que devemos estar prontos para prestar contas em todos os momentos (1Ped 3:15). Ele escreve isso depois de entender a lição de humildade que está prestes a aprender aqui.

Pedro não está pronto para essa responsabilidade porque não orou em vista da tentação em que se encontra agora. Esse primeiro passo errado leva aos passos seguintes, que são ainda piores e o afastam ainda mais de Deus. Pouco tempo depois, outra pessoa o vê e faz a observação, dessa vez dirigida a Pedro pessoalmente, de que ele é um deles. A mulher havia dito que ele estivera com o Senhor, a outra diz que ele é um dos discípulos do Senhor. Depois de negar ter estado com o Senhor, ele agora nega categoricamente ser um dos discípulos do Senhor.

Depois de ter negado o Senhor pela segunda vez, passa-se uma hora. Durante uma hora, Pedro já esteve entre os inimigos do Senhor, negando-O duas vezes. Sua consciência não consegue se aquietar, mas ele fica onde está e se aquece junto com os inimigos do Senhor na fogueira que eles acenderam.

Então vem o terceiro confronto. Ele é reconhecido novamente. Dessa vez, ele trai sua origem por meio de seu dialeto. Pedro não apenas terá se aquecido, mas também terá participado da conversa. Ele só pode ter participado de suas conversas vazias. Ele não estava em posição de dar testemunho de seu Senhor por causa de sua falsa posição e de sua dupla negação. Quando é descoberto pela terceira vez, Pedro nega novamente conhecer o Senhor Jesus. Dessa vez, ele finge não entender o outro. Ele diz algo como: “O que é isso? Você está me dizendo algo de que nunca ouvi falar”.

Depois dessa ampla negação – mesmo enquanto ele ainda está falando – o galo canta, como o Senhor disse. Assim como Ele dirige o coração dos homens para dar a Ele o que precisa, também dirige o animal de que precisa. Ele faz o galo cantar nesse momento incomum para lembrar Sua palavra ao discípulo faltoso.

O canto do galo dá o sinal para acordar. O Senhor permite que o galo cante para despertar a consciência de Pedro. Mas não há apenas uma consciência despertada, o Senhor também está lá. Sem Ele, uma consciência despertada, como a de Judas, leva ao desespero e ao suicídio. Os verdadeiros discípulos olham para Ele. Ele nunca falha e, assim como não deixou de avisar antes, também não desvia o rosto de Pedro depois que ele O negou.

Em meio a todas as zombarias e abusos, Ele se vira e olha para Pedro. Os sofrimentos não se apoderam dele a ponto de se esquecer de Pedro. Ao olhar para Pedro, ele se lembra da palavra que o Senhor disse sobre sua negação. A lembrança desse fato leva Pedro ao arrependimento. Ele sai e chora amargamente. São lágrimas de arrependimento genuíno por quem ele mesmo é e pelo que veio fazer. Mesmo agora, Deus leva as pessoas ao arrependimento e à conversão por meio de sua Palavra. A Palavra de Deus é um espelho que mostra ao homem quem ele é em sua pecaminosidade.

Luc 22:63-65 | Zombado e açoitado

63 E os homens que detinham Jesus zombavam dele, ferindo-o. 64 E, vendando-lhe os olhos, feriam-no no rosto e perguntavam-lhe, dizendo: Profetiza-nos: quem é que te feriu? 65 E outras muitas coisas diziam contra ele, blasfemando.

O Senhor trouxe Pedro à consciência, e Pedro chora lágrimas amargas de arrependimento fora do círculo de zombadores. Enquanto isso, o Senhor é zombado e espancado pelos homens que O seguram. Mãos humanas malignas agridem Aquele que é o Deus eterno e santo. Suas línguas cospem palavras que O inundam de escárnio.

Lucas não menciona o interrogatório feito por Caifás. Ele descreve a zombaria e o abuso que se seguiram. Eles riem Dele. Querem ver de que se tratam seus dons proféticos. Eles cobrem o rosto dAquele que veio para dar vista aos cegos e zombam dEle. Eles O espancaram e exigiram que Ele lhes dissesse quem O havia espancado.

O Senhor suporta todas as zombarias e abusos sem dizer uma palavra. Ele é como uma ovelha muda diante de seus tosquiadores (Isa 53:7). Lucas resume tudo na frase: “E outras muitas coisas diziam contra ele, blasfemando”. Tudo isso afetou profundamente o Senhor. Suas criaturas, a quem Ele proveu com bondade, se levantam contra Ele, seu Criador, e O humilham até o fundo de Sua alma. E isso é apenas o começo da zombaria e dos maus-tratos.

Luc 22:66-71 | Perante o Sinédrio

66 E logo que foi dia, ajuntaram-se os anciãos do povo, e os principais dos sacerdotes, e os escribas, e o conduziram ao seu concílio, 67 e lhe perguntaram: Se tu és o Cristo, dize-nos. Ele replicou: Se vo-lo disser, não o creereis; 68 e também, se vos perguntar, não me respondereis, nem me soltareis. 69 Desde agora, o Filho do Homem se assentará à direita do poder de Deus. 70 E disseram todos: Logo, és tu o Filho de Deus? E ele lhes disse: Vós dizeis que eu sou. 71 Então, disseram: De que mais testemunho necessitamos? Pois nós mesmos o ouvimos da sua boca.

Depois de os servos terem feito isso com Ele durante a noite, os líderes do povo se reúnem e O levam ao seu sinédrio. Eles querem saber se Ele é o Cristo. A essa pergunta, Ele dá uma resposta. É uma pergunta sobre Sua

peessoa. No entanto, Ele responde de tal forma que os responsabiliza por suas ações e apela para suas consciências. Ele deixa claro que, se disser que é Ele, eles não acreditarão, afinal. Não faz sentido responder à pergunta de forma afirmativa.

Além disso, qualquer pergunta sobre se eles acreditaram é inútil na opinião do Senhor. Ele sabe que eles não Lhe darão uma resposta, como já foi demonstrado em outra ocasião (Luc 20:7). Também é certo que, seja qual for a resposta, eles não O libertarão.

Em seguida, o Senhor declara o lugar que ocupará como Filho do Homem, à direita do poder de Deus. Isso continua dizendo que Ele é o Cristo, o Messias de Seu povo. Se eles O rejeitaram como o Messias, Ele ocupará o lugar de glória como o Filho do Homem, mas por meio da morte.

Eles tiram a conclusão correta de Suas palavras, que o Senhor confirma. Eles concluem a reunião declarando que não precisam de mais nenhum testemunho. A confissão da verdade que ouviram de sua boca é para eles a razão de sua condenação.

Lucas 23

Luc 23:1-5 | Diante de Pilatos

1 E, levantando-se toda a multidão deles, o levaram a Pilatos. 2 E começaram a acusá-lo, dizendo: Havemos achado este pervertendo a nossa nação, proibindo dar o tributo a César e dizendo que ele mesmo é Cristo, o rei. 3 E Pilatos perguntou-lhe, dizendo: Tu és o Rei dos judeus? E ele, respondendo, disse-lhe: Tu o dizes. 4 E disse Pilatos aos principais dos sacerdotes e à multidão: Não acho culpa alguma neste homem. 5 Mas eles insistiam cada vez mais, dizendo: Alvoroca o povo ensinando por toda a Judéia, começando desde a Galiléia até aqui.

Não há ninguém que defenda o Senhor. Todos se levantam contra Ele e o conduzem a Pilatos (que foi governador da Judéia e Samaria de 26 a 35 d.C.). O Senhor permite que tudo aconteça com Ele sem resistir ou se defender (Isa 53:7). Nenhuma palavra ameaçadora sai de Sua boca. É impressionante como Ele se abandona nas mãos de Seus inimigos.

Quando estão diante de Pilatos, as acusações são feitas com toda a ferocidade. Eles precisam e vão mostrar a Pilatos o criminoso que ele tem diante de si. Espertos como são, eles acusam o Senhor diante de Pilatos não de ter transgredido em questões religiosas, mas em questões políticas.

Toda acusação é uma mentira grosseira e deliberada – como poderia ser diferente? Os líderes do povo não são ignorantes. Eles agem apenas em seu próprio interesse. As pessoas que agem assim usam todos os meios possíveis para proteger seus próprios interesses. Se alguém precisa morrer pela verdade, é aquele que é a verdade.

O Senhor Jesus em nenhum momento enganou o povo, mas insistiu em cada sermão que eles deveriam se submeter a Deus. Aqueles que de fato não conseguem se submeter ao jugo dos romanos e oferecem resistência impetuosa de tempos em tempos são os acusadores que estão aqui na vanguarda para testemunhar sua “lealdade” aos romanos.

Além disso, o fato de que Ele teria proibido o pagamento de impostos ao imperador é uma mentira absoluta. Eles provavelmente se lembram muito

bem de como enviaram espias há pouco tempo. O Senhor lhes disse para dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus (Luc 20:20-25). O fato de Ele dizer de Si mesmo que é Cristo, um Rei, é verdade e, portanto, não pode ser motivo de acusação. Mas isso é pouca coisa em comparação com a cegueira da incredulidade com que eles negam seu próprio Messias. Além disso, Ele não havia se afastado deles quando quiseram fazê-lo rei (Joã 6:15)?

Pilatos se dedica a essa última acusação, porque é a única que lhe interessa. Para isso, ele faz uma pergunta ao Senhor. Ele não pergunta se Ele é um rei, mas se Ele é “o Rei dos Judeus”. Os judeus não queriam chamá-lo assim, mas Pilatos o chama assim. O Senhor responde afirmativamente à sua pergunta.

Depois de tudo o que Pilatos ouviu, tanto dos principais sacerdotes quanto do Senhor, ele conclui que não encontra nenhuma culpa “neste homem”. A designação “homem” para o Senhor Jesus enfatiza o fato de que se trata Dele como o verdadeiro homem de Deus. É o primeiro testemunho da inocência de “este homem”. No total, há seis testemunhos de Sua inocência nesse capítulo (versos 4,14,15,22,41,47).

Ele é o sem pecado. Ele é inocente e, portanto, Pilatos deveria libertá-Lo. Mas ele não o faz. Ele conhece os sentimentos do povo e sua rebeldia. Por isso ele age com cautela e tenta evitar qualquer coisa que eles absolutamente não queiram.

Os líderes da campanha de ódio não estão dispostos a aceitar a declaração de Pilatos. Eles argumentam que o Senhor, por meio de seus ensinamentos, incitou o povo contra a autoridade romana. E, eles insistem, esse não é um caso isolado. Esse homem perigoso tem feito isso há muito tempo e em toda parte. Ele começou na Galileia e continuou na Judéia. Sua influência é grande e, portanto, ele deve ser silenciado de uma vez por todas.

Luc 23:6-12 | Diante de Herodes

6 Então, Pilatos, ouvindo falar da Galiléia, perguntou se aquele homem era galileu. 7 E, sabendo que era da jurisdição de Herodes, remeteu-o a Herodes, que também, naqueles dias, estava em Jerusalém. 8 E Herodes, quando viu a Jesus, alegrou-se muito, porque havia muito que desejava vê-lo, por ter ouvido

dele muitas coisas; e esperava que lhe veria fazer algum sinal. 9 E interrogava-o com muitas palavras, mas ele nada lhe respondia. 10 E estavam os principais dos sacerdotes e os escribas acusando-o com grande veemência. 11 E Herodes, com os seus soldados, despezou-o, e, escarnecendo dele, vestiu-o de uma roupa resplandecente, e tornou a enviá-lo a Pilatos. 12 E, no mesmo dia, Pilatos e Herodes, entre si, se fizeram amigos; pois, dantes, andavam em inimizade um com o outro.

Ao nomear a área onde o Senhor ensinava, os líderes mostram a Pilatos uma saída. Ele vê uma maneira de se livrar desse prisioneiro sem sujar as mãos. Ele pergunta se “o homem” é galileu. Quando Pilatos ouve que Ele é de fato da Galileia, a área onde Herodes exerce o cetro, ele O envia a Herodes. O Senhor não precisa sair de Jerusalém para isso, pois por acaso Herodes está em Jerusalém naquele exato momento.

Para Herodes, isso é pura sorte. Para ele, um desejo há muito acalentado se torna realidade. Há muito tempo ele queria ver o Senhor (Luc 9:9) e já tinha ouvido falar muito sobre ele. Agora, de repente, sem ter pedido ou procurado por isso, ele tem a oportunidade. Ele fica muito feliz com isso. Mas essa não é a alegria com que um pecador vem ao Senhor Jesus para ser libertado de seus pecados por Ele (cf. Luc 19:6). É a alegria de uma criança mimada que recebe um brinquedo há muito desejado para se divertir.

Herodes gostaria de ver um ou dois sinais do Senhor. Ele quer que o Senhor o entretenha com algumas artes mágicas. Herodes vê Nele nada mais do que um homem com dons extraordinários, coisas que surpreendem alguém. Ele só quer saber de sensações. A consciência de Herodes está completamente embotada.

Muitas pessoas olham para o Senhor Jesus da mesma forma que Herodes. Ele é um grande operador de milagres, pelo menos é isso que se diz dele, mas elas querem experimentar isso por si mesmas. Elas visitam manifestações do chamado poder divino na esperança de que isso lhes traga algo. Pode ser pela emoção ou para resolver um problema espiritual ou físico.

Herodes faz todo o possível para obter algo do Senhor, mas o Senhor não diz uma palavra. Ele não responde a nada. Ele deve ter olhado para Herodes durante todo o interrogatório, mas não com olhos como uma chama de

fogo. O Senhor está diante de Herodes com toda a dignidade de um perfeito inocente. Ele não está nas mãos de Herodes, mas nas mãos de Deus.

Assim como fizeram diante de Pilatos, também agora, quando Ele se apresenta diante de Herodes, os líderes do povo acusam ferozmente o Senhor. Quando Herodes não consegue ver nada Dele, ele não tem escolha a não ser zombar desse prisioneiro silencioso. Herodes e seus soldados jogam seu jogo com Ele, e isso mostra o quanto O desprezam. Quando o jogo termina, eles jogam uma túnica brilhante sobre Ele como forma de zombaria. Ele não disse que era um rei? Então eles o tratam assim. Então Herodes o envia de volta a Pilatos.

Em seu desprezo comum por Cristo, os inimigos jurados se encontram. A inimizade que existia entre eles derrete como neve diante do sol, e eles se tornam amigos. A inimizade contra Cristo une os corações de pessoas que antes não se deixavam respirar. Na escuridão, os poderes das trevas se unem.

Nessas duas pessoas, ambas representando um reino, reconhecemos a futura união do Anticristo (Herodes) e da Besta (Pilatos).

Luc 23:13-16 | Pilatos reconhece a inocência do Senhor

13 E, convocando Pilatos os principais dos sacerdotes, e os magistrados, e o povo, disse-lhes: 14 Haveis-me apresentado este homem como perverso do povo; e eis que, examinando-o na vossa presença, nenhuma culpa, das de que o acusais, acho neste homem. 15 Nem mesmo Herodes, porque a ele vos remeti, e eis que não tem feito coisa alguma digna de morte. 16 Castigá-lo-ei, pois, e soltá-lo-ei.

Pilatos agora tenta satisfazer os instigadores, desse caso infeliz para ele, diplomaticamente por meio de consulta e persuasão. Ele quer continuar sendo amigo de todos. Por essa consideração, ele convoca os líderes da aglomeração. Ele repete a acusação deles. Eles haviam trazido “esse homem” a ele com a acusação de que ele estava desviando o povo. Ele ressalta que havia cumprido seu dever ao interrogá-lo – e também na presença deles. Certamente deve ter ficado claro para eles que ele, Pilatos, não deve ser acusado de parcialidade ou tratamento preferencial. Mas honesto é honesto. Ele deve concluir que a acusação deles é infundada.

Assim, após o verso 4, ele dá um segundo testemunho da inocência do Senhor. Ele imediatamente acrescenta um terceiro testemunho de sua inocência para dar peso à sua conclusão, esperando que os judeus vejam seus argumentos justificados.

Portanto, embora tenha que declarar “inocente” e libertar Cristo, Pilatos também quer satisfazê-los de alguma forma. Ele faz a proposta de castigá-Lo e depois libertá-Lo. Isso mostra como esse Pilatos é um homem sem coração. Ele quer continuar sendo amigo de César e não executar um homem inocente. Ele também quer manter os judeus como amigos. Eles querem ver sangue. Ele quer garantir isso castigando-o. Para ele, a sede de sangue deles deve estar satisfeita, afinal.

Luc 23:17-23 | A escolha de Barrabás

17 E era-lhe necessário soltar-lhes um detento por ocasião da festa. 18 Mas toda a multidão clamou à uma, dizendo: Fora daqui com este e solta-nos Barrabás. 19 Barrabás fora lançado na prisão por causa de uma sedição feita na cidade e de um homicídio. 20 Falou, pois, outra vez Pilatos, querendo soltar a Jesus. 21 Mas eles clamavam em contrário, dizendo: Crucifica- o! Crucifica-o! 22 Então, ele, pela terceira vez, lhes disse: Mas que mal fez este? Não acho nele culpa alguma de morte. Castigá-lo-ei, pois, e soltá-lo-ei. 23 Mas eles instavam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado. E os seus gritos e os dos principais dos sacerdotes redobravam.

Depois de Lucas ter relatado a proposta de Pilatos de castigar e libertar o Senhor, ele continua imediatamente e menciona que Pilatos deve libertar um prisioneiro para a festa. Com isso, Pilatos vê uma nova possibilidade de, por um lado, fazer jus à sua declaração de que o Senhor é inocente e, por outro, satisfazer a sede de sangue dos judeus. (Libertar alguém durante a festa é possivelmente um costume que os judeus haviam adotado como símbolo de sua libertação do Egito por Deus).

Pilatos acha que, se propuser Barrabás como substituto de Cristo, terá alguém que eles preferem não ver em liberdade. Ele está errado novamente. Não é que os judeus não queiram ver sangue, mas eles querem ver o sangue de Jesus. Eles preferem um assassino ao Príncipe da Vida. É uma repetição do que aconteceu no Jardim do Éden, onde o homem trocou o

Deus da vida por aquele que é um assassino de homens desde o princípio (Joã 8:44).

De forma maciça e histérica, eles gritam sua escolha, liderados pelo príncipe das trevas e por líderes que sussurram isso para eles. É um claro “Fora com esse!”. Eles O odiaram sem causa (Slm 69:4). Eles são movidos por apenas uma coisa: Sua morte. Eles querem qualquer um, menos Ele.

O fato de o Senhor ficar em silêncio durante todo o espetáculo barulhento é impressionante. Quando Deus fica em silêncio, é mais terrível do que quando Ele fala por meio da disciplina. O silêncio de Deus é como se alguém descesse à cova (Slm 28:1). Embora Ele não diga nada, Sua presença torna manifesto o coração de todos os presentes. A favor ou contra Ele. Não há ninguém que seja a favor Dele.

A decisão é prontamente tomada em favor de Barrabás porque eles decidiram contra Ele. Em Barrabás, as duas características de Satanás são expressas. Ele é um agitador, e nisso você vê a corrupção de Satanás, e no assassinato que ele cometeu você vê a violência de Satanás. Ele é a serpente astuta (2Cor 11:3) e o leão que rugiu (1Ped 5:8). Barrabás significa “filho do pai”. Está claro que ele é um filho do demônio e um perigo para o povo. O fato de que, mesmo assim, eles o escolheram mostra como o estado do povo é corrupto.

Com a voz erguida, Pilatos tenta mais uma vez chamar o povo à razão, pois ele quer libertar Cristo. Tudo isso é em vão. Eles deram a sentença e ele deve executá-la, quer queira ou não e quer haja base legal ou não.

Pilatos ainda não desiste. Pela terceira vez, ele estabelece pessoalmente a inocência do Senhor Jesus. Ele pergunta novamente que mal “este” fez. Eles que digam. Para ele, a questão está clara. Mais uma vez ele faz sua proposta repugnante de castigar o Senhor Jesus – embora ele tenha testemunhado repetidamente sua inocência – e depois libertá-lo. A multidão não consegue se convencer.

A multidão não pode ser persuadida. Eles continuam a gritar exigindo que ele seja crucificado. O direito e a verdade há muito tempo tropeçaram e foram pisoteados (Isa 59:14). Nada importa no caso desse julgamento quando se trata da questão da verdade e do direito. A única coisa que

importa é o resultado, e isso é certo. Ele deve ser crucificado. Eles gritam sobre a voz de Pilatos, que agora cede.

Luc 23:24-25 | Entregue à morte

24 Então, Pilatos julgou que devia fazer o que eles pediam. 25 E soltou-lhes o que fora lançado na prisão por uma sedição e homicídio, que era o que pediam; mas entregou Jesus à vontade deles.

Pilatos toma uma decisão que desafia toda a razão. Ele pensa que não poderia fazer outra coisa. Na verdade, ele decide contra o Senhor. Ele também é uma marionete de Satanás. Ao mesmo tempo, ele é totalmente responsável por essa sentença de morte. É sua decisão como representante da autoridade máxima.

Quando se trata de Cristo, todos os meios são usados para rejeitá-Lo. Isso é o que se vê aqui. O fato de ser o tempo de Deus, no qual Ele cumpre Seu conselho, não altera nem diminui a responsabilidade do homem. O homem nunca será capaz de dar uma desculpa válida para esse maior crime de todos os tempos.

Pilatos não pode deixar de continuar no caminho da injustiça. Lucas deixa claro que tipo de homem ele está libertando, e com base na exigência deles. Isso mostra a cegueira total do homem que decide contra Cristo. Aquele que rejeita Cristo escolhe um homem sanguinário e violento. Pilatos entrega Cristo à vontade deles. Eles podem fazer o que quiserem com Ele. Ele não quer ter mais nada a ver com isso. Ele precisa pôr um fim ao clamor do povo. Deve haver paz novamente.

Mas e quanto à tranquilidade de Sua consciência? De acordo com o historiador judeu Flávio Josefo, Pilatos cometeu suicídio. Seja como for, um dia ele terá de responder por todas as suas más ações perante o tribunal de Cristo. Então ele será o acusado, e uma sentença justa será pronunciada e executada.

Luc 23:26-32 | A caminho do Gólgota

26 E, quando o iam levando, tomaram um certo Simão, cireneu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas, para que a levasse após Jesus. 27 E seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam nos peitos e o

lamentavam. 28 Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos. 29 Porque eis que hão de vir dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram! 30 Então, começarão a dizer aos montes: Caí sobre nós! E aos outeiros: Cobri-nos! 31 Porque, se ao madeiro verde fazem isso, que se fará ao seco? 32 E também conduziram outros dois, que eram malfeitores, para com ele serem mortos.

Depois desse julgamento fraudulento, em que a justiça foi apenas distorcida em vez de ser mantida, o Senhor é “levado como um cordeiro... para o matadouro” (Isa 53:7). Ele sofreu tanto com todos os abusos que, no caminho, Sua força foi abatida (Slm 102:23). Aqui, mais uma vez, Sua verdadeira humanidade é revelada.

Os judeus, porém, não querem que Ele morra prematuramente (nem é essa a vontade de Deus). Por isso, eles agarram um homem, um certo Simão de Cirene. Ele acabara de chegar do campo e parecia forte e saudável. Colocam a cruz de Cristo sobre ele, e ele deve carregá-la após Ele. Ele é como o anjo que fortaleceu o Senhor no Getsêmani (Luc 22:43).

Simão não deve ter se dado conta, naquele momento, da grande honra que lhe estava sendo concedida. Mais tarde, ele terá entendido e apreciado o fato. O que ele faz, nós também devemos fazer como discípulos do Senhor. O Senhor disse que devemos tomar diariamente a cruz da vergonha (Luc 9:23). Isso significa que vivemos não para esta vida, mas para o céu, enquanto na terra enfrentamos apenas a morte e o desprezo dos homens no caminho.

Isso se torna uma procissão completa. Uma grande multidão de pessoas vai atrás do Senhor. Entre elas também estão as mulheres. Emocionalmente, como as mulheres geralmente estão dispostas, elas veem que Ele está sofrendo muito e têm compaixão Dele. Elas se lamentam e choram por Ele. Então o Salvador para. Ele se vira e se dirige às mulheres.

Pela primeira vez em muito tempo, ouvimos algo de Sua boca. O que ouvimos mostra que Ele ainda está preocupado com o bem-estar daqueles que pertencem a Jerusalém. Por um momento, deve ter havido um silêncio mortal naquela rua de Jerusalém. Ele está sempre no controle da situação,

mesmo quando parece ser o brinquedo dos sentimentos de Seu povo e de seus líderes.

Então, Ele diz palavras que impressionam. Ele quer que essas mulheres entendam a situação em que se encontram. Pessoas cujos olhos não conseguem ficar secos aqui porque estão emocionalmente tocadas pelos muitos sofrimentos que veem são pessoas que não conseguem enxergar sua própria angústia. O Salvador não está buscando esse tipo de compaixão.

Ele adverte as mulheres em vista do julgamento vindouro. A justa ira de Deus se desencadeará sobre a maior injustiça já cometida na Terra. Mas ouça também a misericórdia do Salvador. Ele busca lágrimas de arrependimento sincero pelos pecados, e não lágrimas como resultado de uma agitação emocional. Ele busca tristeza que leve ao arrependimento (2Cor 7:10), não tristeza que dê alguma satisfação ao sentimento humano.

Ele conclama as mulheres a chorarem sobre si mesmas e sobre seus filhos. Ele quer que elas percebam a terrível ofensa de que são culpadas. O homem está prestes a assassinar o Filho de Deus. Essa é a prova de sua maior maldade. Não se pode conceber maior maldade do que rejeitar o Filho de Deus, que revelou Deus na Terra em amor e graça.

O Senhor Jesus prediz que estão chegando dias em que eles desejarão não ter filhos. O que acontecerá com eles e com seus filhos é terrível. O inimigo virá para destruir Jerusalém e matar seus filhos nela. Eles desejarão nunca ter tido filhos quando virem esses filhos perecerem no juízo. O juízo está às portas. O inimigo, os romanos, que destruirão Jerusalém no ano 70, se enfurecerá violentamente e com uma severidade inimaginável. Os habitantes de Jerusalém pedirão aos montes e colinas que caíam sobre eles e os cubram (cf. Apo 6:16), para que o inimigo não possa mais exercer sua brutalidade sobre eles.

A ocasião desse horror é o que eles estão fazendo neste momento com a madeira verde. O lenho verde representa o Senhor Jesus (Slm 1:3; 52:8; 102:24a). Nele está a vida, e Sua vida nada mais é do que fruto para Deus. Eles o rejeitam. Se eles O rejeitarem, o que acontecerá com a madeira seca? A madeira seca é madeira sem vida. É o judaísmo sem Deus, sem frutos para Ele. Essa madeira seca será queimada no fogo do juízo de Deus.

Com Ele, dois malfeitores são levados para serem executados como Ele. Eles são mencionados para mostrar o quanto ele era considerado um malfeitor. Falava-se dele como um malfeitor (1Ped 3:16) e, por isso, foi condenado, quando não se podia mencionar uma única ação maligna dele (1Ped 4:15). Ele era o verdadeiro “benfeitor”. Foi assim que Ele andou pela terra (Atos 10:38).

Luc 23:33 | A crucificação

33 E, quando chegaram ao lugar chamado a Caveira, ali o crucificaram e aos malfeitores, um, à direita, e outro, à esquerda.

Quando chegaram ao lugar da caveira, o lugar da execução, Ele foi crucificado ali, junto com os malfeitores, um dos quais foi crucificado à Sua direita e o outro à Sua esquerda. Assim, o Senhor Jesus ficou pendurado no meio, como se fosse o pior criminoso.

Lucas descreve o fato da crucificação em uma única palavra, mas que mundo de agonia está por trás disso. A dor é certamente física, mas, acima de tudo, é espiritual. O Senhor Jesus não é insensível ao fato de Seu povo Lhe dar esse lugar. Afinal de contas, Ele tinha vindo para abençoar esse povo.

Luc 23:34-39 | Oração e zombaria

34 E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. E, repartindo as suas vestes, lançaram sortes. 35 E o povo estava olhando. E também os príncipes zombavam dele, dizendo: Aos outros salvou; salve-se a si mesmo, se este é o Cristo, o escolhido de Deus. 36 E também os soldados escarneciam dele, chegando-se a ele, e apresentando-lhe vinagre, 37 e dizendo: Se tu és o Rei dos judeus, salva-te a ti mesmo. 38 E também, por cima dele, estava um título, escrito em letras gregas, romanas e hebraicas: ESTE É O REI DOS JUDEUS. 39 E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós.

Em meio à condenação, vemos o Senhor se voltando para o Pai com uma súplica para que perdoe Seus assassinos porque eles não sabem o que estão fazendo. Isso não é uma graça incompreensível? Não é uma palavra de vingança que sai de Seus lábios, mas uma palavra na qual brilha Seu amor

por esse povo. A primeira palavra que Ele diz na cruz é uma palavra de perdão.

Com base nessa intercessão, Pedro, após o Espírito Santo ter sido derramado, faz seu discurso aos judeus (Atos 3:17). A conversão de Saulo, o adversário e perseguidor dos cristãos, também ocorre por causa dessa oração (1Tim 1:13). Teríamos dito que eles não sabiam o que estavam fazendo? O Senhor diz que sim e, portanto, é assim. No fundo, eles não sabiam, caso contrário não teriam crucificado o Senhor da glória (1Cor 2:8).

Enquanto o Senhor estava orando, os soldados passavam o tempo distribuindo Suas roupas. Elas foram a única coisa que Ele deixou para trás. O povo estava de pé e observava tudo. Mesmo quando Ele está pendurado na cruz, Seus inimigos não O deixam em paz. Satisfeitos, os líderes observam o resultado de seus esforços. Afinal, eles conseguiram tirá-Lo do caminho. Eles não param de insultá-Lo e desafiá-Lo para salvar a si mesmo. Ele também não salvou os outros? Sua observação de que Ele salvou outros é verdadeira. Por meio desse comentário, eles dão testemunho da obra de graça que Ele realizou entre eles, mas em seus corações isso não teve efeito algum.

Eles zombam do fato de que Ele é o Cristo de Deus. Que Ele prove isso em algum momento, salvando a Si mesmo. Eles falam de coisas cuja verdade não suspeitam de forma alguma. Ele é o escolhido, embora tudo fale contra isso, enquanto Ele está pendurado na cruz como o miserável, um símbolo de desprezo e fraqueza.

Ao que tudo indica, Deus não quer mais nada com Ele, e parece que os líderes religiosos têm razão ao dizer que Ele é um enganador. Mas é exatamente nesses momentos que Ele é especialmente o escolhido de Deus, o homem que corresponde perfeitamente a tudo o que Deus exige de um ser humano. Por querer salvar os outros, ele não pode salvar a si mesmo.

Os soldados se juntam quando se trata de zombar Dele. Eles se aproximam e lhe oferecem vinagre. Talvez devêssemos pensar nisso como se eles estivessem aproximando o vinagre de Seus lábios sem que Ele pudesse realmente alcançá-lo. Essas são torturas extremas para alguém que está agonizando de sede. Lemos nos Salmos que o Senhor é afligido pela sede (Slm 22:15). Lucas não relata como o Senhor reage a isso. Ele está preo-

cupado com a descrição do homem que, liderado por Satanás, se voltou contra o Cristo de Deus da maneira mais horrível.

Enquanto os líderes pedem que o Senhor se salve e, assim, mostre que Ele é o Cristo, os soldados pedem que Ele se salve e, assim, mostre que Ele é o Rei dos Judeus. A inscrição colocada sobre Ele em tom de zombaria diz: “Este é o Rei dos Judeus”. E é isso que Ele é. Em Sua vergonha, Sua glória é revelada, e isso apesar do profundo desejo do homem de humilhá-Lo. Logo Ele se revelará como Rei.

Pela terceira vez, o desafio zombeteiro de salvar a Si mesmo ressoa. Dessa vez, ele vem de um dos malfeitores pendurados, que também clama a Ele como o Cristo para se salvar e, ao mesmo tempo, salvá-lo. O malfeitor só pensa em libertação no momento. Não é o apelo de um coração sincero, mas blasfêmia. Esse homem também, que está tão perto da porta da morte, junta-se àqueles que blasfemam contra o Senhor. O ódio do homem sem Deus é tão grande que até mesmo em seu próprio sofrimento de morte ele blasfema contra o Senhor.

Luc 23:40-43 | Conversão do malfeitor

40 Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? 41 E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez. 42 E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino. 43 E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso.

Segue-se a reação do outro crucificado. No início, ele e seu companheiro também blasfemaram contra o Senhor Jesus (Mat 27:44). Durante as horas na cruz, porém, ele viu algo em Cristo e também ouviu dele o “Pai, perdoai-lhes”, e como resultado houve uma mudança nele. A graça de Deus abriu seus olhos e operou em sua consciência. Ele repreende seu companheiro transgressor e fala sobre o temor de Deus. O julgamento que eles recebem na crucificação é o mesmo que o Senhor recebe.

A primeira coisa que demonstra sua conversão é o fato de ele se tornar um pregador da justiça. Essa é a prova de que ele está na presença de Deus. Ele reconhece que o julgamento é justo, pois é o que ele e o outro transgressor mereciam. Portanto, ele não pede ao Senhor o milagre de libertá-lo das

consequências de seus pecados. De sua boca sai o quinto testemunho neste capítulo de que o Senhor é inocente. Ele declara que o Senhor não fez nada impróprio. É como se ele O conhecesse há muito tempo. Ele defende a perfeita ausência de pecado do Senhor diante de um zombador. Será que fazemos o mesmo quando ouvimos Ele ser blasfemado?

Depois de dar esse testemunho ao outro ofensor, ele se volta para o Senhor e pede que Ele se lembre dele quando vier em Seu reino. Ele não pensa em nada além do Senhor e de sua alma. Ele se esquece de sua dor e das pessoas que estavam ao redor da cruz. Em toda a agonia na cruz e apesar de acreditar que o Senhor Jesus é o Messias, ele não pede a Ele alívio para sua dor física. Em vez disso, ele pede que Ele se lembre dele quando vier em Seu reino. Embora não possa ser libertado das consequências de suas más ações nesta vida, ele aproveita a oportunidade de ser libertado da ira de Deus e da punição eterna pelo pecado.

Seu pedido expressa sua fé na ressurreição de Cristo. Sua fé é maior do que a dos discípulos que não acreditavam nela, apesar de Ele ter dito isso várias vezes. O malfeitor acredita na glória futura de Cristo como Rei. Ele vê mais do que os discípulos viram na época. Ele vê que o Senhor Jesus morrerá, ressuscitará e irá para o céu e que retornará para estabelecer Seu reino.

Isso não é diferente que a obra do Espírito Santo, como acontece em cada pessoa que se converte. Um malfeitor que pede a um Rei crucificado que se lembre dele demonstra confiança na graça desse Rei, porque Ele é mais do que um Rei: Ele é o Salvador.

O Senhor responde imediatamente, sem impor condições, e lhe dá mais do que ele pede. Ele não apenas promete ao malfeitor um lugar no reino futuro, mas também promete que ele poderá estar com Ele agora mesmo, hoje. Quando o Salvador tomar o lugar do pecador, o pecador poderá, pela graça, compartilhar o lugar do Salvador com Ele. Estar com o Senhor não é um lugar no reino, mas no paraíso (veja também (2Cor 12:4; Apo 2:7). Onde Ele está, há o paraíso, o jardim de prazeres de Deus. Essa é a primeira indicação de que as almas dos crentes que adormeceram estão na feliz presença do Salvador.

Esse transgressor convertido é o primeiro fruto do amor do Senhor. Nessa conversão, vemos que a conversão é uma obra da graça de Deus, sem nenhuma conquista por parte do homem. Ele não podia fazer nada além de crer. Isso é verdade em toda conversão. Tudo o que é necessário para ser salvo foi realizado pelo Senhor Jesus.

Luc 23:44-46 | A morte do Senhor Jesus

44 E era já quase a hora sexta, e houve trevas em toda a terra até à hora nona, 45 escurecendo-se o sol; e rasgou-se ao meio o véu do templo. 46 E, clamando Jesus com grande voz, disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isso, expirou.

Na sexta hora, ou seja, no meio do dia, quando o sol está alto no céu, tudo fica completamente escuro. Esse não é um fenômeno natural, mas um evento sobrenatural, causado por Deus. Essa escuridão dura três horas.

A causa da escuridão é que o sol deixa de brilhar. Ele retira seus raios no momento em que Cristo é feito pecado. O fato de ser feito pecado não pode ser conciliado com o brilho do sol. O sol da justiça é levado para as trevas. Isso acontece para que o Senhor Jesus estabeleça o fundamento da paz entre Deus e o homem. Ele é a verdadeira oferta de paz no Evangelho segundo Lucas.

Quando a hora nona chega, o véu do templo se rasga em dois. O caminho para Deus está aberto. Deus, que habitava no escuro, vem ao encontro do homem para convidá-lo a vir a Ele na luz. Por meio da obra do Filho, isso é possível.

Depois dessa obra gloriosa, Ele pode bradar em alta voz as palavras: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Slm 31:5). A obra está concluída. Ele pode morrer e descansar. O alicerce inabalável do Reino de Deus está estabelecido.

Luc 23:47-49 | Reações à morte

47 E o centurião, vendo o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Na verdade, este homem era justo. 48 E toda a multidão que se ajuntara a este espetáculo, vendo o que havia acontecido, voltava batendo nos peitos. 49 E

todos os seus conhecidos e as mulheres que juntamente o haviam seguido desde a Galiléia estavam de longe vendo essas coisas.

O evento impressiona muito o centurião. Ele glorifica a Deus, e de sua boca sai o sexto testemunho da inculpabilidade do Senhor Jesus. O centurião também fala de “este homem” como Ele é apresentado em Lucas.

Para as multidões, foi um espetáculo, uma distração da rotina diária. Eles voltam para casa depois de ver o que aconteceu e batem no peito. Isso expressa apenas uma emoção, não uma consciência convicta. É como o lamento das mulheres no verso 28. Esses sentimentos são apenas momentâneos. Quando voltam para casa, retornam à vida cotidiana. As impressões se confundem e desaparecem sem que nada em suas vidas seja permanentemente alterado pelo que viram.

Foi o que aconteceu com o filme “A Paixão de Cristo”, que causou grande comoção em 2004. Nesse filme, o sofrimento do Senhor foi transformado em um espetáculo em uma representação doentia que levou muitos às lágrimas e os fez bater no peito. Além disso, o filme continuou sendo um entretenimento noturno e depois voltou-se aos negócios como de costume.

Havia outros que estavam assistindo a tudo. Entre eles estavam as mulheres que O seguiram desde a Galileia. Essas mulheres são diferentes das mulheres do verso 28, pois estão ali por amor ao Senhor. Mas elas estavam de longe. O Senhor estava absolutamente sozinho em Seu sofrimento.

A propósito, é característico de Lucas o fato de ele escrever regularmente sobre as mulheres e seu ministério. Também é notável que em nenhum dos Evangelhos lemos sobre mulheres insultando o Senhor ou participando de uma rebelião contra Ele.

Luc 23:50-56 | O funeral

50 E eis que um homem por nome José, senador, homem de bem e justo 51 (que não tinha consentido no conselho e nos atos dos outros), natural de Arimatéia, cidade dos judeus, e que também esperava o Reino de Deus, 52 este, chegando a Pilatos, pediu o corpo de Jesus. 53 E, havendo-o tirado, envolveu-o num lençol e pô-lo num sepulcro escavado numa penha, onde ninguém ainda havia sido posto. 54 E era o Dia da Preparação, e amanhecia o sábado. 55 E as mulheres que tinham vindo com ele da Galiléia seguiram também e viram o sepulcro

e como foi posto o seu corpo. 56 E, voltando elas, prepararam especiarias e unguentos e, no sábado, repousaram, conforme o mandamento.

Agora aparece em cena alguém de quem não tínhamos ouvido falar até então. Trata-se de José, da cidade de Arimatéia. Ele é um senador e, conseqüentemente, tem um assento no sínodo. Lucas relata que ele era um homem bom e justo, e também que não tomou parte na agitação contra o Senhor. Ele pode até ter protestado contra os planos e a execução.

Esse homem é um crente que, como o único malfeitor, esperava o reino de Deus. José sai do oculto (Joã 19:38). Ele confessa publicamente o Cristo morto, indo até Pilatos e pedindo-lhe o corpo de Jesus. Pode levar muito tempo para que alguém realmente defenda o Senhor, mas quando há realmente uma nova vida, ela vem para a confissão pública.

José tira o corpo do Senhor da cruz com o maior cuidado, envolve-o em panos de linho e o coloca (embora fosse Seu corpo; Joã 19:42) em um túmulo novo no qual ninguém jamais havia sido colocado (cf. Luc 19:30). Quando o Senhor nasceu, Ele estava envolto em faixas. Agora que morreu, Ele está novamente envolto em panos. Os panos são feitos de um pedaço de linho. Isso fala da vida perfeitamente justa do Senhor (cf. Apo 19:8).

Tudo está pronto antes do amanhecer do sábado. Enquanto todos estão ocupados preparando tudo para a Festa dos Pães Ázimos, o Senhor é colocado no túmulo. Ele permanecerá no túmulo durante o sábado. Assim, o dia de descanso se torna um símbolo do descanso eterno que Ele adquiriu por meio de Sua morte para todos que crêem Nele.

José também tem espectadores. São as mulheres que vieram com o Senhor da Galileia. Elas estavam junto à cruz e agora estão junto ao túmulo. O apego delas ao Senhor é grande. Elas querem estar onde Ele está, seja na cruz ou no túmulo. Não há nenhum vestígio dos discípulos.

Em seu amor por Ele, as mulheres preparam unguentos e bálsamos condimentados para levá-los a Ele o mais rápido possível após o sábado e embalsamar Seu corpo com eles. Como judeus fiéis, elas esperam até o fim do sábado. Durante esse dia, elas descansam de acordo com o mandamento.

Lucas 24

Luc 24:1-8 | As mulheres junto ao sepulcro vazio

1 E, no primeiro dia da semana, muito de madrugada, foram elas ao sepulcro, levando as especiarias que tinham preparado. 2 E acharam a pedra do sepulcro removida. 3 E, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus. 4 E aconteceu que, estando elas perplexas a esse respeito, eis que pararam junto delas dois varões com vestes resplandecentes. 5 E, estando elas muito atemorizadas e abaixando o rosto para o chão, eles lhe disseram: Por que buscais o vivente entre os mortos? 6 Não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos como vos falou, estando ainda na Galiléia, 7 dizendo: Convém que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e, ao terceiro dia, ressuscite. 8 E lembraram-se das suas palavras.

O sábado terminou e uma semana inteira se passou. Nessa semana, ocorreram eventos por meio dos quais a história mundial e a eternidade serão cumpridas de acordo com o plano de Deus. O velho acabou, o novo chegou. O símbolo disso é “o primeiro dia da semana”, o dia da ressurreição do Senhor Jesus. Com sua ressurreição, surge uma ordem de coisas completamente nova.

As mulheres ainda não sabem disso. Elas ainda estão presas à antiga ordem das coisas. Seu amor por Cristo as leva ao sepulcro bem cedo nesse dia. Elas querem prestar suas últimas homenagens ao Salvador embalsamando seu corpo com os unguentos condimentados que prepararam. Apesar de seu amor, que é verdadeiramente louvável, elas ignoram a ressurreição, que, afinal de contas, Ele também havia predito.

Quando chegam ao túmulo, encontram a pedra removida. O túmulo está aberto! Como resultado, muito mais é aberto nesse capítulo: as escrituras são abertas verso 27, os olhos são abertos verso 31, o entendimento é aberto verso 45 e o céu é aberto verso 51. A pedra não foi removida para que o Senhor Jesus pudesse sair. Ele já havia ressuscitado antes de os anjos removerem a pedra. Ele pôde entrar em algum lugar, embora as portas es-

tivessem fechadas (João 20:19). A pedra foi removida para que as mulheres e também nós pudéssemos entrar e olhar para o túmulo.

As mulheres podem, portanto, entrar no sepulcro. É isso que elas fazem. Lá elas descobrem que o corpo não está lá. O túmulo está vazio. Essa é a primeira prova da vitória da graça de Deus. Agora a graça e a misericórdia podem ser voltadas para o homem. É perceptível que Lucas, por meio do Espírito Santo, diz “Senhor Jesus” na primeira vez em que o nome do Senhor Jesus é mencionado após sua ressurreição. Esse é o nome típico que os cristãos usam para falar de seu Senhor. As mulheres não entendem que o túmulo está vazio e ficam envergonhadas. Afinal, elas mesmas viram que o corpo de Jesus havia sido colocado ali (Luc 23:55).

Então, de repente, dois homens com roupas brilhantes estão com elas. A luz do dia e a luz de suas roupas estão juntas. A ressurreição de Cristo é um evento radiante, e esse evento radiante enche as mulheres de medo. Ao verem esses homens, os anjos, elas abaixam o rosto para a terra. Em seguida, os anjos falam as palavras gloriosas e significativas que testificam que Ele não deve ser procurado entre os mortos. Ele é “o Vivente”. O velho acabou, um novo tempo começou.

É impensável encontrar o Vivente entre os mortos. O que está ligado à vida pertence a uma ordem completamente diferente daquilo que está ligado à morte. O primeiro testemunho da ressurreição de Cristo vem da boca de um anjo. Ele não está mais na sepultura, pois ressuscitou. Deus aceitou plenamente Sua obra e encontrou Seu prazer em ressuscitá-Lo dos mortos. Deus, falando com reverência, também não poderia fazer outra coisa. Seu Filho realizou perfeitamente a obra que foi incumbido de fazer, portanto, Sua ressurreição é um ato de justiça de Deus. O anjo não diz tudo isso, mas sabemos disso pelos escritos posteriores do Novo Testamento e, especialmente, pelas cartas de Paulo.

Os anjos lembram as mulheres do que o próprio Senhor disse. Portanto, elas poderiam ter se dado conta disso. Os anjos também citam as palavras que Ele lhes disse quando ainda estava na Galileia. Então a luz irrompe em seus pensamentos.

A lembrança de Suas palavras lhes dá a convicção, bem como a franqueza e a força para testemunhar aos outros. Não se fala em milagres; Lucas sem-

pre coloca toda a ênfase na palavra do Senhor. Nós, como cristãos, também não temos nada além da Palavra de Deus. É necessário que acreditemos nela.

Luc 24:9-12 | A reação dos discípulos

9 E, voltando do sepulcro, anunciaram todas essas coisas aos onze e a todos os demais. 10 E eram Maria Madalena, e Joana, e Maria, mãe de Tiago, e as outras que com elas estavam as que diziam estas coisas aos apóstolos. 11 E as suas palavras lhes pareciam como desvario, e não as creram. 12 Pedro, porém, levantando-se, correu ao sepulcro e, abaixando-se, viu só os lenços ali postos; e retirou-se, admirando consigo aquele caso.

As mulheres viram as costas para o sepulcro e vão até os onze discípulos e todos os que estavam com eles para contar-lhes o que vivenciaram. As três mulheres que estavam no sepulcro são mencionadas pelo nome. Elas viram o sepulcro vazio e, juntas, testemunharam o que aconteceu diante dos apóstolos. Mas os apóstolos não estão convencidos. Pelo contrário. Eles chamam o que as mulheres dizem de “conversa sem nexos”, bobagem, tolice, e não acreditam nelas. Os discípulos eram crentes, mas não estavam abertos à Palavra. Ela não se encaixava em seus pensamentos.

Embora não acreditem no que as mulheres dizem, um dos apóstolos, Pedro, quer dar uma olhada no túmulo. Ele corre rapidamente para lá. Quando se abaixa no sepulcro, vê apenas os panos estendidos. O que ele vê ali fala de paz e ordem. Mas Pedro ainda não se surpreende com o que aconteceu. Ele retorna às suas próprias circunstâncias sem que a Palavra e o que ele viu tenham qualquer efeito. Assim, a palavra também pode escapar de nós em uma reunião sem fazer nenhuma diferença.

Luc 24:13-14 | No caminho de Jerusalém para Emaús

13 E eis que, no mesmo dia, iam dois deles para uma aldeia que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús. 14 E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido.

Para que sejamos convencidos da verdade da Palavra de Deus, é necessário que o próprio Senhor toque nosso coração. Vemos isso no seguinte incidente, que só encontramos no Evangelho escrito por Lucas. No mesmo

dia, que é o dia da ressurreição do Senhor Jesus, vemos dois de seus discípulos indo de Jerusalém para Emaús. Jerusalém não tem mais nada a lhes oferecer. Tudo acabou. Eles também deixam a comunidade de crentes. Não precisam mais dela. Assim como Pedro, eles vão embora, para casa.

Seus pensamentos ainda estão ocupados com o que aconteceu, e tudo deixou uma profunda impressão. É lindo quando, como seguidores do Senhor Jesus, nós podemos compartilhar coisas que vivenciamos. É ainda mais bonito quando as Escrituras – e não apenas os sentimentos – formam a base para isso.

Luc 24:15-18 | O Senhor Jesus se junta a eles

15 E aconteceu que, indo eles falando entre si e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou e ia com eles. 16 Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem. 17 E ele lhes disse: Que palavras são essas que, caminhando, trocáis entre vós e por que estais tristes? 18 E, respondendo um, cujo nome era Cleopas, disse-lhe: És tu só peregrino em Jerusalém e não sabes as coisas que nela têm sucedido nestes dias?

Como o coração está ocupado com coisas boas, a coisa mais maravilhosa acontece: O Senhor Jesus se aproxima e caminha com eles. Ele tem um corpo de ressurreição que é de um tipo muito diferente do corpo de Sua humilhação. Mas Ele é a mesma pessoa. Conosco, também, pode ser que estejamos ocupados com as coisas do Senhor, mas não estejamos em um bom caminho em nosso pensamento. Então, Ele quer vir até nós e corrigir nosso pensamento novamente. Nesse caso, Ele se certifica de que os dois discípulos não O reconheçam. Isso é necessário para que eles possam abrir todo o seu coração diante Dele. Ele os obriga a dizer o que está em suas mentes.

Os discípulos ficam atônitos e com o rosto triste. Como alguém pode ser tão desinformado sobre coisas que significam tanto para eles? Eles estão tão deprimidos com os acontecimentos que nem sequer lhes ocorre a ideia de que alguém possa não saber sobre eles. Eles não compartilham as últimas notícias de forma totalmente neutra, mas estão extremamente tristes com o que aconteceu. Isso os atingiu e os preocupa.

Um deles – cujo nome Lucas cita (o outro permanece anônimo) – não entende por que esse estranho está perguntando sobre os acontecimentos. Será que ele não tem conhecimento de tudo o que aconteceu em Jerusalém nos últimos dias? Isso é inacreditável! Todo mundo sabe e fala sobre isso.

Luc 24:19-24 | O relato dos acontecimentos

19 E ele lhes perguntou: Quais? E eles lhe disseram: As que dizem respeito a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; 20 e como os principais dos sacerdotes e os nossos príncipes o entregaram à condenação de morte e o crucificaram. 21 E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel; mas, agora, com tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram. 22 É verdade que também algumas mulheres dentre nós nos maravilharam, as quais de madrugada foram ao sepulcro; 23 e, não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que também tinham visto uma visão de anjos, que dizem que ele vive. 24 E alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro e acharam ser assim como as mulheres haviam dito, porém, não o viram.

Com um amistoso “Quais?”, o Senhor pede que eles lhe contem o que aconteceu. Eles imediatamente lhe falam sobre “Jesus, o Nazareno”, o homem de Nazaré. Seus corações ainda estão cheios Dele. Eles tinham a impressão de que Ele era um profeta. O que tinham visto e ouvido sobre Ele deixava claro que Deus estava presente e trabalhando para o benefício de Seu povo. Eles estavam convencidos disso. Obviamente, isso era o máximo que a fé deles havia chegado. Eles ainda não tinham visto Nele o Filho de Deus sobre o qual a morte não tem poder; ela não poderia detê-Lo. Portanto, para eles, Sua morte significava o fim de Sua história e, portanto, de sua esperança.

Eles contam o que “os principais sacerdotes e os nossos príncipes” fizeram com Ele e como isso destruiu toda a esperança deles na redenção de Israel. Eles não culpam os romanos por Sua morte, embora, é claro, eles sejam parcialmente culpados. Eles não acreditavam que esse resultado fosse possível. Eles não entendem como Deus pôde permitir que seus líderes se ofendessem com Cristo. Assim como seus líderes, eles esperavam uma glória sem sofrimento, mas, diferentemente de seus líderes, eles viram no Senhor Jesus o Messias.

No entanto, suas expectativas de que Ele iria a Jerusalém para se sentar no trono de Seu pai Davi não tinham base nas Escrituras. Por causa dessas expectativas infundadas, que depois também não se concretizam, alguns deram as costas à fé e voltaram para o mundo. Isso pode acontecer quando o trabalho cristão não produz o que se esperava dele, ou quando a pregação do evangelho não produz resultados, ou quando a comunidade da fé nos decepciona.

Cristo enfrenta toda decepção ao se apresentar a nós. Se O vírmos como o centro dos conselhos de Deus, seremos salvos de colocar qualquer outra coisa no centro. Essa última opção sempre leva à decepção. Para eles, o foco estava em Israel e em sua própria importância. Para nós, pode ser outra coisa.

E já era o terceiro dia desde que isso aconteceu, e eles ainda não conseguiam entender o que havia acontecido. Com todas as suas perguntas sobre o curso dos acontecimentos, que foi tão decepcionante para eles, eles contam sobre outro evento chocante. Esse fato foi criado por algumas mulheres “de nós”, mulheres dentre os discípulos, ou seja, mulheres que os conheciam e que também amavam o Senhor. Essas mulheres foram ao sepulcro de manhã cedo. Quando chegaram lá, não encontraram o corpo do Senhor Jesus.

No entanto, algo mais aconteceu ali, pelo menos foi o que as mulheres afirmaram. Elas disseram ter visto uma aparição de anjos e que esses anjos haviam dito que Ele estava vivo. Sem dúvida, essa foi uma mensagem bastante incomum. Além disso, “alguns dos que estavam conosco” (ou seja, Pedro e João; João 20:8) foram ao sepulcro imediatamente após esse relato. E era exatamente como as mulheres haviam dito. No entanto, eles não o viram. Portanto, o mistério não foi resolvido. Suas expectativas realmente foram abaladas. Primeiro por Sua rejeição e depois pela notícia de que Ele estava vivo, mas que não havia provas.

Luc 24:25-27 | Repreensão e instrução do Senhor

25 E ele lhes disse: *Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!* 26 *Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas*

e entrasse na sua glória? 27 E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras.

Depois que eles expressaram suas profundas decepções, o Senhor toma a palavra. Aprendemos com suas palavras que ficaremos desapontados em nossas expectativas sobre suas ações se não lermos ou crermos corretamente no que dizem as Escrituras. Ele se ressentiu disso com as palavras “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!” Uma pessoa néscia é aquela que não usa sua mente e, portanto, não entende as coisas que deveria entender. Da mesma forma, Paulo fala aos gálatas que queriam reintroduzir a lei contra seu melhor entendimento (Gál 3:1,3).

No entanto, não se trata apenas de uma questão de mente, mas também de coração. O coração deles é indolente e quase não quer crer. Eles leram tudo o que os profetas disseram, mas isso não chegou ao coração deles. Isso se deve ao fato de terem lido os profetas apenas com vistas à era de ouro de Israel. Assim, eles escolheram o que liam, e somente as passagens de que gostavam chegaram até eles.

No entanto, se tivessem crido em tudo o que as Escrituras diziam, saberiam que a morte e a ressurreição do Senhor Jesus eram a base de Sua glória futura. Ele mesmo predisse claramente, repetidas vezes, que primeiro deveria sofrer e depois entrar em Sua glória. Os sofrimentos devem necessariamente preceder a glória. O Senhor expressa isso como uma pergunta para que seja compreensível para suas mentes e corações.

Em seguida, os dois discípulos recebem o mais brilhante ensinamento das Escrituras já dado na Terra. O próprio Senhor explica a eles o que está escrito sobre Ele em todas as Escrituras. Ele faz isso diretamente na ordem das Escrituras. Ele começa com os livros de Moisés e continua com todos os profetas. Assim, o Senhor dá o exemplo para toda interpretação das Escrituras.

A interpretação das Escrituras só merece esse nome quando explica o que está escrito sobre Ele nas Escrituras. Ele é o centro das Escrituras. Tudo se refere a Ele ou está ligado a Ele. Lembremo-nos de que o Senhor também interpretou o Antigo Testamento. Isso nos estimula a lidar com essa parte da Palavra de Deus também, a fim de descobrir a glória do Senhor Jesus nela.

Luc 24:28-32 | O Senhor se revela

28 E chegaram à aldeia para onde iam, e ele fez como quem ia para mais longe. 29 E eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles. 30 E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o e lho deu. 31 Abriram-se-lhes, então, os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes. 32 E disseram um para o outro: Porventura, não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava e quando nos abria as Escrituras?

Enquanto caminham e conversam dessa forma, eles se aproximam da aldeia para onde estão indo. O tempo terá passado voando. O Senhor faz um esforço para se despedir. Ele não pressiona, mas verifica se há um desejo de convidá-Lo. E esse é o desejo de Cleopas e seu companheiro. Eles o convidam com as belas palavras: “Fica conosco”, e Ele aceita de bom grado.

A propósito, já é noite e o dia está chegando ao fim. Quando há um encontro com o Senhor, o dia está chegando ao fim. O mundo ao redor deles fica cada vez mais escuro, e isso na medida em que a luz em seu coração e em sua casa aumenta por meio da presença do Senhor. O Senhor entra com eles. Ele não procura abrigo por uma noite, mas procura eles. Ele quer ficar com eles e nunca mais sair. E eles O procuram, pois gostariam de ouvir mais desse estranho sobre Aquele que, apesar de Seu desaparecimento, tornou-se tão querido para eles por meio do que Ele lhes diz.

Assim que o Senhor aceita o convite e entra com eles, Ele não assume o lugar do convidado, mas o do anfitrião. O que normalmente aquele que O convidou faz, o Senhor faz por Sua própria vontade, sem pedir permissão. Ele pega o pão para a ceia, abençoa-o e o distribui àqueles que O convidaram e com quem Ele é hóspede.

Essa não é a celebração da Ceia do Senhor, pois isso acontece quando a congregação se reúne. O Senhor não diz para nos lembrarmos Dele, para fazermos isso em Sua memória. Ele simplesmente parte o pão para uma refeição. E, no entanto, não se trata de um ato comum, mas do Seu ato. Ele parte o pão para se dar a conhecer a Seus discípulos por meio dele, porque a maneira como Ele parte o pão aqui representa que Ele se entregou à morte.

No momento em que Ele parte o pão e o entrega a eles, o véu é retirado de seus olhos e eles veem quem Ele é. Eles o reconhecem. Naquele mesmo momento, Ele se torna invisível. Com isso, Ele dá a entender que o relacionamento deles com Ele passou a ser diferente. Ele se tornou o objeto da fé (2Cor 5:7) e não mais um Messias visível. Para a fé, entretanto, Ele está realmente presente como se estivesse fisicamente, visivelmente, presente. Mas quão real e verdadeira é nossa fé de fato? Será que, na prática, não faria diferença se Ele estivesse fisicamente presente?

Os dois discípulos não estão surpresos com o fato de o Senhor ter desaparecido de repente. Eles agora entendem a situação porque compreenderam Seus ensinamentos. Ele falou ao coração deles, que estava tão inerte no início. Ele o fez arder por Ele agora. Eles dizem isso mutuamente.

Quando Ele falou com eles no caminho e abriu as escrituras para eles, Ele falou ao coração deles. Isso é mais do que simplesmente abrir a Bíblia e lê-la, é interpretar as Escrituras, explicá-las. O ensino das Escrituras tem o efeito de nos fazer entender as Escrituras. Isso fará uma diferença em nosso coração. Quando ouvimos juntos o ensino da Palavra de Deus e as coisas são relacionadas ao Senhor Jesus, o coração de todos se funde em um só coração.

Luc 24:33-35 | De volta a Jerusalém

33 E, na mesma hora, levantando-se, voltaram para Jerusalém e acharam congregados os onze e os que estavam com eles, 34 os quais diziam: Ressuscitou, verdadeiramente, o Senhor e já apareceu a Simão. 35 E eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho, e como deles foi conhecido no partir do pão.

Depois dessa maravilhosa descoberta e experiência, toda a decepção deles se transformou em grande alegria. Eles precisam compartilhar isso com os outros discípulos. Eles não pensam mais Nele como Aquele que esperavam que redimisse Israel. Israel também não seria redimido por um longo tempo ainda. No que diz respeito a isso, nada havia mudado.

No entanto, eles viram o Senhor ressuscitado e, por meio dos ensinamentos da Palavra de Deus, entenderam que o caminho do Senhor para a glória tinha de ser por meio do sofrimento. Sua fé e esperança se tornaram vivas e saudáveis por meio disso, e eles querem contar isso aos discípulos. Eles

querem compartilhar isso com eles. O mesmo acontece conosco. Tudo o que vimos na Palavra do Senhor Jesus terá um efeito em nossa vida. Isso nos tornará testemunhas. Não pode ser diferente.

Chegando a Jerusalém, eles encontram os onze apóstolos reunidos com alguns outros. Mas antes que aqueles que voltaram de Emaús pudessem dar seu testemunho entusiasmado, os outros já estavam bradando para eles que o Senhor havia ressuscitado. Eles já sabiam disso por Pedro, pois o Senhor havia aparecido para ele.

Vemos a rapidez com que os testemunhos da ressurreição do Senhor aumentaram em número. Ouvimos, digamos, um cântico alternado sobre o tema da ressurreição do Senhor Jesus, no qual são cantados os encontros pessoais com Ele. Como seria belo se esse aspecto também fosse repetidamente abordado nas reuniões cristãs. Isso pode acontecer literalmente por meio do canto de hinos, mas também pode acontecer em testemunhos pessoais.

Depois das calorosas boas-vindas, os dois também falam de seu encontro com o Senhor e de como O reconheceram pela ação que tanto lhes tocou o coração. Ele havia falado com eles novamente de uma maneira diferente e Se deu a conhecer para eles. Para eles, foi o ato que falou de Sua morte. Eles fizeram os outros participarem disso.

Luc 24:36-43 | O Senhor aparece aos discípulos

36 E, falando ele dessas coisas, o mesmo Jesus se apresentou no meio deles e disse-lhes: Paz seja convosco. 37 E eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito. 38 E ele lhes disse: Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos ao vosso coração? 39 Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. 40 E, dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés. 41 E, não o crendo eles ainda por causa da alegria e estando maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer? 42 Então, eles apresentaram-lhe parte de um peixe assado e um favo de mel, 43 o que ele tomou e comeu diante deles.

Quando o coração está cheio do Senhor Jesus e o que se experimentou com Ele e os encontros que se teve com Ele são compartilhados com os

outros, não pode ser de outra forma a não ser que Ele mesmo venha para o meio deles. Ele se mostra para eles com as palavras reconfortantes e encorajadoras: "Paz seja convosco!" A reação dos discípulos que O veem pela primeira vez não é animadora para o Senhor. Eles têm medo dEle e acham que estão vendo um fantasma. Eles ouviram os relatos dos outros, mas não tiveram um encontro com Ele. Como nos encontros anteriores, o Senhor precisa primeiro remover o obstáculo da incredulidade. Não há alegria espontânea.

Ele lhes pergunta por que estão perturbados e por que tais pensamentos surgem em seus corações. Ele faz essas perguntas porque poderia esperar outra coisa. Eles não ouviram vários testemunhos de Sua ressurreição? Por que não acreditaram neles? Mas Ele vem ao encontro deles. Ele lhes mostra Suas mãos e Seus pés. Neles, as feridas da cruz ainda podem ser vistas, e serão vistas eternamente. Até a eternidade, será possível reconhecê-Lo por elas. Essa é a prova de que é Ele mesmo. Ele não envia mais ninguém para falar de Suas feridas, mas Ele mesmo as mostra.

Ele os convida a tocá-Lo e a se convencerem de que não estão vendo o surgimento de um espírito, mas de um ser humano. Ele ainda é homem e verdadeiramente humano após Sua ressurreição, e será assim por toda a eternidade. Ele tem carne e ossos. Ele não fala de sangue, pois já o derramou de uma vez por todas.

O Senhor segue Suas palavras com ações e lhes mostra Suas mãos e Seus pés. Assim, Ele enfatiza que Aquele que está diante deles aqui como o Vivente é o mesmo que andou pela terra (com Seus pés) e fez o bem (com Suas mãos) (Atos 10:38), o que resultou em Sua elevação na cruz e morte ali.

Então, a ansiedade e o medo dos discípulos se transformam em alegria. No entanto, é a alegria de seu coração, não de sua mente. Uma onda de alegria fluiu através deles, seus corações estão transbordando, mas suas mentes ainda não conseguem entender isso. Eles ouvem e veem o Senhor, mas isso ainda é tão irreal. A última coisa que viram Dele foi pendurado morto na cruz, torturado e completamente exausto. Durante dias, eles andaram com essa imagem em suas mentes e agora, de repente, Ele está aqui diante

deles como o Ressuscitado em um corpo glorificado. Com certeza, é Ele, mas não pode ser verdade.

O Senhor vem ao encontro deles ainda mais em seu grande espanto. Ele quer lhes dar a certeza de que é realmente Ele e que Ele é real. Ele lhes pergunta se têm algo para comer. Eles têm. Eles têm um pedaço de peixe assado e uma fatia de mel. Eles dão isso para Ele. O peixe assado fala do juízo que Ele suportou. O mel fala da doçura do relacionamento entre os crentes – o resultado de Sua obra na cruz. O Senhor pega ambos e os come diante de seus olhos para convencê-los de que tudo o que estão vendo é verdade. Eles não estão sonhando.

Luc 24:44-49 | A Grande Comissão

44 E disse-lhes: São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos. 45 Então, abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras. 46 E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse e, ao terceiro dia, ressuscitasse dos mortos; 47 e, em seu nome, se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém. 48 E dessas coisas sois vós testemunhas. 49 E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder.

Em seguida, o Senhor os lembra das palavras que lhes falou quando ainda estava com eles. Com isso, Ele aponta para a época em que percorreu a terra junto com eles. Ele também estava com eles agora, mas em um relacionamento completamente diferente. Ele não percorrerá a terra com eles agora. Tudo o que está escrito sobre Ele na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos, ou seja, em todo o Antigo Testamento, foi cumprido. Na verdade, tudo o que se refere ao futuro ainda não se tornou realidade. Mas Ele lançou o alicerce para isso na cruz. É apenas uma questão de tempo para que as circunstâncias também sejam vistas, como está escrito.

O Senhor abre o entendimento dos discípulos, e o que eles não entendiam antes, agora entendem (1João 5:20). Ele não está mais com eles da mesma forma, mas a Palavra de Deus permanece sempre com eles. Isso se torna

a base de sua existência e de suas ações. A Palavra de Deus dá autoridade divina a tudo o que aconteceu e a tudo o que ainda vai acontecer.

Em seguida, o Senhor vai ao cerne do que está escrito, ou seja, que Ele, o Cristo de Deus, o Messias, o Ungido, deveria sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia. Por meio de Seus sofrimentos, Ele removeu tudo o que não estava em harmonia com Deus. Por meio de Sua ressurreição no terceiro dia, Ele abriu um novo mundo no qual tudo está perfeitamente em harmonia com Deus. Nesse mundo, há espaço para todo homem que queira fazer parte dele.

Mas os homens precisam ser convidados, precisam ouvir sobre isso. Por isso, Ele deu a Seus discípulos a incumbência de pregar o evangelho da graça de Deus. Ele lhes dá a autoridade de Seu nome. Eles não vêm com uma mensagem de sua própria autoria, mas com a mensagem da graça do Filho do Homem ressuscitado. No poder desse nome e com a autoridade desse nome, eles podem pregar o arrependimento, por meio do qual todos que obedecem recebem o perdão dos pecados.

Ele realizou a obra necessária para isso. Essa obra se estende a todas as nações e não se limita a Jerusalém e Israel.

É verdade que Ele quer que eles comecem a pregar em Jerusalém. Isso só torna a graça maior. Eles devem começar a proclamação da graça no lugar onde o pecado mais terrível tornou o perdão ainda mais imperativo. Jerusalém também era filha da ira e estava no mesmo patamar que as nações. O Senhor determina o princípio segundo o qual Paulo também agirá mais tarde: primeiro os judeus e depois os gentios (Rom 1:16).

Ele pode enviar apenas aqueles a quem Ele diz isso, porque eles podem falar como testemunhas oculares. Ninguém poderá lhes dizer o contrário, pois eles o viram com seus próprios olhos e o ouviram com seus próprios ouvidos. Para poderem ser testemunhas, duas coisas são necessárias, e ambas estão presentes aqui. Eles tinham que ser capazes de dizer: “Assim é, pois nós o vimos”, e também: “Assim tinha que acontecer, pois assim Deus disse em Sua Palavra”.

Mas antes que possam obedecer a essa ordem, eles precisam de algo mais, que é o poder e a orientação do Espírito Santo. Sua posição diante de Deus não requer poder. Por meio da obra de Cristo, eles estão Nele diante de

Deus, e Deus os vê em Cristo (Efé 1:6). Para que eles assumam sua posição diante dos homens e prestem testemunho para eles, é necessário poder. Esse poder é o Espírito Santo e é dado por Ele. O Senhor lhes promete que o enviará. Ele chama o Espírito Santo aqui de “a promessa de meu Pai”. O Espírito Santo é prometido pelo Pai. Quando o Senhor Jesus estiver de volta com o Pai, Ele enviará sobre eles o que o Pai prometeu.

Aqui está escrito: “sobre vós envio”, porque o Senhor apresenta o Espírito Santo como uma veste que vem do alto sobre eles. O Espírito Santo certamente também entra neles, mas em vista do ministério deles, Ele também vem sobre eles. Ele os revestirá de poder para que possam testificar do Salvador sem medo. Em si mesmos, eles não têm poder, mas Ele lhes dará o poder necessário.

Luc 24:50-51 | A Ascensão

50 E levou-os fora, até Betânia; e, levantando as mãos, os abençoou. 51 E aconteceu que, abençoando-os ele, se apartou deles e foi elevado ao céu.

Quarenta dias depois, o Senhor os conduz para fora de Jerusalém. Ele não os abençoa de Jerusalém, mas do lugar onde sempre esteve com eles, com aqueles que O amam, o remanescente que se uniu a Ele e que Lhe é querido. Além disso, Jerusalém se tornou um lugar para o qual um testemunho deve ser dado.

Fora da cidade, em Betânia, esse Evangelho chega à sua magnífica conclusão. É um grande final porque não é realmente um final. É uma despedida com uma rica promessa, uma despedida com a visão de um céu aberto, uma despedida de um Salvador que os abençoa e continua a fazê-lo mesmo que eles não O vejam mais com seus olhos naturais.

Quando o Senhor os abençoa, cria-se uma distância entre Ele e eles. Ele é levado para o céu pelo poder de Deus. O homem Jesus Cristo volta ao lugar que nunca deixou como o eterno Filho de Deus, mas que nunca ocupou como homem. Agora Ele vai para lá como homem. Ao abençoá-los, Ele se despede deles sem de fato deixá-los.

Luc 24:52-53 | Adoração e louvor

52 E, adorando-o eles, tornaram com grande júbilo para Jerusalém. 53 E estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém!

Os discípulos não perderam o Senhor. Ele só agora se tornou o objeto de sua fé. A primeira coisa que fazem depois que Ele é elevado é adorá-Lo. Essa é a ocupação típica do crente nesse momento em que o Senhor está fisicamente ausente.

Depois de adorá-Lo, que é o único digno de ser adorado porque é Deus, eles retornam a Jerusalém. Não se fala mais em medo e tristeza. Eles estão cheios de grande alegria. Seu Senhor é o grande vencedor. Eles não se enganaram com Ele. Completamente convencidos da grandeza e da glória de Sua pessoa e atraídos por Sua graça, eles vão ao templo.

A cena final desse Evangelho, assim como a cena inicial, ocorre no templo (Luc 1:8-23). Mas há uma grande diferença. No início, tratava-se de alguém que cumpria os deveres da lei, alguém que era temente a Deus, mas que também demonstrava incredulidade e foi punido por isso com a mudez. Ele não acreditava e não podia falar. Aqui, no entanto, nos encontramos diante de um céu aberto, com base na graça, após uma obra realizada para a glória de Deus. A boca se abre para o louvor de Deus. Esses discípulos formam o núcleo de uma nova raça sacerdotal.

Esse Evangelho nos levou da lei para a graça e da terra para o céu. Ele começou com um homem que não podia falar e termina com uma multidão que não pode se calar.

Que grande final para um Evangelho avassalador, no qual as riquezas da graça são retratadas de forma insuperável na pessoa que supera tudo e todos.

“O meu amado é cândido e rubicundo;
ele traz a bandeira entre dez mil” (Cân 5:10).

“Tu és mais formoso do que os filhos dos homens;
a graça se derramou em teus lábios” (Slm 45:2).

Outras publicações

Em meu site <https://www.kingcomments.com/pt>, todas as publicações traduzidas podem ser lidas digitalmente. Consulte “Informações” no site.

Um aplicativo para Android e Apple pode ser baixado clicando nos emblemas que estão na parte inferior de cada página do site.

No site <https://www.oudesporen.nl/artikelen.php?lang=PT>, todos os comentários disponíveis podem ser baixados gratuitamente.

